"OBRAS COMPLETAS" DO Pe. LEONEL FRANCA S. J.

TOMO

I — *Noções da História da Filosofia*
II — *A Igreja, a Reforma e a Civilização*
III — *Polêmicas*
IV — *Divórcio*
V — *Alocuções e Artigos*
VI — *Catolicismo e Protestantismo*
VII — *O Protestantismo no Brasil. Lutero e o Sr. Frederico Hansen*
VIII — *Psicologia da Fé*
IX — *A Crise do Mundo Moderno*
X — *O Método Pedagógico dos Jesuitas*
XI — *O Livro dos Salmos*
XII — *Liberdade e Determinismo*
XIII — *O Problema de Deus*
XIV — *A Imitação de Cristo*

OBRAS COMPLETAS DO
Pe LEONEL FRANCA S.J.

V

ALOCUÇÕES E ARTIGOS

TOMO I

1954
Livraria AGIR Editôra
RIO DE JANEIRO

http://www.obrascatolicas.com

ALOCUÇÕES E ARTIGOS

http://www.obrascatolicas.com

Copyright de

ARTES GRAFICAS INDÚSTRIAS REUNIDAS S. A. (AGIR)

IMPRIMI POTEST

Flumine Januario, 12 junii 1953 in Festo SS. Cordis Jesu.
Ex-commissione Emmi. Cardinalis Archiepiscopi,

P. Josephus da Frota Gentil, S. J.

Livraria AGIR Editôra

Rio de Janeiro ——— Rua México, 98-B ——— Caixa Postal 3291
São Paulo — Rua Bráulio Gomes, 125, loja 2 — Caixa Postal 6040
Belo Horizonte — Avenida Afonso Pena, 919 — Caixa Postal 733

ENDERÊÇO TELEGRÁFICO "AGIRSA"

APRESENTAÇÃO

Colligite fragmenta, ne pereant. *Parece inspirada nesta recomendação evangélica a solicitude da Livraria AGIR Editôra em fazer figurar na série das obras completas do* P. LEONEL FRANCA *dois volumes de* Alocuções e Artigos. *De outra sorte, fàcilmente pereceriam para a posteridade os trabalhos agora reunidos em livro. Das alocuções, muitas nem sequer tinham sido publicadas em jornais ou revistas. Mesmo o que fôra recolhido nas colunas de publicações periódicas, difìcilmente poderia ser consultado pelos estudiosos. Sem falar na vida efêmera do número de um jornal e da impossibilidade prática para muitos de recorrer às coleções dos diários, os próprios trabalhos confiados a revistas ficariam dispersos e de acesso nada cômodo. O que estava assim fragmentado, terá, daqui por diante, a existência prolongada através dos dois tomos ora entregues ao público.* Colligite fragmenta, ne pereant.

Do valor do material acumulado, já é garantia mais que suficiente o nome do autor. Um simples exame dos títulos mostra o interêsse das questões expostas. Sob uma primeira rubrica lemos "Cristianismo e Democracia". É de supor que o P. FRANCA *tencionava escrever uma obra sôbre o tema, leit-motiv de suas últimas elucubrações. Incluímos neste tópico um trabalho bastante desenvolvido sôbre relações entre a Igreja e o Estado: será particularmente orientador.*

As "alocuções universitárias" sintetizam a história dos primeiros anos da Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mas ao lado de referências ocasionais figuram reflexões de valor perene sôbre problemas profundamente humanos.

"Alguns aspectos da Igreja". A Sociedade instituída por Cristo foi uma constante no pensamento do P. FRANCA. *Várias questões a ela referentes são aqui desenvolvidas.*

http://www.obrascatolicas.com

O católico falou-nos da Igreja. O jesuíta dá seu testemunho sôbre a Companhia de Jesus. *O patriota estuda* a civilização brasileira.

O segundo tomo começa por trabalhos filosóficos, *setor a que consagrou boa parte de sua vida.*

A seguir, o perfil de vultos eminentes, *quase todos de seu convívio pessoal.*

Depois, os trabalhos em defesa da família cristã, *causa que lhe era tão cara.*

Sob o título de "Temas diversos" reunimos o que não se enquadrava nas seções anteriores.

Cumpre notar que de uma ou outra alocução não nos foi possível obter uma reconstrução total. Muito embora o P. FRANCA *não costumasse falar em público sem escrever inteiramente o que ia dizer, uma ou outra vez encontramos algum período apenas iniciado. Nem sempre nos foi possível localizar as citações que levava em fichas à parte para as conferências. Preferimos assim mesmo transcrever o que nos foi dado encontrar.*

A publicação dêstes volumes não teria sido possível sem a colaboração do Sr. Francisco Brás Pereira Gomes. Possuidor de uma bela cultura, dotado de um grande sentido de dedicação, foi por mais de 10 anos o secretário fiel do P. FRANCA. *Parece privilégio seu o segrêdo de interpretar os autênticos hieroglifos que eram por vêzes os manuscritos do* P. FRANCA... *Recorremos a sete dactilógrafos diferentes e nenhum foi capaz de copiá-los. Sem a contribuição de Francisco Brás Pereira Gomes não teriam sido publicadas muitas das páginas do* P. LEONEL. *Era de justiça inscrever neste pórtico o nome de tão eficiente e abnegado cooperador.*

Estamos certos de que Alocuções e Artigos *ajudarão a prolongar a influência salutar daquele que foi durante tantos anos o Padre Espiritual da Inteligência Brasileira.*

Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1954.

P. Francisco Leme Lopes, S. J.

I — Cristianismo e Democracia

http://www.obrascatolicas.com

RELAÇÕES ENTRE A IGREJA E O ESTADO

* INTRODUÇÃO

I — *Importância do problema.*

a) *Importância histórica.* Há 20 séculos que, um em face da outra, se encontram o Estado e a Igreja no cenário da nossa civilização ocidental. As relações entre a sociedade civil e a religiosa variaram de época para época mas do seu

---

* Esquema:

INTRODUÇÃO — Importância do problema: *a*) histórica; *b*) doutrinária; *c*) atual.
Dificuldade do problema: *a*) intelectual; *b*) moral.

I PARTE
Os têrmos do problema
Capítulo I. *O Estado.*
Natureza do Estado — Fim e funções do Estado — Conseqüências importantes.

Capítulo II. *A Igreja.*
Natureza e fim e poderes da Igreja.
Outro método de argumentação.

II PARTE
Soluções do problema
Síntese dos estudos anteriores
Capítulo I — *Soluções que eliminam um dos têrmos da relação.*
Cesarismo. Hierocracia.

Capítulo II — *Solução que ignora a relação*
Liberalismo — Separação entre a Igreja e o Estado — Exposição — Crítica.

Capítulo III — *Solução do problema*
Solução ideal — Soluções de fato toleráveis.

http://www.obrascatolicas.com

conhecimento depende a compreensão perfeita da nossa história e das fôrças profundas que orientaram e explicam os acontecimentos. Os três primeiros séculos são dominados pelo Estado que persegue a Igreja; com o edito de Milão (313, a Igreja conquista a sua liberdade e entra a influir no Estado; mais tarde, no império bizantino e também no Ocidente, o Estado esforça-se por dominar e absorver a Igreja; a grande luta das investiduras, que domina grande parte da Idade Média, é uma luta entre os dois poderes, o Sacerdócio e o Império. A Reforma protestante e o liberalismo moderno tentam dar ao grande problema novas soluções. Impossível compreender profundamente a nossa história sem um conhecimento exato da grande questão.

b) *Importância doutrinária.* Na solução do problema envolvem-se noções jurídicas e teológicas, de importância capital: natureza, finalidade, limites da competência do Estado; natureza, finalidade, limites da competência da Igreja; pontos de contato e interferência da jurisdição dos dois poderes. Pode haver problema de maior interêsse ou de maior relêvo, jurídica e sociològicamente, do que encontrar a fórmula de coexistência da sociedade espiritual e da sociedade civil que, sem provocar conflitos na consciência religiosa dos indivíduos nem semear germes de discórdia na paz social, assegure a harmonia e o equilíbrio integral da vida humana? G. RENARD: *"L'intérêt juridique exceptionnel qui s'attache au problème des relations de l'Eglise et de l'Etat tient à ce qu'il engage toute la théorie de la souveraineté"*. (D. C. c. 27 (1932), p. 707.)

c) *Importância de atualidade singular.* Ainda que sempre na ordem do dia, o problema da síntese dos poderes apresenta, em nossos dias, uma atualidade singularmente

---

Capítulo IV — *Soluções contemporâneas. O regime concordatário.*

§ 1 — *Noções gerais sôbre as concordatas.*

§ 2 — *As concordatas contemporâneas.*

Conclusão.

empolgante. O mundo está em vésperas de uma reconstrução social e política de amplitude talvez inaudita na história da humanidade. Queremos todos que a "nova ordem" repouse em fundamentos de justiça e de liberdade capazes de lhe assegurar uma paz estável. Daí uma dupla necessidade: a de respeitar os direitos religiosos da consciência e o de permitir a livre influência dos fatôres espirituais sem os quais nenhuma reconstrução social será viável. Harmonia na colaboração ou caos na anarquia.

II — *Dificuldade do problema.*

a) É um problema de *relação* e dificilmente se encontrarão, no domínio do pensamento, problemas mais difíceis que a determinação exata de uma relação. A fim de determiná-la com acêrto importa conceituar rigorosamente cada um dos seus têrmos, para definir-lhe a natureza própria e, em seguida, apanhar com precisão êste *nescio quid,* êste *esse ad* — estar para, que refere um têrmo a outro e no qual consiste essencialmente a relação. Qualquer deslize ou descuido na delicadeza dêsse trabalho intelectual pode eliminar um dos têrmos em presença, absorver um no outro e falsear-lhe a reciprocidade da referência fundamental. A história da filosofia está juncada de sistemas falsos originados do estudo defeituoso de uma relação. Das relações mal definidas entre o ser necessário e os sêres contingentes nasceram o *panteísmo* e o *materialismo;* o conhecimento intelectual e o sensitivo — o *idealismo* e o *sensualismo;* a soberania e a liberdade — o *totalitarismo* e a *anarquia.*

b) A dificuldade intelectual, intrínseca, agrava-se aqui com as *dificuldades morais* criadas pela violência das paixões em jôgo: a ambição do mando, a aspiração ao primado ou exclusivismo de um poderio ilimitado. Històricamente, o problema das relações entre a Igreja e o Estado foi muitas vêzes discutido numa atmosfera tensa de conflitos e suscetibilidades. Os legistas de Filipe o Belo e de Luís da Baviera; as reivindicações de Jaime I da Inglaterra etc. etc. As opiniões

http://www.obrascatolicas.com

então propostas e defendidas não visavam espelhar a verdade objetiva mas servir um interêsse político do momento.

Ordem a seguir.

Estudaremos brevemente:

I Parte — *Os têrmos do problema*: o Estado; a Igreja.

II Parte — *Soluções do problema*:

1.º) Cesarismo e hierocracia.

2.º) A separação.

3.º) Solução ideal e soluções toleráveis.

4.º) As tendências contemporâneas. Concordatas.

I PARTE

Os têrmos do problema

CAPÍTULO I

O Estado

I — *Natureza*. Estado designava inicialmente a condição mais ou menos permanente de uma pessoa: estado civil; estado servil; passou a significar mais tarde uma classe social: terceiro estado; os três estados (nobreza, clero e povo), reunião dos estados gerais. Mais recentemente entrou o têrmo a significar o que antigamente se dizia *respublica, regnum, Reich*. Mesmo nesta acepção, mais ampla, a palavra Estado nem sempre tem a mesma compreensão. Às vêzes identifica-se com país, nação, sociedade civil perfeita, unidade política. Outras, restringe-se à estrutura jurídica de uma sociedade civil autônoma (sinônimo de govêrno). É o conjunto de órgãos através dos quais se exerce a soberania: órgãos legislativos, judiciários, executivo-administrativos.

A noção de *Estado* é essencialmente jurídica e política; relaciona-se com o direito e a soberania. A *nação* é uma unidade cultural, cuja alma é a consciência de destinos comuns a realizarem-se na história. A nação possui em germe uma tendência ínsita a plasmar-se em organismo político independente; a nação "personaliza-se tornando-se Estado" (DELOS). Os Estados nascem e desaparecem com mais facilidade que a nação, ligada ìntimamente a fatôres históricos de evolução mais lenta e mais subtraída ao arbítrio do homem.

http://www.obrascatolicas.com

II — *Fim e funções do Estado.*

A. O *fim* do *Estado* é promover a *felicidade temporal,* o bem comum dos cidadãos *como um todo,* como membros de famílias, como membros de classes sociais. Como um todo, isto é, o bem *comum* aos cidadãos sob a sua jurisdição. Defesa contra a invasão do território, defesa da propriedade, da vida. A integridade da família e a prosperidade da classe condiciona o bem-estar da sociedade como um todo. O bem *individual* não é visado diretamente e imediatamente pelo Estado, mas mediatamente através do bem geral e *supletivamente,* quando os grupos sociais — família e classe — não se acham em condições de preencher as suas finalidades próprias.

Esta finalidade do Estado *deriva das próprias razões naturais* que levam o homem à vida social: a benevolência recíproca e a indigência dos indivíduos e famílias na realização do progresso e aperfeiçoamento humano. Por que nos reunimos nestas associações mais amplas, senão para atingirmos um *bonum commune,* uma felicidade temporal que não nos podem assegurar nem o isolamento individual, nem os grupos sociais menores? O Estado é o têrmo natural da sociabilidade humana.

B. Pràticamente esta finalidade — felicidade temporal — compreende dois elementos: a paz e a prosperidade; a tutela jurídica, a assistência pública.

a) *Paz* — tranqüilidade da ordem jurídica — O Estado deve defender e proteger todos os direitos naturais (direito à existência, à propriedade, à dignidade, à segurança moral e espiritual, às liberdades essenciais). "Êstes direitos devem ser defendidos pelo Estado não só enquanto exercidos pelo indivíduo, mas também enquanto envolvidos como objetivos racionais de associações. Por isto a família e a Igreja e tôdas as sociedades particulares legítimas têm justa exigência à proteção do Estado no prosseguimento dos próprios fins" (RYAN, 131).

Daí também a função do Estado de definir e determinar os direitos quando não suficientemente determinados pela lei natural.

Até que ponto? Critério: O Estado não deve levar a proteção dos direitos individuais além dos limites nos quais a sua interferência provocaria maior mal que bem.

b) *Prosperidade* — ou abundância racional dos meios indispensáveis ao aperfeiçoamento físico, intelectual e moral do homem.

Na realização desta dupla finalidade do Estado, há algumas funções *primárias* ou *essenciais,* outras *secundárias* e *facultativas.*

a) As *primárias* derivam da própria natureza ou essência do Estado e encontram-se em todo o Estado digno dêste nome:

funções *militares* — defesa do território contra agressão estrangeira, manutenção da ordem interna;

funções *civis* — legislação que define e regula os direitos individuais — contratos, comércio etc.;

funções *financeiras* — tributação que recolhe os recursos necessários à vida do govêrno.

b) As *secundárias* ou facultativas destinam-se a aumentar a prosperidade comum; variam com os diferentes Estados, épocas, fases da evolução; são sugeridas pela prudência política e pela experiência; podem ser preenchidas por instituições particulares — obras públicas (vias de comunicação, telégrafos, correios, portos, energia elétrica) — educação pública (museus, galerias, bibliotecas, escolas etc.) — caridade e assistência social (asilos, hospitais, seguros, pensões etc.) — regulamentação industrial (contratos, relações entre empregados e empregadores, condições de trabalho) — saúde pública (quarentenas, vacinas, inspeção, lutas contra epidemias etc.) — segurança moral (jôgo, teatro, publicações, cinemas).

O Liberalismo individualista reduzia a função do Estado à proteção dos direitos individuais à vida e à propriedade —

http://www.obrascatolicas.com

Estado-polícia. Concepção inadequada. Os homens associam-se para realizar a sua perfectibilidade humana. A esta exigência natural deve corresponder a sociedade civil e a sua organização jurídica.

Magnìficamente SUAREZ: "O objeto da legislação civil é o bem-estar natural da comunidade e dos seus membros individuais a fim de que possam viver em paz e justiça com a suficiência dos bens necessários à conservação e confôrto físico e nas condições morais requeridas para o bem-estar particular e a prosperidade pública". (*De legibus*, L. III, c. 11, sec. 7.)

III — *Conseqüências*. Donde se infere:

a) que o *Estado é para o homem*, não o homem para o Estado. O Estado não é um fim absoluto mas um meio do homem realizar o seu destino. O homem é uma pessoa; a pessoa tem um destino, seu, próprio eterno; associa-se aos seus semelhantes para realizar melhor a finalidade de sua natureza.

"Non enim ob hanc causam genuit natura societatem, ut ipsam homo sequeretur tamquam finem, sed ut in ea et per eam, adjumenta ad perfectionem sui reperiret". LEÃO XIII, *Sapientiae christianae*.

Esta é uma conquista do cristianismo: a afirmação nítida da dignidade da pessoa.

No paganismo antigo o Estado era um absoluto; o homem, um meio, um instrumento. Prática e doutrina (PLATÃO).

Nos tempos modernos, com o paganismo, ressurge o *totalitarismo;* o Estado, a Nação, a Classe ou a Raça elevam-se à categoria de absolutos.

Dir-se-á: a parte é para o todo; o órgão para o organismo, como a fôlha para a árvore, a pedra para o edifício. Sim; quando parte e todo são homogêneos; não; quando heterogêneos. O homem temporal deve sacrificar até a sua vida para a sociedade civil, mas o destino total do homem é da ordem dos valores eternos; a sociedade passa, o homem fica.

Pedra e fôlhas não têm um valor em si, mas no edifício e na árvore. O homem não.

Só o cristianismo, com a sua noção clara da natureza e dos destinos do homem, é capaz, na coerência da doutrina e na realidade da vida, de defender a autonomia, a dignidade e a liberdade do homem. *Reddite quae sunt Caesaris, Caesari; quae sunt Dei, Deo*. O sangue cristão é, há 20 séculos, o preço por que se comprou e se defende a dignidade intangível da pessoa humana — o martírio.

b) que o *Estado não é a fonte primeira do direito*. Lógica e cronològicamente o indivíduo e a família são anteriores ao Estado. Na sua própria natureza e dignidade de pessoa tem o homem a raiz de direitos inalienáveis e imprescritíveis. A missão do Estado é defender êstes direitos. "Na sociedade política não busca o homem opressão mas proteção aos seus direitos naturais, à sua liberdade natural e ao exercício legítimo dêles". (PESCH, *Nationaloekonomie*, I, n.º 76.)

Os que asseveram a doutrina oposta, além de aniquilar a dignidade do homem, envolvem-se em contradições inextricáveis e desconhecem a especificidade da ordem jurídica.

1.º) A autoridade do Estado não se concebe senão apoiado em um princípio jurídico *anterior;* do contrário identifica-se com a nação ou fôrça física.

2.º) O contrato social, pelo qual, no dizer dêles, se constitui o Estado intérprete do direito, não tem fôrça se não se pressupuser como norma geral o princípio jurídico: *pacta sunt servanda*.

3.º) A teoria diviniza o Estado, e tôdas as ordens de quem manda, ainda tirânicas, seriam justas, *quidquid principi placuit, legis habet vigorem*.

Também esta doutrina salvadora da liberdade e da dignidade humana é uma conquista do cristianismo. A sua influência logrou introduzi-la no patrimônio da civilização cristã.

1.º) Tôdas as constituições modernas consagram uma de suas partes essenciais — a que chama parte dogmática —

http://www.obrascatolicas.com

a uma declaração dos direitos de cidadão. Na Constituição de Weimar.

2.º) Nos códigos internacionais modernos vai entrando também, como doutrina pacífica, a defesa inviolável da personalidade humana com os seus direitos essenciais. Ver a Declaração dos Direitos Internacionais do homem, pelo Instituto de Direito Internacional — IZAGA, *Iglesia y Estado,* p. 37. Ver *ibidem,* págs. 195-200, os antecedentes históricos da Declaração de 1789; as afirmações doutrinais e realizações práticas da Idade Média — O Estado deve respeitar a personalidade humana.

Resumindo. O Estado é

1.º) uma sociedade *natural,* exigida pela natureza humana para o seu pleno desenvolvimento. *Non ad esse, mas ad bene esse*. Exemplo da solidariedade humana — A roupa que vestimos; o pão que comemos; o livro que lemos.

2.º) Por isto uma sociedade *necessária;* o homem é por natureza progressivo e perfectível e fora dos quadros sociais não pode atingir a sua perfeição.

3.º) Uma sociedade *orgânica,* que resulta naturalmente não da união de indivíduos, mas de grupos sociais desiguais — família, profissão etc.

4.º) Uma sociedade *completa* e *perfeita*. *Completa* porque visa um bem *geral* — não particular, como uma sociedade científica, desportiva etc. — seu fim é a felicidade temporal. *Perfeita,* porque, na sua esfera, é independente e possui todos os meios para a realização do seu fim. Êste fim é último na sua ordem. A felicidade temporal não está sujeita a outro bem no mesmo plano temporal. A saúde, a ciência, os bens econômicos são coisas boas, mas incompletas, porque se subordinam como elementos de um sistema de bens mais amplo. A sociedade que visa um bem último na sua ordem é naturalmente uma sociedade perfeita.

5.º) Sociedade *a serviço da pessoa humana,* destinada por natureza a *favorecer-lhe a plena expansão,* tutelando-lhe os títulos e criando-lhe o ambiente de valores físicos intelectuais e morais, necessários à sua perfeição. Sua missão é promover a felicidade temporal do homem assegurando a paz e promovendo a prosperidade. DEL VECCHIO: "O Estado deve reconhecer o valor essencial da personalidade e limitar a própria ação onde ela destruiria êste valor, que é um verdadeiro e puro direito fundamental". (*Filosofia del Derecho,* I, pág. 313, cit. por MIER; *Iglesia y Estado,* pág. 36.)

Equilíbrio e beleza da concepção cristã do Estado.

O *liberalismo* reduz o Estado ao papel de gendarme e entrega a sorte dos indivíduos ao entrechoque das liberdades.

O *estatismo* ou *totalitarismo* diviniza o Estado, desconhece a dignidade do homem e entrega-o indefeso a tôdas as arbitrariedades do poder.

A doutrina cristã reconhece ao Estado a sua origem natural, isto é, divina; aponta-lhe a missão elevada de defender e desenvolver a personalidade humana; equilibra a autoridade e a liberdade: traçando limites à soberania e defendendo direitos invioláveis do indivíduo; realiza a harmonia e o equilíbrio.

http://www.obrascatolicas.com

Capítulo II

A Igreja

Inicialmente entre os gregos a palavra Igreja designava *assembléia* ou *multidão convocada* pelo arauto para deliberações cívicas em oposição a multidão casualmente reunida. Da reunião dos fiéis na Igreja primitiva, passou mais tarde o têrmo a designar o templo.

No cristianismo primitivo, emprega-se o têrmo para designar a *assembléia* ou *multidão de cristãos*: *a*) às vêzes de uma cidade ou região particular — igreja de Corinto, de Jerusalém; *b*) outras, a multidão universal dos cristãos, o povo cristão, a sociedade fundada por Cristo para continuar a sua obra redentora. Esta acepção já se encontra nos lábios de Cristo (Mat., 16-18) e freqüentemente em São Paulo — *Ecclesia Dei*. A aplicação do têrmo ao templo em que se reuniam os fiéis é tardia.

A Igreja pode ser considerada na sua *natureza integral* pelos olhos iluminados da fé, e examinada apenas como um *fato* histórico pelos que não têm a ventura de ter mais uma fonte de luz na vida. Dois centros de perspectivas diferentes, abrangendo horizontes diversos. Considerá-la-emos sob êstes dois aspectos.

I — *A Igreja — Natureza e fim*. Nasceu de Cristo. Abramos o Evangelho para ver a constituição que lhe deu o seu divino Fundador.

A Igreja é a *continuadora da missão de Cristo*. *Sicut misit me Pater ego mitto vos* (João, XX, 21) — Missão de

Cristo: salvar o mundo: *vita, veritas et vita*. *Veni ut vitam habeant et abundantius habeant*.

A. O *fim*, portanto, da Igreja:

a) *próximo*, é a santificação do homem, o exercício da vida cristã, o aperfeiçoamento moral.

b) *remoto*, a *vida eterna*, a felicidade definitiva na posse de Deus.

B. Os *meios* comuns externos para conseguir êste fim:

a) a *profissão de fé* externa — *qui confitebitur me coram hominibus confitebor et ego coram Patre meo*. (Mat. XX, 32.)

b) o *uso visível dos sacramentos*, canais da graça — vínculos externos de sociabilidade. *Nisi quis renatus fuerit... omnes in unum corpus baptizati sumus ... nisi manducaveritis carnem Filii hominis ... Quorum remiseritis peccata ...*

c) *exercício da vida cristã* pela prática dos preceitos morais, mandamentos, expressão da vontade de Deus.

Para conseguir o seu fim na terra, Cristo investiu a sua Igreja de uma tríplice função e de um tríplice poder:

a) poder de *magistério* — *Euntes docete omnes gentes*. (Mat. 28, 18.) Anunciar e preservar a fé;

b) poder de *santificação* — Ministério sagrado de administração dos sacramentos que santificam e salvam;

c) poder de *jurisdição* ou govêrno — pelo qual a Igreja, como instituição jurídica, dirige os fiéis ao seu fim. *Data est mihi omnis potestas* (Mat. 28, 18) — *Quaecumque alligaveritis ... erunt ligata in coelo* (Math. 18, 18) ... *Si Ecclesiam non audierit sit tibi sicut ethnicus et publicanus*. Instituição doutrinária; instituição santificadora; instituição jurídica.

A evangelização total da humanidade, a iluminação de tôdas as inteligências pela verdade sôbre os nossos destinos, a submissão ao bem de todos os corações, a direção religiosa de todos os homens para a felicidade a que Deus os destinou: eis a missão da Igreja.

http://www.obrascatolicas.com

Para cumpri-la Cristo assegurou-lhe uma duração igual à da humanidade e a sua assistência infalível e indefectível: *ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem saeculi*.

A Igreja tem consciência plena desta missão e desta promessa. E nunca lhe será infiel. Não faltará à obediência a Deus, à fidelidade ao seu Fundador, a sua própria essência e razão de ser. Convém ter presente esta consciência da Igreja para compreender as suas atitudes históricas e suas intransigências indomáveis.

Com a fundação da sua Igreja, a quem confiou o cuidado da orientação religiosa das almas, Cristo levou a têrmo a maior revolução na história espiritual da humanidade. As palavras *Reddite quae sunt Caesaris, Caesari, quae sunt Dei, Deo* marcam um divisor de águas.

No paganismo os órgãos que se ocupavam da vida religiosa identificavam-se com os órgãos políticos ou dêle dependiam. César era pontífice. Daí a opressão das consciências, o particularismo das religiões reduzidas a fenômenos locais ou regionais: deuses da cidade ou do império, a divinização dos imperadores (apoteose). Reedições modernas do paganismo. *"La Religion et l'Etat ne faisaient qu'un; chaque peuple adorait son dieu, et chaque dieu gouvernait son peuple ... l'Etat était une communauté religieuse, le roi un pontife, le magistrat um prêtre, la loi une formule sainte ... La liberté individuelle était inconnue ... L'homme était asservi à l'Etat par son âme, par son corps, par ses biens"*. (FUSTEL DE COULANGES, *La Cité Antique*, l. V, c. III.)

O Cristo fundou uma sociedade espiritual, dotando-a das qualidades indispensáveis à sua missão: infalibilidade doutrinal, indefectibilidade na existência.

Individualmente, foi a libertação das consciências e a certeza para as almas de atingir a verdade religiosa e realizar a plenitude do próprio destino. *"Ces droits* [da consciência]

l'antiquité paienne les a proclamés; ses héros en ont témoignés, son théâtre les a célébrés; Socrate a bu la cigüe, et Sophocle a glorifié Antigone. L'apport du christianisme est l'organisation des droits de la conscience par l'établissement d'une société exterieure, parfaite et souveraine comme l'Etat, rivale de l'Etat; L'Eglise est, de ce point de vue, une armature juridique et politique propre à la protection des droits de la conscience pour ceux-là mêmes qui n'ont pas des âmes de héros". (G. RENARD, *L'Eglise et la souveraineté*, D. C. t. 27 (1932), pág. 710.)

Socialmente, a aproximação de todos os homens, na comunhão da verdade; os fundamentos eficientes de uma fraternidade humana; a pregação dos princípios que justificam e preparam a igualdade civil; a influência sôbre as relações internacionais futuras e à constituição da humanidade.

Em síntese, a Igreja é

a) uma sociedade *visível* e *externa* — porque constituída de hômens unidos por vínculos sociais visíveis — profissão externa da mesma fé, recepção dos sacramentos (batismo = = rito visível de iniciação cristã, sob a obediência das mesmas autoridades). Por isto é chamado no N. T.: reino, casa, família, rebanho, *corpus Christi* — tudo externo e visível. Os elementos constitutivos de uma sociedade — multidão de homens, fim próprio, meios proporcionados, vínculo ou união sob a autoridade competente — verificam-se na Igreja.

b) uma sociedade *hierárquica* ou desigual, composta, *por divina instituição*, de uma parte que ensina e manda e de outra que é ensinada e obedece. O colégio apostólico, continuado pelos bispos — *docete, quaecumque alligaveritis;* no colégio apostólico o primado de Pedro continuado nos Papas: *tu es Petrus ... pasce oves meas*.

c) uma sociedade *sobrenatural* e *espiritual*, pela sua *origem*, pelo seu *fim*, pelos seus *meios*.

d) uma sociedade *jurìdicamente perfeita*. Sociedade jurìdicamente perfeita é a que não é parte de outra e cujo

http://www.obrascatolicas.com

fim não se reduz na mesma ordem ao fim de outra; a que tem, dentro de si mesma, a competência da última palavra. O fim da Igreja é o fim sobrenatural e absolutamente último do homem; fora da ordem temporal, superior a todos os fins espirituais; fim completo e supremo; nem parte de um todo; nem instrumento ou meio para outro fim.

e) A Igreja, portanto, é, não só *distinta da sociedade civil* — pela origem, fins e meios — mas dela *independente e soberana*. Porque:

1 — Uma sociedade que visa um bem sobrenatural e eterno não pode estar sujeita a uma sociedade natural e temporal.

2 — Uma sociedade *única e universal* (unidade de regime) não pode estar sujeita ao Estado múltiplo e particular. *Igrejas nacionais* — destruição do cristianismo.

3 — Uma sociedade perpétua e indefectível não pode estar sujeita às vicissitudes históricas dos Estados.

4 — Esta é a vontade de Cristo: *tu es* Petrus — *Pasce agnus meos*.

Consciência histórica da Igreja, que desde os seus primórdios resistiu às autoridades do império romano, numa afirmação gloriosa da liberdade de sua missão divina.

II — *O outro método de argumentação*.

Para os que não têm fé e não admitem a autoridade divina de Cristo e do Evangelho, a natureza da Igreja, na sua perfeição jurídica, impõe-se como um *fato* — histórico, visível e manifesto.

1. É um *fato*: que existe uma *multidão* de homens, que professam a mesma fé, recebem os mesmos sacramentos, obedecem aos mesmos pastôres — chamada Igreja; que esta Igreja, desde a sua origem, exerceu na sua ordem a autoridade suprema: legislou, ensinou, julgou, disciplinou, puniu — independentemente da autoridade civil e muitas vêzes contra ela — concílios, decretais dos S. P., cânones, *corpus juris canonici, codex juris canonici*.

Há 20 séculos a Igreja existe no mando como sociedade perfeita, suprema autoridade nas coisas divinas — fato histórico incontestável.

Êste fato tem um valor jurídico decisivo e peremptório. Trata-se de uma posse jurídica não só centenária, mas milenária; ora, uma posse jurídica constitui um título de direito. *"La Chiesa deve considerarsi quale de fatto essa è"*. (CALISSE, *Diritto ecclesiastico*, pág. 158.)

2. Êste fato com as suas conseqüências jurídicas *foi reconhecido ab immemori* por *imperadores, príncipes* e *códigos* — imperadores romanos Constantino, Justiniano; o direito romano que reconhece as leis eclesiásticas; as leis carolíngias, as leis medievais, os códigos modernos que admitem o Direito canônico como *fonte principal* (sobretudo em algumas matérias) ou como fonte *acessória e subsidiária*.

3. Pelo reconhecimento moralmente unânime de todos os povos e nações civilizadas manifestado, entre outros modos,

a) pelo direito de firmar *concordatas*, ou tratados internacionais em que implícita e explìcitamente se reconhece a personalidade jurídica da Igreja e a validade do Direito canônico.

b) pelo direito de *representação diplomática* ativa e passiva. A nenhuma outra sociedade religiosa se reconhece igual direito. E êste direito foi sempre reconhecido à Igreja, pela sua própria natureza, independentemente da existência de um território necessário à constituição de um Estado. (O próprio acôrdo de Latrão foi feito pela Igreja antes de reaver o domínio temporal. Discurso do embaixador MAGALHÃES DE AZEREDO. Cfr. IZAGA, pág. 76.) O que ainda se evidencia pela desproporção entre a exigüidade do território e a magnificência das representações diplomáticas da S. Sé. Quem acreditaria embaixadores junto à república de Andorra ou de S. Marinho? Oũ quem daria aos seus representantes as honras e precedências no corpo diplomático? (O direito costumeiro de precedência, reconhecido ao representante da S. Sé, em

http://www.obrascatolicas.com

todos os países, foi sancionado pelo Congresso de Viena (1815).

COROLÁRIOS:

1 — A Igreja possui *soberania interna* e *externa*.

a) interna: poder pleno e supremo sôbre os seus súditos.

b) externa: personalidade jurídica nas suas relações internacionais em outras soberanias.

2 — Possui-a em virtude da *própria natureza* e não por concessão de outras autoridades. A soberania da Igreja é *reconhecida*, não é *autorizada*.

Objeções — Podem ver-se propostas e resolvidas em CAPPELLO, págs. 153 e segs.)

II PARTE

Soluções do problema

Síntese dos estudos anteriores. O homem tem um fim natural temporal, outro sobrenatural. Um e outro, pela sua própria natureza, não pode atingir isoladamente mas em colaboração com seus semelhantes num organismo social.

O *Estado* é a sociedade que leva o homem ao conseguimento de seu fim natural. Para alcançar êste objetivo que lhe é próprio e o especifica, possui meios adequados e proporcionados, na sua dupla função de órgão do direito e da assistência. Por isto, na sua ordem, é uma sociedade independente perfeita e, dada a natureza social do homem, necessária.

A *Igreja* é a sociedade fundada por Cristo para levar o homem ao seu fim sobrenatural, ao seu destino. Possui para isto todos os meios específicos no seu tríplice poder de ensinar, santificar e governar. É, na sua ordem, sociedade perfeita independente e, dada a vontade positiva de Cristo, necessária.

LEÃO XIII, na Encíclica *Immortale Dei*: "*Deus humani generis procurationem inter duas potestates partitus est, scilicet* ecclesiasticam et civilem, *alteram quidem* divinis, *alteram* humanis *rebus praepositam*. Utraque *est in suo genere* maxima; *habet utraque certos, quibus continetur, terminos, eosque sua cujusque natura causaque proxima definitos; unde aliquis velut orbis circumscribitur, in quo sua cujusque actio* jure proprio *versetur*". Cfr. *Sapientiae christianae*, §§ *Altius et Profecto*. As verdadeiras relações entre a Igreja e o Estado exigem, portanto, em primeiro lugar que os dois poderes reconheçam os limites de sua competência, impostos pela própria natureza e pela soberania do outro.

http://www.obrascatolicas.com

Capítulo I

Cesarismo e hierocracia

Sistemas errôneos que pràticamente tendem a eliminar um dos têrmos da relação absorvido no outro:

Absorção da Igreja no Estado: *Cesarismo*.

Absorção do Estado na Igreja: *Hierocracia*.

1. *Cesarismo*. Absorve o espiritual no político e visa transformar a religião num ramo da administração civil. Sob pretexto de unificação estabelece a pior das confusões em detrimento da liberdade das consciências.

A ambição dos detentores do poder político tende sempre para a anexação inaceitável da esfera espiritual.

O *paganismo* viveu sempre nesta deplorável confusão. *Cesar et pontifex*.

Muitos imperadores cristãos tentaram estender demasiadamente a sua tutela à Igreja = Cesarpapismo.

Os *protestantes* entregaram ao poder civil a autoridade espiritual. *Cujus regio illius et religio*. (I. R. C., pág. 255.)

A *revolução francesa* pretendeu dar em 1790 uma *"constituição civil do clero"*. Nos nossos dias o *totalitarismo* — sob a sua dupla forma — comunismo e nazismo — é a expressão típica do cesarismo pagão. As conseqüências foram sempre as mais funestas e dolorosas: estagnação da vida religiosa, opressão das consciências, perseguições, violências, opressões, guerras civis.

A refutação dêste êrro já foi feita ao estudarmos a Igreja, sua origem, natureza e finalidade.

Pràticamente esta atitude resolve-se no *ateísmo* ou no *panteísmo*. O Estado, em virtude da vontade geral, é superior

a tudo; fonte de tôda lei, origem de todo direito; fora dêle não haverá sociedade jurìdicamente perfeita; a consciência humana não tem direitos intangíveis; a Igreja não pode existir senão como sociedade dependente do Estado, reconhecida ainda a êste por lhe consentir a vida diminuída de tolerada. Negação dos direitos de Deus, ateísmo; divinização do Estado, panteísmo (atitude do liberalismo absoluto).

A Igreja defensora perene da liberdade de consciência e da dignidade espiritual da pessoa.

2. *Hierocracia* é o abuso oposto — a absorção do poder civil pelo religioso.

Nas sociedades pouco desenvolvidas onde o sentimento religioso é muito vivo e desconhecido o princípio da distinção dos dois poderes, a teocracia ocorre com muita freqüência.

Nos povos de civilização mais adiantada a hierocracia encontra-se no

a) *judaísmo* antigo onde o poder religioso — a sinagoga e o sinédrio — eram investidos também de funções políticas.

b) *islamismo* — onde o sultão é papa e imperador a um tempo e os códigos religiosos têm o valor de leis civis.

Na *Igreja Católica* a distinção dos dois poderes foi proclamada com evidente clareza desde os primeiros dias da pregação evangélica.

Na Idade Média encontrou-se um ou outro jurista ou teólogo menos bem inspirado que preconizou a subordinação direta do Estado à Igreja. John Salisbury (1180), na obra *Polycratius, sive de nuptiis curialium,* Augustinus Triumphus, em *Summa de Potestate ecclesiastica,* e poucos outros ensinaram que Cristo, sendo por natureza soberano espiritual e temporal, o Papa, vigário seu, era o único monarca da cristandade. Os reis e imperadores não o eram senão por delegação sua e sujeitos diretamente à sua jurisdição temporal.

A doutrina católica negou constantemente a subordinação direta do Estado à Igreja e ensinou claramente a distinção dos dois poderes.

http://www.obrascatolicas.com

A. O argumento *racional* deduz-se:

a) da *natureza da Igreja*. O poder de uma sociedade mede-se pela sua finalidade.

b) da *natureza do Estado*, sociedade *perfeita* e no seu gênero *suprema*.

B. O argumento *histórico-positivo* ressalta:

a) da *positiva vontade de Cristo*, fundador da Igreja: *tibi dabo claves regni coelorum — Reddite quae sunt Caesaris, Caesari — Ragnum meum non est de hoc mundo*.

b) do *ensinamento imediato dos apóstolos*: *Ad Rom.* XIII, 1-5: *Qui resistit potestati, Dei ordinationi resistit ... Dei minister in bonum* ... E o imperador então chamava-se Nero. Durante três séculos de perseguição, os cristãos, sem um movimento de revolta, praticaram heròicamente esta doutrina.

c) do *ensino e da prática constante da Igreja*.

Gelásio I (492-496) ao Imperador Anastácio: *Duo sunt, imperator Auguste, quibus principaliter mundus hic regitur: auctoritas sacra Pontificum et regalis potestas, utraque principalis, suprema utraque neque in officio suo alteri obnoxia est*". (M. P. L. XIX, 42.) Nicolau I (856-857) ao Imperador Miguel: Depois da vinda de Cristo, "*ultra sibi nec imperator jura Pontificatus arripuit, nec Pontifex nomen imperatorum usurpavit, quoniam Christus Jesus sic actibus propriis et dignitatibus distinctis officia potestatis utriusque discrevit*". (Epist. 86.)

Leão XIII (1878-1903) — "*Quidquid, igitur, est in rebus humanis quoquo modo sacrum, quidquid ad salutem animarum cultumve Dei pertinet, sive tale illud, sit natura sua, sive tale intelligatur propter causam ad quam refertur, id est omne in potestate arbitrique Ecclesiae; cetera vero, quae civile et politicum genus complectitur, notum est civili auctoritati esse subjecta, cum J. C. jusserit, quae Caesaris sint, reddi Caesari, quae Dei, Deo*". *Immortale Dei*.

Capítulo II

Solução que desconhece as relações

Liberalismo. *Separação da Igreja e do Estado*.

A. *Exposição*. O século XIX tentou, por outra via, a solução do problema. Uma vez que as duas sociedades são independentes e irredutíveis, que se conservem tais uma em face da outra, num respeito mútuo e numa mútua ignorância.

Cavour, no parlamento subalpino, na sessão de 27-III-1861, deu-lhe uma fórmula sonora, destinada a um grande êxito: "*Libera Chiesa in libero Stato*".

Foi a fórmula do *liberalismo moderado*. A sua significação varia muito. Em *essência* importa que o Estado desconhece a Igreja como sociedade de direito *público*, com direitos próprios, não se incomodando que ela viva como entidade de direito privado, com os direitos e privilégios que a lei civil reconhece nas outras corporações.

Pràticamente: é livre a Igreja (*Chiesa libera*) em pregar e administrar sacramentos nos templos e em alguns atos (não todos) da vida privada dos cidadãos; no mais, em tôda a sua atividade externa depende do Estado cuja ingerência é exigida pela sua *liberdade* (*Stato libero*) de tutelar tôda a ordem externa que lhe é confiada.

Esta atitude procura justificar-se apelando para a liberdade e a igualdade. Todos os cidadãos têm igual direito de professar a religião que lhes apraz. Tôdas as religiões são boas. Desligue-se o Estado de uma religião determinada; conceda a tôdas, nos limites do direito privado, liberdade de

http://www.obrascatolicas.com

existência. Agnosticismo e indiferentismo religioso por parte do Estado; separação da Igreja e do Estado.

Alguns católicos sinceros, profundamente impressionados pelos abusos do poder civil na interpretação das concordatas, que transformavam os seus artigos em verdadeiras algemas para a Igreja, preconizaram também a separação da Igreja e do Estado. O chamado *liberalismo católico* teve os seus defensores mais vivos e brilhantes no grupo que se reuniu em tôrno de LAMENNAIS e fundou o jornal *Avenir* — sob a divisa "Deus e liberdade". O movimento foi condenado por GREGÓRIO XVI (1832) com a Encíclica *Mirari vos*. Um dos seus partidários, o jovem Montalembert, mais tarde, no Congresso Católico de Malines (1863) havia de ecoar a fórmula de CAVOUR, proclamando também êle o princípio *"L'Eglise libre dans l'Etat libre*.

Nos fins do século XIX e princípios do século XX, o liberalismo passou da separação entre a Igreja e o Estado à laicização do Estado. O laicismo remove da vida do Estado — leis, administração pública, fôrças armadas, instrução pública — tôda a idéia e tôda a prática religiosa. Na realidade o Estado leigo converte-se em instrumento de propaganda irreligiosa; separa-se da Igreja, para melhor separar da Igreja o indivíduo e a sociedade. Neste último meio século, a França foi a principal propagandista e a vítima mais dolorosa do laicismo.

B. *Crítica*. O sistema da separação absoluta da Igreja e do Estado (como sistema de *direito*) não resolve o problema das relações entre os dois poderes porque é:

a) inadmissível em teoria;

b) *irrealizável na prática*.

A. *Inadmissível em teoria*:

a) porque implicaria numa *negação dos direitos imprescritíveis* de Deus. A sociedade civil e a autoridade são sêres, têm sua origem em Deus, d'Êle dependem; por natureza são obrigadas a prestar a Deus o culto que lhe é devido (adoração, ação de graças etc.) e, na hipótese de uma revelação

divina, reconhecê-la e aceitá-la. Pretender que a vida e as ações dos indivíduos devem obedecer à lei de Deus, mas que a ela se subtraem a vida e a ação do Estado, é implìcitamente negar a Deus e a sua onímoda soberania, ou por outra negar a natureza de Deus (ser absoluto, Necessário) e a natureza do Estado (ser contingente).

b) porque, além de ser contra a natureza, seria também *contra as exigências e conveniências da sociedade* civil que o Estado deve tutelar. O Estado descansa na moralidade dos indivíduos e das famílias; sem religião não há moralidade.

B. *Irrealizável na prática*.

À separação *absoluta* entre a Igreja e o Estado opõe-se:

a) A *unidade e indivisibilidade da pessoa* humana. O homem, súdito a um tempo da Igreja e do Estado, é um só. Dividi-lo, como num juízo de Salomão, é contra a natureza. Como cidadão e político o homem não se despe nem se pode despir da sua consciência religiosa. A autoridade civil que nas suas leis não levar em consideração as leis eclesiásticas irá criar conflitos penosos na consciência dos cidadãos. A unidade da pessoa exige a unidade absoluta do fim; o fim temporal do homem não pode hostilizar o seu fim eterno, nem o seu destino parcial deixar de subordinar-se ao seu destino total. Não havendo entendimento mas separação completa entre as duas sociedades que orientam para êstes dois fins, o contraste surgirá inevitàvelmente. (Repouso dominical) — Não permitirá que êle dê a Deus o que é de Deus e a César o que é de César.

b) A existência de *matérias mistas*, isto é, matérias que por sua natureza se referem ao fim de uma e de outra sociedade, e sôbre as quais, portanto, uma e outra podem legislar.

O Estado legisla autônomo no que é de sua esfera exclusiva: forma de govêrno, monarquia ou república, centralização ou autonomia, presidencialismo ou parlamentarismo, tratados, comércio, magistratura.

Autônoma legisla também a Igreja no que dela ùnicamente depende: convocação de concílios, proclamação de

http://www.obrascatolicas.com

dogmas, administração dos sacramentos, organização da disciplina, formação de seus ministros etc.

Entre êstes dois campos bem definidos estende-se uma região imensa onde se discutem questões vitais que interessam aos dois poderes. Basta lembrar tudo quanto se refere à Propriedade, à Família, à Instrução. O casamento é um contrato e um sacramento. A educação deve preparar o homem para a cidade e para o seu destino total. As *matérias mistas* podem estender-se a um campo mais ou menos amplo conforme o motivo que se lhes dá.

De um modo geral chama-se matéria mista a que se refere *simultâneamente,* mas sob aspectos diversos, aos fins de uma e outra sociedade.

Se a êstes fins se refere *direta e imediatamente* por direito próprio, temos a matéria mista, *stricto sensu* — casamento, escola etc. Esta relação pode ser por sua *própria natureza* (casamento, escola), ou *acidentalmente* (quase tôdas as coisas, *ratione peccati;* um regulamento de juventude que interesse a assistência da missa dominical, um regulamento desportivo que ofenda o pudor etc.)

Se a êles se refere só por um direito *histórico* ou consuetudinário (concessão ou convenção), temos a matéria mista *sensu lato*. *Sensu latissimo,* se a matéria, *diretamente* por sua natureza, só se refere ao fim de uma das sociedades, mas a outra também interessa por lhe trazer vantagens, perigos ou conveniência. A nomeação dos bispos e párocos em relação ao Estado ou dos magistrados e funcionários civis em relação à Igreja.

Concluindo — pela convivência num mesmo território, pelo exercício de jurisdição sôbre os mesmos súditos, pela natureza mista de inumeráveis objetos de leis, a Igreja e o Estado, pràticamente, não se podem ignorar. "A Igreja não é o Estado; o Estado não é a Igreja, mas entre êles há um Bem comum de que ambos são colaboradores". (J. Renard, *l'Eglise et la souveraineté,* D. C. t. 27 (1932), pág. 718.)

Porque isto, històricamente, pela necessidade interna das coisas, a *separação* entre os dois poderes, onde foi estabelecida, *tende* a *evolver* ou para um regime de perseguição ou para um regime de colaboração.

Em muitos países, no século XX, a separação foi proclamada com o intuito mal dissimulado de perseguir a Igreja. Igreja oprimida em Estado tirano. De fato, à separação seguiu-se a confiscação dos bens eclesiásticos, a expulsão das congregações religiosas, as leis de exceção etc. É o caso da França (1903), de Portugal (1910), do México, da Espanha (1931).

Em outros, a separação foi um gesto inspirado por motivos políticos ou ideológicos e realizado com lealdade. É o caso dos Estados Unidos e do Brasil. Dêste falàremos mais tarde.

Nos EE. UU., por motivos da Constituição heterogênea do povo, no ponto de vista religioso, é verdade que a Constituição não exige "a profissão de fé religiosa para nenhum emprêgo ou cargo público", nem permite ao Congresso legislar sôbre o estabelecimento de uma religião, mas, fora daí, estende a tôdas as confissões religiosas o amparo da legislação para que possam viver, desempenhar suas atividades e conseguir os seus fins. O culto oficial existe: o dia de ação de graças é feriado nacional e os seus grande governantes consideram o cristianismo como uma das grandes instituições políticas da grande República e nas suas mensagens e atos oficiais referem-se freqüentemente a Deus, ao Evangelho, ao cristianismo. (Ver Rui Barbosa, Discurso no Colégio Anchieta, em *Discursos Acadêmicos,* págs. 292-327.)

Conclusão — O regime da separação absoluta e de direito entre a Igreja e o Estado não resolve o problema. Salva ou pretende salvar os dois têrmos — Igreja e Estado — mas os isola sem os *relacionar*. Não apanhou o segrêdo do *esse ad* da relação.

Sôbre a separação de fato, como regime tolerável, diremos algo a seguir.

http://www.obrascatolicas.com

Capítulo III

Solução do problema

I — *Solução ideal*. Qual o ideal nas relações entre a Igreja e o Estado? Qual a atitude entre as duas soberanias que se deduz espontâneamente das suas *naturezas* e *finalidades?*

O ideal é que, respeitadas as exigências da justiça e os conselhos da prudência, seja católico o Estado onde, na sua unanimidade moral, o povo é católico.

A tese impõe restrições:

a) respeitada a justiça, que tutela o direito dos indivíduos e o direito adquirido de grupos;

b) ouvidos os conselhos da *prudência,* que não deve perder de vista o fim dos poderes civis que é assegurar a paz e a prosperidade pública;

c) que a maioria ou *unanimidade moral do povo* professe o catolicismo — Totalidade matemática é impossível em matéria social.

Nestas condições nada mais justo:

a) Esta é a vontade de Deus, que as nações como os indivíduos reconheçam a plenitude da verdade de Cristo por suas leis, suas atividades individuais e sociais.

b) A autoridade civil deve dirigir tudo para Deus, não só porque todos os atos humanos devem orientar-se para Deus como fim último, senão também porque o chefe de Estado, como tal, é *Dei minister,* que, na sua esfera, deve dirigir tudo de acôrdo com a vontade de Deus.

c) A lei de um povo codifica em todos os domínios a verdade social; por que não codificaria também no domínio religioso? Por que não se faria ou deixaria de fazer em público o que os indivíduos estão convencidos que se deve fazer ou deixar de fazer em público? (Repouso dominical, blasfêmia). Se tôda uma nação está convencida de que o catolicismo representa o bem total, a salvação do indivíduo como a salvação da sociedade, e tudo o que tende a diminuir-lhe a influência ou a destruí-lo representa um mal e um passo para a anarquia, por que não haveria de consignar esta convicção nas suas leis e dela inferir as suas conseqüências legítimas? A lei é a expressão da vontade geral, diz a *Declaração dos direitos* de 89. O princípio é jurìdicamente falso; a vontade geral não pode ter fôrça de lei, se não fôr justa. No caso, porém, é.

Dir-se-á:

1 — Haverá *sempre indivíduos dissidentes*.

R. *a*) Há-os em relação a tôdas as leis e a tôdas as instituições públicas. Há monarquistas nas repúblicas; há dissidentes em matéria econômica, administrativa, militar, financeira etc. Se fôra necessário um acôrdo unânime, não haveria lei.

b) A justiça e a prudência imporiam, sem violar as consciências, o respeito aos direitos individuais. Tolerar-se-iam os dissidentes em matéria religiosa, como (e mais do que) em matéria política (monarquistas na república etc.). Os abusos históricos, reais e inegáveis, não ofuscam a clareza dos princípios.

2 — O *Estado não deve ter doutrina* para não ofender as divergências dos cidadãos.

R. Falso. O Estado deve necessàriamente ter e defender a doutrina indispensável à sua própria existência, do contrário marcharia para a sua própria dissolução. Porque há professôres de universidade que julgam não haver diferença entre o bem e o mal, não deixará o Estado de legislar sôbre moral, permitindo e proibindo o que para a sociedade

http://www.obrascatolicas.com

representa a condição de sua existência (respeito à vida, à propriedade, monogamia etc.). O número de verdades que constituem o patrimônio comum varia com o grau de coesão espiritual da sociedade. Numa sociedade unânimemente católica, as verdades religiosas fazem parte dêste tesouro social. Por isto, quanto mais religiosa e espiritualmente dividido se acha um povo, tanto mais instável é a sua coesão social e mais difícil o seu govêrno. A unidade religiosa é um dos maiores benefícios de uma nação.

A união da Igreja com o Estado é a expressão de uma situação normal, querida pela Providência. Alma e corpo que se unem para constituir o homem. Os bens que daí advêm são incontestáveis tanto para a Igreja quanto para o Estado. Conservação do espírito religioso; da unidade nacional; comunhão espiritual mais íntima entre o povo e as suas instituições políticas (beleza da celebração pública das festas religiosas; fôrças militares e vida religiosa).

Esta é atualmente a situação de numerosos estados, católicos, protestantes, muçulmanos etc. "De 35 constituições que enunciam em princípio um vínculo entre o Estado e uma religião, 21 estabelecem êste vínculo com a Igreja Católica, 6 com o Islam, 3 com o luteranismo, 2 com a ortodoxia pravoslava, outras com outras religiões". (MEYSTOWICZ, *La Religion dans les Constitutions des états modernes*, Roma, 1938, pág. 49.)

II — *Solução de fato em certas hipóteses.*

A Igreja, porém, é a primeira a reconhecer que em determinadas circunstâncias a solução ideal não se pode atuar sem provocar talvez males maiores. Depois da ruptura da unidade religiosa no Ocidente cristão, as "famílias espirituais" multiplicaram-se de tal maneira em certas nações, que por vêzes pràticamente não é prudente nem exeqüível reclamar para uma religião o monopólio das liberdades públicas. Se o êrro como tal não tem direitos, têm-no as consciências que erram. Quando uma nação se fragmenta religiosamente em

grupos incompatíveis, pode ser altamente impolítico e inconveniente que um dos grupos queira impor o seu credo com desconhecimento das opiniões sinceras de seus concidadãos (caso dos EE. Unidos). Quando para a maior parte dos cidadãos o catolicismo já não representa a verdade integral, quando muitos o rejeitam, combatem e guerreiam, torná-lo ou conservá-lo religião oficial pode já não representar um maior bem e provocar muitos males.

Nestes casos, a Igreja admite que um regime de tolerância *prática* (não dogmática ou doutrinária) pode representar um mal menor. Uma separação amiga e respeitosa será, então, não digo preconizada como um bem ou direito, mas tolerada como um mal menor ou um bem relativo.

É a distinção entre a *tese* e a *hipótese*.

LEÃO XIII: "Na sua apreciação materna, a Igreja leva em consideração o pêso acabrunhador da fraqueza humana, e ela não desconhece o movimento que, em nossos dias, arrasta os espíritos e as coisas. Por êstes motivos, ainda que não reconhecendo direitos senão ao que é verdadeiro e honesto, não se opõe contudo à tolerância de que o poder público julga dever usar para com certas coisas contrárias à verdade e à justiça, a fim de evitar um mal maior ou obter e conservar um maior bem. O próprio Deus, na sua Providência, ainda que infinitamente bom e onipotente, permite no mundo a existência de certos males. No govêrno dos Estados convém imitar Aquêle que governa o mundo". *Libertas*.

Multi denique rei sacrae a re civili distractionem non probant; sed tamen faciendum ausent, ut Ecclesia obsequatur tempori et flectat se atque accomodet ad ea quae in administrandis imperiis hodierna prudentia desiderat. Quorum est honesta sententia, si de quadam intelligatur aequa ratione, quae consistere cum veritate justitiaque possit: *nimirum, est explorata spe magna alicujus boni, indulgentem Ecclesia sese impetrat, idque temporibus largiatur quod, salva officii sanctitate fas invexerint*". Libertas.

http://www.obrascatolicas.com

Neste caso, porém, em que a separação é tolerável, a Igreja reivindica um *minimum* de direitos *comuns,* indispensáveis à sua vida. Sem estas condições a separação seria inadmissível. São elas:

1.º) Reconhecimento da Igreja como sociedade com seus direitos e privilégios.

2.º) Liberdade no exercício do seu poder legislativo, judiciário e executivo.

3.º) Liberdade de culto público e privado.

4.º) Direito de instruir religiosamente a juventude, sobretudo, eclesiástica.

5.º) Direito de adquirir, possuir e administrar bens temporais.

6.º) Liberdade de existência do estado religioso, sem diminuição de direitos civis para os que o abraçarem. (Cfr. CAPPELLO, *Epit. juris publici ecclesiastici,* pág. 281.)

CAPÍTULO IV

Soluções contemporâneas. Regimes Concordatários.

§ 1 — *As Concordatas.*

Passamos do mundo das doutrinas ao das instituições. As doutrinas movem-se no mundo abstrato das idéias; as instituições não: mergulham na realidade concreta das contingências históricas.

No mundo contemporâneo, passada a onda de liberalismo do século XIX, as relações entre os dois poderes tendem cada vez mais a regular-se por meio de concordatas. Como veremos logo nos 20 anos que decorreram entre as duas grandes guerras, a S. Sé assinou quase 20 pactos concordatários.

Antes de estudá-los, algumas noções gerais sôbre as concordatas.

Noção. — Nominalmente *Concordata — particípio —* é aquilo que entre duas ou mais pessoas se estatui por mútuo consenso; *substantivo,* é o próprio pacto.

Realmente, é uma convenção pública e solene entre a autoridade eclesiástica e a civil, que regula, para o bem comum, as funções que interessam a uma e a outra. *Est pactio duorum pluriumve in idem placitum consensus.* (ULPIANO, 1. Hujus § R. D. de pactis.)

A convenção impõe-se autoritativamente aos súditos e, sob êste aspecto, é uma lei *particular,* eclesiástica e civil, que deve ser legìtimamente promulgada pelos dois poderes.

Fim. A concordata às vêzes vem pôr têrmo a uma fase de conflito. (Worms, 1122; França, Napoleão, 1801; Itália, 1929); outras, é uma manifestação que tende a consolidar um

http://www.obrascatolicas.com

estado de mútua colaboração e benevolência (Polônia, 1925; Áustria, 1934). É um tratado de paz ou de aliança. Em qualquer hipótese visa à paz, a concórdia e a colaboração entre os dois poderes.

Forma. Quanto à *forma*, històricamente as concordatas revestiram três modos de estipulação:

1) Às vêzes os dois poderes fazem-se duas declarações simultâneas, em documentos separados e complementares sôbre as questões pactuadas. O emanado do Sumo Pontífice contém as concessões feitas pela Igreja ao Estado; o procedente do poder civil encerra os compromissos assumidos pelo Estado em face da Igreja. Assim foi estipulada a concordata de Worms (1122) que pôs têrmo à célebre questão das investiduras. No *Praeceptum Henrici V Imperatoris*, o imperador renuncia à investidura por anel e báculo, promete restituir os bens eclesiásticos injustamente confiscados e assegura o seu auxílio à Igreja. No *Privilegium Pontificis*, Calixto II concede ao imperador certas prerrogativas na provisão dos bispados e, em concreto, a investidura pelo cetro depois da eleição canônica. (Cfr. *Raccolta di concordati*, pág. 18.)

Forma raras vêzes empregada.

2) Outras vêzes os artigos estipulados em cartas reversais (documentos oficiais, que encerram o texto completo do acôrdo, trocados pelos plenipotenciários que recìprocamente aceitam os artigos acordados e a êles se obrigam) são promulgados em documentos distintos pelos dois poderes. O Pontífice Romano inclui-os numa *Bula* ou Breve dirigido aos fiéis de uma nação. O Govêrno insere os mesmos artigos numa lei civil. Forma menos solene empregada algumas vêzes em concordatas com príncipes acatólicos que queriam evitar a inscrição solene inicial e as firmas finais em que ao Papa se atribui o primeiro lugar. Tal a concordata de 1821 entre Pio VII e o rei da Prússia.

3) A mais solene e freqüente das formas concordatárias é a de um tratado internacional ou convenção bilateral. Um texto único firmado simultâneamente pelas duas partes. No

preâmbulo solene indicam-se as altas partes contratantes e o fim do acôrdo; nomeiam-se em seguida os plenipotenciários e indica-se o reconhecimento das plenipotências; segue-se o acôrdo ou teor do tratado; por último as firmas dos plenipotenciários. Posteriormente em atos separados processa-se a ratificação, a permuta dos seus instrumentos e a promulgação pelos dois poderes.

Assim se celebraram tôdas as concordatas pós-bélicas, com exceção do *modus vivendi* com a Tcheco-Eslováquia, pactuado na segunda forma.

Objeto. O objeto ou matéria das concordatas é, em geral, o que de algum modo interessa os dois poderes, isto é, o que em direito público eclesiástico se designa com o nome de *matérias mistas* já definidas e explicadas. Por si as coisas puramente espirituais ou meramente civis e políticas não entram nas concordatas. (Ver enumeração minuciosa em CAPPELLO, pág. 383.) Pràticamente estudaremos o objeto das concordatas ao examinar as concordatas contemporâneas.

Natureza jurídica. Sem entrarmos em discussões minuciosas sôbre êste ponto que, outrora sobretudo, foi muito debatido entre canonistas e juristas, podemos dizer que a concordata é um pacto bilateral que impõe obrigações verdadeiras a ambas as partes. (A obrigação se adaptará à natureza do objeto: de justiça estrita, em matéria patrimonial; de fidelidade ou direito não estrito, em matéria de direito divino inalienável.)

As concordatas são, portanto, *assimiláveis aos tratados internacionais*, ainda que de todo não se possam com elas identificar.

a) Qúanto à *forma*, nenhuma diferença. Texto do tratado; ratificação.

b) Quanto ao *direito*, que as rege, também nenhuma diferença: a uns e outros aplica-se o direito das gentes.

c) Quanto à obrigação, depende da matéria dos artigos que podem comportar uma obrigação de justiça comutativa ou de fidelidade.

http://www.obrascatolicas.com

d) Qúanto à *matéria* é maior a diferença. Nos tratados comuns de direito internacional a matéria interessa dois povos distintos; as concordatas referem-se ao direito público interno de um país em relação com o seu direito constitucional, civil ou administrativo; harmonizam o livre exercício e os direitos de um culto com uma determinada ordem social.

Nos tratados comuns acham-se em face, um do outro, dois Estados com seus elementos integrantes, — soberania, população e território, — inteiramente distintos. As concordatas celebram-se entre duas sociedades perfeitas ou soberanas distintas mas de ordem diversa, que exercem a sua competência sôbre o mesmo território e a mesma população. (O Papa não é soberano estrangeiro em nenhum lugar: onde há católicos, o Pontífice romano é, na ordem espiritual, o seu soberano próprio.) Há, portanto, distinção formal de soberanias e competências e identidade material de população e território. (Por êste motivo ainda o Núncio não é de todo ponto comparável aos outros embaixadores; enquanto êstes não se podem imiscuir nos negócios internos e tratam apenas com o chefe de Estado, o Núncio está normalmente em comunicação com todo o Episcopado nacional.)

§ 2 — *As concordatas contemporâneas.*

Número. — No intervalo entre as duas grandes guerras mundiais celebraram-se as seguintes concordatas:

Com a	Letônia	1922	Com a	Romênia I	1927
"	" Baviera	1924	"	" Prússia	1929
"	" Polônia	1925	"	" Romênia II	1932
"	" França	1926	"	Baden	1932
"	" Lituânia	1927	"	" Alemanha	1933
"	" Tcheco-Eslov.	1928	"	" Áustria	1933
"	Portugal I	1928	"	o Equador	1937
"	" Itália	1929	"	Portugal III	1940
"	Portugal II	1929			

Ao todo, 17 concordatas com 14 nações diferentes.

Dêstes diferentes pactos concordatários alguns "abrangem uma sistematização geral das relações entre a Igreja e o Estado e, por isso, têm o nome oficial de concordatas no sentido rigoroso da palavra" (A. Durão). Outros tratam apenas uma parte dos problemas normais da política eclesiástica e, ou são chamados *solemnis conventio,* como os celebrados com Baden e Prússia, ou simplesmente *convenção ou acôrdo,* como os assinados com a França e Portugal, referentes a questões alheias às metrópoles (litúrgicas nas colônias francesas do Próximo Oriente, Padroado nas Índias). Com a Tcheco-Eslováquia foi assinado apenas um *modus vivendi* que de sua natureza apresenta um caráter de transitoriedade.

Além destas concordatas assinadas no período pós-bélico, continuam em vigor outras celebradas anteriormente com a Suíça, a Inglaterra (sôbre Malta), a Colômbia e o Haiti. (Cfr. A. Perugini, *Concordata vigentia,* Romae, 1934.)

Conteúdo comum — (Direito comum concordatário). Em geral, as concordatas:

a) reconhecem a *personalidade jurídica* da Igreja, asseguram-lhe a liberdade de ação nos limites de sua competência, consagrando o direito canônico que assim entra de novo na legislação civil das nações concordatárias e normalizando as relações diplomáticas entre a Santa Sé e os diferentes governos (Mier, 200, 201, 202, 203, 205).

b) Dão um estatuto legal ao *patrimônio* eclesiástico reconhecendo às pessoas, associações e instituições eclesiásticas plena capacidade de administrar os seus bens de acôrdo com as normas prescritas pelo Direito Canônico (Mier, 379-385).

c) Reconhecem as *imunidades eclesiásticas* isentando os clérigos e religiosos do serviço militar e de cargos públicos menos compatíveis com o estado eclesiástico; reconhecendo o direito da Igreja de formar o seu clero; isentando total ou parcialmente de impostos os estabelecimentos religiosos de educação, piedade ou beneficência; estabelecendo medidas de

http://www.obrascatolicas.com

precaução contra o escândalo em casos de inquéritos judiciais contra clérigos ou religiosos (MIER, 256, 258, 260, 262).

d) Regulam as questões atinentes à *família* e à *educação* de acôrdo mais ou menos completo com as exigências do direito cristão de liberdade religiosa e justiça escolar (MIER, 507, 508, 512; 575-590).

e) Concedem ao Estado, além de certos privilégios (direito de *regard*) na escolha dos bispos (sua nacionalidade, orientação política etc.) e na divisão das circunscrições eclesiásticas, ampla e desinteressada colaboração com as autoridades civis no que diz respeito ao bem público (não em matéria de política partidária) (MIER, 297-307).

Causas e significação do desenvolvimento do direito concordatário contemporâneo. Um fenômeno de amplitude e de tão larga repercussão na vida dos povos deve ter também causas profundas e universais. Podemos assinalá-las tanto da parte da Igreja quanto do Estado.

Da parte da Igreja.

a) *Manifestação mais evidente de sua fôrça e vitalidade interna*. No meio de tantas crises sociais e políticas que arrastaram impérios e instituições a Igreja permanece como um centro indefectível de vida, um foco de irradiação moral superior, um baluarte inexpugnável da civilização. Entre as diferentes ideologias que ameaçam subverter a ordem social, ela oferece-nos como a depositária incorruptível da única doutrina capaz de defender coerentemente a dignidade da pessoa e a solidariedade fraterna da família humana. Os Estados sentem que, na colaboração harmoniosa com a Igreja, encontram não só um penhor de paz religiosa mas uma garantia da própria estabilidade.

b) *Atitude superior da Igreja em face das divergências políticas*. A Igreja, seguindo inflexìvelmente uma linha de princípios:

1.º) Abstém-se de empenhar-se em *lutas partidárias* internas, exceto quando estão em jôgo os interêsses religiosos e os seus direitos fundamentais sôbre os quais não transige.

2.º) Mantém-se superior às *mudanças de regimes* políticos (Espanha, Áustria, França etc.).

3.º) Conservou na grande guerra a mais *estrita neutralidade*, o que granjeou a BENTO XV a confiança e a gratidão de todos os povos.

Mostra assim pràticamente a Igreja que não a orienta nenhuma ambição de soberania temporal e que os governos dela nada têm que recear para a sua plena independência na esfera de suas atribuições. A Igreja aspira salvar os homens, não conquistar posições no govêrno temporal dos povos.

c) *Prestígio externo crescente manifestado*:

1.º) Na poderosa irradiação de sua *influência doutrinal*. O pontificado de Leão XIII (encíclicas sôbre a questão social, a renovação filosófica, as doutrinas políticas), de Pio X, de Bento XV e ainda de Pio XI. Em tôdas as questões contemporâneas, a Igreja se mostrou superior à altura de sua missão e de suas responsabilidades.

2.º) No reconhecimento pelas nações de sua situação singular na esfera internacional. Fato notável! em 1870 desaparece o poder temporal da Santa Sé; o corpo diplomático junto ao Vaticano permanece! A Itália não só não protesta mas pelo art. 11 da lei das garantias lhe reconhece as prerrogativas da imunidade diplomática. Daí por diante o número de representantes diplomáticos cresce contìnuamente, atingindo atualmente o seu apogeu, 36 (acrescidos de 4 agentes diplomáticos), dos quais 12 com o grau superior de embaixada. (Ver lista em MIER, pág. 196.)

3.º) *Na sua prodigiosa expansão missionária*. A conquista do mundo pagão — Clero indígena — Bispos chineses.

http://www.obrascatolicas.com

Da parte do Estado.

a) A *falência do liberalismo com a sua política religiosa de separação*. O estado liberal julgou resolver o problema das relações entre o poder espiritual e o temporal com a separação. Mas desconhecer ou negar um problema não é o método para encontrar-lhe a solução. A Igreja separada do Estado não se debilitou como julgavam alguns liberais. A luta nas consciências entre o cidadão e o católico tornou-se mais aguda. A confusão entre religião e política acentuou-se com grande detrimento da ordem social e política. O Estado liberal converteu-se em Estado perseguidor. Daí o mal-estar das consciências, conflitos internos dolorosos e, não raro, a guerra civil. O que se havia proclamado sob o signo da liberdade acabou sob o signo da violência com as suas tristes conseqüências na ordem social. Casos da França, Portugal, México, Espanha.

b) O reconhecimento da necessidade de uma *restauração religiosa* para a defesa do direito e conservação do próprio Estado. Quem semeia ventos colhe tempestades. O liberalismo desconheceu a importância social da religião para assegurar a liberdade do Estado. Na realidade solapou-lhe os fundamentos, comprometendo-lhe a unidade e a finalidade. Os sintomas de dissolução começaram a manifestar-se em tôdas as instituições e domínios sociais. Dissolução da família (divórcio, neomalthusianismo, amor livre). Dissolução da ordem econômico-social pelo conflito de classes (em vez de colaboração). Dissolução da cultura, que perde o que lhe constitui a sua flor, que é o seu *sentido*, a sua finalidade (reduzida a técnica, entregue à inspiração dos instintos indisciplinados, instrumento de depravação dos costumes).

Perdeu-se a idéia de finalidade e destino. Ora, como os indivíduos também as nações estão sujeitas a um contínuo dinamismo, a um vir-a-ser que é a sua própria vida. Mas um fazer-se a si mesmo sem conhecimento do objetivo é uma contradição. Sangue, raça, língua, são causas do movimento

individual e social; o que importa é o *ideal* que com isto se realiza. Dêste ideal dependerá para o homem ser um herói ou um traidor, um santo ou um criminoso e, para as nações, uma convivência fraterna ou um caos de lutas fratricidas.

Neste campo preparado pelo liberalismo do século XIX surgiram as ideologias subversivas do comunismo e do totalitarismo ameaçando destruir até aos fundamentos tôda a civilização.

Chegamos, assim, por mais uma experiência dolorosa, à convicção de todos os grandes pensadores e estadistas de que a religião é uma necessidade social.

Entre os antigos: PLATÃO: *"Primo in omni republica bene constituta, cura est de vera religione". "Vera religio basis respublicae... Omnis humanae societatis fundamentum convellit, qui religionem convellit"*. (*De legibus*, l. II, X.)

ARISTÓTELES afirma que o cuidado da religião é o primeiro dever do Estado. (*Polit.* l. VII, c. 8. Cfr. lib. VI, c. 2, c. 7.)

PLUTARCO: *Facilius urbem condi sine solo posse puto quam, religione perictus sublata, civitatem coire aut constare*. (*Adv. Colot.* c. 31.)

E assim CÍCERO, PITÁGORAS, SOLON etc.

Entre os modernos:

WASHINGTON, na sua primeira fala ao Congresso em 1799: "Na economia da natureza, a felicidade e prosperidade gerais andam indissolùvelmente associadas como sólidas recompensas à honestidade e magnanimidade no govêrno. O céu não pode sorrir propício à nação que transgredir as normas eternas da ordem e do direito, pelo céu mesmo estabelecidas". Sete anos mais tarde na sua célebre mensagem de despedida (*Farewell address*) condensava o pai dos EE. UU. a sua longa experiência de estadista: "De tôdas as inclinações e hábitos que nos conduzem à prosperidade política, os indispensáveis alicerces vêm a ser a religião e a moral. Em vão reclamaria o tributo do patriotismo aquêle que trabalhasse por subverter

http://www.obrascatolicas.com

êsses grandes sustentáculos da felicidade humana, os mais firmes esteios de todos os deveres do homem e do cidadão. Os políticos não lhes devem querer menos que as almas pias. Conceda-se o que se conceder à influência de uma apurada educação em espíritos dotados de prendas singulares; nem a razão nem a expériência nos deixam esperar que a moralidade nacional se preserve sem o concurso do princípio religioso". Citados em RUI BARBOSA, no Discurso do Colégio Anchieta.

RUI BARBOSA, na sua célebre *Oração aos moços* (29-III-1921), em que resumiu as experiências de sua alma: "Por derradeiro, amigos de minha alma, por derradeiro, a última, a melhor lição de minha experiência. De quanto no mundo tenho visto, o resumo se abrange nestas cinco palavras: não há justiça sem Deus".

CHURCHILL, no seu célebre discurso sôbre a reorganização do mundo, pronunciado a 21-III-1943: "Há mais um elemento que nunca deverá ser banido do nosso sistema de educação. Aqui temos liberdade de pensamento e liberdade de consciência. Aqui temos sido o campeão da liberdade religiosa. Tudo isso fêz com que a religião se tornasse uma roca na vida e no caráter do povo britânico, sôbre a qual elevou suas esperanças e vazou seus cuidados. Êste elemento fundamental nunca deverá ser tirado de nossas escolas... e folgo em saber dos enormes progressos que estão sendo obtidos por tôdas as instituições religiosas ao se libertarem dos sectários, ao passo que preservam fervorosamente as afirmações dos respectivos credos".

Conclusão

Do exposto, podemos concluir:

1.º) O regime das concordatas oferece em nossos dias a *solução mais aceitável* e mais *generalizada* (solução normal) do problema das relações entre a Igreja e o Estado.

2.º) O regime concordatário baseia-se numa *diferenciação mais nítida de funções e numa delimitação objetiva de competência*. Todo progresso se realiza por um processo de divisão de trabalho. O Estado deve tender a adquirir uma consciência mais nítida de suas atribuições e não resolver problemas políticos criando conflitos de alma. A Igreja reconhece cada vez mais claramente as funções específicas do Estado enquanto reivindica com firmeza inquebrável o que interessa o domínio da vida espiritual. O respeito mútuo das soberanias constitui um princípio de ordem. A palavra de Cristo vai realizando-se cada vez mais perfeitamente.

3.º) O regime concordatário, fundado na distinção dos poderes, preconiza a sua *colaboração leal e eficaz*. Em vez de desinteressar-se da ordem religiosa, o Estado a protege e auxilia.

Estipulado sem segundas intenções e observado com lealdade, o regime concordatário:

1.º) Assegura a *paz social*, eliminando os sofrimentos indizíveis da opressão religiosa e dos conflitos de consciência. Uma das finalidades essenciais do Estado.

2.º) Assegura as *condições normais de estabilidade e progresso social*. O fim específico do Estado é a felicidade temporal do homem; mas o destino total e definitivo do homem é outro. E não se pode promover a sua felicidade temporal de modo a comprometer a definitiva e eterna. Não se daria assim uma solução humana ao problema. O Estado, portanto, que não tem competência para nos dizer uma palavra autorizada sôbre os destinos sobrenaturais e ultraterrenos não pode organizar a sociedade civil de modo a criar obstáculos ao cidadão de conseguir o seu fim derradeiro. O destino absoluto do homem, do alto da sua eminência, domina todo o problema social e moral. "O melhor govêrno possível é aquêle que conduz melhor a sociedade ao seu fim ou que lhe permite caminhar melhor para o atingir. Mas como sabereis vós qual é o fim de uma sociedade de homens se não conheceis o fim do próprio homem?" ... "Quando se ignora o destino do homem, ignora-se o destino da sociedade;

http://www.obrascatolicas.com

quando se ignora o destino da sociedade, não se pode organizar a sociedade". JOUFFROY, *Dixième leçon sur le droit naturel*. (Ver todo o trecho.)

Só quem possui uma doutrina sôbre o fim do homem pode falar em moral; só quem tem uma moral pode dar às consciências uma orientação racional e eficaz. A Igreja, que apresenta, com credenciais divinas, uma solução do problema dos destinos, compete inspirar o caminho da civilização e do progresso; cabe-lhe, indiscutìvelmente, uma alta influência na direção dos homens. Ela é que, descendo às consciências, prepara, por assim dizer, a matéria governável. Quando declina a religião, pervertem-se os costumes, quando decai a moral, decai o Estado, entra em crise e pode chegar a ruína total. Lição da filosofia e lição da história. "O cristianismo é êste par de asas . . .". (TAINE.)

Colaboração entre os dois poderes: condição indispensável de vida e de progresso.

CATOLICISMO E TOTALITARISMO

* Em dois planos diversos pode situar-se o estudo das relações entre o catolicismo e o totalitarismo: no plano das idéias e no dos fatos. Questão doutrinária e questão política. Sob o primeiro aspecto a discussão é, por assim dizer, atemporal: transcende as contingências da história para colocar-se no firmamento sereno das necessárias relações ideais. O encontro no domínio da política, êste mergulha em cheio na tragédia que se desenrola no cenário da vida contemporânea, com o interêsse empolgante de um espetáculo que contemplam os nossos olhos e a animação de paixões fundas e violentas.

A rigor não fôra impossível separar-se o exame dêstes aspectos fundamentais. As doutrinas poderiam discutir-se acadêmicamente sem a preocupação das suas ressonâncias nesta ou naquela fase da história. Mais dificilmente, mas ainda assim com um maior esfôrço de abstração, não fôra de todo impraticável balancear os fatos prescindindo das doutrinas que os explicam. Não seguiremos por esta via. Num momento dominado, como nenhum outro, pelas maiores tentativas de expansão totalitária, num ambiente social em que propagandas menos escrupulosas procuram lançar confusão nos espíritos, semeando suspeitas de conivências totalitárias por parte da Igreja, o dever de encarar o problema na integridade de seus aspectos impõe-se como uma responsabilidade a que se não pode furtar a consciência.

---

* Artigo publicado na revista *Verbum*, Rio de Janeiro, tomo I, fascs. 3 e 4, dezembro de 1944.

http://www.obrascatolicas.com

I

O totalitarismo não nasceu em nossos dias por geração espontânea. O nome é novo, não é nova a realidade que êle exprime. Antecedentes históricos — fatos e idéias — já haviam preparado o caminho a esta explosão de imperialismos vampirizantes.

A Revolução Francesa endeusara o indivíduo. Proclamara a sua onímoda autonomia e reduzira o papel do Estado ao de simples guarda da ordem jurídica. KANT, seu contemporâneo, limita as funções do poder político às intervenções indispensáveis para manter o equilíbrio entre as liberdades em conflito. Assegurar a coexistência das liberdades dos cidadãos, eis a sua missão, missão negativa, missão policial. Desaparecia assim o centro positivo de unidade e solidariedade social, para o qual devessem convergir as liberdades individuais. As conseqüências dissolventes dêste individualismo extremado não se fizeram esperar. No campo econômico, sobretudo, foram mais visíveis e mais desastrosas. Exploração do fraco pelo forte, do trabalho pelo capital, exacerbação desta terrível questão social que, há mais de um século, é o espectro negro que paira no horizonte, como a mais grave ameaça à nossa civilização. A reação não podia tardar. Contra os desmandos do individual surgiriam as reivindicações do social. O grupo reafirmaria a sua fôrça contra as unidades centrífugas que o desagregavam. E como as reações profundas carecem de freios reguladores, a um excesso se oporia outro excesso. O pêndulo não se deteria na posição de equilíbrio e oscilaria de extremo a extremo. Contra o individualismo mobilizar-se-ia o socialismo. Ao Estado que apenas montava guarda para a tutela da ordem jurídica se substituiria o Estado, providência universal. O poder público, que antes contemplava, indulgente, o uso e abuso de tôdas as liberdades "deixando-as fazer", passaria a ser um govêrno monopolizador e disciplinador de tôdas as formas da atividade cidadã. Economia, educação, ciência, moral, religião,

família, profissão, igreja, tôdas as modalidades da cultura humana, todos os tipos de agrupamentos sociais passariam a mover-se ao ritmo de um compasso que regeria, poderoso e incontrastável, tôda a imensa orquestração social. Foi nestes ambientes reacionários do socialismo que incubou e depois se desenvolveu o germe do totalitarismo de nossos dias. O comunismo é apenas uma das formas extremadas do socialismo. Nas fileiras socialistas militou vários anos o futuro fundador do fascismo. Ao seu nazismo quis HITLER, para lhe frisar a origem e a orientação, se lhe impusesse o nome de nacional-*socialismo*.

Enquanto assim as propagandas apaixonadas preparavam as massas para saudar nas novas ditaduras a salvação contra a ineficiência e a desagregação do Estado liberal, nas esferas intelectuais as ideologias jurídicas abriam lògicamente o caminho ao advento de Leviatã, o monstro do Estado onipotente. O panteísmo, o materialismo, o positivismo jurídico fatalmente desfechariam no absolutismo do Estado.

HEGEL, com o seu panteísmo político, com a exaltação da guerra, considerada como a mais alta afirmação da soberania, com a apoteose do Estado, a que se não atribui outra finalidade senão o próprio triunfo, dominou nefastamente o pensamento alemão e "mais eficazmente talvez do que qualquer outro pensador dêste século trabalhou para acrescer o poder do Estado". [1]

Como nos bojos do materialismo se oculta o totalitarismo mais absoluto já o havia mostrado a lógica de ferro de HOBBES. Onde se nega a existência do espírito, Leviatã giganteia e ninguém lhe pode pôr limites à voracidade insaciável. [2]

Talvez com menos escândalo de formas, mas com mais penetrante influência dissolvente, o positivismo, limitando os

1. MICHEL, *L'Idée de l'Etat*, pág. 155.

2. Ver J. VIALATOUX, *La cité de Hobbes. Théorie de l'état totalitaire*, Paris, Lecoffre, 1935.

http://www.obrascatolicas.com

seus acanhados horizontes ao fenômeno jurídico, contribuiu para a exaltação do novo ídolo.

O direito, ensinaram legiões de juristas modernos, é uma criação exclusiva do Estado. Dos poderes públicos, como de fonte única, dèrivam todos os direitos dos cidadãos. Ouçamos algumas destas fórmulas anteriores à crise totalitária contemporânea. "Na ordem dos fatos contingentes e na corrente da vida", escreve SOREL, "é necessária uma direção e uma regra de julgamento. Só em si mesmo poderá encontrá-las o Estado. De sua onipotência é que as tira. Em tôdas as coisas, sua razão derradeira é a razão de Estado, isto é, a velha doutrina da salvação pública, tal como Roma praticara e ensinara ao mundo. Esta doutrina, que nunca desaparecera da política, a Renascença a reabilitou. Seu desenvolvimento é paralelo à formação dos grandes Estados modernos". [3] E por isto, que maravilha se grandes estados modernos desfecharam no totalitarismo? "Não há direito", ensina um jurista italiano, PETRONE, "senão por obra e efeito da atividade do Estado; não há direito subjetivo anterior ao Estado ou dêle independente e, portanto, a êle contrário; mas só há direito no Estado, pelo Estado e por graciosa concessão sua". [4] Esta fórmula de 1910 é de cunho vincadamente mussolínico. As conseqüências de semelhante "filosofia" do direito vão longe, negam de fato todo o direito e destroem tôda a ordem jurídica. Se o Estado é o criador arbitrário do direito, quem lhe poderá limitar êste poder? Se o direito positivo esgota todo o direito, se a natureza humana, na sua dignidade espiritual e na autonomia do seu destino de pessoa, não possui, anteriormente ao Estado e dêle independente, direitos próprios e verdadeiros, entre a ordem da justiça e a ordem da

3. A. SOREL, *L'Europe et la Révolution Française*, t. I, c. *Les moeurs politiques*, pág. 17.

4. I. PETRONE, *Il diritto nel mondo dello spirito*, Milão, 1910, pág. 138.

legalidade há equação perfeita. Na atividade do poder soberano não há como distinguir o lícito do ilícito. O que fôr revestido das formas legais será, por isso mesmo, justo. Justos os morticínios, justas as confiscações, justos os exterminios e vexações de tôda sorte que embebem de sangue e de lágrimas os sulcos dos grandes e pequenos déspotas da história.

Para atenuar a repugnância destas conclusões e salvar de algum modo a dignidade humana, VON IHERING esboçou e JELLINEK desenvolveu a chamada teoria da autolimitação do Estado, seguida por numerosos juristas dentro e fora da Alemanha. [5] O Estado, ensina o autor de *Der Zweck im Recht*, é soberano absoluto; dêle deriva todo o direito. Qualquer lei heterônoma, que o obrigasse, destruiria a sua autonomia ilimitada. No próprio interêsse, porém, a vontade livre e absoluta do poder soberano julga conveniente submeter a normas determinadas as suas relações com os outros entes jurídicos menores. Estabelece, neste intuito, certas linhas de ação, por que pautará o seu comportamento. Cria assim o direito positivo, dentro de cujas normas circunscreve a sua atividade. Nenhuma destas regras, porém, lhe é imposta por uma ordem objetiva de direitos ou por uma exigência superior da justiça. Brotam tôdas da livre determinação da vontade suprema do poder estatal. Em outros têrmos, o Estado não é limitado mas autolimita-se.

Para quem se não paga de artifícios verbais tôda esta laboriosa construção, como garantia dos direitos individuais, tem a consistência de um castelo de cartas. Não há obrigação eficaz onde não há distinção e jerarquia de vontades. Quem pode ligar-se pode desligar-se. O vínculo não subsiste deveras se quem o criou pode, a seu arbítrio, desfazê-lo. Onde só o Estado liga, ninguém poderá ligá-lo. Que lhe poderá

5. Cfr. VON IHERING, *Der Zweck im Recht*, Berlim, 1882; G. JELLINECK, *Allgemeine Staatslehre*, 1909 (1.º vol. da obra *Das Recht des modernen Staats*).

http://www.obrascatolicas.com

opor a razão, a consciência, a família, se os seus direitos não são reais e não têm fundamento objetivo independente dos poderes políticos? Os direitos da pessoa humana só serão tutelados de modo eficiente quando houver impossibilidade de violá-los, impossibilidade de fato ou impossibilidade de direito. A primeira, a impossibilidade de fato, evidentemente não existe; aí está cheia a história de violações das leis positivas por parte dos poderes soberanos. Impossibilidade de direito, tampouco, porque, no ato de violar uma lei positiva, o Estado cria um novo direito, como emanação livre da sua vontade soberana.

Achamo-nos, portanto, diante de um dilema inexorável. Ou se reconhece no homem a existência objetiva dos direitos inerentes à sua natureza racional, anteriores ao Estado e por êle invioláveis — e é possível então tratar-se de uma organização social e política digna de sêres livres; ou se exalta o poder público como fonte exclusiva de todo o direito, e, na realidade, se substitui a ordem jurídica pelo predomínio da fôrça e se abre, larga e inevitável, a porta a tôdas as exorbitâncias do poder. A primeira alternativa só é possível numa concepção espiritualista e teleológica do homem e do universo. A outra é o corolário fatal do naturalismo imanentista sob qualquer dos inúmeros avatares de que o revestiu o pensamento moderno divorciado do cristianismo.

São as lições duras de um exame de consciência sincero.

* * *

Os germes amadureceram. As condições sociais criadas pela primeira guerra mundial revelaram as deficiências do Estado que o liberalismo do século XIX forjara, julgando ingênuamente haver arquitetado uma estrutura política que iria desafiar os séculos. Apareceram os homens de aço e sôbre a Europa desarmada para a resistência se desencadeou a tragédia do totalitarismo, a mais grave que ainda ameaçou a civilização cristã.

A nova revolução apresentou-se como doutrina e como regime, filosofia e política, uma e outra estreitamente unidas, a filosofia orientando a política, a política realizando a filosofia. O nome de totalitarismo pretende significar esta simbiose do pensamento e da ação. Um todo, sólido e indivisível, eis o que deve ser esta grande realidade social que é uma nação. Fragmentadas e divididas, as nações enfraquecem, definham e morrem; compactas e unidas, vencem e realizam os seus destinos históricos. A unidade integral de um povo, porém, só a pode realizar o Estado. Tudo, portanto, no Estado, para o Estado e pelo Estado; nada fora do Estado. Sua missão primeira é realizar um bem social que a ideologia politicamente dominante eleva à categoria de bem supremo. Constitui-se assim um novo Absoluto — Nação, Raça ou Classe — ponto de referência por que passam a aferir-se tôdas as ações dos indivíduos e dos grupos. É uma inversão completa de valores que vai repercutir na inteligência, na vontade, na consciência dos cidadãos, impondo-lhes uma concepção integral da vida. É uma hipertrofia absorvente da política que a si e a seus fins subordina economia, educação, ciência, arte, moral e religião, tôdas as manifestações da cultura, tôdas as formas da vida associada, tôdas as atividades e energias humanas.

Para conseguir essa totalização de um povo em tôrno de uma nova fórmula de existência, o Estado arma-se de todos os instrumentos que lhe subministram os aperfeiçoamentos modernos. As técnicas da psicologia e das condições do comportamento, o monopólio da educação, os mil recursos de uma propaganda eficiente abrem-lhe o caminho das almas e facilitam-lhe a invasão conquistadora das consciências. Onde não bastam os processos de sugestão e estimulação, entram em jôgo os meios repressivos e terroristas. Campos de concentração, expurgos periódicos, exílios, execuções, a cargo de milícias hàbilmente treinadas — *Gestapo* ou *Guepeou* — eliminando ou reduzindo a silêncio os recalcitrantes,

http://www.obrasbiblicas.com

terminam a obra de nivelamento e conformismo com o pensamento e a vontade do Estado.

Os regimes totalitários caracterizam-se ainda por um nacionalismo exaltado. É um desejo desmedido de crescer, uma ânsia de espaço vital, um imperialismo insaciável. Como conseqüência, a apoteose da guerra, da guerra como expressão de fôrça militar da nação, como meio de expansão territorial, como condição de hegemonia dominadora. Para os vizinhos é um perigo inquietante; para a paz internacional, uma ameaça contínua.

Adaptando-se aos temperamentos e às particularidades históricas dos vários povos, o totalitarismo contemporâneo assume três formas principais, nìtidamente caracterizadas: o fascismo, o nazismo e o bolchevismo.

Fascismo. Em teoria, o fascismo italiano deù-nos algumas das fórmulas mais radicais do totalitarismo. Não fôra difícil multiplicá-las. Colhamos apenas algumas na sua fonte mais autêntica, a exposição doutrinária do sistema pelo seu autor. "Para o fascista, tudo é no Estado e nada de humano ou de espiritual existe e menos ainda tem valor fora do Estado. Neste sentido o fascismo é totalitário, e o Estado fascista, síntese e unidade de todos os valores, interpreta, desenvolve e exalta a vida do povo". "O Estado, cómo vontade ética universal, é criador do direito". "Ponto fundamental da doutrina fascista é a concepção do Estado, da sua essência, das suas funções, da sua finalidade. Para o fascismo o Estado é um absoluto, diante do qual indivíduos e grupos são relativos". [6]

6. *"Per il fascista, tutto é nello Stato, e nulla di umano o di spirituale esiste, e tanto meno ha valore, fuori dello Stato. In tal senso il fascismo è totalitario, e lo Stato fascista, sintesi e unità di ogni valore, interpreta, sviluppa e potenzia tutta la vita del popolo". "Lo Stato, infatti, come volontà etica universale, è creatore del diritto". "Caposaldo della dottrina fascista è la concezione dello Stato, della sua essenza, dei suoi compiti, delle sue finalità. Per il fascismo lo Stato è un assoluto, davante al quale individui e gruppi sono il relativo".* (MUSSOLINI, *Fascismo,* na Enciclopedia italiana, Treves, Treccani-Tumminelli, t. XIV, 1932, págs. 848, 856. Escolhemos, muito de caso pensado, esta fonte, por se tratar de uma exposição doutrinária elaborada em plena maturidade da doutrina e do regime, no silêncio do gabinete, longe dos entusiasmos e excitações deformantes dos discursos às massas.

Na alheta do "Guia", doutor supremo, navegam os doutores menores que lhe repetem as lições bem aprendidas. "O indivíduo", ensina um professor da Universidade de Cagliari, "existe em função exclusiva do Estado". [7] É a negação decidida de tôda a finalidade da pessoa humana, reduzida a simples categoria de instrumento do Estado. E o Estado, êste goza de uma autonomia absoluta, fim supremo que de nenhuma outra finalidade recebe normas ou limites. Ouça-se o jurista COSTAMAGNA: "Para a doutrina fascista o Estado tem como fim a si mesmo, quer dizer, a civilização, em quanto conteúdo da "Cidade", isto é, o próprio Estado, e como potência. Sem isto, sem êste destino intrínseco exclusivo, o Estado não seria plenamente soberano, ou autárquico, como o exige a consciência nova". [8] Nesta mesma tecla da novidade da concepção fascista batia outro professor, enviado de Nápoles, pouco antes da guerra, para realizar, na Universidade de Bordéus, um curso sôbre o Estado mussoliniano: "A Itália atual é a expressão de um Estado ético e espiritual que é a fusão completa do indivíduo com o Estado, do particular com a coletividade, da unidade com o todo. Eis o ideal da

7. *"L'individuo è in funzione esclusiva dello Stato".* ENRICO SAILLIS, *I presupposti fondamentali dei rapporti fra individuo e Stato fascista,* Milano, 1938, pág. 144. E à pág. 327: *"L'individuo è materia (materia nobilissima) che lo Stato informa".*

8. *"Per la dottrina fascista, lo Stato ha come fine se medesimo, vale a dire, la civilità, in quanto contenuto della "città", cioé dello Stato stesso: e quindi come potenza. Senza di ciò, senza, cioè, questa exclusiva destinazione intrinseca, lo Stato non sarebbe pienamente sovrano, vale a dire autarchico, como la nuova coscienza lo exige'.* CARLO COSTAMAGNA, *Dottrina del fascismo,* Turim, 1935, pág. 163.

http://www.obrascatolicas.com

nova concepção do Estado: esta espiritualidade, esta religião social..." [9] O totalitarismo, como se vê, absorve tudo: o indivíduo perde-se no Estado, que se transforma em espiritualidade, moral, religião, razão única e derradeira de sua existência. Nem nos iluda a expressão "Estado ético", freqüente nos lábios dos doutores do novo regime italiano. Não significa ela o zêlo do Estado pela observância da lei moral, mas sim que o próprio Estado se transforma em princípio supremo de legislação moral, ditando normas, as "suas" normas, às consciências. Ouça-se uma explicação autorizada: "O Estado fascista é Estado ético. A esta definição pode atribuir-se duplo alcance. Ou se entende que êle age de conformidade com uma lei ética superior... mas esta concepção leva à destruição de autonomia do próprio Estado, que passaria a ser considerado como um instrumento de ideais éticos não próprios. Ou que o Estado dita à Nação a *sua* lei ética, fazendo dela uma norma de ação para todos". [10]

Na prática, porém, o regime do *Duce* atenuou de muito o radicalismo desta ideologia. A presença em Roma do Papa e do centro da cristandade, o senso prático de adaptação às realidades vivas, próprio dos latinos, o catolicismo da quase totalidade do povo italiano foram outros tantos freios que travaram o dinamismo do sistema na sua evolução imanente. A

9. *"L'Italie actuelle est l'expression d'un 'Etat éthique et spirituel qui est la fusion complète de l'individu avec l'Etat, du particulier avec la collectivité, de l'un avec le tout. C'est là l'idéalité de la nouvelle conception de l'Etat: cette spiritualité, cette religion sociale..."* (G. Gerace e A. Assante, *L'Etat fasciste*, Morano, edit. Nápoles, 1935, pág. 49.

10. *"Lo Stato fascista è Stato etico: a questa definizione si è data una duplice portata. O s'intende ch'esso agisce in conformità di una legge etica superiore... ma una simile concezione porta all'annullamento dell'autonomia dello Stato medesimo, che verrebbe considerato come uno strumento di ideali etici non propri. Ovvero s'intende ch'esso indice alla Nazione la sua legge etica facendone una norma di azione per tutti".* (Antônio Canepa, *Sistema di dottrina del fascismo*, Roma, 1937, XV, vol. III, pág. 123.)

própria concepção da grande nacional subministrou um *modus vivendi* que foi uma fórmula de conciliação prática. Para o fascismo a nação resulta de um processo histórico que lhe comunica as suas características e em cuja linha deve desenvolver-se a sua vitalidade e grandeza. Daí a importância das tradições nacionais, conservadas na língua, nos costumes, nas normas do viver social. Entre estas tradições, nenhuma como a religiosa se embebe tão profundamente na vida do povo italiano. O catolicismo fala em todos os seus monumentos, inspira os seus maiores artistas, informa tôda a alma popular e identifica-se com tôdas as vicissitudes de uma existência histórica duas vêzes milenária. Não era possível exaltar a Itália, vincular-lhe o presente ao passado, assegurando-lhe a unidade no tempo e afinando com a sua forma própria de civilização sem encontrar uma fórmula de convivência amiga com o catolicismo. O fascismo encontrou-a na sua própria concepção de nacionalismo. A solução não era perfeita. O catolicismo foi para a península tudo aquilo que acabamos de indicar, mas não foi só isto, nem principalmente isto. Não basta reconhecer-lhe o valor natural de utilidade na obra da civilização, importa antes de tudo admiti-lo pelo seu valor sobrenatural de verdade. "O Estado fascista", declarou uma vez o *Duce* na Câmara, "é antes de tudo e essencialmente fascista; o catolicismo o completa". Imperfeita, porém, e substancialmente viciada, a solução evitou na prática maiores conflitos — não todos, porém — e impediu que o germe venenoso do totalitarismo desenvolvesse na Itália tôda a virulência de suas virtualidades.

Nazismo Com o nacional-socialismo germânico, o centro de gravidade desloca-se para um plano inferior. Da esfera da cultura desce para o domínio da raça, de uma zona especìficamente humana para o terreno biológico, que nos é comum com os brutos. É uma demissão dos mais altos valores espirituais em benefício da exaltação das fôrças misteriosas e

http://www.obrascatolicas.com

indisciplinadas do instinto. O mito do sangue, "o grande mito do século XX", encerra a chave do enigma da história e traça à Alemanha a rota do seu destino. "As fôrças culturais e criadoras de um povo", diz HITLER, "repousam nos elementos raciais", [11] e a raça germânica é a grande raça privilegiada. Todos os grandes valores de cultura foram por ela criados. As outras raças são de sub-homens, destituídas de capacidade criadora, *unschoepferisch*. Sua missão é servir aos homens nórdicos, nascidos para dominar e reger o mundo. Diante do valor absoluto da raça de cabelos louros e olhos azuis, tudo o mais tem apenas um valor relativo. Achamo-nos, assim, em face de uma nova concepção da vida, de uma *Weltanschauung*, que não coloca no seu centro o espírito, mas o sangue, e, como função do sangue, tôdas as manifestações da civilização, religião, moral, direito, ciências, arte, todos os ideais de beleza, de perfeição e de virtude. O hitlerismo, como os outros regimes totalitários, não se contenta com ser uma política, pretende ser uma nova filosofia da vida.

Mas a raça, por si, não pode agir. Coletividade amorfa e desprovida de eficiência na afirmação de seus direitos e na amplificação de seu domínio, o Estado é a sua defesa e o instrumento visível para atuar-lhe as exigências e assegurar-lhe a expansão e o triunfo. O fim primordial do Estado não é assegurar o desenvolvimento de qualquer manifestação cultural humana, é, antes de tudo, conservar a raça. "O Estado", doutrina HITLER, "deve considerar como sua missão suprema a conservação e o aperfeiçoamento da raça, condição fundamental de todos os progressos culturais da humanidade". [12] "O Estado não representa um fim mas um

11. *"Die kultur — und wertbildenden Kraefte wesentlich auf rassischen Elementen beruhen"*. (A. HITLER, *Mein Kampt*, pág. 430.)

12. *"Der Staat also sinngemaess als seine hoechste Aufgabe die Erhaltung und Steigerung der Rasse zu betrachten hat, diese Grundbedingung aller menschlichen Kulturentwicklung"* (ob. cit., pág. 430).

meio. É a condição de uma elevada civilização humana, não, porém, a sua causa. A causa consiste na existência de uma raça idônea para a civilização". [13]

E como a raça idônea por excelência para a criação e desenvolvimento de cultura é a germânica, o Estado alemão é, antes e acima de tudo, um Estado racista, um Estado que apura, defende, propaga a raça alemã e a encaminha à posição de domínio mundial que lhe é reservada. "O Estado alemão deve reunir todos os alemães com a finalidade, não só de selecionar os melhores elementos raciais e conservá-los, mas também de elevá-los, lenta mas firmemente, a uma posição de domínio". [14] Êste valor e esta missão hegemônica da raça teuta, identificada com a razão de ser do Estado, constituem um bem supremo, um absoluto pelo qual se deverá aferir a nova tabela de valores. "A alma popular", escreve o sistematizador da nova ideologia, ROSENBERG, "a alma popular, função do sangue e da raça (*die rassegebundene Volksseele*) é a medida de todos os nossos pensamentos, desejos e ações; a medida última de todos os nossos valores". [15] Contra as exigências dêste absoluto não há direito que prevaleça, nem princípio moral que se possa invocar. A concepção racista, afirma HITLER, "não pode conceder a uma idéia ética o direito de existir se essa idéia representa um

13. *"Der Staat keinen Zweck, sondern ein Mittel darstellt. Er ist wohl die Voraussetzung zur Bildung immer hoeheren menschlichen Kultur, allei nicht die Ursache, derselben. Diese liegt vielmehr ausschliesslich im Vorhandensein einer zur Kultur befaehigten Rasse"* (ob. cit., pág. 431).

14. *"Das deutsche Reich soll als Staat alle Deutschen einschliessen mit der Aufgabe, aus diesem Volke die wertvollsten Bestaende an rassischen Urelementen nicht nur zu sammeln und zu erhalten, sondern langsam und sicher zur beherrschenden Stellung emporzufuehren" Mein Kampf*, pág. 439 — Cf. ainda pág. 456, 475 e *passim*.

15. A. ROSENBERG, *Der Mythus des 20 Jahrhunderts*, pág. 655.

http://www.obrascatolicas.com

perigo para a vida racial dos portadores de uma ética superior". [16]

Diante desta concepção do Estado, instrumento da raça divinizada, anula-se o indivíduo, com dignidade autônoma e destino próprio. O seu valor é todo relativo, vale como depositário efêmero e transmissor de elementos puros da raça eleita. Desaparece de todo a personalidade com a sua finalidade espiritual e a intangibilidade dos direitos que lhe condicionam a realização plena.

As conseqüências e as aplicações práticas dêstes princípios deixam-se fàcilmente entrever.

Para apurar e defender a raça, o Estado invade o domínio da *vida individual*. Manda esterilizar os que lhe parecem incapazes de reprodução eugenética. Nega os mais comezinhos direitos civis aos que julga uma ameaça à pureza do sangue nórdico. Monopoliza a educação das novas gerações e a orienta no sentido de um materialismo biológico radical. "A educação do sexo feminino", diz HITLER, "deve obedecer ao mesmo critério que a do sexo masculino. O ponto mais importante é a educação física, vindo, em seguida, o desenvolvimento do caráter e, por último, o valor intelectual". [17] Em primeira linha, portanto, a formação de um bom animal, em segundo e terceiro plano, as qualidades humanas do caráter e da inteligência. Em resumo, fonte única,

16. *"Allein sie* [a concepção racista] *kann auch einer ethischen Idee das Existenzrecht nicht zubilligen, sofern diese Idee eine Gefahr fuer das rassische Leben der Traeger einer hoehren Ethik darstellt". (Mein Kampf,* pág. 421). A tradução brasileira do *Mein Kampf* ["Não pode aprovar a idéia ética do direito à existência se, etc." *Minha luta,* pág. 319] não corresponde com fidelidade ao texto alemão.

17. *"Analog der Erziehung des Knaben kann der voelkische Staat auch die Erziehung des Maedchens von den gleichen Gesichtspunkten ausleiten. Auch dort ist das Hauptgewicht vor allem auf die koerperliche Ausbildung zu legen, erst dann auf die Foerderung der seelischen und zuletzt der geistigen Werte". (Mein Kampf,* págs. 459-460).

de todos os direitos é a raça e o Estado que a representa, interpretando-lhe as exigências e reivindica para si todos os direitos sôbre os indivíduos: mutilá-los, suprimi-los, conceder-lhes ou negar-lhes a cidadania, chamá-los à vida pública ou recusar-lhes os direitos civis. A mais absoluta estatolatria.

Na vida *internacional,* são ainda mais ameaçadoras as conclusões. O princípio prático que passa a regular as relações com os outros povos é o enunciado cìnicamente por um dos responsáveis do novo regime: "direito é o que convém ao povo germânico e à nação teuta". Com êste utilitarismo relativista desaparece tôda a confiança internacional e os tratados não passarão de trapos de papel.

Em face da *religião,* o nazismo declara-se abertamente anticristão. Pelas suas doutrinas de universalidade, de caridade e fraternidade humana como pelas suas origens semitas, o cristianismo é uma religião inferior, indigna do povo alemão e destinada a desaparecer, ante a nova *Weltanschauung,* como a noite ao brilho do sol. O art. 24 do programa oficial do partido recusa formalmente o direito de existência às confissões religiosas que põem em perigo a existência do Estado ou que *são contrárias ao sentimento moral da raça germânica*. Em seu lugar se deverá implantar uma religião nacional, neopaganismo que prestará culto ao velho deus germânico, Wotan, símbolo eterno do homem nórdico e de suas qualidades superiores, tão vivo hoje como há 5.000 anos. Assim e então, diz ainda o programa do partido, "a trindade do sangue, da fé e do Estado será perfeita".

Aí está o totalitarismo alemão: concepção da vida baseada no materialismo racista, negação dos valores da personalidade humana, estatolatria desumana.

Comunismo O comunismo inaugurou na Europa contemporânea o regime totalitário na sua expressão mais radical

http://www.obrascatolicas.com

e violenta. O nacional-socialismo não fêz mais que seguir-lhe as pegadas. Num e noutro caso, na Rússia como na Prússia, achamo-nos em face de uma ideologia aventureira e de um partido que a encarna e empolga o poder do Estado, para impô-la com guante de ferro, por todos os meios, a uma nação escravizada. Lá o racismo, aqui o marxismo; lá um materialismo biológico, aqui um materialismo econômico. Em ambos os casos, um ditador, um partido que se inculca identificado com a nação e persegue todos os que lhe não aceitam as idéias indiscutíveis, um regime caracterizado pelo desrespeito a todos os direitos e pelo emprêgo, em escala inaudita, da coação e da violência. As analogias são, pois, substanciais e profundas. A oposição ao bolchevismo, explorada como instrumento de propaganda pelos nazistas, é fenômeno de superfície: uma luta de influências hegemônicas, não uma incompatibilidade irredutível de doutrinas e métodos. E os que esperavam do nazismo a salvação contra o perigo comunista ficavam muito à flor das coisas; preocupava-os mais a violência, que ameaça os corpos, do que o êrro, que intoxica as almas. No dia em que num duelo de cíclopes a fôrça do nazismo houvesse aniquilado a fôrça do comunismo, que concepção salvadora da vida se ofereceria à humanidade para reconstruir a cidade de amanhã?

Não iremos aqui expor e analisar o materialismo dialético de MARX, que constitui o arcabouço doutrinário do regime comunista. Agora, interessa-nos apenas o seu aspecto totalitário.

O comunismo apresenta-se como uma reação contra os profundos desequilíbrios sociais provocados pelo liberalismo capitalista. Em vez, porém, de descer, numa análise compreensiva, à raiz dos males, ficou à superfície dos fatos e, na solução aventada, não fêz mais do que agravar nossos sofrimentos, desenvolvendo ao extremo as conseqüências dos princípios que lhes haviam dado origem.

Um dos grandes erros do capitalismo foi elevar a categoria do econômico ao primeiro plano na vida social. No processo de secularização crescente da civilização ocidental, os valores religiosos e morais foram postos gradualmente à margem da vida pública e respeitados ou apenas tolerados como questões de fôro íntimo dos indivíduos. As relações entre o capital e o trabalho deixaram de ser regidas pelos imperativos da justiça e da caridade para se inspirarem apenas no interêsse do mais forte numa concorrência que se proclamara uma lei da natureza e do progresso a reger o mundo social com um determinismo não menos férreo do que o mundo biológico. Produzir mais, produzir por menos, acumular lucros sem preocupações das exigências humanas do trabalho — foi o ideal da sociedade descristianizada do capitalismo liberal.

O comunismo exacerba o mal até ao paroxismo. O econômico passa a única realidade. A organização da sociedade processa-se como uma função fatal das relações de produção. (*Produtionsverhaeltnisse*). Todos os valores culturais humanos — religião, moral, arte, direito — são apenas superestruturas sem autonomia própria, dependentes da única realidade econômica. A nova organização social destruirá a economia capitalista e nesta derrubada levará de roldão tôdas as realidades espirituais de que vivem as nossas almas. Da maneira mais absoluta e intolerante, a categoria do econômico se eleva a um primado totalitário. Na desvitalização humana do ocidente o marxismo representa a fase última de um processo desintegrativo que se iniciara com a reforma protestante e se agravara com o liberalismo capitalista. Apagam-se no horizonte das esperanças humanas tôdas as possibilidades de uma vida espiritual superior. "O último veredicto sôbre o comunismo", diz DAWSON, "é que o edifício que êle está construindo para a nova humanidade não é um palácio, mas uma prisão: faltam-lhe janelas. O de que ainda precisa o homem e o por que aspira o seu coração é o advento de "uma aurora vinda do alto para iluminar os que jazem

http://www.obrascatolicas.com

nas trevas e na sombra da morte e dirigir-lhe os passos no caminho da paz". [18]

Outro vício radical do regime econômico da grande indústria foi a injusta distribuição da propriedade. Com o progresso da máquina e a concentração dos capitais, os bens produtivos foram-se acumulando nas mãos de poucos, enquanto as grandes massas de trabalhadores, vivendo de salários insuficientes, sem estabilidade nem segurança, se viam reduzidos a um estado de quase servidão. E a sociedade burguesa do século XIX oferecia-nos o triste espetáculo de imensas multidões humanas, dotadas de liberdades civis e políticas, mas sem liberdade econômica. Quem não possui não é realmente livre em face de quem possui e de quem depende.

O novo regime, preconizado por MARX e realizado por LENIN, em vez de garantir e robustecer a liberdade por uma redistribuição mais eqüitativa da propriedade, suprimiu de todo a liberdade pela concentração da propriedade nas mãos de um grande capitalista — o Estado. Sem terra e sem meios próprios de produção, o cidadão comunista é um escravo do poder político, que tende sempre a exagerar as suas exigências e contra o qual não lhe é possível esboçar sequer uma tentativa de resistência. O totalitarismo mais intolerante estabelece e defende aqui a sua existência com um regime econômico que anula tôdas as liberdades individuais. [19]

18. *"I believe that the ultimate verdict on Communism will be that the house it is building for the new humanity is not a palace but a prison, since it has no windows. For what man still needs and in his heart desires is the coming of "a day-spring from on high to give light to them that sit in darkness and the shadow of death, to guide our feet into the way of peace".* CHRISTOPHER DAWSON, *Religion and the modern State*, New York, Sheed and Ward, 1937, pág. 101).

19. Um exemplo vivo pode subministrar-nos a análise de um artigo da nova Constituição soviética (1936). É o 125.º, assim formulado:

Para a realização da nova estrutura econômica, o comunismo lança mão de um instrumento poderoso, o Estado. Não queremos indagar aqui quais serão as relações entre indivíduo ou sociedade e Estado na fase definitiva de anarquismo integral. LENIN julga que o Estado desaparecerá então por desnecessário. Estamos longe desta utopia. Na fase que conhecemos, o comunismo não faz senão inverter, em próprio benefício, o Estado burguês tal qual êle o criticara. O Estado liberal, no pensamento leniniano, não passava de um instrumento de classe, opressor de outra classe. Atrayés de seu sistema de coações, a burguesia capitalista

"Em conformidade com os interêsses dos trabalhadores e a fim de consolidar o regime socialista, a lei garante aos cidadãos da U.R.S.S.:

a) a liberdade de palavra;

b) a liberdade de imprensa;

c) a liberdade de reuniões e comícios;

d) a liberdade de préstitos e demonstrações de rua".

Uma leitura mais atenta desta primeira parte do artigo já é altamente instrutiva. As liberdades alinham-se aí vistosamente como na mais democrática das constituições. Mas tôdas elas, diz no início o corpo do artigo, são asseguradas para "consolidar o regime socialista". Liberdade de palavra, de imprensa, de manifestação pública, sim: mas contanto que seja em benefício do comunismo. Falar ou escrever, por exemplo, em favor da propriedade privada, isso não, não contribui para "consolidar o regime socialista". Mas é a segunda metade do artigo que faz diretamente ao caso.

"Êstes direitos dos cidadãos são assegurados pelo Estado pondo à disposição dos trabalhadores e de suas organizações tipografias, depósitos de papel, edifícios públicos, ruas, serviços de comunicações postais, telegráficas e telefônicas e as outras condições materiais necessárias à realização dêstes direitos".

Aí está; tôdas as condições materiais, sem as quais as liberdades acima não passam de letra morta, estão nas mãos do Estado, isto é, do partido comunista. A seu critério ficará julgar, em cada caso, se a expressão do pensamento e a manifestação de qualquer daqueles direitos contribuem para a consolidação do regime. Tão verdade é que cidadãos sem propriedade são cidadãos sem liberdade.

http://www.obrascatolicas.com

explorava e oprimia os trabalhadores salariados. Na nova ordem, o Estado será ainda um órgão de classe, o órgão de ditadura do proletariado. Nas mãos de um partido único (como no nazismo e no fascismo), o poder político será o instrumento aniquilador da ordem burguesa. O Estado já não tem a missão de coordenar e integrar, mas de eliminar pessoas e instituições, organizações e idéias que não afinam, em consonância perfeita e docilidade cordeira, com a ideologia que se apoderou violentamente dos postos de comando.

O Estado comunista é, portanto, um poder discricionário empolgado à mão armada (mediante voto livre nenhum povo, até hoje, escolheu o regime paradisíaco dos soviets) por um partido que dêle se serve para impor a todos os cidadãos o conformismo absoluto com a mais totalitária das ideologias. Nenhum setor da vida humana escapa-lhe ao imperalismo invasor. Sôbre a vida religiosa como sôbre a vida econômica, sôbre a natureza, o valor e o destino do homem, como sôbre a fórmula de convivência social, o comunismo tem respostas definidas e intolerantes que o Estado impõe a todos os seus súditos sem nenhum respeito à dignidade da pessoa e às suas mais legítimas liberdades. O poder político, a serviço de uma concepção da vida, reclama o homem *todo*, e contra êle não é possível opor nenhum direito.

Apelais para a intangibilidade da consciência religiosa? Estais condenado de antemão; nem podeis discutir; sois religioso porque vindes de uma sociedade capitalista. "Religiões e igrejas modernas, dir-vos-á LENIN, organizações religiosas de tôda a espécie, o marxismo as considera como órgão de reação burguesa, que servem para defender a exploração e embrutecer a classe operária".

Aos abusos sempre possíveis dos poderes opondes os imperativos superiores da moral que se impõe igualmente a governantes e governados? LENIN ainda vos responderá que a moral é a conveniência do partido ditador. "Moral é tudo o que serve à destruição da velha sociedade de exploradores e

ao agrupamento de todos os trabalhadores em tôrno do proletariado que forma a nova sociedade comunista". [20]

Recorreis à dignidade inviolável da pessoa humana, às suas liberdades essenciais, aos seus direitos intangíveis e às exigências superiores da justiça que os tutela? O comunismo não conhece a pessoa, só maneja massas humanas, coletividades parciais ou totais, às quais imola os indivíduos como instrumentos ou coisas sem valor nem direitos. "A liberdade é uma burla quando entra em conflito com os interêsses da libertação do trabalho do jugo capitalista... A igualdade é outra burla se entra em conflito com os interêsses do trabalho". [21] "Tôda a nossa justiça, tôda a nossa igualdade estão subordinadas aos interêsses da destruição do capitalismo". [22]

E por isso mesmo que a imposição do comunismo representa um bem absoluto e a pessoa desaparece ao serviço despótico do partido e da massa, o novo regime não hesita ante a escolha dos meios. Todos êles são bons e devem aplicar-se para o conseguimento dos fins almejados. Instala-se assim o regime da violência mais ilimitada como meio normal de govêrno. "No estado atual das coisas a violência é necessária". [23] O sinal para se conhecer uma ditadura autêntica

20. LENIN, *La Révolution bolcheviste*, pág. 245.

21. LENIN, ob. cit., pág. 278.

22. LENIN, ob. cit., pág. 181. Antes de LENIN, doutrinava MARX: "Que cada homem tem um valor como um ser autônomo é uma ilusão, um sonho, um postulado do cristianismo quando afirma que todo o homem tem uma alma". (MARX-ENGELS, *Historical Critical Edition*, vol. I, pág. 590).

23. LENIN, *L'année 1920*, pág. 227. E a violência não acabará com a ditadura do proletariado. A luta de classe continuará sempre sob "formas novas". Estas formas serão, no dizer de LENIN: "1.º) a repressão da resistência dos exploradores; 2.º) a guerra civil (compreendida como resistência especial aos exploradores); 3.º) a neutralização da pequena burguesia, sobretudo dos camponeses... neutralizar, na prática, é reprimir pela fôrça". (*L'Année 1920*, pág. 10.) No presente como no futuro, o comunismo acena sempre para a pobre humanidade com um punho cerrado.

http://www.obrascatolicas.com

do proletariado é, no dizer ainda de LENIN, "o esmagamento pela fôrça dos exploradores como classe, a violação da democracia pura, isto é, da igualdade e da liberdade em relação a esta classe". [24] Tal a teoria; a prática conhecemo-la todos. Onde quer que, por breve ou longo tempo, se tenha implantado o comunismo, sulcou sua passagem com torrentes de sangue humano. E DAWSON não fêz senão registrar um fato doloroso quando escreveu que ao comunismo cabe a responsabilidade de haver "inaugurado o culto da violência e o desprêzo da vida humana que alastrou, como uma epidemia, da Europa oriental para a central e poderá ir ainda mais longe". [25]

Pelos princípios que o informam como pela prática que os aplica, pela sua estrutura econômica como pela sua concepção geral da vida, o comunismo realiza, em nossos dias, o tipo mais acabado do totalitarismo.

II

Esta exposição simples e sucinta dos princípios orgânicos do totalitarismo já nos está a mostrar a sua absoluta incompatibilidade com a doutrina católica. Não se trata de divergências secundárias, ou de desinteligências políticas a que o tempo poderá trazer remédio; a oposição é radical e de princípios. Antes de ser um regime, o totalitarismo é uma doutrina, uma doutrina do homem, da sociedade e do Estado, e, como tôda a doutrina do homem implica uma concepção geral do mundo, os governos totalitários são a expressão política de uma concepção da vida e de uma filosofia do universo. Entre esta visão dos homens e das coisas e o catolicismo a antítese é irredutível. Sem renunciar à sua própria definição, o totalitarismo nunca poderá ser batizado. [26]

24. LENIN, *La Revolution prolétarienne*, pág. 42.

25. *"Here the responsability of Communism is a very heavy one, for it has originated that cult of violence and that contempt for the value of human life which have spread like an epidemic from Eastern to Central Europe and may spread yet farther"*. (CHR. DAWSON, *Religion and the modern State*, pág. 65.

O cristianismo, como a sã filosofia, vê, no homem, um composto substancial de corpo e alma, de matéria e espírito. Pela sua realidade espiritual, pela porção mais nobre do seu ser, êste princípio ontológico que pensa e quer livremente, o indivíduo humano transcende o mundo material e eleva-se à dignidade de pessoa. Sua finalidade essencial é realizar um destino próprio, mas um destino de espírito, que se prolonga para além das fronteiras do tempo. A razão suprema de uma existência humana eleva-se acima de todos os valores temporais e terrenos; é um fim em si que, sem uma desordem ontológica que repugna à inteligência, não poderá nunca baixar à categoria de simples meio, de coisa que se usa, de instrumento que se emprega para conseguir objetivos subalternos enclausurados nos limites do tempo e do

26. Esta é a diferença entre um govêrno forte e um govêrno totalitário. O govêrno forte concentra numa só mão ou em poucas mãos os poderes *políticos* da soberania. Em vez de dividi-los por vários colégios (legislativos, judiciários, administrativos) e determinar-lhes a constituição por sufrágio popular mais ou menos direto, enfeixa-os numa autoridade central, una e poderosa. O govêrno totalitário exorbita da esfera política e invade *todos* os domínios da cultura; não se dirige só ao cidadão, reclama o homem *todo*. Identificando-se com um sistema ideológico que é religião, moral, direito, economia, impõe-no às consciências por todos os meios, inclusive os mais violentos. Igreja, família, educação, profissão, nada há que não passe a depender totalmente do Estado, tanto na sua existência quanto na sua orientação. LUÍS XIV concentrava na sua augusta pessoa todo o Estado, era um soberano forte e absoluto; não era, porém, totalitário. Fora do âmbito do Estado conservavam a sua autonomia os outros domínios da cultura. A sabedoria política de um povo compete escolher a forma de regime mais adaptada às vicissitudes de sua evolução orgânica e às fases de seu desenvolvimento histórico. Com a consciência cristã, porém, em hipótese alguma, é compatível a absorção totalitária do homem pelo Estado.

http://www.obrascatolicas.com

espaço. Dêste direito supremo do homem, que é ao mesmo tempo o seu supremo dever, de realizar a plenitude do seu destino derivam os outros direitos inerentes à natureza humana, e que, por isto mesmo, não poderão ser postergados nem confiscados em benefício de realizações inferiores.

A esta excelência natural do homem, o cristianismo acresceu a dignidade sobrenatural de filhos de Deus, remidos pelo sangue redentor de Cristo, herdeiros da felicidade divina. Para quem o vê dessas alturas iluminadas pela fé, é inexprimível o valor de um homem. A linguagem singela do Evangelho abre aqui às nossas meditações perspectivas de uma profundeza insondável: "que aproveita ao homem ganhar todo o mundo se a sua alma vier a padecer algum detrimento?"

Da natureza do homem, que procura na sociedade o ambiente propício ao desenvolvimento de suas virtualidades, resulta a função própria do Estado, a origem de sua autoridade soberana, os limites intransponíveis de suas atribuições. O Estado existe para servir à pessoa humana. Sua tarefa é tutelar os direitos individuais, promover a prosperidade geral, criar e desenvolver um ambiente de cultura, rico de valores humanos, onde os indivíduos encontrem, em abundância razoável, o de que necessitam para atingir a plenitude de seu destino. O poder político, nas suas múltiplas formas, a autoridade soberana, com a amplitude de seus direitos, não tem outra razão de ser. Aos olhos da razão não se justificam senão por esta nobre finalidade de servir à dignidade da pessoa. Não envelheceu a lição de TAPARELLI: "são duas as operações sociais, diferentes uma da outra como o meio difere do fim; *ação política* ou de *razão de Estado*, e *ação civil*, ou de razão comum; e esta é fim daquela. Quando a sociedade conserva e aperfeiçoa sua própria unidade e a eficácia de sua ação, atua na ordem *política*, mas para que fim procura ela realizar a sua própria perfeição? Para poder melhor prover ao bem dos indivíduos associados. Quando

atualiza êste poder, atua na ordem *civil*, para a qual existe a ordem política". [27]

Um Estado absoluto é uma contradição inadmissível. Todo ser criado envolve na própria essência uma relação de dependência do ato criador, isto é, da inteligência e da vontade de Deus. Criando a natureza humana, com a sua tendência para a vida social que lhe condiciona a existência e a expansão, Deus chamou outrossim à existência a família e o Estado. Como todo ser contingente, portanto, a sociedade civil com a estrutura jurídico-política que lhe é inerente depende *ontològicamente* da Causa primeira.

Esta dependência ontológica envolve outra, não menos importante: a dependência *teleológica*. Ao Estado impõe-se uma finalidade própria, a que lhe não é dado subtrair-se sem se negar a si mesmo. Instituição natural, postulada pelas exigências do homem, e tôda a serviço do seu aperfeiçoamento, tem, neste objetivo indeclinável, o princípio supremo regulador do exercício dos seus poderes. É esta finalidade, que, assegurando o ponto de convergência de tôda atividade social, permite uma filosofia e uma doutrina do Estado. Sem ela ainda se descoroa da sua dignidade o poder público, reduzido ao puro emprêgo da violência e da coação externa. Uma ordem de fins, que se impõe a governantes e governados, constitui o princípio moral da obrigação que, atingindo as consciências, dignifica os sêres livres e funda esta reciprocidade de direitos e deveres que elevam o convívio humano ao nível superior da inteligência e da liberdade. Fundada na lei eterna, expressão imprescritível da sabedoria criadora, existe, portanto, fora e acima do Estado, uma ordem objetiva de justiça, que define e limita o exercício de suas atividades.

O totalitarismo de Estado não se concilia com a visão cristã, nem mesmo com uma simples concepção espiritua-

27. TAPARELLI D'AZEGLIO, *Saggio teoretico di diritto naturale*, n.º 736.

http://www.obrascatolicas.com

lista do mundo. O materialismo e o panteísmo, a negação do espírito e da ordem moral constituem os pressupostos filosóficos ou as implicações lógicas desta apoteose do Estado, que, reclamando o homem todo, lhe desconhece os destinos imortais e, proclamando a própria autonomia absoluta, subverte catastròficamente a jerarquia do ser. Só o Infinito pode suportar, sem contradições, as responsabilidades intelectuais e ontológicas do Absoluto.

Há, portanto, visceral e irredutível, um antagonismo entre a doutrina católica e a filosofia do totalitarismo. Não foi necessário que as ameaças dos regimes inspirados por esta filosofia política toldassem os céus da Europa e acordassem as reações armadas das democracias ocidentais, para que a Igreja desse alerta às consciências dos seus filhos e denunciasse a iminência e grandeza do perigo que impendia sôbre a nossa civilização.

Já Pio IX, na alocução de 9 de junho de 1862, condenava a seguinte proposição, precursora dos totalitarismos contemporâneos: "O Estado, como fonte e origem de todos os direitos (*omnium jurium origo et fons*), tem o direito de não ser limitado de modo algum". [28]

Leão XIII, nas suas grandes encíclicas, insistiu sôbre a mesma verdade. Colhamos apenas algumas citações na *Rerum Novarum* (1891). "O homem é anterior ao Estado; antes de entrar no consórcio civil já possuía da natureza o direito de prover a si mesmo". "Não é justo que o cidadão e a família sejam absorvidos pelo Estado". "O pátrio poder, não pode o Estado anulá-lo ou absorvê-lo". [29]

Quando o perigo se tornou mais ameaçador e os regimes totalitários começaram a traduzir em medidas de ação as suas doutrinas liberticidas, a voz da Igreja se elevou mais

28. Cf. Cavallera, *Thesaurus doctrinae catholicae*, Parisiis, Beauchesne, 1920, n.º 508, pág. 268; em Denzinger, *Enchiridion Symbolorum*, n.º 1.739.

29. *Rerum Novarum*, ns. 6, 28, 11.

alto e mais freqüentes ressoaram as suas advertências. De modo geral, ou, sob esta ou aquela forma particular, o totalitarismo foi nestes últimos 20 anos constantemente apontado pela Igreja como doutrina anticristã e das mais desastrosas conseqüências para a civilização humana.

Quando o fascismo começou a explicitar as suas doutrinas, o Santo Padre, na alocução de 14 de dezembro de 1925, declarou desassombradamente: "A Igreja Católica é alheia a tôda concepção política, que, fazendo da sociedade e do Estado fim de si mesmo, é levada fàcilmente, para não dizer fatalmente, a sacrificar e absorver os direitos individuais e particulares, com resultados, como é bem de ver, desastrosos". [30] O ano de 1931 assinalou um choque forte entre Mussolini e o Papa, a propósito da liberdade de educação. A 20 de junho, num documento célebre pela clareza e vigor, a Encíclica *Non abbiamo bisogno* dirigida a todo orbe católico, o destemido Pontífice, resumindo os seus ensinamentos anteriores, afirmou ainda uma vez: "a concepção que reclama como pertencentes ao Estado as novas gerações, inteiramente e sem exceção, dos primeiros anos à idade adulta, não se pode conciliar com a doutrina católica nem tampouco com o direito natural da família". [31]

Mais freqüentes ainda foram as condenações explícitas do totalitarismo nazista e comunista. Entre 1924 e 1937, em 12 encíclicas pelo menos, denunciou o Papa expressamente o comunismo como uma das maiores ameaças de nossos dias. E entre 1934 e 1939 não há quase documento pontifício de certa importância em que se não acentuem as incompatibi-

30. *Civilità Cattolica*, 2 de janeiro de 1926, pág. 15. Na alocução do ano seguinte, 20 de dezembro de 1926, o Papa novamente deplorava *"la concezione, che* non può esser cattolica, *la quale fa dello Stato un fine e dell'uomo e del cittadino un mezzo, tutto in quello monopolizzando ed assorbendo'*. (Cf. *Civ. Catt.*, 1.º de janeiro de 1927, pág. 19).

31. Encíclica *"Non abbiamo bisogno"* de 29 de junho de 1931. *Actes de SS. Pie XI, t. VII*, Paris, 1936, pág. 212.

http://www.obrascatolicas.com

lidades doutrinais entre o nazismo e o cristianismo. Dois, entre êstes numerosos documentos, são particularmente célebres, tanto pelo seu conteúdo — uma análise minuciosa e objetiva dos sistemas ideológicos condenados — quanto pela sua promulgação quase simultânea, como a associar duas formas fundamentalmente análogas de um mesmo totalitarismo, ameaçador destas liberdades essenciais sem as quais não podem respirar as almas batizadas e remidas pelo sangue de Cristo.

A primeira destas encíclicas, *Mit brennender Sorge*, datada em 14 de março de 1937, é a condenação do *nazismo*. Nela se lê, relativamente ao ponto que estudamos, esta doutrina salvadora dos direitos humanos. "A sociedade é querida pelo Criador, como meio de levar ao desenvolvimento pleno as faculdades individuais e sociais de que se deve servir o homem, ora dando, ora recebendo, para o bem seu e dos demais. Ainda os valores mais altos e universais que só a sociedade, e não já o indivíduo, pode realizar, tem, na vontade do Criador, como último fim, o homem, o seu desenvolvimento, a sua perfeição natural e sobrenatural". [32]

Cinco dias depois, a 19 de março, saía outra Encíclica, *Divini Redemptoris*, esta contra o *comunismo* ateu. Também aqui ainda uma vez se reivindica decididamente contra o imperialismo totalitário a dignidade da pessoa que não pode ser alienada nem absorvida em benefício da massa. "No plano do Criador a sociedade é um meio natural, do qual pode e deve o homem servir-se, para alcançar o próprio fim, uma vez que a sociedade é para o homem e não o homem para a sociedade. Esta doutrina deve entender-se, não no sentido do liberalismo individualista que subordina a sociedade à utilidade egoísta do indivíduo, mas no sentido de que, mediante a união orgânica com a sociedade, a colaboração

32. *Mit brennender Sorge*, 14 de março de 1937.

mútua torna a todos possível realizar a verdadeira felicidade na terra". [33]

Não satisfeito com tantas e tão explícitas afirmações, a Sagrada Congregação dos Estudos enviava a 13 de abril de 1938 aos seminários e universidades católicas uma lista de oito proposições com a advertência de que se esforçassem por evidenciar-lhes a falsidade à luz da biologia, da filosofia e das ciências jurídico-morais. Sete destas proposições referem-se de modo especial ao racismo nazista; a oitava, enunciada em têrmos mussolianos, é de caráter mais geral e atinge o totalitarismo em tôdas as suas formas. Assim se acha ela formulada: "O indivíduo só existe pelo Estado e para o Estado; todos os seus direitos são mera concessão do Estado".

Em 1939 a Pio XI sucedia Pio XII. Sôbre os céus da política internacional adensavam-se as nuvens pesadas, precursoras da grande tempestade. Depois da demissão de Munique os estados totalitários, armados e atrevidos, pareciam os árbitros irresistíveis da situação. Nesta "hora das trevas", o novo Papa escreve a sua primeira *Encíclica*. Nela, entre os erros fundamentais, "fonte de gravíssimos males", denuncia "o êrro contido nas concepções que não duvidam desligar a autoridade civil de tôda a dependência do Ente supremo — Causa Primeira e Senhor absoluto, tanto do homem como da sociedade — e de todo o vínculo da lei transcendente que

33. *Divini Redemptoris*, de 19 de março de 1937, n.º 29. Pouco antes escrevia o Pontífice: "O comunismo despoja o homem de sua liberdade, princípio espiritual da vida moral; priva a pessoa humana de tudo o que constitui a sua dignidade, tudo o que moralmente se opõe ao assalto dos instintos cegos. Ao indivíduo em face da coletividade não reconhece nenhum dos direitos naturais à pessoa humana, que, assim, no comunismo, fica reduzida a uma peça do sistema". Ibid., n.º 10. A seu modo e em outro estilo é o que dizia Roosevelt em 1940: *"The Soviet Union, as a matter of practical fact known to you and to all the world, is a dictatorship as absolute as any other dictatorship in the world'.* (Cf. F. Sheen, *Philosophies at war*, New York, 1943, pág. 7).

http://www.obrascatolicas.com

deriva de Deus como de fonte primeira e lhe concedem uma faculdade ilimitada de ação, abandonada à onda movediça do arbítrio ou apenas aos ditames das exigências históricas contingentes e dos interêsses relativos. Renegando assim, da autoridade e do império de sua lei, o poder civil, por conseqüência inelutável, tendo a atribuir a si próprio a absoluta autonomia que compete só ao supremo Feitor de tudo, e a substituir-se ao Todo Poderoso, elevando o Estado ou a coletividade a fim último da vida, a critério supremo da ordem moral e jurídica, e interdizendo, portanto, todo apêlo aos princípios da razão natural e da consciência cristã". Nesta apoteose do Estado, inconciliável com a razão do homem e a consciência do cristão, vê Pio XII um dos grandes desvios dos nossos tempos, extremamente nocivo "ao bem-estar das nações e à prosperidade da grande sociedade humana". [34]

Seria interessante, se não nos faltara o espaço, acompanhar a repercussão imensa que em todo o orbe católico acordaram as palavras de advertência, tão repetidas e tão sérias, do supremo Pastor. Conscientes da gravidade do perigo e da urgência de defender o patrimônio da verdade cristã, a jerarquia católica expôs em documentos coletivos, solenes e, por vêzes, de um desassombro heróico, a incompatibilidade irredutível entre os princípios do totalitarismo e as exigências imprescritíveis da dignidade humana e da consciência cristã. Lembramos, entre as mais notáveis, as pastorais coletivas ou isoladas do episcopado na Alemanha, na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos, na Bélgica, na Holanda, na Áustria, na Polônia e na Argentina.

Por tôda a parte e à luz da publicidade mais manifesta, a Igreja Católica afirmou a sua irreconciliável oposição às doutrinas informadoras dos totalitarismos, materialismo dialético de Marx, absolutismo panteísta do Estado de Hegel,

34. *Summi Pontificatus*, de 20 de outubro de 1939; *Acta Apostolicae Sedis* LXXXI (1939), págs. 431-432.

empirismo oportunista de Maquiavel. Oposição clara, profunda, insanável, porque oposição de princípios. [35]

À vista dêste contraste de doutrinas que ressalta à primeira análise e em face desta multidão de documentos que o sublinham numa freqüência e unanimidade impressionantes, insinuar não sei que simpatia secreta ou aliança mal disfarçada da Igreja com os totalitarismos é fechar os olhos à evidência ou deixar-se dominar por interêsses subalternos com menosprêzo da justiça e da verdade.

No domínio das idéias, onde os conflitos, menos sangrentos, são mais decisivos e duradouros do que nos campos de batalha, a Igreja elevou-se, serena e majestosa, contra a grande onda invasora das teorias totalitárias. E só ela o podia fazer com a segurança da coerência e a certeza da vitória. As ideologias que alimentam os governos de fôrça não nasceram no século XX, nem brotaram por geração espontânea no entre-guerra dos dois últimos decênios. São o fruto amadurecido de desvios intelectuais que remontam mais longe e contra os quais a Igreja tomou sempre posição clara e definida. Quando se nega a existência do espírito e da liberdade, quando se ridicularizam os direitos naturais decorrentes da dignidade ontológica da pessoa, quando se vê no homem apenas o último elo de uma cadeia evolutiva que não transcende o nível da biologia, em nome de que princípios

35. Neste artigo limitamo-nos à exposição de doutrinas e à discussão de idéias. Mas, se quiséssemos buscar às nossas conclusões uma confirmação dos fatos, a história contemporânea no-los ministraria em abundância. Por tôda a parte, o totalitarismo viu na Igreja Católica o seu primeiro inimigo e procurou eliminá-lo com a violência e a astúcia, a perseguição velada ou ostensiva. Na Itália, pelos motivos indicados acima, os choques limitaram-se a escaramuças regionais ou a conflitos de menor duração. Na Alemanha o contraste assumiu, aos poucos, as proporções de uma verdadeira perseguição religiosa, dirigida com fria tenacidade e método inflexível. Nos países, onde o comunismo logrou instalar-se, as hostilidades revestiram-se de uma truculência sanguinária de que talvez não há exemplos nos fastos da crueldade humana.

http://www.obrascatolicas.com

se pretende levantar barreiras às exigências de um Estado que se proclama onipotente? Por que não há de ser o cidadão *todo* para o grupo, como a abelha é *tôda* para a colmeia? Fora da eminência essencial do espírito e da imortalidade dos seus destinos, onde fundamentar o caráter sagrado da pessoa humana e a inalienabilidade dos seus direitos? [36]

O combate ao totalitarismo é mais profundo do que pode parecer a uma visão superficial. A sua sorte não se decide com as armas no entre-choque dos grandes exércitos. A raiz do mal mergulha mais funda e prende-se a concepções do homem, da sociedade e do universo que se opõem em antagonismos totais. E quando as idéias lutam, só a verdade pode assegurar os triunfos definitivos.

Por isto, em nossos dias, a Igreja, inerme, aparece-nos como a defensora invicta da liberdade e da dignidade humana. Nos seus lábios estas palavras não têm só a ressonância emotiva explorada pelos comícios turbulentos da demagogia. São uma realidade profunda harmoniosamente enquadrada numa visão coerente da vida. São parcelas preciosas do patrimônio doutrinário divinamente confiado à fidelidade de sua guarda incorruptível para salvação do gênero humano.

Só assim, quando defendida pela verdade, poderá ser completa a vitória da liberdade.

Veritas liberabit vos.

36. Um exemplo de casa. Entre nós, em 1888 escrevia TOBIAS BARRETO: "A fôrça que não vence a fôrça não se faz direito; o direito é a fôrça que matou a própria fôrça... Tal é a concepção que está de acôrdo com a intuição monística do mundo". (*Questões vigentes de Filosofia e de Dirito*, Recife, 1888, pág. 147.) Se o direito é a fôrça que matou a própria fôrça, que opor ao "direito" do Estado que matou tôdas as outras fôrças e para melhor firmar os seus "direitos" cerca-se da Gestapo ou da G. P. U.? Eis o que, em nome da "intuição" monística do mundo e contra as "figuras anacrônicas' que ainda defendiam o direito natural, se ensinava das cátedras das nossas faculdades.

COMUNISMO TOTALITARIO E ANTIDEMOCRATICO

* O comunismo representa a expressão mais completa do *totalitarismo*.

Totalitarismo, como diz bem o próprio têrmo, é o regime político que absorve o homem *todo*, pondo-o a serviço total do Estado, que o reclama para subordiná-lo a uma ideologia. Onde uma ideologia se apodera do poder público e dêle se serve, para impor-se pela violência à consciência dos cidadãos, aí há totalitarismo. O nazismo não é outra coisa. Nem outra coisa é o comunismo.

Sua doutrina é o marxismo, interpretado por LENIN. E que é o marxismo?

Em religião é o ateísmo militante, a negação de Deus, feita objeto de propaganda incansável. "A abolição da religião", escrevia MARX em 1844, "como felicidade ilusória do povo, é exigida pela sua felicidade real". "A religião é o ópio do povo". O comunismo é, portanto, uma guerra de morte a Deus, a tôda e qualquer religião, as realidades mais sagradas de que viveu sempre a consciência religiosa da humanidade. (Ver textos em *Ateísmo militante*.)

Em *moral* é a negação de tôda ordem de valores espirituais, sua substituição pelo utilitarismo mais radical, a apoteose do princípio "o fim justifica os meios". — LENIN: "Afirmamos que nossa moralidade é inteiramente subordinada aos interêsses da luta de classes do proletariado". YAROSLAVSKY: "Ético é tudo o que coincide com os interêsses

* Notas em resposta a uma consulta.

http://www.obrascatolicas.com

da Revolução proletária". É fácil e horrível de pensar na atividade revolucionária de um partido que para triunfar não recua diante de nenhum crime ou para o qual só há um crime: não triunfar.

Em *filosofia* é a afirmação do mais radical materialismo. Nada existe que transcenda a matéria. O espírito e tudo o que é espiritual não passam de palavras ôcas, vazias de qualquer conteúdo real. O homem, frustrado assim de sua dignidade pessoal, com destino próprio e imortal, com direitos inalienáveis, postulados pela realização dêsse destino, fica reduzido a um puro animal, que nasce hoje para morrer amanhã, sem direitos nem deveres, sem ideais nem esperanças, simples instrumento nas mãos do partido para a realização de seus planos. A história da humanidade perde tôda a sua significação de espiritualidade e nobreza para reduzir-se a simples relações econômicas, isto é, ao esfôrço do homem para tirar da natureza o pão para a bôca.

É esta ideologia, destruidora de tudo o que constituiu em todos os tempos os mais preciosos tesouros do homem, que anima o comunismo. Como todos os regimes totalitários, o comunismo, violando os mais sagrados direitos à liberdade de consciência, procura impô-la por todos os meios de que o Estado pode lançar mão.

Pela *educação*, que, monopolizada pelo Estado, forja as novas gerações nos seus moldes rijos.

Pela *imprensa*, pelo rádio, por todos os meios de transmissão de pensamento que passam para as mãos dos poderes públicos a serviço da doutrina oficial do partido.

Pelo cordão sanitário de isolamento que fecha as populações vítimas do comunismo a todo o contato intelectual com os outros povos, à circulação livre das idéias, mãe do progresso e da ciência.

Quando êstes meios de coação moral, mobilizados pela propaganda dirigida, não surtem o desejado efeito, entram em ação a coação física, a violência, a fôrça brutal. São as

polícias, as G-PU, ou que outro nome tenham, irmãs gêmeas da Gestapo, são os expurgos periódicos, são os campos de concentração, são as execuções que se seguem aos processos espetaculares ou se realizam no silêncio misterioso das prisões, donde não voltam muitos dos que lá entraram, é o art. 13 de recente e triste memória.

O comunismo é, portanto, um regime totalitário no mais rigoroso sentido da palavra.

Chamá-lo de *democracia* é abusar das palavras para fazê-las dizer precisamente o contrário do que significam.

Nenhuma das propriedades essenciais à democracia, qual a concebemos sempre, se verifica no regime comunista.

A democracia é e foi sempre, antes de tudo, um regime de liberdade, de respeito aos direitos essenciais do homem, de acatamento à dignidade pessoal dos nossos semelhantes.

Procurai no regime comunista as mais elementares das nossas liberdades democráticas. Não encontrareis uma só.

Liberdade *política?* O govêrno comunista é o govêrno de um *partido só*. Onde só existe e pode existir um partido não há liberdade política. E quando êste partido é informado por uma ideologia materialista e intolerante, como a que examinamos, há pouco, o seu govêrno orça pela tirania mais despótica de que há lembrança na história. Na Rússia, o partido numera nas suas fileiras menos de 3% da população. Os outros 97% não lhes pertencem. Pode chamar-se democrático um govêrno, que está nas mãos de um *só* partido constituído por uma minoria que detém tôda a fôrça do Estado e com ela impede a quase totalidade da nação de organizar-se em outros partidos?

Liberdade religiosa? É a mais sagrada das liberdades porque interessa o domínio da consciência no que ela tem de mais delicado e pessoal. Lede o art. 124 da Constituição soviética:

"Para assegurar aos cidadãos a liberdade de consciência, a Igreja na URSS está separada do Estado, e a escola da

http://www.obrascatolicas.com

Igreja. Liberdade de culto religioso e *liberdade de propaganda anti-religiosa* são reconhecidas a todos os cidadãos".

Como em tôdas as fórmulas comunistas, as palavras aqui não exprimem mas dissimulam o pensamento.

Quereis ver como se assegura a liberdade de consciência de todos os cidadãos religiosos?

1.º) Separando a escola da igreja, isto é, proibindo a tôda a igreja, ou religião, organizar, abrir escolas ou ensinar religião nas escolas abertas por outrem.

2.º) Assegurando a liberdade de propaganda anti-religiosa, mas não reconhecendo a liberdade de propaganda religiosa. Escrever, falar em favor da religião, exercer o apostolado, não o autoriza a Constituição soviética. Fazer propaganda *anti-religiosa*, organizar ligas dos Sem-Deus, subministrar-lhe todos os meios indispensáveis à sua atividade de ateísmo militante, isto sim, é um direito constitucional, na Rússia. Ora, qual será a sorte da religião num país onde, nas escolas, não é permitido o ensino religioso, onde, nem pela palavra falada nem pela escrita, é permitido o apostolado religioso; onde, à mais furiosa atividade anti-religiosa, se facilitam todos os meios de uma atividade devastadora?

Pois bem, assim é que na URSS se entende a liberdade democrática, "que assegura a todos os cidadãos a liberdade de consciência".

Liberdade de expressão e de imprensa? Ainda aqui abramos a Constituição soviética. Leiamos o art. 125, assim formulado:

"Em conformidade com os interêsses dos trabalhadores e a fim de consolidar o regime socialista, a lei garante aos cidadãos da URSS:

a) a liberdade de palavra;

b) a liberdade de imprensa;

c) a liberdade de reuniões e comícios;

d) a liberdade de préstitos e demonstrações de rua".

Uma leitura mais atenta desta primeira parte do artigo já é altamente instrutiva. As liberdades alinham-se aí vistosamente como na mais democrática das constituições. Mas tôdas elas, diz no início o corpo do artigo, são asseguradas para "consolidar o regime socialista". Liberdade de palavra, de imprensa, de manifestação pública, sim: mas contanto que seja em benefício do comunismo. Falar ou escrever, por exemplo, em favor da propriedade privada, isso não, não contribui para "consolidar o regime socialista". Mas é a segunda metade do artigo que faz diretamente ao caso.

"Êstes direitos dos cidadãos são assegurados pelo Estado pondo à disposição dos trabalhadores e de suas organizações tipografias, depósitos de papel, edifícios públicos, ruas, serviços de comunicações postais, telegráficas e telefônicas e as outras condições materiais necessárias à realização dêstes direitos".

Aí está; tôdas as condições materiais, sem as quais as liberdades acima não passam de letra morta, estão nas mãos do Estado, isto é, do partido comunista. A seu critério ficará julgar, em cada caso, se a expressão do pensamento e a manifestação de qualquer daqueles direitos contribuem para a consolidação do regime. Tão verdade é que cidadãos sem propriedade são cidadãos sem liberdade.

Eis, senhores, o que é na realidade o comunismo: a morte de tôdas as liberdades democráticas.

Se a maior guerra da história teve um grande significado espiritual, foi o da luta do homem e das nações, pela democracia, pela sua dignidade pessoal, pelas liberdades genuínas e autênticas, sem as quais esta dignidade é uma palavra sem significado.

Se os fatos que precederam à guerra e os que lhe sucederam são consultados com lealdade e verdade, a grande

http://www.obrascatolicas.com

lição da história contemporânea é que o comunismo constitui atualmente a maior ameaça à verdadeira democracia.

Para fatos e documentação, ler:

ILDEFONSO ALBANO, *A URSS do Deão,*

JOSÉ ROLIM, *O Comunismo, História, Ideologia, Crítica.* (Livros de Portugal, Gonçalves Dias, 62.)

E. BACKHEUSER, *A sedução do comunismo.*

26-2-1946.

RUMOS DA DEMOCRACIA

* A democracia foi o signo sob o qual se pelejou e venceu a grande guerra. Contra as potências totalitárias que se haviam preparado para a agressão aliaram-se as nações de todos os continentes. Era mister um vínculo de unidade, pensamento nobre para sobrepor-se à variedade dos interêsses em jôgo, idéia-fôrça capaz de despertar o dinamismo das melhores energias de luta. A dignidade do ser humano simbolizada na sua liberdade pareceu reunir tôdas estas condições. Restituir ao homem oprimido a sua autonomia, forrá-lo à opressão, ao mêdo, à escravidão para entregar-lhe nas mãos a responsabilidade de seus destinos; arrancar os povos à asfixia de governos impostos e mantidos pela fôrça, expressão de uma ideologia encarnada na onipotência de um partido único, senhor absoluto de todos os recursos de uma nação, que ideal mais belo, mais oportuno, mais eficaz para galvanizar os espíritos nas contingências penosas de uma luta que as circunstâncias haviam impôsto com o caráter de uma necessidade inelutável? A idéia foi espontâneamente escolhida; e a palavra *democracia* emprestou, para veiculá-la, a simpatia de sua sonoridade. Carregou-se de ressonâncias emotivas e elevou-se à altura de um ideal — luz e fôrça.

Esperávamos outrossim que êste ideal presidisse vitoriosamente à construção da paz. Como conseguira concen-

* Conferência pronunciada no Palácio Itamarati, a 6 de novembro de 1946.

Sôbre democracia há várias páginas de LEONEL FRANCA em "Alocuções Universitárias".

http://www.obrascatolicas.com

trar os esforços de guerra para o triunfo final, realizaria também a convergência das vontades na reestruturação pacífica do mundo. Sob governos livres, os cidadãos encontrariam, com o respeito sincero a todos os seus direitos, a possibilidade de expansão harmoniosa das suas virtualidades humanas. Numa convivência internacional, baseada na justiça e na mútua compreensão, grandes e pequenos povos, árbitros de seus destinos, trariam, para o patrimônio comum da família humana, a riqueza e a variedade de suas culturas.

A realidade não correspondeu a estas esperanças. Bem cedo se viu que a unidade obtida na guerra fôra apenas negativa: a oposição a um inimigo comum. A fim de o destruir, impunha-se a coordenação das peças da maior máquina bélica ainda montada na história: para êste objetivo era suficiente a técnica militar. Mas a obra de reconstrução é mais profunda, supõe um acôrdo fundamental nos grandes princípios de govêrno dos povos, de organização social, e, em última análise, um terreno comum de entendimento sôbre o homem, a sua natureza, o seu valor e os seus destinos.

Apenas se tentaram os primeiros passos na tarefa reconstrutiva, estalaram, incoercíveis, as divergências latentes. E foi na interpretação mesma do ideal democrático que se acentuaram os antagonismos profundos. Nenhum dos grupos quis abrir mão da glória de defensor da democracia. Ninguém se resignou à renúncia de um nome tão rico de promessas, evocador de tantas esperanças. Mas sob a identidade da palavra entraram a circular concepções diversas, não só, mas de todo em todo inconciliáveis. Os princípios tidos por fundamentais, no regime democrático, receberam interpretações divergentes que, prolongadas, chegaram à oposição total. No têrmo destas manipulações de conceitos encontramo-nos em face de duas democracias, cada qual pleiteando o qualificativo de "verdadeira" e assumindo, em face das liberdades individuais, atitudes radicalmente opostas.

Assistamos em rápido escôrço a êste processo dialético. Inicialmente, que entendemos por democracia? Sem nos emaranharmos no cipoal das definições, que hoje já se poderiam enfileirar às centenas. Lembremos a de LINCOLN, que, na sua simplicidade aparente, tem uma concisão mnemônica: "govêrno do povo, pelo povo, para o povo". Nesta fórmula encerram-se as duas implicações características do regime democrático: igualdade dos cidadãos perante a lei, govêrno das maiorias.

Qualquer que seja a técnica na escolha dos seus representantes, o govêrno democrático é um govêrno de maioria. Por ela, se diz que o povo governa: govêrno do povo, pelo povo.

E as minorias? As minorias, respondem as democracias clássicas, as minorias devem ser respeitadas na totalidade intangível dos seus direitos, direitos essenciais ao homem — direito à vida, ao trabalho, à liberdade, direitos inerentes ao cidadão, direito de divergir da maioria, de exprimir a sua opinião, defendê-la e propagá-la nos limites do bem comum traçados pela lei.

E as minorias? As minorias, afirmam os outros, são, em última análise, a oposição à vontade do povo. São os defensores de idéias, de planos, de regimes políticos que não obtiveram a aprovação popular. Sua presença no govêrno constitui um obstáculo permanente à realização da vontade comum. Respeitar-lhe o direito de crítica é contribuir para manter uma atmosfera social parcialmente hostil aos empreendimentos do govêrno que encarna e representa os desejos manifestos da nação. Perpetuar-lhe a existência é afastar cada vez mais o povo do ideal e da fôrça da unanimidade e condenar para sempre o seu govêrno a ser apenas o reflexo parcial dos governados. O princípio da maioria leva, portanto, lògicamente à supressão das minorias, supressão lenta e gradual pela asfixia das liberdades públicas, pela educação dirigida, pela propaganda sistemática; supressão violenta pela eliminação dos não conformistas. Nem

http://www.obrascatolicas.com

há nisto ofensa à liberdade: não deve haver liberdade para os inimigos da liberdade. Ou, como diz um dos chefes de Estado contemporâneo, o Marechal Tito: "A democracia significa a vontade do povo e não a liberdade de seus inimigos". (Et. Fev. 1946, 197.) O respeito à expressão da vontade do povo deve levar, no seu dinamismo poderoso, à quebra de tôdas as resistências que se levantam ao domínio, sem obstáculos, da maioria. O partido único com poderes totalitários é a realização plena e lógica da democracia.

Outra característica fundamental do regime democrático é a igualdade dos cidadãos perante a lei. Suprimir privilégios de nascimentos, discriminações de castas, estender a todos o gôzo dos mesmos direitos e a garantia das mesmas liberdades é a condição primeira de um govêrno para o povo, isto é, para a totalidade de quantos integram a comunhão social.

Assim é, dizem os adeptos de outras democracias, mas cumpre dar a esta exigência uma interpretação sincera e realista. Não basta assegurar a todos a possibilidade de utilizar as suas capacidades econômicas, num regime de livre concorrência, para fundar o reino da igualdade. As lições da história são eloqüentes e cumpre não esquecê-las. Já se foi o tempo em que os mestres se extasiavam com Bastiat, em contemplação platônica ante as harmonias econômicas, resultantes do jôgo livre das leis naturais. O que a realidade crua nos põe diante dos olhos é a concentração capitalista, são os monopólios, os trustes e cartéis, a substituir o govêrno impessoal das leis da natureza pela vontade onipotente dos "ditadores da economia". E as grandes massas populares, que se declararam politicamente livres e passaram a viver sob um regime de servidão econômica.

Por outro caminho importa realizar a igualdade democrática. Suprima-se a propriedade individual, fonte perene de desigualdades dissonantes. Nivelem-se todos os cidadãos, reduzidos, sem exceções, ao regime do salariado e mantenha-se, pela ação vigorosa de um poder forte, esta igualdade democratizadora.

A operação não será fácil. Se quereis reduzir um terreno acidentado à monotonia de uma planície uniforme, tereis que arrasar montanhas e aterrar vales, o que de regra se não consegue sem ferro e fogo, sem dinamite e outros processos de cirurgia orográfica. A igualdade econômica será comprada com o preço muito elevado das liberdades econômicas. E, de envôlta com estas, sacrificar-se-ão também as mais caras das liberdades humanas, cívicas e políticas. A propriedade individual é a peanha insubstituível sôbre que se ergue o homem verdadeiramente livre. Quem não dispõe de seu não pode afirmar o seu eu. Que significado real tem a liberdade de imprensa e de propaganda, sem a liberdade de emprêsa, e, esta, sem a propriedade individual? Quem pode desconhecer as raízes econômicas da liberdade de ensino? Como se poderão conservar sob um regime de liberdade autêntica as mais variadas modalidades de expressão do pensamento e de formação das consciências, — o livro, o cinema, o rádio, — se os processos econômicos que lhes condicionam a existência, são socializados e dirigidos? A verdadeira igualdade supõe um nivelamento econômico obtido à custa da confiscação da propriedade individual e da supressão prática de tôdas as liberdades que nela se alimentam e dela vivem. A democracia é sinônimo de coletivismo.

Aí tendes a ambivalência dos princípios fundamentais da concepção democrática. Se para vós a liberdade do homem é o bem essencial que, a qualquer preço, se deve assegurar em todo o convívio humano, e se a democracia é o regime político que melhor a defende na existência e no respeito das minorias, o seu contrapêso necessário e os reajustamentos econômicos, reclamados pela justiça social, deverão assegurar aos indivíduos esta autonomia na disposição dos bens materiais, sem a qual as suas liberdades mais invioláveis não passarão de fantasmas sem consistência.

http://www.obrasraras.com

Não, retrucam outros, democracia e liberdade são problemas diferentes que importa não confundir. A democracia é uma questão de poder — *cracia* — *democracia,* de *quem* deve ser investido da soberania ou direito de governar; as liberdades individuais regulam as relações do cidadão em face da lei. Uma democracia pode ser altamente antiliberal; um imperador autócrata que enfeixa nas suas mãos todo o mando, pode respeitar as franquias vitais dos seus súditos. A democracia é o govêrno da massa popular, é o regime da igualdade. Fragmentar o povo, dividi-lo em partidos, em classes, em grupos diferenciados política, cultural ou econômicamente, é enfraquecê-lo. O govêrno democrático deve tender à realização perfeita da unidade social, e, em nome dos interêsses supremos da massa, esmagar inexoràvelmente tôdas as resistências — ideológicas e políticas, que se oponham a identificação perfeita entre governantes e governados. Para conseguir êste ideal, o Estado reclama e absorve o homem todo e dilata a sua ação onipresente a todos os domínios da cultura. No regime totalitário encontra a democracia a sua expressão plena e definitiva.

E não é de hoje que essas teses antagonistas reclamam a sua filiação no princípio democrático. Para além do panorama político do mundo contemporâneo, a história nô-las mostra, simultâneas ou sucessivas, em lutas freqüentes na esfera das idéias ou no terreno positivo dos fatos sociais. Ascendei ao século XVII, tão fecundo em sistemas políticos, e encontrá-las-eis na pena de dois célebres pensadores ingleses, Locke (1632-1704) e Hobbes (1588-1679).

Locke sublinha no homem o ser livre que busca na sociedade a garantia do seu trabalho e a tutela dos seus direitos naturais. Nos representantes do povo e seus mandatários reside a suprema autoridade da nação, árbitra definitiva dos conflitos entre soberanos e súditos.

A visão de Hobbes é sombria. Num estado pré-social o homem é o inimigo nato do homem, e a guerra, o estado permanente de suas relações. *Homo homini lupus; bellum omnium in omnes.* Esta multidão politicamente inorganizada reúne-se para pôr côbro à luta e iniciar a paz da vida social e, num pacto livre, transfere para um soberano a plenitude dos seus direitos. Surge, assim, o Estado, com poderes absolutos e irrestritos. A economia, o direito, as idéias, a moral, a religião, tudo dêle nasce e dêle depende. Leviathan, o novo monstro em que se encarna o despotismo mais radical, surge democràticamente da deliberação do povo, que, na constituição de uma soberania totalitária por êle livremente escolhida, vê o penhor e a garantia eficaz da segurança social. A democracia gera o absolutismo.

— A Revolução Francesa assinala um marco de alto relêvo na evolução moderna dos regimes democráticos. A dupla interpretação de suas exigências fundamentais, que se sublinhava há pouco na ideologia dos sistemas, aparece-nos agora encarnada na realidade viva dos fatos. Os acontecimentos a desenvolver-se em linhas divergentes refletem e acusam o conflito das idéias.

A *Declaração dos Direitos do homem,* promulgada pela Constituinte de 1789, orienta-se francamente no sentido das liberdades individuais. É uma limitação dos poderes públicos em nome dos direitos anteriores e preexistentes dos cidadãos. O estudo genealógico das idéias entronca-lhe a origem na influência das declarações de Direitos, *Bills of Rights,* das colônias americanas, e na ação das doutrinas de Locke, visível através dos libelos disseminados em França pouco antes da reunião dos Estados Gerais.

Mas a revolução francesa gerou também Robespierre, Marat, o Dr. Guillotin e o Marquês de la Sade, cujos nomes se associam, em etimologias lúgubres, a instrumentos sanguinários e a depravações sentimentais, a que outros regimes contemporâneos deram uma atualidade inesperada. Para a democracia de Robespierre o ideal é a unificação total do povo pelo emprêgo decisivo da violência. "Todo partido", escrevia êle em 1792, "é funesto à coisa pública, e o interêsse da nação está em sufocá-lo". (*Oeuvres,* t. I, pág. 378.) Dois anos

http://www.obrasraras.com

mais tarde, a 20 de abril de 1794, um decreto proclamava: "A convenção fará triunfar a República democrática e punirá sem compaixão todos os seus inimigos". Compreende-se a estrutura da nova república democrática. Os Jacobinos identificam-se com a nação e com o povo. Os que não afinam pelas suas idéias e programas são "partidos", são "facções", nocivos ao bem público. Cumpre exterminá-los sem piedade. Quando, portanto, LENIN escrevia que "os bolsheviks são os jacobinos da Revolução proletária", aproximava historicamente duas concepções afins da democracia. Então e hoje, idênticos ideais unitários, idênticos processos de realizá-los: lá, preconizados pela burguesia; aqui, pelo proletariado.

— Como acabais de ver, a concepção de um govêrno popular não é simples nem univalente; traz no bôjo uma dualidade constante de sentidos antagonistas. A democracia pode orientar-se para rumos divergentes: para a liberdade e para a ditadura; para o respeito das iniciativas individuais e para a absorção monopolizadora do Estado; para um govêrno de opinião ou para um regime de fôrça; para uma seleção renovada de ótimos, ou para uma opressão de massas irresponsáveis.

Dêste fenômeno constante, a repetir-se tanto no campo das sistematizações de idéias quanto na realidade concreta dos fatos sociais, cumpre investigar a causa mais profunda. A política, senhores, é menos livre do que pensa na escolha dos seus caminhos. O pensamento não renuncia ao seu primado na direção dos acontecimentos humanos. Porque somos homens, trazemos todos, inseparável da nossa própria essência, esta luz intelectual que se acende ao contato da realidade e procura refleti-la, que se projeta em feixes e ilumina os caminhos da ação. Todo ato verdadeiramente humano é filho de uma idéia. E os grandes movimentos sociais são tributários de uma filosofia. São os princípios da inteligência que, no silêncio dos seus gabinetes, elaboram, estruturam, equilibram as grandes construções doutrinárias, que, mais tarde, vulgarizadas pela literatura de largo consumo, suscitam as iniciativas e mobilizam as paixões, os entusiasmos, as energias construtoras da história.

As duas correntes da democracia que ràpidamente analisamos acima, não são criações arbitrárias e caprichosas dos homens ou dos acontecimentos; são traduções políticas de uma opção metafísica. A democracia, que se identifica com o respeito e a garantia da liberdade, nasce, como corolário espontâneo, de uma concepção espiritualista do homem e do universo. A que vai desfechar na ditadura de homens ou de massas, é prole autêntica de uma visão materialista da existência. HOBBES escrevera o *De homine* antes do *De Cive;* ao tratado de política totalitária precedera o de antropologia mecanicista. Os movimentos sociais da revolução francesa foram poderosamente influenciados pela agitação das idéias representadas por HELVETIUS, D'HOLBACH, CABANIS, J. DE LA METTRIE, que atiravam à curiosidade das turbas livros como *L'Homme machine* e outros de igual inspiração. Os modernos "democratas" que lêem pela mesma cartilha não fazem mistério dos seus pressupostos metafísicos. A estruturação sócio-política que preconizam é um fruto amadurecido de uma interpretação exclusivamente materialista da natureza, do homem e da história. MARX não deixou nunca de ser discípulo de FEURBACH.

Aí está, através da diversidade de épocas, de raças e de culturas, a constância da mesma causa a explicar a recorrência dos mesmos efeitos. Das raízes do materialismo germinam, na lógica das idéias como na cronologia dos acontecimentos, os regimes contemptores do direito e opressivos da liberdade.

É inelutável e incoercível o dinamismo da necessidade interna que liga com vínculos indissolúveis. Tôda a concepção da sociedade e da sua estruturação jurídica reflete uma concepção do homem e da sua natureza. Não caducou a sabedoria do velho ARISTÓTELES quando proclamava a impossibilidade de definir o Estado ideal sem antes precisar a vida mais desejável, o ideal da vida. Se o homem não passa de

http://www.obrascatolicas.com

um antropóide mais perfeito, a relação entre indivíduo e sociedade é puramente quantitativa, a de uma unidade para uma multidão, a da abelha para a colmeia, a da térmita para o formigueiro. E neste plano de relações, o bem de muitos prevalece absolutamente sôbre o bem de poucos: os zângãos são inexoràvelmente sacrificados ao enxame. Onde o bem comum se reduz ao bem-estar econômico, à abundância de utilidades que assegurem a conservação e desenvolvimento da vida animal, compreende-se a imolação completa do indivíduo e das suas liberdades. As minorias não podem pleitear contra as maiorias um direito inviolável à existência, o indivíduo não pode opor à pressão e opressão do número um patrimônio de direitos imprescritíveis senão em nome de um destino próprio, pessoal, que constitui a sua razão de ser e é de ordem superior aos bens terrenos da vida social. Mas afirmar em cada homem um destino e uma vocação é reconhecer-lhe a dignidade de pessoa, e nêle sondar a presença do espírito. Espírito, não como palavra rica apenas de sonoridades vazias, mas como realidade ontológica, princípio de ser distinto e superior à matéria. Assim, e só assim, a pessoa humana é uma realidade viva, e a sua dignidade, a mais eminente e respeitável na economia da criação. Assim, e só assim, acima da ordem exterior imposta nas relações humanas pela fôrça, eleva-se uma ordem superior e racional, onde agem pessoas livres e morais, isto é, portadoras da terrível responsabilidade de seus destinos.

Negai o espírito e tereis destruído tôda esta admirável harmonia de valores especìficamente humanos. A moral cederá o lugar à violência, a liberdade não passará da ignorância de nossas servidões e os mais belos ideais de Verdade e de Justiça se verão reduzidos a projeções fantasmagóricas num mundo irreal, reflexo necessário do jôgo das fôrças produtivas.

Inspirada nesta triste filosofia social, a democracia se desvirtuará de todo em todo das altas finalidades do seu surto primordial: sacrificará a dignidade da pessoa ao ani-

nimato das massas, as liberdades ao despotismo das ditaduras.

Outro é o clima espiritual em que respira a verdadeira democracia. Sua condição fundamental de vida é respeito, em cada homem, de uma dignidade própria e inauferível, de um destino único e original que assume ante os seus semelhantes a responsabilidade de seus atos e reclama da organização social que o emoldura a tutela de seus direitos e a garantia de suas liberdades. Reduzi-lo à categoria de peça de um maquinismo, ou de puro meio de realização de uma finalidade terrena, — esplendor de um estado ou domínio de uma raça, hegemonia de uma classe, — é desconhecer-lhe o valor ingênito para rebaixá-lo à instrumentalidade de uma coisa. O instrumento tem apenas um préstimo de utilidade, serve ou não para o conseguimento de um fim; o homem, no destino imortal de seu espírito, é um valor em si. O instrumento usa-se; o homem, respeita-se.

Esta atmosfera, senhores, só a pode criar e manter o espiritualismo cristão. As exigências internas e as correlações lógicas do pensamento, já o vimos, assim o reclamam; mas também os ensinamentos da história assim o proclamam. Só há uma civilização em que a idéia da democracia se tinha desenvolvido e encarnado em estruturas sociais e políticas: a civilização ocidental. Não a queirais determinar por limites geográficos; defini-a por fronteiras culturais. A civilização ocidental é esta admirável criação da história, para a qual contribuíram, em proporções desiguais, Grécia e Roma, Israel e o Cristianismo. Grécia legou-lhe o conhecimento lógico científico, o respeito da razão, capaz de, em cada indivíduo, elevar a percepção da lei geral e por ela nortear-lhe a livre atividade; Roma transmitiu-lhe, com o senso jurídico, uma ordem de direito, protetora, no direito civil, da autonomia do cidadão e, no direito público, da paz social; Israel, a idéia de um Deus pessoal com que o homem entra em relações diretas e a sêde profunda de justiça. Maior e mais profunda é a contribuição da mensagem evangélica. Ao cris-

http://www.obrascatolicas.com

tianismo devemos, antes de tudo, a noção de pessoa, a idéia da dignidade inauferível de cada homem, por mais humildes e miseráveis que sejam as suas aparências externas. Mas ao cristianismo devemos ainda a capacidade assimiladora e unificadora de todos os elementos vivos e dignos de sobrevivência das civilizações anteriores do Mediterrâneo. As contribuições do gênio grego, romano ou israelita não nos chegaram por vias autônomas e paralelas. O cristianismo as absorveu; caldeou-as, fundiu-as na solidariedade de uma grande cultura que passou a informar a vida e as instituições sociais de uma nova era da história. Como bem advertiu A. SIEGFRIED e o confirmam os estudos mais amplos de BELLOC (*The Faith of Europe*) e DAWSON (*The making of Europe*), o cristianismo é "a verdadeira unidade do Ocidente". Foi neste clima de cultura, criada pela pregação da fraternidade humana, que encontrou a democracia as suas condições de vida e florescência.

Entre os benefícios trazidos pela crise contemporânea, não foi dos menores o reconhecimento explícito desta solidariedade profunda entre uma civilização inspirada no Evangelho e os regimes políticos da verdadeira liberdade. Até aos nossos dias, o materialismo não tentara nunca transformar-se numa energia criadora da história. O sistema de HOBBES não orientou a evolução da política inglêsa. A influência dos círculos de CABANIS e D'HOLBACH foi parcial, desarticulada e efêmera. Os nossos tempos modernos quiseram dar ao pensamento materialista um dinamismo revolucionário. "Os filósofos", escreveu MARX em 1845, na última de suas teses sôbre FEUERBACH, "os filósofos não fizeram senão interpretar o mundo de diversas maneiras: o de que se trata, porém, é de reformá-lo". E o materialismo, na variedade dos seus avatares, entrou a plasmar uma nova ordem. Os resultados não se fizeram esperar e por tôda a parte foram substancialmente os mesmos. Onde quer que o homem se descoroou de sua realeza e os valores espirituais se esvaziaram de seu conteúdo real, os regimes políticos enveredaram para

o totalitarismo, a violência da fôrça substituiu a ordem do direito e, sob uma capa de chumbo, cinérea e fria, a velar o infinito do firmamento, feneceram asfixiadas as nossas liberdades mais queridas.

O contraste forçou a uma reflexão profunda: e o mundo cristão tomou consciência mais viva dos fundamentos espirituais de suas instituições sociais e estruturas políticas. Os maiores estadistas dos nossos dias, os grandes pioneiros dos povos livres proclamaram-no sem rebuços: a defesa da democracia é a defesa da civilização cristã ameaçada pelos governos que absorvem totalmente o homem numa finalidade terrena.

A democracia convém conservar a pureza do ideal, que é o segrêdo de sua amabilidade.

A democracia, concebemo-la como um govêrno de povos cultos que, atingida a maioridade, tomou nas mãos a direção dos próprios destinos; queremo-la como uma convivência social impregnada de fraternidade, de benevolência, de respeito mútuo; desejamo-la como uma comunidade de homens livres, que, ao realizar a singularidade de sua nobre vocação, temporal e eterna, assumem ante a sua consciência a responsabilidade dos próprios atos, encontram nos seus semelhantes a cooperação que ampara e multiplica os esforços para o bem, reclamam dos poderes públicos, num ambiente de segurança, a defesa leal e eficiente de todos os seus direitos. Fôra de uma concepção espiritualista e cristã da vida, êsse ideal fôra uma utopia.

Os rumos da democracia poderão variar e divergir; mas só há uma opção para os que prezam a liberdade e a dignidade do homem.

Novembro de 1946.

http://www.obrascatolicas.com

O VOTO E A CONSCIÊNCIA

* Em nenhuma outra ocasião talvez, na história do Brasil, pôs-se ante a consciência católica, com tanta nitidez de linhas, e com tanta gravidade de conseqüências, o exame leal do dever de votar. Um novo código eleitoral parece assegurar ao cidadão brasileiro a liberdade real e a eficiência respeitada do sufrágio popular. A iminência de uma revisão completa da estrutura jurídica e social do país — desde o pacto fundamental em que se estatui a forma de regime e se definem os direitos essenciais do cidadão até os códigos em que se regulam as relações de sua vida familiar, profissional e cívica — adverte-nos da gravidade excepcional do momento, em que nos achamos, de verdadeira encruzilhada, decisiva dos caminhos do nosso futuro. Ante a grandeza histórica destas responsabilidades indeclináveis, qual será a atitude do Brasil católico, isto é, do Brasil na quase totalidade dos seus filhos, do Brasil depositário das tradições gloriosas e profundas que o formaram e vivem embebidas em tôdas as páginas do seu passado e em todos os costumes da sua vida e nas aspirações mais nobres de sua alma cristã; do Brasil que, no tesouro das verdades evangélicas e na eficácia de sua ação regeneradora de consciências, possui êste patrimônio de riquezas inexauríveis e indispensáveis à conservação, à vida e ao progresso dos indivíduos e dos povos?

Com o pêso destas responsabilidades, não podemos, por um lado, encerrar-nos numa inação criminosa, e, por outro,

* Discurso pronunciado a 30 de outubro de 1932, por ocasião da festa do Cristo-Rei, promovida pela Confederação Católica do Rio de Janeiro.

não podemos agir eficazmente senão através dos escolhidos da nação, aos quais será amanhã confiada a missão de reorganizar o Brasil. Eleger os representantes da vontade nacional é votar: e eis o problema das urnas em tôda a sua clareza meridiana, em tôda a sua urgência inadiável.

São, portanto, os católicos de um e de outro sexo obrigados a votar? Sem dúvida nenhuma.

É antes de tudo uma *obrigação legal*. O novo Código, isto é, a lei que rege atualmente o assunto, faz do voto não um simples direito, mas um dever. Todo cidadão brasileiro que preenche as condições estipuladas no Código é obrigado a votar. A lei é justa; e o Estado pode impor aos cidadãos a obrigação de colaborar assim no govêrno e na administração do país. Todo cidadão, fiel cumpridor de seus deveres, já não tem diante de si senão uma das alternativas. E o católico, na exemplaridade do cumprimento de suas obrigações cívicas, não deve ceder a palma a ninguém. Queríeis, porventura, senhores, que, diante de uma obrigação explícita de uma lei justa, a Igreja dissesse aos seus filhos: "Observai, ou não, se quiserdes, as leis de vosso país; é-me indiferente que os cristãos dêem na sociedade o exemplo de bons ou de maus cidadãos"? Não, senhores, a Igreja não tem nem podia ter outra linguagem: votar é hoje para todo o brasileiro uma obrigação legal; católicos, sêde bons brasileiros, ide às urnas: é o vosso dever.

Simples obrigação legal, como há outras que não exigem mais que a materialidade de um ato externo, sem repercussão nos domínios mais profundos da consciência? Não cumpri-la fôra apenas um deslize comparável a uma contravenção a estas medidas policiais que asseguram a boa ordem do trânsito nas ruas de uma capital movimentada?

Não, senhores; a obrigação do voto é um *dever moral;* e, conforme as circunstâncias, pode interessar, mais ou menos gravemente, a consciência. Dever moral que se vos impõe pelo duplo título de cidadão e de católico, de membros da sociedade civil e de filhos da Igreja.

http://www.obrascatolicas.com

Como *membro da sociedade civil,* todo cidadão é obrigado a colaborar para o bem comum e afastar, na medida das suas influências, os males sociais. "A natureza," escreve LEÃO XIII na Encíclica *Libertas,* "ordena aos cidadãos de contribuir com o seu trabalho para a tranqüilidade e a prosperidade pública". Ora, pela ordem natural das coisas, a tranqüilidade e a prosperidade de um povo dependem em grande parte do acêrto na escolha dos seus dirigentes, da sabedoria com que se elaboram as leis e da fidelidade e desinterêsse com que se executam. Contribuir, portanto, na medida das próprias possibilidades, para que o país seja sàbiamente governado, é um dever social. "A fazer da política o melhor uso," dizia ainda há pouco PIO XI num discurso aos católicos da Itália (9 de novembro de 1924), "são obrigados todos os bons cidadãos e de modo especial os católicos, porque a sua profissão de católicos dêles exige que sejam os melhores cidadãos". O título desta obrigação é a virtude da piedade, misto de justiça, de caridade e de gratidão, que nos liga a todos aquêles a quem devemos a vida: a Deus, antes de tudo, Criador e primeiro Princípio de todo o ser; aos pais, de quem Deus se serviu como de instrumentos para nos communicar a existência; à pátria, que no complexo da sua organização social e no exercício eficaz da tutela de todos os direitos, oferece às famílias os grandes quadros que tornam possível a sua vida física, moral e intelectual.

Como filhos da Igreja, somos ainda obrigados a defender os seus direitos, tôdas as vêzes que possam periclitar. A Igreja, Senhores, não faz política no sentido estreito da palavra — política de partido. Afora e acima dos interêsses efêmeros e das combinações contingentes dos grupos e das coligações partidárias, paira a sublimidade de sua missão espiritual. Mas a política, no sentido nobre e elevado da palavra, a direção prudente dos destinos de um povo, pela necessidade inelutável das coisas, cruza muitas vêzes nos seus caminhos com os interêsses religiosos. Quando se legisla sôbre a família, a escola, a organização do trabalho, as leis

podem respeitar os direitos da consciência cristã e podem conculcá-los, podem tornar possível ou impossível a nossa vida religiosa.

Ante essa alternativa eventual, os católicos não podem cruzar os braços na inércia de uma indiferença incompreensível. Hoje, sobretudo no seio das nações modernas, onde se agitam e se organizam correntes extremistas que aspiram apoderar-se da máquina poderosa e eficaz da administração pública para atirá-la como instrumento de destruição dos valores espirituais do cristianismo, a obrigação impõe-se ainda mais nítida, imperiosa e urgente. Ouçamos ainda os ensinamentos de PIO XI: "A ação católica eleva-se e desenvolve-se fora e acima de qualquer partido político; não procura a política de um partido nem deseja ser um partido político... quando, porém, a política toca o altar, então... o Papa, o Clero e o Laicado católico parecem fazer política, mas na realidade só fazem religião... Não fazemos senão religião, não fazemos senão defendê-la tôdas as vêzes que combatemos pela liberdade da Igreja, pela santidade da escola, pela santificação dos dias consagrados a Deus. Nestes e noutros casos semelhantes não se faz política; é a política que entrou no domínio da religião e ameaçou o altar". (DABIN, *Act. cath.,* págs. 62-3.) O título dêste dever é a virtude da religião, a nossa fidelidade infrangível na defesa dos direitos soberanos e imprescritíveis de Deus.

Como brasileiros e como católicos, em nome do amor à pátria e à religião, somos obrigados a exercer os nossos direitos de sufrágio na escolha daqueles dos quais dependerá amanhã a justiça das nossas leis e a honestidade dos nossos governos.

Como, porém, se *concretiza* esta obrigação moral? No duplo dever prático de *votar* e de *votar bem*.

De votar, antes de tudo. O exercício do voto é uma obrigação moral; e a falta contra êste dever é a abstenção criminosa. Encerramo-nos no egoísmo das nossas comodidades e desinteressamo-nos dos bens ou dos desastres que sôbre a

http://www.obrascatolicas.com

pátria e a religião pode acarretar a indolência da nossa inércia. E êste é, Senhores, um pecado de omissão, o pecado pelo qual deixamos de praticar um ato, assumindo tôdas as responsabilidades das conseqüências desta abstenção, que, por vêzes, pode assumir as proporções de uma catástrofe. Vós conheceis a obra da legislatura francesa eleita em 1902: ruptura com o Vaticano, proibição às congregações religiosas de existirem e ensinarem, confiscação dos seus bens, fechamento dos colégios católicos, com o imenso cortejo de males que podeis imaginar, acarretaram estas medidas sôbre os destinos espirituais da França. Pois bem: o Bloco Vencedor de 1902 subiu à Câmara por uma maioria de apenas 200.000 votos num eleitorado em que se contaram 2.396.515 abstenções. Não é necessário remontar ao passado, ainda que de ontem; sob os nossos olhos, nos dois ou três países, em que a intolerância se instalou como forma de regime, onde as leis, proclamadas em nome da liberdade, expulsam sacerdotes, desterram ou fuzilam católicos, proíbem até que os mortos sejam acompanhados à sua última morada com o sinal religioso da nossa Redenção, não se chegou à violência dêstes extremos senão, mediata ou imediatamente, por uma abstenção repreensível dos católicos no cumprimento dos seus deveres políticos.

"Nunca e em nenhum país," escreveu HÉBRARD DE VILLENEUVE resumindo a lição constante da história, "nunca, e em nenhum país, os direitos dos cidadãos se acham seguros se os próprios interessados não consagram tôdas as suas fôrças a defendê-los e para isto não sabem organizar-se". Temos talvez a ingenuidade de esperar que os direitos da consciência cristã serão amanhã respeitados por uma Constituinte onde a maioria fôr de indiferentes e de radicais da esquerda? e temos a simplicidade de crer que os deputados católicos subirão automàticamente ao Parlamento sem os votos do eleitorado católico?

Votar sim e *votar bem;* depois do exercício, o dever de especificação do voto. É de direito natural o princípio que

ao eleitor impõe o escolher para as funções públicas homens competentes e capazes de desempenhá-las com proveito e vantagem do bem comum.

O critério da opção não são os interêsses particulares, não são as amizades ou simpatias pessoais, mas as exigências superiores do bem social e da liberdade religiosa. Entre dois candidatos dos quais um é capaz e honesto, outro indigno; um favorável aos direitos da consciência cristã, outro declaradamente hostil, a escolha já não é livre, a consciência dita como possível a eleição de um só dos concorrentes. Guiar-se por outro critério é colaborar, formal ou materialmente, para todos os desacertos e injustiças e violências que venha talvez causar ao país e à religião aquêle a quem o voto inconsiderado pôs nas mãos o instrumento eficaz do mal fazer.

Às organizações eleitorais compete orientar a opinião; e a docilidade às suas diretivas é uma questão de disciplina que condiciona o resultado.

Obrigação moral de votar e de votar bem: evidente. Qual, porém, perguntar-me-eis, a natureza e a *gravidade dessa obrigação?* Pergunta difícil e delicada, à qual não é possível dar uma resposta única que se aplique igualmente à universalidade dos casos, tão variáveis na contingência de suas circunstâncias. Só um exame sério e consciencioso, só uma análise criteriosa das diferentes situações poderão, em cada caso, aquilatar a gravidade do dever em consciência. A importância dos interêsses em jôgo — uma é a importância da eleição de uma Constituinte, outra a de 1/3 de uma legislatura ordinária, — a eficácia real do voto para assegurar um bem ou afastar um mal, as conseqüências vexatórias que por desventura ameacem o eleitor, constituem alguns dos princípios, cuja aplicação prudente poderá determinar a apreciação da gravidade moral do dever do voto ou da sua omissão.

Esta é, senhores, a doutrina católica, baseada tôda imediatamente, não nas contingências de uma lei positiva, mas

http://www.obrascatolicas.com

nos princípios constantes do direito natural. Com uma unanimidade impressionadora, assim a propõem, nas suas grandes linhas, os grandes moralistas contemporâneos de qualquer nação ou raça. Lerei apenas uma ou outra citação, para que não se pense, como talvez se tem pensado e dito, ser esta uma atitude nova da Igreja Católica no Brasil, inspirada por um oportunismo de mau cunho.

VERMEERSCH: "A caridade e a piedade para com a pátria *obrigam* os cidadãos a exercer os seus direitos políticos na medida do bem comum... Abster-se de votar, quando a um candidato mau se opõe outro honesto e piedoso, não parece, nas circunstâncias atuais, poder regularmente escusar-se de pecado leve". (*Theologia moralis*, t. II, 1924, pág. 110.)

COULET: "Salvo casos excepcionais e por motivos graves, ninguém tem o direito de renunciar a esta parte de influência (assegurada pelo voto), ao menos para não facilitar, com uma abstenção injustificável e por isso culposa, o acesso ao poder de homens incapazes ou mal intencionados, e comprometer assim os interêsses gerais da nação". (*L'Eglise et le problème politique*, pág. 61.)

TH. SLATER: "Nos países de língua inglêsa, o povo tem grande parte na eleição de seus legisladores: êste importante dever importa seja fiel e religiosamente cumprido. Fàcilmente pode existir *uma obrigação moral* de votar quando se trata de impedir a eleição de quem, se escolhido, poderia acarretar graves danos para o país, ou assegurar a eleição do outro cuja escolha constituiria um grande benefício público". (*Manual of Moral Theology*, I, pág. 298.)

NOLDIN: "Cada cidadão é *obrigado* pela justiça legal a exercer o seu direito de voto tôdas as vêzes que êste exercício é necessário ou útil para assegurar uma eleição boa ou impedir outra má... A obrigação de votar, principalmente quando prescrita por lei, será grave ou leve, conforme o bem que se pode assegurar ou o mal que se pode remover da comunidade. Todos concordam em nossos dias que em grande parte o bem da Igreja e da nação depende das eleições; pode haver, portanto, uma *obrigação grave* de tomar parte nelas." (*Summa Theologiæ moralis*, t. II, pág. 431.)

FERRERES: "De regra, os que têm direito de voto *são obrigados* em consciência a tomar parte nas eleições... Esta obrigação pode ser *sub gravi* quando prudentemente se pode recear que a abstenção seja causa de não se eleger um número suficiente de bons cidadãos". (GURY e FERRERES, *Casus conscientiæ*, t. I, 3 Barcinone, 1914, págs. 212, 213.)

GÉNICOT-SALSMANS: "Votar nas eleições é, por via de regra, *obrigação de consciência pròpriamente dita*... Pecam gravemente os que, sem justa causa de impedimento, se abstêm de votar, quando se pode com probabilidade recear que a abstenção seja causa de se não eleger um número suficiente de bons cidadãos e grandes males se possam perpetrar pela facção dos maus". (*Theol. moral*, t. I, Bruxelas, 1927, pág. 285.)

M. BRÜMMER: "Os fiéis devem ser instruídos com diligência e com prudência para que exerçam com acêrto o direito de voto a fim de se não elegerem maus deputados. O desleixo e o temor dos cidadãos que não votam em bons deputados bem se poderia chamar *pecado eleitoral*. E não parece ser de pequena gravidade êste pecado. Se em nossos dias os católicos unidos exercessem o seu direito de voto para a eleição de bons representantes legislativos, não haveria certamente tantas leis injustas. Por isto causa imenso pesar aos adeptos do Indiferentismo e do Liberalismo a diligência dos sacerdotes que advertem os fiéis, exerçam com retidão o seu direito de votar". (*Theologia Moralis*, t. II, 4.ª ed., 1928, pág. 101.)

Assim ensinam os grandes mestres da moral. Assim se pratica nos outros países. Assim votam os católicos na Inglaterra ou na Alemanha, na Bélgica ou na Holanda, na Polônia ou na Áustria, na França ou na Hungria. Saibamos também nós entender com clareza e praticar com lealdade êste grande dever. Já é tempo de pôr têrmo à esterilidade de

http://www.obrascatolicas.com

lamúrias intermináveis sôbre os males do nosso país, os desacertos dos nossos governos, a decadência da nossa política.

Que fizemos nós para saná-los? Que esforços empregamos para dar à nossa pátria a sabedoria das leis e a prudência dos governantes que ela merece? É porventura censurando, na ineficiência de críticas eternas e enclausurando-nos depois da inação do egoísmo que não quer tomar o incômodo de lançar um voto nas urnas, do individualismo que se desinteressa da vida social e dos negócios públicos, — que poderemos esperar uma regeneração profunda e duradoura da política nacional? Se o Brasil, senhores, não é bem governado, é porque não quiseram governá-lo todos os brasileiros. No dia em que se refletirem realmente, na escolha dos governantes, a honestidade do nosso povo e o cristianismo profundo das nossas famílias, o Brasil enveredará seguramente pelo caminho da ordem e da paz, da grandeza e da prosperidade, que todos lhe almejamos de coração. É a ação que regenera as almas, disse, há dias, um grande condutor de povos. Comecemos a agir. Vamos às urnas, compactos e disciplinados. É o nosso dever de brasileiros; é o nosso dever de católicos. E a Igreja e o Brasil esperam que todos os seus filhos saibam cumprir o seu dever.

A LIGA ELEITORAL CATÓLICA

* Estamos numa encruzilhada da história. Momento denso de responsabilidades, porque fecundo de opções decisivas.

O mundo, por entre experiências inéditas e incertezas ameaçadoras, procura os caminhos da justiça e da paz. A geração atual, com tanta capacidade de destruir e tantas possibilidades de construir, a posteridade pedirá contas dos novos rumos que se abrirem nos horizontes do futuro.

O Brasil acha-se inevitàvelmente envolvido na grande tragédia mundial. Participa das suas esperanças e dos seus temores. São profundos os seus anseios por uma estruturação social e política, em que os seus filhos possam viver na abundância, na concórdia e na alegria serena da dignidade humana. Não são de todo destituídos de fundamento os receios de que ideologias aventureiras, atirando-nos à temeridade de experiências dolorosas, comprometam, com a paz social, o patrimônio inviolável de nossas liberdades mais sagradas. A perspectiva das próximas eleições e a de uma reestruturação constitucional da vida política do país dão a estas esperanças e a êstes temores um caráter concreto e iminente que agravam as apreensões e despertam as consciências.

Todo brasileiro sente neste momento o seu quinhão de responsabilidade indeclinável. Aos indivíduos, como aos grupos sociais, que integram a comunidade nacional, incumbe a missão de trazer para o bem comum a sua cola-

* Alocução proferida na Rádio Jornal do Brasil, a 21 de setembro de 1945.

http://www.obrascatolicas.com

boração sincera, as luzes de sua inteligência como a eficiência de sua atividade.

A êste imperativo da consciência cívica e da consciência religiosa deve a Liga Eleitoral Católica a sua existência. No cenário da vida política do país apresenta-se como uma feição tôda sua e com finalidades claras e definidas. Não é uma agremiação partidária. Os partidos políticos organizam os seus programas, em que se consubstancia o seu modo de encarar o bem comum, e aspiram à conquista do poder para realizá-lo. A Liga não tem programa político no sentido integral do têrmo, não apresenta candidatos próprios, nem deseja apoderar-se do govêrno.

Aos católicos, *como cidadãos,* assiste-lhes o direito e, por vêzes, incumbe-lhes o dever de formar partidos de acôrdo com as suas legítimas preferências políticas. Descem assim, organizados, à arena das competições eleitorais mas não envolvem, nos seus programas e nas suas atitudes, a responsabilidade da Igreja ou da jerarquia que com êles não se solidariza.

Aos católicos, porém, *como católicos,* inscritos nas diversas correntes partidárias, compatíveis com as exigências de sua profissão religiosa, a Igreja tem o direito de lhes dizer uma palavra esclarecedora da consciência no cumprimento dos seus deveres cívicos.

Com isto a Igreja não se confunde com a política nem se imiscui na Política. A distinção dos dois poderes, o temporal e o espiritual, é uma doutrina constante do seu ensinamento e uma norma definida de suas atitudes. A página do Evangelho, que encerra, em duas frases, o ensinamento fecundo de Cristo, não se lhe apaga da memória: Dai a Deus o que é de Deus e a César o que é de César. Comentando-a autorizadamente num documento doutrinal da mais alta importância, escreveu Leão XIII: "Deus distribuiu a economia do gênero humano em dois poderes, o eclesiástico e o civil, um incumbido das coisas divinas, outro das humanas. Cada um dêles tem as suas fronteiras definidas pela sua própria natureza".

Mas a distinção dos poderes não rompe nem pode romper a unidade indivisível da pessoa humana: membro da sociedade civil, o homem não se despe da sua consciência religiosa. O destino temporal do cidadão não pode hostilizar o destino eterno do homem. E a incoerência de atitudes nos diferentes cenários de sua atividade, antes de ser uma tentativa impossível de ruptura metafísica, fôra uma indignidade de caráter.

Mais. Pela sua própria natureza mista indestrutível, existem vários setores da atividade humana que se referem simultâneamente ao fim de uma e outra sociedade, a religiosa e a civil, e sôbre os quais, portanto, uma e outra podem legislar. A família funda-se com o casamento, que é sacramento religioso e contrato natural. A educação deve preparar o homem para a cidade terrena e para o seu destino total. O soldado que defende a pátria nos campos de batalha tem o direito de consciência imprescritível à assistência religiosa que lhe assegura a salvação da alma. A justiça que, nas suas diferentes formas, pervade e informa as mais variadas relações sociais, é uma virtude cristã, que interessa a vida das almas, antes de ser o cimento insubstituível que amalgama a estrutura da sociedade.

Quando, portanto, sôbre êstes e outros pontos vitais, a Igreja enuncia a sua doutrina e sôbre ela esclarece a consciência de seus filhos, não invade fronteiras nem usurpa competências: conserva-se fiel à sua missão de transmitir os ensinamentos do Evangelho e a verdade divina que salva os indivíduos e os povos. Não recusa a César o que é de César mas lembra a César o dever de lhe não impedir de dar a Deus o que é de Deus.

Nas atuais circunstâncias é por meio da Liga Eleitoral Católica que a Igreja se desimcumbe da sua missão espiri-

http://www.obrascatolicas.com

tual de orientar a consciência dos fiéis no exercício do dever moral e cívico de votar.

Fiel ao seu múnus pastoral e circunscrita aos limites de sua finalidade, a Igreja presta, ao mesmo tempo, ao Estado e à Sociedade, um imenso serviço.

Desperta e aviva nos seus filhos a consciência dos deveres cívicos, a obrigação de colaborar para o bem comum, as altas responsabilidades implicadas no direito de votar, a gravidade de uma omissão abstencionista, inspirada tantas vêzes pela displicência e pelo egoísmo. E não são êstes os princípios que dão à vida política de um povo a sua grandeza e dignidade? Não é sôbre esta formação moral de cada cidadão que se alicerça a solidez das grandes democracias?

Indicando com clareza e justificando com acêrto as reivindicações da consciência católica nacional, a Igreja oferece ainda aos partidos a oportunidade de ajustarem os seus programas às esperanças e às justas exigências da alma brasileira. Os totalitarismos usurpam o poder do Estado para impor o particularismo estreito de suas ideologias; a verdadeira democracia reflete, na vida política, as tradições profundas e as fôrças vivas da nacionalidade. Auscultando as palpitações do povo e respeitando os direitos de sua consciência cristã, o Govêrno evita os conflitos dolorosos, que dilaceram a alma da nação e abalam o prestígio do poder. De lutas e perseguições religiosas nunca beneficiaram os governos. "A Igreja não é o Estado; o Estado não é a Igreja, mas entre êles há um Bem comum de que ambos são colaboradores" (RENARD).

Para esta colaboração fecunda e benfazeja, a Liga Eleitoral Católica nasceu, vive e trabalha. Ativa-lhe as dedicações e firma-lhe as esperanças a verdade ensinada pelo Divino Mestre e nunca tão atual como na incerteza dos nossos dias: "Buscai antes de tudo o reino de Deus e tudo o mais vos será dado de acréscimo".

CINQÜENTENÁRIO DA RERUM NOVARUM *

Com a presença das mais altas autoridades e a imponência magnífica das grandes solenidades encerra-se nesta hora de profundas emoções o primeiro Congresso de Direito Social em comemorações cinqüentenares da Encíclica Rerum Novarum. Nestes dias de atividade infatigável debateram-se idéias orientadoras e contemplaram-se realizações sociais. Dêste esfôrço intenso, no campo do pensamento e no campo da ação, desprende-se um ensinamento fecundo e consolida-se uma esperança promissora.

Uma lição fecunda, antes de tudo. O tempo é a pedra de toque das idéias. Os sistemas elaborados na abstração dos gabinetes, sem o sôpro da verdade que os vivifique, não resistem ao choque decisivo da realidade. Podem fascinar por um instante as inteligências surpreendidas pelo prestígio do que é novo, desfazem-se, porém, para sempre ante a crítica serena da história e a reação vitoriosa dos fatos. Em muitos pensadores viu a geração de seus contemporâneos uma nova estrêla que, com a fixidez de seu brilho, se engastava para sempre no firmamento das idéias. Para a posteridade, mais objetiva, e mais ensinada pelo tempo, não passaram de um meteoro que sulcou a atmosfera com a rapidez de uma claridade efêmera.

Meio século é já volvido sôbre o grande documento de Leão XIII. No último quartel do século XIX a questão social impunha-se aos homens de pensamento e aos homens de ação com a urgência de um problema que pedia solução inadiável.

* Alocução proferida na Sessão de Encerramento do 1.º Congresso Brasileiro de Direito Social, em comemoração do 50.º aniversário da Rerum Novarum, no Palácio Tiradentes, a 22 de maio de 1940.

http://www.obrascatolicas.com

Entre o liberalismo econômico, que contemplava impotente e inerte a crise desencadeada pela aplicação de seus princípios individualistas, e o socialismo, que planeava uma reconstrução social elevada sôbre a ruína de tôdas as instituições sociais do passado, a encíclica leonina traçava com mão segura as vias de transformação progressiva da vida social para adaptá-la aos novos quadros da civilização moderna, conciliando, numa síntese admirável, as exigências de unidade e da comunidade com as liberdades intangíveis e as aspirações superiores da pessoa humana.

Ainda uma vez, a luz do Evangelho iluminava os roteiros da humanidade. As idéias mestras do grande Pontífice revelaram-se de uma fecundidade inexaurível. E tudo o que neste meio século se tem feito de grande, de duradouro e de realmente construtivo na melhoria das condições sociais, consciente ou inconscientemente aplica os seus princípios ou prolonga as grandes linhas do seu pensamento. A carta internacional do Trabalho e a legislação social dos povos mais civilizados são a prova mais eloqüente e irrefutável dessa verdade.

Lição proveitosa que se desprende desta experiência de dez lustros e que, neste momento e no nosso Brasil, se completa e dilata na solidez de uma grande esperança.

Também nós entramos decidida e animosamente na fase das transformações tendentes a adaptar a nossa estrutura social às exigências indeclináveis da vida moderna. A nossa legislação elabora-se de dia para dia com uma coerência e uma continuidade de esforços que são o penhor mais seguro de sua eficiência. As realizações, não obstante as inúmeras dificuldades opostas naturalmente pelas condições do nosso meio geográfico e cultural, se vão sucedendo, umas às outras, num crescendo consolador. Sem o abalo das convulsões subversivas opera-se o reajustamento do trabalho e do capital, numa atmosfera de paz e de colaboração de classes. O salário tende a elevar-se ao nível que a justiça reclama. O

trabalho da mulher e da criança encontra nas leis a tutela que os defende da exploração do mais forte. A família, protegida na sua estrutura orgânica e nas suas exigências de vida e de desenvolvimento, tende a integrar-se na plenitude de suas funções sociais. Ao lado da ação das leis e das autoridades civis, exerce, em colaboração harmoniosa, a influência espiritual que só atinge as almas e sem a qual a questão social não envereda pelo caminho de uma solução real e profunda. Para restaurar a dignidade do trabalho, cumpre restaurar nas consciências a dignidade do trabalhador. Não poderá haver verdadeira fraternidade humana sem o sentimento vivo da comum paternidade divina.

Regozijamos em sublinhar êstes pontos de contato entre a Encíclica Rerum Novarum e a nossa legislação social. Num momento histórico em que os horizontes do futuro se toldam de nuvens sombrias, em que se cavam ódios tão fundos na família humana e se semeia, em tão larga escala, a destruição e a morte, tudo o que representa esfôrço de solidariedade, apêlo à justiça e ao amor, afirmação de valores espirituais, merece acolhido com aplauso e saudado com entusiasmo. O ódio passa destruindo; a caridade permanece construindo para o tempo e a eternidade.

É êste o significado dêste 1.º Congresso de Direito Social; êste o alcance desta magnífica sessão que com tanto esplendor o encerra. Os que trabalham com a alma assim iluminada por tão altos ideais e o coração aquecido por tão nobres sentimentos colaboram com as fôrças divinas do bem e são os construtores de um futuro melhor.

http://www.obrascatolicas.com

II — Alocuções Universitárias

http://www.obrasraras.com

UNIVERSIDADE CATÓLICA

* O momento que ora vivemos, rico de emoções elevadas e trépido de grandes esperanças, marcará um início luminoso na história da evolução espiritual da nossa pátria.

Não é só o esplendor material das exterioridades deslumbrantes que assinala e reveste, com a pompa de suas cerimônias, a solenidade das datas memoráveis; é também, é principalmente a elevação do ideal que as inspira, é a nobreza dos sentimentos que mobilizam e dignificam as almas nessas horas de vibrações superiores. Os atos humanos não se aferem pela craveira dos estalões quantitativos; o seu valor transcende a esfera das grandezas materiais e só se aprecia em sua justa medida nesta região do espírito, onde os olhos não vêem, as mãos não pesam nem mensuram, e só a inteligência é juiz de imponderáveis de mais alta natureza.

Examinada à luz dêste critério superior, a solenidade de hoje, por além das aparências que nos impressionam a re-

---

* Alocução pronunciada no Rio, a 24 de maio de 1932, no Salão de Belas-Artes, na inauguração do Instituto Católico de Estudos Superiores.

Esquema:

Momento solene,

a) pelos grandes e nobres sentimentos que nêle revelam;

b) pelas grandes esperanças que nos entreabre.

Universidade Católica.

Relações históricas entre a Igreja e a Universidade.

Relações internas.

A Universidade

a) deve abranger a totalidade das disciplinas científicas;

b) deve hierarquizá-las numa unidade harmoniosa.

Só a Universidade Católica preenche cabalmente as exigências do nome, da função de uma Universidade.

Vivat, floreat, crescat.

http://www.obrascatolicas.com

tina, revela-se-nos em tôda a plenitude de sua grandeza espiritual. A realização que ora contemplamos é o fruto de esforços de almas excepcionalmente grandes e generosas. Todos sabemos que monte de dificuldades se elevavam ao projeto de um empreendimento que hoje é realidade.

Um instituto de estudos superiores, nobres e desinteressados, num país em que, até agora, o currículo das academias e universidades se tem cingido à preparação profissional dos estudantes; a raridade de professôres, competentes e abnegados, que, num gesto de dedicação absoluta e de nobre desinterêsse, se abalançassem a todos os riscos e incertezas inerentes a uma iniciativa de todo original em nosso meio; a triste dependência entre o espiritual e o material que, muitas vêzes, condiciona o êxito das instituições que servem às conquistas da inteligência pela solidez dos seus fundamentos financeiros; as resistências passivas da inércia, que tendem a imobilizar, na rotina paralisadora, o surto de qualquer novidade progressiva — seriam obstáculos capazes de arrefecer os entusiasmos que se não aquecessem no foco mais ardente de energias espirituais e cristãs. Há, pois, nesta criação que hoje inaugura vencedoramente a novidade de sua existência, uma demonstração magnífica da superioridade dos valores do espírito; uma afirmação triunfal de vida e de vontade de viver, uma confiança invencível nos futuros destinos do Brasil, uma vitória do otimismo sadio e fecundo sôbre os desalentos estéreis de um pessimismo sem coragem e sem esperanças; mais, há aqui um apêlo confiante às promessas e às generosidades fiéis da Providência; uma dedicação, feita de inteligência e de sacrifício, à causa divina de Cristo Nosso Senhor e da sua Igreja, que é a causa das almas e a causa da civilização; uma expressão superior dêste zêlo esclarecido, que é caridade radiante a expandir-se espontâneamente nas conquistas de um apostolado de largo descortino.

Vivemos, pois, um momento de singular elevação na nossa existência. É a beleza dêste espetáculo confortador de sentimentos generosos, de energias vivas, de vibrações puras

que no-lo exaltam e tornam querido aos nossos corações. Mas é também a solenizá-lo, ao lado destas consolações presentes, a grandeza das perspectivas que se entreabrem no horizonte das nossas esperanças. O Presidente do Centro D. Vital, alma de todo êste movimento, terminou as suas palavras saudando no instituto que hoje se inaugura o germe modesto mas fecundo de uma futura Universidade Católica no Brasil. É através desta perspectiva luminosa, entrevendo, nos longes do amanhã, a realização magnífica das esperanças e dos desejos de hoje, que a presente solenidade toma tôda a amplitude de suas verdadeiras proporções.

Universidade Católica! Como se casam bem as duas palavras! A Universidade, esta pátria da ciência, esta depositária das mais elevadas tradições intelectuais de um povo, esta afirmação mais alta da cultura de uma nacionalidade, foi a Igreja Católica quem a criou. Criou-a, porque por sua iniciativa se associaram professôres e alunos de tôdas as disciplinas do saber, na unidade de uma grande organização que fôsse a *Alma Mater* de uma dinastia ininterrupta de sábios e o instrumento incansável de progresso da ciência. Criou-a ainda porque, uma vez ideada e executada a instituição, disseminou-a a mãos largas por todo o território da velha cristandade medieval. Ide às mais célebres universidades de que se gloria a história e ainda hoje se ufana a cultura européia, a Paris e a Viena, a Oxford e Cambridge, a Lovaina, a Roma, Bolonha e Pádua, a Alcalá, Salamanca e Coimbra, pedi os vetustos pergaminhos que encerram a sua genealogia e os seus títulos nobiliárquicos, chegai-lhes à primeira página, que remontará talvez ao século XII, XIII, XIV, ou XV, e encontrareis o ato do seu nascimento firmado pelo nome augusto de um Papa.

Universidade Católica! Dois têrmos, de fato, para sempre associados pela verdade da história. Melhor ainda, indissolùvelmente unidos pelos vínculos de afinidades internas, indestrutíveis. Poderá parecer-vos paradoxal a afirmação, mas, para além das aparências, encerra, de direito, uma verdade

http://www.obrascatolicas.com

incontestável: a universidade, de sua natureza, para não mentir às promessas de seu nome e às exigências de sua função, deve ser católica; e as universidades que cessaram de ser católicas viram-se, na mesma proporção, diminuídas como universidades.

Studium universale foi o nome de origem dêstes grandes focos do saber, e o eram de fato, porque abraçavam, na sua compreensão real, a integridade dos domínios científicos. Tudo o que constituía um aspecto da realidade, tudo o que se havia organizado em disciplina intelectual a oferecer uma visão do universo, entrava espontâneamente na amplitude do seu programa. Estudava-se Deus, estudava-se o homem, estudava-se o mundo. Desde as indagações minuciosas dos fenômenos mais insignificantes até as especulações sublimes sôbre a vida íntima do Infinito e suas relações com o homem, tudo o que a nossa razão podia sondar no oceano infinito da verdade e organizar-se em disciplina racional tinha naturalmente foros adquiridos de cidadania na Pátria hospitaleira da ciência, que não conhecia restrições arbitrárias, nem mutilações deformadoras. Disciplinas cosmológicas, disciplinas antropológicas, disciplinas teológicas, coexistiam em paz e desenvolviam-se em harmonia, sem a injustiça de excomunhões recíprocas nem a tirania de ostracismos violentos. As grandes universidades da velha Europa, sobretudo as da Europa Central e da Inglaterra, conservam-se ainda parcialmente fiéis à nobreza destas grandes tradições de verdadeira universalidade. Nos grandes centros de estudos da Alemanha, ao lado das faculdades de ciências positivas e matemáticas, multiplicadas segundo as exigências do progresso moderno e as necessidades da divisão do trabalho intelectual, ao lado das faculdades jurídicas, sociais, históricas e literárias, encontrareis ainda num plano mais elevado as faculdades filosóficas e, nos cimos mais altos, como remate de todo o edifício científico, as faculdades superiores de teologia. A própria ruptura religiosa do século XVI, que cindiu dolorosamente a população em duas grandes famílias

espirituais diversas, não descoroou as universidades alemãs da cúpula natural das ciências divinas. Católicas nas regiões de quase totalidade católica, protestantes nos estados que aderiram em pêso à Reforma; católicas e protestantes, coexistentes nos centros de população mista, as faculdades teológicas continuaram a sua existência multissecular num país que marcha incontestàvelmente na vanguarda do movimento intelectual. E quando, após a grande guerra, caiu a dinastia dos Hohenzollern, arrastando na sua queda o predomínio de uma velha aristocracia, que, formada nos tempos de Bismarck, constituía o baluarte de um protestantismo intolerante e opressor, um dos primeiros cuidados do Reich, reconstituído em fundamentos mais democráticos, foi fundar no coração intelectual da Alemanha, na Universidade de Berlim, onde só existia uma faculdade de teologia protestante, uma nova cátedra de *katholische Weltanschaung*, de que é titular um dos pensadores e escritores mais brilhantes da Alemanha contemporânea, cujo nome pronunciamos desembaraçadamente na sua bela sonoridade latina: Romano Guardini.

Nós, desventuradamente, rompemos com a venerabilidade destas magníficas tradições. Os jovens que passam pelos nossos centros superiores de cultura ignoram que há uma ciência das coisas divinas, a mais bela e a mais importante das ciências; ignoram que o fato religioso, o mais universal e o mais profundo na história da família humana, pode e deve ser e é objeto de um estudo especializado que não só o analise nas suas aparências sensíveis, nas suas manifestações fenomenais acessíveis aos métodos de observação e experimentação, mas desça até à medula do seu conteúdo racional e lhe analise a natureza e a essência. Juízos de existência, juízos de valor acêrca da religião, a maior realidade na história e na vida do homem — que imenso campo aberto ante os horizontes da ciência e da razão!

Nossas universidades, nascidas ou reorganizadas quase tôdas sob o signo funesto do laicismo, desconheceram as exi-

http://www.obrascatolicas.com

gências da realidade total, mutilaram a integridade dos conhecimentos humanos, riscaram, na formação da juventude, tôdas as disciplinas que lhes podiam traçar um rumo à existência e dizer uma palavra autorizada sôbre o valor da vida, numa palavra, diminuíram-se como universidade na mesma proporção em que se laicizaram, divorciando-se do catolicismo.

Demos um passo adiante. Os vínculos internos que ligam o catolicismo à universidade, são ainda mais profundos. A Universidade não é ainda universidade nem menos ainda católica com a simples justaposição da totalidade das disciplinas científicas. É mais alto o conceito que formamos de uma *Alma Mater;* são mais complexas as exigências de sua organização para responder à excelência e amplitude de suas funções na vida, na cultura e na civilização de um povo.

A totalidade das ciências justapostas forma uma multidão; não constitui um organismo. A multidão desorganizada é a anarquia; o organismo não é princípio de ordem, de vida, de atividade senão pela jerarquia essencial que lhe subordina as funções parciais à finalidade do todo. Neste grande império da verdade e da ciência — que é e deve ser um grande centro de estudos superiores — achamo-nos diante dêste dilema inevitável: anarquia ou jerarquia. A realidade é um todo heterogêneo mas harmônico; o universo é cosmos, não é caos; a totalidade da ciência — que deve espelhar dòcilmente a totalidade do real — não pode ser anarquia, reflexo do caos, mas jerarquia, expressão do cosmos.

E aqui encontramos o vício fundamental da cultura moderna: a dispersão desarticulada. Cada disciplina encerrou-se no isolamento do seu objeto limitado por uma abstração, desenvolveu-se no seu domínio com onímoda independência, e esqueceu as coordenações e subordinações reais e jerárquicas que a prendiam ao conjunto das outras disciplinas, e não raro, numa tentada usurpação de hegemonia,

pretendeu, com os elementos exclusivos de sua competência, dar uma interpretação total da Realidade. Assim é que sucessivamente a mecânica, a biologia, a economia política, a sociologia, se transformaram em mecanicismo, biologismo, economismo e sociologismo, isto é, em sistemas filosóficos com pretensões a explicação dos enigmas todos do Universo e do Homem. Unilateralismo todo em detrimento da verdade; princípios exatos nas fronteiras de uma especialidade foram indevidamente arvorados a reger e explicar a realidade inteira. Rompeu-se a harmonia e com ela a subordinação essencial do conhecimento à totalidade do seu objeto. Em vez de um império legítimo das ciências mais elevadas, um imperialismo invasor de cada ciência indisciplinada fora dos seus domínios.

Esta unidade jerárquica, necessária à organização universitária para corresponder às exigências da verdade total, não o é menos — e por isso mesmo, para o desempenho de sua elevada missão civilizadora. Quando as inteligências desgarram, a vida desorganiza-se e as almas sofrem. Do rompimento do equilíbrio na cultura, a dilaceração profunda das almas em face dos grandes problemas da vida. O homem contemporâneo sofre dividido em si mesmo. A Universidade que o instruiu — e parcialmente — não o educou. As grandes ciências que lhe poderiam fundamentar os seus juízos de valor sôbre a vida e a sua finalidade, não as conhece. As ciências profanas e positivas estudaram-se amplamente. Os conhecimentos religiosos mirraram atrofiados. Cultura analítica; deficiência de síntese organizadora e orientadora. Crise de fé, crise de inteligências, crise de almas. A Universidade leiga e positivista não prepara para as realidades trágicas da existência.

Não era, pois, um paradoxo, senhores, o que vos dizia há pouco; só a Universidade Católica responde à plenitude do nome e à amplitude das funções. Só ela é totalidade e unidade; nenhum exclusivismo mutilador de disciplinas científicas; nenhuma desagregação de partes que rompem

http://www.obrascatolicas.com

com a harmonia geral. Universalidade, síntese orgânica; saber que enriquece e pacifica as inteligências; saber que orienta e eleva a atividade às eminências reais do ideal humano. Eis o que de novo traz uma universidade católica em contraste com a cultura dispersiva, desarticulada, fragmentária, caótica, que do mundo dos conhecimentos abstratos passou para a região das realidades concretas, e, depois de desorganizar as idéias, subverteu a ordem da nossa vida contemporânea. Queremos uma universidade capaz de totalizar e jerarquizar o saber; de fundir, numa unidade orgânica, o pensamento e a vida; depositária fiel de todo o patrimônio intelectual que constitui uma das maiores riquezas de um povo; orientadora segura nas dificuldades cada vez mais complexas do progresso da civilização cristã.

É esta grande realidade que há de ser, nas possibilidades de um futuro bem próximo, que saudamos neste Instituto Superior de Estudos Católicos, hoje inaugurado sob a égide de tão altos auspícios divinos e humanos. Ante êste germe fecundo, depositário de tantas esperanças, resumimos em três palavras a sinceridade dos nossos votos e o ardor dos nossos desejos: *Vivat, floreat, crescat*.

Vivat; viva desta vida fecunda, mas trabalhosa e sacrificada, que caracteriza as obras de Deus; contra tantas fôrças de dissolução e de morte que impregnam a nossa atmosfera intelectual e social, envenenando mortalmente as inteligências e as multidões com o êrro e a dúvida, afirmando a vitalidade perene da verdade que regenera, eleva e liberta as almas.

Floreat; floresça, como florescem na primavera as grandes árvores, cuja exuberância de seiva aspira solidificar-se nos frutos do outono. Flores e frutos são os trabalhos sérios de investigação científica que irão enriquecer o tesouro dos nossos conhecimentos. Que a Providência abençoe a fecundidade do nosso Instituto com a formosura destas flores e a opulência dêstes frutos. Flores e frutos de um instituto de cultura superior é a formação de inteligências de escol que

irão iluminar e aquecer, continuando a missão que aos seus discípulos confiou o Senhor: *vos estis lux mundi*.

Crescat; vão mais longe os nossos votos: cresça e cresça bem depressa o em tão boa hora recém-nascido Instituto. Que às cátedras se vão acrescentando as cátedras; que os institutos se vão organizando ao lado dos institutos; que as faculdades se vão formando, uma após outras, até vermos em breve, na plenitude de sua estrutura e do seu funcionamento, o inteiro organismo da primeira Universidade Católica Brasileira.

"Para salvar o catolicismo num país", escreve Toniolo, o grande sociólogo italiano a quem Deus concedeu a consolação de ver pouco antes de sua morte realizado na Itália o grande sonho de sua vida, "para salvar o catolicismo num país é necessária a liberdade de ensino, e o órgão primeiro e essencial do ensino é a Universidade". Preservar o catolicismo no Brasil não é tanto prestar um serviço ao catolicismo quanto salvar o Brasil. Precisamos de uma Universidade.

Ela será, em nosso país, o expoente mais legítimo de tôdas as tradições espirituais que formaram a alma da nossa nacionalidade.

Será, num século que tão justamente preza a autoridade da ciência, a apologia mais viva e a demonstração mais irrefutável da harmonia perene da razão e da fé.

Será ainda, num campo mais alto, uma forma superior de culto, o culto a que tem mais direito o Senhor, o culto das nossas inteligências, que, num esfôrço infatigável de magníficas ascensões, aspiram a elevar a Deus cada vez mais pura de erros e mais rica de verdades a homenagem de suas adorações.

No dia faustoso em que estas aspirações forem realidade, se verá como o momento que ora vivemos, rico de emoções elevadas e trépido de grandes esperanças, marcou um início luminoso na vida espiritual da nossa pátria: *Vivat, floreat, crescat*.

http://www.obrasraras.com

ALOCUÇÃO NO RÁDIO NA "HORA DAS FACULDADES CATÓLICAS"

Inaugura-se hoje, neste instante, a meia hora da Universidade Católica, que ilumina o sonho de nossas esperanças.

Num momento em que as nações e os continentes se entrechocam numa conflagração inaudita de ódios destruidores e fratricidas, venho falar-vos de uma obra voltada tôda para as construções pacíficas e pacificadoras da ciência iluminada pela fé e pela caridade.

Numa fase da história pátria em que os brasileiros se dividem e se mobilizam em partidos antagônicos para a reconstituição jurídica do país, venho entreter-vos de um empreendimento, em que, esquecidos de suas divergências políticas, poderão todos colaborar na paz, na união, na harmonia de uma fraternidade sem discórdias.

Na oposição dêstes contrastes está o segrêdo da nossa atualidade viva.

Uma Universidade é, antes de tudo, uma instituição de alta cultura; a expressão mais alta da inteligência de um povo; o órgão que, de geração a geração, transmite, com o patrimônio da ciência universal, o tesouro próprio e incomunicável de sua história, de sua literatura, de sua arte. Na austeridade do seu recinto forma-se o escol da nacionalidade, que amanhã responderá pelos seus destinos. Homens de ciência e homens de ação, responsáveis pela orientação do Govêrno ou pelo exercício das profissões liberais, todos os que vincam profundamente na história de um povo, vão buscar, na formação superior do espírito, a competência que os eleve à grandeza de sua missão.

Dentro de poucos dias, esperamos, soará a hora final da guerra. Com ela, encerra-se o período de destruição e de morte. Desponta a Alvorada da paz; alvorada de reconstrução fecunda; reinício da marcha para a conquista dos nossos destinos no convívio das nações restituídas à normalidade de suas relações amigas. Para êste futuro que será amanhã, de que mais precisa o Brasil? De homens, de homens bem formados à altura de suas grandes responsabilidades, de homens que assimilem as riquezas da cultura para orientar o nosso progresso com segurança e autonomia.

E onde se formarão êstes guias da nacionalidade, construtores do nosso porvir? Onde senão nos nossos centros superiores de ensino? Universidades e boas universidades é o que reclama o Brasil neste momento. Multiplicar pelo país estas sementeiras de homens superiores, êstes focos de irradiação intelectual é obra de previdência lúcida e de patriotismo sadio.

E o Brasil trabalha agora para a fundação de uma universidade e de uma universidade católica. Êste adjetivo desperta ressonâncias profundas e altamente expressivas.

Quem diz católica de uma universidade quer significar uma instituição de ensino superior completa, onde instrução e educação se harmonizem em aliança indissolúvel, onde, ao lado da formação científica mais aprimorada, não merecem menos cuidado a têmpera do caráter e a elevação da grandeza moral. Inteligências sòlidamente esclarecidas, vontades inflexìvelmente retas.

Quem diz católica de uma universidade significa ainda uma grande fôrça intelectual que se norteia pelo ideal imperecível do Evangelho. Não podemos esquecer impunemente o cristianismo, fonte perene de paz para a inquietude das almas, par de asas indispensável para o verdadeiro progresso dos povos. Aprendamos a lição trágica da história contemporânea na construção de um futuro melhor para a humanidade.

http://www.obrascatolicas.com

Quem diz, no Brasil, Universidade Católica diz outrossim universidade essencialmente brasileira, continuadora das influências espirituais que plasmaram a nossa nacionalidade, intérprete autêntica das nossas mais genuínas tradições.

E até agora não tínhamos uma Universidade Católica! Já a possuem, na América latina, o Chile, o Peru, a Colômbia! Mais de 25 já se contam nos Estados-Unidos! Urge ganhar o tempo perdido! Urge imediatamente levar a têrmo a grande idéia no momento mais oportuno, transformá-la completamente numa realidade grandiosa e fecunda.

Ontem nada havia feito; hoje somos uma Faculdade de Filosofia, uma Faculdade de Direito, uma Escola de Serviço Social, oficialmente reconhecidas as duas primeiras e em pleno funcionamento de tôdas as suas séries. Amanhã deveremos ser uma Universidade integral, com tôdas as suas faculdades, com a magnificência de instalações — edifícios, bibliotecas, laboratórios e museus — ao nível da grandeza dos nossos ideais.

É tarefa grandiosa que excede as fôrças de um homem, mas digna da magnitude de uma nação. E é ao Brasil que entregamos hoje os destinos da sua Universidade Católica. Está em boas mãos. Quem confiou na generosidade dos brasileiros não passou nunca pela amargura das decepções. A esperança de hoje será a realidade de amanhã.

Serão 30 minutos dedicados à cultura e à amizade. Nêles ouvireis, periòdicamente, aos primeiros e terceiros domingos de cada mês, às 20 horas, uma breve palestra sôbre os mais variados temas que interessam a inteligência contemporânea.

Dêles fará parte integrante um programa lítero-musical a cargo de artistas escolhidos.

Entre os minutos dedicados à inteligência e à emoção estética falará também a amizade do coração, transmitindo notícias sôbre a vida e os progressos de nossa instituição que possam interessar os amigos distantes e estreitar os vínculos entre quantos colaboram na grande tarefa comum.

ALOCUÇÃO

pronunciada na solenidade em que foi erigida canônicamente a Universidade Católica do Rio de Janeiro

Na majestade dêste recinto e na solenidade austera dêste momento vibra-nos a alma de gratidão e de esperanças.

Com a sua ereção canônica e a concessão do título de *Pontifícia,* a Universidade Católica do Rio de Janeiro atinge a plenitude jurídica do seu crescimento orgânico e vê definitivamente consagrada a grandeza de sua vocação espiritual.

O ato da Santa Sé que, por um decreto, erige a nossa Universidade, associando-a, irmã mais nova, às universidades católicas disseminadas pelo mundo, como ontem outro decreto do nosso Govêrno a colocava entre as outras universidades brasileiras, vem pôr a coroa a um longo trabalho de desenvolvimento estrutural. O esfôrço da nossa jerarquia, personificada ontem na figura saudosa de D. LEME, que atuou ousadamente o ideal no caminho das realidades, hoje na púrpura apostólica de D. JAIME, sôbre a qual esplenderá doravante a dignidade de Grão-Chanceler; a dedicação acrisolada e nunca desmentida do nosso corpo docente — mais de uma centena de catedráticos — que, dia a dia, ilustram e consolidam a nova instituição com o brilho de suas inteligências, a dedicação de seu trabalho e a dignidade de seu exemplo; a atividade vibrante da juventude estudiosa, que empresta à nossa vida quotidiana, com a alegria de sua exuberância primaveril, a consciência de suas responsabilidades futuras, todos êstes trabalhos e esforços de quantos aqui labutam sentem-se hoje amplamente recompensados. E das

http://www.obrascatolicas.com

almas em festa desabrocha a gratidão com a espontaneidade dos sentimentos nobres em almas bem nascidas. Os corações exultam e refletem, interiormente, a opulência tropical da natureza nesta cidade que o decreto pontifício chama poèticamente "alegre sorriso dos céus": *Laeta coelo arridens Fluminis Januaris urbs*.

Recompensa consoladora de trabalhos e esforços, mas ainda consagração definitiva de uma vocação espiritual. O título de pontifícia de que doravante se poderá exornar a nossa Universidade ratifica e autentica o de católica que a designou desde o berço. E êste título não soa apenas como um qualificativo superficial, mas representa uma opção programática de cultura.

Pela sua significação etimológica, como pelo seu destino profundo, a cultura católica é universal, universal porque visa, no mundo, a totalidade dos homens e, em cada homem, a sua humanidade total.

Mais do que em nenhuma outra época da história, a família humana experimenta, nos nossos dias, a unidade da sua natureza, a universalidade dos seus problemas e a solidariedade dos seus destinos. A doutrina católica lhe oferece a explicação derradeira desta realidade e lhe proporciona as possibilidades de atuar-lhe a grandes aspirações latentes. Respeitando a variedade das raças e a originalidade das civilizações, só ela é capaz de transformar em fôrça viva de realização histórica o ideal da fraternidade humana.

Mas o Catolicismo é também humanização integral. As almas sofrem de rupturas interiores e as civilizações desagregam-se por defeitos de articulação dos seus elementos essenciais. Os últimos séculos levaram a têrmo uma obra nefasta de divisões e rompimentos. Rompimentos entre as ciências positivas e a filosofia, entre as ciências econômico-sociais e a moral, entre a vida profana e a consciência religiosa. Colhemos hoje as tempestades que êstes ventos semearam.

A cultura católica processa-se sob o signo da unidade e da síntese. Uma concepção integral da vida permite desenvolver a harmonia da sua organicidade. Um destino digno da nossa natureza fundamenta uma ordem e uma jerarquia de valores humanos. Pela vitalidade própria do seu dinamismo uma universidade católica é um feixe de fôrças construtivas. Sua missão é realizar a síntese orgânica do saber, orquestrar a estruturação inteligente e justa dos elementos da vida social, esclarecer os fundamentos constantes da solidariedade e da paz na convivência dos povos. Sua aspiração suprema: consolidar o amor difundindo a verdade.

Eis a alta significação desta hora solene.

Ao Exmo. Sr. Núncio Apostólico pedimos respeitosamente queira transmitir a Sua Santidade os sentimentos que nos animam e animarão agora e sempre. Pela alta distinção que nos foi outorgada, a nossa gratidão comovida.

Pela grandeza da missão que nos acaba de ser confiada e ratificada, a promessa de um esfôrço leal e constante para não ficarmos abaixo de nossas responsabilidades.

http://www.obrasraras.com

ALOCUÇÃO

proferida no Palácio do Catete, no ato da assinatura da autorização prévia de funcionamento da Escola Politécnica da Universidade Católica

Sr. Presidente,

O ato, simples e solene, que se acaba de realizar sob os nossos olhos, enche-nos a alma de gratidão e de esperanças. Êle assinala o primeiro momento na existência legal da Escola Politécnica da Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Ela nasceu de uma percepção viva das necessidades culturais e das exigências técnicas do país. Na capital da nação, onde existem quatro Faculdades de Medicina, quatro de Direito e cinco de Filosofia, havia apenas uma Escola de Engenharia, com uma capacidade reduzida de matrículas, num momento histórico em que o progresso econômico e o desenvolvimento da produção reclamam um número crescente de técnicos bem formados em todos os domínios da atividade industrial.

Ela nasceu do espírito de iniciativa e de dedicação ao bem comum desta coroa de professôres que cercam a pessoa de V. Ex.ª. Não me está bem elogiá-los aqui, mas não poderei calar o que, no Conselho Nacional de Educação, ao estudar o corpo docente da nova Escola que pleiteava autorização para funcionar, escreveu e disse o relator do processo: "O corpo de professôres é magnífico". Magnífico, Sr. Presidente, pelo saber profissional, pela experiência pedagógica, pelos títulos de benemerência já conquistados em serviços ao país,

pelo devotamento à causa da cultura e à formação da nossa juventude.

A êste empreendimento inspirado por tão nobres motivos, vós acabais de dar, Sr. Presidente, com a vossa assinatura, o penhor de vossa aprovação e o estímulo de vosso aplauso. O vosso gesto é de grande alcance. Homem de Estado não é só aquêle que estrutura os órgãos do mecanismo oficial e os adapta à variedade sempre crescente de suas múltiplas funções. Estadista é também, é-o de modo particularmente compreensivo, aquêle que sabe acordar, incentivar, desenvolver e incrementar a atividade criadora das iniciativas particulares, individuais ou associadas. Onde os homens de govêrno compreendem assim a amplitude de suas responsabilidades e a grandeza de sua missão, germinam e crescem os empreendimentos fecundos que enriquecem uma sociedade com a multiplicidade e variedade de seus valores culturais. Progride assim, num ambiente de paz, de segurança e de liberdade, a civilização de um povo, cada vez mais opulenta de bens materiais e espirituais, oferecidos a cada um de seus filhos para o desenvolvimento de suas virtualidades humanas e o enriquecimento de sua personalidade.

A Universidade Católica, Sr. Presidente, é uma destas iniciativas livres, que prendem suas raízes nas tradições espirituais mais fundas da história da nacionalidade. Fundada há sete anos, ela vem se esforçando com lealdade, honestidade e constância por dotar o país de um grande centro de cultura superior onde a família brasileira encontre para os seus filhos não só um foco de irradiação científica da mais alta intensidade senão também uma atmosfera de elevação moral onde se possam temperar os caracteres na prática do bem e no exercício das virtudes que aprimoram o cidadão e dignificam o homem.

Na realização dêste programa de elevação cultural, folgamos em confessá-lo sem reservas, a nova instituição tem encontrado por parte dos poderes públicos o esperado apoio e a colaboração eficiente. A Diretoria do Ensino Superior se

http://www.obrasraras.com

tem desvelado leal e eficazmente no cumprimento de sua missão orientadora. Nos titulares da pasta de Educação só temos encontrado palavras de animação e gestos de confôrto. O Chefe da Nação tem sido sempre para a Universidade um amigo e protetor.

Bem sentimos quanto hoje, com a fundação de uma Escola Politécnica, aumentam as nossas responsabilidades. Mas não nos assusta o trabalho empenhado em prol das boas causas. Esperamos firmemente que a compreensão, o apoio, o amparo de quantos velam pelo bem da nação nos auxiliem neste grande empreendimento a que V. Ex.ª acaba de ligar tão nobremente o seu nome, de dotar o país de um centro superior de estudos científicos e técnicos à altura de suas exigências atuais e de sua grandeza futura. Para nós não queremos outra recompensa senão a consciência de haver bem servido ao Brasil.

ALOCUÇAO

proferida no Palácio Itamarati, quando da instalação do Instituto Católico de Direito Comparado

Bem está que na dignidade austera dêste recinto se instale solenemente o primeiro Instituto de Direito Comparado do Brasil. Na história da nossa pátria, o Itamarati não só encarna a vigilância na defesa da unidade, da integridade e da soberania da nossa pátria, mas é ainda o elo de união que mantém e estreita a amizade do Brasil com a família dos povos, entre os quais aspira viver em paz e com dignidade. A esta grande causa da solidariedade e da aproximação internacional deseja também servir a nova instituição que hoje começa a viver. Conhecer o direito de outros povos é habilitar-se a compreender-lhes melhor a história e a vida das suas instituições e todo progresso na mútua compreensão é passo adiante no estreitamento das boas relações.

Comparar as normas jurídicas que regem instituições semelhantes entre nações diferentes é preparar o caminho a uma unificação progressiva do direito privado, destinada por sua natureza a remover obstáculos à sua aproximação crescente.

O catolicismo, pela vocação do seu nome evocador de universalidade, como pela eficácia de sua doutrina, geradora e justificadora de fraternidade humana, tem, neste campo imenso das relações entre os povos, benemerências singulares no passado e vocação indeclinável no futuro.

http://www.obrascatolicas.com

Bem está, pois, que na primeira Universidade Católica do Brasil houvesse nascido a idéia da fundação de um Instituto de Direito Comparado.

Bem está que no Palácio do Itamarati se realize a sua inauguração solene.

Só me resta agradecer muito penhorado a fidalguia e gentileza do Chefe desta Casa, que permitiu se fundisse a consonância destas finalidades na harmonia dêste momento:

A Sua Excelência o Sr. Ministro das Relações Exteriores, Dr. Raul Fernandes, a sinceridade dos nossos agradecimentos.

ALOCUÇÃO

proferida, a 13 de setembro de 1946, na 1.ª Assembléia Universitária da Universidade Católica, em que se conferiu o título de "Doctor Scientiae et Honoris Causa" ao Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa

Eminência,

Ontem assistíeis, como paraninfo, à primeira instalação da Universidade Católica de São Paulo. Hoje, nos dais a honra de presidir a esta solene assembléia, em que a Universidade Católica do Rio de Janeiro deseja tributar-vos a mais alta e merecida das homenagens.

Não vos podemos falar em nome de uma longa tradição histórica. As grandes instituições vencedoras do tempo ufanam-se de um longo passado de benemerências e de glórias. Nós somos de ontem. Não chega ainda a numerar em dias a Universidade Católica de São Paulo, não floriu ainda em anos a Universidade Católica do Rio de Janeiro, o que em séculos bem vividos conta a vossa querida Universidade de Coimbra.

Podemos, porém, falar-vos em nome de uma mesma tradição cultural. O pensamento que inspirou no século XX o desabrochar destas jovens universidades brasileiras foi o mesmo que no século XIII acendeu no firmamento da Europa estas numerosas constelações universitárias, de que Lisboa-Coimbra foi um dos astros mais cintilantes. O amor que o cristianismo sempre consagrou à inteligência, *intellectum valde ama* (St.º Agostinho); o zêlo de esparzir,

http://www.obrascatolicas.com

com mãos largas, os bens da ciência e da sabedoria — *quod sine fictione didici et sine invidia communico;* a consciência viva de sua responsabilidade ante as exigências das civilizações que se transformam: *vos estis lux mundi.*

Se estas afinidades profundas explicam parcialmente a aproximação entre os grandes centros de cultura de inspiração cristã, outras há mais vivas, mais concretas, mais pessoais, que atraíram poderosamente quantos aqui nos achamos reunidos.

No esplendor da vossa púrpura, Eminência, fulgem tantos e tão elevados merecimentos que fôra temeridade querer salientá-los todos em seu devido relêvo. Um há, porém, que, para nós, nestas circunstâncias, nos atrai com singular encanto. Sois um universitário. Vossa juventude a passastes tôda nos claustros austeros da velha Coimbra, estudante sucessivamente de três Faculdades, a de Teologia, a de Direito e a de Letras, onde ouvistes as lições de Ribeiro de Vasconcelos e Carolina Michaelis e vos doutorastes em 1918 na seção de Ciências Históricas e Geográficas com a mais alta classificação — 20 valores.

Do banco dos discípulos passastes em rápida ascensão triunfal à cátedra do mestre. Em 1919 já o Conselho da Faculdade vos propunha para professor ordinário de Ciências Históricas. No mundo das letras, o vosso estudo sôbre *Clenardo e o Renascimento em Portugal* já havia definitivamente firmado a vossa reputação de humanista em que a perspicuidade do estilo e a elegância do dizer vinham realçar a segurança da erudição e o rigor crítico na destrinça dos documentos.

Mas Deus vos havia dado uma alma rica. O silêncio das bibliotecas e a solidão dos arquivos, com os seus inefáveis encantos para os amigos do livro, não conseguiram monopolizá-la de todo. Enquanto irradiava a inteligência do mestre, palpitava, generoso e forte, o coração do sacerdote. Ao lado das aulas formavam-se os cenáculos. Onde quer que se congregava um escol de jovens ávidos de fé, de virtudes e de formação integral, de batalhas santas e de heroísmos generosos, aí se achava, reclamada e querida, a presença do professor Gonçalves Cerejeira. E bem cedo Coimbra parecia cenário estreito para a fôrça expansiva do seu dinamismo conquistador.

O venerando patriarca de Lisboa, Mendes Belo, ia entrar nos seus 86 invernos. Pio XI colocou-lhe ao lado, em 1926, o jovem sucessor, o arcebispo de Mitilene, D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Nessa transferência houve quem lamentasse a promoção do apostolado em detrimento das boas letras. Um dos nossos, entre melancólico e chistoso, escreveu que Portugal teria um santo demais... e um letrado de menos. Não o acompanhamos na sua tristeza nem lhe subscrevemos o dilema. Onde êle vincou a oposição de uma incompatibilidade preferimos ver a evolução de um progresso enriquecedor; a integração de uma síntese mais alta em lugar de antíteses, rupturas e conflitos. Praz-nos mais ficar com o professor de Coimbra, que no mesmo ano em que trocava o capelo pela mitra (1926) escrevia sereno e tranqüilo: "A nossa vida tomou nesses dias a direção que segue. E é uma consolação, ao olhar para trás, reconhecer que se não errou a manobra da agulha no começo do viver, e se continua fiel ao pensamento primeiro — o primeiro e grande amor".

Sim, é uma consolação para todos os que vemos a realidade na harmonia de sua plenitude, saudar uma púrpura de prelado que se sobrepõe à beca do doutor. Bem está que mãos consagradas e ungidas para o ministério da Verdade e do Bem empunhem o báculo do pastor e a pena do escritor; afina em boa harmonia ouvir lábios inspirados a repetirem-nos as lições da sabedoria humana contida nos livros e a lição divina do Cristo, luz do mundo, que fala a tôdas as gerações para salvá-las e dizer-lhes o seu infinito amor. É esta a consoladora visão cristã: as riquezas da graça e dos dons sobrenaturais, não a destruir, mas a enaltecer, elevar e dignificar as opulências da natureza.

http://www.obrasc...

É porque soubestes realizar esta síntese que hoje aqui fruímos de uma das alegrias mais sadias e mais puras da vida: a alegria de admirar, de contemplar a elevação de uma alma que soube com fidelidade refletir a excelência, a variedade e a beleza das infinitas perfeições de Deus.

Permiti agora, Eminência, que, como expressão dêste sentimento e homenagem aos vossos altos merecimentos, a Universidade Católica do Rio de Janeiro vos entregue o diploma do Doutor *"Scientiae et Honoris Causa"*. É a mais alta das dignidades universitárias. E sois o primeiro da galeria gloriosa dos poucos escolhidos entre os príncipes da inteligência e os beneméritos da ação. Com êste gesto quis a nossa jovem Universidade que sôbre o caminho onde vai ensaiando os primeiros passos se projetem alguns raios do esplendor de vossa glória.

Recebei êste diploma, Eminência, e, como Doutor nosso, dai-nos a vossa primeira lição.

ALOCUÇÃO

proferida na abertura dos cursos das Faculdades Católicas, a 15 de março de 1941, no salão de atos do Colégio Santo Inácio

Numa solenidade simples e austera em que fala mais alto o silêncio das grandes coisas do que a sonoridade das grandes palavras, inauguram-se hoje as duas faculdades que constituem o primeiro núcleo da futura Universidade Católica do Brasil. Todos sentimos que na história de nossa vida religiosa e social o momento que vivemos assinala um marco miliário de importância singular. Em tôdas as almas palpita a alegria de longas esperanças que se realizam, como em tôdas as consciências pesa a responsabilidade de promessas que acabrunham. A grandeza do acontecimento justifica a coexistência rara de todos êstes sentimentos que, da hesitação e do temor até o júbilo e o entusiasmo, mesclam as suas vibrações numa orquestração interior singularmente rica e complexa. A fundação de uma Universidade marca uma data na história de um povo; a fundação de uma Universidade Católica surge, como os esplendores e as esperanças de uma aurora, na vida de um povo cristão.

A evidência desta verdade, que pode ser iluminada por inúmeras faces, apresenta-se com singular brilho, encarada à luz do mais atual e complexo dos problemas: o problema da cultura.

Na plenitude de sua compreensão o problema da cultura é, por excelência, o problema humano, o problema da realização integral do homem. Ao animal, traçou-lhe a natureza

http://www.obrascatolicas.com

o modo determinado de sua existência, tôda submetida aos destinos da espécie. Instintos e impulsos vitais profundos orientam-no com segurança para êste destino constante. Aqui nenhuma possibilidade de uma expansão original por vias novas e próprias. Neste reino inferior da vida não se conhece o problema da cultura.

O homem, não. Sua missão é realizar-se com um esfôrço pessoal e indefinido. O berço não o fêz perfeito; um feixe de impulsos inatos não o leva, por vias iguais e constantes, a um têrmo monotonamente invariável. O homem tem uma história. E esta história deve coincidir com o progresso na realização de si mesmo, na atualização expansiva dos germes fecundos depositados nas virtualidades de uma natureza que, se, por um lado, mergulha na opacidade da matéria e lhe sofre a influência de determinismos inelutáveis, por outro se eleva até a esfera do espírito, da inteligência e da liberdade. Foi, por isso, confiada ao homem uma missão na terra: missão a que êle se não pode furtar sem negar a si mesmo. Cumpre-lhe desenvolver a sua inteligência com a conquista da realidade na variedade inesgotável de seus segredos: missão da ciência. Cumpre-lhe dominar as resistências da matéria e subjugar as suas energias, modelando o mundo segundo as próprias necessidades ou plasmando-o para exprimir a beleza de seus ideais: função das técnicas e das artes. Cumpre-lhe praticar o bem governando os próprios atos em harmonia com as exigências da razão, na coerência de uma vida interior pacificada: aspiração contínua da moral. Cumpre-lhe por último estreitar as suas relações com Deus, Princípio e Fim de todo o ser, alimentando esta vida divina, razão suprema de nossa existência e resposta às mais profundas tendências da nossa alma em busca de felicidade: missão sublime da religião.

Êste aperfeiçoamento do homem, em tôdas as direções de suas múltiplas possibilidades: eis a cultura. Podeis considerá-la numa nação sob o ponto de vista estático, e tereis um patrimônio de tradições, de obras, de instituições políticas e sociais, científicas, artísticas e religiosas que ela oferece aos seus filhos, num determinado momento histórico, para facilitar-lhes o desenvolvimento enriquecedor de humanidade. Podeis ainda encará-la, dinâmicamente, como um processo que sempre se renova num esfôrço para melhorar, para progredir, para atingir a plenitude de um ideal que sempre se distancia no horizonte mas constitui a mola misteriosa de tôdas as realizações concretas.

Como vêdes, em sua compreensão total, o problema da cultura é o problema do aperfeiçoamento humano, da realização de tôdas as potencialidades depositadas por Deus na nossa natureza.

Na constituição e defesa e enriquecimento dêste grande tesouro da cultura já não é difícil situar com precisão *a função da Universidade*.

Não direi, a rigor, que a Universidade é por essência *criadora de cultura,* ainda que possa contribuir e de fato contribua para êsse fim. Se assim fôra, não seria essencial a uma Universidade ter alunos.

Criadores de cultura, são os homens privilegiados a quem a Providência confiou a missão de iluminar, iniciar e abrir caminhos na história. No domínio religioso um São Francisco de Assis, um São Vicente de Paulo, uma Teresa de Jesus criaram valores religiosos. A fascinação do seu exemplo, as riquezas de sua experiência, a fôrça de seus ensinamentos exerceram irresistível atração sôbre inúmeras almas que lhes seguiram as pegadas. Homero ou Fídias, Shakespeare ou Goethe, Wagner ou Beethoven, Aristóteles ou Hipócrates, Agostinho ou Tomás de Aquino, Ampère ou Pasteur são criadores de valores artísticos ou científicos, como os grandes estadistas ou reformadores o são no domínio das instituições políticas e sociais de um povo. Não é missão da Universidade formar êstes pioneiros da cultura, cujo aparecimento se subtrai às nossas leis e previsões de curto alcance.

http://www.obrascatolicas.com

A Universidade é essencialmente *transmissora* de cultura. Por isso é que, ao lado de um corpo docente, lhe é essencial um discipulado vivo. Nos seus recintos encontram-se, na intimidade de um convívio de todos os dias, duas gerações: a geração dos mestres, isto é, a geração dos que assimilaram, nos limites de suas especialidades, tôdas as riquezas culturais de uma época; a geração dos alunos, isto é, dos que prestes a lançar-se na atividade plena desejam entrar na posse dos tesouros de cultura que lhes pode oferecer o meio social em que vão irradiar, com vigor e energia de jovens, a sua ação fecunda. A missão universitária é formar o homem superiormente culto. Dos seus recintos saem os que amanhã no govêrno do país, na magistratura e na administração pública, no sacerdócio e no exercício das profissões liberais, constituirão o sistema nervoso do organismo social. Do tipo superior de homem que formarem êstes centros de estudos elevados dependerá o nível de cultura de uma nação, a solidez e eficiência de suas instituições, a riqueza de valores que ela poderá oferecer aos seus filhos para expansão de sua humanidade.

Já agora ressalta também aos olhos *a função de uma Universidade Católica*.

Todo o interêsse que, pela sua própria natureza de religião regeneradora do homem e pela tradição infatigável de sua história, liga o cristianismo à grandeza e elevação da família humana, prende-o também indissolùvelmente à existência, à vida e ao progresso das instituições universitárias.

Universidade Católica não é centro de estudos em que se cortam as legítimas liberdades de investigação e se substituem pela aceitação dos dogmas os processos da ciência. Não. A Igreja, nos seus ensinamentos mais solenes do Concílio Vaticano, reconhece a justa autonomia dos métodos, nos domínios das várias disciplinas. O sábio católico tem uma confiança inabalável na coerência total da verdade; todos os métodos que a ela podem levar, êle os segue com uma fidelidade religiosa. O mundo da experiência é para êle um

Cosmos, isto é, um Todo Ordenado, feitura de uma Sabedòria Criadora, e, por isso mesmo, permeável à inteligência e à razão. Nada do que Deus fêz, pode o homem julgar indigno de seu conhecimento. Curiosidade infatigável no investigar, convicção profunda da inteligibilidade das coisas, respeito inviolável aos processos lógicos que levam à conquista da verdade, bem divino, — eis a atmosfera que se respira numa universidade católica. Poderá haver atmosfera mais propícia à cultura e ao progresso da ciência?

Mais. A vida universitária o cristianismo infunde uma alma nova. Ainda está por fazer o estudo dos males que à sociedade moderna trouxe o processo de laicização progressiva dos focos superiores de cultura da inteligência dissociados a pouco e pouco das fontes de vida espiritual da nação. A multiplicidade das funções universitárias o cristianismo infunde o seu espírito de unidade, de harmonia, de coerência interior, vinculando-as tôdas numa solidariedade orgânica que é a resposta às exigências de integridade e totalidade da vida. Aqui as disciplinas não se desenvolvem como membros desarticulados de um organismo. A formação do homem é integral. A atmosfera que se respira alimenta o homem todo. O que se almeja é desenvolver o homem de inteligência sem atrofia do homem religioso, formar a ciência do homem sem esquecer a virtude do homem. A coerência de uma concepção da vida dá-lhe um fundamento interno; a assimilação do patrimônio científico vem juntar-se como um novo tesouro à riqueza de sua vida espiritual. Num nível superior de valores humanos o jovem prepara-se em todos os domínios para a conquista harmoniosa de todos os seus destinos humanos. Se cultura é realização integral da verdade na vida, uma universidade católica, por sua própria natureza, acha-se singularmente aparelhada para concretizar êste ideal. O que a presença de Cristo traz a cada alma, comunica-o outrossim às instituições: uma luz mais alta e uma vida mais abundante. *Ego sum lux mundi. Ego veni ut vitam habeant et abundantius habeant.*

http://www.obrascatolicas.com

Eminência. É êste o grande bem que o gesto criador de V. Em.ª acaba de doar ao Brasil. O que era desejo tantas vêzes expresso do Santo Padre e do episcopado nacional, o que constituía a aspiração de tantas gerações de católicos, a decisão, a clarividência e a generosidade de V. Em.ª acaba de realizar no momento oportuno.

Aos grandes e inumeráveis títulos de benemerência que exornam o fecundo episcopado de V. Em.ª, a posteridade, agradecida, acrescentará o de fundador da Universidade Católica do Brasil.

Na sua gratidão, profundamente comovida, envolverá ela também o nome do ilustre titular da pasta da Educação. Com a sua visão clara de estadista e a sua dedicação infatigável aos interêsses da cultura nacional, o Dr. GUSTAVO CAPANEMA viu nesta livre iniciativa tôdas as garantias de solidez e eficiência e saudou-a como uma esperança e aplaudiu-a como um progresso. Com letras de ouro ficará o seu nome gravado na primeira página dos nossos Anais.

Já no recinto doméstico das nossas Faculdades quero agradecer, muito de coração, a colaboração dos nossos professôres. Aqui está em coroa magnífica o nosso senado acadêmico. Alguns aqui vieram trazer a autoridade dos anos e o prestígio de grandes benemerências, outros o calor e o entusiasmo de juventudes que já vão bem alto nas suas ascensões esperançosas, todos, o tesouro de uma cultura sólida e brilhante, e de uma dedicação triunfadora de todos os obstáculos.

E por que não estendemos também a expressão de nossa alegria e dos nossos agradecimentos a esta juventude ardente, que a tôdas as primícias, encanto de sua idade em flor, quis acrescentar também a de primícias da Universidade Católica?

Levantemos mais alto os nossos corações e agradeçamos comovidos e reverentes o Santo Padre, na pessoa de seu venerando representante, Sua Ex.ª o Sr. Núncio Apostólico, cuja presença neste momento e neste lugar é para nós fonte de consolação e penhor de bênçãos.

Entre as múltiplas ocupações e preocupações do Pontificado, no momento atual, o Pai comum dos fiéis não esqueceu o Brasil e a sua Universidade. Por três vêzes, o grande e saudoso PIO XI escreveu a Sua Eminência, para expressar a sua solicitude e o seu desejo de que o Brasil, a exemplo das grandes nações católicas, tivesse quanto antes a sua grande *Alma Mater*. A Sua Ex.ª o Sr. Núncio Apostólico pedimos queira aceitar e transmitir a Sua Santidade, com a expressão do nosso reconhecimento, o preito sincero de nossa obediência filial.

A solenidade de hoje tem o valor de um símbolo, símbolo de colaboração de tôdas as fôrças vivas que asseguram a existência e a grandeza radiante de um centro superior de cultura. Sejamos fiéis a esta lição. Com as bênçãos de Deus trabalhemos unidos e dedicados, e o que hoje esplende como um ideal, que nos fascina, amanhã palpitará como uma realidade que nos console.

http://www.obrasraras.com

ALOCUÇÃO

proferida na instalação dos cursos das Faculdades Católicas no ano de 1942

Há um ano, dia por dia, aqui nos congregamos para inaugurar, com uma solenidade austera, as duas Faculdades que constituem o primeiro núcleo da futura Universidade Católica do Brasil. Hoje novamente nos reunimos nesta solenidade, que dora em diante voltará com o ritmo das coisas naturais, na sua periodicidade incansável, a se renovarem sempre sem se repetirem nunca.

Então, há um ano, nascíamos; hoje, já vivemos. Em 1941, um natalício; em 1942 o primeiro aniversário. As palavras proferidas outrora inspiravam-se num gênero difícil, o genetlíaco: olhavam para o futuro e nêle procuravam entrever com os olhos do coração, esperanças realizadas e promessas satisfeitas. As alocuções de agora já devem revestir o aspecto mais positivo de um balanço que, antes de planear o porvir, toma o pêso de um passado que foi realidade.

E êste balanço, graças a Deus, não nos é desfavorável. Vencemos a primeira fase da nossa existência, a mais delicada talvez e a mais ingrata. Antes do arranque decisivo para o triunfo das grandes velocidades, a locomotiva luta com o pêso morto da inércia, a oposição inevitável dos primeiros atritos e resistências passivas. Na vida das instituições, os primeiros tempos encontram as dificuldades espontâneas de uma organização que se vai estruturando aos poucos, de hábitos e tradições que ensaiam os seus caminhos, de uma imensidade de grandes e pequeninas coisas que se fazem pela primeira vez.

Venceram-se estas dificuldades da fase inicial. Venceram-se graças à colaboração admirável dos nossos professôres. A sua assiduidade de todos os dias, a sua dedicação nunca desmentida, a boa vontade na resolução de todos os problemas criaram uma atmosfera de elevação intelectual, de solidariedade no esfôrço comum, de compreensão recíproca que constituem o ambiente mais propício ao desenvolvimento de um centro superior de estudos.

Venceram-se, graças também à correspondência da nossa juventude. Bem cedo compreendeu ela a responsabilidade que lhe pesava sôbre os ombros de firmar, com iniciativa gloriosa, as tradições da nossa futura *Alma Mater*. Tradição de honestidade no trabalho intelectual, de alegria na disciplina, de amor à ordem, de cooperação leal e amiga com as autoridades escolares. É esta hoje felizmente a atmosfera que se respira entre os nossos alunos.

Venceram-se ainda graças à cooperação das autoridades oficiais do ensino, que, na elevada compreensão das funções do Estado junto às iniciativas livres de cultura, nos prestaram com a maior dedicação a sua assistência e conselho.

A todos, colho, pressuroso, a oportunidade para apresentar a expressão mais sincera e comovida de meus agradecimentos.

Entramos assim no segundo ano de existência com as perspectivas de mais amplos horizontes. Em ambas as Faculdades o número de matrículas atingiu quase o dôbro do ano anterior. E são mais de duzentos os alunos regulares que em 1942 freqüentarão as nossas aulas.

Neste rápido crescer vemos apenas, com o aumento das responsabilidades, mais um índice da oportunidade singular de uma grande instituição católica de cultura superior.

* * *

A nossa civilização debate-se, ante os nossos olhos, nos paroxismos de uma crise comparável às mais dolorosas tra-

http://www.obrascatolicas.com

gédias da história. Dir-se-ia que os destinos da humanidade se acham entregues ao demônio da fôrça e da violência e que a espada traçará amanhã os novos destinos da nossa cultura ou da nova ordem social. Engano. A fôrça, que semeia a devastação, a ruína e a morte, é incapaz de construir. Entre homens só a idéia e o amor trabalham para as iniciativas que o tempo respeita e a posteridade abençoa.

E ninguém descoroa o pensamento e o amor de sua realeza imperecível.

Fuga di tempi e barbari silenzi
Vince e dal flutto delle cose emerge
Sola, di luce à secoli affluenti
faro, l'idea.

Não podemos despir-nos da nossa natureza invencìvelmente racional. A todo homem que age, a todo reformador que pretende mudar a face das coisas, a razão chama à barra de seu tribunal e pede-lhe contas dos princípios que o inspiram. Não admitimos ação sem porquês. A informar qualquer programa de vida surge necessàriamente um sistema de idéias.

Amanhã, quando silenciar o fragor dos canhões, instrumento da fôrça, ouvir-se-á de novo a serenidade da voz humana, órgão do pensamento.

Ensarilhadas as armas, mobilizar-se-ão as idéias.

Cumpramos heròicamente, se fôr mister, os nossos deveres de guerra no presente, mas preparemos com mais solicitude às construções pacíficas de amanhã. É uma tarefa de todos; é uma tarefa de cada um. É uma reconstrução social de dimensões históricas, mas que só resultará como esfôrço eficiente de cada indivíduo, na pequenina esfera de sua influência regeneradora.

Nas épocas de grandes crises há uma atitude cômoda, que, evocando uma história quase nossa, poderíamos chamar

de sebastianismo. É a expectativa de uma palingênese social pela ação taumaturga de um homem privilegiado. O aparecimento do herói, enviado pela Providência para mudar o rumo à história, poria têrmo aos multiformes sofrimentos que nos acabrunham e inauguraria a era da ordem e da paz por que suspiram as almas cansadas e abatidas. E todos clamam pelo grande homem. Esta concepção fácil da solução dos acontecimentos embala as nossas esperanças e satisfaz a comodidade da nossa inércia, alimenta os sonhos e os desejos vagos de um porvir melhor e paralisa a ação das energias realizadoras que lhe deveriam preparar o advento. Cruzar os braços ante as responsabilidades da vida nunca foi gesto cristão. Outra é a fórmula da nossa vida.

Condensava-a São Paulo em duas palavras: *Dei adjutores Theou sunergoi*. Somos colaboradores de Deus na realização dos destinos da humanidade.

O progresso, a marcha para o melhor, o combate ao mal e a expansão do bem, não o esperemos da magia encantada de um demiurgo quase todo poderoso entressonhado. É tarefa que deverá realizar a ação viva, o esfôrço real de cada um de nós, a ação e o esfôrço das nossas vontades associadas.

É o aperfeiçoamento das almas, é a fidelidade dos grupos sociais à sua missão específica que preparam com eficiência a elevação da cultura e a felicidade das nações e a existência de uma humanidade mais digna e mais humana.

Ora, nesta distribuição de tarefas indeclináveis à consciência cristã, qual o quinhão de uma Universidade Católica? Conservar puro e incontaminado o patrimônio intelectual que constitui a alma de tôda a cultura destinada a vencer o tempo. O que infunde vida e duração e dinamismo civilizador a uma estruturação social é o seu conceito do homem. Já lá dizia o velho ARISTÓTELES: "Antes de definir o Estado ideal, importa definir o ideal da vida para o indivíduo e o Estado" (*Política*, VIII, 1). Êste ideal da vida, função necessária de uma noção do homem e dos seus destinos, caracteriza

http://www.obrasc...blicas.com

e orienta todo o esfôrço civilizador. Por êle organizamos o presente; para melhor atingi-lo no futuro, aceleramos o passo na marcha para frente que chamamos progresso.

Não é para aqui e agora inventariar por miúdo as diferentes concepções do homem e as suas possíveis ressonâncias na fisionomia das civilizações.

Numerosas são elas, mas bem podem enquadrar-se em duas grandes categorias. Ou o homem não vê em si mais que uma peça de um grande todo, com êle identificado num monismo nivelador, ou no homem, para além da matéria que o imerge no mundo das coisas, saudamos também o aparecimento do espírito que o eleva à dignidade de pessoa. A primeira hipótese não se alteia acima de um naturalismo de baixo vôo; na segunda, defendemos um humanismo nobilitador.

O naturalismo, nas suas análises precipitadas, não atenta bem às diferenças dos sêres e julga simplificar a visão da realidade nivelando por baixo, reduzindo o superior ao inferior, explicando ou tentando explicar o homem pelo animal, o psiquismo inferior pelas reações e reflexos vitais, a espontaneidade da vida pelo simples jôgo das energias físicas. A psicologia não passaria de um capítulo da biologia, a biologia seria uma química mais complicada e, em última análise, a mecânica daria a chave da explicação do universo reduzido a extensão e movimento.

O humanismo observa com mais atenção e respeita, com mais escrúpulo, a integridade dos fatos, registra fielmente as identidades e semelhanças sem omitir diferenças e contrastes irredutíveis. E para isso vê, no homem, ao lado do genèricamente animal, algo de especificamente *humano*.

E nesta diferença de atitudes inconciliáveis, neste antagonismo entre naturalismo e humanismo, vai uma opção de conseqüências incalculáveis no destino dos indivíduos e das nações. Tudo está, de fato, senhores, em saber se somos regidos pela lei das coisas ou pela lei do homem. Somos apenas um caos de sensações, de impulsos, de desejos irrefreáveis,

que se entrechocam em conflitos sem finalidades, ou há em nós um poder de inibição e de eleição, capaz de orientar a vida para a realização de um destino? Vagamos, como navio sem leme, à mercê das correntes e dos ventos, desarvorados e passivos, no desespêro de imprimir uma autodireção à desordem dos nossos movimentos? Se assim é, a suprema lição da sabedoria consistirá em apagar nas consciências o senso das responsabilidades e sufocar nos corações a voz do remorso. Devemos resignar-nos à função mecânica de peças anônimas nesta máquina universal, regida por uma lei inconsciente. Ou temos um nome, somos uma pessoa, vivemos uma vida programática porque realiza um destino todo seu, para o qual reclamamos o tesouro de liberdades intangíveis e inalienáveis? A fórmula da convivência com os nossos semelhantes reduz-se ao conflito de instintos e à vitória do mais forte ou inspira-se na realidade humana do direito?

Aí tendes, senhores, em rápido esbôço o que significa sabermos se devemos ser regidos pela lei das coisas ou pela lei do homem. Nesta análise jogam-se os destinos de uma civilização.

E a mais nobre finalidade dos centros universitários católicos cifra-se na defesa dêste patrimônio intelectual, que tão de perto entende com a dignidade do homem, a razão suprema da vida e a realização dos planos divinos na história. Se nas ciências físico-naturais, que visam conhecer o cosmos e domesticar-lhe as energias, podemos, num primeiro momento, contentar-nos com o registro fiel das coexistências e sucessões de fenômenos, nas ciências que atingem o homem, ciências do espírito e ciências da cultura, uma opção é de uma importância decisiva. Naturalismo e humanismo fundam tabelas de valor, de todo em todo diferentes, que na filosofia, na interpretação da história, na pedagogia, no estudo da vida social, imprimirão rumos divergentes aos julgamentos de valor e aos critérios orientadores da ação.

É nobre esta tarefa, professôres e alunos meus, é nobre, concreta e atual.

http://www.obrascatolicas.com

O mundo em que vivemos vacila e procura, nas suas incertezas, a fórmula de equilíbrio para amanhã. Não cruzemos os braços ante o espetáculo dêste grande sofrimento. Não nos chamou a Providência à luta das armas. O emprêgo da fôrça, mesmo quando necessário à defesa do direito, é sempre menos nobre. Só porque animais batemo-nos com o vigor dos músculos. A liça das idéias é especìficamente humana.

É esta a sorte mais alta que ora nos cabe. Não faltemos à nossa missão providencial. Numa solidariedade de esforços orientada pela comunhão do ideal, trabalhemos por formar entre nós êste clima intenso de alta intelectualidade humanista e cristã, em que mestres e estudantes de escol se habilitam para liquidar êste presente, que é horrível e preparar uma nova cristandade que Deus quer e nós saudamos com esperança.

ALOCUÇÃO

proferida na instalação dos cursos das Faculdades Católicas, no ano de 1943

O movimento ascensional das Faculdades Católicas continua num ritmo consolador. O ano de 1942 consolidou e expandiu a obra iniciada.

Jurìdicamente, as nossas duas escolas superiores, a de Filosofia e a de Direito, no segundo ano apenas de sua existência, receberam, por decretos especiais, o reconhecimento oficial do Govêrno. Da situação inicial, necessária e transitória, de autorização prévia que assegurava aos nossos alunos o valor legal de seus estudos, passamos ao estado definitivo e permanente dos estabelecimentos livres oficialmente reconhecidos com tôdas as regalias que lhes atribui a nossa legislação escolar.

Materialmente, ampliamos de muito as nossas instalações. Não obstante as dificuldades dos tempos, tivemos a consolação de ver levantar-se um novo pavilhão com suas 20 salas de aulas, amplas e bem visitadas pela luz e pelo ar. Cada uma das duas faculdades terá, assim, o seu pavilhão próprio, a assegurar-lhe a autonomia da vida escolar.

Cêrca de 150 alunos novos vieram juntar-se à nossa juventude estudiosa, disciplinada, exuberante de vida e de alegria.

Aos nossos caros e ilustres professôres, hoje, aqui reunidos em corpo gesto — e atualmente são mais de 70 — quero agradecer muito de alma a colaboração magnífica e leal com que vão construindo esta obra que é de todos nós, e esperamos será sempre abençoada por Deus.

http://www.obrascatolicas.com

Apesar destas realizações consoladoras, o ano de 1942 abriu-nos nalma uma ferida que não cicatriza. Quando, há dois anos, num dia como êste, víamos, à presidência da mesa, Sua Eminência o CARDEAL LEME, a instalar solenemente as nossas Faculdades com a satisfação do Pastor que vê realizar-se uma das grandes aspirações de sua vida, bem longe estávamos de pensar que a primeira das nossas comemorações fúnebres, feita ainda por mim, iria envolver a sua memória abençoada em crepe de luto e de saudade.

Da Universidade Católica do Brasil nunca se desvinculará o seu nome. Êle a fundou. Com a iniciativa do seu zêlo pastoral e com sua capacidade realizadora, deu-lhe nascimento. Nascida, amparou-a, dirigiu-lhe os primeiros passos, protegeu-a sempre com o esplendor de sua púrpura e a bondade do seu coração.

Mas êste coração já não palpita entre nós. Falta-nos a luz dos seus conselhos, o confôrto da sua animação, todo êste tesouro indefinível de bens que se resumem na presença amiga e paterna de uma alma privilegiada que foi um grande servo de Deus e um grande pastor de homens.

Mas não nos entristecemos como os que não têm esperança. No seio de Deus, confiamos, continuará êle a proteger, como a pupila dos seus olhos, uma das obras mais caras ao seu coração.

Envolvida em gratidão e saudade viverá, entre nós, a sua memória, ativa como um estímulo a tôdas as dedicações e sacrifícios, querida como um legado paterno.

* * *

Entramos assim, fortalecidos e consolidados, no terceiro ano de existência, e, com o crescer da juventude, aviva-se-nos, mais clara e imperiosa, a consciência de nossas responsabilidades.

A tarefa de uma universidade católica não se resume na rotina de expedir diplomas e preparar profissionais honestos

e competentes para o desempenho fecundo das funções da vida social. Ante os árduos problemas da cultura humana sempre em renovação, ante as dificuldades, a atingirem por vêzes a violência paroxística das grandes crises de uma civilização, que se torna mais complexa e procura a sua fórmula de equilíbrio numa fase mais elevada de seu desenvolvimento histórico, o papel das cidadelas da inteligência cristã avulta como a gravidade de um dever de consciência indeclinável.

Nós temos a convicção inabalável de possuir um patrimônio de verdades salvadoras. A lei da vida, que deve dominar tôda a atividade de uma existência cristã, é a lei da caridade, a lei do amor, que, por essência, irradia o bem. Ante o apêlo dos sofrimentos e das esperanças humanas, o nosso gesto espontâneo é o da mão amiga que se estende, prestadia e colaboradora.

Mas cada era tem os seus problemas, cada fase histórica, a especificidade de suas reações nevrálgicas.

Que diremos da nossa? Desta quadra, que, sem exagêro, já foi chamada a crise mais aguda da história humana. A vista do entrechoque violento de tantas armas e de tantas ideologias, à vista do desmoronamento de tantas instituições sociais e políticas que se desarticulam com o fragor ciclópico dos cataclismas cósmicos, sentimo-nos em face das ruínas de um mundo velho que se desfaz, e, como já foi dito, no limiar de uma idade nova.

Fôra temeridade arriscar-nos à profecia das características desta nova idade. Mas talvez não errássemos muito dizendo que nos achamos ante o magno problema da *constituição da humanidade*.

A nossa família humana, tão dividida, aspira à sua unidade. Por um paradoxo estranho, nunca se experimentou tão viva a nostalgia da solidariedade como nesta estação histórica que atravessamos sob o signo sinistro do ódio e do sangue.

http://www.obrascatolicas.com

As conquistas de que nos orgulhamos na rapidez dos transportes, na celeridade de transmissão do pensamento, na difusão universal dos tesouros de cada cultura; os imensos sofrimentos que nos afligem — econômicos, intelectuais e morais, causados pelas barreiras de ferro e de fogo que a guerra levantou entre os povos — concorrem para colocar, no primeiro plano das nossas preocupações, a solução do problema humano, em tôda a complexidade de sua plenitude. Baldados serão todos os outros esforços de soluções parciais se não lograrmos encontrar a fórmula verdadeira e eficiente da convivência humana. A Humanidade atingiu a sua idade viril. Conhece e domina todo o planêta, que lhe serve de *habitat*, sente-se dividida e organizada em raças, nações e culturas diversas mas interdependentes, tomou consciência de si mesma e aspira viver agora como humanidade total, quer humanizar-se unificando-se.

Eis o problema que incumbe resolver à idade em que vivemos — a constituição da humanidade. Como todos os grandes problemas humanos, o da organização dos povos pressupõe uma visão intelectual verdadeira de homem, da natureza e da elevação de seus destinos. Sem êste fundamento sólido, sem esta verdade, inabalável e universal como a natureza indestrutível das coisas, tôda construção será frágil e precária. Não é sôbre uma hipótese destituída de valor científico, ou sôbre um punhado de convenções formuladas à pressa, no pano verde de uma tavola redonda, por políticos que negociam, por diplomatas que velam metade de seu pensamento, por estrategistas a calcularem as eventualidades da guerra futura, que se poderá erigir uma construção duradoura capaz de impor-se à universalidade das nações e de resistir ao impulso dos interêsses e à violência das paixões.

Vulgarizai entre as inteligências que o homem é um simples animal aparecido aqui e ali como derradeiro elo de cadeias filogenéticas diferentes, que a lei da vida e do progresso é a luta, a concorrência que imola o fraco e seleciona o forte

— e tirai-me lògicamente destas premissas uma fórmula de solidariedade amiga entre indivíduos e povos!

Aqui, senhores, aparece a função providencial do cristianismo em nossos dias; subministrar o tesouro de verdades humanas, que, profundas e universais, devem constituir a infra-estrutura de tôdas as construções econômicas, sociais e políticas exigidas pela reorganização do futuro. Universal no seu destino, imortal na sua duração, o cristianismo encerra em sua virtualidade as respostas profundas — não digo as respostas técnicas — a tôdas as aspirações humanas. Nosso dever é interrogá-lo, é meditá-lo à luz das necessidades novas e, como o escriba do Evangelho, tirar do nosso tesouro *nova et vetera*.

Ora, em face das exigências constitutivas dè uma humanidade total, o cristianismo aparece-nos em tôda a fecundidade que latinamente diríamos "convocação universal". Nome que deriva de sua verdade salvadora.

Gravada no próprio nome, o catolicismo traz a sua vocação de universalidade.

Quando falamos em "igreja católica", dizemos, em grego, o que vale um programa.

Um estudo pormenorizado de sua doutrina e de sua vida, de seus dogmas e da sua liturgia poria em alto e inconfundível relêvo o seu caráter de universalidade social.

Nas estreitezas de tempo de uma breve alocução, acenemos, de vôo, a duas ou três verdades fundamentais.

O cristianismo ensina, antes de tudo, a *unidade do gênero humano*. E esta unidade tem como princípio o mesmo princípio da dignidade humana; a excelência do espírito, feito à imagem e semelhança de Deus: *"Deus qui humanae substantiae dignitatem mirabiliter condidisti"*. Porque somos feitos todos à imagem única do Deus único, participamos todos da mesma dignidade inauferível da pessoa. Sob a diversidade dos climas, das raças e das civilizações há, indelèvelmente impressa na nossa natureza, esta imagem divina que nos define e nos orienta para a grandeza de um mesmo

http://www.obrascatolicas.com

destino. O monoteísmo só pode ser uma fraternidade. Só quando se ajoelham diante do Pai comum, *"unus Deus et pater omnium"* (Eph. IV, 6) sentem os homens que são irmãos.

A esta unidade natural do gênero humano baseada na criação, o cristianismo acrescentou a unidade sobrenatural do corpo místico, nascida da Redenção.

Entre a obra do Criador e a do Salvador, houve a catástrofe do pecado. Ato desregrado, essencialmente irracional, a tendência do pecado é destruir no homem a imagem de Deus. Rompe por isso, em nós, a amizade divina e, ao mesmo tempo, dilacera a unidade do gênero humano. *"Ubi peccata, ibi multitudo"*, escreveu profundamente ORÍGENES.

Com o pecado cessa a união, a harmonia; começa a divisão, a discórdia, a luta fratricida. "Por isto, agora", concluía MÁXIMO, o confessor, "nós nos dilaceramos uns aos outros como feras selvagens". Estamos talvez muito habituados a encarar no pecado o seu aspecto de ruptura com Deus e de ferida interior da consciência. Bem está. A grande tradição da teologia antiga não lhe salientava menos as conseqüências funestas na consciência fraterna.

Dilaceração interior nas profundezas do indivíduo, sim, mas também dilacerações no corpo social. A soberba, a ambição, a inveja, o homicídio, o adultério, o furto são a um tempo fontes de remorso e de decadência, nas almas, e de divisão e discórdia entre as almas. Pelo pecado, os homens fecham-se sôbre si, em outros tantos centros naturalmente hostis aos outros. Ao reino da caridade que aproxima e harmoniza, substitui-se o amor próprio que isola e agride. Na dispersão de seus amôres egoístas em busca de tôdas as satisfações, o pecador constitui-se um princípio de desagregação anti-social. Já o notara com profundidade S. TOMÁS: *"Amor Dei est congregativus; amor sui disgregat affectum hominis in diversa"*.

Esta análise rápida da natureza profunda do pecado e de suas ressonâncias na convivência humana abre-nos a via

a uma justa compreensão do caráter social da obra redentora. A incarnação do Verbo, com o seu epílogo no sacrifício do Gólgota, oferece-nos um primeiro aspecto, digamos assim, vertical: a restauração das nossas relações de amizade filial com Deus; mas ao lado dêle e seu complemento, também um aspecto horizontal: o da reconciliação do gênero humano consigo mesmo. Notou-o o discípulo amado a propósito de Caifás, no início da Paixão de Cristo: "Sendo soberano pontífice naquele ano profetizou que Jesus devia morrer pelo povo. Ora, não era pelo povo sòmente, mas para reunir em um só corpo os filhos de Deus dispersos." A razão é óbvia. Com a sua morte salvadora o Verbo restituiu ao seu esplendor a imagem, não destruída mas desfigurada, pelo pecado e com ela a unidade ameaçada do gênero humano. Imagem que existe em mim, em vós, e em qualquer homem. Nela concidimos todos; sigilo indelével da mesma origem divina, apelo constante à vocação de um destino comum; vínculo indestrutível de uma nova fraternidade no Cristo, Vérbo, luz e vida.

Eis-nos diante de um momento único e decisivo na história da família humana em que raia às nossas perspectivas "a alegria de uma comunhão radicalmente universal" (BRUNSWICK) — a boa nova aprofundou o olhar do homem sôbre si mesmo, revelando-lhe a dignidade da pessoa, mas ao mesmo tempo alargou ao redor de si os horizontes de uma sociabilidade tão ampla como a universalidade dos homens. Desaparecem todos os particularismos estreitos: o do judeu, raça eleita que despreza o gentio; o do grego, requintado na sua cultura, que desconhece o bárbaro; o do senhor para quem a vida é digna de ser vivida, que não vê no escravo senão a utilidade da coisa e do instrumento. Racismos acanhados, exclusivismo de cultos locais, particularismo do gênio das nacionalidades exaltado até à hostilidade intratável dos ouriços, tôdas estas muralhas chinêsas, de pedras ou de idéias, que isolavam as raças da grande família, em sociedades fechadas, ruem fragorosamente por terra. Ao

http://www.obrascatolicas.com

mundo, recém-remido, São Paulo clama triunfalmente: em Cristo Jesus não há senhor nem servo, judeu nem gentio, grego nem bárbaro, mas só a nova criatura, o homem regenerado para uma vida nova, cujo princípio divino é a caridade. E o apóstolo das gentes que se proclamava servo de Deus, Pai de todos, se orgulhava também de ser o servo de todos os seus irmãos, sem aceitação de pessoas.

E contra tôdas as paixões, os interêsses e os preconceitos, a Boa Nova começou o seu trabalho de humanização da humanidade. O êxito não é ainda total. O cristianismo propaga-se, como cresce o grão de mostarda, sujeito às condições temporais de tôda evolução orgânica. Mas a sua catolicidade de direito e de fato é espetáculo único na história. Só a Igreja conseguiu fundar uma sociedade universal baseada na comunhão das almas. A disseminação de todos os paganismos antigos e modernos alastra a diversidade dos erros e agrava a confusão; só a expansão do catolicismo unifica as almas. Os vínculos jurídicos, oriundos de pactos e convenções positivas, podem reunir as unidades políticas em tôrno de uma sociedade das nações. União precária, superficial e insuficiente, se as almas se não fundirem numa visão comum da vida, que alimenta a dedicação a um ideal supremo e funda e defende e desenvolve a consciência da fraternidade com todos os deveres que a realidade dêste nome envolve.

Quando nós, católicos, nos achamos na presença de outro católico, nascido embora na África, na Índia ou na China — e são hoje milhões os que lá vivem — sentimos no fundo d'alma que estamos realmente na presença de um irmão; que pertencemos todos, para usar da frase de São Paulo, a um mesmo corpo, os que participamos do mesmo pão: *"unum corpus qui de uno pane participamus"*. Sabemos que nem tôdas as raças atingiram o mesmo nível de desenvolvimento, que variam ao infinito as culturas dos diferentes povos, mas, para além destas diversidades de superfície e oriundas de contingências históricas, há uma natureza comum que nos

aproxima e fraterniza. E o homem passa a amar no homem a imagem de Deus, o irmão em Cristo.

E as diversidades não alimentam a soberba dominadora dos racismos que oprimem, nem acendem a cobiça dos fortes que exploram, mas inspiram, no intercâmbio de serviços, a solidariedade que aproxima e une os membros dispersos de uma mesma família de filhos de Deus.

O humanitarismo do pensamento separado, no que preconiza de nobre e elevado, é tributário, às vêzes inconsciente, do pensamento cristão; na sua pretensão, porém, de unificar o gênero humano sem as bases do espiritualismo, foi um dos erros mais funestos da história. O seu otimismo, que já não resistia ao dissolvente da reflexão, desfez-se ante a lição trágica dos acontecimentos. O homem não se pode salvar só. Fora de Cristo não pode a humanidade realizar a aspiração à sua unidade orgânica. Da Igreja já se disse que no século XIX salvou a razão humana contra as diminuições e mutilações das filosofias agnósticas, críticas ou positivas. Não é menos verdade que no século XX ela salvará a dignidade da pessoa com as suas liberdades intangíveis e a unidade do gênero humano com as suas imensas perspectivas de justiça e de paz.

Não é mister que eu derive daí as conseqüências óbvias da missão providencial dos centros superiores de cultura cristã em nossos dias. Mais do que nunca, a nossa não é, nem pode ser, uma atitude de evasão, mas de colaboração.

Trabalhemos para a reconstrução do mundo de amanhã que desejamos menos dilacerado e mais fraterno que o de hoje; trabalhemos como cultores do direito, da economia, da política, afrontando com coragem e sinceridade os problemas técnicos que, nestes vários setores da vida social, impõe à inteligência do homem a complexidade das condições modernas de existência.

Trabalhemos como cristãos difundindo estas verdades essenciais que fundam a comunhão dos espíritos, combatem

http://www.obrascatolicas.com

eficazmente o egoísmo fatal, fraternizam a convivência do homem com o homem a fim de que, sob as aparências de coesão social, não persista a hostilidade latente das almas.

Bela missão a de uma universidade iluminada pela luz da verdade integral! Magnífico apostolado que estende tão longe as suas conquistas de luz e de amor! Sejamos fiéis a tôdas as exigências dêste ideal. É o nosso dever, será a nossa glória.

ALOCUÇÃO

proferida na instalação dos cursos das Faculdades Católicas, no ano de 1944

Nos primeiros anos da vida o crescimento é rápido e vigoroso. A natureza concentra a vitalidade das suas energias em levar em curto prazo os organismos à perfeição de sua estrutura e à plena eficiência de suas funções. Só então, em rendimento fecundo, o homem dá, nas múltiplas esferas de sua atividade, a medida cheia de suas fôrças criadoras.

Também nas instituições, destinadas a um longo viver, os primeiros tempos são de efervescência construtora e expansiva. Plasmam-se novos órgãos, dilatam-se os campos de desbravamento, ativa-se o trabalho que produz, aumenta e irradia num entusiasmo de juventude conquistadora de posições.

Estamos ainda nesta fase de expansão primaveril e o ano de 1943, se lhe quiséssemos balancear as atividades, não desmereceria dos que o precederam em viço de crescimento e novidade de iniciativas.

As matrículas nas duas faculdades, que de 84, em 1941, se haviam elevado a 223, em 1942, atingiram no ano passado a cifra consoladora de 337.

Em agôsto fundou-se o curso intensivo de preparação para auxiliares do Serviço Social — primeiro germe da nossa *Escola de Serviço Social,* que neste ano já começa regularmente os seus cursos, e, com o tempo, poderá prestar imensos auxílios à grande obra da renovação social dos nossos dias.

http://www.obrascatolicas.com

As aulas processaram-se com a regularidade normal e aos seus trabalhos comuns acresceram as atividades dos diferentes *seminários* — o de Francisco Suarez à frente, num desenvolvimento da formação científica pessoal, promissora dos mais esperançosos resultados.

Como remate dos trabalhos escolares, tivemos o prazer de assistir à *colação de grau dos nossos primeiros bacharéis*. Em solenidade de alta distinção, 43 alunos dos vários cursos de Filosofia — a turma vanguardeira dos dias heróicos da arrancada inicial — receberam os primeiros diplomas expedidos pelas Faculdades Católicas.

Com particular satisfação tenho o prazer de anunciar a instituição do primeiro prêmio (ainda uma primícia!) das Faculdades Católicas, por fundação devida à generosidade inteligente do Dr. Mario de Andrade Ramos. É o *Prêmio Visconde de Cairu,* uma medalha de ouro que será concedida todos os anos ao aluno mais distinto na Cadeira de Ciência das Finanças.

Como fator de progresso de capital importância na organização da substrutura econômica da nossa instituição, cumpre-nos, por elementar dever de gratidão sincera, lembrar a doação feita às nossas Faculdades pelo Govêrno Federal de uma faixa de terreno na Esplanada do Castelo. Esta área, altamente valorizada, permitirá à nossa nascente Universidade um desenvolvimento mais rápido e mais seguro. Espero em Deus poder, ainda êste ano, trazer ao conhecimento da nossa família universitária — professôres e alunos, o esbôço dos primeiros projetos atualmente já em estudos adiantados.

Somos, como vêdes, por êste balanço sumário, uma instituição no viço ainda da primeira juventude, em plena fase de crescimento. Será, talvez, que com isso nos queiramos eximir ao dever dos primeiros frutos que de nós se esperam? Será que estamos assim a pleitear prolongamentos de prazo para uma evolução orgânica, lenta e tranqüila, desafogada

das responsabilidades da idade madura? Em outras épocas, talvez; na em que vivemos, certamente não.

* * *

A função das Universidades tornou-se, em nossos dias, de uma nitidez inofuscável e de uma urgência que não sofre adiamentos. Ao lado da sua missão de pioneira do progresso científico — seminário de sábios, foco de novas pesquisas e descobertas ampliadoras dos horizontes da ciência e da técnica; ao lado da sua missão social de preparar os profissionais mais qualificados, que, no exercício do govêrno, da administração, das carreiras liberais, irão imprimir à sociedade a sua fisionomia e a orientação dos seus movimentos, incumbe-lhes, neste momento de singular gravidade na história da família humana, uma tarefa indeclinável na defesa do próprio patrimônio da nossa civilização.

O imane conflito atual, que literalmente se estende ao mundo inteiro, não é uma guerra velho estilo, destas em que se empenhava a ambição de um povo ou a vaidade de uma dinastia; não é tão pouco um dêstes choques armados em que freqüentemente desfechavam concorrências ou antagonismos econômicos exacerbados até ao paroxismo das grandes crises. Hoje, uma em face da outra, se encontram duas concepções do homem, da vida social, da civilização. E êste contraste irredutível que atinge, sob os nossos olhos, a sua fase aguda e crítica, não é de hoje. Hitler e Stalin não são causas, são efeitos. O trabalho de desintegração da nossa cultura ocidental remonta muito mais longe, vem-se processando com rapidez crescente há duas ou três centenas de anos. Os historiadores de idéias poderão, com análise segura, reconstituir a árvore genealógica por onde se vem propagando a seiva envenenada, alimentadora dos frutos que tanto nos amargam. A negação progressiva do espírito no homem subtraiu todos os fundamentos ontológicos de sua eminente dignidade, rebaixando-o a simples categoria de

http://www.obrascatolicas.com

animal gregário, com organismo mais complicado e perfeito. A concepção mecanicista do universo, desconhecendo na teleologia cósmica a expressão de uma Inteligência criadora, cerceou pela raiz a possibilidade de uma ordem que se impusesse ao respeito do homem com a jerarquia intangível de seus valores. Já não havia barreiras que se opusessem eficazmente à apoteose do social. A fôrça organizada do Estado, expressão de um bem supremo (que outro lhe estaria acima?) podia proclamar-se um absoluto, capaz de exigir o serviço incondicional do homem todo. E o totalitarismo nasceu. Nasceu no terreno das realidades sociais, depois de haver sido preparado na esfera do pensamento.

Desta evolução fatal não deixaram as nações de ser advertidas pelas sentinelas vigilantes, postas por Deus para orientação da humanidade trabalhada pelas paixões que transviam. Quando em 1878 LEÃO XIII afirmava que a família humana se achava à orla de um abismo e exortava as sociedades a conjurar a tempo a iminência da grande crise, o século XIX fechou os ouvidos à sabedoria profética de seus conselhos. Embalado pela euforia econômica do primeiro surto do capitalismo, embevecido pelos descobrimentos científicos que haviam mudado a fisionomia material da civilização, hipnotizado pelo prestígio das palavras — luz e progresso, *leit-motiv* da eloqüência dos parlamentos e das praças, as advertências de LEÃO XIII soaram-lhe aos ouvidos dissipados como ecos tardios de outras eras, expressões de atitudes superadas que ainda se não haviam ajustado ao ritmo dos novos tempos.

E não atentou ao processo de decomposição com que o vírus de ideologias fatais lhe ia corroendo as entranhas. Mas o homem, que por natureza indestrutível há de viver da verdade, não pode intoxicar impunemente o seu espírito. Os grandes desvios no domínio do pensamento são inexoràvelmente seguidos por grandes cataclismos sociais. MARX encontrará um LENIN que lhe traduza "O Capital" em soviets. HEGEL, que proclamara o Estado prussiano a expressão

suprema do Espírito Absoluto, NIETZSCHE, que divinizara o super-homem, com a sua vontade de poder afirmar para além das fronteiras do bem e do mal, serão seguidos por HITLER, que fará, da hegemonia mundial do seu povo, um Absoluto apostado a quebrar tôda a tábua de valores da nossa civilização ocidental. O nevropata genial da idéia, que envenenou duas gerações de inteligências, retomará o seu dinamismo destruidor no nevropata genial da ação, que derramará torrentes de sangue humano de tôdas as raças em todos os continentes.

Não quero investigar aqui — ainda que fôra investigação interessante — por que motivos estas e não aquelas nações foram fadadas à experiência dolorosa, por que as duas grandes monarquias militares — Rússia e Prússia, ofereceram o campo de cultura mais propício ao desenvolvimento do vírus totalitário. O alvo que levo em mira obriga-me a rumar para outra direção.

Quando no início da guerra as democracias ocidentais pegaram em armas, seu primeiro objetivo foi quebrar a mais poderosa máquina de guerra que uma ideologia fatal havia montado para a conquista do mundo. Perigavam as nossas liberdades mais caras; impunha-se a luta para a defesa dos fundamentos de nossa civilização periclitante.

Com o decorrer dos meses e dos anos, foi-se acentuando, mesmo para as grandes massas, êste caráter ideológico da imensa luta, que, por isto, não nos permite uma neutralidade, quaisquer que sejam as nossas simpatias ou antipatias de nacionalidades. Da natureza do princípio totalitário — por limitadas que sejam acidentalmente as suas aplicações práticas, é invadir todo o domínio da cultura e reclamar do homem uma submissão sem restrições, que não deixa intato nenhum dos nossos valores espirituais. Não há quem não esteja convencido que a vitória nesta guerra acarretará uma imensidade e amplitude de conseqüências, não só de ordem econômica e política, senão também de alcance moral e re-

http://www.obrascatolicas.com

ligioso que não poderão deixar indiferente nenhuma alma cristã.

Para exprimir êste antagonismo de ideologias, por trás do contraste de exércitos, as grandes potências que cortaram o passo ao imperialismo invasor concretizaram, nos "ideais democráticos", a síntese de suas aspirações e os motivos de sua intervenção armada. É uma triste contingência que não nos possamos subtrair à necessidade de nos servirmos de vocábulos que a convivência social torna obrigatória, mas que a universalidade do uso carrega dos mais variados sentidos. É esta, sem dúvida, a sorte da palavra "democracia", que, aos significados históricos de mais de dois milênios de existência, acrescenta todos os matizes que lhe emprestam sociólogos, políticos e filósofos de nossos dias. Empregá-la-emos também em sentido um tanto diferente dos manuais de política ou direito, mas bem restrito e preciso.

Não entendemos por democracia um regime político caracterizado por instituições representativas ou parlamentares, baseadas no sufrágio direto, emolduradas quase sempre em quadros republicanos. As formas de govêrno são contingências históricas, que variam de povo para povo, e, num mesmo povo, com as diferentes fases de sua evolução social. As aparências políticas de um govêrno popular, não raro, dissimularam, na história, a tirania das massas ou o despotismo das maiorias.

Por democracia entendemos, aqui e agora, a organização da vida comum baseada no respeito da dignidade de cada homem que vem a êste mundo, como portador de um destino pessoal e próprio, para cujo conseguimento é titular de direitos imprescritíveis e inconfiscáveis. Assim compreendida, a democracia estende as suas exigências essenciais a tôdas as instituições, econômicas e políticas, jurídicas e sociais, a tôdas impondo limites intransponíveis e a nenhuma sacrificando as liberdades essenciais que condicionam a realização de cada pessoa humana. Poderá existir sob as aparências exteriores de um govêrno fortemente jerárquico e

autoritário, mas será inimiga irreconciliável de qualquer totalitarismo, nazista ou comunista.

Esta democracia — que não é, repito, uma simples fórmula política de equilíbrio e limitação de poderes — pressupõe uma filosofia social e descansa numa doutrina do homem, sem a qual não passa de uma sonoridade vazia.

Por esta democracia nos batemos todos — qualquer que sejam as nossas livres preferências em matéria de regimes políticos. Defendê-la, restabelecê-la é defender os fundamentos naturais da concepção cristã da sociedade. E aí tendes porque os grandes chefes das nações aliadas, numa intuição profunda das realidades em jôgo, mais de uma vez proclamaram que nesta guerra nos batíamos pela própria existência da civilização cristã.

Notável diferença e bem digna de reparo esta, entre a primeira e a segunda guerra mundial! 1918: uma atmosfera impregnada do mais completo laicismo. Congressos, discursos oficiais, mandamentos wilsonianos, Versalhes, Liga das Nações: em tôda esta, que se julgava uma reconstrução pacificadora do mundo, não se pronunciou a palavra moral, menos ainda a cristã, exceto no art. 115 do tratado de Londres para a exclusão do Papado das negociações da paz. A sabedoria política, divorciada de Deus e de Cristo, quis reconstruir com as próprias fôrças, a grande obra da convivência das nações num mundo renovado. E Deus disse: Construí. E tudo desmoronou.

Hoje os horizontes parecem mais aclarados de esperanças. Comissões de estudos de direito internacional, declarações oficiais dos maiores responsáveis pela orientação dos grandes acontecimentos proclamam a dignidade intangível da pessoa humana, a nobreza de sua responsabilidade moral, a necessidade de cimentar os fundamentos da nossa civilização cristã. Contraste instrutivo! Há meio século falava-se de civilização moderna como túmulo do cristianismo. E os buriladores de frases se compraziam em enterrar os deuses mortos em lençóis de púrpura. Hoje a civilização oscilante

http://www.obrascatolicas.com

em suas bases, assistindo ao emprêgo metódico de todos os seus progressos materiais para a sua própria destruição, amestrada por uma terrível lição de coisas, pede ao cristianismo lhe conserve e lhe restitua o sem o que lhe não é possível viver.

A lógica dos fatos veio trazer à lógica das idéias a confirmação de uma evidência irrecusável. Vamos começando a convencer-nos que as liberdades essenciais, sem as quais não nos é possível viver com dignidade, postulam uma concepção da vida que o liberalismo do século XIX tratou com hostilidade ou com a indiferença das coisas acessórias e supérfluas; que a democracia, na medida em que se dissocia do cristianismo, caminha para o suicídio; que a política não pode resolver os seus problemas sem uma filosofia social, "que não exclua ou deprecie as funções e os valores não econômicos, que trate o homem como uma pessoa moralmente livre, criatura de Deus e autor do seu próprio destino" (DAWSON, *Religion and modern State*, pág. 43); numa palavra, que a grande tragédia que vivemos e que nos dilacera, é uma tragédia espiritual.

O reconhecimento desta verdade envolve conseqüências e impõe responsabilidades de uma gravidade excepcional. A reconstrução do mundo de após-guerra, o estabelecimento desta Nova Ordem por que todos, desde o Papa até o último dos combatentes, suspiramos do fundo da alma, é um problema de renovação espiritual das bases religiosas de nossa civilização. Os tratados internacionais, as fórmulas políticas, as convenções econômicas não atingem o âmago do homem, nem lhe renovam a consciência dos seus deveres humanos. "A civilização que perdeu esta fé" [numa Lei de Deus, base da sociedade], escreve um dos maiores filósofos da história em nossos dias, CRISTÓVÃO DAWSON, "uma civilização que tira de si mesma a sua própria lei e a sua própria finalidade e desprendeu-se das raízes de ordem espiritual, tem os seus dias contados. Está condenada à destruição não por uma fatalidade externa, senão pela decadência de suas próprias energias e pela perda da vitalidade social". (Cf. DAWSON, *Religion and the modern State*, New York, 1937, pág. 125).

Se o afastamento da nossa cultura das fontes vivas do cristianismo, que lhe deu origem e energia, nos arrastou à orla dêste abismo, é só numa profunda e sincera revitalização cristã da sociedade que podemos colocar a esperança de um futuro melhor. Esta é a missão social do cristianismo: salvar a família humana no desespêro das catástrofes e trazer à novas situações soluções novas. Não nos enclausuramos na dialética fatal, e sem horizontes, do materialismo histórico. Cremos no Espírito que renova a face da terra.

Mas a cristianização das consciências é um movimento de almas; não se impõe pela violência das baionetas nem pela fôrça jurídica da lei. Insinua-se nas almas e as subjuga como a verdade, com a intransigência lógica de suas exigências e a suavidade espontânea de uma conquista de corações. É uma aceitação de valores impostos pela visão desapaixonada da realidade integral, e um esfôrço heróico de adaptação da vida à grandeza dos seus destinos. É a atuação concreta da noção profunda de cultura: verdade que numa vida se realiza e desenvolve harmoniosamente.

E por vós mesmos chegastes à conclusão que visamos de princípio: o realce da função primordial de uma universidade católica na preparação e na construção da Nova Ordem de amanhã. Se o apêlo ao cristianismo e à sua insubstituível missão salvadora da cultura ocidental não passar da sonoridade vazia das palavras, a nossa crise não terá encontrado a sua solução. E esta crise é grave, poderá destruir a nossa civilização ou renová-la. Queremos e esperamos que a renove. Mas êste resultado está nas mãos dos cristãos. O Evangelho não tem soluções feitas para as infinitamente variáveis contingências da história humana; é um fermento espiritual de inexauríveis recursos, cujas possibilidades deverá cada geração aplicar às suas exigências particulares. Quando as almas batizadas se limitam a receber passivamente o dom

http://www.obrascatolicas.com

divino e não informam, com a fé, a sua vida individual e social, a civilização desgarra e corre para o despenhadeiro. Para salvá-la cumpre, num esfôrço de regeneração espiritual, restituir às tradições e instituições sociais a vida que delas se foi. É mister que, neste mundo que agoniza, o cristianismo volte a ser espírito e vida. É mister que a nossa *educação* respeite a jerarquia integral dos calores humanos, que as nossas *instituições econômicas* traduzam de modo concreto e eficiente as exigências evangélicas da justiça e da caridade, que, nos costumes sociais, a *família* encontre a atmosfera pura e sadia que lhe permita realizar a sua nobre missão de conservar, educar e bem-aventurar a vida, que os regimes *políticos,* libertados de ideologias fatais, ponham tôda a sua ambição em criar um ambiente de segurança, de prosperidade, de riqueza em valores culturais, que permitam à variedade dos destinos humanos a plenitude de sua livre expansão.

Imensa e árdua tarefa! Convite irresistível às almas generosas! Aos homens de ação cristã renovadora do mundo — que são os santos, o heroísmo dos grandes empreendimentos. Aos homens de inteligência, iluminada pela fé, a gloriosa tarefa de acender os faróis que iluminem os grandes roteiros.

Aos que a Providência reuniu nestes cenáculos superiores de espírito onde se serve a ciência e se formam as almas, a dupla responsabilidade, imposta, como a consciência de uma missão, de irradiar a verdade e educar a vida, para a reconstrução de um mundo em que o reino de Deus seja uma realidade consoladora e a caridade de Cristo uma fonte viva de fraternidade humana.

ALOCUÇÃO

proferida na instalação dos cursos das Faculdades Católicas, no ano de 1945

No ritmo que cadencia o funcionamento regular das nossas Faculdades e já constitui a normalidade de sua vida, apenas um ou outro fato emerge, na sua importância singular, a pedir o relêvo de uma comemoração destacada.

— 1944 viu a realização de um dos nossos desejos da primeira hora: a fundação de uma *revista*. Estímulo à atividade intelectual dos nossos professôres, órgão de extensão da influência doutrinária, instrumento de intercâmbio com outras instituições culturais, as publicações periódicas são o complemento natural dos centros de estudo superior. Já possuímos a nossa. *Verbum* é o seu nome. O 5.º fascículo, a aparecer por êstes dias, já lhe vai assinalar o início do segundo ano de existência. Que Deus a abençoe e lhe dê longa vida, útil à ciência, à religião e ao Brasil.

— Entre as doações feitas recentemente às Faculdades Católicas cumpre-nos realçar, pelo seu raro valor, a biblioteca do Dr. Samuel MacDowell. Filho do Conselheiro do mesmo nome, que foi um dos mais distintos estadistas do segundo império, professor de Direito na Faculdade do Recife, advogados dos mais eminentes do Pará, o Dr. Samuel MacDowell tem sido, tôda a sua vida, um grande amigo dos livros. Desde os verdes anos, que os vem reunindo, volume e mais volume, com a solicitude dos colecionadores de raça e a tenacidade incansável de um grande amor. O resultado dêste esfôrço continuado por uma vida que já vai adiantada foi a organização de uma biblioteca especializada em História do

http://www.obrasraras.com

Brasil, tida hoje pelos entendidos como uma das mais ricas do país. Milhares de volumes, cimélios preciosos de raro valor, conheciam-na, visitavam-na eruditos nacionais e estrangeiros.

É êste acervo precioso de livros, que, num gesto de fidalguia, elegância, o Dr. Samuel MacDowell acaba de doar à nascente Universidade Católica. Pode Sua Excelência estar certo que nenhuma instituição prezará melhor a sua magnanimidade e conservará com mais carinho o valioso dom. Na grande biblioteca da Universidade, a coleção doada conservará o seu nome, e, na galeria dos nossos benfeitores insignes, se elevará um busto de bronze, monumento perene de sua generosidade e de nossa gratidão.

Da evocação do passado passemos à perspectiva do futuro, dos fatos elevemo-nos às idéias.

Na situação em que nos encontramos tudo leva a crer que, ao menos no mundo ocidental, o ano de 1945 marcará o têrmo das hostilidades. A vitória porá um ponto final à guerra. Resta vencer a paz. Será tarefa mais difícil de levar a uma conclusão feliz.

A vitória das armas contra a maior potência militar dos tempos modernos assegurou-a a colaboração das Nações Unidas. E a colaboração na guerra é um problema relativamente fácil, porque problema de *técnica* militar. Dada uma fortaleza que dispõe de tais e tais recursos de defesa, que fôrças serão necessárias e como deverão ser dispostas para conquistá-la? Verdade é que, no caso presente, o problema técnico assumiu, na sua grandeza e complexidade, dimensões inéditas na história. A fortaleza a conquistar era um continente; as fôrças conquistadoras mobilizavam as reservas militares e econômicas de todos os outros continentes. Mas a ciência dos cabos de guerra e a vontade decidida dos homens de govêrno assegurada, na sua convergência, pela unidade temível do inimigo comum, triunfaram de todos os obstáculos.

Terminada a obra de destruição, deverá iniciar-se o trabalho construtivo da paz. Aqui as dificuldades avultam. Já

não basta que se reúnam os estados maiores e coordenem os seus planos estratégicos para bater e *aniquilar* o adversário. Importa agora uma *unidade de pensamento* que inspire a fórmula positiva de convivência estável e amiga entre os homens. Importa uma concepção comum, ao menos nas suas linhas essenciais, do futuro político, social e moral da humanidade, porque tôda a humanidade está em guerra e tôda ela deverá beneficiar amanhã dos frutos da paz.

Esta é a nota característica do conflito atual: não nos achamos apenas arrastados nos vórtices de uma guerra, mas ainda envolvidos no processo mais amplo de uma revolução. A guerra é embate de fôrças; a revolução, entrechoque de idéias. Na guerra alinham-se exércitos e armadas, na revolução defrontam-se ideologias e concepções da vida. A guerra que devasta os continentes há mais de um lustro é apenas um episódio, episódio sangrento, de uma revolução que sacode os alicerces da nossa civilização ocidental. Por isto a paz que agora se deve construir não se resume numa volta ao passado. Êstes anos, marcados pelo ferro e pelo fogo, não foram um parêntese aberto na normalidade da história. O armistício não deverá fechar o parêntese para que a marcha dos acontecimentos, interrompida por alguns instantes, retome o ritmo de outrora.

Ai de nós, se esta paz fôsse uma restauração! Nada teríamos esquecido, nada teríamos aprendido! A conflagração de ontem não abriu, como outras na história, uma interrupção no normal, assinalou a fase paroxística no processo desintegrativo do anormal. Voltar ao que éramos no entreguerra ou antes de 1914 é assinarmos apenas outro armistício, durante o qual trabalharão as mesmas fôrças mortíferas que hão de desencadear amanhã catástrofes mais calamitosas. Versalhes não viu as profundezas da realidade social e política; ficou à superfície das coisas. Acreditou haver elevado à paz um monumento *aere perennius*, e os três lustros que se seguiram a 1918 contemplaram três grandes revoluções — vermelha, preta e parda, que atearam incêndios

http://www.obrasraras.com

de ódios e darramaram torrentes de sangue, como nunca na terra viram olhos humanos. Não; não se trata apenas de eliminar HITLER, como em 1918 o problema não era apear do trono a Guilherme II. Trata-se de refazer uma civilização em que não seja possível o aparecimento de um HITLER. Os ditadores totalitários não são o pior dos males, mal mais profundo são as filosofias da vida que criaram a possibilidade de expansão dos totalitarismos ditatoriais. Certos fungos não germinam senão na madeira que entra a decompor-se. Inútil lancetar o botão purulento se não se cauterizar o foco da infecção profunda.

Não; não lutamos por uma restauração, batemo-nos por uma regeneração. Que êste imenso cataclismo seja o episódio final, o desfecho ruinoso, mas salutar, de uma civilização que resgata no sofrimento a imensidade de seus desvarios. O por que suspiramos é uma nova ordem, é o renascimento para uma vida integral que responda às exigências múltiplas e jerarquizadas desta esplêndida natureza humana que é a obra prima da criação sensível e foi elevada à dignidade inefável de união pessoal com o Verbo eterno de Deus.

Não basta um grande reajustamento econômico do mundo para consolidar a estrutura vacilante da nossa civilização. Nenhum regime político possui a fórmula taumaturga de pacificação social dos ânimos e de satisfação profunda das nossas inquietudes. Importa descer mais ao âmago das coisas e reorganizar os quadros da nossa vida individual, familial, social em função de uma concepção integral do homem e dos seus destinos.

A raiz imediata dos frutos que tanto nos amargam mergulha nestas concepções unilaterais e mutiladas do homem que envenenaram tôda a atmosfera do século XIX, para não remontarmos mais longe na genealogia dos sistemas.

DARWIN deu-nos um homem-animal, último elo na cadeia das transformações biológicas, que chegou à perfeição da sua espécie pelo triunfo sôbre o mais fraco na luta pela

vida. E quando êste princípio resume a lei fatal do progresso, vós vos admirais que as nações se armem para crescer, progredir e sobreviver à custa dos povos menores?

SMITH, primeiro, MARX, mais tarde, deram-nos um *homo oeconomicus*, um indivíduo que vive só de pão, uma sociedade que se organiza tôda em dependência fatal das relações de produção. E vos causará estranheza que, num mundo onde os mais altos valores espirituais não passam de epifenômenos, superstruturas sem autonomia nem realidade própria, o materialismo desenvolva tôdas as suas conseqüências liberticidas?

FREUD, revolvendo profundezas insuspeitadas, pinta-nos um homem cuja psicologia tôda gravita em tôrno da libido. Tôdas as suas atividades se reduzem então a expressões conscientes ou inconscientes, brutais ou sublimadas, do mais egoísta dos instintos quando se emancipou das leis morais impostas pelas suas finalidades. Que haveis de esperar de vida individual ou social inspirada no hedomismo que sacode as leis da razão como tabus injustificados de eras vencidas?

Que fará o homem assim mutilado? Para onde se encaminhará uma civilização assim desorientada pela visão parcial e deformadora da realidade central a que deverá servir? Falseando tôdas as perspectivas, elevará a categoria de Absoluto, bens relativos e efêmeros. Criará ídolos e imporá a sua adoração pela violência. Dirá que a raça, a classe, a nação são a razão suprema do viver, que a biologia, a economia e a política encerram a ciência do bem e do mal e revelam o enigma dos destinos. Confusão e subversão de todos os valores. As almas continuarão inquietas no seu vazio interior e as nações vacilantes no seu desequilíbrio social.

Uma ordem nova só construirá uma paz duradoura, para as almas e para os povos, sôbre os fundamentos de uma concepção integral do homem. Não caducou a sabedoria do velho ARISTÓTELES: não se poderá definir o estado ideal sem antes definir o ideal da vida. O homem é uma inteligência

http://www.obrasc...icas.com

— que se eleva acima da sensibilidade do concreto e atinge o ser em tôda a amplitude de sua universalidade. O homem é uma vontade que não se aquieta na posse de nenhum bem efêmero, mas aspira ao êxtase de um amor sem desfalecimentos nem decepções. O homem é uma liberdade que sente o imperativo do dever e as conseqüências de sua opção na conquista da sua felicidade. Numa palavra, o homem, só, na criação visível se eleva à dignidade de pessoa: tem um destino próprio, inalienável, que deve realizar com a fidelidade à lei de sua natureza, expressão da vontade criadora. Tem relações que o vinculam no plano horizontal ao espaço e ao tempo onde se desenrola o cenário da sua vida social, mas também apruma-se verticalmente para Deus, onde só encontrará a sua paz interior e a sua alegria definitiva. Por isso mesmo, cada homem é um mundo autônomo, irredutível à instrumentalidade da coisa, portador de um patrimônio de direitos inalienáveis, que condicionam o exercício de sua atividade moral e a conquista de seu destino imprescritível.

E aí tendes o dilema fatídico que se nos depara nesta encruzilhada trágica da história. Se a paz de amanhã continuar, como a de 1918, a ignorar no homem a criatura de Deus, a não ver nêle senão o animal de Darwin, o proletário de Marx, o portador de germes de uma raça apurada de Hitler, terá sido inútil o imenso sacrifício dêstes anos de inauditos sofrimentos. Ganharemos a guerra e perderemos a paz. A sociedade de amanhã continuará a oscilar entre a anarquia do individualismo e a tirania do totalitarismo.

O mundo de ontem, em que foi possível o aparecimento de tôdas as misérias que desfecharam na catástrofe que hoje nos desola, continuará substancialmente imutado e, amanhã, não terá resistências eficazes para opor ao advento de outros homens de aço que forjarão para a humanidade as grilhetas de uma escravidão mais humilhante. O poder passará das mãos de um grupo para as de outros, o dinheiro de uma para outra algibeira, a fôrça de uma classe para

outra. Mudanças aparentes de fachada, permanência do mesmo mal secreto, que envenena a vida. Venceremos a guerra pelo poder das armas, mas não atingiremos a grandeza espiritual que nos torne dignos de ditar a paz.

Restituí, porém, ao homem a consciência de sua dignidade de imagem e filho de Deus, o senso de sua responsabilidade moral em face de seus destinos imortais e tereis lançado os alicerces insubstituíveis de uma organização social digna do homem. Só a transcendência constitui a garantia real de nossa imanência.

Por aí vêdes que a reconstrução de amanhã, se apresenta aspectos econômicos, políticos, militares de inegável importância, deve ser antes de tudo uma revolução espiritual, uma revolução humana que atinja o homem no que ele tem de especìficamente humano, na sua consciência, na sua atitude em face da vida.

Afirmar esta evidência é pôr ao mesmo tempo em relêvo a função transcendental do cristianismo na imensa tarefa da restauração do mundo de amanhã. A Igreja é a única sociedade verdadeiramente universal; é a única autoridade que fala às consciências em nome de Deus, única incumbida, por missão sobrenatural, de guiar a humanidade para os seus destinos. Superior ao tempo, às raças e às culturas, eleva-se, por isto, acima de tôdas as outras sociedades que desfilam na história; incorpora e assimila todos os valores permanentes das civilizações que passam, mas não se identifica com nenhuma das suas formas contingentes de viver social. A tôdas infunde vida, com nenhuma envelhece e caduca. Depositária incorrutível de um patrimônio de verdades transcendentais que definem os direitos imprescritíveis de Deus e a dignidade inalienável do homem, não sacrifica nenhuma destas claridades essenciais à imposição da violência ou à solicitação das paixões. Pregadora infatigável da caridade, tôda a sua pregação se reduz ao grande mandamento do amor, do amor filial que nos une à paternidade

http://www.obrascatolicas.com

de Deus nas consolações de uma vida interior inefável, do amor fraterno que nos estreita, a todos os membros da raça humana, na comunhão de uma mesma família, que caminha para o mesmo destino, a posse inefável da herança divina.

Se a reorganização da vida social de amanhã deverá ser digna do homem, isto é, baseada numa concepção integral e verdadeira da natureza humana e da harmonia das suas exigências fundamentais; se a reconstrução do edifício da paz deverá ser uma obra de amor e não de ódio, se importa que a comunhão interna das almas aproxime os corações antes que os vínculos jurídicos estruturem externamente a sociedade, a Igreja não poderá estar ausente da sinceridade dêste esfôrço imenso para preparar dias melhores à humanidade que sofre.

Paralela à riqueza dêstes tesouros do cristianismo é a responsabilidade moral de cada cristão. Mais do que em qualquer outra contingência histórica é mister que, num mundo tão distanciado de Deus, tôda a nossa vida social e intelectual seja embebida de fé, fé esclarecida, operosa, radiante!

Maior ainda o quinhão de responsabilidades que nessa tarefa reconstrutiva pesa sôbre os ombros de quantos exercemos ou seremos chamados a exercer uma função orientadora de guias. Na conferência realizada na Inglaterra, em 1943, pela Associação dos Professôres de Universidades das Nações Unidas, o Dr. Glaser acentuava no seu discurso presidencial a importância particular da "função social futura da Universidade não só em preparar membros úteis à vida nacional, quanto em interpretar a vida social e as necessidades da nação". Função sobremodo necessária depois da guerra, continua êle, porque "nos acharemos então em face de uma revisão de todos os valores conhecidos e reconhecidos, com tôdos os perigos morais e a conseqüente instabilidade social que esta revisão envolve". (*The function of a University in a modern Community*, Oxford, B. Blackwell, 1943, III.)

Os que temos a felicidade de trabalhar numa Universidade Católica acolhemos a promulgação dêste dever:

com a *fidelidade* de quem se desempenha de uma missão que se eleva à dignidade de uma vocação divina;

com a *alegria* de quem, irradiando verdades que não passam, distribui aos seus irmãos riqueza de um valor sem preço;

com a *gratidão* de quem se sente escolhido por Deus para colaborar muito de perto nos planos divinos de salvação da humanidade.

http://www.obrascatolicas.com

ALOCUÇÃO

proferida na instalação dos cursos da Universidade Católica no ano de 1946

Revivemos, neste momento rico de emoção e de beleza, uma página tradicional na história das universidades: a das suas origens iluminadas e abençoadas pelo prestígio de um príncipe da Igreja. Volvei êstes pergaminhos vetustos, testemunhas respeitadas pelos séculos do primeiro nascer das mais célebres instituições superiores de ensino no Velho Mundo, Oxford e Cambridge, Paris e Bolonha, Viena e Cracóvia, Roma e Coimbra — em todos êles encontrareis o nome venerando de um grande papa ou de um grande bispo.

A Igreja permanece, através dos séculos, fiel ao amor da ciência, como permanece fiel ao amor da verdade. Uma púrpura ilumina neste instante com a fulgência dos seus reflexos a grandeza austera desta solenidade.

Regozijamo-nos em assinalar a fidelidade ininterrupta dessa tradição de amizade e de colaboração entre a ciência e a fé.

Ao nosso Pastor, como de justiça, colhemos jubilosos esta faustosa ocorrência para renovar o protesto de todos os sentimentos que, havendo sido sempre os nossos, dora avante o serão com maior amor e fidelidade. Colocando-vos em tão alto pôsto de confiança e de honra, a Igreja quis proclamar os vossos merecimentos, e os nossos deveres de respeito, dedicação e obediência. Associando a vossa elevação à púrpura e a nossa elevacão a Universidade, forjou a Providência mais um elo a vincular os nossos destinos à eminência da vossa missão apostólica.

* * *

Êste ano, senhores, ficará gravado com caracteres de ouro nas páginas da nossa história. Após um lustro de trabalhos e lutas contra os obstáculos que dificultam o arranque das instituições novas, as Faculdades Católicas de 1940 foram elevadas à dignidade definitiva de Universidade Católica. A lei de 15 de janeiro de 1946 é o nosso diploma de maioridade.

Mas, como quem passa dos entusiasmos da adolescência para os encargos da idade viril, vemos na excelência da situação conquistada, não tanto a recompensa de esforços passados quanto o início de novas e graves responsabilidades.

Na história de um povo, como nos destinos de uma civilização, é decisiva a influência da universidade. Não é, portanto, de maravilhar que ante a grandeza trágica da crise que assoberba o mundo, também estas altas instituições, depositárias e transmissoras do saber humano, houvessem sido chamadas a contas num exame de consciência que balanceia os erros do passado, para lavá-los na contrição e corrigi-los no propósito que há-de reconstruir o futuro. E as sentenças dêste tribunal de julgamento, por via de regra, não as absolvem do seu quinhão de cumplicidade no desencadeamento das imensas desgraças que nos afligem. As conclusões de Ortega y Gasset, na Espanha, ou de Nash, na Inglaterra, de Einstein, na Alemanha, ou de Lovett, nos Estados Unidos, resumem-se na mesma averiguação dolorosa: "A universidade moderna falhou à sua missão".

E qual é a missão da Universidade? Os que respondem analìticamente enumeram as suas variadas funções:

1º) formar sábios, investigadores intelectuais, habilitá-los ao trabalho que faz progredir a ciência, laurear doutores ou ensinantes dos demais: função doutoral, função científica;

2.º) formar profissionais das chamadas carreiras livres, homens possuidores de conhecimentos científicos indispensáveis a uma aplicação prática, específica, com fim utilitá-

http://www.obrascatolicas.com

rio, licenciar técnicos para o exercício das profissões mais elevadas: função profissional, função social.

Num e noutro caso, a universidade recruta e plasma o escol de uma nação. Pelas provas liminares a que é submetido o que nela ingressa, o estudante universitário apresenta uma capacidade intelectual superior à média; não é um simples habilidoso, é um inteligente capaz de raciocinar por conta própria. Sua função mais tarde será a de *dirigir*. E aí tendes a finalidade específica da universidade. Pelo nível do ensino que transmite como pela capacidade superior dos seus estudantes, a educação universitária é tôda orientada num sentido de *criação* e *direção*. Criação da ciência, direção da sociedade. Dos seus recintos sairão aquêles que deverão estudar os problemas dos demais, encontrar-lhes as soluções e impô-las como normas de govêrno.

A Universidade não deve optar entre o tipo alemão e o inglês, de orientação científica e de orientação cultural. Não se lhe impõe a escolha entre a formação do homem fáustico, que deseja saber para poder, e o homem simplesmente culto, do *gentleman* britânico. Pela sua natureza própria e *específica* a missão da Universidade é "ensinar os mais aptos para dirigir os outros." (Dr. ENRIQUEZ de Salamanca.)

Daí ainda a necessidade de uma formação humana total, a integração dos conhecimentos superiores numa educação que prepare à grandeza destas responsabilidades sociais. Transmitir apenas os conhecimentos técnicos de uma profissão é habilitar o homem-*produtor*, aquêle que, na divisão do trabalho da colmeia humana, deverá desempenhar uma tarefa especializada. Mas, por sôbre estas diferenciações profissionais, há uma profissão comum a todo universitário, a de dirigir os outros. E o dirigente social, o que maneja as alavancas de comando, reclama uma educação do homem que marcha na vanguarda dos outros homens.

Os que, à pergunta acima "qual a missão da universidade?", preferem responder com uma fórmula mais sintética,

relacionam-na com um conceito da cultura. Missão da universidade é conservar e transmitir a cultura e por cultura entendem "o sistema vital de idéias de um período" (ORTEGA Y GASSET).

Reuni o corpo docente de uma destas cidades da sabedoria na plenitude de sua integridade: tereis em síntese todos os conhecimentos de uma época, todo o saber capitalizado pela humanidade em milênios de estudos e atualmente elevado ao seu mais alto grau de aperfeiçoamento. Colocai diante desta geração de homens maduros a geração nova que sobe, ávida de saber e vibrante de entusiasmo ante a perspectiva da realização do seu destino próprio na história de um povo. Tendes, numa tensão de equilíbrio dinâmico, as duas grandes fôrças da tradição e do progresso, isto é, o ambiente natural em que se elabora e transmite o sistema vivo de idéias características da cultura de uma época e de um povo.

A esta nobre missão de depositária fiel do patrimônio da nossa cultura não correspondeu a Universidade moderna. Os homens que nelas se formaram não puseram os tesouros intelectuais aí acumulados a serviço da civilização. E assistimos ao paradoxo de uma invasão de barbárie armada dos mais refinados recursos da ciência e da técnica. Uma cultura que não serviu à civilização. A crise da civilização foi uma crise da universidade.

Os que se detêm na análise minuciosa das suas causas não encontram dificuldade em apontá-las na desintegração do conhecimento que perdeu, com a sua unidade orgânica, a sua fôrça construtiva e a sua capacidade orientadora da atividade humana. A fragmentação inarticulada dos conhecimentos, os excessos de especialização, o culto do cientismo, entre outros males, minaram a integridade intelectual da universidade moderna. Renunciando a ensinar uma concepção unificadora da vida, renunciou à nobreza indeclinável de sua tarefa cultural.

http://www.obrasliterarias.com

Não é intenção nossa levar adiante a diagnose do mal e, menos ainda, investigar-lhe a possível e difícil terapêutica. Intuito nosso foi apenas esboçar, a largos traços, o problema universitário contemporâneo para nêle situar a posição justa da Universidade Católica.

Nenhuma das funções essenciais da universidade lhe é estranha.

Servir à ciência, sim, com tôda a lealdade e com todo o fervor. Respeitando a justa autonomia traçada pelo objeto e pelo método de cada ramo do saber, o investigador católico trabalha com a alegria de quem está certo de que, sondando os mistérios da natureza, repensa os pensamentos do Criador, na frase profunda de KEPLER, e com a confiança profunda de que todo passo adiante no descobrimento da verdade é um progresso no conhecimento de Deus e dos seus desígnios na história da humanidade.

Servir a sociedade, sim, formando os que, nos postos de maiores responsabilidades, hão-de assegurar-lhe a vitalidade sadia das funções mais importantes.

Uma e outra missão, porém, procura desempenhá-la a Universidade Católica numa atmosfera espiritual impregnada de cristianismo. Neste ambiente, o corpo professoral, que espelha, na variedade de suas especializações, a diversidade do saber humano, encontra, sob a influência da fé, o segrêdo de sua unidade orgânica e a harmonia de sua colaboração fraterna. A geração nova dos estudantes nela respira a atmosfera propícia ao pleno desenvolvimento de sua formação moral. A educação nunca se separa da instrução. E os que pensam que o colégio dá a última demão ao caráter do adolescente desconhecem os ensinamentos da psicologia e as lições da experiência. É entre os 18 e os 25 anos que se determina o valor definitivo dos jovens. E tanto mais tarde se ultima a estruturação da personalidade quanto mais alto é o plano em que ela irá irradiar a sua influência. Por êste desenvolvimento sincronizado da inteligência e do caráter, assegura-se a formação integral e plenamente humana,

esta formação "de hombres buenos y doctos" que VIVES assinalava como ideal de todo esfôrço pedagógico. Por ela firma-se outrossim a alta missão social das Universidades Católicas. Preparar chefes em que a vida intelectual e a vida moral se tenham compenetrado na harmonia de uma síntese equilibrada não é conquistar um dos maiores títulos de benemerência social? Formar êste escol de inteligências cultas e honestas não é o meio mais eficaz de influir na sociedade e impulsionar, de maneira eficaz e digna do homem, a grande obra da civilização?

* * *

Tão importante e manifesto é êste resultado, que muitos nêle vêem a razão única de ser das nossas grandes instituições superiores de ensino. Esquecem um aspecto especìficamente intelectual mas de importância transcendente nas finalidades da Universidade Católica e a relacionam com a vida mesma da nossa cultura.

Cristianismo e cultura são realidades distintas. O cristianismo é a mensagem *sobrenatural* de Cristo à humanidade. É a comunicação da vida divina: revelação dos nossos destinos no plano providencial da salvação, economia de meios que alimentam a nova vida da graça e preparam para a visão de Deus.

A cultura é um bem de ordem natural, filho da atividade criadora de homem. Quando contemplais um quadro da natureza, podeis sentir tôda a emoção de sua majestade e beleza, podeis experimentar a exaltação que acorda idéias e convida à ação, não estais diante de uma obra de cultura; falta-lhe o esfôrço do homem. Mas que a esta natureza aplique o homem a riqueza de suas multiformes virtualidades, aguilhoado pelo desejo de realizar os ideais de verdade, de beleza e de bondade que lhe atormentam a alma, e destas atividades criadoras vereis nascer cidades e searas, economia e direito, ciências e artes, numa palavra, uma cultura.

http://www.obrasc...licas.com

Sintetizando: fim do cristianismo: santificar o mundo pela doutrina, pela lei e pela graça de Cristo. Fim da cultura: proporcionar ao homem, na terra, as oportunidades de uma expansão digna de sua natureza.

Desta distinção fundamental derivam graves e importantes as conseqüências. O cristianismo não se identificá com nenhuma forma contingente de civilização. Instituição divina destinada a iluminar todo o homem que vem a êste mundo, é trans-histórico; sua existência tem as dimensões da humanidade; sua vitalidade é imortal.

As civilizações, como obras humanas, nascem, prosperam, definham e morrem. Dispersas no espaço e no tempo, dependentes no seu desenvolvimento das mais variadas condições geográficas e históricas, apresentam os mais diversos aspectos econômicos e políticos, científicos, artísticos e sociais. Com nenhuma destas civilizações solidariza o cristianismo os seus destinos. Elas passam, êle sobrevive.

Mas, se nenhuma civilização se identifica com o cristianismo, nenhuma, para ser digna do homem, dêle pode prescindir. Se a finalidade do Evangelho é sobrenatural não deixa por isto de beneficiar a natureza: não há no homem um ser sobrenatural separado do natural. A graça supõe e aperfeiçoa a natureza. A obra da redenção eleva-se sôbre a obra da criação. O cristianismo, por isto mesmo que é uma religião sobrenatural, começa por definir a natureza, as suas leis essenciais, as condições de seu funcionamento normal. É sôbre esta natureza reta ou retificada que êle ira enxertar a sua obra sobrenaturalizadora. Não poderá elevar-se à dignidade de cristão, quem renunciar à dignidade de homem.

Por isto mesmo, tôda civilização que organizar a sua estrutura em oposição às exigências fundamentais do cristianismo é uma civilização infra-humana ou anti-humana, que, em vez do bem-estar e da prosperidade, só poderá acumular ruínas e multiplicar sofrimentos. Não é possível atingir o fim intermediário e relativo da prosperidade material e da felicidade terrena em contraste com o destino total e definitivo, traçado pela sua dignidade de espírito e pela sua elevação à ordem sobrenatural. Substituir o antagonismo onde deve reinar a jerarquia é criar a desordem. Se à evidência do raciocinio fôra necessária uma confirmação de experiência, abundante e eloqüente, no-la dariam todos os paganismos antigos e modernos. Cristo, luz do mundo, não passou em vão pelos horizontes da humanidade; nem em vão soaram na plenitude da história as suas palavras de vida.

"O cristianismo", no dizer de TAINE, "é o grande par de asas indispensável para elevar o homem acima de si mesmo".

Não estou a perder-me em digressões. Fortaleci as premissas para concluir com mais firmeza.

O Evangelho, que é o fermento de tôda a civilização, não oferece à variedade das civilizações históricas a solução pronta dos seus problemas específicos. A cada povo e a cada época o dever de aprofundar a verdade de seus princípios inesgotáveis para com ela insuflar um sôpro de vida na contingência de suas instituições. Eis a missão perene das universidades católicas: elaborar um ideal concreto de cristandade e iluminar a ação dos que o devem realizar. Investigar as condições econômicas, políticas e sociais que a história vai criando e transformando e ajustá-las às exigências imprescritíveis da grandeza do homem que o Evangelho revelou e elevou à dignidade de filho de Deus. Criar uma civilização é infundir um ideal na história; salvar a civilização pelo cristianismo é encarnar na realidade a idéia cristã do mundo. Sem uma profunda cultura cristã não é possível essa tarefa grandiosa e imprescindível e não há cultura cristã profunda onde não há universidade católica. A Igreja é inerente uma função universitária como lhe é inerente uma missão educadora e uma missão civilizadora: *"vos estis lux mundi; vos estis sal terrae; docete omnes gentes."*

Perene a missão das universidades católicas, dissemos, porque perenes as razões que a justificam e reclamam. Mas, singularmente necessária nas grandes eras de crise que sacodem a humanidade. Quando, abalados os fundamentos de

http://www.obrascatolicas.com

uma civilização histórica e perdida a confiança na eficiência de suas instituições vacilantes, os homens e as nações anseiam por uma renovação profunda e salvadora, mais do que nunca importa acender os faróis para evitar a catástrofe de náufragos desastrosos.

É a nossa quadra: declínio de uma civilização que se esgotou, parto doloroso de uma idade nova que surge. Para o mundo, que aspira à sua renovação, Cristo tem palavras de vida eterna. Esquecê-las ou desprezá-las, fôra comprometer a realização de todos os ideais que acordam e eletrizam os nossos mais justos entusiasmos.

Queremos elevar as classes que trabalham a uma justa participação de todos os bens de cultura. E sôbre a dignidade do trabalho ninguém nos dirá verdades mais profundas e consoladoras que o Evangelho de Cristo. O trabalho é a missão do homem, é a colaboração com Deus na realização do seu plano criador. Mãos que trabalham são mãos benditas, como benditas as mãos do Filho de Deus, que, antes de semear com gesto esplêndido o verbo da vida que regenerou o mundo, domaram vitoriosamente a dureza da matéria criada para servir ao homem. Tôda legislação social que não traduzir nas suas normas práticas a elevação dêstes princípios ficará aquém da nobreza do trabalho e do trabalhador.

Querem estruturar a convivência social nos moldes de uma constituição política que respeite a inviolabilidade e a universalidade dos direitos humanos. E sôbre a dignidade da pessoa humana, só o espiritualismo cristão poderá elevar a sua voz para falar com verdade, coerência e eficácia. Lembrar-nos-á que cada homem que vem a êste mundo é imagem de Deus, portador de destinos imortais, responsável pela orientação moral de seus atos, e, por isto, titular de direitos inalienáveis e imprescritíveis. Qualquer democracia, que nas suas determinações constitucionais não traduzir sinceramente o respeito desta dignidade pessoal de cada cidadão

é edifício levantado sôbre areia movediça. Amanhã varrelo-á a tirania de um homem ou o totalitarismo de um sistema.

Aspiramos ainda a uma fórmula fecunda de convivência internacional que nos permita a todos os filhos da família humana viver num ambiente de justiça e de paz. E a Igreja, que é católica, isto é, universal, nos repetirá as suas lições fecundas sôbre a igualdade essencial de todos os homens, sob as variedades de raças, nações e culturas criadas pelas contingências da história. Sem uma doutrina que justifique aos olhos da inteligência e persuada eficazmente aos corações a fraternidade humana, tôdas as tentativas de organização internacional fracassarão ante o choque dos interêsses e o conflito dos imperialismos.

Ali tendes, em rapidíssima síntese, a função perene e a função contemporânea das universidades católicas. É árdua, mas gloriosa. Nunca foi tão violenta a luta das idéias. Mas, por isso mesmo, nunca foi tão generoso combater pelo triunfo da verdade.

Professôres da Universidade Católica, congratulo-me convosco; aqui não trabalhais apenas pelo progresso de um ramo dos conhecimentos humanos; ireis colaborar no grande esfôrço de elaboração concreta de uma cristandade ajustada às exigências da história que se transforma, trabalhais na obra criadora de uma civilização cristã.

Jovens estudantes eu vos felicito; um dia vos haveis de regozijar de, aos vinte anos, haverdes renunciado a caminhos mais fáceis, para optardes corajosamente pelo ideal de uma cultura integralmente cristã.

Lembremo-nos todos que pertencemos a uma instituição, na qual e pela qual a nossa civilização se esforça por conservar-se ou tornar-se cristã. Agradeçamos a escolha da Providência e conservemo-nos sempre à altura dos seus ideais e das suas responsabilidades.

http://www.obrascatolicas.com

ALOCUÇÃO

proferida na instalação dos cursos da Universidade Católica, no ano de 1947

1946 ficará gravado, com caracteres de ouro, na história da nossa instituição. Após cinco anos de trabalhos e esforços, indispensáveis para vencer a inércia e as resistências passivas do primeiro arranque, as Faculdades Católicas atingiram a plenitude do seu desenvolvimento constitucional. Uma lei de janeiro elevou-as à categoria de Universidade, *pleno jure*, nos têrmos da nossa legislação escolar, e um decreto de outubro deu fôrça obrigatória aos nossos Estatutos, já aprovados unânimemente pelo Conselho Nacional de Educação. Somos, assim, a primeira Universidade livre e a primeira Universidade Católica no Brasil. E folgamos já em averiguar que o exemplo generoso do saudoso Cardeal Leme tenha estimulado outras iniciativas não menos promissoras. Não estará talvez longe o dia em que os católicos se possam ufanar de haver criado três ou quatro universidades em terras de Santa Cruz. Grandes benefícios para a difusão do saber, grandes esperanças para a orientação cristã da nossa cultura.

Com a elevação à categoria de Universidade coincidiu outrossim o crescimento interno de nossas instituições. Neste ano, integrou-se no conjunto dos nossos estabelecimentos de ensino o *Instituto de Formação Social e Familiar*. Fundado em 1937, mantém êle, há quase 10 anos, além de um curso de formação familiar, uma Escola de Serviço Social, que já firmou definitivamente a sua reputação. O Instituto Social conservará a sua personalidade jurídica e a sua

autonomia econômica, mas trabalhará, ao lado das outras unidades escolares, para a realização de nosso ideal comum. As nossas Faculdades dos primeiros tempos continuam, com passo seguro, a sua marcha progressiva. A de Filosofia, após uma reflexão na curva das matrículas, determinada pela mudança legal nas exigências de admissão, retoma o seu ritmo ascensional. Os alunos inscritos êste ano passam de 60% dos do ano passado. A de Direito, onde não houve alteração nas condições dos exames vestibulares, continuou o seu progresso ininterrupto e no corrente ano os pedidos de inscrições quase atingiram os nossos limites regimentais da matrícula. Grande consolação e grande recompensa para o nosso corpo docente, que, nas dificuldades inevitáveis dos primeiros tempos, não tem poupado sacrifícios, dedicação e generosidade para a realização do ideal que a todos nos inspira e congrega.

A mocidade, depositária das nossas mais justas esperanças, continua a afluir em tôrno de suas cátedras e a comunicar ao nosso ambiente o ardor do seu entusiasmo, a inquietude de suas curiosidades e a expressão de sua alegria, que também a nós rejuvenesce.

A dignidade universitária pede instalações materiais, que respondam à grandeza do nome e às exigências de um crescimento incoercível. A construção dos primeiros pavilhões é um problema que, há muito, está na primeira linha de nossas preocupações e, contamos com as bênçãos da divina Providência, entrará êste ano na fase das realizações concretas.

Enquanto, porém, aguardamos, com justificada impaciência, novas salas e novos salões, museus e bibliotecas, gabinetes e auditórios que nos encham os olhos de grandeza, de claridade e de proporções harmoniosas, concentraremos desde logo os nossos esforços na missão cultural da nossa Universidade.

O ciclo da guerra parece encerrado; esperemos que se não reabra por algumas gerações. Mas a paz ainda não

http://www.obrascatolicas.com

voltou a alegrar o coração dos homens. Êste bem superior por que suspiram indivíduos e povos não é só um dom gratuito do céu, é ainda uma conquista das boas vontades sinceras e da perseverança dos longos esforços. Deve florir nas almas como uma atitude espiritual, antes de escrever-se nos tratados — como cláusula fria de um contrato. Se os homens não fraternizarem como homens, os povos não chegarão a conviver pacíficos na solidariedade da ordem internacional. Essa tarefa de reconstrução de uma sociedade, melhor urge empreendê-la, à luz das experiências amargas mas fecundas do passado, e continuá-la sem esmorecimentos, olhos num ideal alevantado, orientador de caminhos e dinamizador de energias. Que ideal? Em cada fase histórica da sua evolução, a humanidade, sempre insatisfeita do presente, procura moldar o futuro, atraída por um grande bem que lhe pareça deter a chave da felicidade. A Renascença entusiasmou-se pela beleza da forma, pelo equilíbrio das proporções, pela harmonia da antiguidade clássica. E o homem belo e bom, *kalos kai agathos*, de que nos falam os mestres de Hélade, tornou-se o modêlo do homem recém-saído da Idade Média. A razão seduziu o século XVIII, que, em fanatismo de apoteose, lhe chegou a queimar incenso como à divindade. O século XIX preferiu o saber experimental à filosofia e saudou na Ciência a luz definitiva, fadada a guiar a humanidade ao último estado de organização pacífica e de convivência feliz. Nós já perdemos esta fé na eficácia taumaturga da ciência.

A profundeza das evoluções e revoluções políticas do entreguerra com todo o seu cortejo de desequilíbrios institucionais e de sofrimentos inenarráveis induziram-nos no govêrno dos povos almejar uma forma democrática de govêrno que representaria um passo decisivo no progresso da humanidade para um porvir menos agitado e sombrio, mais seguro que o presente.

E a democracia apareceu nos horizontes da vida contemporânea como um ideal dotado de um dinamismo quase ir-

resistível. Todos os partidos políticos, tôdas as correntes ideológicas, ainda opostas pelo antagonismo mais irredutível, não se resignam a abrir mão da fôrça atrativa do seu poderoso magnetismo. E na reorganização democrática do mundo se concentram as mais vivas esperanças da obra construtora da paz.

— Se dermos à palavra democracia um sentido mais amplo, que, além de técnicas contingentes na fórmula de escola dos representantes da nação e de equilíbrio dos poderes, compreenda, outrossim, os princípios fundamentais de uma filosofia social, que a inspire e justifique, poderão não ser exageradas as nossas esperanças nem excessivos os nossos entusiasmos.

Neste caso, a grande tarefa da hora presente é trabalharmos sinceramente para o advento de uma democracia genuína. Não é fácil nem simples a tarefa. São muitos os *obstáculos* que se lhe impõem no panorama do mundo contemporâneo e do mundo de sempre.

Obstáculos *políticos* derivados da guerra e da anarquia internacional. Só os poderá resolver uma sociedade das nações inspirada sinceramente na supremacia do direito e da justiça. Há muitos anos que para êste govêrno orgânico dos povos trabalham as diferentes e sucessivas ligas das nações, com grande dispêndio de esforços, mas até hoje, cumpre confessá-lo, com uma exigüidade desconsoladora de resultados.

Obstáculos *econômicos* oriundos de uma distribuição menos justa dos bens materiais. Uma justa organização política da comunidade não pode descansar nos fundamentos de uma economia injusta. Nem poderá exercer livremente os direitos da cidadania o trabalhador dependente na sua subsistência das arbitrariedades de outro cidadão. Importa libertar todo o homem da insegurança, do mêdo à miséria e à fome, da incerteza angustiosa do amanhã no seu lar. As relações entre o capital e o trabalho deverão passar por uma transformação profunda que permita a generalização da propriedade protetora da liberdade. Só o acesso de todos os ci-

http://www.obrasc...licas.com

dadãos ao gôzo dos bens superiores da cultura, uma democracia econômica e social poderá constituir a base estável de uma democracia política.

Obstáculos *humanos,* radicados, não na essência da nossa natureza, racional, livre política, mas nas contingências existenciais do homem histórico, com tôdas as suas deficiências e imperfeições. Nenhum outro regime depende tanto do valor humano do cidadão como a democracia, porque nenhum outro apela tanto para a racionalidade de homens livres, no exercício altamente responsável de suas liberdades políticas.

À educação compete remover êstes empecilhos acidentais de ordem humana.

Havendo acenado apenas de passo aos obstáculos políticos e econômicos, fora das nossas preocupações de momento, concentremo-nos por alguns minutos nestas dificuldades, que, removíveis pela educação, estão mais em foco no campo visual dêste lugar e desta hora.

Por educação para a democracia não entendemos, porém, o simples treinamento ou exercício de técnicas políticas ou métodos democráticos. Por úteis ou importantes que sejam, não passam êstes processos de um elemento acessório e contingente.

As técnicas de govêrno não são essenciais à democracia. Variam no tempo e no espaço. Comparai, por exemplo, nos dias de hoje, os regimes políticos de três nações, a Inglaterra, os Estados Unidos e a Suíça, nas quais a democracia não representa uma importação estrangeira, mas o amadurecimento espontâneo de uma longa evolução orgânica e vereis imediatamente ressaltarem numerosas e profundas estas diferenças. Ou, se preferirdes deslocar-vos no tempo, confrontai a democracia britânica contemporânea com a da era vitoriana, nos dias de Gladstone e Disraeli.

Mais. Os simples processos exteriores da democracia, quando isolados do espírito que lhes dá sentido e vida, podem não raro levar-nos às realidades mais anti-democráticas. Em

muitas democracias modernas, fecharam-se escolas em nome da liberdade de imprensa, perseguiu-se a religião em nome da liberdade de consciência e em nome da liberdade de imprensa implantaram-se ditaduras plutocráticas. Já observastes também que todos os totalitarismos contemporâneos têm uma pré-história democrática? Tôdas elas são ditaduras de um *partido* que, aqui ou ali — Rússia e Itália — chegou ao poder pelo atalho da revolução, alhures pela estrada real do sufrágio popular. No dia em que o nazismo conquistou, por uma eleição, 51% dos assentos no Reichtag, estavam contados os dias da constituição de Weimar. Por um processo democrático, HITLER acabava de receber delegação do povo para executar o programa do partido, concretizado nos seus estatutos e já delineado no *Mein Kampf,* isto é, delegação democrática para liquidar a democracia.

A ser sinceramente democrática, a educação deve ir além dos métodos exteriores e atingir estas profundezas da alma em que se elaboram as decisões orientadoras de uma vida. Se na inteligência se não radicarem as convicções, sem as quais a democracia é uma incoerência, se na vontade se não revigorarem as disciplinas, sem as quais a liberdade é uma utopia, não teremos educado os cidadãos para o regime político dos povos adultos, teremos apenas criado mais um mito que, à semelhança de tantos outros, depois de seduzir por algum tempo as massas, as levará ao desengano, à decepção e ao desespêro.

Antes de ser uma estruturação política de Estado, a democracia é uma filosofia social, um teor de vida, um espírito criado, mantido e desenvolvido por uma teoria de valores. Os métodos de govêrno variam, sucedem-se, modificam-se, adaptam-se; os princípios que os inspiram, exigem e justificam, permanecem estáveis e constantes. Se quisermos reuni-los numa só palavra, diríamos que a democracia é a fórmula de vida social e política que reconhece integralmente a dignidade do homem. Para ela, o ser humano é essencialmente algo mais que os animais do campo, é um ser moral,

http://www.obrasliteralicas.com

portador de direitos e deveres; a sua vida é sagrada; e a sua personalidade de valor incomensurável. Nesta idéia fundamental se baseia tôda a ordem pública que é respeito à justiça, garantia eficaz de liberdade, fonte de segurança cívica para todos.

Mas quem vê tôdas as implicações metafísicas envolvidas nesta atitude? Subjacentes a todos os postulados sociais e políticos da democracia, há uma noção do homem capaz de fundar a sua dignidade, há um conceito do viver social, da natureza e das suas finalidades, há uma exigência de princípios que regulam as relações entre a sociedade e o indivíduo, delimitando direitos e deveres, sociais e individuais, harmonizando autoridade e liberdade. Se em cada homem não existe um princípio ontológico essencialmente superior ao de sêres infra-humanos, por que nêle há de haver uma dignidade *característica* que nestes não existe? Porque, ao contrário do que sucede numa colmeia ou num rebanho, cada vida humana apresenta um caráter de inviolabilidade sagrada, um patrimônio de direitos que se impõem ao respeito da sociedade como um todo. Não há democracia coerente que não suponha no homem um princípio espiritual, que transcenda a matéria. Porque espírito, só o homem é livre senhor de seus atos, ser moral, titular de direitos e deveres, pessoa. Porque espírito, só o homem tem uma finalidade e um destino espiritual, do contrário, existiria em vão. E vêdes logo as conseqüências desta verdade profunda para a democracia. "Os destinos do homem são maiores que as suas instituições, e estas instituições só têm significado e valor à luz daqueles destinos". Mais. Se a democracia envolve a questão dos destinos do homem e êstes são os destinos de um espírito, sobrevivente, por natureza, à desagregação da matéria e à dissolução da morte, a democracia envolve a questão de Deus. Já o esperávamos. Tôda a filosofia social, se não quer negar a sua própria missão, apresenta um caráter necessàriamente religioso, para não deixar de ser integralmente humano. E só no terreno firme das suas origens divinas e dos

seus destinos extratemporais, que se prendem as raízes da dignidade do homem, da inviolabilidade dos seus direitos e da garantia de suas liberdades.

Compreendeis agora a razão profunda de uma das declarações mais solenes de Roosevelt nas vésperas da grande catástrofe mundial. São afirmações doutrinais de imenso alcance, contidas numa mensagem ao Congresso de janeiro de 1939. *"Storms from abroad,"* dizia o grande Presidente, *"directry challenge three institutions indispensable to Americans, now as always. The first is religion. It is the source of the other two — democracy and international good faith. Religion, by teachings man his relationship to God, gives the individual a sense of his own dignity and teaches him to respect himself by respecting his neighbors."* *

Não há, portanto, educação verdadeira para a democracia fora da solidez dêstes grandes princípios, que alimentam nalma a convicção da nobreza do homem e do valor imensurável de cada destino humano.

O ateu e o materialista, o relativista e o cético poderão ser sinceramente democráticos, não poderão justificar lògicamente as suas preferências. Nêles, a democracia é questão de sentimento, não de convicção. As suas crenças políticas não se apóiam em conclusões racionais, mas em opções afetivas, em antítese com os sistemas ideológicos que lhes povoam a inteligência. Atitude psicológica falsa, precária, incoerente, em nenhuma hipótese ideal de uma educação humana.

* * *

A formação para a democracia só poderá descansar, portanto, no espiritualismo cristão. A muitos poderá parecer talvez arrojada esta afirmativa. Alguns se contentariam com o espiritualismo, sem aditamentos, e não julgariam necessá-

* D. F. Roosevelt, *Adress to Congress on the State of the Union*, January, 15, 1939, pág. 214.

http://www.obrasraras.com

ria a luz da religião revelada. BERGSON, pelo contrário, vai mais longe e afirma que a "democracia é evangélica na sua essência." (*Les deux sources,* pág. 301.) Mais recentemente, nos E.U., HUGHES, em obra publicada pela Universidade de Princeton, reafirma as mesmas convicções: *"Democracy's base is religion and specifically Christian in essence"* (*The Church and Liberal Society,* Princeton Univ. Press, 1944, págs. 258-259).

A escassez do tempo não permite desenvolver amplamente o assunto que bem merecia uma dissertação. Procurarei, porém, resumir em poucas proposições o que, neste ponto delicado, me parece suscetível de provas convincentes. Os que, há uns 10 ou 15 anos, seguiram de perto os largos debates agitados no mundo filosófico a propósito da existência de uma filosofia cristã poderão observar certa analogia entre os dois problemas e os caminhos seguidos para encontrar-lhes a solução justa.

Essencialmente, não creio, com licença de BERGSON, que a democracia se possa dizer, a rigor, evangélica. É uma forma de govêrno da sociedade de ser racional e político, e convenientemente adaptada, como nenhuma outra, à maturidade e plenitude de seus direitos humanos, civis ou políticos. Nesta concepção geral da democracia, que julgamos exata, nenhum elemento há, que, por sua essência, transcenda a fôrça natural da inteligência e reclame a suplementação necessária de uma religião revelada.

Existencialmente, porém, a democracia apela para o cristianismo, tanto na sua constituição teórica na ordem das idéias quanto na sua realização prática no terreno da história.

No plano da doutrina sem a luz do Evangelho, a humanidade não chegou ao conhecimento certo e seguro das idéias fundamentais que estruturam a concepção democrática. Nem PLATÃO nem ARISTÓTELES nos deram uma filosofia coerente da pessoa e da dignidade humana. Se quiserdes ter

uma impressão intuitiva da imensa distância que separa, neste ponto, a treva pagã da luz evangélica, lêde o cap. II do Livro I da *Política* de ARISTÓTELES, onde o príncipe dos pensadores antigos, justificando a escravidão estrita, distingue os homens em duas categorias naturais, a dos homens-cidadãos com direitos civis e políticos e a dos homens-escravos, simples instrumentos de propriedade absoluta dos seus senhores, como os animais. E abre em seguida um grande pensador cristão — S. TOMÁS, a ensinar-nos que *"a persona significat id quod est perfectissimum in tota natura"* (S. Th. I q. 29, e 3, ou, se quiserdes um texto clássico de política cristã, *Las Partidas* de AFONSO o Sábio, onde encontrareis fórmulas de insuperável relêvo na sua singeleza: *"Ome es la mas honrada cosa que Dios fizo en este mundo"* (Part. II, tit. XXV, I). *"La persona del ome es la mas noble cosa del mundo"* (Part. VII, tit. I, 26).

A dissertação hipotética que acima prometi explicaria êste que agora assumimos simplesmente como um fato histórico.

Como ainda fato histórico, é que, na ordem prática, a democracia não conseguiu realizar-se plenamente (ou pelo menos tender para esta plenitude de existência), fora de clima cristão.

Antes de Cristo, gregos e romanos realizaram algo no domínio de uma lei constitucional — um dos elementos da democracia, mas esta lei não estendia a sua tutela à universalidade dos cidadãos. O "Demos", o povo, destas democracias reduzia-se de fato ao pequenino escol de uma aristocracia muito reduzida. Nos tempos de mais alto fastígio de Atenas, para um cidadão, cujos direitos a lei assegurava, havia mais de 40 escravos, cujos bens todos, a vida inclusive, pendiam do arbítrio e dos caprichos de outro homem.

Depois de Cristo, percorrei a área cultural em que nasceram e medraram as modernas democracias e vê-las-eis coincidir com a iluminada pela luz da pregação evangélica. Os

http://www.obrascatolicas.com

povos que ainda jazem, na expressão bíblica, "sentados à sombra da morte", são também os que vivem sob o jugo dos governos absolutos e despóticos de tôdas as monarquias orientais.

Em síntese, tanto na ordem especulativo-prática da filosofia política, quanto na ordem prático-prática da ação política, a democracia não se organizou nem floresceu sem a influência, direta ou indireta, do cristianismo.

A conclusão, já por vós a inferistes. Remover, ao lado dos econômicos e políticos, os obstáculos humanos à democracia é um dos deveres capitais da hora presente, e à educação, de modo particular, incumbe a árdua e delicada tarefa.

E nenhum ambiente educativo mais sadio e mais favorável para o seu desempenho que o de uma Universidade Católica. Aqui a dignidade humana, alma de tôda a democracia, porque princípio da inviolabilidade dos nossos direitos, é uma realidade profunda e palpitante, que impregna as lições da nossa doutrina com os exemplos da nossa vida. Desde a pregação evangélica a lembrar-nos o valor incomensurável de uma alma, superior à de todo o universo sensível, até às mais altas sistematizações do pensamento filosófico, que explicam e justificam êste valor numa visão objetiva e coerente do universo, tudo aqui nos fala da grandeza singular do homem, tudo nos inculca a fraternidade humana, radicada e embebida na igualdade de natureza, na identidade de origens, na comunhão de destinos que se estendem para além do tempo, a dominarem com a permanência de seus valores essenciais as variações contingentes de raça e de cultura, tudo nos inculca com o valor imenso de liberdade, na realização integral do homem, *il maggior don che Dio fesse creando e quel ch'Ei più aprezza,* como cantou o divino ALIGHIERI, a necessidade imperiosa de conquistá-la — porque a liberdade é uma conquista — arrancando-a aos determinismos humilhantes dos impulsos inferiores e de paixões mal disciplinadas, para pô-la ao nobre serviço da Verdade e do Bem.

Grande patrimônio é o nosso. Valorizemo-lo! Transformemo-lo em realidade e vida! Teremos sido fiéis à nossa missão, e teremos bem servido à causa da democracia.

http://www.obrascatolicas.com

ALOCUÇÃO

proferida na instalação dos cursos das Faculdades Católicas, no ano de 1948

Na existência dos indivíduos, tristezas e alegrias entrelaçam-se como a trama de que se entretece a vida. Na história das instituições também se alternam os dias sombrios e os radiosos, a lembrar-nos as vicissitudes inevitáveis de tudo quanto é humano.

Um grande luto ensombrou-nos a alma em 1947: a morte prematura e inesperada do P. Lustosa. Era um bom companheiro dos primeiros dias. À vida e progresso da Universidade dedicara-se com tôda a alma. E que alma rica era a sua! Rica de dons da natureza: inteligência viva e penetrante, sensibilidade artística muito apurada, afabilidade social que para logo conquistava simpatias. Rica ainda das aquisições acumuladas de uma rara cultura: as línguas clássicas e as modernas da civilização ocidental lhe eram tôdas familiares; as láureas de filosofia e teologia acrescentaram uma sólida formação eclesiástica aos conhecimentos profanos representados pelo diploma de bacharel em ciências jurídicas e sociais. Êsse tesouro humano realçado e defendido por uma sólida formação espiritual, êle o pôs todo a serviço de professôres e alunos que dêle se aproximavam certos sempre de encontrar um amigo e um mestre, uma inteligência esclarecedora e um coração delicado e compreensivo. A Providência chamou-o bem cedo ao descanso dos que combateram o bom combate. Foi sinceramente pranteado por todos, deixando-nos um exemplo e uma saudade.

Não nos faltaram também êste ano as consolações e grandes consolações. Ainda está na memória de todos aquela solenidade austera e magnífica da entrega do diploma que erigia canônicamente a nossa Universidade e lhe conferia o honroso título de PONTIFÍCIA. Êste reconhecimento oficial das mais altas autoridades eclesiásticas — congregação dos Seminários e Universidades; — o título de PONTIFÍCIA que nos situa num plano internacional ao lado de outras fundações irmãs, de nome feito e de benemerências incontestadas, representa certamente para a nossa jovem instituição uma honra, um estímulo e uma responsabilidade.

Esforçamo-nos por não ficar abaixo destas exigências salutares. Graças à ação combinada das autoridades escolares e dos diretórios estudantis, ativos e entusiastas, deu-se êste ano singular desenvolvimento à *extensão universitária*. Além de uma semana em que o problema do humanismo foi estudado sob os seus múltiplos aspectos, diante de auditórios numerosos e variados, organizaram-se para cima de 26 conferências sôbre os mais variados e mais atuais temas de cultura: filosofia, arte, história, sociologia, literatura etc. etc., em que se fizeram ouvir, ao lado dos nomes mais notáveis do pensamento brasileiro, celebridades estrangeiras como MAUROIS e GURVITCH.

Mais importante, porque mais estável e de repercussões mais amplas, foi a iniciativa da fundação de um *Instituto de Direito Comparado*, primeiro e único do gênero existente no Brasil. Numa época em que a civilização mundial caminha ràpidamente, ainda que por vêzes através de veredas difíceis, para a unidade, os estudos de direito comparado assumem uma importância e uma atualidade que não nos é lícito subestimar. A nossa Universidade deseja trazer a sua contribuição a êste esfôrço de um mundo que procura as fórmulas jurídicas de uma solidariedade mais estreita e de uma fraternidade real. Sob a presidência do Embaixador João Neves da Fontoura, o nosso Instituto começará brevemente os seus cursos que êste ano incluirão problemas de direito compa-

http://www.obrascatolicas.com

rado pelo Prof. San Tiago Dantas, de geo-política a cargo do Prof. Backheuser, problemas econômicos sob a orientação do Prof. Villey, problemas filosófico-jurídicos sob a responsabilidade do Prof. Zbrozek, alma de todo o dinamismo da nova instituição.

Outra aspiração da primeira hora que entrou definitivamente na fase das realizações é a das publicações da Universidade. O livro é o prolongamento espontâneo do ensino oral e o professor remata quase sempre em escritor. Três séries estão já prestes para ser lançadas: Uma de vulgarização sob o título "SERVIR" incluirá estudos sociais das questões que a curiosidade e as exigências contemporâneas estão a solicitar com mais urgência do pensamento católico. Outra de tratados e monografias na qual virão brevemente a lume o tratado de Psicologia Experimental que o P. SIWEK ensinou na nossa Faculdade de Filosofia, talvez o mais completo do gênero em língua portuguêsa, e uma monografia sôbre Escritores brasileiros da Companhia de Jesus, na época colonial, pelo P. SERAFIM LEITE, estudo feito sôbre documentação inteiramente original que virá modificar e enriquecer em muito a visão panorâmica da evolução da cultura no Brasil. Uma terceira série será consagrada à publicação de textos clássicos e esperamos inaugurá-la com a edição fac-similada da tradução portuguêsa da *Vita Christi* de LUDOLFO CARTUSIANO, preciosíssimo incunábulo de que sobreviveram às devastações dos séculos apenas raríssimos exemplares. A obra de singular importância para a história da língua portuguêsa, da exegese e da espiritualidade cristã nos últimos dias da Idade Média, incluirá a reprodução fotostática do original, a sua reimpressão em tipos modernos e um glossário elucidativo. Dizer-vos o alcance científico de um trabalho dêste porte é adiantar-vos, por outras palavras, que dêle só se poderá desincumbir entre nós o P. AUGUSTO MAGNE.

De tôdas as iniciativas, porém, numerosas e importantes, do ano que resumimos, a de maior vulto e de mais amplas conseqüências é sem dúvida a fundação da Escola Politécnica. Poderá parecer a muitos um arrôjo temerário; esperamos, porém, dirá o futuro que foi uma destas audácias que a Providência abençoa. As necessidades inadiáveis de uma nova Escola de Engenharia, na capital do país, não nos permitiam cruzar os braços inertes ante um apêlo visível das circunstâncias. Um escol de amigos, sinceros e fiéis, animou-nos, com o pêso de seus argumentos e a promessa de sua colaboração. Um corpo docente, que funde em unidade completa o saber do profissional e a dedicação do educador, é, para nós, o mais seguro penhor de que as esperanças que agora nos afagam a alma serão em breve realidades de que beneficiará a nossa cultura.

Escola Politécnica da Universidade Católica! Que vantagem em associar estas duas instituições, à primeira vista, tão diversas e alheias uma à finalidade da outra? Porventura o ensino da técnica que é tôda material, positiva, rigor de aplicação científica às atividades da indústria, ganhará em incorporar-se numa universidade orientada pelos altos princípios da espiritualidade cristã? Ou talvez possa o catolicismo descer das suas altas preocupações de alimentar as almas de vida sobrenatural e dedicar-se à sua salvação eterna para imiscuir-se nas fainas temporais de quem — engenheiro ou operário — trabalha manualmente na construção das cidades terrenas? Muito à superfície das coisas ficara quem assim julgasse catolicismo e técnica.

Tôda atividade humana, a fim de ser digna dêste nome, deve cooperar para a realização plena do homem. Qualquer ato que não se articula orgânicamente na estrutura realizadora do nosso destino é ato sem sentido e sem valor, perdido para sempre. Quanto mais o homem se eleva espiritualmente, quanto mais toma consciência do progresso que tende para a sua plenitude, tanto mais sente, viva e imperiosa, a exigência da sua unidade interior. Uma sinfonia d'alma perfeita em que cada ação é nota que se harmoniza com as demais, eis a condição essencial de paz da consciência e de alegria da vida.

http://www.obrascatolicas.com

O trabalho técnico, portanto, que enche a existência de quatro quintos da humanidade, deve enquadrar-se harmoniosamente nesta ascensão do homem para a plenitude do seu destino. E a filosofia da vida que a esta exigência fundamental não desse uma satisfação completa seria inumana e desfecharia no desespêro.

A técnica, senhores, é o diálogo entre a mão e o cérebro; o cérebro que inventa, a mão que executa. É o encontro da matéria e do espírito; da matéria que opõe a resistência da sua inércia, do espírito que a subjuga porque a quer dócil instrumento de suas criações. Solidários e inseparáveis há em todo o trabalho técnico uma atividade subjetiva que se desenvolve e um resultado objetivo que surge, um artista que atua as virtualidades do seu espírito e uma obra de arte que emerge das potencialidades latentes da matéria.

Por um e outro dêstes aspectos o trabalho afirma-se o cooperador fiel do homem na conquista dos seus destinos. Realizar em nós plenamente a *imagem* de Deus é o supremo enriquecimento. Deus é, antes de tudo, atualidade pura, plenitude de vida, sem limitações de meras possibilidades que se não realizaram ou venham ainda a realizar-se. O trabalho é, no homem, o atuador constante de suas virtualidades, êle que desperta as nossas fôrças, as nossas faculdades, as nossas capacidades produtoras, da inércia do sono para a afirmação da vida, da simples promessa do que pode ser à realidade do que é. Tôda atuação de potencialidade é, em nós, tenhamos ou não consciência, um enriquecimento ontológico que nos aproxima da atividade absoluta.

Nesta atividade, Deus é *causa* suprema; fonte primeira de tudo o que existe. O trabalhador eleva-se à participação analógica da perfeição divina; também êle é princípio de novos efeitos, cooperador da divindade na multiplicação dos sêres, reflexo de sua causalidade absoluta.

Esta causalidade criadora é, em Deus, a primeira manifestação do seu amor. Bondade radiante que comunica aos

sêres o que são e o que possuem: existência, beleza e vida em tôda a variedade de suas manifestações. Também o trabalho, quando digno do homem, é filho do amor. Na obra que plasma as suas mãos reflete-se a imagem do seu pensamento, vibram as palpitações de sua alma. O que há, portanto, de subjetivo na atividade laboriosa é aperfeiçoamento do homem, que assim se eleva, de certo modo, à excelência de criador a irradiar poder e bondade.

Não o é menos, porém, no seu aspecto objetivo. É esta feição a que mais nos impressiona quando fixamos a atenção na idéia de trabalho. Trabalhar afigura-se-nos, antes de tudo, como equivalente de produzir, transformar a matéria, criar uma utilidade.

Neste sentido, o homem se nos apresenta com a alta dignidade de cooperador de Deus na execução dos planos da Criação. A primeira página dos nossos livros inspirados, numa expressão viva de antropomorfismo, diz-nos que Deus, ao criar o homem, pôs a derradeira mão à sua obra e descansou de quanto fizera. É que surgira o colaborador divino encarregado de levar o grande esbôço à perfeição de todo o seu desenvolvimento. Com o homem algo de inteiramente novo aparecera na terra. Surgira a inteligência e, com a inteligência, a idéia que generaliza, a consciência do nexo ou relação que adapta os meios aos fins, a possibilidade do progresso.

Enquanto, nos sêres infra-humanos, as exigências da vida são providas pelo instinto que se repete na monotonia infatigável dos seus automatismos, onde luz a chama intelectual freme a inquietude perene, na conquista de uma perfeição nunca atingida. Nasce o ideal. Trava-se para realizá-lo a luta entre o espírito e a matéria. A técnica e o trabalho são as armas dêste magnífico duelo em que o espírito, em face da natureza, procura conhecer-lhe as leis, penetrar o segrêdo dos seus mistérios, para domesticar-lhe as energias indisciplinadas e pô-las a serviço das suas finalidades humanas. E a natureza é vencida pelo espírito. Conhecida e

http://www.obrascatolicas.com

admirada pela ciência, é objeto de contemplação que nos eleva às fontes do ser, moldada pela arte, transmite-nos em expressão de beleza as inspirações do gênio que arrebatam, subjugada pela economia desdobra-se em utilidades a serviço de tôdas as exigências crescentes do convívio e da civilização. A cultura como que humaniza a natureza. E com vínculos cada vez mais estreitos a humanidade, na marcha da sua história, solidariza os seus destinos com o planêta que Deus lhe deu por morada. Trabalhando, o homem continua e desenvolve a obra do Criador.

Mais. Esta realização do plano divino, que começa pela submissão da matéria às exigências do espírito, ultima-se e aperfeiçoa-se pela solidarização dos espíritos entre si. Trabalhar é multiplicar utilidades, que vão enriquecer os nossos irmãos em humanidade, longínquos e desconhecidos, "é pôr-se ao serviço dêles, preparando-lhes os bens necessários à sua conservação e aperfeiçoamento. Trabalhar, pois, é querer pràticamente bem ao próximo e querer bem é verdadeiramente amar. O trabalho é uma experiência viva da caridade fraterna, é o cimento da comunhão social. Todos os grupos humanos, da família à nação, encontram na permuta de serviços e na harmonia colaboradora a base de sua existência e o segrêdo do seu progresso. A fôrça unitiva do trabalho é de uma eficiência insubstituível. Foi mister que se obliterasse de todo esta alta significação da atividade humana para fazer do trabalho um princípio de divisão entre as classes e um fermento de ódio entre os corações". (*A Crise do Mundo Moderno*, pág. 253).

Lamentamos que destas rápidas considerações a estreiteza dos minutos contados de uma alocução não nos permita inferir as amplas e importantes conseqüências que delas derivam para a reestruturação da ordem social. Mas por vós mesmos já concluístes que o trabalho não é uma mercadoria, mas uma expressão da personalidade que nêle e por êle se afirma e aperfeiçoa; que a produção não é um fim em si, senão meio de satisfazer às necessidades humanas na jerarquia de sua importância; que só uma concepção espiritual e integral da vida pode ministrar os fundamentos lògicamente insubstituíveis da dignidade do trabalho e da alegria do trabalhador; que tôda reforma social deve começar restituindo à economia o seu caráter *relativo*, submetida aos valores mais altos da vida; que todo o problema humano ainda de aparência mais material interessa os destinos de nossa grandeza espiritual, ou, como, em frase lapidar, dizia FOERSTER: "a alma da cultura é a cultura da alma".

Por aí vêdes a alta missão que, no mundo melhor que todos almejamos ver reconstruído, incumbe aos príncipes da técnica, aos engenheiros do futuro. Bem está na Universidade Católica uma Escola Politécnica. Numa atmosfera espiritual em que a excelência e a dignidade do homem se elevam à cultura de uma verdade intangível, a aplicação da ciência ao domínio da matéria e à utilização de suas energias conservará tôda a sua eficácia propulsora de progressos verdadeiramente humanos e tôda a sua capacidade de renovação social.

À nova Escola, as boas vindas; são as nossas saudações presentes.

À nova Escola, o desejo sincero de fidelidade integral à grandeza dos seus destinos; são os nossos votos para o futuro.

http://www.obrascatolicas.com

ALOCUÇÃO

proferida na solenidade em que foi promulgada a elevação a Pontifícia da Universidade Católica do Rio de Janeiro, a 16 de dezembro de 1947

Na majestade dêste recinto e na solenidade austera dêste momento vibra-nos a alma de gratidão e de esperanças.

Com a sua ereção canônica e a concessão do título de *Pontifícia,* a Universidade Católica do Rio de Janeiro atinge a plenitude jurídica do seu crescimento orgânico e vê definitivamente consagrada a grandeza de sua vocação espiritual.

O ato da S. Sé que, por um decreto, erige a nossa Universidade, associando-a, irmã mais nova, às Universidades Católicas disseminadas pelo mundo, como ontem outro decreto do nosso Govêrno a colocava entre as outras universidades brasileiras, vem pôr a coroa a um longo trabalho de desenvolvimento estrutural. O esfôrço da nossa hierarquia, personificada, ontem na figura saudosa de D. Leme, que atuou ousadamente o ideal no caminho das realidades, hoje na púrpura apostólica de D. Jaime sôbre a qual esplenderá doravante a dignidade de Grão-Chanceler; a dedicação acrisolada e nunca desmentida do nosso corpo docente — mais de uma centena de catedráticos — que, dia a dia, ilustram e consolidam a nova instituição com o brilho de suas inteligências, a dedicação de seu trabalho e a dignidade de seu exemplo; a atividade vibrante da juventude estudiosa, que empresta à nossa vida quotidiana, com a alegria de sua exuberância primaveril, a consciência de suas responsabilidades futuras, todos êstes trabalhos e esforços de quantos aqui labutam, sentem-se hoje amplamente recompensados. E das

almas em festa desabrocha a gratidão com a espontaneidade dos sentimentos nobres em almas bem nascidas. Os corações exultam e refletem, interiormente, a opulência tropical da natureza nesta cidade que o decreto pontifício chama poèticamente "alegre sorriso dos céus": *Laeta coelo arridens Fluminis Januarii urbs.*

Recompensa consoladora de trabalhos e esforços, mas ainda consagração definitiva de uma vocação espiritual. O título de PONTIFÍCIA de que doravante se poderá exornar a nossa Universidade ratifica e autentica o de CATÓLICA que a designou desde o berço. E êste título não soa apenas como um qualificativo superficial, mas representa uma opção programática de cultura.

Pela sua significação etimológica como pelo seu destino profundo, a cultura católica é universal, universal porque visa, no mundo, a totalidade dos homens e, em cada homem, a sua humanidade total.

Mais do que em nenhuma outra época da história, a família humana experimenta, nos nossos dias, a unidade da sua natureza, a universalidade dos seus problemas e a solidariedade dos seus destinos. A doutrina católica lhe oferece a explicação derradeira desta realidade e lhe proporciona as possibilidades de atuar-lhe a grandes aspirações latentes. Respeitando a variedade das raças e a originalidade das civilizações, só ela é capaz de transformar em fôrça viva de realização histórica o ideal da fraternidade humana.

Mas o Catolicismo é também humanização integral. As almas sofrem de rupturas interiores e as civilizações desagregam-se por defeitos de articulação dos seus elementos essenciais. Os últimos séculos levaram a têrmo uma obra nefasta de divisões e rompimentos. Rompimentos entre as ciências positivas e a filosofia, entre as ciências econômico-sociais e a moral, entre a vida profana e a consciência religiosa. Colhemos hoje as tempestades que êstes ventos semearam.

http://www.obrascatolicas.com

A cultura católica processa-se sob o signo da unidade e da síntese. Uma concepção integral da vida permite desenvolver a harmonia da sua organicidade. Um destino digno da nossa natureza fundamenta uma ordem e uma hierarquia de valores humanos. Pela vitalidade própria do seu dinamismo uma universidade católica é um feixe de fôrças construtivas. Sua missão é realizar a síntese orgânica do saber, orquestrar a estruturação inteligente e justa dos elementos da vida social, esclarecer os fundamentos constantes da solidariedade e da paz na convivência dos povos. Sua aspiração suprema: consolidar o amor difundindo a verdade.

Eis a alta significação desta hora solene.

Ao Exmo. Sr. Núncio Apostólico pedimos respeitosamente queira transmitir a Sua Santidade os sentimentos que nos animam e animarão agora e sempre. Pela alta distinção que nos foi outorgada, a nossa gratidão comovida.

Pela grandeza da missão que nos acaba de ser confiada e ratificada, a promessa de um esfôrço leal e constante para não ficarmos abaixo de nossas responsabilidades.

ALOCUÇÃO

aos bacharelandos de Direito de 1931 no Rio, proferida na Candelária em 7 de setembro de 1931

Viver é pensar e agir, dizia um dos grandes mestres da sociologia moderna, J. Toniolo. Viver bem será pensar a verdade e agir com justiça. Nestes dois pontos em que o grande sociólogo moderno sintetizava o valor e a nobreza de uma existência humana, creio também poder resumir todo o programa esperançoso do vosso futuro.

Pensar condensa, na brevidade de uma só palavra, os primeiros e os mais importantes dos deveres do homem: os seus deveres com a verdade. Não há na nossa natureza nada de mais elevado, de mais perfeito, de mais sublime que a inteligência. Por esta luz espiritual nós entramos em contato de conhecimento com a universalidade do que existe, por ela nós iluminamos e orientamos e valorizamos a responsabilidade da nossa vida moral; o esplendor da inteligência é, no mundo criado, a mais alta participação, a imagem mais pura, da perfeição infinita de Deus. Conservá-la em sua integridade, respeitá-la nas leis naturais de seu dinamismo é defender no homem a fonte de tôda a sua grandeza, a possibilidade de todo o progresso; deformá-la, mutilá-la, desviá-la de seu objeto é introduzir, no que há em nós de mais profundo, um princípio de perturbação, uma raiz de desordens de conseqüências inestimáveis.

Defendei, pois, como um bem sem preço a vossa inteligência e, para melhor a protegerdes, colocai na vossa alma acima de tudo o *amor da verdade*.

http://www.obrascatolicas.com

Amar a verdade é *investigá-la com sinceridade*, é não ter mêdo às suas conseqüências, é estar sempre decidido a pagar, com o mais caro dos sacrifícios, a totalidade de suas exigências dignificadoras. Há uma lei de harmonia que rege o equilíbrio da nossa vida interior: o homem não pode viver dividido dentro de si mesmo; uma exigência imperiosa de unidade impõe-se como condição de estabilidade definitiva à formação da nossa consciência. A ruptura de almas dilaceradas, em contínuo antagonismo consigo mesmas, e uma situação de instabilidade precária, dolorosa, estéril. Mas há unidade e unidade.

Há a unidade humana e superior, a unidade dos caracteres fortes, que sabem elevar a vida ao nível da inteligência. A verdade ilumina; os atos seguem-lhe a diretriz luminosa. É a unidade que gera a paz interior, porque filha da tranqüilidade da ordem. Deus não acendeu nas alturas da nossa natureza esta luz sublime da razão senão para que ela nos orientasse a existência pelos caminhos da verdade.

Mas há outra espécie de unificação provisória a que, por uma série de compromissos vergonhosos, acabam por adaptar-se as almas pusilânimes e escravas. Rendidas à imposição de paixões, cuja ditadura não se decidem a sacudir valorosamente, num gesto de liberdade salvadora, vão pedir à inteligência a cumplicidade na justificação das desordens da vida. Unifica-se ou parece então unificar-se a consciência, narcotizada, a preço de uma decadência profundamente humilhante. A verdade, na sua pureza imaculada, deixa de ser o farol da existência; e a razão, abdicando o cetro de sua realeza, degrada-se ao indigno mister de manipuladora de sofismas que dissimulam, sob aparências especiosas, a realidade dos procedimentos inconfessáveis.

A primeira condição, pois, de uma investigação sincera da verdade, e um dever de libertação interior. Sêde livres, meus caros jovens, não desta liberdade fácil que se reclama tumultuàriamente nos comícios das praças ou nas colunas

dos jornais, mas da liberdade viva, profunda, espiritual, que vos defenda de todos os despotismos interiores. A ambição que nunca se aquieta, a sensualidade egoísta que declina tôdas as responsabilidades de seus atos, a vaidade fátua, insaciável de elogios, de mesuras, de aparências esplêndidas de grandeza e de glória, eis os grandes tiranos de que o amor da verdade deve libertar as almas. Vivei sempre de modo a não recear o confronto da vossa vida com as exigências integrais da verdade e tereis realizado a primeira e indispensável condição para investigá-la com sinceridade.

Amar a verdade é, em seguida, *abraçá-la na sua totalidade*. Sob uma forma especiosa de respeito à ciência, vós já tereis encontrado uma das mais dolorosas mutilações da inteligência, que registra a história do pensamento humano. Ouvistes: não admitimos senão o que nos ensina a ciência; ela fonte única e exclusiva de tôda a verdade, ela, fundamento estável de uma concórdia universal das inteligências; ela, princípio inexaurível de verdadeiro progresso. E esta ciência reduziram-na ao complexo das conclusões obtidas pela aplicação do método experimental aos fenômenos físicos, biológicos, psíquicos e sociais do universo submetido à observação dos nossos sentidos.

Porque êste corte inexplicável, esta limitação arbitrária do domínio dos nossos conhecimentos, esta amputação das asas do nosso espírito, cuja envergadura, ampla como a universalidade das coisas, aspira elevar-se de conhecimento em conhecimento, de raciocínio em raciocínio, de causa em causa, à fonte primeira do ser, à razão essencial do que é, ao derradeiro porque, em que descansa tranqüila a nossa até então insatisfeita curiosidade de saber? Não são os mesmos princípios que num e noutro caso regem o nosso dinamismo intelectual? Por que então chumbar nossa razão inclusivamente ao limitado do sensível e tolher-lhe o direito e o dever de remontar, de ascensão em ascensão, às esferas dos mais elevados inteligíveis?

http://www.obrascatolicas.com

E vêde as conseqüências funestas destas limitações arbitrárias ou destas interdições anti-naturais. A observação dos fenômenos que se desenrolam ante a curiosidade maravilhada dos nossos sentidos, só nos diz o que é; só nos enriquece o patrimônio dos *fatos* conhecidos; mas não nos diz uma palavra sôbre a grandeza dos nossos destinos, não nos traça uma norma à orientação da nossa atividade, não nos subministra uma consolação nos momentos das grandes dores humanas, não encerra um estímulo ao sacrifício, um fundamento ao dever, um confôrto para a dedicação das grandes generosidades. A própria natureza do método empregado nas ciências positivas não lhe permite ultrapassar a esfera do observado, e passar do que *é* para o que *deve* ser, da verdade para o bem, da ciência para a virtude. Ora sem uma tabela de valores não há moral, não há grandeza humana, não há civilização, não há progresso, porque sem um têrmo a atingir impossível determinar se a marcha representa um movimento de recuo ou de avanço.

E por isto todos os preconizadores destas posições contraditórias, ante as exigências da realidade, introduzem sub-reptìciamente, uma filosofia da vida, incompatível com os métodos, cujo exclusivismo haviam apregoado fora da vida e cuja justificação racional, por isso mesmo, declinam deslealmente.

Nada destas atitudes ambíguas. Nada destas restrições artificiais no campo da vossa razão. Amai a ciência, e amai a fisiologia e amai a religião; observai os fatos respeitando-lhes sinceramente a totalidade; procurai-lhe uma explicação satisfatória com as exigências de uma crítica severa e leal; recebei ainda as luzes de uma verdade mais alta que as rasga ao descortino intelectual do mistério mais íntimo da vida divina e a grandeza dos planos da Providência sôbre os destinos imortais do homem. Não limiteis a vossa inteligência, aplicai-a a todos os domínios do conhecimento; não tereis que sacrificar uma só verdade; experimentareis a paz

inefável de uma harmonia completa, justo prêmio de quem não declinou o dever supremo de abraçar a verdade nas exigências de sua totalidade.

Um educador notável, levando a mão, num gesto simples, da fronte ao coração, dizia: nesta pequena distância se encerra todo o homem; uma alma perfeita é uma grande inteligência e um grande coração. É o comentário mímico ou plástico à frase de Toniolo: viver é pensar e agir.

Depois de haverdes consagrado à verdade a homenagem de uma investigação sincera e de uma submissão integral, dedicai à sua realização tôdas as energias de vossa atividade. Aqui o campo principal de vossa influência vos está traçado pelo próprio exercício regular de vossa profissão. Na magistratura ou na advocacia, nos parlamentos ou nas cátedras, ao homem de direito incumbe de mais perto e com mais eficácia colaborar para a paz social, êste bem incomparável sem o qual não há para um povo nem civilização nem progresso.

Duas virtudes são como que os gênios tutelares da paz social: elas serão também como que as vossas virtudes profissionais: a justiça e a caridade.

A justiça é a disposição habitual que inclina as nossas vontades ao cumprimento do *dever jurídico*. Muito se tem discutido sôbre a amplitude dos poderes do Estado; ninguém lhe contestou nunca a missão tutelar do *direito*. Respeitar os direitos alheios é a base do viver comum; é a grande obrigação social; fácil ou árduo, a virtude da justiça nos impõe, nos facilita o cumprimento dêsse dever jurídico. E nestas relações fielmente observadas se afirma pràticamente o respeito à dignidade da pessoa humana, inviolável na intangibilidade de seus direitos.

De muitas injustiças sociais tira a sua primeira origem o mal-estar que invade e agita as nossas sociedades contemporâneas. Sacrificou-se o direito dos que trabalham às ambições desmedidas da cupidez sem freio; sacrificou-se o di-

http://www.obrascatolicas.com

reito dos que sofrem ao edonismo insaciável dos que gozam; sacrificou-se o direito dos fracos à prepotência dos fortes, e dos pequeninos sem defesa ao egoísmo dos grandes sem coração; sacrificou-se o bem-estar geral dos povos aos interêsses particulares dos que os governavam. Sob qualquer destas formas de injustiças sociais, encontrareis sempre o desrespeito à dignidade inauferível da personalidade humana. E o valor da personalidade tende inevitàvelmente a baixar na estima geral quando se lhe esquecem os destinos imortais; e a fôrça heróica para defender os seus direitos tende a diminuir nas consciências quando nelas se vão obliterando a impressão das responsabilidades de além-túmulo. Compreendo perfeitamente que Rui Barbosa quisesse resumir a sua longa experiência dos homens e das coisas na brevidade destas cinco palavras: *Sem Deus não há justiça.*

Superior à justiça, a caridade vem completá-la na sua função pacificadora e preservadora da ordem social. Os homens separam-se pela distinção de suas personalidades; aproximam-se pelos vínculos de uma natureza comum, a que o cristianismo acrescenta os laços mais altos de uma comum adoção divina no Cristo Jesus, que nos prepara a uma comum felicidade na participação inefável da própria vida divina. Como pessoas distintas, titulares de direitos, regula-lhes as relações a justiça; como irmãos na natureza e na graça, aproxima-os a caridade nas atrações de uma recíproca benevolência.

A justiça põe uma em face da outra, duas pessoas; a cada uma dá o que lhe é devido; distingue-as, separa-as; remove os princípios do ódio que a iniqüidade gera; mas, por si, não aproxima, senão negativamente, os corações.

A amizade que funde as almas numa união fecunda de bens, e de consolações, de serviços mútuos, é filha da caridade, que é, portanto, a virtude social por excelência.

A justiça não se move senão no campo da obrigação estrita; onde expira o dever, aí paralisa ela a sua ação e cala

as suas exigências. A caridade não mede as suas dádivas generosas; onde quer que o próximo manifeste uma necessidade, aí está ela para socorrer-lhe com os seus dons. Tôdas as misérias, todos os infortúnios que não têm a defendê-los o rigor de um direito, apelam confiadamente para o seu coração generoso.

A justiça não olha o sentimento interior, satisfaz-se com o cumprimento externo, frio, jurídico de suas imposições; a caridade rompe estas exterioridades de gêlo, movimenta e aquece os corações, cultiva a simpatia e só se contenta com as delicadezas mais finas da amizade.

E por aí vêdes, meus caros jovens, como é complexa a questão da paz entre os homens; e sem uma religião, que resume no amor de Deus e do próximo a totalidade dos seus preceitos, sem uma religião, que, só, é capaz de inspirar eficazmente o amor dos nossos semelhantes, não é possível resolver o problema da concórdia, entre os indivíduos, entre as classes, entre as nações. Fora do cristianismo, cedo ou tarde, encontrareis o ódio, o ódio homicida e ávido de sangue, e com o sangue de irmãos não se argamassam os fundamentos de uma civilização estável e digna do homem. Fôrça construtiva, só o amor a possui, e fora do cristianismo não há entre os homens amor que dure.

Com esta fé que não desfalece nos corações, com êste entusiasmo realizador das juventudes sadias, parti para a grandeza da vossa missão social. Amanhã a Pátria vos confiará talvez nas assembléias políticas ou na sala dos tribunais a elaboração e a defesa de suas leis. Colocai acima dos interêsses efêmeros dos partidos, ou das vantagens imediatas do vosso bem-estar individual, a fidelidade inquebrável à justiça.

Amanhã Deus talvez vos porá nas mãos uma pena, uma pena elegante ou erudita, eloqüente ou persuasiva; transformai-a numa espada, uma espada que não se vende nem se entrega.

http://www.obrascatolicas.com

Em qualquer situação em que vos colocar, a Providência sabe aliar sempre a sinceridade das convicções profundas à coragem das boas ações. Eis os meus votos.

E êstes votos saem-nos tanto mais espontâneamente do coração, quanto, na cerimônia de hoje, mais se manifesta a profundidade religiosa dos vossos sentimentos cristãos. A visão cristã da vida dá ao exercício da nossa atividade profissional o caráter sagrado de uma vocação divina. A todos, sacerdotes ou leigos, médicos ou advogados, na família, na sociedade civil, na Igreja, confiou-nos Deus uma missão a cumprir: o colaborar, na esfera da nossa competência, para a realização do seu plano na obra criadora. A medida de fidelidade com que nos desempenharmos da tarefa providencial que nos foi assinada marcará a altura da nossa grandeza humana, o valor da nossa perfeição moral, o grau de participação definitiva na felicidade íntima de Deus. Que amplitude de horizontes nos rasga a fé ante as perspectivas da vida! Que fonte inexaurível de energias nos abre à consciência para a coragem da virtude e ainda para o heroísmo da santidade! Conservai sempre acesa esta luz interior; enquanto ela vos iluminar a existência, não conhecereis nem o desespêro dos pessimismos, nem a amargura incurável das decepções sem remédio. A vida vos aparecerá sempre digna de ser vivida, digna de Deus e digna de vós; conservareis sempre alto o vosso ideal e, com êle, as fôrças misteriosas, a renascerem continuamente, para realizá-lo um dia na perfeição de sua plenitude.

Rio, 19-8-931.

PALAVRAS DE SAUDAÇÃO AOS ANTIGOS ALUNOS DOS PADRES JESUÍTAS

Se tôda a nossa vida se resumira e concentrara na fugacidade do momento que passa, bem pobre seria ela! Cada instante que sobrevém seria uma novidade absolutamente inédita e talvez uma surprêsa que desorienta. Mas não é assim. No presente que vivemos, revive todo um passado já vivido e preparamos longe um futuro que esperamos ainda viver. Nada se perdeu do que já passou. E no que somos hoje, na nossa personalidade com os traços característicos de sua fisionomia moral, com as aquisições técnicas de seu saber e de sua competência profissional, sobrevive, atua e frutifica todo um passado de trabalhos e de lutas, de esforços e de vitórias. Assim é ainda que não tínhamos consciência viva desta realidade. A continuidade da vida processa-se regular e constantemente ainda quando nela não atentemos. Há, porém, momentos da vida em que procuramos senti-la profundamente num ato de introspecção refletida; em que a consciência, voltando sôbre si mesma, toma, por assim dizer, posse desta unidade interior que continua sempre o que era e vai-se transformando no que ainda não chegou a ser. É êste sempre nas consciências retas um momento feliz porque se sente melhor a vida em sua plenitude.

Entre êstes instantes de felicidade devemos contar o que ora vivemos aqui na harmonia dêste convívio cordial. Interrompestes por algumas horas as vossas ocupações que vos dispersaram e diferenciaram na vida — como os ramos de uma árvore que se multiplicam e se distanciam antes de se carregarem de flores e frutos — e viestes reunir-vos aqui

http://www.obrascatolicas.com

como no tronco comum de um passado ainda recente. E através das diferenciações inevitáveis encontrastes de novo o segrêdo da unidade de outrora. A unidade dos vossos sentimentos de amizade. Aqui estão elas, sinceras e fiéis, as amizades de vossos primeiros anos, com aquêles caracteres de frescura expansiva, de lealdade profunda, de dedicação desinteressada, que distinguem os laços de coração que estreitamos na primeira quadra da vida em botão.

A unidade constante das relações com os vossos antigos mestres. Também êles aqui estão, mais velhos, sem aquêles traços severos de uma autoridade que devia impor-se às indisciplinas juvenis, mas com a mesma dedicação amiga de outrora, participando das vossas alegrias e triunfos, e ufanos de ver que ides colhendo, pela vida afora, os frutos abençoados da aplicação e de assiduidade ao trabalho a que vos habituastes nos verdes anos.

A unidade, enfim, da estrutura moral do vosso caráter. Os princípios que vos foram aqui inculcados, de fidelidade absoluta a Deus e à consciência, que é a sua voz nas almas, desenvolveram em vós tôdas as suas conseqüências salutares, plasmaram a vossa integridade moral e constituem, na orientação dos vossos atos, aquelas normas inflexíveis de honestidade que são o maior título de glória e o segrêdo de paz nas consciências cristãs.

Vivei, pois, intensamente êstes momentos de alegria serena. Estreitai intimamente os laços da vossa unidade interior, soldando o vosso presente ao vosso passado para melhor vos preparardes ao vosso futuro. A maior consolação de uma vida humana é vê-la aprumar-se, coerente e retilínea, uma vertical que só descansará em Deus.

Maio, 1938.

PALAVRAS DE DESPEDIDA DIRIGIDAS ÀS UNIVERSITÁRIAS EM 18 DE DEZEMBRO DE 1941

Uma palavra de despedida. Quem fala em despedida evoca uma convivência que termina e uma separação que começa. Interrompe-se a vida em comum, inicia-se a vida separada. Um olhar retrospectivo para o passado que se encerra, uma vista prospectiva para o futuro que se aproxima.

Relativamente ao ano que acaba de encerrar-se, a palavra para bem corresponder a tudo o que sinto. Correspondestes à confiança que depositei em vós. Foi-se o primeiro ano, ano de experiências, ano em que já pesava sôbre nós uma grande responsabilidade, a de firmar as primeiras tradições da Faculdade Católica. Tratava-se de criar o *ambiente psicológico* do nosso meio universitário. Bem sabeis a influência educadora dêste ambiente: é a atmosfera espiritual que respiramos: tão decisiva e importante para a saúde da alma, como um ar sadio para a do corpo.

As dominantes dêste ambiente psicológico já começam agora a delinear-se com nitidez e segurança.

Atmosfera de *trabalho sincero e honesto*. Não há formação sem esfôrço, formação da inteligência e formação do caráter. Esfôrço de aplicação continuada, esfôrço de domínio de si mesmo.

Uma universidade é uma oficina de trabalho intelectual em que desde o primeiro dia começa o regime da aplicação num ritmo sustentado. Trabalho atabalhoado... *Substantia pesturata minuetur*. O que depressa se aprende, depressa se esquece...

http://www.obrascatolicas.com

Atmosfera de *colaboração amiga e leal*. Em tôda a parte nossas tendências sociais — e no grupo social e pelo grupo social é que havemos de expandir as nossas virtualidades. A colaboração suaviza e multiplica o nosso esfôrço realizador. Colaboração vertical e colaboração horizontal — entre diretores, professôres e discentes, e dentro de cada uma destas camadas, cooperação entre todos os que a compõem. Como é bom trabalhar numa organização bem travada, onde todos são animados de um mesmo pensamento e de uma só vontade. Onde sentimos o apoio e confôrto da amizade, da animação, da confiança.

Atmosfera de *disciplina*. Já não estais mais na idade que só vê na disciplina um pêso, uma restrição da liberdade... A disciplina limita a liberdade para decuplar-lhe a fôrça. É como a poda do jardineiro que corta os galhos ladrões para aumentar a fecundidade dos ramos portadores de flores e frutos. São os trilhos... são os fios... é o canal...

A disciplina é a condição essencial de educação da nossa liberdade... no colégio... na universidade... na família... na sociedade... Sem disciplina não há vida social... exército — universidade... A diferença está na natureza desta disciplina, vai-se tornando cada vez mais espontânea à medida que subimos na idade. Na vida social, a coação só atinge os desadaptados. O homem de bem passa tôda a vida sem nunca ter que ajustar contas com a polícia...

Foi esta atmosfera, de trabalho, de colaboração, de disciplina que se conseguiu formar aqui, graças ao vosso bom espírito se conseguiu firmar... Meus parabens.

Conto ainda conservar para o ano próximo o trabalho de assimilação das novas... Sois o núcleo cristalino com suas formas definidas em tôrno das quais se depositarão os novos elementos, aumentando o volume mas respeitando a regularidade da forma primitiva. Sereis como o fermento que leveda tôda a massa. Conto convosco para êste grande

trabalho de apostolado. Com o trabalho e a dedicação dêste ano já vos habilitastes para a grandeza e honra dessa tarefa. Meus parabens.

Lançando agora um olhar para o futuro que imediatamente se entreabre diante de vós, que quereis que vos diga? Ides para as férias. Tempo de repouso — descansai das labutas do ano. Descanso bem merecido. Tempo de alegria. Passai alegres êstes meses. Mas quereis um segrêdo para conservar-vos sempre alegres? Sede e conservai-vos boas.

A verdadeira e profunda alegria não vem de fora. Não é o som e a côr, não são as formas nem os movimentos que nos fazem felizes. Muita música, muito passeio, muita festa podem dispersar-nos a alma e dissipar-nos o tempo. Não nos enchem as medidas. No meio de todos êstes divertimentos ruidosos um tédio mortal pode devorar-nos as entranhas e uma insatisfação inexplicável amargurar-nos os dias. A nossa alma é muito nobre para satisfazer-se com exterioridades sensíveis. A verdadeira felicidade não nos vem de fora, nasce nas profundezas internas do ser. Brota espontânea de uma consciência que sente sinceramente que vai realizando as suas aspirações profundas. Na medida em que vamos realizando a nossa perfeição humana, vamos também experimentando esta impressão de bem-estar, de paz profunda, de consolação íntima de quem se encaminha para uma plenitude. A felicidade nasce da perfeição como o perfume da flor. Quando os olhos descansam numa paisagem em que a proporção das linhas e tonalidade das côres lhes oferecem um objeto adaptado, têm o prazer de uma visão estética. Quando aos ouvidos chegam os sons de uma harmonia rica ou de uma melodia agradável, experimentamos o prazer particular da boa música. De tôda função bem exercida resulta espontâneo um prazer próprio. Da função de homem — integralmente exercida — nasce esta impressão total de bem-estar que chamamos alegria da vida.

http://www.obrascatolicas.com

Há, pois, agora nas férias uma *atividade que se interrompe,* outra que se não interrompe.

Interrompe-se a atividade do estudante... livros, aulas, exercícios, provas... tudo isto — tréguas... Não se interrompe nem se pode interromper a vossa atividade humana — êste espaço contínuo para viver melhor — eterna aspiração insatisfeita etc. Em concreto conservai a *fidelidade aos vossos exercícios de piedade...*

Procurai ao redor de vós as *ocasiões de bem fazer* — irradiar alegria nos corações que sofrem — catecismos — obras de caridade.

Acima de tudo conservai *imaculadas as vossas consciências*. Não permitais que ela se manche. Que triste coisa, que coisa dolorosa uma nódoa na consciência. Prazeres, divertimentos, companhias que vos façam pagar um momento de distração ou de embriaguez com uma capitulação da consciência — são inimigos da vossa verdadeira felicidade; afastai-os de vós com um gesto decidido e salvador.

Eis o segrêdo de uma felicidade, talvez menos ruidosa, certamente mais profunda e mais duradoura. É esta alegria que eu vos desejo nas férias. Ninguém tem tanto direito de viver alegre como uma alma que sinceramente quer ser boa. Almas tristes não são almas cristãs.

Êstes são os meus votos mais sinceros, aos quais acrescento o desejo de vos ver brevemente de novo aqui reunidas.

Voltai descansadas e alegres, certas de que encontrareis abertas e acolhedoras as portas da nossa e da vossa faculdade, mais abertos e acolhedores os braços e os corações de quantos aqui trabalham para o vosso bem. Boas férias. Até breve.

Rio, 14-12-1941.

ALOCUÇÃO DA SESSÃO DE RENOVAÇÃO DO COMPROMISSO DA AÇÃO CATÓLICA E DE ADESÃO AO CONGRESSO EUCARÍSTICO DE SÃO PAULO

Uma reafirmação de propósitos dignificantes e uma expressão sincera de uma solidariedade cristã — eis o duplo significado desta reunião, que, em sessão conjunta, congrega as nossas duas Faculdades.

Antes de partir para a luta, nos momentos de perigo em que a pátria apela para a generosidade de seus filhos, o soldado, num gesto decidido, renova o juramento à bandeira. E o seu ato significa fidelidade, dedicação, heroísmo.

Também nas lutas superiores do espírito, neste grande cenário da vida em que tràgicamente se empenham as fôrças do bem e do mal, as almas cristãs sentem a necessidade de reafirmar periòdicamente os seus propósitos de fidelidade aos mais altos ideais.

Tal é a significação profunda da renovação anual do compromisso dos sócios da Ação Católica, que teremos em breve a consolação de presenciar.

Pertencer à Ação Católica é compreender profundamente o cristianismo e as suas exigências de elevação interior e de dedicação fraterna. O membro da Ação Católica deseja viver profundamente a sua fé, não se contenta com algumas fórmulas dogmáticas mal assimiladas na primeira infância, nem com a repetição de certas práticas de superfície cujas riquezas não se aprofundam. Não se resigna a êste dualismo doloroso e humilhante entre a elevação dos princípios que professamos e a vulgaridade das ações que entretecem a urdidura da nossa existência cotidiana. Para a alma coeren-

http://www.obrascatolicas.com

temente cristã, o cristianismo é vida — *ego veni ut vitam habeant,* tôdas as verdades que Cristo nos ensinou têm um valor perene que não podemos desconhecer sem decairmos, têm repercussões benfazejas que não podemos desprezar sem tornarmos a nossa vida menos digna de ser vivida.

E por isso o seu desejo é formar-se, isto é, assimilar integralmente a palavra de vida do Evangelho, vivê-la em tôda a sua riqueza, aplicá-la a tôdas as circunstâncias e a tôdas as atividades numa coerência que defende a unidade interior e constitui o mais belo título de nobreza do caráter cristão.

Mais ainda. No cristianismo, a fraternidade não é uma palavra vã, sonoridade vazia sem conteúdo. Nada há mais oposto ao espírito do Evangelho do que o individualismo de "cada um por si". Nós os que fomos batizados em nome da mesma Trindade Santa, Deus, Pai o Criador, os que comungamos o mesmo corpo de Cristo, sentimo-nos profundamente irmãos, responsáveis uns pelos outros, devedores ao próximo do melhor de nós mesmos. E por isso a formação profunda da vida cristã desabrocha espontâneamente em irradiação de apostolado. O jovem da Ação Católica não se concentra no seu egoísmo estéril, difunde ao redor de si paz, alegria, entusiasmo pela virtude. Não lhe sofre o coração que ama a Cristo passar pela terra sem aumentar a soma de bens, sem fazer algo pelo triunfo da causa de Cristo, pela extensão do reino de Deus nas almas. Que vale uma vida que não trabalhou por estas grandes coisas?

Aí tendes, em poucas palavras, o alto significado da cerimônia que se vai realizar dentro de alguns instantes. A renovação do compromisso da Ação Católica significa o desejo confirmado e ratificado de uma vida nobre, fecunda e elevada pela sinceridade de um cristianismo sem capitulações e de um apostolado sem esmorecimentos.

As que vão renovar agora êste juramento de honra as minhas mais vivas felicitações e os votos mais sinceros de

que correspondam com fidelidade e ainda excedam à expectativa do muito bem que delas esperam as Faculdades Católicas.

É ainda de regozijo o sentimento que nos inspira o gesto de solidariedade cristã, outro objetivo desta reunião. Dentro de poucos dias, como sabeis, reunir-se-á em São Paulo o 4.º Congresso Eucarístico Nacional.

Os Congressos eucarísticos, nacionais e internacionais, são, há meio século, as mais grandiosas manifestações de fé e de vitalidade religiosa do catolicismo contemporâneo. Nada mais justo e nada mais misterioso do que estas apoteoses de vibração e entusiasmo em tôrno da pequenina hóstia santa dos nossos altares. Esta hóstia imaculada prolonga, entre nós, há dois mil anos, a presença salvadora de Nosso Senhor Jesus Cristo; renova e aplica a eficácia da redenção que criou a humanidade renovada; inspira e alimenta tôdas as virtudes e todos os heroísmos de dois mil anos de santidade cristã; encerra e resume, em síntese admirável, com as maravilhas do amor de Deus, todos os mistérios da nossa fé; é, por excelência, o *mysterium fidei*. Eis o segrêdo desta fôrça taumaturga que mobiliza as inteligências e os corações, congrega os indivíduos e as nações em manifestações de grandiosidade inaudita. Os que não são muito crianças estão ainda lembrados da grandeza do espetáculo que nos ofereceu em 1934 a capital argentina, quando, nos jardins de Palermo, ante um auditório de quase dois milhões de almas, na presença do Cardeal Pacelli, futuro Pio XII, o General Justo, Presidente da República, com voz comovida e firme, consagrava, ante o altar, a nação argentina a Cristo-Rei.

Desde 1933, inauguraram-se entre nós os congressos eucarísticos nacionais. A esplêndida apoteose que já contemplaram a Bahia, o Recife, Belo Horizonte, renovar-se-á agora, nos campos de Piratininga, ampliada pelo cenário magnífico da capital paulista. A mesma hóstia pequenina que An-

http://www.obrascatolicas.com

chieta e Nóbrega adoraram numa choupana e distribuíram aos primeiros índios regenerados pelo batismo, receberá agora as homenagens dos brasileiros do século XX numa das suas mais belas metrópoles construídas por quatro séculos de civilização cristã. A cena transfigurou-se numa metamorfose deslumbrante: a fé que a inspira é a mesma.

O Congresso realizar-se-á em São Paulo e para lá irão os representantes das nossas Faculdades em delegação especial; mas a festa e a homenagem é do Brasil e lá, em espírito, estaremos todos. Lá estaremos para render a Cristo-Hóstia o preito da nossa adoração; lá estaremos para agradecer os benefícios que nos vem prodigalizando, com mão generosa, nestes quatrocentos anos de civilização adolescente sob a luz do cruzeiro; lá estaremos para implorar-lhe a bênção paterna e as graças divinas para nós e os nossos trabalhos; para as nossas famílias que lutam e sofrem, para as nossas Faculdades Católicas, a fim de que sejam fiéis à sua missão de luz e de caridade; para o nosso Brasil, que deseja conservar-se fiel às promessas de seu batismo cristão; para tôda a nossa pobre humanidade que sofre ansiosa de paz e de justiça.

Só o cristianismo nos oferece a beleza desta solidariedade, ampla como o universo, sincera como a consciência, eficaz e profunda como as realidades divinas.

Eis o significado da nossa adesão ao Congresso Eucarístico de São Paulo. Demo-la de pé e com uma salva de palmas expressiva do entusiasmo das nossas almas.

12-8-1942.

ALOCUÇÃO

de agradecimento proferida, nas festas promovidas pelas Faculdades Católicas em homenagem ao Reitor, a 11 de outubro de 1942

Dignos de admiração são sempre os sentimentos nobres. E nobre entre as mais nobres é o da generosidade, esta grandeza do coração que dá pelo prazer de dar, que abre a mão sem medir pelo gôsto de semear a felicidade ao redor de si, que não se ajusta às exigências objetivas da verdade para dar ouvidos às inspirações de um coração bem nascido. Foi êste o sentimento que vos inspirou esta manifestação, êle que a impregna e domina tôda.

Não se trata, pois, para mim de abrir um inquérito ou debate público para apurar a verdade do que aqui foi dito, contestando-a. A vitória seria certamente minha e ganha sem muito esfôrço. Prefiro deixar a esta expressão de vossas almas o seu verdadeiro significado e elevar a minha gratidão à altura de vossa generosidade.

Recebei, pois, professôres e alunos das Faculdades Católicas a expressão do meu reconhecimento sincero e comovido. Aos que tiveram a primeira idéia de organizar esta reunião de família, aos que a prepararam com a discrição e cumplicidade dos silêncios conjuradores, aos que com a sua eloqüência, com a melodia de suas vozes, com a dignidade de sua presença contribuíram para realçar-lhe o brilho e mais que todos — convém lembrar sempre o justo valor das coisas — aos que acompanharam estas manifestações exte-

http://www.obrascatolicas.com

riores com o fervor de suas orações, um obrigado saído muito do fundo d'alma.

Ao corpo docente, que aqui compareceu em corpo gesto, uma palavra especial ditada pela gratidão e pela justiça. Das homenagens desta hora, partilham, em justa cota-parte, todos e cada um dos professôres. Se algum bem já se tem feito, se muito maior se espera ainda fazer, à sua colaboração inestimável, à sua solidariedade sincera com a direção, à regularidade de cada dia feita de dedicação e espírito de sacrifício, o devemos.

Mais ainda me comoveu esta homenagem por ver nela uma expressão concreta do ideal que todos desejamos se realize num centro superior de cultura como o nosso. Uma universidade católica — não o somos ainda mas lá chegaremos um dia com a graça de Deus — não é só uma escola para as inteligências, é também uma família para o coração.

A transmissão e aumento de patrimônio científico é, sem dúvida, uma das nossas finalidades essenciais. Amamos a ciência como amamos a verdade. Investigamos a natureza e procuramos arrancar-lhe os segredos de suas leis e de suas harmonias porque o espetáculo da criação visível é a primeira manifestação das grandezas divinas. Disciplinamos as energias da natureza e pomo-las a serviço da cultura e da civilização, porque assim colaboramos com a Providência nos seus desígnios de elevação progressiva desta natureza humana essencialmente caracterizada pela sêde insaciável de uma perfeição maior.

Neste trabalho de investigação científica e aplicações técnicas não queremos que ninguém nos leve a palma; havemos de estar sempre na primeira fila entre os mais entusiastas e mais dedicados.

Na tarefa comum, porém, trabalhamos com outro espírito. Não somos franco-atiradores que combatem sem plano e sem vínculos orgânicos. Não somos pensadores ou investigadores que se congregam na mesma unidade do espaço, sem afinidades mais profundas que os laços de solidariedade impostos pelas próprias exigências da colaboração científica.

Unimo-nos aqui, professôres e alunos, como uma família.

Família com um *patrimônio* comum. Vivemos todos de uma mesma concepção da vida e de uma mesma disciplina moral. Participamos das mesmas alegrias e das mesmas tristezas. É uma atmosfera espiritual em que respiramos todos e que nos aproxima, nos envolve numa solidariedade fraterna de inteligências e de corações.

Família ainda com um ideal comum. As finalidades particulares de cada curso, de cada disciplina, de cada investigador fundem-se tôdas numa finalidade mais alta, convergem para um só ideal que as domina tôdas pela altura de sua transcendência. Não cultivamos a ciência só pela ciência. Não trabalhamos um instrumento pela utilidade do instrumento. A perfeição do homem está na realização perfeita dos desígnios de Deus, num aumento de amor do Sumo-Bem nas almas, num aumento de amor que aproxima os homens-irmãos num sentimento cada vez mais vivo e consciente da comum paternidade divina. Para êste ideal trabalhamos todos como razão suprema da nossa existência; êle jerarquiza todos os valores da nossa vida e encerra o segrêdo da nossa indestrutível unidade de família. Vivemos todos desta luz e dêste amor.

Deixai que veja nesta manifestação de hoje, acima de relações pessoais contingentes e efêmeras, uma expressão desta vida de família que é um bem tão nosso, estável e permanente.

E, fruto destas manifestações espontâneas de acontecimentos tão nobres, seja o confirmarmo-nos no propósito de estreitarmos com vínculos mais estreitos êstes laços de nosso parentesco espiritual.

Professôres, lembremo-nos sempre de que, além dos conhecimentos que transmitimos na regularidade das aulas e

http://www.obrascatolicas.com

na execução dos programas, somos devedores aos nossos alunos do exemplo *edificante* de uma grandeza moral e de uma elevação cristã. Não há espetáculo mais belo que o de um homem de bem na prática sincera e constante do bem.

Alunos, estejam certos de que vivem aqui como na sua própria casa envolvidos numa solicitude de providência familial; exigências de regulamento, necessidades da disciplina visam sempre o seu bem; e a formação de suas inteligências e de suas almas, para as lutas da vida e para as consolações inefáveis de uma vida cristã superior, é o alvo de todos os nossos esforços e o título ùnicamente mais ambicionado de nossas glórias.

E como o grande devedor do dia é o Padre Reitor, por êle prometo que as provas que lhe dispensastes hoje de vossa generosidade se lhe converterão nalma em novos estímulos a uma dedicação mais completa ao bem de cada um e ao bem de todos. O sentimento da paternidade é uma graça de estado no coração do sacerdote que tem cura de almas. Deus não me faltou com esta graça. Quando tenho diante de mim um aluno da nossa Faculdade, sinto vivo na consciência o quinhão de responsabilidades na grandeza de um destino e na realização de uma esperança.

Resta que ao dom de Deus não falte a colaboração do homem. Acrescentastes motivos a motivos, estímulos a estímulos para facilitar-me esta tarefa de fidelidade. Saírei mais confortado nos propósitos de luta contra êste egoísmo humano que morre um quarto de hora depois de nós, e nos desejos de uma dedicação sem reservas a esta grande obra da Universidade Católica, que é a obra de todos nós porque é um dos maiores dons de Deus e uma das mais fecundas iniciativas da Igreja para o bem do Brasil.

ALOCUÇÃO

pronunciada na reunião de dezembro de 1942 às filhas de Maria do Colégio S. C. de Marie, agradecendo o trabalho da campanha pró-Universidade Católica

Duas palavras, destas que brotam do fundo da alma, espontâneas e cristalinas, como a água que jorra da fonte: um parabém e um obrigado. O parabém é a expressão de um dos mais belos sentimentos humanos: a alegria pura de uma alma que contempla uma ação boa; o obrigado é a resposta do coração sensível ao coração generoso.

Felicito-vos, antes de tudo, pela ação boa que praticastes. A caridade é a mais bela e a mais nobre das virtudes cristãs e caridade é querer e fazer bem, irradiando em tôrno de nós alegria, felicidade e paz. Quanto maior o bem que se faz, mais fina a caridade que o inspira.

Não há miséria humana, não há dor e sofrimento sôbre o qual o amor cristão não tenha vertido o bálsamo de sua consolação desinteressada.

Infância abandonada, velhice sem amparo, enfermidades de todo o gênero — para todos êstes males que afligem os corpos a caridade inspirada no amor de Cristo inventou, fundou e mantém inúmeras instituições que são a glória da humanidade batizada.

Mas o homem não sofre só no corpo, sofre também e muito mais no espírito. A ignorância que impede o desenvolvimento normal da inteligência, o êrro que pode desviar para sempre a grandeza de um destino humano, a deficiência de formação moral que vai amanhã multiplicar os con-

http://www.obrascatolicas.com

flitos internos que dilaceram a alma, que inspiram o crime, que semeiam lágrimas e luto, são misérias humanas muito mais dolorosas e até de conseqüências eternas.

A caridade verdadeiramente cristã não as esqueceu. Lá diz a lição do nosso catecismo que às vêzes esquecemos depressa que as obras de misericórdia não são apenas sete senão 14, sete corporais e sete espirituais.

Fundar, manter e desenvolver estas grandes instituições culturais em que se distribuem a mãos largas os bens superiores do espírito, é forma muito mais elevada de caridade cristã, tanto mais elevada, quanto o espírito sobreleva a matéria e os interêsses eternos da alma o bem-estar passageiro do corpo.

Mais ainda. A caridade que prodigaliza os bens do espírito, não esquece as exigências e os sofrimentos do corpo, antes os defende de maneira mais alta e eficaz. É bom, sem dúvida, abrir reformatórios em que se regeneram os delinqüentes, fundar hospitais onde encontrem acolhimento, carinho e cuidado êstes pobres destroços que se salvaram de tantos naufrágios humanos. Mas não seria caridade muito mais fina e delicada prevenir o mal que curá-lo? A higiene e profilaxia salvam o organismo antes que se contamine, a terapêutica procura debelar uma infecção que já o vai destruindo. A êste moço, a esta jovem que vai entrando na vida dai-lhe uma formação superior que o defenda contra os choques da vida, pondo-lhe nas mãos, com um diploma profissional, a habilidade técnica para ganhar honestamente a sua vida, manter lar, dar todo o desenvolvimento aos talentos divinos que lhe foram confiados, numa existência digna e nobre, útil à Família, à Pátria, à Igreja. Um jovem assim formado não tereis que recolhê-lo amanhã nos reformatórios ou nos hospitais. A delicadeza de vossa caridade construiu um grande bem para não ter que separar um grande mal.

A luz destas considerações, como se transfigura a grandeza da função de uma Universidade Católica!

Mas ainda não é tudo. A caridade atinge a sua expressão mais sublime nas irradiações do zêlo conquistador. *Divinorum divinissimum.* Aqui a função de uma Universidade Católica na civilização de um povo é insubstituível.

No desenvolvimento de um povo cada geração tem diante de si problemas de capital importância, *os problemas de adaptação das várias formas de culturas aos princípios eternos do Evangelho. Veritas Domini manet in aeternum.*

O Evangelho eterno de Cristo condiciona a vida de uma civilização e a viabilidade humana de uma cultura. Mas em cada fase das transformações culturais, a organização da economia, a estrutura da família, o respeito à dignidade inalienável da pessoa humana, as formas particulares de colaboração entre os poderes políticos e as autoridades espirituais, os sistemas de educação põem problemas de uma importância transcendental para a vitalidade cristã de uma nação.

Ora o estudo dêstes problemas é uma condição de vida ou de morte. E o ambiente normal em que êles deverão receber a sua solução elevada, serena e profunda é a Universidade Católica. Aí o direito, a economia, a sociologia e a pedagogia são estudadas à claridade convergente das grandes luzes do Evangelho — da ciência, aí se elaboram as soluções harmoniosas destas questões fundamentais que evitam os desequilíbrios sociais, as experiências fatais em que por vêzes soçobram a tranqüilidade e a felicidade de um povo. Se a Bélgica conseguiu realizar em tôdas as suas instituições políticas uma das formas mais elevadas de civilização contemporânea sem desgarrar para extremismos fatais, deve-o à sua grande Universidade Católica de Lovaina, de cujas aulas saíram legiões e legiões de políticos, pensadores, administradores e técnicos que souberam infundir na complexidade dos organismos modernos a vitalidade da seiva cristã.

http://www.obrascatolicas.com

Eis o grande bem que representa para um povo uma Universidade Católica, esta expressão tão elevada da caridade cristã sob tôdas as suas formas. Vós o compreendestes magnìficamente. Vós compreendestes que os recursos economicos condicionam em grande parte a eficiência de um centro superior de estudos que não pode preencher as suas altas funções sem edifícios, laboratórios, gabinetes, museus e bibliotecas, que representam verdadeiras fortunas. Compreendestes e da esfera das idéias passastes ao terreno dos fatos. Com uma dedicação e perseverança admirável, metestes ombros à tarefa difícil e ingrata de ajudar eficazmente a Universidade Católica do Brasil. Deus abençoou os vossos esforços e hoje podeis contemplar sem vaidade mas com satisfação a grandeza do bem que fizestes. Eu vos dou comovido o meu parabém.

Mas o grande beneficiário desta dedicação incansável foi a futura Universidade e por ela deve responder quem recebeu sôbre os ombros frágeis o pêso de tanta responsabilidade. Não posso contentar-me com admirar e felicitar-vos; cumpre-me ainda agradecer-vos e agradeço-vos muito do fundo da alma. Agradeço uma por uma a tôdas as filhas de Mária que no seu zêlo e dedicação incansáveis bateram a inúmeras portas para recolher donativos. Agradeço muito sensibilizado às religiosas que se acham em contato com as filhas de Maria, e ao seu Diretor, que, com perseverança infatigável, mantiveram o fogo sagrado durante todo ano.

Com caracteres de oiro os vossos nomes ficarão gravados no livro de nossa gratidão; com memória fiel serão lembradas em tôdas as orações, em tôdas as missas que se celebram e se hão de celebrar sempre mais numerosas pelos nossos benfeitores. Na sua generosidade infinita, Deus, que não deixa sem recompensa um copo de água dado por seu amor, vos há de retribuir magnânimamente tôdas as delicadezas da vossa caridade.

Como testemunho visível da nossa gratidão, mandar-vos-emos em breve um diploma de benemerência, que conservareis nos vossos arquivos, testemunha do nosso reconhecimento e nobre exemplo às que, mais tarde, tiverem, como vós, a ventura de pertencer a esta congregação.

Como testemunho ainda dos nossos sentimentos reconhecidos, ofereço-vos desde já uma bôlsa perpétua nas Faculdades Católicas. A começar do ano próximo de 1943, podereis manter sempre na Faculdade uma aluna que vós escolherdes, como melhor vos aprouver. Tereis assim a consolação de estar dando contìnuamente a uma jovem a melhor preparação intelectual e moral para as responsabilidades de uma vida digna e elevada. São bênçãos que de Deus e dos homens atraireis contìnuamente sôbre vós.

Estão ditas as duas palavras que vos prometi e que me brotaram da alma espontâneas e cristalinas como o manancial da água viva. Aceitai, como me vieram, as minhas felicitações e os meus agradecimentos.

http://www.obrascatolicas.com

PALAVRAS DIRIGIDAS AOS ALUNOS DO SEMINÁRIO FRANCISCO SUÁREZ, DA FACULDADE CATÓLICA DE DIREITO

É com o mais vivo interêsse e com a mais íntima e sincera satisfação que venho acompanhando desde os seus primeiros movimentos o nosso querido Seminário Francisco Suárez. Satisfação que se tornou mais viva ao percorrer as respostas que destes ao questionário que vos foi distribuído pelo Prof. SBROZEK. Li-as tôdas com atenção, interêsse e carinho e por elas vi que compreendestes perfeitamente as altas finalidades da instituição e estais apostados decididamente a colhêr todos os frutos que ela promete.

Um seminário como êste vem antes de tudo preencher as lacunas do nosso curso secundário, que todos experimentamos, mas tão pouco fazemos para remediá-las.

Um curso superior sólido descansa sôbre uma formação geral ampla, segura, bem assimilada. Formação que abrange um patrimônio de conhecimentos gerais indispensável e um amadurecimento de inteligência que lhe permita defrontar-se com os problemas mais elevados do ensino universitário.

Ora, por um motivo ou por outro, o nosso curso secundário apresenta ainda deficiências essenciais. A maior parte dos nossos alunos não sabe redigir uma dissertação científica, não digo com ordem e concatenação lógica de idéias mas nem sequer com mediana gramática. As línguas, instrumento de trabalho indispensável, vêm mal sabidas. O latim, sem o qual é impossível o acesso à quase totalidade das fontes do pensamento e da cultura ocidental, é de todo

ignorado... Na Europa... redação latina. Recepção recente do 1.º Ministro da Tchecoslováquia na Universidade de Oxford.

Sentis estas lacunas: o Seminário virá preenchê-las.

Ao lado desta função eventual e, esperamos, transitória, o Seminário desempenhará, outra, estável, permanente e de grandes frutos — o *aperfeiçoamento da vossa cultura jurídica*. Não é possível, num curso regular, em que a marcha do professor é ritmada pela cadência de um programa inexorável, descer em profundidade. Cumpre percorrer o campo inteiro de uma disciplina jurídica; não sobeja o tempo para analisar-lhe minuciosamente os diferentes aspectos. A profundidade das águas está na razão inversa da sua profundidade. Um lençol de água que espraia a massa líquida por amplas superfícies não oferece a profundidade dos grandes caudais que encerram as suas águas na disciplina dos leitos profundos.

Ora, uma formação jurídica, adquirida ràpidamente por um processo de memorização precipitada, será sempre precária, ineficiente na prática profissional e incapaz de dar à inteligência a satisfação das sínteses harmoniosas e coerentes. O direito não é um ramo isolado do saber... as normas que regem a nossa atividade social, que limitam as nossas liberdades, que condicionam a paz e a prosperidade pública não podem reduzir-se a simples fórmulas do Código que se aprendem de cor e se aplicam na jurisprudência dos casos. Entendem necessàriamente com o homem, com a sua natureza e os seus destinos, com a nobreza de sua dignidade e a finalidade de sua própria razão de ser. Enquadram-se naturalmente numa visão compreensiva do homem da sociedade, do Universo. E aí tendes o direito essencial e inelutàvelmente relacionado com uma concepção filosófica da realidade. Impossível romper êstes vínculos essenciais e indestrutíveis...

Sem êles, não há jurista verdadeiro... haverá causídicos esmiuçadores superficiais de textos, incapazes de elevar-se ao

http://www.obrascatolicas.com

espírito que os inspirou, à alma que lhes dá vida, aos princípios que constituem a razão de ser...

Mais. O jurista, consciente de sua missão, não é só o intérprete do *jus constitutum*... é também o artífice do *jus constituendum*. Não aplica só o passado... prepara o futuro... Evolução da sociedade, novas exigências... Necessidade de readaptação... Como fazer êste trabalho... sem o conhecimento das finalidades do direito, das exigências imprescritíveis da natureza humana...

Eis a segunda função do Seminário: aprofundar o estudo das questões jurídicas, articular o direito com os outros grandes ramos do saber humano, habilitar-vos a prestar mais tarde ao Brasil os serviços mais relevantes...

Mas ainda não se acham encerradas as suas vantagens. Aumento quantitativo do saber: preenchendo lacunas... cavando profundidades...

Mas não é só assim que se enriquece a nossa inteligência, instrução — mobília... é preciso *educá-la*, isto é, desenvolver-lhe a *fôrça*, a capacidade de trabalho útil.

Uma boa memória apetrecha-lhe a alma de conhecimentos úteis; mas só uma ginástica da inteligência dá-lhes vigor e habilita... mister, sôbre todos nobre, de pensar. É preciso aprender a *pensar*.

Que é pensar?... Não é repetir conhecimentos hauridos em leituras corridas ou ouvidas em aula ou conferências. Nestes casos a atitude da inteligência é mais passiva que ativa...

Pensar é trabalho pessoal. É o esfôrço da inteligência em face da realidade, para exprimi-la tôda fielmente. Sábe pensar quem, diante de um problema, é capaz de pô-lo em equação, analisar-lhe os diferentes aspectos, examinar as diferentes soluções que comporta, discernir com critério o número e o pêso dos argumentos que militam em favor de cada uma delas, responder às dificuldades emergentes, aferrar por fim a verdade em tôda a pureza de sua integridade, em todo o esplendor de sua beleza.

E eis outra vantagem incomensurável do vosso Seminário: obrigar-vos ao esfôrço pessoal da inteligência, dar-vos a *técnica do trabalho científico*, familiarizando-vos com as fontes, com o contato imediato com os grandes autores, habituando-vos a não citar um autor sem o haver lido, a não criticar uma doutrina sem a haver compreendido, a não abraçar uma opinião sem lhe haver pesado os argumentos e dificuldades, numa palavra, a formar em vós êstes hábitos de exatidão, de rigor, de fidelidade, de amor intransigente à verdade que constituem a probidade científica, a dignidade do homem que sabe.

E assim, partindo das vantagens intelectuais que vos assegura êste trabalho... chegamos naturalmente às vantagens de ordem moral, não menos apreciáveis. Assim é. Há uma solidariedade profunda entre a vida da inteligência e a da vontade. Ninguém pode ser um homem de estudos sem possuir nobres qualidades de caráter, como por sua vez a vida científica cultiva e desenvolve o caráter dando-lhes um sem número de hábitos salutares.

"Hábitos de pontualidade e regularidade na exatidão dos regulamentos dos horários.

Hábitos de constância e perseverança sem as quais nada se faz de perfeito.

Hábitos de atenção, de reflexão, de recolhimento.

Hábitos de vida superior e de elevação nas idéias.

[Hábitos de distinção nos pensamentos, nas maneiras, incompatíveis com a trivialidade da linguagem].

Hábitos de julgar os homens e os acontecimentos à luz dos princípios, de examinar um problema sob todos os seus aspectos, de não aceitar levianamente idéias nem opiniões alheias." (REBOULET, *Le trav. int.*, 219.)

Bem vêdes o patrimônio precioso que na vida de um homem representa êste cabedal de preciosas qualidades mo-

http://www.obrascatolicas.com

rais. Mas é mister adquiri-las à viva fôrça de luta: sem tirocínio lá não chegaremos... ótimo tirocínio...

Espero ainda que o Seminário vos *assegure ainda uma vantagem concreta*. A nossa lei de ensino não prevê êste esfôrço voluntário para dar-lhe a devida recompensa.

A nossa Faculdade, porém, ao lado do vosso diploma com efeitos legais para o exercício da profissão, vos dará também um outro documento — atestado, certificado, diploma, como lhe quiserdes chamar, testemunho autêntico de uma formação jurídica mais aprimorada e profunda. Êste documento — pode bem ser que chegue com o tempo a ter valor legal; terá certamente valor real proporcionado à eficiência dos estudos feitos. Se os seus primeiros portadores se apresentarem na vida com uma preparação intelectual que se não encontra habitualmente nos que ostentam seus anéis de rubi, saídos das nossas faculdades, será êle em breve um passaporte para os cargos das altas responsabilidades jurídicas mais eficiente que os pergaminhos carimbados pelas nossas repartições públicas. Diplomas valorizados por uma ciência real...

Eis as belas perspectivas que se projetam no horizonte das nossas esperanças. Serão amanhã realidade? Está nas vossas mãos.

Com a dedicação dos vossos professôres podeis contar enquanto êles poderem contar com a fidelidade da vossa constância. O Prof. ZBROZEK...

Sêde constantes, meus caros jovens. Sem perseverança nada fareis de grande ou de útil na vida. Habituai-vos a trabalhar um dia, dois dias, meses e anos na mesma tarefa. *O tempo é um elemento indispensável de perfeição*. Êle destrói tudo o que se tenta construir sem a sua colaboração.

Resposta do Reitor de Universidade... (REBOULET, págs. 190-191.)

GIARDINI — violinista — 12 horas por dia — em 20 anos.

CHATEAUBRIAND — quatro anos a rever um episódio de Atala.

HEREDIA — trabalhava nos seus sonetos com uma perseverança incansável.

Tempo e continuidade do esfôrço no tempo (LITTRÉ-REBOULET, pág. 187) — RUI BARBOSA...

Nas nossas mãos, pois, está o realizardes tôda a beleza destas esperanças e fazer que o "Seminário" não minta às promessas dos seus programas e às exigências de seu nome — viveiro, sementeira fecunda de homens e de idéias.

Bem escolhestes o vosso padroeiro.

16-6-1943.

http://www.obrasraras.com

ALOCUÇÃO

aos estudantes pernambucanos recebidos nas Faculdades Católicas, a 2 de julho de 1943

As Faculdades Católicas abrem jubilosas os seus braços para acolher-vos num amplexo de fraternidade sincera.

Vindes de longe, dêste norte glorioso donde arrancou a marcha gloriosa da nossa civilização; dêste norte em que se inspiraram tantos movimentos vitoriosos de libertação; dêste norte que timbra em pôr a energia de sua bravura a serviço da fidelidade às nossas mais caras tradições brasileiras.

Viestes de longe e de lá nos trouxestes a *edificação de vosso exemplo*... de disciplina — coesa ... de moderação equilibrada... de firmeza de atitudes.

Viestes de tão longe, mas já vos sentimos muito perto de nós, envolvidos nesta atmosfera de convivência fraterna. É que entre vós e os que labutamos aqui nas Faculdades Católicas são muitos e estreitos os *vínculos de afinidades*.

Estudantes uns e outros, irmana-nos esta comunhão de vida afeita aos livros a desenrolar-se, alegre e ruidosa, entre as peripécias da vida escolar eriçada de exames e provas e as esperanças da conquista de um diploma, que nos abrirá as portas das posições de altas responsabilidades.

Brasileiros, uns e outros, lá, filhos quase todos do Norte, aqui providencialmente reunidos, de tôdas as províncias, sentimos, todos, talvez de modo vago e menos preciso, a responsabilidade imensa que vai pesando sôbre o nosso Brasil, nos grandiosos destinos históricos que lhe vai rasgando a Providência na reconstrução do mundo de amanhã. Somos hoje

a maior nação latina do mundo. Por motivos que não é dêste momento analisar, as duas grandes representantes da raça latina no Velho Continente falharam momentâneamente à grandeza de sua vocação histórica; e no amanhã imediato em que se decidirão as grandes linhas estruturais da nova ordem, não poderão falar com voz alta que se impunha à audiência. O anglo-saxônico terá o primado da orientação. Mas não será uma lacuna fatal, na reconstrução do mundo, a ausência da latinidade. O equilíbrio, a clareza, a inteligência lúcida, o senso da moderação e o equilíbrio, a convicção de grandes princípios e a coesão na dedução de suas conseqüências, a aliança íntima das elegâncias desinteressadas do belo com as exigências técnicas do útil — todo êste patrimônio de qualidades preciosas que constituem a flor do espírito latino poderão faltar sem desequilibrar o futuro. E que outra nação poderá desempenhar-se das responsabilidades desta herança de honra fora do Brasil? Brasileiros e sobretudo brasileiros jovens, sentimos melhor esta vocação comum e, neste destino solidário, a alma de uma cultura e mais um vínculo de fraternidade.

Católicos uns e outros, irmana-nos ainda a luz da mesma fé e o fulgor das mesmas esperanças. Vejo com prazer na lapela de muitos dentre vós os distintivos de católicos ativos e militantes, porque católicos, pelas profundezas mesmas do nosso passado, somos todos quantos nascemos neste Brasil latino, logo ao nascer para a civilização. Se a latinidade tem uma grande missão... maior é a do cristianismo na reconstrução da humanidade. Paz, dignidade da pessoa humana, solidariedade entre indivíduos e nações, reconstrução social em base de maior justiça e de maior caridade — todos êstes que tremulam como ideais no horizonte das nossas esperanças — não passaram de palavras vazias, fórmulas ineficazes e sedutoras, sem as verdades sólidas e vívidas do espiritualismo cristão de que a Igreja é guarda autêntica e eficiente. Vínculos êstes que nos irmanam e explicam esta atmosfera

http://www.obrascatolicas.com

amiga que para logo a todos nos envolveu. Nós vos agradecemos êstes minutos alegres e felizes que a vossa juventude veio trazer à nossa.

E aos agradecimentos queremos associar um voto: o de conservardes sempre esta mocidade. E é possível conservá-la sempre contra a pressão irresistível do tempo? Sim e não. A juventude é êste estado de alma — de beleza, integridade, plenitude — de um ser que se acha próximo ao seu princípio. Por isto a juventude do corpo não a podemos conservar. Na cadência de sua marcha inexorável, o tempo aumenta... o intervalo entre nós e a nossa origem. Mas o espírito vem de Deus e pela sua elevação cada vez mais pura pode estreitar mais e mais a união rejuvenescedora com o seu Eterno Princípio. Alma de santo, alma sempre jovem. Conservemos ao menos esta juventude que não é feita de beleza de formas, de elegância de atitudes, de esbeltezas de porte, mas de nobreza imarcessível de sentimentos, de generosidade que não se esgota, de dedicação que não se cansa, de perseverança que não conhece o desalento das decepções, de consagração ininterrupta a um grande ideal que ilumina com sua luz indefectível tôda a grandeza de uma vida.

Eis a juventude perene que a todos vos desejo. Jovens assim sêde-o sempre. Será o segrêdo da vossa felicidade.

ALOCUÇÃO À AÇÃO CATÓLICA DAS FACULDADES

O segundo período do ano letivo deve marcar um renascimento de vida escolar — e um rejuvenescimento de fervor da Ação Católica.

Renascimento — provas — resultados — balanço — perspectivas...

Rejuvenescimento — retiro espiritual — propósitos... sua eficiência. Quais os nossos deveres?

Como todo organismo vivo, a Ação Católica deve conservar-se e expandir-se, assegurar a própria existência e irradiar a sua influência conquistadora.

I — *Conservar-se* — mantendo os próprios elementos e assimilando novos. É um escol — mas escol não significa necessàriamente número reduzido, mas escolhido — quando o ambiente já é elevado — os escolhidos podem ser muitos. Vantagem da qualidade — multiplicada pela quantidade.

Para obter êste fim manter diante dos olhos a grandeza do ideal da A. C.

Que nos dá a nós jovens a Ação Católica?

Um ideal superior de vida.

Há em cada vida humana *dois tipos* de ideal.

a) um *acessório, acidental,* contingente, cuja realização não depende integralmente de nós — profissão, família, dentro dêste ou daquele quadro da vida; o papel que nos caberá no cenário da vida. Importante a formação dêste ideal; prudente a sua escolha e a disposição dos meios para realizá-lo. Não lhe dar, porém, uma importância essencial. Se o não

http://www.obrascatolicas.com

realizarmos — amargura; se o realizarmos, decepção do vazio — não nos encherá a sêde de felicidade. Para uma flor é secundário que viceje na liberdade nos bosques, no cuidado dos jardins, na sala do palácio, mas é essencial que seja flor... que realize a beleza da sua espécie — pétalas cobrindo a púrpura... Assim também para o homem e o cristão há:

b) um ideal *essencial* — a sua realização como homem — o que Deus quis êle fôsse quando o criou — a plenitude de sua perfeição moral — como homem — como cristão... Só êste é um bem nosso; só êste nos acompanhará sempre — infrustrável por esfôrço dos homens, pacificador...

Ora, a vocação à A.C. não só nos permite realizar êste ideal mas elevá-lo... A Igreja nos chama ao apostolado. Condições modernas da A.C. em que foi organizada.

Glória do Apostolado — Apostoli Ecclesiarum, gloria Christi. São Paulo aos Corintos.

Título de glória do apostolado — Cooperador de Cristo.

Para transmitir a *vida* natural, Deus apelou para a cooperação do homem. Lei da fecundidade. Crescei... e fundou uma grande instituição: o *matrimônio*.

Para transmitir a vida sobrenatural — *ut vitam habeant* — Jesus quis associar o homem — e fundou outra instituição — o *apostolado*.

Transmissor da luz — *vos estis lux mundi* — como o *precursor ad dandam scientiam salutis — eis qui in tenebris et umbra mortis...*

Quantos ignoram esta *scientia salutis... Mi trovai per una selva oscura che la dritta via era smarrita...*

Semeador de verdades que têm ressonâncias eternas...

Que glória! Que nobreza de vida! Que consolação!... Porque não acudi ao chamado da Igreja?

Será que não temos fé e perdemos êste senso cristão que nos faz julgar as coisas pelo seu justo valor?

Muitas vêzes o temor de pequeninos sacrifícios — mêdo de assumir compromissos — horror à norma.

Por pequeninos sacrifícios não malbaratemos tesoiro tão grande. Não tenhamos horror à norma — parece opor-se à liberdade e é condição de sua eficácia realizadora.

"A atividade humana, para ser alegre, bela, construtiva impõe rigor a si mesma." (Ortegat, 293.)

Regras e limites — No jôgo — nas criações de arte, na aquisição da ciência — na vida social (ver Ortegat — trecho de Cresterton, 293).

Finalidade imperiosa — prescrevendo escolha de adaptação de meios.

Vida sem regra — sem disciplina — vida diletante — vida fútil — vida estéril — vida triste — não há alegria duradoura senão na atividade criadora do bem.

Convencei-vos a transmitir a outrem as vossas convicções.

II — Expandir-se — *irradiar infuência*. Ilusão de converter a humanidade — não a atingimos diretamente, mas só indiretamente através daqueles com quem estamos em contato direto — família — escola — profissão — relações sociais. Daí o lema do apostolado da Ação Católica — ação no ambiente — conquista do semelhante pelo semelhante: Que é o *ambiente?*

1.º) *Lugar onde se vive*. Família, escola, profissão, amigos... fazer bem às alunas com que estamos em contato;

2.º) pessoas com que temos em comum os mesmos deveres de estado.

Apostolado sempre existente na Igreja — Vocação de Natanael por meio de Felipe.

Fiéis tessalonicenses (Tess. I, 6-8). (Cfr. Assist. Eccles. VIII, 24). Ação Católica na Universidade.

Criando o *espírito* católico dos estudantes,

http://www.obrascatolicas.com

a) pelo combate sem respeito humano a tudo o que é menos conforme com o espírito cristão:

nas atitudes — nas conversas — nos critérios de julgamento — evitando intrigas — corrilhos — cismas;

b) pela criação positiva de uma atmosfera de alegria sã, de pureza, de colaboração — com as autoridades — com os colegas.

7-7-1943.

ALOCUÇÃO

proferida no Palácio do Catete, a 15 de setembro de 1943, em agradecimento ao Presidente Getúlio Vargas pela doação do terreno

Exmo. Sr. Presidente,

Aqui estão, em coroa, em tôrno da pessoa de V. Ex.ª as Faculdades Católicas representadas pela quase totalidade de seus professôres e por delegações numerosas de seus alunos.

Aqui viemos, Sr. Presidente, cumprir jubilosos um dever de gratidão. Há apenas dois meses V. Ex.ª assinou um decreto-lei que transferia à futura Universidade Católica do Brasil o domínio útil de uma área considerável nas proximidades da Esplanada do Castelo. Destinava-se a magnífica doação a auxiliar a instituição nascente na realização de suas altas finalidades culturais.

São altas, de fato, Sr. Presidente, as suas finalidades e firmes as nossas esperanças de realizá-las.

Uma Universidade representa, na vida de um povo, um cometimento de grande porte e de incalculáveis repercussões. Êstes centros de irradiação cultural são como refletores grandiosos que captam os raios dispersos da cultura de uma nacionalidade para condensá-los por uma convergência intensificadora e assim concentrados num esplêndido foco dardejá-los depois em feixes poderosos que iluminam as sendas do porvir e do progresso.

No Brasil, uma universidade católica, pelas contingências felizes da nossa evolução histórica, processada, tôda ela,

http://www.obrascatolicas.com

sob o símbolo da Cruz, acha-se por singular vocação predestinada a enfeixar harmoniosamente tôdas as tradições da nossa vida espiritual. Falando ao Episcopado Brasileiro aqui reunido em 1939, V. Ex.ª já o sintetizou com singular felicidade: "No Brasil-Colônia, no Brasil Império, no Brasil República, o lugar da Igreja Católica está marcado em destaque, como fator preponderante na formação espiritual da raça, e as suas doutrinas e ensinamentos constituem as bases da organização da família e da sociedade" (*A nova política do Brasil*, t. 6, pág. 275). A estas palavras, que resumem todo o nosso passado, praz-me associar outras, também de V. Ex.ª, proferidas em saudação ao Cardeal PACELLI, e que projetam as suas luzes sôbre o futuro: "Desta ação imprescindível [da Igreja] continua sempre o Brasil a esperar o concurso inestimável para a construção de seu porvir. É sôbre a sólida formação cristã das consciências, é sôbre a conservação e defesa dos mais altos valores espirituais de um povo que repousam as garantias mais seguras de sua estrutura social e as esperanças mais fundadas da grandeza, estabilidade e desenvolvimento das suas instituições". (*A nova política*, t. 3, pág. 306).

Estas palavras, Sr. Presidente, que, proferidas, umas em 1934, outras em 1939, exprimem um dos rumos constantes do govêrno de V. Ex.ª, explicam o gesto esplêndido de 1943 em favor da Universidade Católica.

Com o largo descortino de estadista, viu V. Ex.ª a importância singular que, na evolução e difusão da cultura brasileira e na conservação dos nossos mais altos valores, poderia desempenhar um centro superior de ensino, de pesquisa científica, de formação das classes dirigentes, inspirado nas tradições mais puras da nacionalidade, ligado às raízes mais profundas desta espiritualidade cristã que plasmou o Brasil e influi vigor ao cerne incorruptível da sua vitalidade.

E V. Ex.ª, Sr. Presidente, está ainda convencido de que não é só o homem de govêrno aquêle que dota o Estado do aparelhamento complexo exigido pelo desempenho de sua alta missão, que estrutura, multiplica, disciplina os seus diferentes órgãos para o exercício das funções cada vez mais numerosas e variadas da vida social nas diferentes fases de seu dinamismo evolutivo; é-o também, é-o, de modo superior e altamente compreensivo, aquêle que acorda, estimula, ampara as iniciativas particulares, que coordena os esforços livres, individuais ou associados, na realização do bem comum de que resulta a prosperidade geral da nação. Onde os poderes públicos entendem assim a grandeza de sua missão social e suscitam e amparam a originalidade variada dos livres empreendimentos, estabelece-se esta colaboração harmoniosa de tôdas as energias, esta convergência fecunda de todos os esforços para a realização do ideal comum. Enriquece-se assim o patrimônio de valores culturais, criados pela fôrça organizada dos poderes públicos e pela capacidade realizadora das atividades particulares. Constitui-se assim um ambiente de riqueza material e espiritual, em que a dignidade de cada pessoa encontra, numa atmosfera de harmonia, de liberdade e de paz, a abundância dos bens indispensáveis à plena expansão de suas virtualidades humanas. Realiza-se assim o ideal das sociedades bem organizadas.

Nós agradecemos, Sr. Presidente, o descortino, a compreensão larga, com que V. Ex.ª acolheu desde o seu nascer a iniciativa da Igreja de organizar, aqui no Brasil, como em outras nações, uma universidade em que se transmitissem, na mais harmoniosa aliança, as lições da ciência mais aprimorada e os ensinamentos salvadores do Evangelho.

O gesto de V. Ex.ª ecoou por esta imensa Terra de Santa Cruz como um gesto abençoado nos corações de todos os brasileiros bem nascidos, despertou ressonâncias profundas da mais sincera simpatia.

Para os que, professôres e alunos, trabalhamos há quase três anos nessa tarefa de altas responsabilidades, êle constitui

http://www.obrascatolicas.com

um grande confôrto e será sempre uma fonte de energias, de novos estímulos e de dedicações inesgotáveis.

Sentimo-nos penhorados, e não podemos nem queremos ficar abaixo das esperanças do Brasil e da confiança que V. Ex.ª em nós tão generosamente depositou.

Queira, pois, Dr. Getúlio Vargas, aceitar com a homenagem íntima e leal do nosso conhecimento imorredoiro, a expressão do nosso propósito inabalável de envidarmos todos os esforços para bem servirmos à dignidade das duas grandes causas solidárias a que nos dedicamos: a de Deus e a da pátria.

ALOCUÇÃO

de agradecimento na festa do Reitor das Faculdades Católicas, a 11 de outubro de 1943

A festa do Reitor é a festa da família universitária. O ritmo cotidiano da nossa atividade marcha com a regularidade de um mecanismo bem montado. A repetição diária das aulas, o ciclo hebdomadário da ordem das disciplinas, a periodicidade das provas semestrais sucedem-se com a pontualidade dos cronômetros. Dir-se-ia um automatismo que obedece à insensibilidade fria da mecânica.

De repente, interrompe-se a monotonia da vida cotidiana e os corações em festa abrem-se numa manifestação espontânea da riqueza de seus sentimentos. Professôres e alunos sentimo-nos todos membros de uma mesma família, vinculados por afetos puros, fortes e elevados. No organismo da atividade universitária, comunicando-lhe vida e vigor, circula uma seiva rica de sentimentos nobres. No grande corpo, palpita uma grande alma.

Assim é e assim deve ser. Não nos reunimos aqui ao acaso das circunstâncias. Não nos cruzamos nestes corredores e pátios como transeuntes desconhecidos, dispersos interiormente pelas suas preocupações individuais. A sabedoria que aqui buscamos não é a que se vende a retalho, no balcão, a compradores que se sucedem anônimos e incoerentes.

Aqui, como alma comum de tôdas as nossas atividades docentes e discentes, há um ideal de vida que a todos nós orienta com o esplendor sereno de sua luz e a que todos servimos com o devotamento incondicionado do nosso amor. Ora, onde esplende um ideal aí se processa numa organização

http://www.obrascatolicas.com

inteira da vida. De sua essência o ideal — quando digno dêste nome — é totalitário. Absorve tôdas as energias e as lança, ardentes e disciplinadas, à conquista do grande bem entrevisto. Quero dizer que, consagrada por natureza e por finalidade confessada a um grande ideal, uma Universidade católica é uma atmosfera de formação integral da personalidade humana.

Mas uma instituição em que se jogam os destinos da pessoa não pode subsistir nem desempenhar-se de suas altas responsabilidades se não a vivifica e anima o sôpro divino da caridade. Permuta de coisas, basta a justiça para regulá-la com acêrto; destinos de almas, por êles só a caridade pode velar vitoriosamente.

E a caridade cristã, graças a Deus, vive entre nós e vivifica quanto fazemos. No nosso meio não há espírito mercenário nem disciplina de fôrça. A solicitude e pontualidade de professôres, a colaboração inteligente de alunos, a confiança que, de um a outro extremo, embebe tôdas as nossas relações, são expressões várias dêste desejo profundo que brota de corações nobres a serviço de inteligências escolhidas.

Foram êstes sentimentos que quisestes manifestar nesta festa de família. Do Reitor dissestes coisas generosas que, sem convencer a consciência, penhoram a gratidão. Oferecestes-lhe um mimo que, se o sensibilizou pelo acêrto criterioso da escolha, mais o comoveu como símbolo de nobreza d'alma.

Deixai que, em retribuição de tudo, manifeste também eu a espontaneidade dos meus sentimentos, esta gratidão sincera e profunda que me vai n'alma e que, se hoje folga de afirmar-se em expressão pública, é, porém, de todos os dias, silenciosa e ativa, unindo-se a vós, professôres e alunos, num intercâmbio de sentimentos delicados, numa colaboração leal de esforços, num desejo incoercível de ver sempre mais e sempre melhor. Não obstante as inevitáveis deficiências de tudo o que é humano, o ambiente que aqui se respira é sadio e elevado, ambiente de trabalho e de virtude, de respeito e de dedicação, de disciplina, de ordem, de solidariedade. Êste ambiente, vós o criastes, vós o conservais. Eu vo-lo agradeço do fundo d'alma. Mas é grande a família universitária; não habita só no recinto dos nossos trabalhos escolares nem se restringe a ensinantes e ensinados. Ausentes da faina cotidiana dos nossos exercícios escolares, mas presentes em espírito à continuidade dos nossos esforços há uma plêiade de almas generosas que nos acompanham, nos compreendem e nos querem bem. Com a generosidade de seus donativos, com a solicitude do seu interêsse, com o estímulo de seus conselhos, de sua aprovação, de sua crítica construtiva auxiliam-nos imensamente e agregam-se, de direito, à nossa grande família. São almas de escol que compreenderam a grandeza de uma universidade católica e estão decididas a colaborar generosamente para que o que já foi começado cresça, prospere e se desenvolva até realizar o ideal por que todos suspiramos. A êste círculo de amigos da Universidade, muitos dos quais vejo aqui presentes, apresento os meus mais sinceros agradecimentos.

De modo muito particular agradeço a D. Aquino, que, com a sua inspiração de poeta, já nos deu o hino da Universidade e hoje quis abrilhantar esta cerimônia com esplendor das vestiduras episcopais.

Dêstes momentos de convivência feliz, na expansão espontânea de sentimentos consoladores, fique como resultado duradoiro o desejo, cada vez mais profundo e eficiente, de trabalharmos todos unidos, com a consciência cada vez mais viva, de colaborarmos numa obra que reveste para as nossas almas cristãs a dignidade superior de um apostolado. Contribuímos assim como pequeninas causas segundas que passam ràpidamente no tempo para a realização grandiosa dos desígnios do Amor Infinito na salvação da humanidade.

http://www.obrascatolicas.com

ORAÇÃO DE PARANINFO

da primeira turma de bacharéis da Faculdade Católica de Filosofia, em 30 de dezembro de 1943

Na solenidade festiva que ora aqui nos congrega, palpita a alegria da conquista de uma meta longamente almejada e plange antecipadamente a saudade de uma despedida.

Primícias da Faculdade Católica de Filosofia, aqui viestes, há três anos, entre os entusiasmos da primeira hora, trazer à nova instituição que se inaugurava a exuberância radiosa de vossa juventude, a afirmação efetiva da vossa confiança no seu futuro, a simpatia animadora de vossa solidariedade nos seus destinos.

Nas vossas almas brincava sedutora a esperança de serdes um dia os portadores de seus primeiros diplomas. Passaram-se rápidos os dias, os meses e os anos. Completastes vitoriosamente o curso.

E aqui estais prestes a receber no título oficial de vosso saber o prêmio de prolongados e incansáveis esforços. É justa a alegria do peregrino que, vencidas a fadiga e a poeira das estradas, atinge o têrmo suspirado de seu longo caminhar; é legítimo o regozijo do arquiteto que contempla a cúpula derradeira a rematar a beleza do edifício de seus sonhos. Esta é a alegria profunda dêste momento: alegria da vitória, da conquista, da coroa.

Mas aos sorrisos de quem triunfa se mescla a nostalgia de quem se despede. Durante três anos a fio freqüentastes êste ambiente acolhedor que, insensìvelmente, se vos foi transformando num prolongamento do lar. Aqui ultimastes

a vossa educação, aprimorando a inteligência, e temperando o caráter. Em cada colega, encontrastes uma amizade leal e sincera, destas que só se travam nos primeiros anos da vida e multiplicam, pela existência afora, as consolações da convivência fraternà. Em cada mestre, tivestes um guia experiente e dedicado, colaborador zeloso de vossos pais na última demão que vos preparasse para as grandes responsabilidades do futuro. Três anos dos mais importantes e decisivos da vossa juventude — alargamento de horizontes intelectuais, primeiras experiências de uma liberdade que desponta, com o atrativo de suas seduções, emoções vivas de festas e folguedos juvenis — ligam para sempre, e com vínculos indissolúveis, uma das quadras mais belas da vossa vida à vida mesma da nossa Faculdade.

Não nos separamos tão asinha de onde tão intensamente vivemos sem que nos aperte o coração com a doce agrura de um adeus.

A almas assim, entre alegres e saudosas, que direi neste momento? Quisera intensificar-vos a alegria e transformar-vos a saudade num estímulo perene para o bem. Que continuasse, pelos anos adiante, a missão que desejamos houvesse sempre sido a nossa: levar as almas para o alto.

Para isto bastará que vos convide, por alguns momentos, a atentar no brasão que levais impresso no vosso diploma, a fim de imprimirdes nos vossos corações a profundidade de seu simbolismo.

No primeiro plano vêdes um *livro,* expressão óbvia da ciência, símbolo consagrado de uma instituição cultural, desde que Oxford, uma das mais antigas, senão a mais antiga das universidades, o incluiu entre as suas armas. O livro é o depositário fiel do trabalho intelectual. Tudo o que sabemos do pensamento dos que nos precederam na longa história da humanidade, sabemo-lo através das suas páginas. Arquivo precioso da mais excelente atividade do homem. As outras construções do seu incessante labutar, — monumen-

http://www.obrascatolicas.com

tos, instituições, impérios — arrasa-os inexoràvelmente o tempo, *edax rerum;* do naufrágio universal consegue quase sempre o livro salvar os frutos do seu pensamento. Do império de Alexandre não resta pedra sôbre pedra; do gênio de ARISTÓTELES, seu mestre, ainda hoje os pensamentos estão vivos e presentes às nossas cogitações. Através dos Comentários de César chegam-nos ao conhecimento as suas grandes emprêsas político-militares; elas passaram, êles ficam.

O livro — êste insigne benfeitor da inteligência — simboliza, pois, no vosso brasão um rico tesouro, que daqui levais — a ciência.

Grande bem, na realidade, é a ciência: instrumento da realeza do homem, contemplação desinteressada e grandiosa da verdade.

A ciência é, de fato, um instrumento de poder; com ela domesticamos as energias cósmicas e submetemos a matéria ao espírito. A natureza, num primeiro momento, parece rebelde ao homem. Suas fôrças desencadeadas ameaçam esmagá-lo na insignificância de sua pequenez. Deixai, porém, que a inteligência, expressão vitoriosa do espírito, entre a medir-se com a densidade opressiva da matéria. Deixai que lhe desvende os mistérios, que lhe surpreenda as leis das atividades multiformes, e tereis a natureza dócil ao império do homem. Para obedecer só queria ser obedecida: *naturae non nisi parendo imperator*. Ei-la ao serviço do senhor da criação. A solidez das terras, a imensidade dos oceanos, a amplitude dos ares; energias misteriosas e vibrações invisíveis, tudo, numa submissão ancilar e prestimosa às exigências da civilização que progride.

O mundo do espírito que se liberta e domina o mundo inconsciente das coisas. Pela perfeição das técnicas a inteligência arranca à matéria as suas utilidades, pelo prestígio das artes chega a elevá-la à dignidade de expressão da idéia. Os mármores falam e os sons revelam as almas. E, nesta marcha vitoriosa da humanidade, a ciência é companheira

fiel que lhe dirige a ação e colabora na expansão crescente do mundo espiritual.

Mas a ciência é ainda contemplação pura e desinteressada da verdade. "Melhorar as condições da vida é útil; revelar-nos, na ordem do universo, um aspecto da verdade é belo. E a pureza dêste olhar vale mais que a fecundidade prática de suas aplicações. A criação é o reflexo do pensamento divino. Cada ser é portador de uma revelação original, não existe em si, na sua essência temporal e fugaz senão porque reproduz a semelhança de uma idéia eterna. As coisas são filhas do Espírito; revelar, a seu modo, o espírito é a sua razão de ser essencial, a sua missão imprescriptível". (*A crise do mundo moderno,* pág. 230.)

Como vêdes, bem alta é a dignidade em que colocamos a ciência. Não a diminuímos, reduzindo-a ao simples mister de registrar coexistências e sucessões dos fatos para exprimi-las no rigor das fórmulas matemáticas. Se a fidelidade aos métodos experimentais e a necessária lei da divisão do trabalho e discriminação de funções, filha e mãe do progresso, impõe ao técnico dos laboratórios o dever de não levar as suas conclusões além das fronteiras da realidade essencial, não pode deixar de integrar os seus conhecimentos científicos na realização harmoniosa de sua plenitude. A ciência, como tudo o que é humano, deve contribuir para o movimento ascensional das almas. A ciência que não se insere no grande Amor da Vida, não é digna do homem. Resolve-se, por último, numa impressão de tédio, de amargura e de decepção, numa experiência dolorosa da perda irreparável de um fragmento da vida interior que, em sua caducidade, não se fundiu na coesão interior do nosso destino total. Sem se confundir, no seu objeto e nos seus métodos, com a filosofia nem com a religião, deve com elas integrar-se na paz compreensiva de nossa vida espiritual. Dom do céu, a ciência vem de Deus e para Deus nos deve levar.

http://www.obrascatolicas.com

É por isto que no livro do nosso brasão, símbolo da ciência, vêdes gravadas as duas grandes letras A e Ω, símbolo desta alta missão divina que lhe atribuímos. Lá diz São João no Apocalipse (22, 13): *Ego sum α et ω, principium et finis*. A significação é óbvia. A ciência que aqui aprendestes não é uma ciência divorciada de Deus, hostil a Deus, uma ciência fatal que vos desviasse da vossa finalidade humana, fazendo-vos esquecer Aquêle que é o princípio de tudo o que existe e Fonte de todo o Bem, que é Fim de tôda a Criação e Felicidade suprema em que descansa, finalmente satisfeita, a imensidade de nossos desejos. A ciência que daqui levais é a ciência genuína e fiel à sua missão de elevar o homem, a que não gera conflitos de alma nem semeia devastações interiores, a ciência que convive amigàvelmente com a fé e, em harmonia com ela, será, pela vossa vida adiante, o *par de asas* insubstituível para as vossas ascensões infatigáveis, em demanda do ideal.

Sim, o nosso livro descansa, sôbre um vôo, um par de asas de oiro. Quando, há três anos, batestes à porta de uma Faculdade Católica, sentíeis, por certo, de maneira vaga ou precisa, mas sentíeis vivamente que, em a buscando, dela esperáveis mais do que vos poderiam dar outras faculdades. E julgáveis com acêrto. Não compreendemos a formação do homem pelo sistema de compartimentos estanques. Não dissociamos a instrução que de conhecimentos enriquece a inteligência, da educação que desenvolve harmoniosamente tôdas as nossas virtualidades naturais. Formação humana só a concebemos e admitimos como um processo vital com suas exigências de unidade indivisível, de solidariedade orgânica, de totalidade compreensiva. E êste processo é essencialmente teleológico, orientado para uma finalidade superior que lhe dirige as fases sucessivas e lhe estimula o dinamismo interno, qual bem supremo que atrai, e atraindo move, e, movendo, coordena, unifica e consola. Neste bem soberano já saudastes o ideal. O conhecimento daquele livro, que se abre com a

nobreza das nossas primeiras origens e se encerra apontando com a esperança de nossos destinos imortais, é mais do que um tesouro de idéias, é um ideal. Não é só representação fria de coisas; é luz que aquece, fôrça que exalta, é o entusiasmo perene, o sentido profundo, a grande alegria da vida.

Nêle — no ideal, tereis o par de asas que vos é indispensável. Ah! Sem asas, como é triste a existência, e estéril o viver! *Tomara-me eu com as asas da pomba*, exclamava o salmista, *para levantar o vôo e descansar nas alturas*: *Quis dabit mihi pennas sicut columbae et volabo et requiescam*. Salmo 54, 7.

Há tantas fôrças maléficas que nos impelem para as profundezas; há tantas atrações sedutoras que nos arrastam para os abismos da decadência, da ignomínia e da morte! Como vencê-las sem asas? Como não nas vencer com asas?

Alis grave nihil. Para quem tem asas não há pêso que o chumbe invencìvelmente à terra. Não vos quero perturbar a serenidade radiosa dos vossos 20 anos, carregando de côres sombrias as perspectivas do futuro. A visão doirada da vida é um dos encantos e uma das fôrças da juventude. Mas a experiência das coisas e dos homens, dá-nos, mais tarde, não raro, lições bem amargas. Nem sempre as coisas se curvam dóceis à realização dos nossos planos e muitas vêzes nos desalentam os homens com a decepção de suas pequenezes e misérias. Há momentos na vida em que tudo quanto nos cêrca parece conjurar contra nós. Nestes instantes dolorosos em que, de todos os lados, nos falta o apoio, a consolação, o estímulo, resta sempre aberta para o alto a ascensão vertical a esta região sublime em que o ideal da vida é realidade infinita. De lá Deus nos acena com o sorriso de sua bondade e nos reanima com o confôrto destas energias misteriosas de longanimidade, de dedicação, de fidelidade ao dever, que transfiguram as almas e plasmam os heróis e os santos. Para os que não perderem as asas

http://www.obrascatolicas.com

dêste ideal, não há dificuldade, que se não vença: *alis grave nihil.*

Conservai, pois, jovens de minha alma, conservai intatas e fortes as vossas asas de oiro. No brasão elas se destacam em campo azul. O anil do firmamento é o que de mais constante nos oferece o espetáculo magnífico da natureza. Por vêzes, impelidas pelos vendavais em furia, acastelam-se no céu descoberto as nuvens sombrias e ameaçadoras. Fuzilam os relâmpagos, ribombam os trovões. Mas as tempestades passam, os ventos serenam e sôbre a terra pacificada e sôbre os mares em bonança de novo arqueia-se a abóbada de safira na serenidade de seu azul imaculado.

Conservai assim o vosso ideal. Que os desgostos, os desalentos, os momentos negros de crise interior passem na vossa vida como nas profundezas cerúleas do firmamento passam as tempestades — rápidas e fugazes — e de novo no azul sereno e incontaminado rebrilhem as asas do metal que se não corrompe, rutile o sol do ideal que se não extingue.

A hora, dizia-vos a princípio, é de alegrias e de saudades, alegrias justas e saudades benfazejas. Alegrai-vos pelo tesouro espiritual que levais convosco, tão bem expresso no vosso brasão, e, para que a nostalgia não vos seja só "pungir de acerbo espinho", procurai traduzir sempre em tôda a vossa vida o seu simbolismo profundo.

É o segrêdo da felicidade, que vos desejamos de alma sincera.

Novembro de 1943.

ALOCUÇÃO

proferida no salão da ABI, por ocasião do jubileu de magistério do Dr. BACKHEUSER, *em 23 de maio de 1944*

Antes de encerrar esta sessão, tão comovedora e tão grata aos nossos corações, seja-me ainda permitido dirigir uma palavra ao homenageado, palavra de amizade, palavra de gratidão, palavra de fé.

Foi hoje um grande dia para o Dr. BACKHEUSER. Volver o olhar para o passado e contemplar meio século de trabalhos, sacrifícios e dedicações à juventude deve ser uma fonte de consolação inefável. Deus lhe deu uma existência — êle a encheu de boas obras. Uma após outra, 50 gerações de estudantes vão desfilando ante a sua memória fiel e o seu coração delicado. A todos êle deu algo de si mesmo, da sua inteligência, do seu esfôrço, do seu entusiasmo pela investigação da vontade. Preparou-os para a ciência, para a profissão, para a vida. E aí estão hoje em tôdas as carreiras e posições sociais, sacerdotes, engenheiros, professôres, cientistas, em segunda e terceira, em tôrno do patriarca venerando, sua alegria e sua coroa: *gaudium meum et corona mea.* Desta alegria partilhamos todos os que nos prezamos de ser seus amigos, dela participamos íntima e sinceramente como se fôra nossa. Segrêdo da amizade é estreitar esta comunhão consoladora dos júbilos e das tristezas. E a festa de hoje é a manifestação espontânea e calorosa dêstes sentimentos de almas irmãs que sentem a vibração da simpatia e a alegria pura da admiração.

http://www.obrascatolicas.com

Falo também em nome das Faculdades Católicas — do seu corpo discente e docente, da sua direção. A realização da Universidade Católica de que as Faculdades são o primeiro passo, acha-se ligado desde muitos anos o nome do Dr. BACKHEUSER. As Faculdades nasceram ontem, mas o clima que lhes tornou possível o nascimento vem-se preparando desde muitos anos. E nesta preparação destaca-se em alto relêvo a atividade fecunda e incansável do Dr. BACKHEUSER. Seria mister um volume para escrever por miúdo todo êste trabalho contínuo e esclarecido. É antes de 30 a fundação da Associação dos Professôres Católicos; é mais tarde a extensão dêstes grupos aos Estados e a instituição da Federação dos Professôres Católicos que se estendem do Norte ao Sul do país; é a publicação por muitos anos da *Revista Brasileira de Pedagogia;* são as lutas vivas em defesa do ensino religioso que se seguiram ao Decreto Campos e precederam a Constituição de 34. É o esbôço de uma Escola Normal Católica que motivos de fôrça maior impediram de se realizar e ainda hoje é uma esperança; é o Congresso Nacional de Pedagogia que designou uma de suas comissões ao estudo do grande problema da Universidade Católica.

Quando, portanto, soou a hora designada pela Providência, Dr. BACKHEUSER achou-se espontâneamente nas Faculdades Católicas, como na casa de seu coração. E depois de 47 anos de magistério, começou a ensinar com a dedicação e o entusiasmo do mais jovem dos professôres. É êste mais um sinal autêntico da verdadeira vocação ao magistério. O professor que no ensino busca apenas um ganha-pão, o professor-funcionário, depois dos primeiros esforços, cai na vulgaridade monótona da rotina. Repete todos os anos as mesmas lições preparadas uma vez para sempre e reditas inúmeras outras, não raro com as mesmas pilhérias, nos mesmos lugares. Gestos, atitudes, caem bem depressa no automatismo frio e rígido dos corpos de que se ausentou a vida. Não assim o professor por vocação. Nêle, ensinar é

viver e transmitir vida. Cada aula afigura-se-lhe uma obra de arte que o seu gênio criador deve transformar numa obra-prima. Cada curso traz-lhe novos problemas, sugere-lhe novas iniciativas, acorda-lhe possibilidades de novas realizações. Cada geração de estudantes apresenta-se-lhe com a sua singularidade inconfundível, com a virgindade de seus entusiasmos, com a plenitude de seus direitos a uma solicitude particular que a prepare integralmente para a vida. Êle sente que, se o professor já deu e repetiu dezenas de vêzes o seu curso, o aluno só o faz uma vez e, desta vez, deve colhêr todos os seus frutos de formação. Eis o professor por vocação, eis o professor que, há três anos, conhecemos no Dr. BACKHEUSER. Neste dia folgam as Faculdades Católicas de tributar-lhe a homenagem de sua gratidão por esta dedicação, por êste entusiasmo, por êsse belo exemplo, que se incorpora ao patrimônio de nossas mais caras tradições.

Dr. BACKHEUSER: Preze-me de ser seu amigo. Circunstâncias alheias à minha vontade fizeram-me seu Reitor. Amigo e Reitor, não me esqueço que sou também e antes de tudo sacerdote: é tôda a minha razão de ser. Também o sacerdote tem uma palavrinha a dizer-lhe.

Na sua ascensão interior, num dêstes momentos que a bondade divina sabe escolher com delicadeza paterna, Deus apareceu-lhe na consciência, o Deus que alegrara a sua juventude. E a sua aparição foi acolhida com amor, adoração e reconhecimento. Realizou-se de novo entre a sua alma e Deus êsse dom total, razão suprema da vida e sua felicidade inefável. A esta nova luz transfigurou-se o seu magistério. O que antes era dedicação de uma alma nobremente humana passou a ser apostolado de uma alma sinceramente cristã. A comunicação pura da ciência podia ser também instrumento de transmissão de uma vida mais alta. O seu magistério, antes eficiente, passou a ser, também edificante. Bela expressão esta da linguagem cristã. Edificar significa construir o bem nas almas. Edifica todo aquêle que, nas suas

http://www.obrascatolicas.com

palavras, nos seus exemplos, na sua atitude de vida, é um foco de irradiação benfazeja. A sua vida tem sido para nós êste espelho de virtudes cristãs, êste modêlo de coerência entre a integridade das convicções e a sinceridade das ações. E nós, que apreciamos, em seu justo valor, o tesoiro inestimável dêstes bens divinos, folgamos de ver que nas profundezas de sua alma brilha esta fé que ilumina a vida de sua claridade consoladora e arde esta caridade que sobrevaloriza a existência com a paz e a esperança de um amor que não morre.

Dr. Backheuser, não me leve a mal a franqueza e a sinceridade de hoje. De regra, um jubileu de oiro não se celebra senão uma vez na vida. E neste dia eu lhe diria esta palavra de amizade, de gratidão e de fé.

ALOCUÇÃO

de agradecimento às Faculdades Católicas na festa do Reitor, a 11 de outubro de 1944

Ainda uma vez quis a bondosa Providência de Deus dar-me a consolação de ver aqui, nesta reunião de família, as nossas faculdades católicas na variedade de seus elementos e na unidade de sua alma. Professôres e alunos, ensinantes e ensinados aqui vieram, aparentemente atraídos pelo sentimento delicado de exprimir, na festa da autoridade, as suas congratulações ao que dela é, no momento, o modesto depositário; na realidade, mais profunda, inspirados por esta força misteriosa de idéias e sentimentos que constituem, com o segrêdo de sua unidade, o princípio interno do dinamismo da nossa instituição.

Nas pessoas físicas como nas pessoas morais há uma unidade externa ou corporal, e uma unidade interior, invisível ou unidade de alma.

A unidade do organismo é externamente assegurada por um sistema de vinculações que prendem uns aos outros os diferentes membros articulados a um arcabouço resistente, movimentados por músculos e nervos. Unidade arquitetônica: distribuição de massas, equilíbrio de fôrças.

Neste organismo visìvelmente uno, porém de uma unidade material e insuficiente, há um princípio interno unificador, êste misterioso princípio da vida que o bisturi do anatomista não localiza em nenhuma parte mas que em tôda a parte faz sentir a sua ação profunda, coordenando as atividades de todos os órgãos, orientando o sentido das mais

http://www.obrascatolicas.com

variadas funções para magnífica unidade final que é a realização e a conservação de um tipo especial de vida. Conheceis a célebre página de VIEIRA: quereis ver o que é uma alma? olhai para um corpo sem alma...

É, com efeito, na ausência desta realidade invisivel que se vê a excelência insubstituível de sua ação unificadora. A estátua de matéria, a que ela emprestará forma, beleza e vida, abandonada a si mesma, entra a desintegrar-se numa multiplicidade inevitável.

Algo de semelhante se passa na vida das instituições. Também aqui não é difícil descobrir os liames exteriores de uma unidade superficial. Leis, estatutos, regulamentos, regimentos, horários, determinam as aparências visíveis de uma regularidade perfeita. Jerarquia de funções, coordenação de atividades, tudo meticulosamente determinado e distribuído em artigos, parágrafos, alíneas para cuja individuação inconfundível se mobilizam os números romanos e os algarismos árabes, as letras do alfabeto latino e as do alfabeto grego.

Cuidais, porventura, que, só com isto, tendes assegurada a uma instituição a sua vitalidade, a sua duração e eficiência? Se lhe não infundistes, a unificar a complexidade destas relações jurídicas e burocráticas, uma alma viva e profunda, nada fizestes. Tendes apenas uma construção frágil, artificial, candidata à desintegração e à morte.

O que assegura às instituições unidades e vitalidade é a alma, é o espírito. É um ideal que orienta e estimula a convergência dos esforços múltiplos, e aviventa com a sua luz dinamogênica as inúmeras ações, que, na aparência de sua insignificância, o tempo dispersa na sucessão monótona dos dias. É a dedicação na fraternidade de quantos, desempenhando-se de uma parcela da obra comum, se sentem solidários de sua realização total. É a convicção inextirpável de que a boa semente sempre germina, de que a fidelidade e a perseverança triunfam de todos os obstáculos, de que a pureza de intenções na luta pelo bem atrai irresistìvelmente as bênçãos de Deus.

É esta unidade da alma das nossas faculdades católicas que hoje aqui se manifesta aos nossos olhos consolados. Nas lutas de cada dia, atua silenciosamente como uma fôrça invisível; nesta festa da família universitária, afirma-se em tôda a visibilidade de seu esplendor.

Um dos oradores falou em nome dos professôres, numerosos, assíduos e dedicados, e outro, em nome da juventude estudiosa, alegre, aplicada e entusiasta.

Um e outro saudaram o Reitor, isto é, o princípio da autoridade, a encarnação viva da unidade da nossa família, aquêle que, não por dever de ofício, deve defendê-la, mas que, melhor do que nenhum outro, pode senti-la e admirá-la a cada instante.

E a cada instante eu a sinto e admiro.

Deficiências e imperfeições temo-las e vemo-las todos. Deficiências inevitáveis em tôda a obra humana, imperfeições decorrentes de tôda a obra que começa e ensaia os seus caminhos antes de consolidar-se na segurança das experiências e das tradições. Mas, ante a urgência de contínuos aperfeiçoamentos, não nos dividimos em dois grupos: o dos que se esforçam por melhorar construindo e o dos que destroem criticando. Unimo-nos todos, num sentimento de indivisível solidariedade, numa consciência viva de que pertencemos a uma mesma família e colaboramos na realização laboriosa de um ideal, que merece a dedicação dos nossos sacrifícios e o fervor de entusiasmos constantes.

Para além das pequeninas pessoas que passam e se eclipsam, esta é a significação profunda e o encanto superior desta festa. Agradeço-vos muito de alma êstes momentos de regozijo são que nos proporcionastes. Agradeço-vos o delicado presente com que quisestes dar uma expressão tangível aos vossos sentimentos e que desde já, com imenso

http://www.obrascatolicas.com

prazer, certo de lhe não poder dar mais proveitoso destino, ofereço à biblioteca das nossas Faculdades.

Em modo mais concreto e especial se manifestará a minha gratidão num esfôrço sem reservas para que não falte o meu modesto contingente na construção e no aperfeiçoamento desta grande obra que é de todos nós porque é de Deus, da Igreja e do Brasil.

ALOCUÇÃO

à J. U. C. Feminina das Faculdades Católicas, em maio de 1945

Retomamos o ritmo de nossas atividades. Vencer as resistências passivas e inércia do primeiro arranque. Êste início corresponde

a) a um desejo d'alma (subjetivo);

b) às necessidades do meio em que vivemos (objetivo).

A. A ação católica — não é uma simples atividade exterior, um programa de práticas e exercícios — responde a um ideal de vida, que brota espontâneo da concepção cristã da existência profunda e verdadeiramente assimilada por uma alma nobre — coração generoso. Aos 20 anos: que hei de fazer da minha vida?... como valorizar êste grande capital de talentos que Deus me deu? Qual a causa a cujo triunfo me hei de dedicar? — Visão cristã da realidade humana. Vasto cenário em que se acham empenhadas as fôrças do bem e do mal — e no qual se decide a sorte das almas — a nossa felicidade e a de nossos irmãos.

De um lado, Cristo, que diz ao mundo: *Lux mundi. Via, veritas, vita. Veni ut vitam habeant. Venite ad me omnes qui laboratis. Tollite jugum meum*. Ensina-nos o valor, o segrêdo da felicidade — infunde-nos esperança e amor.

Do outro lado, as fôrças do mal — o pecado e as suas conseqüências — as paixões sem disciplina — ambição, orgulho, singularidade — tôdas as formas do egoísmo — que se reduzem no fim a um montão de cinzas.

http://www.obrascatolicas.com

A nós a opção. Escolhemos a voz de Cristo — queremos trabalhar com êle — para o triunfo de sua causa.

Esta opção

a) livra-nos das exceções — do sacrifício aos ideais que passam — do malbarato da vida. Lições do presente — o nazismo — o fascismo;

b) enche-nos a vida, abre-nos a possibilidade de colaborar na única obra imortal em que possam trabalhar os homens — a Igreja.

Êste o ideal — que para nós representa a A.C. — necessidade d'alma — Anseio do coração — expansão de vida exuberante.

B. Mas a ação católica, que brota como uma necessidade das nossas almas, impõe-se também como uma exigência do meio em que vivemos.

Análise dêste meio. Confusão ideológica — Atividade de propaganda. Conseqüências longínquas desta efervescência de uma época de transição. Estamos numa volta da história. Escolha de orientações. Agulha que marcará as estradas do porvir. Católicos, não podemos cruzar os braços. Temos uma doutrina de vida que devemos ao mundo.

Pràticamente que fazer? Desejo de atingir todo o mundo. Justo; a comunhão dos santos promete-nos realizar êste grande ideal — Apostolado da *oração*. Percorrer na semana tôdas as necessidades espirituais do mundo.

Mas o apostolado da ação que é limitada deve restringir-se, atingir a humanidade por círculos concêntricos dos quais o primeiro e imediato é o ambiente que nos cerca: família, escola, sociedade, o meio pelo meio...

Na Universidade — contribuir para a formação da mentalidade católica.

Mentalidade é um estado de espírito — de uma pessoa, família, nação (nazismo), época (liberalismo, democracia). Não é espontâneo, resulta de uma formação lenta — convivência na família — unidade cultural na nação.

A mentalidade é *poderosa* — segunda natureza que orienta as nossas ações e nações — juízos, apreciações — facilita as ações.

Importância de formar em nós uma mentalidade católica em todos os tempos, principalmente no nosso, quando vivemos cercados de uma mentalidade diferente, agressiva.

Como se forma uma mentalidade — pessoal e coletiva:

a) *pensamentos* — modos de julgar — de apreciar;

b) *sentimentos*, que brotam dos pensamentos — dos objetos que nos impressionam favorável ou desfavoràvelmente;

c) *maneira de agir*, que brota dos sentimentos (simpatia ou antipatia das pessoas), que tornam os sentimentos mais vivos e conscientes;

d) *influência* do meio (elemento social), o que foi dito antes sôbre mentalidade.

Eis a vossa missão: formar a vossa mentalidade, contribuir para formar a mentalidade do vosso meio. Grandeza dêste apostolado.

http://www.obrascatolicas.com

ALOCUÇÃO

no lançamento da primeira pedra do Instituto Social, em 8 de setembro de 1945

Com a bênção de Deus, desce ao seio da terra, como semente fecunda, a primeira pedra do primeiro edifício da Universidade Católica. Destina-se êste primeiro pavilhão ao Instituto de Formação Social e Familiar. Finalidade eminentemente prática e de atualidade inadiável. Na reforma social por que todos anelamos, o assistente desempenha um papel de primeira importância. É o elo de união entre a doutrina e a vida. Contempla com a inteligência as instituições no ideal de sua estrutura e funcionamento e procura, com a perfeição da técnica, elevar a esta altura organizações e indivíduos. É o realizador por excelência.

Surge êste Instituto, com tão altas finalidades, graças à generosidade magnânima de D. Celina Guinle de Paula Machado. Na sua alta compreensão do senso social e no seu zêlo cristão pelo bem dos seus semelhantes, pareceu-lhe — e pareceu-lhe bem — que dificilmente se poderia encontrar melhor aplicação dos recursos que lhe liberalizou a Providência do que na fundação munífica dêste Instituto. O oiro ou papel que se deposita nos bancos rendem mais oiro e papel. O capital que aqui se vai investir vai transformar-se em elevação de almas e felicidade de corações.

Quem poderá calcular os frutos que desabrocharão desta semente fecunda? Quantas mães de família exemplares deverão a sua felicidade e de seus filhos à formação que aqui recebem? Quantos assistentes sociais sairão dêstes muros

abençoados, que amanhã começarão a elevar-se, para difundir ao redor de si, numa irradiação incomensurável, a virtude, a paz, e a alegria? Poderá haver emprêgo mais útil, mais consolador e mais indefinidamente fecundo?

Nestas duas circunstâncias, vejo um símbolo, uma promessa, uma esperança.

A Universidade Católica, que aqui vê surgir o seu primeiro pavilhão, não será apenas um centro superior de estudos, desinteressado da vida e das realidades; não, será um foco da inteligência e da caridade, a serviço da ciência e das almas, integrada profundamente na sociedade, estudando e realizando, a serviço da verdade e do amor.

E esta instituição, impregnada de vitalidade cristã, com missão tão alta e tão oportuna neste momento decisivo da nossa história, será realização das almas generosas, será por sua vez uma obra de dedicação dos corações bem nascidos.

O alto exemplo que hoje aqui se dá será fecundo, suscitará outras generosidades voltadas para a grandeza de tão nobres ideais.

Que Deus abençoe esta primeira pedra, para que receba outras e mais outras, até a derradeira, têrmo e coroa do que hoje tão auspiciosamente se começa.

E sobretudo que Deus abençoe e recompense, como sabe fazer a sua divina munificência, todos os corações que contribuíram para a alegria desta hora.

São os nossos votos e as nossas esperanças.

http://www.obrascatolicas.com

ALOCUÇÃO

de agradecimento, na festa do Reitor, em 18 de outubro de 1945

As festas que se renovam periòdicamente, quando não as aviventa um sôpro de alma, quente e espontâneo, cedo degeneram em frio automatismo sem vida. Repetem-se com a monotonia inexpressiva das fôlhas de um calendário.

Mas, se as anima o calor do coração e a espontaneidade da vida, são como as festas da natureza: sempre as mesmas e sempre novas. A aurora não perde nunca os encantos do despertar para a riqueza da luz e a fecundidade do trabalho. A primavera, saudamo-la sempre com a alegria alvissareira de um rejuvenescimento perene que não cansa. Auroras e primaveras, sempre as mesmas nos cálculos frios da astronomia, sempre novas a inspirar poetas e pintores.

A esta comemoração anual do reitor conseguistes infundir esta atração das coisas naturais que se repetem sem se mecanizarem. Tirastes-lhe a rigidez fria de um apêrto de mão protocolar, para lhe dardes a espontaneidade de uma manifestação genuína de sentimentos de família.

O que implìcitamente vivemos todos os dias, hoje exprimimos explìcitamente. Desta colaboração íntima, dedicada e cordial, que constitui a trama do nosso labutar cotidiano, quisestes hoje dar uma firmação solene, que a pusesse na luz clara de nossas consciências.

Em nome de nossos professôres, falou o Dr. Ferreira de Sousa. E bem está que, em nome dos demais, falasse quem, nos seus exemplos e nas suas atitudes, na sua assiduidade e

dedicação, tão dignamente encarna o tipo do nosso professor. A competência de quem sabe êle alia êste entusiasmo de quem deseja comunicar a riqueza de seu saber; ao amor da ciência em prol de cujo progresso trabalha, a dedicação pelo aluno a cujo proveito se consagra; ao modêlo do intelectual que ama o livro, o exemplo do homem de dever que não desconhece a importância das minúcias regulamentares. Receba o Dr. Ferreira de Sousa o meu parabém e o meu reconhecimento e nêle receba-os também a plêiade gloriosa de nossos professôres que são a alma e a vida das nossas faculdades.

Em nome dos alunos, falou o presidente do Diretório da Faculdade de Filosofia. Catão era um aluno silencioso e recolhido, modelarmente aplicado aos seus estudos. Amigo dos livros que devorava, dava-se bem com as idéias, as teorias e os sistemas.

Neste recolhimento de bom estudante, fiel cumpridor de todos os seus deveres, foi buscá-lo a confiança de seus colegas, para investi-lo, numa eleição bem democrática, no mais alto cargo do Diretório. Desde então, ao trato dos livros associou-se o dinamismo de uma atividade inteligente e dedicada a serviço de seus colegas. Numa compreensão perfeita de solidariedade orgânica que nos liga a todos — os que integramos êste grande corpo das Faculdades Católicas, onde os gestos de uns empenham a responsabilidade de outros, tem agido sempre com êste acêrto, prudência e discrição que deixará como modêlo a seus sucessores. Ao Catão os meus agradecimentos e nêle os meus agradecimentos e a minha simpatia a tôda esta juventude que povoa as nossas aulas e os nossos jardins de entusiasmo exuberante e são o nosso consôlo e as nossas esperanças.

Êste ano, às manifestações habituais de regozijo quisestes acrescentar a representação clássica de uma tragédia grega. Graças ao desvêlo, à iniciativa e à dedicação incansável do P. Hasselman e dos que o coadjuvaram neste nobre

http://www.obrascatolicas.com

empreendimento, Sófocles aparecerá nos nossos cenários e as nossas atividades culturais se enriquecerão com mais êste ramo do teatro clássico que tão bem figura ao lado da música do nosso côro orfeônico que tantos progressos tem feito sob a batuta diligente e vigilante do Pe. Cerruti.

Quisestes ainda condensar todos os vossos sentimentos na generosidade de um presente e escolhestes um crucifixo, no qual o primor da arte servisse ao calor da piedade. Escolhestes bem. Não podíeis escolher melhor. Na vida de um jesuíta, o crucifixo é tudo, é o único objeto que nos é permitido levar sempre conosco do noviciado ao túmulo, como se fôra propriedade dos que a tudo mais renunciamos. O crucifixo é o nosso modêlo constante, é a fonte inexaurível de energias, é, em última instância, a solução definitiva de tôdas as dificuldades. Por isto, o que hoje acabais de me oferecer, desejo figure no salão nobre da Reitoria da Universidade Católica que os vossos olhos certamente hão de ver.

Quero encerrar esta festa de família, apresentando-vos a primeira bênção, pública e solene, do Santo Padre às nossas Faculdades. Em correspondência particular já havíamos recebido da Santa Sé as mais animadoras palavras de estímulo e de aplauso. Faltava-nos ainda uma grande bênção do Papa. Havíamos nascido em 1941, para uma obra de paz, de luz e de caridade, mas ainda assim sob o signo de Marte. E os navios que cruzavam os oceanos, sobrecarregados de bombas e de canhões, não tinham praça para transportar uma bênção paterna de Pio XII.

Hoje, ela aqui está. Um autógrafo luminoso do grande Papa, o Papa do Direito, da Liberdade, da Democracia, o Papa da paz e da caridade, cuja voz, abafada algum tempo pelo troar da artilharia que passa, avultará, com o tempo, como a defensora impertérrita das grandes realidades espirituais que não passam, porque, sem elas, a humanidade desgarrada dos seus altos destinos não poderá ser feliz.

A sua presença entre nós não será apenas um penhor das bênçãos divinas, mas ainda uma lembrança contínua de que trabalhamos para uma grande causa que ultrapassa os estreitos limites das paredes das nossas aulas. Tôda a nossa aplicação em prol do progresso da ciência, tôdas as nossas ascensões espirituais para elevar as nossas almas à grandeza dos seus destinos, todos os nossos esforços para melhor nos prepararmos à missão que a Providência nos reserva na vida, não são apenas tentativas efêmeras de mortais que passam mas inserem-se vitalmente na realização do reino de Deus que não passa.

http://www.obrascatolicas.com

ALOCUÇÃO

de encerramento da solenidade de colação de grau dos primeiros bacharéis da Faculdade Católica de Direito

Não é sem uma emoção viva que, entre saudades e esperanças, vejo encerrar-se esta festividade. Na atitude das almas como na impregnação austera do ambiente respira-se a nostalgia de uma despedida e a gravidade de uma investidura. Comovidos e confiantes assistimos a êste bater de asas dos que nos deixam para desempenhar a sua missão na vida.

E desta imponente solenidade que tem a alegria e a grandeza de um remate voa-nos espontâneamente o espírito a outra reunião que — já lá se vão cinco anos — tinha tôdas as esperanças e as incertezas de um princípio. Há um lustro, poucos em número mas decididos e entusiastas de ânimo, batestes, os primeiros, à porta da nossa Faculdade, que assim convosco começava a sua existência. Tivestes fé numa iniciativa que, inspirada por um grande ideal, e confiada nas bênçãos divinas e nos destinos do Brasil, se atirava às conquistas do futuro. Disse-vos o coração generoso que era belo e nobre colaborar na realização da grande esperança. E colhestes a glória de pioneiros. A jornada foi longa, e segura: hoje lhe atingis a meta. Durante cinco anos esta casa foi vossa, vivestes a sua vida, em consonância amiga com vossos mestres e colegas que não vos vêem partir sem o travo de uma saudade. Antes de nos separarmos, folgo em manifestar-vos, com a expressão de uma amizade sincera, os sentimentos de uma gratidão que o tempo não há de esmorecer.

Sereis sempre na nossa memória fiel e no nosso coração agradecido os primeiros alunos da Faculdade Católica de Direito, como sois hoje os seus primeiros bacharéis.

Mas êste diploma, que hoje se vos confere e de que sois os primeiros portadores, apresenta para vós, além da glória de uma primícia, a responsabilidade de uma investidura.

Entrais para a vida numa das quadras mais trágicas na história da humanidade. Guerras de uma profundidade inatingida que semearam a desolação e a morte em todos os continentes, ideologias fatais que, armadas de fôrça, levaram grandes povos a abismos inauditos de sofrimentos e misérias, uma civilização inteira que, solapada nos seus alicerces e abalada nas suas instituições essenciais, procura ansiosa os caminhos de paz para a renovação de um mundo melhor, animado de mais justiça e de mais amor — eis a visão apocalíptica que se nos oferece à contemplação dos olhos entristecidos. Nunca se acumularam, em tão pouco tempo, tantas ruínas materiais e espirituais e nunca talvez se ofereceram tantas possibilidades de reconstrução.

É neste mundo de sofrimentos e esperanças que dais agora entrada com o entusiasmo e as riquezas da vossa juventude. Não amaldiçoeis o tempo que a Providência quis fôsse o vosso. Dedicai-vos a êle, elevai-vos e elevai-o para que êle seja digno de vós e vós dignos dêle.

Por livre escolha vossa e por missão que hoje vos é oficialmente confiada, sois apóstolos do direito. É precisamente dêste apostolado que havemos mister.

O mundo sofre porque esqueceu e conculcou a dignidade do direito. Esqueceu que a fórmula de convivência entre homens e nações não a impõe a arbitrariedade da fôrça, mas a serenidade da razão, e o santuário das consciências, inacessível às violências das torturas, só se abre à sinceridade das convicções. A serviço de paixões desencadeadas, a fôrça amontoou escombros e ruínas; a reconstrução do edifício social, monumento de ordem, só poderá ser filha da sabedoria. O

http://www.obrascatolicas.com

direito, portanto, a que incumbe a urgência e a grandeza desta missão é o direito genuíno, em tôda a densidade de seu sentido e na plenitude de sua realidade. O direito, na sua nobre e integral concepção que vos foi ensinada nesta Faculdade, não o desvalorizemos, reduzindo-o a simples normas positivas ditadas pelo Estado como instrumento de seus arbítrios, não o esvaziemos de sua realidade, reduzindo-o a uma palavra vã a cobrir com a sua majestade sonora os fatos consumados pela prepotência. Não, o direito é a limitação dos arbítrios e o disciplinador da fôrça. Possui um conteúdo próprio específico, independente do jôgo das influências da fôrça constituído pela justiça intrínseca ou exigência de atribuir a cada um o seu, *unicuique suum*.

Mas quem diz seu, lembra o eu, isto é, o homem com a sua dignidade invulnerável. Na sua expressão mais profunda, o direito é a autonomia da pessoa humana na realização de seus destinos. A causa do direito, para cuja vitória fôstes hoje sagrados cavaleiros, é a causa da inteligência, do espírito, da dignidade humana, do respeito à sabedoria criadora, de colaboração na realização dos seus desígnios de justiça, de caridade e de paz. É belo e consolador receber um pergaminho que vos constitui paladinos de tão nobre causa e vos abre a perspectiva de missão tão elevada.

Ide, pois, para a luta e sêde sempre dignos da sua grandeza inquebrantàvelmente fiéis à integridade de suas exigências, com a competência técnica de uma profissão nobre mas sobretudo com a consciência viva de uma vocação espiritual.

Que Deus vos abençôe e acompanhe na vida. Sêde felizes.

10-12-45.

ALOCUÇÃO

de agradecimento, na Festa do Reitor, em 11 de outubro de 1946

A periodicidade das festas da natureza não lhes tira a espontaneidade e alegria. A aurora traz-nos cada manhã o encanto que não sacia da luz a reaparecer na infinita variedade de seus cambiantes. A primavera é sempre o renascimento alvissareiro das energias da vida que se renova. Festas naturais que voltam a intervalos mas nunca se repetem.

Há festas humanas também assim: as que nascem sinceramente de corações nobres e generosos. A mecânica do automatismo repete os mesmos gestos na monotonia cansativa de sua invariabilidade. A alma empresta sempre às próprias manifestações o imprevisto de suas surprêsas e o inédito da vida com suas riquezas inesgotáveis.

A festa que, todos os anos, aqui nos congrega no mês de outubro, participa dêste encanto sempre renovado. Não é tanto a festa de uma pessoa quanto a de uma instituição, de uma instituição orgânica e viva que, nesse dia, folga de tomar consciência mais nítida do que é e dar a esta consciência uma expressão exterior e coletiva.

Para saudar o Reitor falaram um dos professôres e um representante dos alunos. Professôres e alunos: os dois pólos em tôrno dos quais gravita a vida universitária.

Os professôres: a geração amadurecida, os depositários dos tesoiros de uma cultura, escolhidos, entre muitos, para transmitir às novas gerações o patrimônio acumulado pela

http://www.obrascatolicas.com

humanidade na sua vida milenar de experiências e indagações. São êles os grandes responsáveis pelo esplendor da vida universitária. Emprestam-lhe os tesoiros de seus estudos, as cintilações de seu talento, a influência formadora de sua vida. Uma universidade vale o que vale a galeria de seus grandes mestres. A ciência deve-lhe a segurança e rapidez de seu progresso; a sociedade, a renovação constante e melhorada de seus quadros superiores.

Os estudantes: a geração nova que nos traz a inquietude dos seus anseios, a curiosidade de sua inteligência, o entusiasmo generoso das suas aspirações e dos seus ideais. Os estudantes são a vida que borbota exuberante e turbulenta, mas são também a riqueza das promessas e das esperanças. Para êles trabalham aqui todos os outros. Para êles são poucas tôdas as dedicações e amáveis todos os sacrifícios. Se lhes podemos transmitir um pouco de ciências adquiridas em mais anos de estudos e um pouco de sabedoria, de mais experiências feita, êles nos recambiam com o calor de sua juventude comunicativa e com a consolação de empregarmos a vida numa das mais nobres e compensadoras tarefas humanas.

Professôres e estudantes, porém, ainda não constituem uma família universitária. Falta-lhes ainda um vínculo de unidade; os órgãos não se fundem na solidariedade de um organismo sem a identidade de um fim comum que, constituindo a razão de ser do todo, harmoniza a cooperação das partes.

É esta a prerrogativa de uma universidade católica. Um ideal mais alto constitui um centro superior de atração, onde se encontram, unidos, os que a variedade dos temperamentos e a diversidade das especializações separam. A aspiração comum solidariza todos os esforços, fraterniza tôdas as pessoas. Eis o ambiente digno, nobre de uma Universidade Católica.

Eis o que devemos ser; eis o que já se vai realizando, num progresso visível de ano para ano. Dêste espírito de colaboração e cordialidade esta reunião é uma das manifestações mais simpáticas. Vós a organizastes para homenagear o Reitor. Por isto eu não vos posso deixar de agradecer muito sensibilizado. A generosidade de sentimentos penhora sempre e cativa. Aceitem, pois, a expressão muito sincera de minha gratidão quantos concorreram para as alegrias dêste momento. Os professôres que aqui vieram trazem hoje mais uma prova pessoal desta dedicação de todos os dias com que vão firmando e elevando o bom nome da nossa instituição que são as colunas mestras. Os caros alunos, sempre abertos a todo pensamento nobre e a tôda iniciativa generosa, cada vez mais convencidos de que a causa da Universidade é a causa dêles.

Entre os alunos, para os que de modo mais concreto contribuíram para o êxito dêste dia, as cantoras do côro orfeônico sob a batuta exigente do Pe. Cerruti, os artistas de Alceste, sob a inspiração do Pe. Hasselmann, apostado a manter bem alto na nossa geração o prestígio de Eurípides e Sófocles, as colaboradoras anônimas de D. Ida, sempre presente onde a Universidade precisa da sua colaboração, para todos uma lembrança delicada de reconhecimento particular.

Ampliando, agora, o significado pessoal dêstes agradecimentos, quero aproveitar a oportunidade para manifestar a todos a satisfação, o júbilo e o reconhecimento pela fidelidade, espírito de sacrifício e renúncia com que todos se consagram a esta árdua e gloriosa tarefa da organização de uma Universidade Católica, no Brasil. Já não se trata aqui de uma delicadeza pessoal, mas de zêlo pelo êxito de uma instituição. Por esta instituição falo e em seu nome. Graças a êste zêlo, foram até agora vencidas tôdas as dificuldades. Alguns há que gostariam de ver mais rápidos os nossos progressos materiais: construção de grandes edifícios, amplas instalações, bibliotecas confortáveis, campos desportivos —

http://www.obrascatolicas.com

enfim tudo isto que ostentam com satisfação as velhas universidades de um e outro continente. Também eu sou dêste grupo. Mas, infelizmente, por maior que seja o número de seus adeptos, não se vencem certas dificuldades inerentes quase à natureza das coisas humanas. O tempo é despótico e vingativo: destrói implacàvelmente tudo o que se pretende fazer sem a sua colaboração. Hemos, pois, de entender-nos pacìficamente com êste duro senhor e aceitar algumas das suas condições. Os entendimentos vão em bom andamento. E enquanto aguardamos com certa justa impaciência o corpo da universidade, trabalhemos por forjar-lhe uma alma grande, capaz de aviventar amanhã a majestade inanimada dos grandes monumentos. Para isto não há aguardar delongas: é continuar com brio cada vez maior no caminho começado. Longo é êste caminho; maior é a vossa generosidade e decisão; e a causa é tão alta, tão digna que bem merece a longanimidade de vossa paciência e a generosidade de vossos sacrifícios.

ALOCUÇÃO

de agradecimento, na Festa do Reitor, em outubro de 1947

Quis a Divina Providência que ainda uma vez eu tivesse a consolação de assistir à festa da nossa família universitária. Consolação sincera pelo prazer desta convivência que nos congrega a todos, professôres e estudantes, na expansão espontânea de nobres e generosos sentimentos. Consolação ainda pela consciência mais viva que tomamos da consolidação progressiva de uma obra para a qual colaboramos todos numa convergência de esforços assegurada pela atração constante de um grande ideal.

A Universidade Católica, que há 10 anos era no Brasil uma esperança que se projetava no indeciso de um futuro indeterminado, é agora uma realidade que palpita sob os nossos olhos, cheia de vida e de energias de crescimento. Cada ano que se passou foi marcando novos progressos. Progressos de novas criações que se vieram ajuntar às primeiras unidades. Escola de Serviço Social, Revista Universitária, em novembro dêste ano Instituto de Direito Comparado, nas perspectivas do ano próximo a Escola Politécnica. Progresso na dedicação dos nossos professôres, cada vez mais fraternizados no espírito de colaboração e na consciência viva da obra comum. Progresso no espírito universitário da nossa juventude, cada vez mais entusiasmada nos desejos de uma cultura genuína e profunda, cada vez mais embebida na compreensão da necessidade e importância de uma formação integral, que lhes cultive a inteligência, a vontade e o coração, que lhes desenvolva tanto o gôsto artístico como as ener-

http://www.obrascatolicas.com

gias físicas, o amor do belo como a fortaleza de caráter, cada vez mais compenetrada da tarefa ingente que é a da sua geração, isenta das culpas do nosso passado, mas responsável pela construção do nosso futuro. Não é belo contemplar um espetáculo assim? Não é animador trabalhar nestas oficinas da cultura em que a juventude, realizando melhor as promessas e plenitude da sua humanidade, se prepara para realizar também melhor os desígnios da Providência na história? Já o salmista nos descrevia poèticamente os sentimentos alternados dos que trabalham a terra, que é também obra de cultura:

"Os que semeiam com lágrimas
Ceifarão com alegria.
Na ida, vão a chorar
Carregando e esparzindo as sementes;
Na volta, tornam entre cantos de júbilo
Pompeando as suas paveias."

Com licença do salmista; não há só lágrimas no gesto fecundo mas laborioso do semeador, há também regozijo da esperança; os júbilos antecipados da colheita já misturam os seus sorrisos às lágrimas do semear.

São estas as nossas alegrias de todos, porque todos aqui semeamos e colhemos também todos. E são êstes sentimentos que hoje transbordam de todos os corações. Nestes momentos felizes como que esquecemos a regularidade burocrática das ocupações de cada dia para darmos livre expansão à espontaneidade dos nobres sentimentos que são a alma da nossa vida universitária. Abriu-se esta alma e manifestou-se pelas múltiplas e variadas expressões do ato religioso que iniciou êste dia, mistério supremo da nossa fé, dos torneios de eloqüência e de poesia, revelações da inteligência e da arte, dos jogos e exibições atléticas, atitudes de um corpo

que fortalece os seus músculos e disciplina a elegância de seus gestos para melhor exprimir as riquezas do espírito. O que dissestes ao vosso Reitor na variedade multiforme de tôdas estas linguagens, o vosso Reitor vos retribui na simplicidade de um agradecimento em que deseja pôr tôda a sinceridade de sua alma. Muito obrigado.

http://www.obrascatolicas.com

ALOCUÇÃO

proferida na posse do Diretor da Faculdade de Direito,
HAROLDO TEIXEIRA VALADÃO

É com o prazer mais sincero e a esperança mais viva que assisto e presido a esta investidura do novo Diretor da Faculdade de Direito da nossa cara Universidade Católica.

A simplicidade austera desta cerimônia não lhe consegue disfarçar a importância.

Se a missão de quem dirige um estabelecimento superior de ensino é sempre delicada, complexa, carregada de responsabilidades multiformes, numa faculdade recém-fundada que procura o seu caminho e firma as suas tradições pode ser de uma influência decisiva para o seu futuro.

Mas nós estamos descansados; o timão do govêrno passa para mãos firmes, prudentes e experimentadas. Não é de hoje que tenho a felicidade de conhecer o Dr. HAROLDO TEIXEIRA VALADÃO. Já lá se vão alguns decênios: êle era apenas um ginasiano, freqüentava umas aulas de Física e de Matemática dadas então por jovem professor do Colégio Santo Inácio. Afianço-vos que era um estudante que consolava o mestre. O discípulo cresceu fiel às promessas dos primeiros anos e bem cedo evolveu para o professor consagrado que há muitos anos ilustra as cátedras das nossas Universidades.

No capítulo sôbre o corpo docente os nossos Estatutos começam com o art. 38, assim formulado: "Os professôres da Universidade deverão ser homens insignes pelo valor

científico, pela capacidade didática, pela seriedade profissional e pela integridade da vida".

Pelo valor científico, porque aquêle que rege uma cátedra universitária deve ser o depositário fiel da mais alta cultura do seu tempo na especialidade de sua cadeira.

Pela capacidade didática, porque a sua missão, além da pesquisa e do progresso da ciência, é a transmissão eficiente dos conhecimentos aos que se preparam para as altas responsabilidades sociais.

Pela seriedade profissional, porque, sem uma consciência viva e sem um cumprimento muito exato dos deveres do professor, as outras qualidades se diluem e anulam na ineficiência do desmazêlo e na incapacidade construtora da desídia.

Pela integridade da vida, porque a uma geração nova que procura naturalmente entre os seus mestres o modêlo por que há de pautar a sua existência não se pode oferecer senão o exemplo vivo da honestidade, da justiça, da honradez da vida que é uma resposta contínua e fiel ao dever dêstes varões insignes que são a glória dos seus contemporâneos e as colunas mestras que sustentam, contra o embate das paixões, o arcabouço da estrutura social.

Assim concebemos aqui o professor universitário.

Aí tendes o retrato do Prof. VALADÃO: fidelidade inquebrantável a tôdas às exigências legais e regulamentares; entusiasmo radiante e comunicativo pelo direito em tôdas as suas múltiplas manifestações; dedicação constante, sincera, sem condescendências contraproducentes, ao verdadeiro bem de seus alunos, que lhe conservam sempre a gratidão como a mestre de quem realmente aprenderam para a vida.

O passado do professor é para todos nós a melhor garantia do futuro do diretor. As suas raras qualidades intelectuais e morais — estamos certos — êle as aplicará de hoje em diante ao desempenho fiel da alta missão que lhe é confiada. Para manter a Faculdade de Direito no nível a

http://www.obrascatolicas.com

que já atingiu e elevá-la ainda mais alto, êle pode contar com a colaboração leal do nosso preclaro corpo docente, desta brilhante coroa de professôres, exemplo vivo de esfôrço indefesso.

Pode contar, outrossim, com a correspondência da nossa juventude universitária, cada vez mais entusiasmada pela cultura, e consciente de suas responsabilidades futuras, à espera da dedicação dos mestres para lhes responder com cento por um.

Estimular a atividade de professôres e alunos, orientar a convergência solidária dos seus esforços para a realização do ideal comum que todos almejamos — eis a nobre tarefa do nosso Diretor, que hoje entra no exercício das suas funções.

Só me resta, em nome da Reitoria e também em nome de uma velha amizade que remonta à nossa juventude e que os anos não fizeram senão consolidar, renovar as minhas mais sinceras felicitações e votos.

Haroldo Valadão, que Deus o abençoe na nova jornada. Parabéns e prolfaças.

Outubro, 1947.

PALAVRAS DE SAUDAÇÃO AO EX.MO SR. ARCEBISPO, D. JAIME DE BARROS CÂMARA

Exmo. Sr. Arcebispo:

Pela primeira vez as Faculdades Católicas têm a honra e o prazer de saudar-vos na presidência de uma das suas grandes solenidades acadêmicas.

Subtraístes-vos, por alguns instantes, à imensidade absorvente dos vossos ministérios pastorais, para, ainda uma vez, virdes manifestar o aprêço, o interêsse e a solicitude por esta nascente instituição que, com a bênção de Deus, será um dia a Universidade Católica do Brasil.

Digo ainda uma vez, porque estáveis ainda em Belém e já, por telegrama, recebíamos uma de vossas primeiras bênçãos; na carta pastoral, de saudação aos vossos novos diocesanos, as Faculdades Católicas eram destacadas com alto relêvo e, ainda há pouco, na vossa circular sôbre os deveres dos pais católicos em face do problema de educação dos filhos, tivestes para a nossa nova instituição palavras de tão generosos encômios que só as podemos interpretar como estímulo a realizações futuras e não como expressão de realizações passadas. É que no vosso zêlo vivo, esclarecido pela ciência e pela experiência, bem vêdes o que representa para a irradiação da doutrina evangélica e para a preservação do patrimônio religioso de uma nação católica a atividade dêstes centros superiores da cultura que aliam às luzes da ciência os esplendores da fé.

Queremos afirmar solenemente na vossa presença que é desejo nosso corresponder, na medida das nossas limitadas

http://www.obrascatolicas.com

possibilidades, às esperanças dêste grande ideal. Neste esfôrço cotidiano de realização contamos com as bênçãos, os conselhos e a direção segura e eficiente do nosso pastor.

Aceitai, pois, Exmo. Sr. Arcebispo, com a expressão comovida da nossa gratidão, a homenagem de nosso respeito e o acatamento de nossa obediência filial.

PALAVRAS DE SAUDAÇÃO AO EX.MO SR. ARCEBISPO DO MARANHÃO

Jubilosas e honradas abrem as Faculdades Católicas as suas portas e o seu coração, para acolher-vos, Exmo. Sr. Arcebispo do Maranhão. Vindes de São Paulo. As vossas pupilas estão ainda cheias dêstes quadros grandiosos que tiveram por cenário os campos de Piratininga. A vitalidade católica afirmou-se, nestes dias abençoados, em manifestações de grandezas históricas. Uma comunhão de 115 mil crianças, ou de 250 mil homens não são espetáculos que tenhamos a ventura de contemplar cada dia.

Mas a vida religiosa de uma nação, se, de quando em quando, como que sente a necessidade de expandir-se em afirmações singularmente grandiosas de fé, de piedade e de entusiasmo, processa-se, de regra, no silêncio fecundo das suas instituições orgânicas, que alimentam, temperam e formam as almas para as suas responsabilidades diante de Deus e diante dos homens.

Entre estas instituições poucas há que se apresentem com o caráter de tão urgente e imperiosa necessidade como uma Universidade Católica. "Na sua atmosfera impregnada tôda de ciência rigorosa e de elevada espiritualidade formam-se plêiades de jovens escolhidos que amanhã, nos domínios da cultura desinteressada, da administração pública, das profissões liberais, das técnicas científicas, irão levar a todos os ângulos do país a colaboração de fôrças vivas nas quais a Igreja e a Pátria terão o melhor penhor de sua conservação e prosperidades."

http://www.obrascatolicas.com

É precisamente sôbre a importância e a alta missão de uma faculdade católica de Direito que ides agora ouvir algumas palavras do nosso professor JERZY ZBROZEK. Filho da Polônia, trouxe-o a Providência para o nosso meio, pouco tempo antes da instalação das Faculdades Católicas. Formado em Direito pela Universidade de Lovaina e diplomado em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia, da mesma Universidade, ninguém melhor do que êle conhece por experiência própria a vida de uma Universidade Católica e o alcance de suas responsabilidades. A sua presença entre nós é como que um elo de união, entre as jovens Faculdades Brasileiras e a veneranda Alma Máter a que a Bélgica tanto deve de sua prosperidade material como de sua grandeza espiritual.

Com o fim de dar ao seu ensinamento um caráter de formação mais profunda e integral, ao lado das aulás em que se explicam os pontos do programa instituiu um círculo de estudos. É um cenáculo mais reduzido de jovens inteligentes e ávidos de aprender, como temos tantos nas nossas Faculdades, dêsses que desejam completar a sua formação numa concepção integral e coerente do universo, que aspiram ao conhecimento das questões fundamentais de filosofia em que se radicam as teorias jurídicas. Jovens que não se satisfazem com a simples técnica profissional mas ambicionam a consolação e a glória de uma formação científica, que não se contentam com ser simples advogados, mas querem ser verdadeiros juristas. Para êstes organizou o professor ZBROZEK êste círculo; outros professôres virão com o tempo trazer também a sua colaboração. E a freqüência às suas reuniões, desde já de indiscutível vantagem intelectual, poderá, mais tarde, na medida em que o permitir a nossa legislação escolar, constituir um dos títulos para o doutorado em direito, complemento e coroa de um curso jurídico de bacharelado.

É a uma destas reuniões do círculo, um pouco mais freqüentada e solene que as de costume, que ides agora presidir. Assistis assim, Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo, a uma reunião da família, à qual trazeis com a honra de vossa presença e a elevação de vossa dignidade arquiepiscopal, um brilho que é para nós uma consolação e um estímulo.

Antes, porém, de ouvirmos a conferência do ilustrado professor que será lida pela aluna Maria Amália Airosa, uma das inteligências mais brilhantes da sua turma e filha de vossa arquidiocese, quero dar a palavra ao presidente do Diretório de estudantes para vos saudar em nome desta juventude cheia de esperanças, dizer-vos da consolação que experimentamos todos neste momento, ao ver-vos no nosso meio.

http://www.obrascatolicas.com

PALAVRAS DE DESPEDIDA A BACHARELANDOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA

É altamente desvanecida, Sr. Presidente, que, por meus lábios, a Universidade Católica vos apresenta os seus mais sinceros e profundos agradecimentos.

A presença de V. Ex.ª nesta solenidade em que se diplomam os primeiros bacharelandos depois que as Faculdades Católicas foram elevadas à categoria de Universidade é para nós uma honra singular e um estímulo poderoso. A presença do Chefe da Nação empresta a esta colação de grau um brilho, um realce, uma dignidade que os nossos fastos escolares conservarão gravados para sempre com caracteres de ouro. O exemplo de vossa vida, vida de trabalho e de estudo, de dedicação e honestidade, de chefe de família modelar e de profissional sem reproche, vida coroada pela confiança de vossos concidadãos que vos chamaram à suprema direção do país, num dos seus momentos mais difíceis, constitui, sem dúvida, um estímulo e um incentivo para a nossa juventude. Por esta honra e por êste estímulo, Sr. Presidente, aceitai a expressão mais sincera de nossa gratidão.

Antes de nos separarmos, deixai-me dizer-vos ainda uma palavra de despedida.

É um agradecimento que jorra, límpido e espontâneo, de um coração comovido.

Agradecimento pela vossa longa convivência de cinco anos nesta Faculdade. Durante êste lustro vós a animastes com a alma ardente da vossa juventude, com o fulgor do vosso talento, com a vibração dos vossos entusiasmos. Deixai-nos.

Agradecimento pela homenagem especial, que, ao partirdes, quisestes prestar a quem vos acompanhou sempre com carinho, solicitude e esperança.

Agradecimento, enfim, pelo encanto especial que para mim reveste esta solenidade. Nela vejo comovido duas gerações de alunos. A geração dos diplomandos de hoje e a geração do vosso paraninfo, que acaba de vos falar com o vigor de sua inteligência, com a autoridade de um mestre que ensina não menos com a segurança de sua ciência do que com a autoridade do seu exemplo. É a geração dos que venceram na vida, e não desmentiram nos esplendores de uma virilidade fecunda e operosa as promessas de uma mocidade iluminada por tôdas as esperanças. Os seus primeiros triunfos nas lides da inteligência associam-se agradàvelmente às mais caras reminiscências dos primeiros ensaios do nosso magistério, como hoje os primeiros raios de vossa glória nascente iluminam de alegria o crepúsculo de uma existência que declina para o seu ocaso.

Aos agradecimentos acrescentarei um voto.

Pondes hoje definitivamente o fecho à obra de vossa formação. Deixais a escola e entrais na vida. Recebestes até agora e acumulastes tesoiros de ciência, de boa vontade, e de dedicação, ides agora dar e agir. Grande e nobre é o campo de atividade que vos entreabre e confia a Providência. A cerimônia que neste momento se encerra sagrou-vos solenemente apóstolos do direito. O direito é o broquel da liberdade. Onde as suas exigências são postergadas, anarquiza o tropel dos instintos indisciplinados ou tiraniza a violência da fôrça opressora, duas formas de escravidão entre as quais não sabemos nem queremos escolher. Só há convivência social digna do homem quando as suas relações são regidas pela constância destas normas racionais que o bem comum inspira e a legítima autoridade tutela. Por outras palavras, quando é o direito o arquiteto do edifício social. Neste ambiente onde impera a lei, onde reinam a ordem e

http://www.obrascatolicas.com

a segurança, a livre iniciativa se desenvolve e multiplica os valores em todos os planos da cultura. E a pessoa humana, na paz da ordem jurídica e na prosperidade ou abundância de todos os bens, encontra o meio favorável para expandir a riqueza de suas virtualidades e atingir a plenitude de seus nobres destinos.

É por uma sociedade assim que suspiramos todos nesta quadra tão agitada da história. É para construí-la ou reconstruí-la que hoje partis aparelhados e decididos. Sêde fiéis aos vosso programa de hoje e não fiqueis abaixo dos ideais puros da vossa juventude.

Tereis, assim e sempre, na voz de uma boa consciência, a aprovação de Deus, e nos aplausos dos vossos irmãos, a bênção da posteridade.

O Senhor vos abençoe e acompanhe na vida.

SAUDAÇÃO AO MINISTRO DA EDUCAÇÃO, DR. GUSTAVO CAPANEMA

Exmo. Sr. Ministro da Educação,

Aqui tendes, ao redor de vós, em coroa amiga, professôres e alunos das Faculdades Católicas.

Vós já nos conheceis, Sr. Ministro, conheceis-nos não só com êste conhecimento administrativo com que o titular da Educação, através de processos volumosos, entra em contato com os estabelecimentos de ensino que transitam pelos caminhos burocráticos do Ministério; conheceis-nos ainda com êste conhecimento em que participa também o coração, que não é só representação fria mas aquecida e animada ao calor do afeto.

Não se nos apagou ainda da memória a honra, que, há pouco mais de dois anos, nos deu V. Ex.ª presidindo, ao lado de Sua Eminência, à sessão inaugural dos nossos cursos. Ressoam-nos ainda aos ouvidos as palavras profundas e inspiradas com que V. Ex.ª, em oração magistral, sublinhava a grandeza de nossas responsabilidades e nos augurava um futuro que não ficasse abaixo dos votos de V. Ex.ª e das nossas esperanças.

Eram sinceras, profundamente sinceras as expressões de V. Ex.ª. A sonoridade fácil das palavras foi, a breve trecho, ratificada pela eloqüência difícil e positiva dos fatos. O decreto que, em abril do corrente ano, doava às Faculdades Católicas uma área de terreno altamente valorizado na antiga Feira das Amostras, traz, após a firma do Presidente, a de V. Ex.ª. Esta assinatura não obedece apenas a uma

http://www.obrascatolicas.com

exigência de técnica administrativa; é a expressão de um ato pessoal que, por muitos títulos, a V. Ex.ª pertence. Quando em 1941 expus ao Dr. Getúlio Vargas o meu desejo, Sua Ex.ª, anuindo generosamente ao pedido, disse-me que, para a sua realização concreta, me dirigisse ao Ministro da Educação. Fui ter com V. Ex.ª e, folgo aqui de dar agora o meu testemunho público, desde êsse dia durante os quase dois anos de andamento do processo, encontrei sempre, no Ministro da Educação, ao lado da cordialidade amiga com que me distinguiu, a dedicação, a clarividência, a boa vontade, a paciência incansável, a firmeza de propósitos que levaram o processo à sua tão esperada e auspiciosa conclusão. Conquistou assim V. Ex.ª mais um título de alta benemerência à gratidão imorredoira da futura Universidade Católica do Brasil. Foi um dêstes gestos amplos e decididos em que se revela o descortino do estadista e a visão larga do patriota. Quando, num futuro que auguramos não muito remoto, abençoado por Deus, o pequenino germe já confiado à terra fecunda houver crescido em grande copa, matizada de flores e carregada de frutos, quando as Faculdades Católicas se houverem transfigurado num dos grandes centros de cultura superior, onde, em aliança indissolúvel, se harmonizarão o amor desinteressado da ciência e o zêlo vivo das tradições espirituais mais caras da nossa civilização, o nome de V. Ex.ª, tão intimamente ligado às suas origens, será lembrado com carinho e envolvido de bênçãos das gerações que sobem. Entre as iniciativas fecundas e as realizações grandiosas de administração de V. Ex.ª, antecipando um juízo da posteridade, pedimos licença para incluir a Universidade Católica. É para nós um dever de gratidão e um título de honra.

São êstes sentimentos de reconhecimento sincero, que agora folgamos de expressar a V. Ex.ª em nome de quantos labutamos na primeira hora da jornada, em nome dos que vierem depois de nós.

SAUDAÇÃO AO MINISTRO DA EDUCAÇÃO, DR. ERNESTO DE SOUSA CAMPOS

por ocasião de sua visita à Universidade Católica

V. Ex.ª é um homem de ação e os homens de ação, de regra, não são amigos de discursos. Realizam muito, falam pouco. Estas palavras não são nem querem ser um discurso. São apenas uma expressão singela e espontânea dos nossos sentimentos. É com o coração e os braços abertos que a Universidade Católica recebe hoje a visita de V. Ex.ª. Nesta visita não vemos apenas um gesto de gentileza de V. Ex.ª; vemos também um programa de ação. Ontem visitava V. Excia. a Universidade do Brasil, a primeira e a mais importante das nossas instituições superiores de ensino; hoje vem V. Ex.ª trazer, à mais nova das nossas universidades, a única devida exclusivamente à iniciativa particular, o confôrto e o estímulo de sua presença. Com esta atitude quis V. Ex.ª significar abertamente quanto para a obra comum da cultura nacional podem contribuir, com as instituições oficiais, o dinamismo e a fôrça empreendedora das energias particulares. A existência do ensino livre não é só uma das expressões mais autênticas das liberdades democráticas, é ainda — e a história nossa e de outros povos o atesta com unanimidade — uma das alavancas poderosas do progresso das ciências e das letras. V. Ex.ª assim o entende e ao desenvolvimento de um e de outro ensino deseja aplicar a sua solicitude, na gestão de uma das pastas de mais alta responsabilidade no govêrno do país.

http://www.obrascatolicas.com

A êste gesto de V. Ex.ª, espontânea e sinceramente, correspondemos assegurando a V. Ex.ª a lealdade perfeita de nossa colaboração em tudo o que puder contribuir para o progresso da nossa cultura.

Quero ainda frisar, com prazer, que não é de hoje o primeiro contato entre a pessoa de V. Ex.ª e a Universidade Católica. Quando, há cêrca de dois anos, começamos a pensar na construção de nossos edifícios definitivos, mais de uma vez recebeu-nos V. Ex.ª no seu gabinete de trabalho, na Reitoria da Universidade do Brasil. Com a fidalguia dos homens superiores, acolheu-nos V. Ex.ª e pôs logo à nossa disposição plantas, projetos, livros de sua biblioteca especializada e, acima de tudo, a competência singular de V. Ex.ª para ajudar-nos em tudo o que nos fôsse mister para a realização dos nossos planos. Dificuldades alheias à nossa vontade não permitiram que entrássemos imediatamente na era das construções. Estas dificuldades já se vão dissipando. E é bem possível que muito em breve a Universidade Católica pense em dar um corpo material correspondente às exigências de sua expansão espiritual. Nesta obra de grande responsabilidade queremos continuar a contar com o amparo, e as luzes de V. Ex.ª. Quero crer que V. Ex.ª ligará o seu nome à construção de sua cidade universitária, da Universidade do Brasil. Mas faço também votos para que a Universidade Católica encontre em V. Ex.ª o grande animador, o técnico especializado, a autoridade de largo descortino que a ajude a realizar os seus sonhos e construir, uns após outros, os seus pavilhões que não desdigam das nossas esperanças.

Folgamos assim que mais êste vínculo de gratidão imortal se venha unir aos que nos unem à pessoa de V. Ex.ª.

Exmo. Sr. Ministro, reiterando os nossos agradecimentos pela gentileza desta visita, reafirmando os nossos sinceros propósitos de colaboração na obra do progresso da nossa cultura que o Govêrno confiou às mãos de V. Ex.ª, hipotecando antecipadamente a nossa gratidão por quanto V. Ex.ª fizer pelo desenvolvimento da nossa instituição, em meu nome, no nome dos nossos ilustres professôres, em nome da nossa juventude estudiosa, dou a V. Ex.ª as mais calorosas boas vindas nesta Casa.

http://www.obrascatolicas.com

ALOCUÇÃO

Abertura da sessão comemorativa do centenário de Caxias, promovida pelo Diretório da Faculdade Católica de Direito

No côro nacional das homenagens tributadas a Caxias, não podia faltar, espontânea, afinada, integrante de uma harmonia nacional, a nota das Faculdades Católicas.

Tanto mais que, neste momento, a importância das comemorações ultrapassa de muito a celebração centenária de uma grande efeméride da nossa história. Por uma reação profunda do instinto de conservação e defesa, as nações, nas horas graves de sua existência, descem nas profundezas misteriosas, em que mergulham as raízes da sua vida social para daí haurirem as energias de valor e heroísmo que reclamam as grandes responsabilidades do momento. A evocação dos seus grandes homens surge então como um estímulo, um confôrto e uma lição.

Na história do Brasil, poucos homens há tão simbolizadores da nacionalidade como Caxias. A sua figura poliédrica ressalta com um vigor de traços, uma riqueza de virtualidades, uma harmonia de contrastes que a distinguem com o relêvo de uma singularidade gloriosamente representativa.

Soldado e estadista, pacificador nas discórdias internas de um grande povo a ensaiar as primeiras responsabilidades da independência, defensor da honra nacional numa guerra que devia impor ao continente o respeito à soberania do Brasil, o seu nome enche meio século da nossa história. Valente e generoso, disciplinado e disciplinador, inflexivel nos princípios, benévolo e compreensivo nas suas aplicações, soube fundir no concêrto do mais perfeito equilíbrio tôdas as virtudes religiosas, cívicas e militares.

E tôdas estas virtudes excelsas, tôdas estas glórias épicas, êle as soube emoldurar no quadro de uma vida simples em que respira uma humanidade acolhedora, sem artifícios, sem bravatas, nem atitudes estudadas. O herói, como que espontâneamente diminui a distância que o separa dos homens comuns, e revela-nos cândidamente a sua alma grande, grande nos lances arriscados do campo de batalhas, grande na delicadeza das afeições domésticas. A religião e a pátria, a família, tôdas as realidades divinas e humanas, encontraram no seu grande coração ressonâncias profundas.

Eis por que, neste momento, a evocação de seu nome assume as proporções de um símbolo nacional. A Pátria não é só êste torrão abençoado, em que descansam os restos dos que nos transmitiram a vida, não é apenas êste cenário magnífico que contemplaram as nossas pupilas quando pela primeira vez se abriram à luz. A Pátria é o patrimônio sagrado dos princípios e das tradições espirituais em que se formou e timbrou a nossa personalidade, é um estilo de vida todo nosso em cuja formação colaboraram tôdas as fôrças anônimas das gerações, que a Providência suscitou e guiou para preparar o ambiente em que se havia de realizar a grandeza divina da nossa vocação terrena.

Evocando os grandes vultos em que estas seivas de vida atingiram a plenitude de sua floração, nos soldamos com vínculos mais estreitos à continuidade com o nosso passado, e nesta misteriosa solidariedade humana haurimos as energias para não faltarmos às responsabilidades do presente. Nesta hora grave, Caxias giganteia como a imagem viva da Pátria, o construtor incansável da unidade nacional e o defensor invencível da nossa soberania. Grande lição! Grande exemplo! Alto significado desta comemoração!

http://www.obrascatolicas.com

Ao assentarmos a comemoração solene de Caxias, voltaram-se para logo os nossos olhos para o Diretor do Arquivo Nacional. Incontestàvelmente, o Dr. VILHENA DE MORAIS é, na nossa geração, o mais abalizado conhecedor das coisas do grande herói. Historiador de raça, nunca se contentou com as glórias fáceis do vulgarizador de segunda mão ou do compilador sem originalidade. Assunto por êle escolhido é assunto que lhe sai das mãos renovado, enriquecido de novas e preciosas contribuições. Ora, foi precisamente à biografia de LIMA E SILVA que se aplicou, com visível predileção, mais *intelletto d'amore*. *Inteligência* de pesquisador incansável que revolve arquivos de família, identifica lugares históricos esquecidos, desempoeira manuscritos inéditos, restitui à veneração da Pátria memórias e relíquias sepultadas no olvido do descaso ou da incompreensão. *Amor* de quem trabalha com a certeza de glorificar uma das maiores figuras da nossa história, de exaltar o nosso Exército, colocando em esplêndida luz o primeiro soldado do Brasil, de entronizar no coração de todos nós um dos maiores beneméritos da gratidão nacional.

Tudo isto tem feito o Dr. VILHENA DE MORAIS em publicações de primeiro valor que já se não contam de tão numerosas. Monografias sôbre monografias, todos os episódios da vida fecunda do grande Pacificador e do grande Lutador foram estudados e iluminados de novas claridades. Não direi, porém, que já estamos satisfeitos. Da sua laboriosidade incansável esperamos uma obra que, ninguém melhor do que êle entre os nossos contemporâneos, poderá escrever, uma obra que reúna, em síntese majestosa, tôdas as facêtas desta vocação privilegiada. Não queremos um perfil nem mesmo um busto, desejamos um Caxias em corpo inteiro. Conhecemos Caxias no Maranhão, Caxias em São Paulo, Caxias e a questão religiosa, Caxias, o Marechal de Ferro. Magníficas miniaturas, esperamos agora a visão panorâmica, queremos ver Caxias, o Grande.

Dêste monumento imortal da história brasileira, que as nossas esperanças já entrevêem e saúdam num futuro próximo, vamos ter hoje a felicidade de contemplar, em rápido escôrço, as linhas mestras e a arquitetura admirável.

http://www.obrascatolicas.com

III — Alguns Aspectos da Igreja

http://www.obrascatolicas.com

BENEFÍCIOS DA ENCARNAÇÃO DO VERBO

É costume dos nossos tempos celebrar com pompas desusadas as datas memoráveis na vida de seus heróis. Reúnem-se congressos, imprimem-se obras, trabalham-se discursos, estuda-se a vida do festejado nas suas inúmeras particularidades, analisam-se as suas obras, evocam-se os seus feitos gloriosos, ponderam-se os seus títulos de benemerência, em uma palavra, empregam-se todos os esforços para resgatar ao olvido da morte uma existência que já passou e perpetuá-la em uma imortalidade aparente, na memória da posteridade. É vã apoteose da glória humana. Não assim a Igreja. Não é um conhecimento estéril e meramente especulativo o fim que ela se propõe quando nos lembra os fastos gloriosos de seus filhos mais insignes. Se ela nos recorda a vida e os combates de seus heróis, é para animar-nos aos que ainda lidamos e combatemos nesta vida. Se ela exalta e encarece os triunfos e suas glórias, é para acender-nos e avivar em nossas almas a esperança de que a palma, um dia, será também nossa. Mas êste fim sobrenatural de desprender-nos da terra e de tudo o que é passageiro, para elevar-nos o coração para o alto, se o vemos claramente nas festas dos santos, é evidente, quando nos recorda os principais mistérios da vida de N. S. Jesus Cristo. A Igreja, que não vive senão para seu Espôso, e para propagar o seu reino espiritual entre os homens, desvela-se então, em solicitude tôda materna, por preparar os corações de seus filhos a celebrar menos indignamente as suas festas. Ordena aos seus ministros de distribuir com mais freqüência aos fiéis o pão da divina palavra, concentra tôda a liturgia em tôrno do grande mistério que se deve celebrar; prescreve penitências e jejuns, para purificar-nos as nossas

http://www.obrascatolicas.com

almas, converge enfim todos os seus esforços para que, esquecidos um momento da multidão de negócios temporais que dissipam o espírito, concentremos a nossa atenção e elevemos a nossa alma à consideração das verdades eternas, da vida que nos espera depois da morte. É esta a significação e razão de ser da Quaresma, é esta a significação do santo Advento em que presentemente nos achamos: preparar-nos para celebrar o santo aniversário do Nascimento de Jesus Cristo, daquele dia entre todos bendito em que o Verbo feito carne veio à luz do mundo. Há 20 séculos, lá num canto da Palestina, no silêncio de uma noite de inverno, poder-nos-íamos ajoelhar numa gruta abandonada diante de um berço pobre.

A Fé nos diria que Aquêle Infante, reclinado sôbre uma pouca de palha, é o Filho de Deus, é a Sabedoria eterna do Padre, que, por amor do homem, quis revestir-se de tôdas as fragilidades da nossa decaída natureza. Mas, se lançarmos um olhar pelo mundo, que amarga decepção! As portas de Jano estão fechadas, reina a paz em todo o mundo, que assim o tinham predito os Profetas e assim convinha ao Príncipe da Paz, que vinha para reconciliar a humanidade com Deus, mas os espíritos, senão distraídos pelo fragor das armas, estão contudo mergulhados na baixeza da matéria, degradados pelas mais aviltantes paixões. A soberba, o ódio, a inveja, a ambição, a prepotência, a sensualidade esmagam e tiranizam a pobre humanidade decaída. Lá estão as profecias que anunciavam o tempo, a nação, a cidade, a família donde havia de nascer o Desejado das Nações. Conheciam-no os filhos de Israel, conheciam-no também ainda que mais vagamente os povos do Ocidente; e no entanto Jesus nasce no desamparo e na pobreza, quando todos os povos deviam de joelhos aclamar a sua vinda; *In propria venit et sui eum non receperunt.* Raiou o dia mais glorioso na história da humanidade, o dia para a preparação do qual se vinham dispondo os acontecimentos de muitos séculos, a ereção e a queda dos Impérios Egípcio, Assírio, Persa e Grego, as conquistas e a expansão maravilhosa do Império Romano. E êste dia passou despercebido aos homens ocupados sòmente com os negócios desta terra. Não me atrevo a dizer que o mesmo espetáculo se reproduza nos nossos dias. São muitas as almas que se preparam no silêncio, na oração e no reconhecimento a receber as graças divinas, que traz à terra o Verbo Feito Carne. Mas que são essas almas em comparação de milhões e milhões de homens para os quais Jesus também se encarnou, para os quais deu o seu preciosíssimo sangue e que deveriam participar também dos benefícios de sua vinda e no entanto vivem sepultados nas trevas da idolatria, separados da sua Igreja, ou mortos pelo pecado à vida espiritual da graça? Entre o povo eleito, entre os cristãos, como outrora entre os filhos de Israel, quão poucos são os que se recolhem um momento no interior de sua alma, para considerar a grandeza do benefício imerecido, e agradecer, ao menos com uma prece, com um suspiro, com uma lágrima, o Autor de nossa vida sobrenatural, o Redentor de nossas almas! Sim, cristãos, antes de tudo, é a gratidão que nos deve reunir aos pés daquele presepe. A gratidão supõe o conhecimento do benefício recebido. Distraídos pelas nossas ocupações cotidianas, passam-nos despercebidos os grandes bens que nos legou Cristo, de que gozamos inconscientemente sem um sentimento de gratidão, ignorando, até, Aquêle que no-los liberalizou. Fixemos por um instante, pois, os nossos olhares nestes benefícios. Permiti que para facilidade da memória e boa disposição de ordem eu vo-los reduza a três principais: Jesus, vindo a êste mundo, ensinou-nos a sua doutrina, legou-nos o seu exemplo, deu por nós a sua vida e o seu sangue precioso. Doutrina, exemplo e vida de Jesus Cristo que nos ilustra o entendimento com a manifestação da verdade. Cristo, que nos excita a vontade com a precedência de seu exemplo, que nos eleva à vida da graça com o preço do seu sangue; tais os três pontos que proponho à vossa atenção e daí, se o permitir a estreiteza do tempo, deduziremos o nosso tríplice dever de gratidão, dever de conhecer, de imitar os seus exemplos, de viver de sua vida.

http://www.obrascatolicas.com

Para prepararmo-nos à celebração dos grandes mistérios, não há como excitar a nossa gratidão com a memória dos grandes bens que nos proporcionou a Encarnação do Verbo.

Antes de tudo Jesus Cristo salvou-nos da ignorância, irradiando sôbre nós a luz da verdade. O homem ama naturalmente a verdade. E quando a possuir a pleno, quando à sua inteligência fôr dado repousar tranqüilamente na posse da verdade infinita, na contemplação de seus eternos resplendores, então será completamente feliz: *Beata vita est gaudium de virtute,* diz Santo Agostinho (*Conf.* L. X, c. 23). Mas nesta vida cá da terra, entre o alarido de paixões revoltas, são muitos os inimigos que lhe contrastam a posse do bem supremo da inteligência, são inúmeros os obstáculos que lhe impedem a aquisição ainda das verdades essenciais à vida humana. De pouca importância é relativamente para o homem o conhecimento das verdades que nos revelam os segredos mais ocultos da natureza. Diante das belezas admiráveis que as maravilhas do Universo revelam aos olhos, o homem sente nascer-lhe espontâneo e natural o desejo de investigar-lhe os mistérios, de desvendar-lhe os íntimos segredos. É a curiosidade justa e nobre do rei da criação que procura conhecer nas suas mínimas particularidades o magnífico palácio que Deus lhe deu por morada. Mas enfim, cristãos, por quanto elevada, por quanto seja louvável, útil e proveitosa tal aspiração, o conhecimento dêstes segredos da natureza não é necessário à natureza humana. Há, porém, outra ordem de verdades que êle não pode impunemente desrespeitar sem descair de sua perfeição para nivelar-se com os brutos. Colocado neste mundo, sem saber como, senhor das próprias ações, consciente das próprias fôrças e da própria impotência, êle pergunta naturalmente a si mesmo: Donde veio? quem é? por que vive? para que tende? Da resposta a estas perguntas, depende a orientação de sua vida, a direção de sua atividade, a sua felicidade individual. Em outras palavras, não podemos ser felizes, se não sabemos que existe um Deus, que nos tirou do nada, que nos deu uma alma imortal

destinada a servi-lo nesta vida de provas, à qual sucederá uma outra imortal e feliz, em que o veremos face a face, não podemos ser felizes se ignoramos os vínculos dos deveres que nos unem uns aos outros e as obrigações que nos ligam a Deus. São estas, cristãos, verdades indispensáveis, essenciais à perfeição e felicidade humana. Mas como chegaremos a conhecê-las, como chegaremos à sua posse certa e tranqüila?

Basta talvez a nossa razão, bastam as fôrças naturais de nossa inteligência para assegurar-nos a certeza de que havemos mister? Absolutamente falando, sim; moral e pràti camente, não. Estai comigo.

A origem, a natureza imortal, os destinos e os deveres do homem são verdades que absolutamente falando não superam a capacidade da inteligência humana. À fôrça de longas meditações, reciocinando e refletindo, o homem pode vir ao seu pleno conhecimento. Mas isto, repito, cristãos, é absolutamente e em teoria, em prática são tantos os obstáculos que nos surgem a cada passo, são tais os inimigos que nos assaltam a cada momento quando marchamos para a nobre conquista destas verdades, que é pràticamente impossível que o gênero humano as alcançasse com a só luz da razão, destituída do apoio divino da fé. Podeis talvez colocar-me diante dos olhos um homem que, ao cabo de longos anos de aturadas meditações, de longas vigílias gastas no estudo e na reflexão, chegou finalmente, com as únicas fôrças da natureza, ao conhecimento cabal e certo da existência de Deus, da imortalidade da alma e do fim e dos deveres do homem. Eu não direi que é impossível, admirar-lhe-ei a potência do gênio, mas ao mesmo tempo, com os olhos rasos de lágrimas, vos apontarei, do outro lado, em frisante contraste, todo o gênero humano. Sim, lançai um olhar sôbre estas inumeráveis multidões, gerações passadas e presentes, considerai os inumeráveis obstáculos que as impedem de penetrar no templo da ciência e da verdade. A êstes é a incapacidade natural que os tem na impossibilidade de assurgir às abstrações elevadas do espírito; um véu denso, impenetrável cobre-lhes irrevogà-

http://www.obrascatolicas.com

velmente qualquer verdade, que se eleve acima da experiência vulgar, prêsa aos sentidos e à imaginação. A outros é a fragilidade do sexo. Rica de meios e coração, admirávelmente dotada para os misteres de sua missão, a mulher é, de regra, incapaz das altas especulações; os grandes pensamentos caem das alturas de uma fonte viril. Vêde dêste outro lado estas inumeráveis turbas que constituem os 4/5 da humanidade. É o exército interminável dos operários, é a turba inumerável daqueles que devem velar pelo mantenimento de uma família e aos quais a fortuna negou a abundância de seus dons. À fôrça dos próprios braços e ao suor da fronte devem o pão cotidiano que conserva a vida e a alegria do lar doméstico. A êstes, absorvidos totalmente pela faina do trabalho diário, míngua o tempo necessário para as longas meditações do espírito, que só na paz e na tranqüilidade da solidão produz os seus frutos salutares. Eis que de todo o gênero humano só nos restam, capazes de adquirir por si o conhecimento das grandes verdades, uns poucos, raríssimos, bem aquinhoados pela natureza de fôrças físicas e intelectuais, e privilegiados pela fortuna dos bens materiais que os forrem à necessidade imperiosa e aos cuidados do sustento da própria vida. Dêsses, ainda, quantos infelizmente se tornam por própria culpa indignos de que lhes brilhe a luz da verdade. A riqueza é, por via de regra, mãe da indolência, e a verdade é o prêmio da aplicação trabalhosa e cansativa; as riquezas fomentam tôda casta de vício e dão livre curso aos desejos dos apetites desordenados e não há véu tão denso e que mais obscureça e empane a inteligência, do que o fumo das paixões. Daqueles poucos que remanesceram, tirai ainda êsses muitos que se deixam levar pela corrente geral das paixões e tereis um número sobremaneira escasso de homens que, ainda assim, só em anos avançados e quase no têrmo da vida, chegarão à desejada meta da posse certa e tranqüila da verdade. Pobre humanidade! Que seria de ti se Jesus Cristo não acendesse em teu seio a luz da sua doutrina e não suprisse, com a sua divina autoridade, a impotência e a fragilidade de nossa débil razão! E aqui, cristãos, eu vos quisera fazer sentir intimamente o valor inapreciável dêste dom divino, quisera-vos fazer compreender a grandeza dêste benefício inestimável; mas sinto ao mesmo tempo a impotência da minha palavra, incapaz de traduzir um pensamento, o sentimento, que experimento, mas não posso exprimir. Pensai que seria da pobre humanidade, abandonada à própria impotência, a debater-se em vão nas trevas do êrro, nos tormentos indizíveis da dúvida. O mundo gentio, cujos mais altos representantes (PLÍNIO) chegaram, nos paroxismos do desespêro, a afirmar que o homem é o mais infeliz de todos os sêres; e o mundo moderno anti-cristão, mais culpado que o antigo por ter rejeitado a luz que a êstes não brilhara, dão-nos uma idéia, ainda que vaga, do que seria tôda a humanidade, sem Cristo. Imaginai um homem, acabrunhado pelas misérias que o acompanham do berço ao túmulo, e que ignora ao mesmo tempo a Providência dum Deus amoroso, que dirige êstes males temporais para fins mais elevados, um homem sem esperanças numa felicidade eterna, que anseia por gozar e ao mesmo tempo sente a incapacidade de sacia-se nos bens que o rodeiam, que infeliz, que mísero! E êste seria o estado de quase todos nós, sem Cristo, verdadeira luz do mundo. E nós vivemos e respiramos neste ambiente de verdade, nesta atmosfera de esperança, repousando tranqüilos na certeza, que é a maior felicidade da inteligência, sem talvez o menor sentimento de amor e de gratidão para com o autor de tão grande benefício.

Mas talvez Jesus Cristo, vindo à luz do mundo, não fêz senão confirmar, com a divina autoridade de sua palavra, a verdade que, absolutamente falando, não excede a capacidade da razão humana? Não, cristãos, Jesus Cristo fêz muito mais. Do tesouro insondável de verdades, êle nos revela também verdades superiores de muito à nossa limitada natureza.

Se alguma coisa sabemos da vida íntima e misteriosa de Deus, a Jesus o devemos, se sabemos os prodígios de amor de um Deus à sua criatura, a Jesus o devemos.

http://www.obrascatolicas.com

O Deus, que a razão humana nos fazia conhecer como Causa Suprema de tudo o que existe, vem no-lo mostrar como Pai amoroso, solícito pelo bem e felicidade de cada um de nós, como Divino Espôso, que, unindo-se às nossas almas, pela graça, eleva-as a uma ordem sobrenatural de bem-aventurança e participação da vida divina. E percorrei tôdas as outras verdades tão consoladoras da nossa santa fé, tudo benefício e dádiva do imenso amor de Deus. Tal é, cristãos, o primeiro e grandioso dom de Cristo à natureza humana, a sua doutrina, a manifestação da verdade, que livra da escravidão do êrro e da ignorância e faz-nos verdadeiramente livres, da liberdade dos filhos de' Deus. *Veritas liberabit vos*. *Ego sum veritas*.

II. Mas ao ensinamento da verdade, Cristo uniu a confirmação do exemplo, a verdade para esclarecer a inteligência, o exemplo para estimular a vontade. É o meio mais eficaz para decidir-nos a abraçar a prática árdua e dificultosa de uma doutrina elevada: vê-la exemplificada num modêlo ao alcance de nossa imitação. *Validior est vox operis, quam vigoris*. (São Bernardo, *in* 58 *in* Cant.). A doutrina entra-nos pelos ouvidos, as obras falam-nos aos olhos, e mais convence, seduz e atrai o que vêem os olhos feito, do que o que ouvem os ouvidos poder-se fazer.

E por isso é que Jesus quis ser o nosso primeiro exemplar. *Exemplum dedi vobis, ut quemadmodum ego feci vobis ita et vos faciatis*. E o seu exemplo foi um exemplo universal e foi um exemplo fecundo.

Foi um exemplo universal. Porque, se todos os homens, de qualquer estado ou condição que sejam, são obrigados à observância perfeita da lei cristã, todos encontrarão em Jesus Cristo, espelhadas, as virtudes próprias do seu estado. Êle viveu a vida doméstica de obediência e recolhimento, a vida de família, viveu a vida pública, na agitação do mundo e do trato com os homens; conheceu a vida obscura e trabalhosa do operário, e achou-se entre os aplausos e aclamações das turbas. De sorte que não há condição, não há estado, não há

grau algum de viver social, que na meditação da vida de Cristo não encontre documentos e norma segura. Mas foi sobretudo à humanidade pobre, à humanidade aflita, à humanidade oprimida pelo trabalho e pela fadiga, que êle quis legar a consolação do seu exemplo. Cristo olhou de preferência para esta grande maioria do gênero humano, que entre os desconchegos da pobreza, que entre as angústias da dor, entre os gemidos da miséria, procura um alívio, um consôlo, uma fôrça sobrenatural que lhe infunda alentos para levar com resignação o pêso de sua cruz. E êle, na virtude do seu exemplo, deixou-nos esta fôrça, êste alívio, êste consôlo. Que maior consôlo, com efeito, para o operário cristão, entre as labutas cotidianas do ofício, que pensar que o trabalho manual operado foi a partilha de Cristo, durante quase tôda a sua vida, que aquêles instrumentos toscos foram santificados pelas mãos de um Deus, que o Filho do Eterno ganhou, neste mundo, o pão de todo o dia, com o suor da fronte! Que maior alívio para o pobre, para o deserdado da fortuna, ou curvado pela enfermidade, num leito de dores, que o recordar-se que o Senhor do Céu e da Terra, voluntàriamente se quis sujeitar aos mais atrozes padecimentos, à mais áspera pobreza, por seu amor? Quantas lágrimas não tem enxugado, quantas resoluções heróicas não tem inspirado a vista dum crucifixo? Oh! que em verdade não há ninguém, para o qual a vida de Jesus não seja um ensinamento, um estímulo, um confôrto.

E porque universal, o exemplo de Cristo foi também de uma fecundidade tôda divina.

Como empalidece, diante da eficácia da vida de Cristo, a influência efêmera que exercitaram sôbre o gênero humano os homens mais ilustres! Muitos, com o fulgor do gênio, com a potência da palavra, com a simpatia do trato, lograram concentrar sôbre si a atenção dos seus contemporâneos, e arrastá-los à imitação das próprias ações, ao seguimento das próprias doutrinas. Mas, com o volver dos anos, o tempo fêz a sua obra. As suas doutrinas aí jazem no olvido, sob o pó das bibliotecas, onde só de quando em quando lembra a algum

http://www.obrascatolicas.com

erudito volver àqueles esquecidos volumes; e, enquanto ao exemplo de sua vida, apagou-se com a memória dos primeiros admiradores. Quão diferente é a eficácia do exemplo de Cristo!

Enquanto os séculos corroem as obras do homem, não fazem senão enrobustecer, acrescentar novas glórias à de Deus. Não há verdadeira grandeza moral, que não seja um revérbero, um influxo da vida de Cristo sôbre a humanidade. É Cristo, com a potência de seu exemplo, que enamora os corações nobres, que inspira os grandes heroísmos. Vêde êstes esquadrões inumeráveis de mártires, que, diante dos mais atrozes tormentos, não empalidecem, não desfalecem diante das ameaças dos tiranos, mas persistem constantes no testemunho à verdade e à justiça. Perguntai-lhes quem lhes infunde alento e vigor. E êles vos responderão: o exemplo de Cristo, o meu Senhor foi perseguido, foi maltratado, foi crucificado, eu sou seu discípulo, é para mim a maior dita seguir as pegadas do meu Divino Mestre. Vêde êstes exércitos inumeráveis de anacoretas, que transformam os adustos areais da Líbia e as áridas solidões da Tebaida em ameníssimos jardins onde floresce tôda a sorte de virtudes. Perguntai-lhes: Que vos retém longe de todo comércio e convívio humano? E êles vos dirão: Nós vimos o nosso divino Mestre jejuar 40 dias no deserto, retirado dos homens e só com Deus conversando e, enquanto outros imitam as suas fadigas apostólicas, nós o seguimos no amor à solidão e ao recolhimento. Vêde êstes inumeráveis obreiros evangélicos, que, arrostando tôda espécie de perigos por mares e por terras desconhecidos, sofrendo as contradições e as perseguições dos homens, levam por tôda a parte a boa nova do Evangelho e não têm outra sede, outra aspiração, outro desejo senão o da salvação das almas. Donde é que lhes vem esta fôrça sobrenatural, que não conhece empecilhos nem obstáculos? E Xavier vos responderá por todos. É na meditação ou exemplo de Cristo, na qual passo as noites inteiras, que vou haurir coragem e alento. Cristo não teve outro cuidado, senão de glorificar o Pai,

eu não quero ter outra aspiração senão a propagação e ampliação do seu reino na terra. Interrogai ainda a êstes milhares e milhares de virgens, quem lhes ensinou a viver neste mundo uma vida de anjos e tôdas a uma voz vos responderão: o exemplo de Cristo. Cristo foi virgem, uma Virgem escolheu para sua Mãe Santíssima, virgem foi o seu discípulo predileto de seu coração; virgem também eu quero viver com Cristo virgem. Por último, cristãos meus, dignos dêste nome, a vós mesmos perguntai, entrai no santuário da vossa consciência: quem é que na hora da tribulação nos conforta e dá fôrças, quem é que nos anima à imolação e ao sacrifício, senão o exemplo de Cristo? Quantas vêzes um olhar lançado sôbre um Crucifixo pode mais sôbre nossas almas do que tôdas as razões humanas, do que todos os motivos mais poderosos que nos podem sugerir os homens? Oh! agradeçamos do fundo da alma a Cristo, que nos deixou, nos exemplos de sua vida, um manancial inexaurível de energias, esta fôrça moral, esta fôrça divina, êste auxílio poderoso para nossas almas.

III. Grande foi o benefício de iluminar-nos com a sua verdade, maior o de confirmá-lo com o seu exemplo; mas o extremo de fineza do amor de Cristo foi dar por nós o seu sangue. Êle mesmo o disse: Não há maior prova de amizade do que dar a vida por quem se ama. E êle a deu, até à última gôta de sangue, pela humanidade desvalida. É em virtude do sangue do Homem-Deus que o gênero humano, degradado no seu primeiro representante e incapaz de tornar por si ao primitivo estado de justiça original, foi levantado, foi repristinado e restituído a sua primeira dignidade, por Cristo que, nos extremos de sua caridade, reparando as ruínas acumuladas pelo primeiro pecado, elevou o gênero humano à dignidade de filhos adotivos de Deus, elevou-o à ordem sobrenatural. Entre os cristãos fala-se não raras vêzes na ordem sobrenatural, mas mui poucos são os que podem aquilatar a grandeza de tal benefício. Que se entende por ordem sobre-

http://www.obrascatolicas.com

natural? Uma ordem que excede as fôrças da natureza! Bem. Mas o que quer dizer isso? Ouvi-me.

O homem foi criado por Deus para conhecê-lo, servi-lo, amá-lo e glorificá-lo. Infinitamente bom, e infinitamente sábio, Deus não podia propor-se outro fim senão a sua própria glória, a manifestação externa de suas infinitas perfeições, comunicando-as de algum modo às suas criaturas. Para obter tal fim, êle ornou o homem de inteligência, irradiação participada daquela Luz Eterna e Incriada, dotou-o de vontade, enriqueceu-o enfim de tôdas as faculdades necessárias para a realização de seus desígnios. É por meio destas faculdades naturais, que nós conhecemos a Deus, que se nos revela como Autor da Natureza, em cada uma de suas obras. A harmonia do Universo nos revela a sua Suprema Inteligência, os movimentos da criatura o Eterno Motor, as perfeições limitadas e criadas a Perfeição Infinita e Substancial. Tal é o conhecimento que podemos ter de Deus nesta vida, e se êle ainda não nos satisfaz de todo, nem nos faz felizes, na outra vida Deus nos proporcionaria outros meios naturais de o ser. Até aqui estamos na ordem natural. O homem, com suas faculdades meramente naturais, que tende a um fim meramente natural. E uma vez suposta a criação livre da parte de Deus, tal ordem é necessária. Mas Aquêle Infinito e Primeiro amor não se contentou, quis manifestar-se ao homem em todos os esplendores de sua glória. A natureza não permitia mais que um conhecimento imperfeito do Sumo Bem, nenhuma criatura podia pretender a visão intuitiva daquele Abismo Insondável e Infinito de Perfeições. Pois bem, Deus rasga o véu que o encobre e chama o homem à contemplação imediata de sua Essência. Já então tudo é improporcionado na criatura para tal fim. As faculdades naturais incapazes e incapaz o próprio homem de operar nesta nova ordem com as próprias fôrças. Mas Deus vem em auxílio de sua criatura. Nesta vida comunica-se a sua graça que vivifica as nossas ações, tornando-as dignas de tão grande prêmio e na outra confortará a nossa Inteligência com a luz da glória para que

possamos fitá-la diretamente nos infinitos resplendores daquele Divino Sol. E eis o homem elevado até ser feito de algum modo consorte da Divina Natureza. O modo inefável desta união da criatura com o seu Deus, nós não o sabemos compreender, nem explicar, só podemos dizer que será infinitamente superior a quanto nos podemos figurar. Oh! que amor infinito, que benefício inefável. E tal benefício, cristãos, nós o devemos a Cristo, porque a graça é o preço de seu preciosíssimo sangue.

http://www.obrascatolicas.com

A IGREJA — O FATO DE SUA EXISTÊNCIA

* A Igreja representa um papel de primeira importância na nossa vida espiritual. Geralmente as primeiras verdades de fé, aprendemo-las nos joelhos de nossas mães. Juntavam-nos as mãozinhas e ensinava-nos a dizer Pai Nosso. Mais tarde, verificamos que os seus ensinamentos concordavam com os dos sacerdotes, dos teólogos, dos livros — numa palavra, era o ensinamento da Igreja... A Igreja era e é a garantia da fé. Com o amadurecer da razão, na juventude surge o desejo de conhecer melhor a Igreja. Desejo às vêzes alimentado por uma necessidade de apologética (crise religiosa da juventude), é a Igreja a depositária autêntica dos ensinamentos de Cristo?... outras despertado por uma exigência de vida religiosa mais intensa e profunda. Sentimos que a Igreja é a depositária de uma vida religiosa profunda e queremos sondar o seu mistério — por ela chegar melhor a Jesus e a Deus.

---

* Conferência no Instituto Social, em 30 de abril de 1940.

ESQUEMA:

Interêsse do estudo da Igreja.
Vários aspectos.
O fato da Igreja — Único:
- na sua extensão;
- na sua duração inexplicável pelos
  - meios naturais;
  - fins que procura realizar;
- na sua natureza de sociedade intelectual que
  - nunca se contradisse e
  - sempre correspondeu às exigências de uma depositária de uma revelação divina.

A Igreja apresenta-se-nos, porém, como uma realidade sobremaneira complexa. A sua fisionomia apresenta grande variedade de aspectos. Impossível esgotar-lhe a riqueza com a simplicidade de um olhar superficial. Importa multiplicar e variar os nossos pontos de vista.

A Igreja — como um fato — questão histórica.

A Igreja — nas suas origens — questão exegético-crítica.

A Igreja — na sua vida íntima — questão dogmática.

I

Como um fato, o que, para logo, nos impressiona é a sua extensão, a grandeza de sua construção. É um caráter distintivo que para logo a separa de tôdas as outras formas e aspectos da vida social. Nenhuma outra se lhe pode comparar. A Basílica Vaticana é o maior templo que ainda se elevou ao culto de Deus. Símbolo da Igreja. Seus filhos são hoje quase 400.000.000 (380.000.000) — espalhados por tôda a terra — recontados em tôdas as raças — vivendo sob todos os regimes políticos e todos os graus da civilização. (25-26.)

O que importa ainda notar — sobretudo no confronto com certas religiões orientais e o protestantismo — é que a Igreja não é uma simples denominação externa que cobre uma multidão polimorfa de crenças e atitudes religiosas. A organização da Igreja é nítida, precisa, fàcilmente identifi-

http://www.obrascatolicas.com

cável. Entre os que lhe pertencem e os de fora, as fronteiras são nìtidamente traçadas. Em tôda a parte, um católico distingue-se de um protestante, e vê noutro católico um irmão. Esta demarcação — que constitui uma verdadeira família — não é de ordem material — geográfica, política, racial, lingüística — é de ordem espiritual. Nasce de uma atitude da alma. Como é difícil traçar fronteiras no domínio do espírito. Como conseguiu a Igreja...

E êste resultado consegue a Igreja — não por uma justaposição de materiais — mas por uma conquista. Fôrça íntima de expansão... Plenitude de vida que se afirma — que deseja crescer e fixa as suas fronteiras. Sua tendência à universalidade. Ontem, o império romano — o Mediterrâneo. Vontade de impor a sua realidade — consciência de sua capacidade indefinida de crescimento.

Extensão ilimitada e unidade poderosa — Amplitude no espaço e plenitude de vida interior. A esta grandeza vem associar-se outra não menos maravilhosa. Evidentemente esta expansão conquistadora, êste crescimento orgânico, que atinge os limites do mundo exige tempo. E a *duração* da Igreja é outra maravilha. Dois mil anos de vida são penhor de uma estabilidade invicta. Estabilidade diz mais que simples duração. Dura o que não cessa de existir, tudo o que atravessa o tempo, ainda sob a metamorfose de estados diversos. A estabilidade implica duração contínua, permanência do presente no passado, ininterrupção na vitalídade de um organismo essencialmente idêntico a si mesmo e sempre adaptado às novas exigências da vida. Tal é a duração da Igreja: a sua constituição, a sua doutrina, os seus ritos — nos seus elementos essenciais, são hoje o que eram no princípio. Êste fato é único.

Nas outras formas de vida social — ou a seiva da vida se esgota bem cedo, ou a prevalência das fôrças de oposição lhe tolhem bem cedo a possibilidade de crescimento e expansão. A Igreja Católica parece dispor de uma duração ilimitada. Nenhuma instituição, nenhum Estado, nenhuma forma de vida social, na nossa civilização ocidental, é contemporânea da infância da Igreja. O norte da Europa estava ainda coberto de florestas virgens e ela já era grande. Página de MACAULAY.

Êste fenômeno de vitalidade imortal torna-se ainda mais admirável quando entrarmos a considerá-lo mais de perto, para procurar-lhe uma explicação.

Os meios *externos* que fundam e conservam outras organizações sociais ou políticas fôra pueril invocá-los no caso da Igreja.

A *fôrça* fundou impérios e consolidou dinastias: César — Alexandre — Napoleão. A Igreja não tem exércitos. Com a espada não se conquistam as consciências. A espontaneidade da adesão é a primeira condição da vida religiosa.

A *política* tem elevado grandes construções históricas. O império romano — o império britânico. Mas a política tem raras vêzes auxiliado a Igreja — quase sempre a combate. Não há quase decênio da história que não registre o contraste com as grandes fôrças políticas do dia. Império romano. Lutas entre o sacerdócio e o império — Século XVI — Séculos XVIII, XIX, XX.

A *economia* — posse e organização dos meios de produção — assegura um domínio universal em nossos dias — Escapa completamente à Igreja.

A Igreja está desarmada — política, militar, industrialmente e nunca foi tão manifesta a sua vitalidade espiritual.

Menos ainda se explica a duração da Igreja pelos *fins* que ela visa. Na sua doutrina como na sua moral a Igreja não lisonjeia nenhuma das paixões da humanidade. Dos seus sacerdotes, como dos seus fiéis, exige uma vida de sacrifícios, de renúncia. Ela luta sempre pelo espiritual contra o material, pelo eterno contra o temporal, pela razão contra

http://www.obrascatolicas.com

o instinto, pela moral contra o animal. Os sucessos efêmeros que podem assegurar as instituições que agem no sentido dos instintos depravados, ou das necessidades animais (fome etc.), não podem explicar a longa duração da Igreja. Há nela uma fôrça *interna* de vida, única no seu gênero.

Se quiséssemos apanhar ao vivo a impossibilidade humana de semelhante transformação, poderíamos recorrer a uma imagem concreta. São Pedro na Via Appia — Ver KOSLERS, *L'Eglise de notre foi,* págs. 63-64.

É uma novidade singular na história esta duração indestrutível. Há mais ainda. A vitalidade da Igreja não é um simples *fato,* é um *direito*. Ver L. F., *Conf.,* págs. 10-11. Esta conferência é a desta série: *Fé. Divindade da Igreja*.

* * *

O simples fato desta existência — considerada na sua exterioridade social — já rompe com o quadro habitual das leis psicológicas e morais que regem os destinos históricos das criações humanas. Torna-se mais admirável, porém, quando examinamos mais de perto a natureza da Igreja. A Igreja apresenta-se-nos à inteligência como a depositária de uma mensagem divina à humanidade...

É assumir ante a razão o pêso de responsabilidades formidáveis...

Uma instituição assim não pode *contradizer-se*. Necessidade de coerência. Nada mais fácil como exigência racional — nada mais difícil à fragilidade humana — Razões psicológicas — razões históricas.

Escolas filosóficas — PLATÃO — ARISTÓTELES — KANT — BERGSON.

Budismo — Protestantismo.

O que nenhuma escola conseguiu, realizou-o a Igreja — fundar e conservar uma sociedade pública das inteligências

— Ver L. F., *Conf.,* págs. 11-19. Digressão sôbre a intransigência doutrinal da Igreja — Ibid., págs. 18-20.

Não examinamos ainda todos os aspectos exteriores da existência externa da Igreja. Mas a impressão que já se desprende é que nos achamos diante de um fato único na história da humanidade. Que esta impressão nos excite o desejo de conhecer-lhe mais de perto a estrutura e de sondar mais profundamente as fontes misteriosas de sua vida tão singular.

http://www.obrascatolicas.com

A IGREJA E A CIVILIZAÇÃO

* O fato da existência da Igreja — sua amplitude no espaço, sua duração no tempo — aparece-nos como um acontecimento realmente singular na história.

"Uma sociedade dotada de tal poder de vida não poderá deixar de exercer uma ação profunda. Com efeito, a Igreja Católica constitui o grupo humano mais rico de influência que a história conhece". (Lip. 31.)

Influência sobretudo no *domínio espiritual* — Fecundidade — Ação religiosa e profunda. Foi a Igreja que fundou a cristandade — que introduziu de modo duradoiro na Europa e fora o cristianismo. Crença num Deus pessoal — na imortalidade — no serviço desinteressado — bem comum da cultura moderna — graças a ela.

Mas influência também na civilização — Convém estudar de perto êste ponto — não só pelo interêsse teórico — mas também pelas suas conseqüências práticas.

Civilização e cristianismo são realidades distintas — não se movem no mesmo plano.

O cristianismo tem uma *finalidade* sobrenatural — comunicar à humanidade a vida divina — prepará-la para a felicidade da participação da vida divina. (101-102)

Usa de *meios* sobrenaturais — a ação da graça, das virtudes infusas — fé, esperança e caridade — por meio dos sacramentos.

A civilização é um bem de ordem *natural*.

Seu *fim* — assegurar a felicidade terrena — a prosperidade temporal; abundância racional dos *meios* para o desenvolvimento físico, intelectual e moral do homem — depende de fatôres geográficos, biológicos, culturais (ciência, arte, direito, economia, finalidade relativa — que se deve subordinar ao fim último.

* Conferência no Instituto Social, em 14 de maio de 1940.

Corolários: (102-103)

1.º) O cristianismo não se identifica com nenhuma civilização no tempo;

2.º) Pode coexistir com várias civilizações no espaço.

Mas independência não é exclusão; distinguir não é separar... (LEÃO XIII.)

É a *lição da história.*

A ação da Igreja exerceu-se *em todos os setores* da cultura. Econômica, social, artística.

Lembremos apenas o intelectual:

Preservação dos tesoiros da cultura antiga.

Organização do ensino primário.

Fundação das Universidades.

Ação profunda — Benemerências reais e inesquecíveis — mas acidentais — O *domínio próprio* da ação da Igreja é o *moral*.

O valor ético do homem é a *espinha dorsal da civilização*. (113)

A moral é a perfeição específica do homem. (115)

A moral condiciona a eficiência das técnicas. (115)

A moral equilibra os impulsos do egoísmo e disciplina as paixões. (115)

A contribuição do cristianismo foi aqui singular — Religião sobrenatural — não se pode desinteressar da natureza — exige-a reta ou a retifica. (109)

E sua ação aqui foi de uma eficiência singular e insubstituível.

Ação *iluminativa*

http://www.obrascatolicas.com

Ignorâncias dolorosas e funestas das civilizações antigas. (110)

Ação do cristianismo.

Ação *vital* (112, 117)

Texto de TAINE.

Verificação histórica do *Vos estis sal terrae.*

A IGREJA — SUA ORIGEM

* Demos um passo adiante: A Igreja revelou-se-nos como uma vida — vigora — através dos séculos. Ela a recebeu em um dado momento da história.

"A sua prodigiosa vitalidade manifesta nas suas origens uma extraordinária impulsão do alto, partida de um Ser Vivo que possuía a vida por séculos capaz de encher de vida a humanidade inteira. E o seu gesto criador não foi nem podia ser inconsciente; partiu-lhe de uma vontade clarividente, que visava um fim e ordenava os meios à sua realização". (L. 71)

Invencìvelmente a Igreja leva-nos assim a Cristo; nós hoje o sentimos; històricamente ela nos leva a Êle. Compulsamos os documentos históricos que nos falam das origens. (L. 99)

Jesus apresenta-se-nos como *portador de uma mensagem divina* — uma missão religiosa — a redenção da humanidade. Salvador — Redentor. (L. 101)

Trouxe-nos uma iluminação das inteligências — libertação das almas — alívio — conhecimento da verdade — paz interior (*pacem*) viva — *via veritas vita — Veni ut vitam habeant.*

Esta missão lhe foi *confiada pela vontade do Padre.* Vim para fazer a vontade de quem me enviou. Meu alimento é fazer a vontade... (L. 102)

Cumpriu esta missão, tarefa de sua vida — *duplo aspecto* dela — o primeiro em relação a Deus — vida intima de

* Conferência no Instituto Social, em 11 de junho de 1940.

http://www.obrascatolicas.com

Cristo — relações com a SS. Trindade. Mas a Redenção tem um caráter terrestre: ação poderosa e visível sôbre as almas — iluminação das almas e infusão de vida nova e conquista das almas — Jesus começou pessoalmente êste trabalho, percorrendo vilas e cidade da Galiléia — Caráter ocasional do seu ministério — não empreendeu a conquista sistemática do Universo. Seu trabalho é uma sementeira — a outros a colheita. (L. 103)

A explicação dêste proceder está na vontade decidida — expressão da vontade de Deus — de confiar a outros homens uma porção da realização da obra salvadora, cuja realização faria parte da história.

Eis por que, desde o princípio da sua vida pública, começa a reunir discípulos. João, André, Pedro, Natanael.

Entre êstes escolha dos *Doze* — Solenidade da escolha — Corpo organizado — fechado — Colégio — Nomes — A êstes doze confiou a missão de pregar o "reino de Deus. (L. 105).

1.º) *Ensinar a verdade.* Ensina-lhes para que ensinem. *Euntes docete.* (L. 180-182)

2.º) *Santificar as almas* — Administrar o batismo — porta do céu — Perdoar os pecados — Renovar a oblação perene do sacrifício redentor.

3.º) *Governar as almas* com autoridade pastoral — *Qui vos audit me audit.*

Por causa desta missão — tão elevada pelos poderes que comportava, os doze receberam um nome especial — que significasse a sua função e vocação — nome nesta acepção — que na roda dos fiéis foi empregado com exclusão de qualquer outro — de uma grandeza histórica incomparável — *Apóstolos,* portadores de uma mensagem divina — representantes de Cristo — com poderes de penetrar até à consciência dos fiéis e a sua vida mais íntima. (L. 106)

Escolha de Pedro — No grupo dos Doze, mais tarde fêz Jesus uma escolha mais íntima. Entre êles escolheu um chefe — fundamento de unidade indestrutível — depositário de plenos poderes — portador das chaves do reino de Deus. (L. 107 e 108)

Cena evangélica da Cesaréia — Nenhuma outra palavra saída de lábios humanos teve na história universal um significado e um alcance tão prodigioso como a palavra pela qual Simão, pescador do lago de Genesareth, recebeu a promessa de que seria o fundamento da Igreja de Cristo. Exposição e exegese. Texto de São João — Exposição e exegese. (L. 108).

No texto de São Mateus aparece pela primeira vez o nome que Cristo deu à sua fundação — e que ela conservará até ao fim dos séculos — *qahal* — *Ecclesia* — sociedade santa — povo de Deus. (L. 110)

Palavra de Cristo — Poucas palavras para efeito tão grandioso — Palavra criadora — para agir não dispunha só da palavra — sua vontade por si criadora — segurança de seu poder, gerador da vida — Um gesto capaz de desprender torrentes de vida. (L. 72)

Resumindo e sintetizando — A Igreja nasce da vontade de Cristo como uma

Sociedade — multidão de almas orientadas para um fim — Conveniência — para a natureza do homem social é o vínculo normal da transmissão de todos os bens — vida — cultura — família — sociedade civil. Igreja. (L. F., 3-5)

Orgânica — organismo conjunto de partes coordenadas ou subordinadas em vista de um fim — cada qual com sua função. (L. 85)

Hierárquica — com poderes constituídos, nos quais a autoridade vem de cima para baixo. (L. 92)

Visível — Distribuição de poderes a pessoas e grupos definidos assegura a visibilidade da Igreja como organização — como união orgânica realizada em vista de um fim. Designação externa de funções. Pela sua constituição a Igreja = organização hierárquica dos fiéis sob a direção do Papa e dos Bispos em comunhão com êle. (L. 94)

http://www.obrascatolicas.com

Conclusões práticas.

Não existe cristianismo fora da Igreja — A Igreja não é um luxo dispensável: é a via normal de acesso a Cristo — e a Deus — *qui vos audit — docete: qui crediderit*. Fora da Igreja não há verdade cristã — não há santificação — não se vai a Cristo — fora de Cristo não se vai a Deus — *Via, Vita et Veritas,* Trilogia indissolúvel — Para os povos — como para as almas —*aproximar-se da Igreja, viver mais intimamente de sua vida, é aproximar-se de Deus.

Tendes a luz para discernir o equívoco funesto do anticlericalismo. Não atacamos o Evangelho, combatemos o clero. Cristo sim, Igreja não. Tática que surte efeito. O clero aparece-nos com seus defeitos humanos, que é fácil ridicularizar. Daí a tática da maçonaria — difundir anedotas, vulgarizar escândalos de sacerdotes e religiosos — Das pessoas o descrédito redunda sôbre as instituições. "Próprio das inteligências acanhadas deixar-se impressionar pelos defeitos dos homens e não pela grandeza das instituições". Resultado que de fato se mira: afastar os homens da Igreja — e de Cristo e de Deus.

Cumpre reagirmos:

Na nossa *vida pessoal.* Respeito ao sacerdote — alto conceito da sua missão — oração pela sua santificação — colaboração sincera para que êle realize a grandeza de sua missão.

Na nossa *influência social* — impedindo que se fale mal — Norma de família — combater usos (apelidos e gestos), conservar os sinais externos de reverência e respeito.

PODERES DA IGREJA

* Cristo fundou uma sociedade espiritual para continuar e realizar a sua obra — Recapitulação.

Esta missão da Igreja é constante. Passam as pessoas, mas a instituição persevera. Quando Jesus fala aos "Doze", anuncia-lhes muitas coisas que êles não verão pessoalmente — a ruína de Jerusalém — os sucessos dos últimos tempos, estarei convosco até à consumação dos tempos. Tem diante dos olhos uma pessoa moral. No domínio da vida natural a espécie vive através do fluxo ininterrupto dos indivíduos. (L. 116, 117)

Assim; na Igreja as pessoas passam — Judas prevarica — Matias — mais tarde — Paulo — Barnabé — mas a instituição permanece. Os "Doze" continuam a ensinar. Pedro continua a ser pedra fundamental.

A Igreja conserva os poderes que lhe conferiu Cristo — para formar o novo povo de Deus.

Quais são êstes *poderes?* Poder de jurisdição — poder de magistério — poder de ordem.

1.º) O poder de jurisdição "resulta simplesmente da existência da Igreja como organização criada por Deus para um fim por êle estabelecido". A Igreja tem o direito de existir, de conservar o ser em todos os pontos do espaço e do tempo. É o poder de jurisdição — poder de *govêrno* — poder de empregar os meios necessários para assegurar a sua consistência — e a sua ação no sentido do seu fim, o que envolve: (L. 136)

* Conferência no Instituto Social, em 9 de julho de 1940.

http://www.obrascatolicas.com

a) A determinação das relações jurídicas dos seus membros entre si, adaptando-as às novas exigências dos tempos. Necessidade desta adaptação pelo crescimento e variedade dos membros — pela variedade das circunstâncias externas — dioceses — govêrno da Igreja — Ordens religiosas — o que implica poder legislativo, administrativo, judiciário e penal. Tudo o que ligardes na terra...

b) Determinação das relações da Igreja com o que lhe é externo — com os que não são seus membros, que lhe respeitem a existência e a liberdade de ação. Respeito à autonomia do Estado. A Igreja não tem poder direto sôbre as coisas profanas. Tem-no, porém, *indireto*. O seu fim é levar os homens à observância fiel da lei moral. Desta noção da Igreja deriva a nossa atitude fundamental. (L. 138)

"A Igreja é uma organização por Cristo, de estrutura hierárquica e monárquica, destinada a conservar e distribuir os bens e a fôrça de vida que Cristo lhe confiou". Sua razão de ser é a vontade de Cristo: imediata ou mediata... (L. 173, 174)

Ela vale o que vale Cristo Jesus. Cristo possuiu a plenitude da potência divina — não delegada, mas originária — em virtude de união pessoal com o Verbo. (L. 174-75)

A Igreja é a expressão da vontade divina. Daí uma relação da Igreja para Deus — e uma presença de Deus na Igreja. (L. 175)

A Igreja tem a consciência de ser a serva de Deus — cumprir a missão confiada a Cristo — Honra de Deus nas suas mãos.

Daí se explicam vários aspectos e atitudes da psicologia católica — a sua intransigência — a sua fidelidade — o seu heroísmo.

Desta atitute de subordinação que a Igreja toma relativamente a Deus resulta a de soberana com que se apresenta à humanidade. As ordens de Deus são direitos intangíveis da Igreja. (L. 179)

Direito de ensinar — *Euntes docete.*

Direito de culto e adoração em espírito e verdade — oferecimento de uma oblação pura...

liberdade de existência e de ação — de ensino e de culto,

independência perfeita no seu domínio religioso — — influência correspondente na família — na educação.

Como as ordens de Deus são direitos da Igreja, assim as exigências da Igreja são exigência da vontade divina. Tudo o que ligares... e... Distinção entre o direito divino e o direito eclesiástico. (L. 180)

Penetração íntima no santuário da consciência.

De ser a Igreja vigária de Deus — resulta para os fiéis que não só é uma fonte de obrigação — Mas de elevação moral e de acréscimo de valor. (L. 188)

Assim se forma uma personalidade religiosa — rica e poderosa — A alma tem um fim — uma doutrina — um impulso — a maior fôrça possível...

Sentido à vida... fôrça da Igreja Católica... devotamento das almas à sua obra: transformação espiritual do universo — ordens religiosas — colaboração do laicado. A Igreja exige muito, mas dá muito... uma abundância de vida... "Para as almas grandes uma vida verdadeiramente fecunda tem infinitamente mais valor que todos os bens externos que se sacrificam ao apostolado".

É esta uma das razões... de sua imortalidade (causa psicológica). (L. 190)

A idéia de Deus que implanta nas consciências... não é uma noção abstrata — é uma potência de vida...

Religião concreta e precisa — consciente de seu fim. A idéia do reino de Deus é tomada a sério... A maior soma de fôrça organizadora... una e consciente de seus fins...

http://www.obrascatolicas.com

— uma porção da humanidade foi unificada e elevada ao grau mais alto de vida espiritual. O que nos ensina a história repete-se na vida individual das consciências — quanto mais vivemos na Igreja e da Igreja... mais se unifica e mais se eleva a nossa vida interior. Mais combatemos o egoísmo que esteriliza e nos universalizamos.

O PODER DE MAGISTERIO

A Igreja não é o próprio fim — O poder de govêrno pelo qual se mantém não é um fim absoluto — Além dêle há outros poderes que asseguram os fins visados por Cristo, distribuição da verdade e da graça... (L. 142, 143)

Poder de magistério e *poder de ordem* (sacerdotal ou santificador) — Poder de magistério — Cristo trouxe-nos um tesouro de verdades — uma palavra à consciência religiosa da humanidade. Verdades teóricas e práticas. Ide, ensinai... a *fazer*... (*res fidei et morum*). Necessidade da infalibilidade para a Igreja nos transmitir os ensinamentos de Cristo. (Irc, 136)

Não basta a Bíblia (137-138)
Prova escriturística (142 e segs.)
Razão teológica (42)
Consciência da Igreja (142 e segs.)
Imutabilidade da Igreja (144)
Evolução do dogma (145)
Sujeito da Infalibilidade

Passivo: Tôda a Igreja
Ativo: 1.º) O colégio episcopal — magistério ordinário — concílio ecumênico

2.º) *O Papa.*

Infalibilidade não é impecabilidade

Infalibilidade não é privilégio concedido à pessoa mas à função (161)
de Doutor supremo, quando (162)
ensina tôda a Igreja
definindo

Objeto

verdades relativas à fé e aos costumes (163)

Argumento escriturístico (182)

http://www.obrascatolicas.com

A DIVINDADE DA IGREJA

* A inteligência, já convencida, por evidências filosóficas, da existência de Deus, que deseja certificar-se racionalmente do fato da teofania ou comunicação sobrenatural feita à humanidade, entreabre-se a perspectiva de duas vias diversas: uma analítica, outra sintética. A primeira remonta à origem da religião que se diz revelada e, depois de assegurar-se, com critérios históricos, da existência dos fatos que lhe deram o berço, examina com critérios filosóficos a sua natureza, se nêles há caracteres que manifestem a sua transcendência e atestem uma intervenção divina.

No caso concreto do cristianismo, êste *método descendente* começa por estudar primeiramente o grande fato do Cristo, a sua divindade, por êle inequìvocamente afirmada e provada com obras que trazem o sigilo inconfundível de Deus; passa em seguida a estudar-lhe a mensagem divina, contida nos Evangelhos, os caracteres da instituição por êle fundada e depois històricamente, entre as diferentes confissões que se dizem cristãs, investiga qual delas traz em si êstes sinais distintivos do cristianismo autêntico e primitivo.

O método *ascendente* segue uma direção oposta; começa pelo presente e remonta històricamente ao passado, concluindo a divindade de Cristo da divindade da sua Igreja. Esta instituição atual, contemporânea, nossa, e cuja história nos é acessível, como a história das outras instituições, que se diz depositária de uma revelação sobrenatural, traz realmente na sua fronte impressos êstes sinais transcendentes que sejam uma garantia divina da verdade de sua afirmação? Na sua existência, difusão e conservação, na eficácia de sua inexaurível e onímoda fecundidade moral e religiosa, não há algo de superior ao simples jôgo das fôrças humanas, algo de único e de extraordinário a exigir uma assistência particular da Providência, numa palavra, um *verdadeiro milagre de ordem moral?* Se assim é, a Igreja é divina, e podemos racionalmente fiar-nos do seu magistério e receber dos seus lábios a verdade sôbre as suas origens transcendentes. Destarte, por vias *extraordinárias*, conclui-se a divindade de Cristo do caráter divino da maior das sua obras; enquanto, no método descendente, partindo da exegese dos evangelhos, estabelece-se a divindade de Cristo que, do passado, projeta os seus esplendores sôbre a imensa instituição religiosa que lhe prolonga a missão através das idades.

---

* Conferência pronunciada em reunião do Centro D. Vital, a 26 de julho de 1929.

Esquema:

Dois métodos apologéticos: ascendente e descendente.
Consideremos a Igreja atual.
Desordens individuais: valor das instituições.
A Igreja maravilhosa.
I — *Na sua existência* — O fato de 20 séculos de estabilidade.
Sempre perseguida.
Esta duração foi prevista: é um direito.
II — *Na sua natureza*
A — *Coerência e imutabilidade doutrinal.*
Impossível às escolas e religiões.
Fato na Igreja
(Condenações doutrinais da Igreja — como apreciá-las).
(Não foi dito êste último ponto).
B — Eficácia santificadora
Conservação dos *princípios* morais.
Eficácia civilizadora e moralizadora das massas.
Poder de suscitar heroísmo,
vida religiosa,
santidade,
Amemos a Igreja.

http://www.obrascatolicas.com

Contemplamos o Cristo: contemplemos a sua Igreja.

Ante o espetáculo singularmente imponente desta grandeza espiritual que há 20 séculos enche as páginas da nossa civilização, o observador pode assumir duas atitudes diversas.

A primeira é a da malevolência acanhada, sistemàticamente detratora e incapaz de elevar-se às eminências intelectuais donde se abraçam, em vista panorâmica, a grandeza e as diretrizes dos grandes movimentos da história. É a atitude dos espíritos superficiais e hostis que, levados por uma curiosidade mórbida e pela sedução doentia do escândalo, não vêem na Igreja senão as fragilidades humanas dos que a representam. Comprazem-se em assoalhar as decadências morais dêste ou daquele católico; exumam nas velhas crônicas dos mosteiros, episódios vergonhosos de monges e monjas, positivamente abaixo da grandeza de sua vocação: triunfam quando na vida de algum bispo, de algum dissipado cardeal da Renascença, ou mesmo de algum pontífice supremo, podem apontar uma vitória do espírito mundano sôbre as austeridades ascéticas em harmonia com a dignidade de sua função. Neste afã inglório de afuroar escândalos e revolver lodaçais, quase sempre a paixão lhes turva a serenidade da vista: inventam, falsificam, exageram, malsinam. De mistificações malévolas e ridículas como as da papisa Joana está cheia a história. — Mas, ficando ainda no campo da mais estrita verdade, o material colhido por um crítico unilateral daria para encher volumes de crônica escandalosa. Que concluir daí?

Para nós católicos, se êste espetáculo nos é doloroso ao coração, não constitui para a inteligência a menor das dificuldades. Cristo nos advertiu de antemão. A Igreja militante não será uma sociedade de perfeitos, será uma sociedade de humanos, onde haverá santos e pecadores. Lêde a seção do evangelho, onde se desenvolvem as parábolas do

Reino: a coexistência de bons e maus aí volta quase com a freqüência de um estribilho. O reino dos céus é semelhante a 10 virgens, cinco fátuas e cinco prudentes... a um lanço colhido pela rêde do pescador... a um campo onde cresce o joio e o trigo...

No ponto de vista da *doutrina cristã,* tampouco, nada há que possa oferecer pega a um princípio sequer de objeção séria. A graça santifica a natureza, não a destrói; ilumina-nos a inteligência fortifica-nos a vontade... mas a sua ação é condicionada pelo concurso da nossa liberdade. *Qui creavit te sine te...* O batismo que nos incorpora na sociedade dos remidos não modifica automàticamente as nossas tendências, os nossos instintos, e em adultos, os mais hábitos, por desventura adquiridos. A nossa elevação moral é uma conquista, é o resultado de um esfôrço de colaboração entre Deus e o homem, a graça e a liberdade. Êste é o grande mistério que constitui a nobreza das almas livres (sêres racionais), e o pêso terrível de suas responsabilidades. O batizado conserva a sua liberdade e por esta porta sofre as influências intelectuais e morais, nobilitadoras ou dissolventes, do ambiente social que o envolve ou a que se expõe. Daí a triste possibilidade, perenemente renovada, de vontades que fraqueiam, capitulam ante o assalto das paixões e aceitam, sem protestos, o jugo humilhante de sua tirania.

Para os que não são católicos, de fato, ou por abstração metodológica, lembramos a advertência racional de LAMENNAIS: "Deixar-se impressionar pela fraqueza dos indivíduos e descurar o espírito geral das instituições é sinal de inteligência acanhada." A Igreja é uma instituição e como tal deve ser julgada pela razão leal; das ações individuais dos seus membros não é responsável senão na medida em que as aprova e sanciona, ou são uma aplicação lógica e coerente dos seus princípios. Deixemos esta ignóbil emprêsa de explorar escândalos ante as multidões irrefletidas, aos li-

http://www.obrascatolicas.com

belistas sem consciência, ao sectarismo de uma polêmica sem elevação.

Ponhamo-nos, sinceramente, em face desta majestosa instituição que se diz depositária de uma doutrina divina, salvadora das almas, e vejamos se há na sua fronte algum raio de divindade. Cristo, quando o interrogavam sôbre a sua missão, respondia: "Se não me quiserdes prestar fé às minhas palavras, crede às minhas obras." *Ipsa testimonium perhibent de me.* Ao mundo, a Igreja, como o Cristo, apresenta também as suas obras: e estas dão testemunho da sua natureza.

I

A primeira maravilha que a Igreja apresenta aos olhos deslumbrados dos que a contemplam é a sua *própria existência.* Dois mil anos de vida são penhor de uma estabilidade invicta. Estabilidade diz mais que duração: dura tudo o que não cessa de existir, tudo o que atravessa o tempo, ainda sob a metamorfose de estados diversos, sob a multiplicidade de uma série de avatares. A estabilidade implica duração *contínua,* permanência do passado no presente, ininterrupção na vitalidade de um organismo essencialmente idêntico a si mesmo. Tal é a duração da Igreja: a sua constituição política, a sua doutrina, os seus ritos — nos seus elementos essenciais, são hoje o que eram no princípio. Êste fato é único. Não há hoje nenhuma instituição contemporânea da infância da Igreja. MACAULAY, numa página célebre, ressaltou, com enérgico relêvo, esta singularidade veneranda: Cf. *Relíquias,* pág. 161.

A lei infatigável, que condena a irremediável caducidade tôdas as instituições humanas, parou, respeitosa, ante esta perenidade de vida superior e alçada de sua jurisdição.

O fato cresce ainda de alcance quando *se pormenorizam as circunstâncias desta duração* invencível. A Igreja, na sua doutrina, na sua moral, não lisonjeia nenhuma das paixões humanas: abate todos os orgulhos e mortifica tôdas as sensualidades. Podeis, portanto, estar certos que na sua história ela encontrará sempre, armada contra si, a coligação de tôdas as paixões, isto é, o mais formidável poder destruidor das instituições. Sua história é uma história de lutas; ela não atravessa os séculos como uma múmia egípcia, embalsamada na imobilidade silenciosa e feia das cavas de um hipogeu. Ela estará sempre na arena, a receber em cheio no peito os golpes das fôrças mais terríveis que a paixão pode armar para derribar os obstáculos que se opõem à realização de suas aspirações. E nenhuma destas fôrças, que tudo destroem, destruiu a Igreja. Todos os cetros que se levantaram contra ela, fôssem de Nero ou Diocleciano, partiram-se; tôdas as espadas, empunhasse-as embora o braço de um Napoleão, embotaram-se; tôdas as políticas, fôssem de um Juliano Apóstata, de um Henrique IV, ou de um Bismark, acabaram penitentes em Canossa ou impenitentes saudando a vitória do Galileu. As aspirações de cada época, no que tem de mais sedutor, na fascinação da moda, elevaram-se contra a Igreja como um anacronismo de eras superadas; elas passaram e a Igreja ficou. Combateu-a o século III, em nome da Sabedoria, da Gnose, última expressão da filosofia moderna, síntese de platonismo e aristotelismo caldeados com o pensamento oriental e representados por Plotino, Porfirio, Jâmblico, os grandes nomes do tempo; passou a Gnose. Combateram-na os séculos IV e V, em nome da conciliação das exigências racionais com os textos evangélicos; passou o bizantinismo das heresias cristológicas. Combateu-a a Renascença em nome das belezas clássicas do paganismo; combateu-a o século XVIII, em nome da Filosofia, o século XIX, em nome da ciência, o século XX,

http://www.obrascatolicas.com

em nome da vida integral. E cada novo combatente que desce na arena começa por acusar de inepta a tática dos que o precederam; a Igreja, êles a encontram sempre viva. E esta luta recomeça a cada instante, porque as paixões não desarmam. "A luta é séria e sem quartel. Não se trata de refutar o papismo, mas de o extirpar; não só de o extirpar, mas de o desonrar; não só de o desonrar mas... de o afogar no todo". (QUINET). "Heresias nacionais, religiões modernas, seitas, crenças emancipadas, escolas de livres pensadores, sistemas, filosofias, tudo o que vive, tudo o que respira, deve entrar neste grande e supremo esfôrço." (*Apud* A. EYMIEU, *Deux arguments,* págs. 155-6).

E tudo tem entrado e tudo fica. Que instituição teria resistido à ininterrupta ação corrosiva de tôdas as fôrças de destruição, desde a idéia até a espada?

E a Igreja resiste: na sua juventude de 20 séculos não apresenta nenhum sintoma de esclerose senil.

É uma novidade singular na história esta duração indestrutível. Há mais, ainda. *A vitalidade da Igreja não é um simples fato, é um direito.* Não é o resultado fortuito de uma convergência única de circunstâncias favoráveis, é a realização de um plano traçado de antemão a que obedecem, em virtude de um poder incontrastável, o curso dos acontecimentos e as agitações dos homens. A sua não é uma estabilidade invicta; é uma estabilidade invencível. Quando a Igreja inaugurou a sua existência histórica, na sua Constituição fundamental havia um artigo que era uma promessa de imortalidade. Sôbre ela não prevaleceriam os poderes inimigos; sôbre ela não se fechariam nunca as portas da morte. Quem a fundou continuaria a assistir-lhe até à consumação dos séculos. Ainda uma vez eis-nos fora das leis humanas. Que instituição, se não tem por si uma Promessa dAquele, cujo poder infrustrável rege os homens e os fatos, pode entrar no cenário da história e dizer intrèpidamente: Sôbre mim a morte não estenderá a alçada de sua jurisdição universal; a minha vida medir-se-á pela totalidade dos séculos; enquanto por êste planêta peregrinar a humanidade, ávida de verdade, de paz e de vida, eu estarei ao seu lado orientando as suas esperanças imortais para o Pólo divino das almas, o Infinito da Luz e o Infinito do Amor?

O que nenhuma instituição humana, na consciência indestrutível de seus destinos irremediàvelmente precários, ousaria nunca afirmar, afirmou-o sumamente a Igreja no primeiro dia de seu humilde nascimento. E uns após outros os anos, os séculos, os milênios deslizam e enquanto arrastam para um passado irrevogável tôdas as caducidades humanas, não lhe enrugam sequer a fronte, respeitando e realçando o sinal divino na vitalidade intangível de sua juventude imortal.

II

O simples fato da existência da Igreja já rompe o quadro habitual das leis psicológicas e morais que emoldura os destinos históricos das criações humanas. O estudo da sua *natureza* ainda nos radica mais fundo a convicção de que nos achamos em face do transcendente.

A Igreja apresenta-se-nos à inteligência como uma instituição espiritual depositária de uma mensagem divina à humanidade: patrimônio das verdades mais altas que dominam tôda a nossa atividade moral, tôda a nossa vida no que ela tem de mais profundo; tesoiro de meios práticos eficazes para a realização plena dos nossos destinos aqui e além, na pátria das coisas definitivas. Definir-se assim é assumir ante a razão o pêso de responsabilidades formidáveis. E aí estão 20 séculos de experiência a oferecer-nos um campo imenso de observação em que nos é possível averiguar se a

http://www.obrascatolicas.com

realidade correspondeu às exigências racionais, a quem deve iluminar sem eclipses, santificar sem desfalecimentos.

Uma instituição a quem foi confiada divinamente um núcleo de verdades essenciais à vida espiritual do homem *não pode contradizer-se*. A contradição é o sinal do êrro, é o ferrête da mentira. A contradição é o aniquilamento das idéias, que se entredestroem, é a morte da razão, é a ininteligibilidade das idéias a refletir, no mundo lógico, a ausência de realidade no mundo ontológico, o absurdo que responde ao nada. Só a verdade é sempre e em tôda a parte coerente consigo mesma. A coesão doutrinal é a convivência amiga de uma verdade com outra, é a harmonia interior da inteligência, é a solidariedade lógica das idéias que podem coexistir como existe a realidade que elas espelham. Esta coesão, atributo inseparável da verdade, deve estender-se a tôda a doutrina no espaço e no tempo, coesão simultânea e coesão sucessiva, coesão entre todos os elementos especulativos e morais que devem constituir uma verdadeira síntese ou harmonia de partes componíveis e coesão entre as afirmações que se vão renovando no tempo. Nada mais racional que esta exigência: a verdade é sempre a mesma. Nada, porém, mais difícil, nada tão superior às deficiências da falibilidade humana. Uma doutrina religiosa é o que há de mais complexo: implica uma solução filosófica de todos os grandes problemas que dominam o pensamento e a ação. Natureza de Deus e natureza do homem, origem e destinos da criatura, relações entre o finito e o infinito; a solução do problema religioso "entrosa pelos seus princípios com tôdas as rodas do pensamento e pela sua moral com tôdas as rodas da ação". E ei-lo em contato forçado "com todo o mundo das idéias e com tôdas as realidades da vida". E todo êste complexo especulativo-prático deve marchar com o tempo, ao ritmo lento ou acelerado da civilização. Cada nova ordem social põe-lhe novos problemas e novas questões: negar-lhes uma resposta é deixar-se ficar para sempre atrás no olvido

das coisas mortas; cumpre responder, para ficar à altura da sua missão, e esta resposta não pode deixar de ser a expressão da verdade; um expediente, uma evasiva ditada pelas circunstâncias, poderia, amanhã, com o descobrimento de novos fatos ou uma mudança de opinião, constituir um embaraço inextricável. Ora esta exigência, que parece tão elementar, supera positivamente as fôrças humanas. Não seria difícil mostrá-lo ficando no domínio puramente psicológico; desçamos, de preferência, à história; ficamos assim no terreno positivo dos fatos. Lançai o olhar sôbre tôdas as religiões, sôbre tôdas as escolas filosóficas. Não há uma só que tivesse resistido a esta prova decisiva. PLATÃO e ARISTÓTELES, dois gênios de envergadura excepcional, fundaram suas escolas que podiam pretender à imortalidade: que é delas? não duraram uma geração. KANT é de ontem; não encontrareis hoje um filósofo que lhe subscreve tôdas as teses; há neokantistas, isto é, discípulos que se inspiram do mestre, mas se reservam o direito de cortar, corrigir, acrescentar, retocar etc., e quem os pode pôr de acôrdo? Baden e Marburgo, Berlim e Colônia são inconciliáveis. Bergson é ainda vivo; que já não fizeram da sua doutrina, os seus discípulos que a quiseram interpretar? Passai às religiões. Buda esperava que a sua doutrina chegasse a cinco séculos: "A doutrina da verdade, ó Amanda, não se conservará por mais de 500 anos". (HUGUÉNY, I, 187). Foi muito esperar. Um ou dois séculos depois já se tinha modificado essencialmente; o agnosticismo ateu, por êle pregado como uma terapêutica aos males da vida, transformou-se em politeísmo vulgar; o próprio Buda entrou no panteão dos templos indus a ocupar um lugar mais alto entre outros deuses menores; é muita contradição; na China, no Tíbete, no Japão, ao contato com outras idéias, modifica-se substancialmente e através dos séculos vai passando por inúmeras metamorfoses: hoje

http://www.obrascatolicas.com

a identidade de um nome cobre, no espaço e no tempo, um caos de contradições. Podeis isolar daí diamantes; mas a realidade histórica tem mais ganga do que carbonos. Confucionismo e maometismo... E estas religiões mais simples e menos complexas, limitadas a uma raça ou a uma região, evolveram em civilizações quase estacionárias. Quereis ver o que é uma religião, que se diz revelada, nas mãos de homens falíveis, quando não a protege a assistência infalível de Deus? Considerai o protestantismo, que se desenvolveu no mesmo ambiente histórico que o catolicismo e ao seu lado. É de ontem; não tem quatro séculos; começou tendo já o cristianismo todo formado e por assim dizer cristalizado por 15 séculos de provas. Não teve que lutar contra o paganismo; não atravessou as crises das invasões bárbaras nem as provações da Idade Média. Que de mais fácil que conservar intato êste magnífico patrimônio religioso? Mas o homem quis corrigir a obra divina; arrancou-lhe uma ou duas peças que lhe pareceram desnecessárias. Em miserando desmoronamento, tudo ruiu por terra. No dia seguinte ao da separação de Roma, começam a pulular as seitas numa fecundidade pasmosa e indefinível; hoje já não têm número. As estatísticas acusam centenas e centenas.

Na Inglaterra, o *Witaker's Almanak* já não lhes dá mais a lista oficial; na última publicada em 1877 contavam-se 293.

Nos Estados Unidos o *Word Almanak* de 1921 enumerava 184 *denominações,* cada qual subdividida em grupos numerosos — os Metodistas em 19, Batistas em 15, Presbiterianos 12, Luteranos 25; há nomes grandes e compliciados para minúsculas entidades:

General Six Principles Baptists com 6 templos e 546 membros. Two Seed in the Spirit Presdestination Baptist com 36 templos e 679 membros. Church of Daniel's Band, com 5 ed. e 322 membros. Apostolic Church com 2 ed. e 112 membros.

As estatísticas simplificam muito a complexidade real das coisas. O *Witaker's Almanak* reunia os congregacionalistas inglêses sob duas rubricas; na realidade a 1.ª compreendia 4.700 comunidades e a 2.ª, 40. Duas denominações nas estatísticas correspondem a 4.740 grupos religiosos diferentes.

Mas as seitas não são ainda uma unidade: são apenas um nome, uma *razão social,* que acolhe, por motivos financeiros ou administrativos, as crenças mais diversas. Sob a High Church abrigam-se as opiniões mais disparatadas. O cristianismo doutrinal fragmentou-se, pulverizou-se, atomizou-se completamente. É coisa sabida e confessada. Em DOUMERGUE: "De dia para dia vamos ouvindo mais que já não há pontos essenciais ou fundamentais... Para aquêles, cujo bom senso não pode admitir que uma religião, uma Igreja não tenha doutrina, é a dúvida, a hesitação, a inquietude, o mêdo". (Cfr. *Et.,* 1923, avril, pág. 81.)

NICOLAU HARMS, em princípios do século XIX: "Eu poderia escrever na unha do meu polegar o que ainda subsiste de dogma admitido geralmente pelos protestantes". (EYMIEU, *Deux arguments,* págs. 202-3.)

Dr. ZAHN: "Tudo se dissolve. A igreja histórica da Reforma já não existe. Caminhamos para o paganismo". L. F., pág. 292.

Os protestantes sempre, mas principalmente hoje, sentem a nostalgia da unidade; multiplicam-se os Congressos e as conferências internacionais. São de nossos dias as de Lambeth, Stochkolm, Losana... Muitos discursos. Impossibilidade absoluta de formular um símbolo comum, um punhado de verdades essenciais unânimemente admitidas. Hoje não há uma só verdade positiva, uma só afirmação que possa caracterizar o protestantismo. Quando êstes pastorezinhos opõem nas suas estatísticas aos quase 400 milhões de católicos, os seus 200 milhões de protestantes — ou são

http://www.obrascatolicas.com

muito ingênuos ou exploram a credulidade. Hoje o protestantismo histórico já não existe. Só lhe sobrevive o nome a cobrir, com o seu negativismo indefinidamente elástico, as mais disparatadas formas do livre pensamento; não renunciaram de todo a embalsamar as suas mais contraditórias concepções com o perfume religioso de um cristianismo volatilizado.

Pois bem, o que nenhuma escola filosófica, o que nenhuma forma religiosa conseguiu realizar, fundou e conserva há 20 séculos a Igreja Católica: uma sociedade pública das inteligências. Nela a imutabilidade doutrinal é um fato. O nosso símbolo, não o volatilizaram os séculos. Não rasgamos uma só página do Evangelho, não riscamos um só artigo do nosso Credo. A síntese dos nossos dogmas que recitavam os catecúmenos recém-vindos do paganismo na penumbra protetora das catacumbas, que entoava S. Ambrósio na sua Catedral de Milão ou Agostinho na sua minúscula Hipona, ecoa hoje em Roma e em Paris; em Londres e Berlim, sob a abóboda das nossas catedrais ou os salões artesoados das nossas Universidades, na Europa e na Africa, no Alaska ou nas ilhas perdidas da Polinésia, repetida pelos lábios de Afonso XIII ou de Alberto I, de Pasteur ou de Cauchy. A unidade católica é um fato. A Igreja não teme a análise serena da crítica nem o testemunho da história. Vêde com que admirável intrepidez, em pleno século XIX, ela define a infalibilidade dos seus Pontifices. Definir a infalibilidade de quem tem atrás de si 18 séculos de existência e após si tôdas as incertezas do porvir, singular arrôjo! Não há fragilidade de ombros humanos para os quais não seja carga insuportável o pêso de uma infalibilidade. Só a Igreja pode fazer estas promessas, só ela pode mantê-las. "Ela nunca renegou o seu passado e nunca se limitou a repeti-lo; ela guarda o seu depósito divino e apresenta sempre recursos novos, os oráculos que ela pronuncia

ligam-na para sempre e ela atira sempre ao mundo o seu desafio... quem de vós me convencerá de êrro?... O Passado que ela imobiliza e eterniza, não a arrasta nunca". (OLLÉ LAPRUNE, E. Roupain, II, 395). Não é nunca um pêso, morto. Ela realiza o *ideal perfeito da verdade viva*: verdade sempre imutável, verdade sempre adaptada, na sua atualidade eterna, às contingências que passam. *Digitus Dei est hic*. Se a Igreja não dispusera de outros meios superiores aos dos filósofos ou dos fundadores humanos de religiões, ela não teria realizado êste milagre na ordem intelectual.

Uma pequenina digressão. Das eminências desta altura podereis agora julgar, com justo critério, a atitude da Igreja ao defender com suscetibilidade intransigente a integridade do seu dogma. Há momentos dolorosos na sua história, em que um homem, um partido, uma nação, se deixam seduzir pelas aparências da vaidade, ou fascinar pela sedução do orgulho e pretendem inovar, pedem à Igreja que risque um artigo do seu credo, esvazie uma fórmula dogmática de seu conteúdo tradicional, que se acomode ao tempo, ao progresso, às exigências da opinião pública, sob pena de passar, de envelhecer, de ser arrastada e vencida pela onda irreprimível do novo que substitui vitoriosamente o antigo. A Igreja, representada quase sempre por venerando ancião inerme, com uma intrepidez que desorienta tôdas as prudências humanas, à coligação de tôdas as fôrças às quais parece sorrir o triunfo do futuro, opõe a intransigibilidade irredutível do seu *non possumus*.

Se o seu *veredictum* vai sacrificar algum dos seus filhos, ainda aureolado pelos esplendores do gênio, confrange-se-lhe de dor o coração materno, mas ela não hesita. Não faltam então espíritos superficiais que lhe atirem em rosto a acusação de intolerância, de despotismo das almas, de tirania das inteligências. Não, a Igreja é fiel ao seu dever — feito de uma exigência de lógica e de uma exigência de caridade. A Igreja não pode modificar arbitràriamente o seu

http://www.obrascatolicas.com

ensinamento; ela é apenas mandatária, depositária de uma doutrina que lhe foi divinamente confiada: sua missão é dar testemunho à verdade; é conservá-la incorrupta através das vicissitudes históricas; para isto — para ensinar tudo, Cristo lhe mandou, ela tem promessa de uma assistência até ao fim dos séculos. E ela nunca será infiel à sua missão. E a verdade é imutável; se era exato ontem que Deus tem direito à obediência do homem, sê-lo-á sempre; se ontem a natureza de Deus comportava a distinção de três hipóstases na Plenitude infinita do Ato puro, sê-lo-á sempre; porque na natureza divina tudo é necessário; se ontem era verdade que Deus havia assumido a natureza humana, sê-lo-á pelos séculos infinitos. Desdizer-se, desmentir-se fôra para a Igreja assinar a sua abdicação; destruir-se, cessar de ser o que dela está escrito em São Paulo: *firmamentum et volumna veritatis*. Que outros aspirem ao relativismo polimorfo; deixem-nos ao menos a glória de respeitar os direitos da razão salvando a dignidade da coerência doutrinal. Dever de lógica, mas sobretudo dever de caridade. O primeiro e o maior dom do amor é a verdade (ver desenvolvimento na Conferência sôbre o Cat., págs. 11-13). A missão da Igreja é conservar no seio do gênero humano a verdade religiosa em sua plenitude. Ah! que fôra do cristianismo, se por impossível a Igreja pactuara com o arianismo no século IV ou com o protestantismo no século XVI. Conservando com a sua inevitável intransigência a verdade divina, a Igreja dá à humanidade o mais alto testemunho do seu amor. E mesmo aquêles revoltados no seu orgulho pelas suas definições doutrinais, quando amanhã, serenados os estos da paixão, voltarem ao seu grêmio, ela lhes estenderá os braços fiéis e lhes oferecerá de novo o inestimável dom da verdade que salva.

As intransigências dolorosas mas inevitáveis da Igreja defendem e protegem contra as paixões o tesoiro da verdade que liberta: *veritas liberabit vos*.

Depositária de uma verdade revelada, a Igreja conservou-se maravilhosamente fiel à sua missão de iluminar as almas; e não menos fiel à de santificá-las. O tempo impõe-nos aqui o dever de sintetizar ainda mais um material imenso.

Antes de tudo, única entre tôdas as sociedades religiosas, a Igreja não transigiu nunca com a violência e a sedução das paixões humanas; o seu ensino moral é imaculado. Maomé sanciona a poligamia, Lutero e Melanchton aprovam e justificam a bigamia do landgrave de Hesse; e não há desregramento moral que não possa invocar o patrocínio de alguma seita protestante. Na Igreja, se os indivíduos têm manchas, a instituição, a doutrina é imaculada. O Bulário de Alexandre VI é irrepreensível. Nesta firmeza intransigente de um magistério moral, a Igreja oferece aos seus membros uma fôrça de moralização superior à de tôdas as outras confissões religiosas que abandonam as doutrinas (quando as têm) às flutuações dos indivíduos ou à eterna revisão dos seus doutores graduados. A primeira condição para ser bom é ter convicções profundas: "a convicção exerce sôbre nós tal influência que nos domina sem violentar; e se nem sempre nos leva às resoluções necessárias deixa-nos ao menos, na impressão clara e persistente do nosso ilogismo" (*Prat. progressive,* II, 94-5), um princípio vivaz de regeneração moral.

Mas a Igreja vai além; esta doutrina moral elevada, como nenhuma outra, ela possui a fôrça de transformá-la em realidade viva; depois de iluminar as regiões superiores da consciência onde se elaboram as grandes resoluções orientadoras da vida, desce ao campo da prática e aí ela sustenta, ela robustece o espírito de sacrifício indispensável à sua execução. Não há como resumir o que a Igreja tem feito para a moralização e civilização da humanidade nestes 20 séculos. "E se êste testemunho não exerce mais eficácia nas nossas almas é, entre outras razões, pelo péssimo há-

http://www.obrascatolicas.com

bito de julgarmos as coisas pelo pálido reflexo que projetam atualmente nas nossas almas". Mas há algo de infinito na quantidade e na qualidade das obras suscitadas no curso dos séculos pela fecundidade inexaurível da Igreja. Os direitos da criança, a dignidade da mulher, a santidade da família, a inviolabilidade da pessoa humana, a caridade, a solidariedade humana, a reabilitação do trabalho, o espírito de dedicação social — tudo isto é fruto espontâneo do ensino e da ação da Igreja. O paganismo não conhecia hospitais, nem asilos, matava as crianças, rebaixava a mulher e escravizava os vencidos. Nossa civilização é essencialmente cristã e mesmo os que se acham hoje fora do grêmio da Igreja Católica são seus tributários; o que nêles há de elevado e nobre são ainda sobrevivências cristãs que tão profundamente impregnaram a nossa atmosfera moral que é impossível respirá-la sem cristianizar-se, ao menos parcialmente. Mas lembrem-se que estas grandes realidades espirituais sem as quais não se conserva a vida dos indivíduos e dos povos, só a Igreja as conserva na sua integridade incorrupta e na plenitude de sua eficácia prática; longe dela e na razão direta do quadrado das distâncias, entram a empalidecer, no brilho da sua evidência, e a entibiar no vigor de sua energia realizadora. É ainda a lição da história. Ouvi o testemunho insuspeito.

TAINE: "O cristianismo é o grande par de asas indispensáveis para elevar o homem acima de si mesmo, acima das vistas rasteiras e de horizontes acanhados, para o levar, através da paciência, da resignação e da esperança, até à serenidade; para o alçar, além da temperança, da pureza e da bondade, até à dedicação e sacrifício. Sempre e em tôda a parte, há 1.800 anos, quando estas asas se quebram ou desfalecem, degradam-se os costumes particulares e públicos. Na Itália durante a Renascença... Quem considerou de perto êste espetáculo, pode apreciar a contribuição do cristianismo nas sociedades modernas: o que nelas introduziu de pudor, de doçura, de humanidade; o que nelas mantém de honestidade, de boa-fé e de justiça. Nem a razão filosófica, nem a cultura artística e literária, nem mesmo a honra feudal, militar e cavalariana, nenhum código, nenhuma administração, nenhum govêrno é capaz de o substituir nesta função. Só êle (*il n'y a que lui*) é capaz de nos deter neste declive fatal e com todo o seu pêso original, a nossa raça vai retrogradando para os abismos; o antigo Evangelho... é ainda hoje o melhor auxiliar do instinto social". (*Origines de la France contemporaine; le Régime moderne,* Hachette, 1891, t. II, págs. 118-119.)

Ao lado desta influência moralizadora exercida nas grandes massas, não esqueçais o poder admirável da Igreja de suscitar heroísmos: o *heroísmo da vida religiosa*. Cada posteridade que se levanta dá centenas de milhares de virgens e castos de um e de outro sexo, ao culto de Deus, à santificação das almas, à instrução das inteligências, à oní-moda beneficência corporal e espiritual. Não há chaga física sôbre a qual a caridade católica não tenha vertido um bálsamo de alívio, não há sofrimento moral para o qual ela não possua a eficácia de uma consolação. Quando os homens, cansados de pecar, cansados de si mesmos, cansados da baixeza humana, vêm a êste "hospital das almas", nunca se arrependem. A expressão é de um dêles, HUYSMANS, que acrescenta: "Ao menos aí nos recebem, nos acolhem, nos cercam de cuidados; na clínica do Pessimismo dizem-nos o nome da doença e voltam-nos as costas".

O heroísmo da santidade, na plenitude magnífica desta grande palavra. As histórias profanas — que são o oráculo das meias-culturas e dominam os programas oficiais, fingem desconhecer a existência dos santos; mas a sua vida são as páginas mais belas e que mais honram a nossa pobre humanidade. Um santo é um homem justo, sincero, simples, para o qual o heroísmo é um programa de vida e a dedicação não é uma palavra vã. Porque são todos de Deus,

http://www.obrascatolicas.com

são todos de seus irmãos; todos a colaborar no bem comum com um sentimento profundo da fraternidade humana alimentado pela percepção viva e vivida da comum paternidade divina. Um só dos nossos santos já representa um milagre de ordem moral; e a Igreja produ-los aos milhares, em todos os países, em tôdas as épocas, em tôdas as idades: há-os que um culto público aureola com uma homenagem de glória; há-os muito mais numerosos que pedem a Deus, como recompensa dos seus trabalhos, o passar despercebidos na humildade do esquecimento. Ante êstes vultos singulares de grandeza moral, a própria incredulidade descobre-se reverente. Santo Agostinho, São Francisco de Assis, São Vicente de Paulo e tantos outros impõem-se à admiração unânime de quantos os quiseram conhecer de perto. E dizem que, se tôda a humanidade atingira a sublimidade destas eminências espirituais, bem outra seria a sorte das nossas sociedades. Arquivemos a confissão preciosa: A Igreja Católica possui o ideal da perfeição humana e só ela é capaz de realizá-lo.

Resumir e concluir. Se uma inteligência robusta, num exame de puras possibilidades teóricas, se propusera investigar quais os requisitos que deveria preencher uma instituição religiosa, a quem fôra confiada a guarda de uma revelação sobrenatural feita à humanidade, chegaria, sem dúvida alguma, entre pormenores desprezíveis, a estas conclusões essenciais: uma sociedade espiritual assim fundada para o bem das almas deve conservar intato o depósito das verdades divinas que lhe foram confiadas, indispensáveis em todos os tempos para iluminar as inteligências sôbre a elevação dos seus destinos; apesar dos conflitos inevitáveis com as paixões e os abusos da liberdade humana, deverá possuir a fôrça capaz de levar os homens sinceros e de boa vontade ao conseguimento de sua felicidade; mais: esta sociedade, indispensável e insubstituível pela sua própria natureza, deverá perpetuar-se pelos séculos afora, sobrevivendo intata à ruína dos impérios e das dinastias e aos cataclismas das civilizações e das instituições políticas, civis e religiosas. Conhecendo profundamente a natureza e a história da humanidade, a mesma inteligência diria: a realização dêste ideal supera as fôrças naturais; não há exemplo de uma só instituição humana que tenha preenchido um só dêstes requisitos; tôdas passam, tôdas se transformam, tôdas apresentam em contradições inegáveis ou em máculas vergonhosas os sinais indeléveis da falibilidade e da fraqueza do homem.

A Igreja Católica, não. "Nos seus dogmas, na sua moral, nos sacramentos e nos ritos do seu culto, na organização de sua hierarquia, no seu todo harmônicamente disposto e sòlidamente cimentado, ela oferece, adaptada a todos os tempos, uma resposta lógica e prática a tôdas as questões postas pela vida e pela morte, pela inteligência e pelo coração, pela necessidade de raciocinar e pela necessidade de crer, pelo cuidado de si e dos outros, pelo dever e pelo amor, pela virtude e pelo arrependimento, pelo apêlo à justiça e à misericórdia, por tôdas as nobrezas e por tôdas as enfermidades, por tôdas as exigências e por tôdas as aspirações da alma humana. E vinte séculos de existência não a gastaram; humanamente devera volatilizar-se como tudo o mais" (Eymieu, *Deux Arguments*, pág. 228); os séculos não fizeram senão acrescentar-lhe à juventude imortal a venerabilidade dos milênios. Hoje, aí está forte; olhai-a de relance, ou melhor, examinai-a com uma curiosidade minuciosa e exigente: não descobrireis um só dos sinais humanos da senilidade das instituições. E ela não morreu nem morrerá, porque é divina.

E por isto é que nós a amamos; amamo-la, não "só porque é grande de uma grandeza histórica e social, grande pela sua autoridade na ordem da inteligência, santa pela

http://www.obrascatolicas.com

santidade de seus santos; mas porque é o instrumento visível da nossa salvação; é na terra a continuação do Cristo, que invisível opera pelas suas mãos, fala pelos seus lábios infalíveis, santifica pelos seus sacramentos" (BATIFOL, *S. Augustin*, pág. 540). A cada homem, a cada nação, às gerações tôdas que vão desfilando ela oferece e oferecerá sempre intatos todos os tesoiros de verdade e de vida que Cristo ofereceu e destinou à humanidade.

A IGREJA E A CRISE SOCIAL

* Tôda a inauguração representa uma conquista sôbre o passado e uma promessa para o futuro; é uma vitória e uma esperança.

Inaugurar é, antes de tudo, afirmar uma existência nova, e uma existência que de novo se afirma é uma vitória contra tôdas as resistências passivas da inércia, contra as dificuldades da rotina paralisadora, contra os obstáculos que tendem a imobilizar, ao nascer, as iniciativas generosas.

Inaugurar é, depois, lançar para o futuro um programa de atividade benfazeja; tôda a festa de inauguração é verde de esperanças e florida de promessas, como a exuberância de uma primavera.

Inaugurastes, há pouco, amigos e senhores meus, a Sociedade Jurídica Santo Ivo. O que de vitórias já representa esta estréia, bem o podem avaliar os que conhecem as demoras que, a qualquer movimento de organização séria, opõe o nosso meio acentuadamente individualista e refratário aos compromissos severos e sacrifícios desinteressados da disciplina social.

Parabéns, pois, pelos triunfos obtidos, parabéns aos que tiveram a idéia matriz da organização, parabéns aos que, vendo, logo na primeira hora, o alcance das suas inúmeras vantagens, puseram a seu serviço, com o entusiasmo quente e simpático de aplausos animosos, os esforços efetivos de sua colaboração.

---

* Alocução proferida na sessão inaugural da Sociedade Jurídica Santo Ivo, no Palácio da Justiça, a 26 de setembro de 1928.

http://www.obrascatolicas.com

Parabéns, porém, mais vivos ainda, pelas novas perspectivas, que, com o vosso programa de ação, rasgais nos horizontes de vossa atividade futura. As múltiplas finalidades da recém-fundada Associação Jurídica de Santo Ivo convergem fundamentalmente para uma só: valorizar, socializando-a, a influência benfazeja dos juristas católicos na vida intelectual, moral e religiosa do Brasil.

Vós sabeis que a ação é social quando o seu princípio ou o seu têrmo é uma sociedade. Partindo de um grupo social, a ação, pela convergência dos esforços individuais, é mais enérgica; exercendo-se sôbre um grupo social, a ação, pela multidão dos indivíduos que atinge, é mais ampla.

Agir socialmente é, pois, acrescer em intensidade e extensão a nossa atividade; é sobrevalorizá-la qualitativa e quantitativamente.

Ora, para os que temos uma consciência nítida das responsabilidades sociais, esta intensificação irradiante da nossa influência impõe-se com a necessidade indeclinável de um dever.

Não quero aqui explorar o lugar comum fácil de declamar contra os males dos nossos tempos, mas está na consciência de todos que passamos por uma crise social profunda, que parece ameaçar os esplendores magníficos da nossa civilização material. As estatísticas, na frieza de seus números, acusam um crescendo pavoroso na criminalidade juvenil; a administração da coisa pública ressente-se, em todos os seus ramos, de uma diminuição sensível da honestidade profissional; a família, com a complacência de costumes fáceis, entra a vacilar na solidez de sua estabilidade e, aos poucos, vai cessando de ser o santuário do amor e a escola do sacrifício para transformar-se em associação, às vêzes efêmera, de prazer; as classes sociais, insatisfeitas e ávidas, vão-se extremando, separadas por ódios cada vez mais profundos; a autoridade, diminuída em seu prestígio, vê minguar-lhe a fôrça conservadora do corpo social que perde em coesão, unidade e vida.

Não há quem não veja e a seu modo não deplore a realidade e profundeza dêstes males. Não tem outra explicação o êxito extraordinário do livro de SPRENGLER: *"A decadência do Ocidente"* (*Der Untergang des Abendlandes*), senão o haver enquadrado nas grandes linhas de uma filosofia da história a evidência desta realidade.

Há, portanto, indiscutìvelmente, uma questão e uma crise social.

Ora, Senhores, o cristianismo tem a chave de solução para o grande problema.

A Igreja Católica é "o organismo poderoso e incorruptível criado para constituir, no seio da humanidade, o reservatório inesgotável da vida divina do cristianismo, para distribuí-la e renová-la incessantemente na pureza de suas fontes" (Q. KURTH).

Por isso, possui nas suas promessas de imortalidade o segrêdo de seus eternos rejuvenescimentos. Não envelhece; nunca é de ontem; é sempre de hoje na sua perene atualidade, cidadã de tôdas as pátrias, contemporânea de tôdas as idades.

Conheceis a célebre página do protestante MACAULAY:

"Nenhuma outra instituição existe hoje que nos faça remontar com a memória aos tempos em que o fumo dos sacrifícios se elevavam do Pantheon e os tigres e leões saltavam no anfiteatro de Flávio. As mais soberbas casas reais são de ontem comparadas com a dinastia dos Soberanos Pontífices... Ela viu o comêço de todos os governos e de tôdas as instituições eclesiásticas que atualmente existem no mundo.

Já era grande e respeitada antes que os saxônios pusessem os pés na Bretanha, ou o Franco atravessasse o Reno, quando em Antióquia ainda florescia a eloqüência pagã e os ídolos eram venerados no templo de Meca. E existirá ainda em tôda a pujança de seu vigor quando algum viajante da Nova-Zelândia vier, no meio de vasta solidão, assentar-se

http://www.obrascatolicas.com

num arco partido da ponte de Londres e a desenhar as ruínas de São Paulo."

Durante esta existência duas vêzes milenária ela vivificou várias civilizações sem se exaurir em nenhuma delas.

Sim, Senhores, o cristianismo não se identifica com nenhuma época, nem se esgota nos diferentes quadros sociais que se sucedem no tempo; a todos domina, a todos se impõe como condição essencial de vida. No século V tão intimamente havia êle penetrado as instituições e a vida social do império romano que parecia para sempre indissolùvelmente ligado aos seus destinos.

O império romano baqueou como um gigante, golpeado pelos bárbaros, e o cristianismo, livre e vitorioso, abriu os braços às novas gerações, que humanizou, cristianizou e educou para um novo porvir.

Abriu-se então um novo ciclo histórico que irá culminar no século XIII onde se ostenta o máximo esplendor da civilização medieval.

É o século que pensou a *Summa Theologica* e cantou a *Divina Comédia;* é o século que elevou a esbelteza sublime das catedrais góticas, monumentos imortais da sua fé e do seu amor; é o século que viu a fundação do Parlamento Britânico e a elaboração da *Magna Carta* que encerrava o germe de tôdas as legítimas liberdades modernas.

Nunca, talvez, o cristianismo inspirou tão profundamente tôdas as manifestações da vida individual e coletiva: ciência e arte, moral e religião, direito e política, em tudo imprimiu êle o sinête da unidade do seu ideal, tudo aviventou, como uma alma, o corpo. E a civilização medieval passou.

E entre as convulsões profundas que romperam o equilíbrio da Europa, nasceram os tempos modernos. O cristianismo sobreviveu à profundeza dêstes abalos e o século XVII presencia uma esplêndida renascença cristã.

Dos fins do século XVIII datam as idéias que vêm preparando a época contemporânea. As tendências democráticas acentuam-se, as classes organizam-se, os problemas econômicos assumem uma complexidade nunca atingida. As aplicações da ciência diminuem as distâncias, facilitam a verificação das idéias, e dão à grande família humana, dispersa pela superfície do planêta, uma consciência viva da interdependência de seus interêsses e da solidariedade de seus destinos.

Temos a impressão de assistir a uma destas grandes voltas da história, a esta fermentação efervescente em que, nas épocas de tradições, se decompõem os elementos gastos e imprestáveis de um ciclo histórico que declina e se preparam as bases renovadas do porvir.

Pois bem, Senhores, nesta crise de transição, em que se debatem todos os povos, mais ou menos profundamente convulsionados, a Igreja Católica nos aparece, no dizer de H. Massis, como a "única fôrça capaz de restaurar a verdadeira civilização."

Quem poderá negar que ela é atualmente, como outrora, a mais alta autoridade moral do mundo? Só ela fala ao gênero humano inteiro, com acento forte e suave que é privilégio todo seu. E a sua voz, voando de um ao outro hemisfério, vai despertar ecos profundos em centenas de milhões de consciências. Os tronos desabam, as escolas sucedem-se, as doutrinas destróem-se no embate das contradições; a fôrça moral da Igreja eleva-se com uma superioridade tanto mais visível quanto mais profunda é a queda de tudo que não é dela.

E se me perguntardes qual o segrêdo do vigor admirável dêste organismo que, sem conhecer as decadências da esclerose senil, conserva tôda a plasticidade de sua juventude, eu vos responderei: é que só ela conserva a luz e a fôrça indispensáveis à vida espiritual da humanidade.

O homem não vive só de pão, senhores; as almas estiolam-se e morrem de inanição quando só se lhes dá física e química, mecânica e metalúrgica. Precisamos de idéias superiores, precisamos de grandes verdades; não nos basta o conhecimento científico das leis que regem a atividade do

http://www.obrascatolicas.com

mundo material, indispensável à utilização razoável das suas energias. Havemos mister, outrossim, de conhecer estas verdades de ordem espiritual que nos iluminam sôbre o significado da vida, sôbre a orientação da existência, sôbre o nosso valor moral, que projetam uma luz segura sôbre o segrêdo das nossas origens e a grandeza dos nossos destinos imortais.

Sem esta luz superior, o homem degrada-se até à máquina, renuncia à sua dignidade *racional*, passa pela vida, entre dores e lágrimas, sem lhes saber o porque, vive sem grandeza, sem paz verdadeira, sem amor que dure, sem ideal que eleve.

Ora, senhores, a Igreja é a depositária dêste grande patrimônio de verdades que é o maior tesouro espiritual da humanidade. E a luz dêstes princípios imutáveis, como a essência das coisas, projeta clarões de verdade sôbre as grandes questões que nos preocupam. Fora da Igreja, as teorias elaboradas na efervescência das revoluções ou nas esferas interessadas dos partidos ressentem-se necessàriamente das paixões do momento, e, como elas, passam arrastadas na caducidade irremediável das coisas humanas. Só a Igreja conserva êste equilíbrio da verdade, segrêdo da ordem, da estabilidade e da paz.

Ela sanciona tôdas as aspirações legítimas da democracia, mas condena as exaltações mórbidas de uma demagogia, sonhadora de utopias; ela impõe como condição de vida social o respeito à autoridade, mas lembra, aos que a detêm, a sua missão abnegada de servidores do bem público; ela recusa transformar a prosperidade numa função social, que, tentando um nivelamento quimérico, garrotearia todo o espírito de iniciativa e tolheria a expansão das mais justas liberdades, mas adverte aos possuidores que a propriedade tem uma função social, imposta pelas exigências do bem comum e pelos pendores da consciência humana; ela lembra ao capitalismo os deveres postergados da justiça e da caridade, mas impõe ao proletariado limites intransponíveis à reivindicação das suas aspirações legítimas; ela aprova, abençoa e promove tôdas as invenções da indústria e todos os progressos da inteligência que tendem a melhorar as condições da nossa existência terrena, mas recorda ao homem, que é relativo o valor da vida presente, e imortais os destinos da sua natureza racional. Numa palavra, sôbre tôdas as grandes questões da nossa vida individual e social, intelectual, moral e religiosa, a Igreja tem afirmações nítidas que são palavras de vida, ela, a depositária divina das verdades indispensáveis à humanidade, ela, a mantenedora incorruptível da jerarquia essencial dos valores humanos. Ouvi-la é assegurar aos indivíduos a felicidade no equilíbrio interior e aos povos o progresso na tranqüilidade da ordem. Desprezá-la é substituir o movimento orgânico e pacífico pela epilepsia convulsiva das revoluções, o direito pela fôrça, a consciência pela polícia.

Havemos mister de luz para as inteligências, Senhores, mas precisamos ainda mais de fôrça, de sacrifício e de amor para as vontades. O grande mal de sempre mas, de modo muito particular, o grande mal de nossos dias é o egoísmo. O "eu" desordenadamente acariciado usurpa as funções de centro do universo, subordinando a si numa gravitação inatural, tudo o mais: homens e coisas. Daí, a desordem e desarmonia, a ruptura do equilíbrio psicológico, do equilíbrio social, do equilíbrio internacional. Sim, porque o egoísmo é multífero, onde quer que haja um eu, físico ou moral, aí nascerá como excrescência doentia um egoísmo perigoso. O egoísmo individual, o mais forte, o mais profundo, o mais funesto, porque raiz de todos os outros egoísmos, aqui exalta-se em orgulho odioso, desprezador de pequenos e opressor de fracos, ali deprava-se, numa hiper-sexualidade mórbida, encandescida em nossos dias por essa febre neo-pagã de gozar, que devora, em fogo insaciável, saúde, fortuna, família, pudor, honra e virtude.

O egoísmo profissional, esquecido do grande dever de solidariedade, isola as classes e atira-as, organizadas, umas

http://www.obrascatolicas.com

contra as outras em entrechoques formidáveis que tão de freqüente ameaçam a tranqüilidade do moderno viver social.

O egoísmo patriótico manifesta-se em supernacionalismos desequilibrados, em continentalismos estreitos, exagerações teratológicas de um sentimento nobre, para amarmos os outros homens nos quais se multiplica a dignidade da nossa natureza. Sem nos pormos muito sinceramente na escola do sacrifício, nunca aprenderemos as lições sublimes do amor.

Mas fora do cristianismo encontrareis o estetismo elegante de belas teorias altruístas, encontrareis as tentativas generosas de almas que ainda respiram inconscientemente o perfume cristão que embalsama a atmosfera da nossa civilização; mas disciplina coerente, prática eficaz do desinterêsse e do amor, não na encontrareis. Sem os grandes motivos superiores, únicos capazes de coibir sempre os impulsos numerosos, profundos, eternamente renascentes do nosso egoísmo, o homem não faz bem a outro homem senão quando o benfazer a outrem coincide com a satisfação dos seus interêsses pessoais. Não há verdadeira fraternidade humana onde não há sentimento vivo da comum paternidade divina.

Como quereis que no terreno árido da indiferença e do cepticismo, da negação e da dúvida, germine, cresça e frutifique a grande árvore do amor? Quando se restringem os horizontes da vida humana ao círculo estreito dos bens terrenos, exclusivamente propostos às aspirações da nossa atividade, como quereis que reine a paz entre os cidadãos e a concórdia entre as nações, se é precisamente a posse dêsses bens que divide, separa, retalha e inimiza indivíduos e povos?

Não; só o cristianismo é religião de amor; só êle, pràticamente, inspira o amor. É a lição da psicologia, mas lição também da história. Percorrei tôdas as grandes conquistas morais de que justamente se ufana a humanidade: na sua origem vereis, indelével, o sinête da influência cristã. Lêde o menológio dos grandes benfeitores do povo; são páginas

consteladas de heróis cristãos, "cuja vida inteira é, por definição, um longo ato de amor imolado". (VERMEERSCH). Memorai, numa síntese evocadora, as inumeráveis criações da nossa beneficência, maravilhosamente inventiva e benfazejamente contagiosa, e vereis que à frente de tôdas elas se encontram êstes filhos e estas filhas da caridade que LAVEDAN chamava recentemente: "o batalhão cerrado do sacrifício e da dedicação".

Aspiramos a continuar estas glórias tradicionais da família cristã.

. . . . . .

Vêdes agora em que magníficas perspectivas se projeta a finalidade da nossa associação.

Irradiar serenamente esta luz superior, que aperfeiçoa e pacifica as inteligências, conservar aceso êste foco interno onde se acrisola o sacrifício que alimenta o amor, eis em síntese a sua missão altamente civilizadora. Parabéns, portanto, parabéns ainda uma vez, do fundo d'alma, a quantos iniciaram e promoveram êste esfôrço nobilíssimo de ação iluminadora, pacificadora, regeneradora.

E se me fôra lícito, terminando, formular um voto, dir-vos-ia que, na atuação do vosso programa, em tôda a nossa ação social, forte e suave, defensiva e conquistadora, de resistência ou de propaganda, vos inspireis sempre nos princípios da mais sincera caridade cristã. Esta foi sempre, esta é, principalmente em nossos dias, a grande fôrça de expansão católica; dai-lhe o máximo da eficiência, dai-lhe o máximo de esplendor.

Longe de nós, agastados por preconceitos de educação ou por influências de leituras parciais, ou tendências, vivem muitas almas que nos querem mal porque não nos conhecem bem. Procurai atraí-las demonstrando-lhes a verdade e a excelência da doutrina católica, do modo mais eficaz: — vi-

http://www.obrascatolicas.com

vendo-a; vivendo o amor das idéias, vivendo o amor dos homens.

Acusam-nos de hostilidade à ciência: não sejais segundos a ninguém na disciplina rigorosa dos métodos, na sinceridade da investigação, na probidade científica irrepreensível, na profundeza do pensamento, no acolhimento agradecido de tôdas as luzes.

Quiseram atrair-nos à impopularidade das massas, solidarizando-nos com as injustiças do capitalismo açambarcador: — propugnai com tôda a alma os interêsses dos fracos e dos oprimidos, evidenciando com a ação que a paz social plantada no horizonte das nossas esperanças não descansa menos nas dedicações desinteressadas e insubstituíveis da caridade, que não só une os corações, mas que equilibra os direitos na integridade da ordem.

Ouvindo assim a vossa inspiração cristã, cumprireis ao mesmo tempo um dever patriótico, e um dia dirá de vós a história, na serenidade dos seus juízos definitivos, que trabalhastes desinteressadamente pela verdadeira felicidade do Brasil, contribuindo para coroar os esplendores da sua grandeza material com os fúlgidos ideais da vida do espírito, integrando, em tôda a sua plenitude, uma civilização perfeitamente humana e profunda, sincera e indelèvelmente cristã.

AÇÃO CATÓLICA

A ação católica constitui, em nossos dias, uma das provas mais palpitantes desta vitalidade perene da Igreja na sua adaptação providencial a tôdas as contingências da história humana. Tôda civilização apresenta suas deficiências: são germes patogênicos que, não combatidos a tempo, poderão levá-la à dissolução da morte. Em cada geração, vibram aspirações profundas à realização de valores, que atraem com a fascinação de novos ideais: são impulsos generosos de progresso que, cultivados e dirigidos com amor inteligente, se expandem em criações de vida. Cristo, que num presente eterno afirmou de si: *Eu sou a Luz do mundo; Eu sou a Vida,* continua, através da sua Igreja, a oferecer às gerações que se sucedem no cenário da história a sua Mensagem divina que salva e vivifica, remédio aos males que lhe ameaçam o equilíbrio orgânico, segrêdo que dá fecundidade misteriosa a tôdas as suas promessas de bem.

Um dos males mais profundos do nosso tempo, síntese em que se resumem inumeráveis outros, é o que se convencionou chamar de *laicismo.* Os historiadores de idéias que se comprazem em rastrear-lhes as genealogias longínquas poderão remontar-lhes a origem do século XVI. Lutero rompeu com a Igreja, tentou separar o cristianismo da instituição divina que, por vontade de Cristo, deveria conservá-lo intato até a consumação dos tempos. O século XVIII deu um passo mais longe: esforçou-se por dissociar a religião da mensagem sobrenatural do Evangelho. Deísmo na Inglaterra, filosofismo na França, racionalismo na Alemanha — nomes diversos para designar um mesmo movimento ideológico de

http://www.obrascatolicas.com

"naturalização" do cristianismo, isto é, da negação da sua própria essência. Os últimos tempos consumaram o divórcio entre o espiritual e o social. Quando não deram combate aberto à religião, ou toleraram-na apenas, relegada às questões de vida privada. É o laicismo. Cavou-se assim um abismo entre as realidades profundas da vida espiritual e a organização das instituições sociais. Dos quadros em que se desenrola a atividade profissional e do cidadão retirou-se o espírito que lhes infundia vida, sentido moral, valor humano. A consciência cristã já não pôde proclamar as suas exigências impreteríveis nas novas estruturações econômicas e sociais. Estancaram-se pouco a pouco as fontes profundas de vitalidade interior que condicionam essencialmente a existência e o progresso das nações. Crises internas, dilacerações íntimas da alma, baixa do nível moral, instabilidade das instituições — eis os frutos amargos do laicismo. Dêstes males sofremos todos e sofremos muito.

A ação católica é uma reação decidida contra êste mal orgânico de que tanto adoeceu o século passado. É por parte dos leigos uma afirmação decidida do direito de viver uma vida integral, sem mutilações nem compromissos. É uma reivindicação para o Evangelho de informar, com o espírito de Cristo, tôdas as instituições da nossa vida social. Nas escolas possa a infância ouvir os ensinamentos da Boa Nova que regenerou o mundo; nas fábricas e oficinas lembre-se a dignidade cristã inauferível da pessoa do operário; as manifestações da vida civil e política das nações não esqueçam que não soou em vão na história da humanidade o Verbo de Deus. Ao laicismo, estéril e esterilizador, oponha-se, no segrêdo de sua fecundidade divina, a vida cristã com a sinceridade de tôdas as suas conseqüências.

Foi talvez a desilusão amarga causada pelo laicismo que acordou nas almas das novas gerações que sobem energias latentes de reações esperançosas. Há em muitos jovens de hoje um desejo de *vida espiritual intensa,* de interioridade

religiosa transformadora da existência. O cientismo já lhes diz a última palavra sôbre os destinos do homem. O nosso ideal é mais exigente e acena para grandezas mais altas. Ao lado da vida interior profunda, um desejo incoercível de ação. Em vez dos braços cruzados da resignação desalentada, o dinamismo do gesto criador. Sentimos todos que na orientação da história, se pesam fortemente as heranças do passado, há ainda espaços amplos para as fôrças presentes da liberdade. Na construção da sociedade de amanhã temos um quinhão de responsabilidades pessoais e não queremos furtar os ombros aos deveres que elas nos impõem. Ação, pois, mas ação organizada e disciplinada. O *senso vivo da comunidade* é outra dominante da alma contemporânea. Todos os progressos materiais e tôdas as experiências históricas convergem para pôr em evidência a importância da solidariedade na vida e no aperfeiçoamento de uma natureza essencialmente social.

Mística, ação, solidariedade, há, nestas tendências, reservas poderosas de energias renovadoras. Transviadas de seus verdadeiros objetivos, poderão acarretar catástrofes imprevisíveis à nossa civilização; bem orientadas, hão de marcar o início de uma renovação cultural de consoladoras perspectivas.

A êstes anseios da alma contemporânea, oferece a ação católica as possibilidades providenciais de sua legítima expansão. Não é ela, antes de tudo, um cristianismo vivido em profundidade, consciente das investigáveis riquezas interiores da vida sobrenatural que se estendem das primeiras lutas nobilitantes contra as desordens do pecado até à elevação pacífica da mais íntima e inefável união com Deus? Não se afirma ela ainda essencialmente como um apostolado ou ação conquistadora de almas para o bem, pela recristianização dos indivíduos e das instituições? Não vai haurir inspirações e fôrças na consciência viva desta comunhão sobrenatural que nos une a todos, os resgatados de Cristo, no

http://www.obrascatolicas.com

mistério do seu Corpo místico, com vínculos mais reais, mais fortes, mais inquebráveis do que tôdas as solidariedades de classe, nação e raça, que, separadas da caridade cristã, não unem senão para separar, não aproximam senão para tornar mais intratáveis os egoísmos e os ódios coletivos?

A estas esperanças e promessas, porém, não corresponderá a ação católica se não permanecer sempre o que é e o que deve ser, numa fidelidade inviolável à própria essência. Participação do mandato divino, pelo qual Cristo confiou aos seus apóstolos a missão de transmitir às gerações a mensagem evangélica — *Como o Pai me enviou eu vos envio* — ela é tôda de ordem sobrenatural e religiosa. Vive de vida interior e só se expande em multiformes atividades conquistadoras na medida em que tudo deve ser restaurado em Cristo e para Cristo. Participação comunicada aos fiéis, sua eficiência proporciona-se à inserção viva e real na jerarquia da Igreja. Dos seus Pastôres lhe advém a delegação que a constitui em sua verdadeira natureza; dos seus Pastôres ainda deverá receber sempre a luz e a fôrça, penhores de uma vitalidade sôbre-humana.

Para facilitar à Ação Católica Brasileira a fidelidade à sua missão providencial, sai agora a lume êste Boletim. É um órgão oficial. Porta-voz, antes de tudo, da palavra do Papa e dos Bispos; transmissor ainda de tôdas as ordens e instruções autorizadas que assegurem, no interior da grande organização, a unidade da estrutura e a convergência eficaz das atividades; registro fiel das realizações consoladoras e estimulantes que se forem levando a efeito em todos os seus ramos e em tôdas as regiões do nosso imenso Brasil. A doutrina e a história esperam ser bem servidas nas suas páginas. A Caridade e a obediência, o zêlo e o sacrifício, a disciplina e a constância, nelas terão um pregador incansável e um amigo sincero.

Deus e a Virgem Aparecida abençoam mais esta iniciativa tôda inspirada pelo desejo de sua glória.

ALGUNS ASPECTOS DA AÇÃO CATÓLICA NO DOMÍNIO DO PENSAMENTO

* Tenacidade no esfôrço é penhor certo de vitória. Há dois anos, vencido o pêso morto da inércia e das resistências passivas, inseparáveis em quem arranca do repouso para o movimento, inaugurava a Sociedade Jurídica Santo Ivo a sua existência social e afirmava desassombradamente o programa de suas finalidades benfazejas. Hoje, a primeira diretoria, carregada de inapreciáveis benemerências — as benemerências das primeiras lutas e das primeiras vitórias — passa a outras mãos as responsabilidades gloriosas nos destinos da jovem associação. Aos dedicados e indefessos trabalhadores de ontem, a homenagem sincera de nossos agradecimentos; aos que lhes sucederam para as tarefas de amanhã, ricos de competência, promessas e entusiasmos, com a expressão de nossos parabéns, os votos de uma atividade fecunda, sempre assistida e coroada com as bênçãos de Deus.

Os indivíduos substituem-se periòdicamente no ritmo cadenciado pelos estatutos; o pensamento inspirador das nossas iniciativas, a idéia alma da nossa sociedade, essa permanece na identidade intangível de sua beleza, a excitar o fervor de novos entusiasmos e a estimular o sacrifício de novas colaborações espontâneas e decididas.

A Sociedade Jurídica Santo Ivo representa, em nosso meio, tão avêsso à severidade das disciplinas sociais, um dos primeiros esforços de organização profissional das classes cultas a serviço da ação católica. É dizer numa só palavra

* Alocução proferida em sessão solene celebrada em 21 de maio de 1930 na Sociedade Jurídica Santo Ivo.

http://www.obrascatolicas.com

tôda a sua importância. Não há mister encarecer-vos as responsabilidades — graves e indeclináveis — dos que, de um ou de outro modo, foram chamados pela Providência a exercer a função de chefes nas diferentes jerarquias humanas. Os detentores dos poderes públicos, os mestres do pensamento, políticos, escritores, homens de ação, todos os príncipes pelo sangue, pela espada ou pelo gênio, são guias, que influem poderosamente sôbre os caminhos ou descaminhos dos povos. Em limites menos amplos, cada grupo organizado, — uma classe, uma sociedade, uma família, — tem também os seus mentores; sôbre êles — tanto mais viva quanto mais definida é a esfera de sua influência — pesam também os deveres de pastôres de homens.

A ação católica tem como um de seus objetivos mais nobres a coordenação dêsses esforços, a organização disciplinada dessas influências, para a restauração da ordem social cristã. O campo do pensamento, onde se travam as pelejas das doutrinas; o domínio da prática, onde as idéias se concretizam em atuações benéficas, atraem por igual o interêsse de sua solicitude esclarecida. Da primeira destas formas da ação católica no domínio do pensamento, permiti que por alguns instantes ocupe a paciência benévola da vossa atenção.

* * *

O cristianismo, senhores, é vida e, como vida, orgânico, complexo, solidário na totalidade de seus elementos inseparáveis. Confiná-lo nas regiões inferiores do sentimentalismo, reduzi-lo a um jôgo de emoções vagas e indefinidas, é não só mutilá-lo, mas desconhecer-lhe o caráter fundamental. A sua primeira função é iluminar as regiões superiores da alma, é projetar na inteligência os esplendores da verdade.

À consciência moral dita preceitos que vão reger as nossas ações, à afetividade propõe estímulos que excitam e alimentam os mais nobres, profundos e operosos sentimentos humanos; mas nem êstes sentimentos são cegos, nem arbitrários ou injustificados aquêles preceitos. Espontâneos e coerentes, uns e outros, nascem da visão completa da realidade racionalmente aceita pela inteligência. O cristianismo começa por dizer-nos o que somos, qual a nossa primeira origem e a finalidade dos nossos destinos; ensina-nos as relações reais, objetivas, com os sêres, que nos envolvem, e com os quais podemos entrar em contato: Deus, os nossos semelhantes, o mundo infra-humano; indica-nos o lugar que ocupamos no universo e a finalidade da nossa existência na harmonia da ordem cósmica.

Antes de despertar sentimentos, ou ditar leis, envolve a inteligência na claridade dos seus esplendores. Antes de ser culto ou moral, é Verdade. Melhor, o culto e a moral impõem-se naturalmente como meios indispensáveis de realização completa da verdade. Com admirável concisão, em duas palavras resume São Paulo tôda a vida cristã: *Veritatem facientes* (Eph., IV, 15), fazei a verdade. Se nos fôra permitido usar um neologismo para vertê-lo à letra, diríamos que o nosso dever é *verdadizar*. O supremo esfôrço do cristão é fazer de sua vida a mais fiel expressão da verdade. O cristianismo é a verdade integral necessária ao homem.

As ciências experimentais indagam as leis que regem os fenômenos da ordem sensível; a sabedoria filosófica procura sondar mais profundamente a realidade, perscrutando as causas internas e as relações elevadas acima da observação dos sentidos, mas acessíveis aos olhos mais penetrantes da razão. O cristianismo revela-nos, ainda, os desígnios livres e positivos da bondade de Deus acêrca da humanidade. Das verdades inferiores — científicas ou filosóficas — nenhuma lhe é indiferente, lá disse o clássico romano: *sou homem, nada do que é humano me desinteressa*. Com mais razão pode dizer a Igreja: *Sou filha da verdade; qualquer dos seus reflexos me ilumina a fronte*. Aos sábios ela diz: investigai, pesai, medi, perscrutai, em todos os sentidos, a estrutura dêste universo que nos envolve com as suas belezas e nos tenta a

http://www.obrascatolicas.com

curiosidade com o segrêdo de seus enigmas; cada uma das leis que descobrirdes é mais um pensamento do Criador que nos manifestais; vão assim, de dia para dia, recuando as trevas da nossa ignorância, e mais pura, a um Deus menos desconhecido se elevará a homenagem de nossas adorações.

Aos filósofos: pensai, refleti, concatenai rigorosamente os elos de vosso raciocínio; cada nova luz que conseguirdes acender nos caminhos do pensamento será mais um reflexo humano da verdade incriada. Uns e outros, porém, sábios e filósofos, não esqueçais que a natureza não esgota necessàriamente os planos divinos. Deus, que encontrais como têrmo necessário de tôda a demonstração que se completa —, Deus, que a vossa razão vos revela, como Criador e Providência, é Bondade infinita, livre nas efusões do seu amor, e esta Bondade quis elevar o homem a uma felicidade superior às exigências de sua natureza. Esta economia inefável é um ato livre do Primeiro Amor; a sua manifestação não se lê nem se pode ler no grande livro da natureza; o segrêdo divino — fato de ordem positiva — foi comunicado por uma grande teofania, que é o acontecimento central da história da humanidade; o conteúdo da divina mensagem me foi confiado para transmiti-lo, intato e incorrupto, aos séculos, como luz e vida das gerações humanas.

No cristianismo, portanto, senhores, encontramos o patrimônio integral da verdade indispensável ao homem para elevar-se à altura dos destinos naturais e sobrenaturais que lhe foram traçados pelos desígnios da Sabedoria e da Bondade de Deus.

Ora, por um complexo de circunstâncias históricas, que não nos é permitido nem sequer resumir, pouco a pouco romperam-se os contatos entre a Igreja e uma parte da civilização moderna. O pensamento cristão já não vivifica a nossa ordem social; na ausência dêste princípio de vida está, indiscutìvelmente, a primeira causa, a mais elevada, de tantas e tantas das nossas decadências.

Ante o espetáculo desta realidade dolorosa, não cruzamos os braços numa passividade indolente; gestos de vencidos não são gestos cristãos. Devemos integrar o nosso século na grande verdade salvadora, queremos trabalhar para a implantação da ordem social cristã.

Esta finalidade foi expressa há ainda poucos meses, e com muita felicidade, numa circunstância muito análoga à presente. No *Auditorium Maximum* da Universidade de Munique reunira-se, nos três primeiros dias de novembro, o Congresso da Seção Jurídica da Associação dos Universitários Católicos. Na sessão de abertura, o presidente da Liga, o Dr. KIMBERGER, ministro das finanças do Hesse, explicou a finalidade geral da Associação:

"A Associação dos Universitários Católicos da Alemanha se propõe familiarizar os intelectuais com os ensinamentos da Igreja; e com as verdades que dêles *imediata* ou *mediatamente derivam*. Ouso assim e creio necessário confessar: não só os intelectuais alheios às nossas crenças, mas os próprios intelectuais católicos não conhecem senão uma medida extraordinàriamente restrita, o universo maravilhoso, fecundo, imenso das verdades da Igreja. Penetrar êste mundo, uni-lo à vida, ao povo, ao Estado, ao edifício social, à ciência, à arte, não é uma ideologia estéril, mas a condição *sine qua non* de tôda ação sensata e segura de seus resultados. Um comércio de idéias, são e grave, travado à sombra da Cruz, muito próximo se acha da vida e constitui o solo fecundo em que se há de desenvolver todo o apostolado leigo." (*Doc. de la Vie Int.*, t. I, 1929, págs. 553-4.)

Oh, senhores! com quanta maioria de razão se poderiam aplicar estas palavras ao nosso meio social! E por que não o tentaremos com esta confiança indefectível que infunde às almas a certeza das convicções profundas e a coragem das boas ações?

Despendendo os nossos esforços pela restauração dos ideais cristãos, nós trabalhamos antes de tudo por salvar a própria civilização, por conservar-lhe um sentido, uma norma,

http://www.obrascatolicas.com

um critério. Não há, nem pode haver, civilização verdadeira, onde se ignoram os destinos do homem. O grande adiantamento de uma sociedade avalia-se, indiscutìvelmente, pela abundância de meios que ela subministra aos seus membros para atingirem o ideal de sua perfeição. O valor de uma civilização e a idéia que ela faz da personalidade humana são têrmos correlativos, cuja solidariedade é indestrutível. E aqui se acham os vínculos internos, derivados da essência das coisas que ligam para sempre a religião à vida social dos povos. Impossível destruí-los, sem mutilar o homem. Apague-se pouco a pouco na consciência social a idéia da dignidade humana, da finalidade que o homem deve atingir para realizar a plenitude de sua perfeição, e o movimento do progresso social desorienta-se imediatamente, como uma atividade que ignora o seu fim, princípio insubstituível de organização que coordena todos os seus elementos. Imenso desastre, semelhante ao do pilôto que em alto mar ignora o pôrto dos seus destinos. O navio, sem rumo, vagueia à mercê de todos os ventos, até despedaçar-se no primeiro parcel, ou adernar na insídia dos primeiros baixios. Ignorando a finalidade humana, o corpo social entra a convulsionar-se e a esgotar-se em tentativas estéreis e incoerentes, vítima indefesa de tôdas as propagandas artificiais, de tôdas as campanhas subversivas, de tôdas as flutuações apaixonadas da opinião pública, de tôdas as coligações de interêsses, de intrigas e ambições. Hoje se admite o que ontem se rejeitava; o que agora se inculca como uma panacéia depois se verifica haver sido um vírus fatal, no presente, entusiasmos insensatos pela introdução de reformas cuja falência proclamará o futuro. É a incerteza, a instabilidade, a agitação febril das paixões a fermentarem na grande massa social que perde a consciência dos seus destinos. Já não é possível progresso, porque não sabemos o têrmo que devemos atingir. E os movimentos desordenados incoerentes, contraditórios, vão dividindo e dilacerando a sociedade e preparando-lhe a desagregação final na pulverização caótica da anarquia.

Conservando e defendendo a verdadeira noção da personalidade humana e da grandeza dos seus destinos, noções essencialmente religiosas, salvamos, no campo intelectual, o verdadeiro conceito de civilização e de progresso. No domínio prático, damos à moral todos os elementos indispensáveis à sua conservação e desenvolvimento.

A grandeza de um povo não se mede só nem principalmente pela atividade de sua vida material. Que nos transportem mais ràpidamente, que nos elevem de alguns metros os pavimentos das nossas casas, que nos facultem a possibilidade de ouvir ou de falar de mais longe, bem está. Benvinda seja esta utilização mais científica das energias naturais. Mas, só com isso, não somos nem melhores, nem mais felizes. O homem é principalmente um ser inteligente e moral. Precisamos de mais virtudes, de mais dedicação aos nossos semelhantes, de mais respeito aos direitos alheios, de mais fidelidade aos deveres próprios, de mais sinceridade nas nossas relações sociais, de mais grandeza e igualdade d'alma, ante as dificuldades inevitáveis da vida. Precisamos de mais progresso moral. Sem êste, o outro, o progresso da mecânica e da quantidade, é menos apreciável e acabará também êle irremediàvelmente comprometido.

Quando a consciência se retira das relações humanas, o egoísmo, princípio dissolvente da vida social, vai invadindo todo o campo abandonado pela fidelidade ao dever. Os seus sintomas multiplicam-se e agravam-se de dia para dia. As grandes especulações da agiotagem substituem o amor do esfôrço produtivo; o luxo, requintado até ao sibaritismo, futiliza as existências dos que o gozam, provoca as reações revolucionárias dos que o invejam; nas famílias, com o entibiamento do espírito de sacrifício, diminui o respeito à vida e às leis naturais e divinas de sua conservação; por tôda a parte, às exigências superiores do merecimento e da jerarquia dos valores sociais, se vai substituindo a venalidade na política, na administração, nas letras, na justiça, e até nas relações mundanas. O organismo social descompagina-se fa-

http://www.obrascatolicas.com

talmente. A própria grandeza material só pode ser conservada pelo progresso moral. A conclusão de LE PLAY resume a de todos os observadores perspicazes e profundos que não se contentaram de borboletear na superfície das coisas: "O homem livre na escolha de seus atos passa alternadamente do sofrimento à prosperidade pela prática da lei moral, e da prosperidade ao sofrimento pelo esquecimento desta lei." (*Les ouvriers d'Occident*, I, 7-2). E G. KURTH, um dos maiores historiadores contemporâneos da Bélgica: "Um povo é tanto mais civilizado quanto mais se deixa conduzir individual e socialmente pela lei moral do Cristianismo". (*Revue des Deus Mondes*, 15 janv. 1907, pág. 384.)

Que largas perspectivas se entreabrem nos horizontes das nossas mais generosas ambições! Que de mais nobre do que nos consagrarmos à defesa desta verdade salvadora, que conserva, à nossa civilização, um significado, e à vida moral, penhor de tôda a grandeza humana, o seu fundamento insubstituível? Arvoremos, pois, desassombradamente os nossos ideais cristãos; realizando-os, realizaremos o que há de melhor e de mais puro nas aspirações da humanidade.

E sôbre a nossa vida interior, individual, se projetará em paz, em equilíbrio, em valorização divina, tôda a grandeza dessa missão. "A mais bela profissão," segundo S. TOMÁS, "é a do homem que distribui a verdade aos seus semelhantes e os aproxima de Deus, elevando-os." É o mais alto exercício da caridade: a caridade da doutrina. Vós podeis dar vossos bens materiais: é alguma coisa mas é pouco. A vossa fortuna é um bem que vos é extrínseco e que não irá aperfeiçoar internamente o seu beneficiário. Podeis dar-lhe o vosso coração: é mais; é muito mais. Mas o vosso afeto é uma coisa frágil e efêmera; amanhã talvez já não podereis renovar com a mesma sinceridade o movimento generoso que doou ontem o vosso coração. E esta doação de vossos afetos não é ainda uma perfeição definitiva e interior da alma querida. Há, porém, um bem superior, espiritual, que vós podeis comunicar como o que há de mais interno em vós, porque

luz de vossa existência, e que passará a ser o que há de mais íntimo na pessoa amada; um bem que vós possuís e podeis dar, mas que é mais que vós e que vos há de sobreviver, que há de continuar a irradiar a sua luz benfazeja, quando vós já não fordes; um bem que ilumina, dirige, enobrece a vossa vida, e, comunicado a outras inteligências, nelas se transformará em princípio eficaz de verdadeira grandeza humana — *a verdade*, e, principalmente, *a verdade na sua expressão suprema, integral, definitivamente orientadora das existências, a verdade religiosa*.

Oh! Quão mal nos julgam os que só de longe nos conhecem. No zêlo desta atividade, alimentada por uma chama interior mais alta, na firmeza intangível com que defendemos o patrimônio da verdade católica, querem ver não sei que expressão de um azedume irritadiço contra tudo o que é moderno, não sei que estreitezas de uma intolerância acanhada, incapaz de elevar-se ao descortino de largos horizontes, e à benevolência acolhedora dos grandes corações. Engano, senhores!

Onde os espíritos superficiais pairam na materialidade dos contrastes que as paixões humanas tornam inevitáveis, os ânimos refletidos vêem a manifestação genuína da mais profunda caridade. Se a Igreja não passara de um grupo de filósofos que se comprazem em fazer admirar a beleza arquitetônica dos seus sistemas, — nesta grande desorientação contemporânea feita de decadência dos costumes e de entrechoques contraditórios de doutrinas instáveis, ela se recolhera em si e aí, do esplêndido isolamento de sua tôrre de marfim, contemplara na planície as devastações imensas, as ruínas, os destroços da família e da sociedade acumulados pelas doutrinas que ontem a combateram e hoje se exauriram na sua impotência construtiva, incapazes de trazer aos homens a paz, o amor, a felicidade. Fôra um triunfo magnífico, mas um triunfo orgulhoso. A Igreja é mãe das almas! E por isso ela luta, luta para conservar a verdade que salva, luta para defender a dignidade dos valores morais, luta como

http://www.obrascatolicas.com

luta o bem contra o mal, para vencê-lo e, fazendo-o bom, torná-lo feliz.

Eis, senhores, a grande finalidade da ação católica, no domínio do pensamento: pugnar pela grande verdade, que não passa e que é a solução única de todos os grandes problemas humanos.

No seio da nossa civilização queremos conservar viva a idéia da sublimidade dos nossos destinos imortais: só assim damos ao movimento do progresso um norte orientador, e às atividades sociais um critério racional e seguro. Por entre as magnificências da nossa civilização visível queremos trabalhar pela ascensão espiritual e interior das almas; só assim, elas serão grandes e felizes, e à moralidade do nosso povo não faltará, com a fé, êste par de asas indispensável, na frase de TAINE, para que o homem não caia abaixo de si mesmo e não resvale às profundezas dêstes abismos em cujas voragens desaparecem para sempre as nações, que não souberam conservar com a dignidade a razão suprema de viver.

E entrando assim a colaborar mais de perto com a jerarquia católica na obra da Igreja, a nossa existência sobredoura-se com êstes reflexos consoladores de esperanças imortais, que as coisas eternas costumam projetar sôbre a caducidade irremediável das pequeninas contingências humanas.

Já não viveis só para estas insignificâncias de cada dia que o tempo envolverá nas sombras de um olvido sem resgate; já não estreitais a vossa vida religiosa com a preocupação de uma simples salvação individual. Dilatais as vossas aspirações, compreendeis, em tôda a sua beleza, os deveres da fraternidade cristã, que se alimenta do intercâmbio de dedicações; integrai-vos consciente e generosamente na grandeza do plano divino. A nobreza, a paz, a felicidade do homem cifram-se na realização dêste ideal. Só assim a vida é digna se ser vivida; digna do homem, digna de Deus.

LIÇÕES DO ANO SANTO

* Para os que sabem discernir, através da poeira dos fatos insignificantes e efêmeros, a alma das idéias eternas que os informam, o ano jubilar que ora finda acrescentou mais um capítulo altamente persuasivo à apologética viva da Igreja Católica.

Nos milhares de peregrinos que diàriamente afluíram a Roma, vindos de todos os continentes, filhos de tôdas as raças, temos uma afirmação tangível da *catolicidade* real da Igreja.

Sôbre o túmulo de São Pedro essas multidões de crentes, profundamente separados pela variedade de idioma, pelo grau de cultura, pelo contraste de nacionalismos irredutíveis, reúnem-se na profissão comum do mesmo Credo. Que prova magnífica da *unidade* católica êste símbolo, recitado com acentos de indizível convicção pelos filhos do século XX, depois de haver sido por dois milênios a expressão veneranda da fé imutável de sessenta gerações.

Do túmulo do Príncipe dos Apóstolos sobem os fiéis, em ânsias de indescritível expectativa, as escadarias do Vaticano. No alto, o Sumo Pontífice acolhe-os com o sorriso paterno, com a palavra grave e afetuosa, com a majestade benignamente afável do Vigário de Cristo. E o Papa é ainda uma demonstração viva da *apostolicidade da Igreja*. Pio XI, que hoje nos fala, é o sucessor de uma dinastia vinte vêzes secular, é o último elo de uma cadeia gloriosa que, sem interrupção, ascende a Pedro e, por Pedro, a Cristo.

---

* Artigo publicado no *Jornal do Comércio* de 25 de dezembro de 1925.

http://www.obrascatolicas.com

Catolicidade, unidade, apostolicidade e santidade são as quatro gemas de inimitável brilho que Jesus engastou no diadema de sua verdadeira Espôsa.

Para os ditosos peregrinos que êste ano visitaram a Cidade Eterna também não faltou a lição da *santidade*.

Só a Igreja Católica possui o segrêdo de fazer santos. Ela os faz de tôdas as almas: de um sacerdote ou de um rei, de um filósofo ou de um lavrador, de um religioso ou de um soldado. Ela os faz em tôdas as eras: na dissolução do paganismo em decadência como na rudeza medieval dos costumes bárbaros, na ebulição reformadora do Renascimento como na agitação febril dos tempos modernos. A maternidade fecunda da Igreja na geração dos seus santos não conheceu nunca as intermitências do exaurimento ou a impotência da esterilidade.

Ainda uma vez vieram prová-lo as numerosas beatificações e canonizações, dêste ano santo. A França e a Coréia, como a Holanda, a Itália e o Canadá, viram seus filhos aureolados com a glória imortal da virtude.

O heroísmo cristão, sob tôdas as suas formas — na dedicação dos mártires ou na inocência das virgens, no zêlo dos apóstolos ou na ciência dos doutores, no recolhimento dos cenobitas ou na atividade dos pastôres d'almas — iluminou-se com o fulgor de novas páginas.

* * *

E o nosso século precisava desta lição de santidade.

O grande mal de sempre, mas, de modo muito particular, o grande mal de nossos dias, é o egoísmo. A exaltação desequilibrada do eu humano é a grande desordem, porque é o esquecimento de nossa própria essência de criaturas. Finitos, somos por natureza dependentes. Membros de família humana, somos parte de um grande todo. No exercício de nossa atividade moral recebemos leis de quem recebemos o ser. O egoísmo esquece, investe, perturba a ordem destas relações fundamentais. O "eu", desordenadamente acariciado, usurpa as funções de centro do universo, subordinando a si, numa gravitação inatural, tudo o mais. Daí a desordem, a desarmonia, a ruptura do equilíbrio psicológico, do equilíbrio social, do equilíbrio internacional.

Sim, porque o egoísmo é multiforme; onde quer que haja um eu — físico ou moral — aí nascerá, como excrescência doentia, um egoísmo perigoso.

O egoísmo individual, o mais forte, o mais profundo, o mais funesto porque é a raiz de todos os outros egoísmos. Aqui exalta-se em orgulho intolerável, opressor de fracos e desprezador de pequenos. Ali deprava-se numa hipersexualidade mórbida, encandecida em nossos dias por essa febre neo-pagã de gozar que devora, em fogo insaciável, saúde, fortuna, família, pudor, honra e virtude.

O egoísmo profissional, esquecido do grande dever de solidariedade, isola as classes e atira-as, organizadas, umas contra as outras em entrechoques formidáveis que tão de freqüente ameaçam a tranqüilidade do moderno viver social.

O egoísmo patriótico manifesta-se em supernacionalismos desequilibrados, exagerações teratológicas dum sentimento nobre, a querer, em competições mesquinhas de hegemonias efêmeras, elevar a grandeza da própria nação sôbre as ruínas da justiça, da paz e da caridade humana.

Ante os estragos causados por todos êsses egoísmos, quão salutar é a lição que nos oferecem êsses heróis singulares que só o foram porque souberam triunfar do grande inimigo da virtude!

A santidade católica não é esta diminuição da personalidade humana, envolvida nos encolhimentos de biocos artificiais, que por aí assoalham os que só lhes conhecem a caricatura. Não; a santidade é a elevação do homem ao supremo fastígio de sua grandeza moral. O santo é uma inteligência lúcida e uma vontade enérgica. A inteligência manifesta-lhe a função gloriosa da vida humana no plano da criação. A vontade, numa firmeza inabalável de propósitos

http://www.obrascatolicas.com

viris, eleva a cada instante a realidade da ação ao nível do ideal.

Vida assim supõe luta sem trégua contra o egoísmo perturbador. Mas sem coragem não há virtude, sem heroísmo não há santidade. A luta é aceita com generosidade, continuada sem desfalecimentos, coroada de vitória em todos os campos.

A ascese cristã cerceia sem misericórdia tôdas as tendências menos regradas, desde o apetite das pequeninas comodidades que enervam até as manifestações mais sutis da vaidade e do orgulho.

Ao fogo do sacrifício aceitado com magnanimidade, a alma purifica-se, banha-se de luz, alteia-se e de ascensão em ascensão, de claridade em claridade, chega às altitudes luminosas, onde o tumultuar tempestuoso das paixões já não vinga perturbar a serenidade da virtude vencedora.

Nestas eminências da vida moral, cada instante traz um dever que será fielmente cumprido, cada acontecimento, uma expressão da vontade divina que encontrará a submissão mais amorosa. A existência identifica-se com a linha reta da virtude, nunca torcida pelas sinuosidades do egoísmo.

Com esta admirável plenitude e sem os desperdícios de tempo das almas frívolas ou o malbarato de energias psicológicas das consciências escravizadas às paixões, a vida do santo intensifica-se num fervor de atividade tranqüila que mal suspeitam as vulgaridades superficiais. Que fecundidade admirável, que ação multiforme e duradoura a dêsses heróis cristãos!

Não saiamos dos que a Igreja, êste ano, aureolou com a glória dos altares.

Madalena Sofia Barat é o tipo da mulher forte. Passou semeando o bem na sua vida e perpetuou o seu bem-fazer no instituto destas dedicadas Damas do Sagrado Coração, que, há mais de um século, num e noutro continente, educam para a ciência, para a honra e para a virtude gerações e gerações de almas fortes.

Pedro Canísio, prodigiosa figura poliédrica, enche com a sua atividade onímoda mais de meio século. Reforma universidades em Ingolstadt e Viena, funda colégios em Munique, Innsbruk, Dilinga, Hall, Augsburgo e Tyrnau, colabora no Concílio de Trento, toma parte no colóquio de Worms e em cinco dietas germânicas e deixa-nos mais de 25 obras a continuar um apostolado glorioso que, na grandeza de sua amplitude, envolveu a Holanda, a Baviera, a Áustria, a Boêmia, a Hungria, a Suíça e a Itália.

Teresinha do Menino Jesus passou a vida num sorriso de amor e voando, como um anjo, para o céu, deixou a terra tôda embalsamada com o perfume de sua inocência.

Não prossigamos. A vida dos santos é bela, é encantadora, é fecunda, é desinterêsse e sacrifício, é amor e dedicação, é generosidade, é ação, é paz, é luta épica, é vitória gloriosa.

Aos filhos de um século egoísta faz bem o exemplo dêsses heróis!

Bendita a Igreja Católica, que, só, na terra, nos pode oferecer o espetáculo de tanta beleza moral.

http://www.obrascatolicas.com

ATO DE CONSAGRAÇÃO DOS JURISTAS CATÓLICOS

* Oh! Jesus, Deus e Senhor nosso, Legislador e Juiz supremo dos homens, aqui tendes, prostrados ante o trono de vossa majestade, os membros da Sociedade Jurídica Santo Ivo e demais magistrados e advogados, professôres e estudantes de ciências jurídicas que, irmanados pela mesma fé, inspirados pelo mesmo amor à vossa Bondade infinita, viemos consagrar-vos, numa homenagem de profunda adoração, as nossas ações, as nossas pessoas, a nossa vida em tôdas as suas formas de atividade.

Reinai em nossas inteligências pela luz da vossa fé, nos nossos corações pela graça de vosso amor, nos nossos atos pela fidelidade aos preceitos de vossa lei. Dai-nos, Senhor, um amor indefectível à justiça, expressão da vossa vontade nas relações humanas; infundi-nos uma coragem invicta na defesa de todos os direitos, principalmente dos humildes, fracos e pequeninos que são os diletos de vosso Coração; fortalecei as nossas consciências para que não atraiçoem o dever ante as intimidações da fôrça, ou as solicitações de interêsses e ambições mesquinhas; fazei que em todo o exercício de nossa profissão sejamos sempre os instrumentos dóceis dos desígnios de vossa Providência no govêrno dos homens.

Pela intercessão da Virgem Santíssima — *Speculum Justitiae* — e de Santo Ivo, nosso excelso padroeiro, dignai-

* Êste Ato de Consagração dos Juristas Católicos, composto pelo Pe. Leonel Franca, foi recitado pela primeira vez em 21 de maio de 1930.

vos aceitar a sinceridade desta nossa consagração, e concedei-nos a graça suprema de gozar um dia da felicidade inefável que reservais aos servos fiéis que trabalharam na terra pela defesa e dilatação do vosso reino nos corações dos homens e na vida das sociedades. Assim seja.

http://www.obrascatolicas.com

MARIA E A ALMA CATÓLICA

* Exulta, num frêmito de entusiasmo, a alma católica do Rio de Janeiro. Maria é o centro para o qual convergem, no ardor unânime de sua piedade filial, tôdas as inteligências e todos os corações. Os mais delicados dos nossos poetas e os mais simples dentre os filhos do povo irmanam as suas vozes na sinceridade dos mesmos louvores. As mais modernas invenções da ciência vêm acrescentar a perfeição de sua técnica às expressões tradicionais da alegria popular.

E o espetáculo da grande metrópole em regozijo transporta-nos espontâneamente às célebres manifestações da devoção a Maria através da história. É Roma que na majestade singular de suas festas religiosas prepara à Imaculada o mais esplêndido dos triunfos. É Éfeso que, à distância de quase 15 séculos, se veste tôda de galas, para tributar, com a pompa dos costumes orientais, a mais sincera homenagem à Mãe de Deus. É Lourdes, Loreto, Montserrat, Erissiedeln, Fátima, Guadalupe, Lujan com o espetáculo inolvidável de suas procissões solenes, de suas peregrinações, sempre renovadas, de seus milagres multiplicados em benefícios de todos os sofrimentos humanos.

Ante esta universalidade espontânea da devoção à Maria, o pensador religioso recolhe-se por instantes e remonta às primeiras páginas divinas do Evangelho. "E o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma virgem, da casa de David, por nome Maria. E o anjo lhe disse: Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é contigo, bendita, entre as mulheres". E a conclusão sai-lhe espontânea: a Igreja Católica

* Artigo publicado em *O Jornal* de 14 de junho de 1931.

continua, através dos séculos, a autenticidade dos ensinamentos evangélicos. Como o Anjo, enviado por Deus, ela repete, pelos lábios de todos os seus filhos, à escolhida para Mãe do Salvador: Ave, Cheia de graça, Ave, Bendita entre as mulheres!

Consôlo para os corações crentes e também lição apologética para os que não têm a ventura de crer. Há quase dois mil anos, na mais desprezada das províncias conquistadas pelo Império Romano, uma virgem, simples, humilde, desconhecida, levanta a sua voz nas montanhas de Hebron e entoa o mais belo dos hinos que ainda criatura elevou ao seu Criador: "Minha alma glorifica o Senhor; porque fêz em mim grandes coisas o Onipotente, e doravante tôdas as gerações me proclamarão bem-aventurada". Com a segurança de um olhar profético, Maria desvenda os segredos do porvir e anuncia, sem hesitar, um fato imenso, fora de tôdas as previsões humanas e que se há de realizar incessantemente através de todo o desenvolvimento da história. Sessenta gerações passaram no cenário do mundo depois que a virgem de Nazaré confiou aos séculos a certeza do seu vaticínio, e, umas após outras, as gerações que passaram e vão passando proclamaram bem-aventurada a Virgem-Mãe.

Umile ed alta più che creatura. Alma cristã que não se associa aos louvores de Maria, alma cristã que da sinceridade do seu coração não sabe tirar um canto de glória, de gratidão e de amor à Cheia de graça, à Bendita entre as mulheres, perdeu o sentido do Evangelho e desgarrou da pureza genuína do cristianismo divino.

Exulta, metrópole do Brasil, ao receberes, em teu seio, a Padroeira desta imensa terra bendita de Santa Cruz. Na integridade da tua fé, no entusiasmo da tua piedade, na sinceridade ardente do teu amor a Maria tens o mais seguro penhor das bênçãos de Deus, que vela pela tua grandeza e pela segurança do teu porvir.

http://www.obrascatolicas.com

A TRILOGIA EUCARÍSTICA DA IGREJA, PÁTRIA E FAMÍLIA

* Para os esplendores inéditos desta assembléia eucarística, que magnífico teatro a grandeza venerável da terra baiana! *Aqui nasceu a Igreja* no Brasil; nas suas praias virgens, sôbre um altar agreste, a que servia de cúpula a safira imensa do nosso firmamento, elevou-se, imaculada e pura, a primeira hóstia ao Deus dos cristãos; e o primeiro Pontífice, que, em terras brasileiras, soldou a cristandade nascente à sucessão apostólica que nos articula a Cristo, nestas alturas benditas fixou a primazia de sua sede episcopal.

Aqui nasceu a *família* brasileira; destas encostas verdejantes em que se construíram, na simplicidade de tempos primitivos, os primeiros lares, se foram transplantando, como vergônteas de um tronco fecundo, os novos rebentos de famílias cristãs que, a pouco e pouco, se estenderam, se difundiram e povoaram êste imenso torrão que o Cruzeiro ilumina.

Aqui nasceu a *pátria* brasileira; por mais de dois séculos, nestas eras remotas e heróicas em que se plasmava o organismo de nossa nacionalidade, nesta cidade palpitou o seu coração generoso e forte. Metrópole de uma vasta estrutura política em formação, a bravura, a prudência, a sabedoria do seu govêrno assegurou-nos, com a integridade do território, a unidade da religião e da língua, que são os penhores mais seguros da coesão, da grandeza e da paz do Brasil.

* Discurso pronunciado na sessão solene de abertura do Primeiro Congresso Eucarístico Nacional, na Bahia, a 3 de setembro de 1933.

E a Bahia não esqueceu a nobreza exigente de suas tradições e as responsabilidades indeclináveis de sua vocação histórica. Berço de nossa vida cristã, de nossa vida doméstica, de nossa vida social, ela sente-se depositária dos maiores valores humanos que asseguram a prosperidade de um povo; sentinela incorruptível, postada pela Providência, à guarda e defesa do patrimônio espiritual da nossa raça; numa palavra, mãe solícita e desvelada que identificou para sempre as suas alegrias, as suas tristezas e os seus sobressaltos com a felicidade, com as desventuras, com os perigos dos a quem transmitiu, com a chama da vida, o melhor de sua alma. Bahia, *alma mater* do Brasil.

Aí tendes a origem primeira da idéia inspirada, da vontade tenaz, da ação eficiente e disciplinada, realizadora dêste magnífico Congresso, que, pela primeira vez, numa manifestação nacional de fé e de amor, congrega em tôrno da Hóstia o Brasil inteiro. Debatemo-nos numa dessas crises graves de crescimento, chegamos a uma destas encruzilhadas em que se orientam ou se desorientam, por largos anos, os destinos de um povo. Poderemos, corrigindo erros passados, integrar-nos na realidade viva das tradições cristãs que plasmaram a nossa vida nacional e condicionam inelutàvelmente a nossa prosperidade futura; ou poderíamos, fascinados pela sedução de exotismos perigosos ou pela tentação de experiências aventureiras, lançar a nossa pátria no caminho das incertezas ou no caos das agitações, em que se debatem por largos períodos e, às vêzes, soçobram irremediàvelmente as nações infiéis à missão que lhes assinou a Providência na história da humanidade.

Neste momento, um dos mais graves e decisivos da nossa existência nacional, a Bahia, lembrando-se da sua função histórica na evolução espiritual do Brasil, toma a iniciativa de convocar esta assembléia imponente para estudar, à luz que irradia dos nossos altares, o tríplice problema fundamental da Igreja, da família, da pátria. A Eucaristia é, de fato:

http://www.obrascatolicas.com

a) o centro da vida da Igreja; melhor, a própria Igreja no que ela tem de mais essencial e de mais sublime;

b) a fonte em que se alimentam e se desenvolvem os grandes sentimentos indispensáveis à conservação, à pureza, à dignidade cristã da sociedade doméstica e civil.

Vozes mais autorizadas desenvolverão, em tôda a sua amplitude, estas verdades benfazejas; nas estreitezas do tempo que se me concede, pouco mais me será permitido que resumi-las, com a brevidade de um índice, numa síntese de poucos instantes.

I — Não entende a Igreja quem não conhece Cristo. Para os que a consideram com olhos superficiais e desatentos, do Corpo místico do Salvador não ressaltam senão as aparências humanas, e estas, ainda, não raro sob a luz não menos favorável, de misérias e fragilidades da nossa natureza. Homens e instituições eclesiásticas avultam então, ante a curiosidade malsã de historiadores ávidos de *escândalo,* com as suas tintas sombrias de paixões e de pecados, de desregramentos e de deficiências lamentáveis. Eis a Igreja! exclamam escandalizados e satisfeitos. Não: eis a poeira com que a miséria do homem escureceu e maculou a obra de Deus. A Igreja é o prolongamento de Cristo na história. E Cristo é a obra-prima da criação; é o centro em que se recapitula e em tôrno do qual gravita tôda a economia do plano divino: tudo quanto o homem pode oferecer a Deus, tudo com que Deus, na sua infinita liberalidade, quis enriquecer as suas criaturas.

Quando o homem, do seu espetáculo dêste Universo exterior que o envolve com a beleza de suas maravilhas, e da inquietude dêste mundo interno que o atormenta com o infinito de suas aspirações, eleva a sua alma ao Criador, o seu primeiro sentimento é um misto indefinível e inseparável de adoração, de reconhecimento e de prece. *Adoração:* homenagem ao que, só, é, por essência, Realidade infinita, Plenitude de ser, Princípio primeiro, razão de ser suprema,

têrmo necessário de tudo o que existe. *Reconhecimento;* ação de graças espontânea Àquele que é a Fonte inesgotável de todo o bem, de tudo o que somos e de tudo o que esperamos. *Prece,* brado d'alma, elevar de mãos indigentes numa súplica a Quem só nos pode conservar, numa criação continuada, a existência com a riqueza de seus benefícios presentes e a grandeza de suas promessas futuras.

Se colocardes agora o homem na sua situação histórica de pecador, se vos lembrardes da grande catástrofe moral que enlutou a primeira página dos fastos humanos, a êstes sentimentos, que necessàriamente ligam ao Criador tôda a inteligência criada, se acrescentará ainda o da *expiação,* fruto amargo da culpa, exigência nobre da Justiça, que aspira a reparar uma injúria, pesar da piedade de um filho que não descansa enquanto não vê desanuviarem-se na fronte paterna as rugas que franziu a ingratidão de uma ofensa.

Adoração, ação de graças, prece e expiação: eis o que brota espontâneamente de um coração de homem, quando se volta para Deus, e, num surto profundo que constitui tôda a razão de ser da sua natureza, procura o seu Primeiro Princípio que é também necessàriamente o têrmo de sua felicidade definitiva e total.

Encerrai êstes sentimentos no recinto secreto das almas e tereis o culto interior, a religião do espírito. Encarnai-os num gesto, num movimento, numa palavra, no simbolismo de um rito e tereis o culto externo, melhor, a religião do homem todo; o sacrifício, na sua expressão genuína.

Medi agora, por um instante, se possível, a distância que separa tôda a criatura do seu Criador, o finito do Infinito. Intensificai as elevações interiores das almas; multiplicai e variai os ritos externos dos sacrifícios; entre todo êsse imenso esfôrço e a Majestade inacessível de Deus, medeará sempre o Infinito de um abismo intransponível. Na sua tendência para Deus, na sua ânsia de elevar-se dignamente a tôda exigência da vida religiosa, a criação ficará sempre aquém, na impotência de uma tentativa essencialmente condenada a

http://www.obrascatolicas.com

não atingir nunca a plenitude de sua realização. O hino que se elevaria do Universo nunca seria digno da glória do Criador.

E o Verbo se fêz carne e habitou entre nós. A natureza humana, numa união de hipóstase, a mais íntima e a mais profunda das uniões, foi assumida pelo Verbo. E Jesus Cristo apareceu, na plenitude da história, Deus e Homem verdadeiro, sagrado Sacerdote eterno para oferecer ao Criador, em nome de Criação, um sacrifício digno de sua majestade inefável. *Holocautomata et pro peccato non tibi placuerunt: tunc dixi: ecce venio. Hebr. X.* E pela primeira vez os céus contemplaram numa ação de homem a grandeza infinita de Deus. O sacrifício de Cristo elevou-se à altura da dignidade infinita.

Na sua oblação teândrica, Êle apresentou a Deus as homenagens da adoração, da gratidão, da súplica, da expiação do Universo, que, assim elevado e reconciliado, voltava ao seu autor, na plenitude de uma consagração digna, na pureza de uma religião perfeita.

Em Cristo e por Cristo elevou-se a humanidade até ao trono de Deus: em Cristo e por Cristo baixou Deus até ao homem. O Infinito não entra em relação com suas criaturas, senão para dar. Numa primeira efusão deu-nos a existência, esta natureza humana, em que se fundem, na harmonia de uma síntese admirável, os dois mundos do espírito e da matéria. Numa generosidade, porém, que não conhece limites, quis Deus fazer-nos participantes da sua mesma vida, desta felicidade inefável que, no interior da essência divina, constitui a bem-aventurança infinita da Trindade augusta. Esta nova efusão que eleva o homem à dignidade de filho adotivo e o faz partícipe da natureza divina e a ela semelhante (*divinæ consortes naturæ — videbimus eum sicut est quia similes ei errimus*) constitui a ordem da sobrenatureza ou da graça. E a plenitude da graça, Deus a versou na humanidade de Cristo. Dêle, como de fonte inexaurível, deriva a consagração redentora e santificadora de todos os eleitos.

Eis, senhores, o que é Cristo na história divina da humanidade: o Mediador Necessário e Universal, o Salvador gratuito e generoso; o Caminho, a Verdade, a Vida; não podemos elevar-nos a Deus, nosso Princípio e nosso Fim, senão por Cristo Senhor Nosso; não podemos receber de Deus a graça e a glória que divinizam os predestinados, senão através de Cristo.

E a Igreja é a continuação de Cristo na história da humanidade. As gerações dos remidos que se sucedem no desfilar dos séculos não são menos ditosas que a dos eleitos da Galiléia, que presenciaram, com os seus olhos, a epopéia divina do Calvário. Contemporâneo perene de todos os cristãos, Cristo perpetua-se entre nós, vivo na sua Igreja, à qual confiou a riqueza dos seus tesouros divinos. O sacrifício perfeito do Gólgota renova-se a cada instante, em tôda a dignidade infinita do seu valor, em tôda a plenitude de sua eficácia, nas aras dos nossos templos. O sacerdócio de Cristo é eterno. Êle, Hóstia viva, santa, imaculada, permanece no Céu neste estado de oblação infinitamente aceita a Deus, inefàvelmente grata aos seus olhos em tôda a sua perfeição ilibada. E o oferecimento dêste dom de valor infinito, digno da Majestade divina, Cristo, em seu nome e em nome da humanidade resgatada com o seu sangue, o vai renovando a cada instante em todos os ângulos da terra. "Do Oriente ao Ocidente", profetizara Malaquias...

Nós que nos dizemos sacerdotes, não temos um sacerdócio próprio; participamos do sacerdócio de Cristo; somos apenas os seus ministros, por êle misericordiosamente escolhidos da massa pecadora dos homens, para sermos, no perpassar das gerações, os seus instrumentos, os órgãos de que se digna servir para repetir o oferecimento do *seu* sacrifício; dêste sacrifício em que Êle, Homem-Deus, é o Sacerdote eterno e insubstituível; Êle, Homem-Deus, a Hóstia viva e imaculada.

Iniciado com a oblação do homem a Deus, consuma-se o sacrifício dos nossos altares com a comunhão ou união

http://www.obrascatolicas.com

de Deus ao homem. Cristo-Hóstia é o pão da vida: *ego sum panis vitæ:* desta vida sobrenatural, de que há pouco vos falava, como da maior efusão do amor infinito às suas pequeninas criaturas. A Eucaristia não é, pois, um sacramento como os outros sacramentos, igual entre iguais: é o sacramento por excelência; é o sacramento em tôrno do qual giram todos os demais; como em tôrno do tabernáculo gravita a arte e a vida das nossas igrejas. É o alimento d'alma, o germe fecundo desta vida eterna em que desabrochará um dia a vida da graça como o botão em sua flor; o pão supersubstancial e indispensável, que, em ato ou em desejo, explícito ou implícito, deverá nutrir quantos um dia a pátria dos eleitos acolher no seio de sua bem-aventurança. *Nisi manducaveritis carnem Filii hominis... non habebitis vitam in vobis.* (JOAN. VI, 53.) A Eucaristia sacrifício, a Eucaristia sacramento: eis todo o Cristo; eis tôda a Igreja. Tudo o mais: magistério doutrinal, preceitos morais, formas litúrgicas, instituições eclesiásticas, organização temporal da Igreja, tudo gravita em tôrno dêste núcleo essencial da religião: o culto a Deus em espírito e verdade; a comunicação da vida divina às almas. Quem não desceu à profundidade destas exigências da nossa vida religiosa não poderá entender a Cristo, nem compreender a razão da existência e vida do seu Corpo místico na história humana. A Eucaristia e Igreja essencialmente identificam-se numa equação perfeita.

II — O homem não atinge a plenitude do seu desenvolvimento senão num ambiente social. A Igreja é a sociedade sobrenatural das almas resgatadas: a depositária autêntica e fiel dos meios necessários ao conseguimento dos nossos destinos imortais. Na ordem natural, a Família e a Pátria, em dois planos diferentes, constituem esta atmosfera social em que respiram os indivíduos o exigênio indispensável ao pleno desabrochar de sua personalidade. Na sociedade doméstica transmite-se e educa-se a vida; o lar é a primeira escola do dever e do sacrifício onde se enrijam os organismos, se formam as vontades e se temperam os caracteres.

Na sociedade civil, associação de famílias, jurìdicamente organizada, que chamamos Pátria, encontram os indivíduos, com a tutela dos seus direitos, um teatro mais amplo à livre expansão de suas energias realizadoras. Pela solidariedade indestrutível, porque inerente à natureza das coisas, entre a nossa vida espiritual e tôdas as outras manifestações da nossa atividade, é, ainda aqui, a Eucaristia a fonte mais pura, inexaurível e insubstituível, dos sentimentos sôbre os quais descansa a grandeza, a paz e a prosperidade da Família e da Pátria.

Poucas palavras apenas num argumento imenso.

Duas virtudes são como que os gênios tutelares de qualquer organização social: a justiça e a caridade. A justiça inclina-nos habitualmente as vontades ao cumprimento do dever jurídico. Respeitar os direitos alheios é a base do viver comum; é a primeira obrigação social.

Fácil ou árdua, a virtude da justiça impõe-nos e facilita-nos o seu cumprimento.

Nestas relações fielmente observadas entre direitos e deveres afirma-se pràticamente o respeito à dignidade da pessoa humana, inviolável na intangibilidade de sua autonomia.

Superior à justiça, a caridade vem completá-la na sua função pacificadora e preservadora da ordem social. Os homens separam-se pela distinção de suas personalidades; aproximam-se pelos vínculos de uma natureza comum a que o cristianismo acrescenta os laços mais altos de uma comum filiação divina no Cristo-Jesus. Como pessoas distintas, titulares de direitos, regula-lhes as relações a justiça; como irmãos na natureza e na graça, une-os a caridade nas atrações de uma recíproca benevolência. A justiça põe, uma em face da outra, duas pessoas; a cada uma assina o que lhe é devido; distingue-as, separa-as; remove os princípios ou os germes do ódio que a iniqüidade gera, mas por si não aproxima, senão negativamente (removidos os obstáculos), os corações. A amizade que funde as almas numa união fecunda

http://www.obrascatolicas.com

de bem e de serviços mútuos é filha da caridade, que é, portanto, a virtude social por excelência.

A justiça não se move senão no campo da obrigação estrita. Onde expira o dever, aí paralisa ela a sua ação e cala as suas exigências. A caridade não mede as suas dádivas generosas; onde quer que estenda a mão uma necessidade, aí está ela para socorrê-la com a generosidade dos seus dons. Tôdas as misérias, todos os infortúnios que não têm, a defendê-los, o rigor de um direito apelam confiadamente para o seu coração dadivoso.

A justiça não olha ao sentimento interno; satisfaz-se com o cumprimento exterior, friamente jurídico, de suas imposições. A caridade rompe estas exterioridades de gêlo, movimenta e aquece os corações, desenvolve a simpatia e não se contenta enquanto não atinge as delicadezas mais finas e extremadas de todos os sentimentos nobres.

Sem justiça e principalmente sem caridade não há organização social que medre. E o grande gerador da injustiça, o inimigo nato da caridade é o *egoísmo;* o egoísmo feito e intratável, que sobrepõe o eu ao nós, a satisfação dos caprichos individuais às exigências do bem comum, o egoísmo, que, numa gravitação antinatural, invertendo a ordem das essências, faz girar tudo, homens e coisas, em tôrno do nosso pequenino eu, da volubilidade dos seus caprichos e da desordem das suas paixões.

Na Família é a fonte envenenada de todos os seus sofrimentos; na sociedade o germe maligno de tôdas as anarquias.

E a paz do lar e a prosperidade da Pátria não se firmarão definitivamente em alicerces estáveis, enquanto não descermos às profundezas das consciências, e as educarmos eficazmente na generosidade de tôdas as dedicações.

Fôra otimismo ingênuo esperar a diminuição dos nossos sofrimentos de jôgo automático de novas instituições, domésticas ou sociais. O problema de boas organizações é de importância incontestável; mas a questão capital é a da formação do homem interior, pela renovação continuada das suas disposições individuais.

Não nos elevaremos a uma civilização mais perfeita senão a preço de um valor mais alto do homem. "O pão de cada dia, ganhamo-lo com o suor do nosso rosto; a paz da nossa vida social, havemos de conquistá-la com a virtude das nossas almas". (PONCHEVILLE.)

Por isto o cristianismo, que veio trazer aos homens o segrêdo perdido da paz, fêz da fraternidade a *Magna Charta* da família humana. A caridade não é uma virtude cristã ao lado das outras virtudes, irmã entre irmãs; é a virtude por excelência, é o segundo *maximum mandatum* semelhante ao primeiro; por outra, é o mesmo grande mandamento do amor de Deus aplicado às relações com os nossos semelhantes; é, ainda, no dizer de Cristo, o sinal distintivo por onde serão conhecidos os seus discípulos. E como poderia não ser assim? O caráter sobrenatural da comum paternidade divina, que a graça imprime nas almas, como não havia de despertar nos corações os sentimentos de uma fraternidade mais alta, vitoriosa de tôdas as resistências do egoísmo?

O Evangelho é o código sublime do amor entre os homens. Mas Cristo conhecia a inconstância da nossa natureza. Promulgá-lo e ausentar-se fôra talvez entregá-lo ao destino de tantos outros sistemas cuja beleza e eficácia original vão empalidecendo com a longa sucessão dos anos. Um túmulo vazio não defende uma Lei Viva. A saudade de uma lembrança não supre uma presença amada. Para reconstruir uma humanidade, em que o homem fôsse irmão de outro homem, Cristo perpetuou entre nós a sua presença divina. A lei do amor será guardada pelo tabernáculo onde Êle permanece, vivo e real, como nos dias ditosos da Palestina em que vazava os corações dos seus primeiros discípulos nos moldes do seu Coração infinitamente generoso. Desde esta noite misteriosa, que precedeu a trágica imolação do Gólgota, o grande mandamento que resume todo o seu Evangelho ficou indissolùvelmente associado ao grande

http://www.obrascatolicas.com

sacramento em que se consubstancia todo o seu amor. A Eucaristia, o mais ìntimamente pessoal de todos os sacramentos, será também, e por isto mesmo, o sacramento social por excelência; será a comunhão, a *synaxe,* isto é, a assembléia, a união íntima dos fiéis que devem ser irmãos; será o banquete, o convívio, isto é, o símbolo da fraternidade, a expressão e o alimento do amor na família e na sociedade. O contato íntimo com Cristo na Eucaristia irá transformando profundamente as almas num ideal mais alto. A quem comunga, o mundo vai aparecendo à claridade de outra luz; já não é um instrumento dessas satisfações egoístas; um campo, onde só há bens sensíveis que excitam a febre do gôzo, multiplicam os germes de discórdias e exasperam as concorrências, os conflitos e as lutas; a existência apresenta outro sentido: o de uma vida em que se trabalha por Deus e pelo próximo, em que dar é mais feliz do que receber, em que sacrificar-se é o segrêdo de realizar-se plenamente. Ao contato do coração de Cristo, ardente, generoso, ìntimamente unido ao nosso, opera-se invisìvelmente a transfiguração maravilhosa: desbastam-se as arestas rudes da nossa intratabilidade e dissolvem-se os gelos do nosso egoísmo, e o coração do homem começa a palpitar ao ritmo do Coração de Deus. Cada tabernáculo se transforma assim num foco de irradiação fraterna, num manancial vivo de amor entre os homens, dêste amor que defende as famílias e salva as sociedades das devastações mortíferas do egoísmo. Para comprimir tôdas as causas interiores de divisões, de discórdias e de guerras; para dar a tôdas as fôrças divinas de harmonia o máximo de sua expansão unificadora, estabelecer nas almas, pela participação freqüente, intensa, profunda, da Vida Eucarística, o reino de Cristo que só assegura a paz de Cristo: *non est in aliquo alio salus*.

Bem haja, pois, a inspiração que hoje aqui nos reúne nos esplendores magníficos desta Assembléia Eucarística. À claridade intensa que irradia a Hóstia Viva dos nossos ostensórios, extinguem-se tôdas as causas que dividem os homens, que podem talvez dividir os brasileiros: concorrências mercantis, porfia de ambições, lutas políticas, antagonismos regionais, pequenez mesquinha de interêsses terrenos que passam.

Nesta atmosfera superior de unidade e de paz constituída pela reunião dos que somos um só corpo porque participamos do mesmo pão, como é bom estudar a organização, a defesa, o desenvolvimento destas grandes realidades sociais — a Igreja, a Família, e a Pátria — que condicionam, com o desenvolvimento integral da nossa personalidade, a plenitude feliz da nossa perfeição humana!

Prossigamos confiadamente: temos o segrêdo da vitória.

Desde que Cristo instituiu ao mistério dos altares a síntese de tôda a nossa vida cristã — do culto que a Deus se eleva, da graça que de Deus se nos comunica — a Vida Eucarística marcará sempre na história das famílias e dos povos, com as oscilações de sua intensidade, o ritmo dos triunfos do amor sôbre o ódio, de tôdas as fôrças que unem, elevam e felicitam o homem sôbre a anarquia de todos os princípios que o degradam.

http://www.obrascatolicas.com

APELOS EUCARÍSTICOS

PÁSCOA DOS INTELECTUAIS CATÓLICOS (1931-1946)

1931

Como a primavera no ano, assim volta periòdicamente a Páscoa no ciclo litúrgico da Igreja. É o tempo da renovação na vida espiritual das almas. E como todo o ser se renova aproximando-se do seu princípio, a Deus nos vamos unir mais ìntimamente, pela comunhão sacramental, para regenerarmos, na pureza de suas fontes, a vitalidade do nosso cristianismo.

É a vida cristã que, no contato da hóstia divina, renasce ou se fortalece, é a vida da fé e a vida da caridade.

Como nos importa, no meio das ocupações absorventes dos interêsses materiais, conservar acesa a luz divina que nos orienta a existência! É o tesouro mais precioso da nossa riqueza intelectual; é o patrimônio das verdades essenciais que projetam a sua claridade pacificadora sôbre a nobreza de nossas origens e a imortalidade dos nossos destinos; que derramam o bálsamo de sua consolação eficaz nos momentos de angústia e tribulação, dando à dor um sentido que a valoriza e ao coração que sofre uma esperança de redenção. Para intensificarmos esta luz que orienta e consola o homem interior vamos Àquele que disse: Eu sou a Luz do mundo. A Eucaristia, *mysterium fidei*, é a síntese de todo o cristianismo; nela se resumem tôdas as maravilhas da nossa fé; dela irradia esta energia misteriosa que defende e aumenta o precioso dom que constitui o fundamento da nossa vida religiosa.

Mas vamos intensificar também o fervor da nossa caridade. Mais do que em outros tempos, nos dias difíceis que atravessamos, em que as ambições dos indivíduos, as rivalidades dos partidos, as lutas de classes, as guerras das nações multiplicam entre os homens os germes de discórdias profundas e de ódios irreconciliáveis, lembremo-nos que somos cristãos. Aos pés do altar, onde se oferece a Vítima divina que com o seu sacrifício trouxe a paz aos homens de boa vontade, não esqueçamos que são mesquinhos, insignificantes e efêmeros os interêsses que nos separam e essenciais, eternos e divinos os bens que nos unem na estreita comunhão da família dos remidos no Calvário. Ponhamo-nos muito sinceramente sob a irradiação desta vida fraterna que difundem os nossos tabernáculos, e nas lições da Hóstia vamos aprender a caridade sobrenatural, a dedicação desinteressada, o espírito de verdadeiro sacrifício sem o qual o amor não passará de um disfarce do egoísmo e a fraternidade de uma palavra sonora e vazia.

Renovemos assim a nossa vida interior, elevemos o nível da nossa perfeição pessoal: é o segrêdo da paz nas almas, é a condição do progresso nas sociedades, é o desejo supremo de Cristo que quer elevar os homens a Deus ensinando-os a amarem-se uns aos outros.

E só através de Cristo, de Cristo amado no Calvário, de Cristo recebido na Eucaristia que um homem começa a ser irmão para outro homem.

Católicos do Rio de Janeiro:

ao Deus da fé
ao Deus do amor
ao Deus da paz
a Jesus Sacramentado!

1932

O convite materno da Igreja vem arrancar-nos à solicitude absorvente das preocupações terrenas e rasgar no ho-

http://www.obrascatolicas.com

rizonte da vida uma aberta luminosa para o céu. Mais do que em outras eram tranqüilas, precisamos neste século de agitação febril e inquietude profunda levantar as almas para Deus e iluminar as vicissitudes dolorosas de uma existência que passa com a claridade serena das verdades que não passam.

A Comunhão Pascoal é um grande alto na marcha atropelada de todos os dias. Paramos alguns instantes, concentramo-nos num recolhimento benfazejo, purificamos a consciência e vamos a Jesus, o Mestre Divino do homem, o Caminho que não erra, a Verdade que não empalidece, a Vida fiel à eternidade de suas promessas, vamos a Jesus em busca de luz e de paz.

Luz para as nossas inteligências. Que a fascinação das bagatelas terrenas não obscureça nas nossas almas o valor real e definitivo das coisas. Que por entre as tempestades da existência não percamos de vista o farol da eternidade, que deve orientar a grande viagem da vida. Que as alegrias e os sofrimentos, os sorrisos e as lágrimas de cada dia, as pequeninas ocupações e as grandes responsabilidades não nos façam, um só instante, levantar mão na tarefa da nossa perfeição cristã, que é a obra-prima essencial imposta à atividade de todo o homem que vem a êste mundo.

Paz para os nossos corações; para as nossas famílias; para a nossa Pátria; paz para tôda a humanidade remida com o sangue divino. O grande inimigo da paz é o egoísmo. Jesus-Hóstia é fonte de dedicação, de desinterêsse, de caridade. Em Jesus, o homem sente-se irmão dos outros homens. Sob a ação eficaz de sua graça o preceito de nos amarmos uns aos outros cessa de ser uma frase vazia para transformar-se na mais consoladora das realidades. À medida que se intensifica a sua vida divina em nossas almas, diminui a cobiça dos interêsses materiais que dividem e intensifica-se, vitoriosa, a influência dos valores eternos que unem os homens na comunhão dos mesmos destinos.

Sôbre os que temos a ventura de ser cristãos, pesa neste momento a grandeza de uma responsabilidade maior. A humanidade tem o direito de esperar mais de nós; e de lhe sermos mais úteis na redenção penosa dos males que a aflige. O Evangelho nos faz um dever rigoroso: *Vos estis lux mundi; Vos estis sal terræ.*

A Jesus! Haurir luz e paz para as nossas almas!

Com Jesus! Irradiar luz e paz para os nossos irmãos!

1933

A Comunhão Pascoal dêste ano de 1933 reveste para nós, católicos brasileiros, uma importância duplamente comovedora.

Católicos, celebramos, com a universalidade dos fiéis disseminados em todo o mundo, o centenário augusto da nossa Redenção. Há 19 séculos, Cristo, o sacerdote da nova Lei, ofereceu, em nome da humanidade, o grande sacrifício da reconciliação que nos restituiu a dignidade sobrenatural de filhos de Deus. E o seu sacerdócio é eterno. Aos apóstolos, continuadores de sua missão, celebrada a primeira missa, disse o Senhor: "fazei isto em minha memória". Passaram os séculos, passarão os milênios; desaparecem as instituições humanas na sua irremediável caducidade. A palavra do Senhor permanece na eficácia indestrutível de sua significação divina. E dentro em poucos dias iremos comungar com Cristo e em Cristo, como comungaram há 1900 anos os 12 escolhidos da Galiléia. E sôbre as nossas almas atribuladas descerá esta paz interna das consciências, que é o melhor dom de Deus na terra; e nas nossas almas reconciliadas reviverá o sentimento da nossa filiação divina que é o fruto precioso da Redenção e o penhor da nossa felicidade definitiva.

Brasileiros, vivemos um dos momentos decisivos da nossa história. Amanhã se lançarão os fundamentos da nova es-

http://www.obrascatolicas.com

trutura jurídica sôbre que há de repousar a ordem e a paz da nossa vida nacional. Nestes momentos em que um povo batizado retoma nas mãos o exercício ativo de sua soberania para orientar os seus destinos no futuro, é grande a responsabilidade que pesa sôbre as consciências cristãs. Não esqueçamos que nas mãos de Deus está a sorte das nações como a dos indivíduos. Se, de um lado, a Providência nos impõe o indeclinável dever de pôr a serviço de nosso país tôdas as dedicações e tôdas as energias da nossa atividade como se dela exclusivamente dependera a boa realidade de amanhã, por outro nos manda implorar da Bondade Infinita a liberalidade de sua proteção como se ùnicamente na sua Misericórdia descansara tôda a firmeza inabalável das nossas esperanças. *Ora et labora;* eis a síntese de tôda a vida cristã. A Comunhão Pascoal dêste ano será a grande oração coletiva do Brasil pelo Brasil. Aos pés dos nossos altares, transfigurados pela presença real de Cristo, iremos pedir as bênçãos de Deus sôbre o nosso porvir; iremos pedir a fôrça, a abnegação, o desinterêsse, o espírito de concórdia e de fraternidade, de amor e de sacrifício para construirmos uma Terra de Santa Cruz fiel à missão que a Divina Providência lhe assinou no convívio dos povos.

Comunguemos para nos unirmos a Deus!

Comunguemos para salvar o Brasil!

1934

Quando todos os anos, fiel e zelosamente, nos lembra a Igreja o dever da comunhão pascoal, é a um rejuvenescimento interior das nossas energias espirituais que nos convida a sua insistente solicitude de mãe das almas.

Comungar é purificar as nossas consciências, libertá-las dêste pêso oprimente, constituído pelas quedas da nossa fragilidade e pelas capitulações da nossa covardia. O coração que assim se desembaraça do remorso, corolário fatal da

culpa, renova a fôrça e os entusiasmos puros de sua juventude.

Comungar é estreitar os vínculos da amizade e da união com Deus. Interrompem-se, por alguns instantes benditos, as preocupações materiais do ganha-pão de cada dia, afastam-se as dissipações da vida agitada dos sentidos e dos divertimentos, para que as almas, num esfôrço de concentração e recolhimento, se elevem, serenas e confiantes, a Deus, o grande e insubstituível Amigo, o Bem supremo e definitivo dos nossos corações, talhados para a grandeza imortal do Infinito.

Comungar é destruir em nós tôdas as fôrças satânicas do mal e renovar as energias salutares do bem; é romper com o pecado e elevar-nos a Deus; é contraminar as tendências esterilizadoras de egoísmo e dar livre expansão às dedicações inesgotáveis da caridade; é preparar, com a verdadeira regeneração do homem interior, a única reforma possível das sociedades.

A Eucaristia é assim o pão da vida, da vida dos indivíduos, das famílias e dos povos; alimento que conserva, renova e perpetua a juventude imarcescível do cristianismo na terra.

Cristãos, conscientes da nossa missão no tempo e dos nossos destinos na eternidade, vamos à mesa eucarística, preparada por Deus, como

PRINCÍPIO DE VIDA DIVINA
E FONTE DE PAZ PROFUNDA!

1935

As vicissitudes das estações renovam, com a beleza multiforme de seus encantos, o espetáculo da natureza. A sucessão das grandes festas, na periodicidade dos ciclos litúrgicos, esmalta de esplendores variados o firmamento espiritual das almas. No mundo da matéria, como no do espírito,

http://www.obrascatolicas.com

variedade, formosura e harmonia para os que sabem viver a vida como Deus no-la fêz na sua sabedoria e bondade.

Os repiques festivos e os aleluias gaudiosos já nos anunciaram as alegrias da Páscoa. E a mensagem pascoal é para as almas cristãs portadora de vida nova, de paz divina e de caridade fraterna.

Para melhor colhêr a suavidade dêstes frutos, a Igreja convida os seus filhos a receber os dois grandes sacramentos da reconciliação e do amor. Arranquemo-nos, por alguns momentos felizes, à tirania absorvente dos negócios terrenos e ao torvelinho das ocupações quotidianas para vivermos em tôda a sua intensidade estas horas abençoadas de purificação e de ascensão interior.

Na fragilidade da nossa natureza e na multiplicidade das tentações que nos cercam, quanto deslize, quanta capitulação vergonhosa, quanta traição às promessas e às esperanças do nosso batismo. E êste pêso morto carrega-nos a consciência como uma capa de chumbo que oprime, esmaga e tolhe a liberdade dos grandes vôos. A nossa alma sente a necessidade de uma atmosfera pura, sente a nostalgia desta voz amiga, desta voz paterna de Deus, que, no mais íntimo do nosso ser, repita ao nosso coração arrependido as palavras taumaturgas da regeneração: Filho, os teus pecados te são perdoados. Vai em paz.

E o mistério da purificação prepara o da ascensão interior para uma união mais íntima com Deus. A confissão dispõe para a Eucaristia. E a Eucaristia é, de nome e de natureza, uma comunhão, comunhão profunda e inefável, de vida com Deus. Na vida do corpo, o alimento renova e conserva as fôrças, assegura ao nosso organismo primeiro a sua persistência, depois o seu crescimento, e a evolução de tôdas as suas energias até a plenitude de sua vitalidade. No mundo espiritual, através da Eucaristia, Deus comunica-nos a sua própria vida incriada: eu vim para que os homens tenham vida e a tenham superabundante.

E a vida de Deus nas almas é luz, é paz, é amor, é beleza, é plenitude inefável, é penhor seguro desta felicidade suprema que constitui tôda a nossa razão de ser e resume tôda a sublimidade de nossos destinos imortais.

Com resolução enérgica e generosa, não obstante as dificuldades e os sacrifícios, levemos as nossas almas inquietas

ao Deus da misericórdia e do perdão,
ao Deus da paz e do amor.

1936

A Páscoa é a primavera do ano religioso; quadra de rejuvenescimento interior e de renovação das energias espirituais.

A juventude é a integridade, a fôrça, a beleza, o esplendor de um ser próximo do seu princípio. No mundo dos corpos não há verdadeiro rejuvenescimento; entre a vida que caminha para o futuro da morte e as suas origens que se vão afastando nas sombras do passado, o tempo irrevogável interpõe uma distância que, mais e mais, indefinidamente se alonga. Na ordem dos espíritos que vêm imediatamente à existência por um sôpro da onipotência criadora, tornar às alegrias da juventude é sempre possível. A alma que volta as costas ao mal para de novo aproximar-se de Deus revive, em sua pureza primitiva, todos os encantos da vida que começa.

A êste remoçar interior de energias morais, à conservação ou reconquista dêste tesouro de bens resumidos numa existência que se renova integralmente, convida-nos cada ano a Igreja quando nos dirige o seu apêlo materno à Comunhão Pascoal.

Almas há longos anos distanciadas de Deus, neste exílio interior onde se provam tôdas as angústias de uma existência que vai falseando o seu destino, voltai ao Deus, alegria de

http://www.obrascatolicas.com

vossa juventude, e Êle vos restituirá a paz de uma consciência que reencontrou o sentido supremo do viver.

Almas que lutais pela virtude e sentis, nas vicissitudes das tentações, os desfalecimentos de vossa fraqueza e as ofensivas recrescentes do mal, vinde à mesa dos fortes onde se retemperam tôdas as energias vitoriosas do bem.

"Quem come o meu corpo e bebe o meu sangue terá a eternidade da vida".

A Jesus Eucarístico

renovar as energias morais,
reconquistar a alegria interior de uma mocidade espiritual que não conhece o declínio e as tristezas da decrepitude.

1937

A mensagem da comunhão pascoal soa, aos corações cristãos, como o repique festivo da grande alegria do ano. No verdecer de cada primavera a natureza reveste-se de galas novas e rejuvenesce a vitalidade de suas energais. O repontar de cada Páscoa anuncia a purificação interior das almas e o renovamento das fôrças e ascensão espiritual.

Purificação interior que alivia as almas. E quem não sente o pêso morto e ingrato das faltas que, no volver dos dias, se vão acumulando nas consciências pela fragilidade da natureza e pela capitulação vergonhosa das vontades cúmplices? Quem não aspira a desembaraçar-se desta companhia penosa de atos que, um dia, quisemos fôssem nossos, mas hoje não podemos evocar sem recurso, sem tristeza, sem desestima própria? Separemo-los de nós num gesto de desaprovação sincera, desliguemo-los da nossa responsabilidade moral numa retratação profunda e completa aos olhos de Deus. A contrição presente repara as culpas do passado, restitui às consciências a alvura de sua pureza original e, com ela, a serenidade, a paz, a alegria inalterável dos santos.

Renovamento das fôrças de ascensão espiritual. Viver moralmente é ascender e ascender sempre é elevar, dia a dia, a totalidade das ações às alturas do ideal de homem e de cristão. Mas quem sobe despende energias e sente a necessidade imperiosa de renová-las. Para a alma cristã, a Eucaristia é o pão dos fortes, o manancial inesgotável de fôrças ascensionais. Há, na Hóstia Imaculada, em que, aos olhos da nossa fé, palpita, presente e vivo, o divino Salvador, uma fonte sobrenatural de energias renovadoras da santidade. Onde se alimentou o heroísmo cristão de 20 séculos, por que não iremos haurir o ânimo e o vigor para não mentirmos às promessas do nosso batismo e às esperanças e às aspirações mais queridas da nossa alma, talhada para a grandeza de destinos imortais?

Cristãos!!!

Purifiquemos as nossas consciências, na humildade sincera de uma confissão perfeita.

Renovemos, na Mesa Eucarística, a fôrça desta graça misteriosa que um dia transformará os esforços da virtude militante em bem-aventurança da santidade gloriosa.

1938

A paz interior é o grande dom de Deus ao homem. Recompensa preciosa de uma consciência fiel ao dever, ela constitui esta atmosfera saudável em que as almas vivem e crescem na realização ininterrupta de seus destinos superiores. Inefável consolação, por entre as vicissitudes agitadas da nossa existência terrena, a certeza profunda de que para nós os dias não passam em vão! Fonte de energias inesgotáveis na prática do bem a esperança de que, se as aparências exteriores do mundo se desvanecerão com o tempo, a alma que coopera com Deus, na fidelidade inquebrantável

http://www.obrascatolicas.com

aos seus desígnios, trabalha serenamente para a imortalidade.

É êste grande dom de Deus — a paz, consoladora das consciências e dinamizadora das energias morais — que nos deseja comunicar a Igreja quando, com solicitude materna, nos convida cada ano ao tribunal da confissão e à mesa Eucarística. Confissão é a reabilitação das almas arrependidas; é a remoção de todos os obstáculos que em nós se opõem à amizade tranqüilizadora de Deus; e, com a destruição do pecado e de sua obra funesta de desordem e de morte, a reintegração na unidade, na beleza, no esplendor da vida espiritual. Eucaristia é o amplexo interno da alma remida e grata com o seu Redentor generoso. Nada mais profundamente pacificador do que esta união misteriosa que nos é penhor certo de vida eterna e na qual, para os embates decisivos das lutas morais, o homem se reveste das fôrças de Deus.

Num gesto nobre e viril de fidelidade cristã, firmemos a nossa resolução. Aos grandes sacramentos pascoais vamos pedir a purificação e a renovação interior das nossas almas abatidas, cansadas ou aflitas.

E Deus dar-nos-á a paz, a sua paz, a paz que o mundo não sabe dar, a paz que o mundo não poderá tirar.

1939

Por entre os sobressaltos de um dos momentos mais angustiosos da agitada história contemporânea soa-nos, aos ouvidos cristãos, a mensagem festiva da Páscoa. Os acontecimentos externos falam-nos de injustiças, de lutas e de guerras a dividirem os homens e as nações; a voz materna da Igreja convida-nos à pureza, à paz e ao amor fraterno na comunhão com Cristo Jesus. O contraste é frisante e instrutivo.

Para nós, cristãos, acima das vicissitudes mais atribuladas da vida, há uma região superior da alma onde pode e deve reinar sempre uma serenidade imperturbável. É esta aberta da consciência que olha para o céu, que vive da amizade inefável de Deus e alimenta as suas energias na certeza consoladora de quem vai realizando uma missão confiada pela Providência à sua fidelidade generosa.

Esta paz profunda — dom de Deus e de seu Cristo — não a podem tirar os homens ou os acontecimentos; só a perturba e abala o pecado.

Para sanar as devastações internas dêste grande inimigo da nossa felicidade, abrem-se mais acessíveis, nesta quadra litúrgica, as fontes da misericórdia divina. O sangue redentor que, no tribunal da penitência, sobrenaturaliza a sinceridade de nossos arrependimentos e a comunhão íntima que, na Mesa Eucarística, se consuma entre a alma e o seu Deus humanado, restituem-nos às almas pecadoras, com a tranqüilidade do coração, tôdas as alegrias da Páscoa.

Com almas assim, purificadas e elevadas, enfrentamos animosamente as nossas responsabilidades sociais. Ao cristão não se permite hoje uma mediocridade inútil. Portadores de um tesouro de verdade e de vida, não nos é lícito enterrá-lo na insignificância de uma existência estéril. Tôda a alma, iluminada pelas claridades do batismo, deve difundi-las numa irradiação benfazeja de luz e de vida. A um mundo que sofre por iniqüidades e ódios, lembremos, com o nosso exemplo, as lições evangélicas de justiça e de amor. Aos que se degradam no culto de ídolos efêmeros preguemos a eminente dignidade da pessoa humana, elevada pela graça às alturas da filiação divina. Aos nossos irmãos que sofrem, desarvorados e inquietos, porque perderam o sentido da existência, apontemos no Cristo Jesus, prolongado pela Igreja através da história, o caminho único de salvação e a solução derradeira do problema humano.

http://www.obrascatolicas.com

À MESA DA COMUNHÃO:

Restaurar as alegrias da nossa vida interior.

Haurir as energias espirituais para a verdadeira restauração social.

1940

Já ressoaram festivos os aleluias pascoais, e, com êles, chega-nos aos ouvidos e ao coração o convite materno da Igreja para a grande festa espiritual das almas batizadas. Interrompamos por alguns momentos as nossas ocupações habituais e, num esfôrço de concentração espiritual, desçamos às profundezas da alma para aí ouvirmos as vozes dos nossos destinos eternos. As responsabilidades da profissão são, por vêzes, absorventes. As relações sociais enchem-nos as horas e os dias que passam vertiginosamente. O mundo, com o esplendor de suas aparências, que fascinam os sentidos, dissipa-nos a vida interior amiga do recolhimento e da paz. Cumpre-nos, por vêzes, com um ato enérgico e decisivo da vontade arrancar-nos a estas solicitações dispersivas e pôr-nos, mais de espaço, em face das exigências imprescritíveis da nossa finalidade humana e cristã.

E nenhum tempo mais oportuno que o ciclo das festas pascoais com a evocação do triunfo do Ressuscitado, penhor e modêlo do nosso, e com o convite mais urgente ao *sursum* de vida nova: *ut in novitate vitae ambulemus*.

A vida nova é essencialmente uma ascensão espiritual para Deus. Tudo o que, na brevidade da nossa existência, não nos aproxima do Sumo Bem ou dÊle nos aparta é irremediàvelmente perdido. O que conta, o que ficará para sempre integrado na nossa plenitude definitiva é todo esfôrço sincero de união mais intensa com Deus.

Mas Deus é santidade infinita. Com a pureza de seu olhar é incompatível tôda e qualquer mancha. A violação da ordem moral que exprime a sua vontade incorruptível exige uma reparação reabilitadora. O arrependimento leal

das nossas fragilidades e misérias destrói, com um ato presente de retidão completa, os desvios e as tortuosidades do passado. O sacramento da Penitência é assim o sacramento da purificação, da reintegração pacificadora da beleza moral nas consciências que se regeneram. Remove-se destarte, com a extinção do pecado, o grande obstáculo à nossa aproximação da infinita Santidade.

Mas Deus é também caridade infinita. O seu supremo anelo é comunicar-nos a sua felicidade na união de um amor sem limites. A Eucaristia, união misteriosa e inefável da alma com Deus, é o prelúdio e o penhor de outra união mais misteriosa e mais inefável em que, num êxtase inenarrável, nos abismaremos por tôda a eternidade na contemplação e no amor da Verdade, da Beleza, do Bem, da Plenitude Infinita.

Que as festas da Páscoa nos iluminem as almas, abatidas pelas vicissitudes terrenas, com as esperanças da imortalidade.

Que a purificação das nossas consciências e a participação do sacramento de Amor acelerem as ascensões interiores que nos levam à paz de Deus.

1941

Para perpetuar os seus benefícios Cristo quis perpetuar a sua presença entre os homens. Com a sua encarnação, o Salvador trouxe-nos uma luz: a luz da vida. *Lumen vitae*. Claridades divinas sôbre a grandeza dos nossos destinos, sôbre o valor das nossas ações, sôbre o sentido de tôda a nossa existência. Quem o segue não anda nas trevas.

Luz para as inteligências, e vida para as almas. O sacrifício da Redenção abriu-nos as fontes de uma vida nova e mais alta: a vida de filhos de Deus, partícipes de sua natureza e herdeiros de sua glória. Quem a vive encontra a paz de sua alma e alimenta esperanças imortais de uma felicidade inefável na posse inamissível do Infinito Amor.

http://www.obrascatolicas.com

Mas êstes benefícios, que são o maior tesouro da humanidade, Cristo os distribui pela presença viva dos seus altares. "Se não comerdes a carne do Filho do Homem, não tereis a vida em vós". Sem Eucaristia não há cristianismo autêntico. A Hóstia é o centro que irradia e intensifica no espírito a luz da fé; é o manancial vivo da graça que transforma os filhos dos homens em filhos de Deus e fraterniza a humanidade sob a comum paternidade divina.

Neste momento de angústias e apreensões, de tanto sangue derramado e de horizontes tão escuros, as almas precisam de paz profunda e a humanidade de mais cristianismo. Saibamos cumprir o dever que na hora presente nos impõe a Providência. Multipliquemos as comunhões: cada contato mais íntimo de uma alma com Deus é um progresso na felicidade interior e na pacificação da família humana.

1942

Nos momentos de grandes crises impõe-se, sincero e rigoroso, um exame de consciência. Dê-se um balanço às responsabilidades passadas para melhor se atenderem as reconstruções do futuro. O mundo em que vivemos sofre momentos de indizível angústia. E sofremos por falta de justiça, de fidelidade e de amor. Sofremos pelos desmandos da ambição, da soberba e da crueldade. Atiramo-nos aos bens terrenos com instintos de fera e esquecemos os valores espirituais que unem e fraternizam os homens.

Ante o espetáculo de tantas ruínas amontoadas e a tragédia de dores tão lancinantes, qual a nossa responsabilidade de cristãos educados na escola divina do Evangelho? Que espera de nós o mundo? E Deus que espera de nós? Mais do que nunca nas profundezas de tôda alma batizada ressoa poderosa e indeclinável a intimação da voz de Cristo: vós sois a luz do mundo! vós sois o sal da terra!

Estaremos à altura da nossa missão providencial? Sim, se vivermos em Cristo e de Cristo e a nossa vida sobrenatural

fôr uma realidade transfiguradora da existência. O Cristo que vive e revive em cada cristão irradiará a luz, o amor e a paz de que precisamos nós e de que precisa o mundo.

Mas só a comunhão alimenta, desenvolve e defende a vida sobrenatural da graça. "Quem come a minha carne permanece em mim e Eu nêle".

Vamos a Cristo para vivermos de Cristo. Só assim satisfaremos às nossas terríveis responsabilidades. É o segrêdo da paz das nossas almas.

É a fôrça misteriosa na reconstrução de um porvir melhor.

1943

Pela quarta vez, entre as devastações da guerra, ressoa-nos aos ouvidos o convite materno da Igreja à renovação interior do ciclo pascoal. Parece apenas a lembrança do cumprimento periódico de um dever religioso; é, na realidade, a preparação mais eficiente à paz futura do mundo.

Sentimos todos retransir-nos a alma o horror ante o imenso de lágrimas, de sangue, de ruínas e de mortes que afligem a humanidade. Preocupa-nos ainda mais vivamente a incerteza do dia de amanhã e a orientação da nova ordem que irá plasmar as sociedades convulsionadas de pós-guerra.

Como cristãos, pesa-nos uma responsabilidade gloriosa e indeclinável. Hoje, como ontem, amanhã e sempre devemos ser a luz do mundo e o sal da terra. Como desincumbir-nos, diante de Deus e dos homens, dêsse dever imperioso que é a razão de ser da nossa vida?

Sem esquecer as obrigações em outros setores, antes e acima de tudo, por uma vida cristã vivida na plenitude de suas exigências santificadoras. Entronizemos a Deus nas nossas consciências purificadas; afinemos a cadência de nosso coração pelo ritmo do coração de Cristo. Ao calor da vida divina, sempre ativa, em nós, cultivemos o amor dos nossos irmãos, o zêlo da justiça, o respeito à dignidade do

http://www.obrascatolicas.com

homem, implantemos pràticamente nas nossas ações a jerarquia entre valores espirituais e materiais, a disciplina das paixões, o espírito de dedicação colaboradora e de sacrifício anti-egoísta. É nesta elevação das almas que reside o segrêdo da ordem, da paz e da felicidade.

A fôrça, às vêzes chamada à nobre missão de defender a justiça e o direito, destrói; só a virtude constrói.

Eis o significado religioso e social dos grandes sacramentos que vamos receber.

Penitência: purificação interior, ruptura com o mal, renovação das energias construtivas do bem.

Eucaristia: união interna com Deus, consciência reavivada da fraternidade cristã: somos um só corpo os que participamos do mesmo pão.

Nestas fontes divinas de caridade e de alegria vamos haurir as energias sobrenaturais para os grandes deveres da hora presente.

1944

Enquanto o sangue humano se derrama em torrentes e o ódio envenena os ânimos, a Igreja, fiel à sua missão divina, trabalha nas profundezas dos corações para reconstruir a paz no interior das almas e na vida dos povos.

Esta é a significação profunda do convite à comunhão pascoal. No seu simbolismo de alimento a Eucaristia significa vida da alma; na sua forma exterior de ágape ou banquete exprime a sua eficiência realizadora de fraternidade social.

O Pão divino possui, antes de tudo, pela virtude infrustrável de sua própria instituição, a eficácia de comunicar-nos uma vida nova, a vida de Cristo. Passamos a viver nÊle e por Êle, a recebermos esta seiva inefável que nos transfigura e informa a existência com a verdade de sua doutrina e a santidade de seus exemplos. União permanente; colaboração ininterrupta. "Como o Pai que me enviou é o Deus vivo e eu vivo por Êle, assim aquêle que me receber em

alimento viverá por mim". (JOAN. VI, 58.) E viver em Cristo e por Cristo é elevar-se acima das paixões que agitam e do pecado que semeia desordem, é entrar no gôzo desta paz que o mundo não pode dar nem pode tirar. Plenitude de vida, plenitude de alegria.

Mais. O homem que entrou a viver por Cristo começa a ser irmão para os outros homens. Já lhe não tiraniza, no coração, o egoísmo que isola; reina o amor que aproxima e fraterniza. E só quando nos nascerem espontâneos da consciência o respeito leal da justiça e a prática sincera da caridade, a convivência social poderá ser uma realização da paz e da liberdade por que todos suspiramos.

Cristãos! Não sejamos, neste momento, infiéis à grandeza da nossa vocação! Numa hora trágica em que sofrem os povos, porque se afastaram das fontes da vida. Deus confiou-nos uma missão de luz do mundo e de sal da terra:

Para nos elevarmos à altura de tão consoladoras responsabilidades, unamo-nos e conservemo-nos indefectìvelmente unidos Àquele que é Verdade e Vida.

1945

O Brasil está em vésperas de profundas modificações na sua estrutura política e social. O mundo, entre as alegrias da vitória e as preocupações da paz a construir, vê aproximar-se um dos momentos decisivos nos rumos da história. Debalde, porém, se reorganizarão as instituições se se não reformarem as almas. O progresso da humanidade não se realiza sem o aperfeiçoamento do homem. E já foi dito com profundidade que a civilização se resume no combate contínuo e vitorioso às conseqüências do pecado original.

É êste o segrêdo da influência taumaturga do cristianismo que transfigura e eleva os indivíduos para regenerar as sociedades. Convidando-nos ainda uma vez à regeneração sincera das nossas consciências e à comunhão sacramental com o Salvador das almas e do mundo, a Igreja vem, neste

http://www.obrascatolicas.com

momento, singularmente grave, não só reavivar o senso das nossas responsabilidades como ainda indicar-nos os caminhos práticos de satisfazer às suas exigências.

Na purificação das nossas almas, reafirmaremos diante de Deus a resolução sincera de combater as paixões que cegam, irritam, dividem e degradam, a cobiça dos bens terrenos que materializa as almas, a ambição do poder que oprime os fracos, a injustiça que, multiplicando ódios, semeia vinganças, a sensualidade que embrutece o sentimento e avilta o caráter.

Na união mais íntima com Jesus Salvador, aprenderemos a grande lição da fraternidade humana. Filhos do mesmo Deus, irmãos em Cristo, caminhamos todos para a felicidade dos mesmos destinos. A solidariedade fraterna é a lei do homem e a caridade cristã o segrêdo da solidariedade. Se o esquecermos, prevalecerá o ódio, e o ódio não constrói. A paz é filha da justiça e do amor.

Neste grande dia da Páscoa cristã, reavivemos nas nossas almas êstes grandes e nobres sentimentos dos filhos de Deus. Assim nos preparamos para desempenhar, no círculo das nossas famílias e na amplitude das nossas influências sociais, a alta missão que, na gravidade dos dias decisivos que estamos vivendo, a cada consciência cristã impõe a Divina Providência.

JUBILEU DAS PÁSCOAS DOS ANTIGOS E DOS ATUAIS ALUNOS DAS ESCOLAS SUPERIORES

1946

Enquanto, desviado por ideologias funestas e trabalhado por discórdias profundas, o mundo contemporâneo procura em vão os caminhos da paz e da justiça, a Igreja convida os seus filhos a congregarem-se, unidos e fraternos, em tôrno do banquete eucarístico.

Há 25 anos, alma generosa teve a idéia inspirada de reunir, para a comunhão pascoal, antigos e atuais alunos das Faculdades superiores. O escol da nossa cultura compreendeu a beleza fecunda da iniciativa e vem respondendo, fiel e constante, à delicadeza oportuna do convite.

É que a comunhão une a Deus e irmana os homens.

Seu primeiro efeito é estabelecer o reino do Senhor nas almas. E o reino de Deus é vitória do amor sôbre o ódio, da serenidade do espírito sôbre o tumultuar das paixões, da generosidade que se sacrifica sôbre o egoísmo que se fecha em si mesmo. Comungar é unir-se a Deus, isto é, orientar o homem para a felicidade do seu destino total e definitivo, é dar-lhe a plenitude do seu valor na realização dos desígnios do Primeiro Amor que o criou.

Mas comungar é também unir entre si os homens. A Eucaristia é o sacramento social por excelência: sacrifício do corpo místico de Cristo, oferecido à majestade da Tríade augusta, comunhão dos filhos de Deus em tôrno da Mesa do Pai comum. Não há melhor escola de fraternidade humana. Recebendo juntos a Cristo que nos remiu, sentimo-nos invencìvelmente irmãos; solidários nas vicissitudes da vida terrena, partícipes, um dia, da mesma herança divina nos esplendores da eternidade; hoje e sempre indissolùvelmente vinculados pelos laços de uma caridade que se não extinguirá jamais.

Num mundo que sofre, esta elevação das almas cristãs é um fermento de renovação social e uma esperança de mais justiça e de mais amor entre os homens.

Comunguemos, irmãos, hoje e sempre, para nos elevarmos às alturas das nossas responsabilidades cristãs num dos momentos mais trágicos na história da humanidade.

http://www.obrascatolicas.com

IV — Companhia de Jesus

http://www.obrascatolicas.com

SANTO INÁCIO, HOMEM DE IDEAL

* Só um grande ideal engrandece, fecunda e nobilita uma vida.

A sua luz dominadora endireita-lhe os caminhos, coordena-lhe os esforços, disciplina-lhe as atividades na unidade, na constância e na coerência.

A fascinação irresistível de sua beleza cria e multiplica energias, previne desfalecimentos, desperta e alimenta dedicações inesgotáveis.

Segrêdo de um grande ideal! Porque há ideais pequeninos. fdolos de nossa ambição, de nossa vaidade, de nosso egoísmo multiforme. A nossa ilusão projeta-os fora de nós, empresta-lhes um brilho fementido, envolve-os num halo de grandeza imaginada. Ideais pequeninos! fdolos de um dia! Servi-los é preparar a decepção final de uma vida irreparàvelmente malbaratada.

Só um grande ideal engrandece um homem. E Sto. Inácio foi por excelência o homem do ideal. No livro áureo dos *Exercícios espirituais,* onde se condensam as lições de sua experiência e se resumem os ensinamentos de sua admirável pedagogia, o estudo do ideal humano desempenha uma função de primordial importância. A seu ver, na nobre tarefa de valorizar uma vida, nos planos de ordem e da harmonia da Criação o seu papel é de princípio insubstituível e de fundamento indispensável.

E o que escreveu no livro, Inácio praticou na vida: foi o homem do grande ideal da glória de Deus. Realizar tudo

---

* Artigo publicado em *A Vitória,* órgão dos alunos do Colégio Santo Inácio, Rio de Janeiro, ano III, n.º 5, julho de 1943.

http://www.obrascatolicas.com

o que dêle quisera o Criador ao criá-lo fôra a ambição suprema de seu coração e a fonte de energias sempre renovadas. E porque foi fiel à magnificência generosa do plano divino, brilha hoje como estrêla de primeira grandeza no firmamento da Igreja. A sua passagem na vida rasgou um dêstes sulcos luminosos por onde enveredaram legiões e legiões de almas eleitas, que na submissão inquebrantável a Deus, na fidelidade à causa de Cristo, na dedicação às almas de seus irmãos encontraram, com uma razão digna de viver a vida, o segrêdo de uma felicidade inefável.

Raras vêzes na história um grande ideal engrandeceu, fecundou e nobilitou tanto uma existência.

A COMPANHIA DE JESUS

* A 27 de setembro de 1540, com a Bula *Regimini Militantis Ecclesiae,* PAULO III aprovava a fórmula de um novo Instituto Religioso na Igreja de Deus. Acabava de fundá-lo um antigo capitão biscainho, o defensor de Pamplona, INÁCIO DE LOIOLA, com um manípulo de companheiros recentemente saídos da Universidade de Paris. Quem se aventuraria a profetizar os destinos da nova Instituição?

Em meados do século XVI a Igreja e a civilização lutavam com as dificuldades que assinalam as mudanças de rumo na história da humanidade. A cisão luterana acabava de romper a unidade religiosa da Europa. O movimento cultural do Renascimento lançara na circulação das idéias e na orientação dos costumes os germes de um paganismo que parecia para sempre extinto. Os esforços da jerarquia católica concentravam-se numa reforma geral e profunda da vida, dos estudos e das instituições eclesiásticas. Os novos continentes, postos em relação de acessibilidade com o mundo da cristandade medieval, alargavam desmesuradamente os horizontes do futuro e criavam problemas de uma complexidade crescente e imprevisível. A imensa família humana tomava consciência da sua grandeza, da sua unidade e também das diferenças irredutíveis que o tempo e o espaço haviam multiplicado no seu longo peregrinar pela terra.

Momento de uma gravidade histórica singular. Encerra-se o ciclo de uma civilização e inaugura-se uma nova ordem de coisas. É precisamente neste instante providencial

* Artigo publicado na revista *A Ordem*, Rio de Janeiro, ano XX, n.º 10, outubro de 1940.

http://www.obrascatolicas.com

que a pequenina Companhia de INÁCIO recebe do Vigário de Cristo a bênção para atirar-se à refrega e militar sob a bandeira de Jesus e pelo triunfo de sua causa. Dificilmente poderia um contemporâneo suspeitar a fôrça misteriosa de expansão e vitalidade que se ocultava na Instituição nascente. O tempo havia de revelá-la poderosa e incoercível. Passados apenas três lustros, quando INÁCIO ia cantar o seu *Nunc dimittis;* o crescimento da sua Companhia já oferecia algo de maravilhoso. Os 10 pobres estudantes de Paris, companheiros das primeiras lutas, haviam-se multiplicado prodigiosamente: eram 1.000 jesuítas distribuídos em 12 províncias, dispersos em todo o mundo e empenhados em atividades apostólicas muito superiores ao seu número. Na Europa a sua atividade estendera-se da Polônia a Portugal, da Inglaterra à Itália. As vastas regiões recém-abertas à penetração européia — a Índia, a China e o Japão, a África e a América — eram percorridas em todos os sentidos pelos seus missionários. O trabalho da conquista dos povos infiéis, a luta para deter os progressos da invasão protestante, os esforços para a reforma dos costumes, da piedade e do culto nos povos católicos, haviam sido empreendidos simultâneamente com ardor e com resultados incontestáveis. Na primeira geração de seus filhos já figuravam nomes de primeira grandeza na história da santidade e da civilização cristã: São Francisco Xavier, São Francisco de Bórgia, São Pedro Canísio, São Roberto Belarmino. Sob os olhos de Inácio e por sua iniciativa haviam nascido instituições que continuariam a exercer por séculos uma influência ampla e benfazeja. O Colégio Germânico, fundado em Roma, em 1552, para a formação melhor do clero católico na Alemanha, viu passar, pelos seus muros, até 1905, não menos de 5.955 alunos, e, dentre êsses, 29 cardeais, 49 arcebispos e 285 bispos. Em fins do século XVII, a têrça parte dos cabidos alemães era constituída por antigos "germânicos". O que para a restauração do catolicismo na Alemanha fêz o Colégio Germânico, realizou em

mais larga escala, para tôda a cristandade, o Colégio Romano, fundado no mesmo ano de 1552. É uma história de glórias, a do grande Ateneu Gregoriano. Em suas cátedras ensinaram BELARMINO, TOLEDO, SUAREZ, DE LUGO, A. LAPIDE, CLAVIUS, ATANÁSIO KIRCHER e outros. Pelos seus bancos passaram seis santos canonizados, 30 beatos, centenas e centenas de bispos e cardeais e 13 Papas, entre os quais LEÃO XIII, o restaurador da filosofia católica, que, sob a direção de TAPARELLI, aprendeu a conhecer e amar S. TOMÁS, BENTO XV, PIO XI e PIO XII.

Com a morte de INÁCIO não arrefeceu o entusiasmo nem diminuiu a fôrça de expansão conquistadora. Onde quer que as necessidades da vida cristã clamassem por auxílio, aí acudiam os jesuítas com o esfôrço do seu trabalho, metódico e constante. Se nas cátedras universitárias dos centros civilizados ecoavam os ensinamentos de seus grandes professôres, às plagas inóspitas do Alaska ou da África equatorial estendia-se o zêlo humilde de seus missionários. Os fastos das ciências profanas ou das explorações geográficas arquivam com fidelidade reconhecida a sua benemerência científica, como a história da educação registra, como das mais amplas e fecundas, a sua influência pedagógica. Enquanto nos maiores púlpitos modernos ressoava a eloqüência poderosa de BOURDALUE, SEGNERI ou VIEIRA, as bibliotecas silenciosas enriquecem contìnuamente com a contribuição de seus escritores inumeráveis. Entre infiéis ou dissidentes, nos povos de antiga civilização como na formação das novas nacionalidades a sua presença afirma-se, por tôda a parte, com uma atividade radiante e onímoda. Amigos e adversários habituaram-se a ver na instituição de INÁCIO uma das grandes fôrças sociais do mundo moderno. Quando se coligam os elementos que tramam a subversão da ordem, é contra os jesuítas que assestam os primeiros golpes. A revolução de 1789 e o terror de 1793 foram precedidos pela grande conjuração das côrtes bourbônicas que desfechou na supressão tempo-

http://www.obrascatolicas.com

rária da família inaciana. Os abalos de 1848 foram precedidos ou seguidos em quase tôda a Europa ocidental por decretos de expulsão dos jesuítas. Em nossos dias a república portuguêsa de Afonso Costa e as revoluções social-comunistas do México ou da Espanha começaram por enviá-los à fronteira, à espera que Salazar e Franco os chamàssem quando se tratou de pôr mãos à obra da reconstrução nacional.

O que ainda mais impressiona nesta existência já quatro vêzes secular é, não só a duração, mas a pujança de sua vitalidade inexaurível. Em sua já longa história, a Companhia de Jesus não conheceu nunca, no seu conjunto, esta paralisia de atividade ou diminuição de iniciativa, que são manifestações dolorosas de um desequilíbrio orgânico ou sintomas inequívocos de esclerose senil. A ordem de INÁCIO nunca foi reformada, conservou sempre a sua juventude espiritual e progrediu, com ritmo variável, mas progrediu sempre. Os últimos 25 anos de sua existência podem trazer-nos aqui a prova mais recente desta fôrça juvenil de expansão.

Em 1915 a Companhia numerava 5 Assistências, 27 províncias e 16.946 membros; em 1939 as Assistências eram 8; as províncias 43 e os jesuítas 25.908. Há um quartel de século contavam-se, confiadas aos seus cuidados, 36 missões entre infiéis com um efetivo de 1.162 missionários; cinco lustros mais tarde as missões eram 47 e os missionários 3.649, mais do dôbro dos efetivos de 1915. De tôdas as ordens missionárias é a que mantém maior número de membros na conquista do mundo pagão para o cristianismo. As Casas de Retiro que em 1921 eram 79 elevam-se a 104 em 1939; nelas pregaram-se neste ano 16.664 retiros. Além dêstes trabalhos apostólicos a Companhia de Jesus dirige 27 seminários, 42 escolas apostólicas, 43 Universidades e Institutos Superiores, 21 observatórios astronômicos e 498 colégios. Em 1920 os seus escritores redigiam 371 revistas; em

1936 êste número triplicava, atingindo a 1.112 que a 13.340.060 assinantes distribuíam 114.306.769 exemplares. Nestes últimos 25 anos teve a consolação de ver o seu agiológio aumentado de 11 santos e 52 bem-aventurados. Haverá porventura outra família religiosa, que, no mesmo intervalo, tenha visto tantos filhos seus sublimados à honra dos Altares?

Ante o espetáculo de semelhante fôrça expansiva que se impõe ao historiador mais frio e objetivo com a evidência de um fato incontestável, não é de maravilhar se tenham multiplicado as tentativas de desvendar o enigma desta vitalidade que não se esgota. "O segrêdo do poder dos jesuítas" até em nossos dias continua a aguçar a curiosidade das inteligências de mais variada formação cultural. Falou-se em "monita secreta", avisos misteriosos que os superiores comunicavam aos seus para assegurar-lhes o domínio incontrastado das consciências. Aventou-se a solidez inquebrantável de uma disciplina baseada na obediência cadavérica. Acentuou-se o prestígio dos confessores régios e aristocráticos que submetiam dòcilmente aos interêsses da Ordem o poder das soberanias e nobrezas do mundo. Nenhuma destas explicações, porém, resiste a um momento de reflexão serena. Nem a história lhes verifica a existência nem a psicologia lhes admite a plausibilidade.

O segrêdo da vida da Companhia de Jesus é outro. Na atividade de tôda a Ordem como na alma de cada jesuíta há um dinamismo espiritual que se alimenta em fontes mais altas e mais puras. Há um ideal supremo que lhes norteia e unifica a atividade multiforme. Há um amor profundo e incansável que lhes alimenta e renova as energias de uma dedicação que vai até ao heroísmo.

O ideal da Companhia de Jesus é a maior glória de Deus. Não era mister que o dissesse. Não há página das Constituições inacianas que o não repita uma e muitas vêzes. Os *Exercícios espirituais*, escola em que recebe sua têmpera a

http://www.obrascatolicas.com

alma do jesuíta, abrem com uma consideração que, no título de *Princípio e fundamento,* traz a indicação de sua importância capital, teórica e prática. É a consideração da glória de Deus, como razão suprema de todo o criado. Feitura das mãos divinas, o homem não deve viver senão para a glória do seu Criador. Uma consciência profundamente sentida dos direitos soberanos de Deus, acompanhada de uma resolução inquebrantável de realizar-lhe os desígnios, é o fruto espontâneo desta meditação primordial.

A cúpula dos *Exercícios* corresponde ao seu fundamento: é uma contemplação destinada a elevar a alma às eminências do mais puro amor de Deus: *contemplatio ad amorem.* Entre êstes dois extremos, a impressão viva da *Majestas divina* paira sôbre o livrinho de INÁCIO como uma atmosfera envolvente que arranca à alma as pequeninas preocupações do seu egoísmo esteril para banhá-la tôda nos esplendores da plenitude divina.

Mas a glória de Deus não permanece, para o jesuíta, na esfera das noções puras, abstratas e inoperantes. Neste estado fôra apenas uma idéia; não chegaria a ser um ideal. A idéia fecunda desce, para que assim o digamos, das alturas puramente teóricas para encarnar-se numa realidade viva, capaz de empolgar e absorver tôdas as aspirações de uma existência. A glória essencial de Deus, sabem-no todos, não é suscetível de aumento nem depende da ordem criada. Identifica-se com o conhecimento e o amor que tem o próprio Deus de sua perfeição infinita. Nesta visão inefável da Plenitude do Ser cifra-se uma glória e uma felicidade que a nenhuma inteligência finita é dado compreender e, menos ainda, a nenhuma linguagem humana é concedido exprimir: *Deus verius est quam intelligitur et verius intelligitur quam dicitur,* escreveu profundamente STO. AGOSTINHO. Mas a excelência do Ser Infinito pode ser objeto da inteligência e do amor de suas criaturas: é a glória acidental e extrínseca de Deus, suscetível de aumento ou diminuição. Pràticamente,

na ordem sobrenatural da economia presente, quanto maior fôr o número de almas que chegarem à visão intuitiva da Perfeição Infinita; quanto mais elevado fôr o grau de santidade que houverem atingido e que lhes medirá a profundidade do conhecimento e do amor beatífico, tanto maior será a glória de Deus realizada no plano da Criação. Trabalhar para que Deus seja mais glorificado equivale, portanto, a dedicar-se com tôdas as veras a salvar o maior número possível de homens e elevá-los ao mais alto grau de perfeição. Salvação e aperfeiçoamento da humanidade e maior glória de Deus condicionam-se numa solidariedade objetiva indivisível. O jesuíta que fêz da maior glória divina a razão suprema de sua vida será, por isso mesmo, um homem totalmente dedicado à elevação espiritual de seus irmãos. E êste ideal, que na sua universalidade soberana coincide com os fins da própria Criação, assegura à milícia inaciana, com uma vitalidade indefectível, uma plasticidade de adaptação ilimitada. Houve famílias religiosas que se consagraram ao alívio de uma determinada miséria humana (por ex., cuidado dos enfermos) ou às exigências momentâneas de um estado cultural (*v. g.,* redenção dos cativos, defesa contra os sarracenos). INÁCIO preferiu não prender a finalidade de sua instituição ao particularismo de situações que passam ou limitam as aspirações de um zêlo aberto a todo bem. Onde quer que as almas clamem por auxílio para elevar-se no conhecimento e no amor de Deus, aí o jesuíta encontra naturalmente um campo à dedicação de seus esforços. Encontra-lo-eis nas côrtes e nas prisões, na cátedra das universidades e no isolamento dos leprosários, no silêncio dos observatórios ou das bibliotecas entre eruditos que investigam e nos areais africanos, castigados pelo sol dos trópicos, entre rudes negros que esboçam a custo o sinal da Cruz. Aqui humanista apurado, ali mandarim astrônomo, mais além evangelizador itinerante, mestre, escritor, missionário, tudo será se lho pedir o bem das almas. A regra suprema de seu

http://www.obrascatolicas.com

viver — di-lo expressamente INÁCIO no proêmio de suas Constituições — é "a lei interna do amor que o Espírito Santo escreve e imprime nos corações". Ideal poderoso, capaz de absorver e empolgar tôdas as energias de uma alma nobre; ideal divino, capaz de vencer os séculos e as vicissitudes históricas das civilizações.

Mas, na economia da nossa história humana, a glória de Deus não se realiza sem Cristo ou fora de Cristo. Só através do Verbo Encarnado pode o homem voltar ao Pai. O reino de Deus e o reino do Cristo identificam-se nas consciências. INÁCIO sentiu e viveu profundamente esta verdade. Não lhe pareceu possível forjar almas inteiramente consagradas à maior glória de Deus se lhes não incutisse ao mesmo tempo um amor profundo e entusiasta a Cristo Jesus. E por isto todo o seu esfôrço de formação espiritual converge para uma "cristianização" intensa dos seus filhos. Das quatro semanas em que se dividem os *Exercícios espirituais,* três são inteiramente consagradas a despertar e desenvolver na alma o conhecimento e o amor do Verbo feito Homem. A meditação de Cristo-Rei, que abre a segunda semana, e remata por uma consagração sem reservas ao Salvador, é uma meditação-programa, destinada a imprimir a tôda a vida interior uma orientação profunda e definitiva. O nome de sua família religiosa — Companhia de Jesus — não é apenas talvez uma reminiscência de sua antiga profissão militar, é uma fórmula de vida que deve ser realizada em tôda a riqueza de sua plenitude. O jesuíta é um companheiro de Jesus. Sua mais profunda aspiração é poder afirmar em tôda a verdade o de SÃO PAULO: minha vida é Cristo, *mihi vivere Christus est*.

Para os que não conhecem os jesuítas senão através das definições mal alinhavadas dos dicionários que se copiam, êste aspecto da sua vida espiritual poderá maravilhá-los com a surprêsa de uma revelação. Mas é a realidade pura. O grande amor que dinamiza tôda a atividade do jesuíta não

é a ambição do poder, não é o domínio das consciências ou o fetichismo da disciplina, é o amor de Cristo. Para verificá-lo basta surpreender a expressão sincera da sua vida interior exarada aqui e ali na intimidade e no segrêdo de suas notas espirituais. Abri, por exemplo, a vida do P. H. RAMIÈRE, o grande impulsionador do Apostolado da Oração. No Retiro de 1880 escreve êle: "Minha vocação de jesuíta apareceu-me de novo em sua divina simplicidade: só uma coisa devo fazer neste mundo e a cada instante de minha vida: ser outro Jesus Cristo". (Le P. H. RAMIÈRE, Tolouse, 1934, pág. 41.) Abri o programa de vida interior que se traçara o P. FOCH, irmão do Marechal: "Quisera um amor forte, profundo, calmo, a frio, convicto, soberano, que, no coração e na alma, não me deixasse lugar senão para Jesus Cristo". (*Revue d'Ascétique et de Mystique,* 1931, pág. 309.) Lêde estas linhas do "testamento" que o velho P. LONGHAYE entrega ao joven Léonce de Grandmaison ao partir, terminados os seus estudos de humanidades, para o Curso de filosofia: "Ama a Jesus Cristo, meu irmão Leôncio; até o derradeiro suspiro apaixona-te sempre mais pela Sua Pessoa adorável. Estuda, perscruta, investiga as suas riquezas insondáveis; contempla-o obstinadamente até o saberes de cor; melhor ainda, até te assimilares e te absorveres nêle. Que seja sempre e sempre mais o centro dos teus pensamentos, o nó de teus conhecimentos, o têrmo prático de todos os teus estudos... Jesus Cristo meditado, Jesus Cristo conhecido, Jesus Cristo amado com paixão cada vez mais ardente e conseqüente consigo mesma: aí tens, irmão, tudo: a dignidade da tua vida religiosa, a sua fôrça, consolação, alegria, utilidade poderosa. Seja esta a última palavra dêste testamento, palavra grave, ardente e suave como a recomendação suprema de quem está prestes a morrer". (LEBRETON, *Le P. Léonce de Grandmaison,* Paris, 1935, págs. 42-43.) São depoimentos colhidos assim à ventura entre jesuítas contemporâneos. Não seria difícil multiplicá-los. O que êles exprimem é um pa-

http://www.obrascatolicas.com

trimônio de família, é a própria alma da Companhia de Jesus. Um amor ardente a Cristo, uma dedicação forte, inesgotável, incondicionada à expansão do seu Reino nas almas é a feição característica de sua espiritualidade.

Agora, sim, chegamos à realidade profunda. Achamos a chave do enigma. Podemos concluir.

Um ideal: a maior glória de Deus;

Uma fonte de energias sempre renovadas: o amor a Cristo;

eis o segrêdo da vida de cada filho da Companhia de Jesus;

eis a explicação de quatro séculos de sua história.

PERSONALIDADE E DISCIPLINA NA COMPANHIA DE JESUS

* Ao averiguar a influência multiforme da Companhia de Jesus na história de quatro séculos, não é de maravilhar que investigadores curiosos tenham procurado perscrutar outrossim as causas íntimas desta ação profunda e continuada. Descobrir o "mistério do poder dos jesuítas" tem sido uma tentação forte e sedutora. Exagerou-se, já se vê, o "poder" e mais ainda o "mistério". Mas o problema, mesmo reduzido à realidade das suas proporções objetivas, permanece como uma interrogação que reclama resposta.

Pensadores alheios à Companhia ou ao catolicismo, prescindindo das influências sobrenaturais e colocando a questão em têrmos de pura psicologia, julgaram encontrar-lhe a chave na disciplina de ferro da ordem inaciana. Fundada por um antigo militar, a Companhia tomou muito da obediência rígida das casernas. Ditatura incontestável dos superiores; passividade sem resistência dos súditos. Constituiu-se assim uma sociedade forte, unida, capaz de aplicar tôda a sua fôrça coletiva na realização das finalidades prefixadas pelos que mandam. Na anulação das iniciativas individuais fortaleceu-se o poder social da cooperação. Sufocar a personalidade em benefício da coletividade — eis a última palavra da fôrça misteriosa dos jesuítas. Fôrça que resulta da convergência de todos os esforços singulares, mistério que se oculta nesta organização secreta de uma obediência que põe nas mãos discricionárias do comando um

* Artigo publicado em *Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro, ano III, vol. 5, ns. 13 e 14, julho a outubro de 1940.

http://www.obrascatolicas.com

exército de autômatos movidos por uma disciplina niveladora de individualidades.

Infelizmente, nesta tentativa de explicação, o mistério envolve-se em trevas mais espêssas e o "poder" dos jesuítas queda realmente como um enigma sem solução. Algumas expressões sôbre a obediência do jesuíta, colhidas nas Constituições inacianas e desemolduradas do seu contexto, não logram conferir-lhe os menores visos de probabilidade. Contra ela antes de tudo ergue-se veemente o protesto da história. Quem ousaria dizer de São Francisco Xavier, o iniciador destemido que reabriu o Oriente às conquistas do Evangelho, ou de São Pedro Canísio, o lutador indomável que, numa multiforme e assombrosa atividade, arrancou à invasão protestante uma boa parte do mundo germânico, que não eram personalidades e grandes personalidades? Entre nós, quem ousaria colocar Nóbrega, Anchieta ou Vieira entre as individualidades apagadas ou autômatas sem iniciativa? Como afirmar que esta legião de empreendedores arrojados na penetração de novas terras, na investigação científica, na criação de novas instituições e de novas formas de apostolado se reduzia a uma série de números despersonalizados? Aí está, pois, um depoimento irrecusável dos fatos: os que melhor realizaram o ideal de jesuíta deixaram-nos outrossim o exemplo confortador de personalidades bem vincadas, fortes, sadias e harmoniosas.

Mas ao testemunho da história vem associar-se o da psicologia. Quando se trata de explicar um efeito em que a soma de esforços assegura o resultado que se pretende obter, o recurso à disciplina de ferro pode talvez constituir uma solução satisfatória. Se para a conquista de um ponto estratégico é necessário sacrificar mil vidas, um exército em que soldados e oficiais não hesitam ante as ordens recebidas plantará a bandeira da vitória sôbre o montão de cadáveres dos heróis sacrificados. Mas o "poder" dos jesuítas que se pretente explicar não é dêste gênero. Não se trata aqui de

adicionar unidades para perfazer um total determinado. Bem diverso é o campo de ação em que trabalham os filhos de Inácio. Educadores, missionários, apóstolos, a atividade que os absorve é destas que com êxito só as pode exercer uma personalidade poderosa e radiante. O segrêdo de tôda educação, tanto da que plasma a alma da juventude como da que colabora na formação cristã das consciências, é a influência pessoal do educador. Ação de pessoa a pessoa, o trabalho educativo mede-se, na sua intensidade e nos seus frutos, pela grandeza da personalidade do mestre. Uma Companhia de Jesus que se nos apresenta històricamente como abrindo, na pedagogia e no apostolado cristão, um vinco profundo e que ao mesmo tempo se pretende constituída de indivíduos sem marca, passivos, vazados em série nos moldes uniformes de uma técnica despersonalizante, fôra uma contradição psicológica inadmissível.

O enigma permanece sem solução. É preciso encará-lo a outra luz. O problema, aliás, se no caso que estudamos se apresenta talvez em têrmos mais impressionantes, não é, porém, especìficamente jesuítico; é um problema essencialmente humano. Em sua expressão mais ampla é o problema da conciliação entre a autoridade e a liberdade, entre as imposições incontestáveis da disciplina social e as exigências incoercíveis da expansão pessoal. Da vida em família à vida em sociedade, tôda a vida humana o defronta. Pessoa, por essência, o homem tem um destino todo seu, original, incomunicável, a cuja realização lhe não é permitido renunciar sem destruir-se a si mesmo. Social, por natureza, é na convivência dos seus semelhantes, é na comunidade organizada que se há de desenvolver a riqueza de seus dons nativos e desabrochar e crescer e frutificar o germe fecundo de sua personalidade. Quanto melhor atingir um grupo o seu ideal de unidade coesa e de solidariedade disciplinada, tanto mais favorável será êste ambiente à conservação e ao desenvolvimento dos valores pessoais. Ante esta dupla exigência in-

http://www.obrascatolicas.com

declinável da natureza, não é possível resignar-se a uma incompatibilidade irredutível. Como admitir que só a anarquia social constituiria o clima propício ao desabrolhar da personalidade? ou que, só à preço de sufocar as legítimas expansões da pessoa humana, se robusteceria a indispensável disciplina da vida comum?

Nenhum dos dois têrmos pode ser sacrificado. Ambos necessários; solidários ambos. É mister conciliá-los. Uma fórmula de equilíbrio deve existir. Difícil, porém, encontrá-la. Não se trata aqui de um equilíbrio estático. Entre os dois têrmos — autoridade e liberdade — não se podem traçar fronteiras fixas que determinem uma vez para sempre as zonas de ação de cada um, como as linhas geométricas que separam as casas num tabuleiro de xadrez. Entre as imposições de solidariedade do grupo e as legítimas aspirações de expansão do indivíduo, os limites oscilam a cada instante. O equilíbrio aqui é um equilíbrio de tensão, um equilíbrio dinâmico, variável com as circunstâncias e as pessoas. Como obtê-lo? Árduo problema.

A fórmula de Inácio é de uma felicidade singular. Ultrapassando o nível inferior onde as duas fôrças pouco desenvolvidas se entrechocam em conflitos funestos, procurou elevá-las a uma região mais alta em que se conciliam e completam. Obter o máximo de disciplina social com o máximo de expansão pessoal — eis o ideal visado. À primeira vista, poderá parecer paradoxo; na realidade, porém, é a verdadeira chave de solução do problema. São as personalidades bem formadas a melhor garantia de uma vida social bem estruturada. Como nas paixões incontidas dos caracteres mal forjados alimenta-se a desordem geradora de anarquia.

Por isto, o primeiro e mais intenso cuidado de Sto. Inácio é formar a personalidade de seus filhos. A mais de um leitor esta afirmação despertará talvez estranheza ou surprêsa, mas é a expressão sincera da mais incontestável das verdades. Logo no proêmio das Constituições, num trecho que constitui hoje a primeira das nossas regras, o fundador exprime com tôda a clareza o pensamento inspirador da sua ordem. A conservação de Companhia, diz êle, depende, antes de tudo, na ordem do govêrno providencial, da graça e do amor eterno de Deus, que "houve por bem começá-la", e, na ordem da colaboração humana, "mais que de nenhuma exterior lei ou constituição, da lei interna da caridade e do amor que o Espírito Santo escreve e imprime nos corações". Todos os esforços educativos convergem, portanto, para êste ponto central na pedagogia inaciana; formação nas consciências da lei interna do amor.

Daí uma série de inovações na estrutura da sua Instituição. Algumas Ordens antigas recorriam às sanções físicas e materiais na punição de transgressões das regras: jejuns, penitências exteriores e até prisões que existiam em vários mosteiros. Inácio suprimiu tudo isto. O jesuíta ou se submete espontâneamente à disciplina regular ou não será jesuíta. Não é por constrangimentos externos nem por castigos físicos que se obtém a ordem externa da vida religiosa, que há de brotar espontânea de uma personalidade bem formada. A atividade de outros regulares desenvolve-se quase tôda num ambiente comum: há assim uma pressão social que acompanha e fiscaliza a vida de cada religioso. Na Companhia, sublinha-se mais a responsabilidade pessoal; o cumprimento do dever, a pontualidade nos exercícios de piedade são antes de tudo uma questão de fidelidade individual para o discípulo de Inácio. Os exercícios espirituais, em que se retemperam as energias d'alma do filho da Companhia, salvo nos primeiros anos de formação, são feitos isoladamente pelos sacerdotes. Nestes oito ou dez dias consagrados cada ano à renovação interior, cada jesuíta, numa solidão perfeita, em face só de Deus e da própria consciência, dá um balanço sincero e profundo à própria vida e à grandeza de suas responsabilidades.

http://www.obrascatolicas.com

É neste trabalho intenso de formação profunda que se vai processando orgânicamente, espontâneamente, sem constrangimentos nem violências, a assimilação viva de um grande ideal — condição primeira de tôda a personalidade. Quando a alma do filho de INÁCIO houver unificado a sua vida interior, houver jerarquizado a multiplicidade de suas tendências e energias de ação, quando a glória de Deus constituir na realidade a razão suprema de seu viver e o alvo querido de tôdas as suas aspirações, a sua personalidade terá atingido a plenitude de seu desenvolvimento e, ao mesmo tempo, o problema da disciplina regular terá recebido a mais justa e a mais profunda das soluções. Da eminência destas alturas espirituais, uma Companhia de Jesus, forte, coesa, disciplinada, fiel ao espírito que lhe animou a fundação, se lhe afigurará como um instrumento de rara eficiência para promover em todo o mundo a glória de Deus. Tudo o em que êle puder contribuir para conservar, com seu primeiro fervor e disciplina sadia, a eficácia dêste instrumento se enquadrará harmoniosamente na sua unidade interna e constituirá a realização prática dos anelos mais profundos de sua personalidade orientada tôda para o grande ideal.

Explicam-se destarte duas ordens de fatos tão edificantes quão freqüentes na história da Companhia. De um lado, nos súditos, a aliança espontânea de uma obediência cândida, simples, quase direi infantil com a mais elevada personalidade, feita de cultura, de caráter e de energia. De outro lado, por parte dos superiores a confiança leal nos súditos sôbre cujas iniciativas pesam, não raro, as mais graves responsabilidades. Obtém-se, assim, a cada instante, em equilíbrio dinâmico, variável com as pessoas e os acontecimentos, a harmonia perfeita entre a disciplina preservadora do corpo social e a liberdade animadora das atividades individuais.

Estamos com efeito ante um resultado real incontestável. Quatro séculos de uma vida intensa e fecunda, sem divisões

intestinas nem reformas externas, constituem para uma instituição um atestado de vitalidade singular. Raras vêzes na história do homem o árduo problema da conciliação entre a personalidade e a disciplina recebeu uma solução mais feliz.

http://www.obrascatolicas.com

4.º CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS

* Com a espontaneidade e o entusiasmo das grandes comemorações nacionais está o Brasil celebrando o quarto centenário da fundação da Companhia de Jesus. Dir-se-ia que, por um desígnio amável da Providência, os dois destinos, — o da terra de Santa Cruz e o do Instituto de Inácio — para sempre se uniram numa solidariedade indissolúvel. Encontraram-se quase no berço. Na mesma década do século XVI, chegava à colônia recém-descoberta o seu primeiro governador geral e PAULO III aprovava em Roma a nova ordem religiosa. Quase ao mesmo tempo nascia o Brasil para a civilização e a Companhia de Jesus para o desempenho de suas responsabilidades na história da Igreja. Aos primeiros filhos de INÁCIO, a coincidência pareceu o sinal manifesto de uma missão particular da Providência. "Esta terra é a nossa emprêsa", escrevia NÓBREGA, pouco depois de tomar contato com a terra brasileira. E à formação da nova nacionalidade, nascida sob o signo do Cruzeiro, consagraram os Jesuítas o entusiasmo dos primeiros fervores e a perseverança dos longos esforços. Não há página da nossa história que não registre a lealdade desta colaboração multiforme.

Bateram-se pela liberdade do indígena e pela integridade do território. Devassaram regiões desconhecidas e desbastaram almas rudes. Ensinaram as letras à juventude e pregaram os bons costumes à idade das grandes tentações e dos grandes desvios. Pelo Brasil ressoou nos púlpitos dos dois continentes a eloqüência genial de VIEIRA e pelo Brasil os

* Alocução radiofônica na "Hora do Brasil" do dia 27 de setembro de 1940.

40 companheiros de INÁCIO DE AZEVEDO tingiram os mares com a púrpura do seu sangue.

Percorrei a história de tôdas as nossas atividades culturais: o teatro e a poesia, a crônica e a lingüística, a oratória, a filosofia, a teologia, invariàvelmente na primeira de suas páginas encontrareis o nome humilde de um filho de INÁCIO.

Amamos naturalmente o campo da nossa atividade, a gleba que regamos com os nossos suores, as nossas lágrimas e o nosso sangue. A Companhia de Jesus não podia deixar de estremecer com particular carinho êste torrão abençoado, pelo qual, desde o seu nascer, há 400 anos, vem trabalhando e sofrendo. O Brasil bem o sente e na reciprocidade de um afeto sincero lho retribui com generosidade fidalga e carinhosa. E por isto à festa dêste dia, — festa íntima da família inaciana — deu a amplitude e ressonância de uma solenidade patriótica. Autoridades civis e eclasiásticas, academias científicas, literárias e históricas, instituições culturais e sociais, todos quantos exercem uma parcela de autoridade, de influência e de prestígio, nesta pátria imensa, porfiaram, em unanimidade comovedora, por dar às comemorações dêste dia a universalidade solene de um plebiscito nacional.

Comovida, a Companhia de Jesus agradece ao Brasil. E, com sua gratidão, não deseja ocultar um sentimento de regozijo profundo. Alegramo-nos, não tanto por nós, quanto pela alta significação que revestem estas manifestações espontâneas de um povo inteiro. A Companhia de Jesus não foi fundada para si, não tem em si mesma a razão suprema da sua existência e de sua atividade. Ela existe e só existe para o ideal a que se consagrou desde o berço. Há quatro séculos que a maior glória de Deus constitui o anelo supremo da sua vida. No coração de cada um de seus filhos só palpita um desejo, desejo profundo, ardoroso, absorvente: o de intensificar nas almas o conhecimento e o amor de Deus, o de levar aos homens a plenitude das riquezas insondáveis

http://www.obrascatolicas.com

de Cristo. Foi êste o ideal que animava NÓBREGA e ANCHIETA ao desembarcarem nas florestas virgens das terras de Santa Cruz e é êste o ideal que ainda hoje arde no peito do mais humilde dos nossos professôres ou do mais escondido dos missionários que palmilham os sertões de Mato Grosso à procura dos silvícolas desamparados dos benefícios da civilização e do Evangelho.

Ora, as solenidades desta semana de comemorações, que se multiplicam do Amazonas ao Prata, bem mostram que o Brasil preza bem alto os valores espirituais da sua formação cristã e acima de tudo deseja permanecer fiel às promessas e às esperanças do seu batismo. Regozijamo-nos, pois, do íntimo da alma, ao contemplarmos êste espetáculo confortador. A grande nação cristã, com que, há quatro séculos, sonharam os nossos primeiros missionários, nos fervores do seu zêlo entusiasta, é hoje uma conquista realizada: aí está ela, a nossa ditosa pátria, forte, unida, sòlidamente estruturada, ufana das suas tradições profundamente embebidas nas lições do Evangelho e cada vez mais consciente da sua vocação providencial na história: vocação de justiça e de paz, de elevação moral e de fraternidade humana.

Visão animadora do presente! Previsão de um futuro em cujos horizontes cabem as mais arrojadas esperanças! Que a Providência de Deus, que dirige o curso dos acontecimentos e traça os destinos dos povos, queira transformá-las em realidades vivas para a consolação da Companhia de Jesus e para a felicidade do Brasil.

STURM E A PEDAGOGIA DOS JESUÍTAS

* Um dos nossos assinantes leu na *Revista de Educação de São Paulo,* março e junho de 1936, pág. 9: "o sistema educacional de STURM espalhou-se pelos países da Europa, sendo *imitado pelos próprios jesuítas*... não constituindo o seu *Ratio Studiorum* mais do que uma repetição das idéias de STURM". Estranhando o aprumo da asserção, pergunta-nos "até que ponto isto seja" realidade.

Com efeito, a afirmação é ousada e não descansa na solidez da história. Não é, porém, nova. Afirmar que o código pedagógico dos jesuítas não passa de um empréstimo, sem originalidade, feito aos regulamentos de um educador protestante tem um sainete picante de paradoxo muito para seduzir quantos se deixam levar, em história, mais por preferências afetivas e parcialidades confessionais do que pela lição fria e objetiva dos documentos. E alguns caíram na tentação fácil.

VON RAUMER, historiador antiquado da pedagogia e antijesuíta azêdo, acusa o *Ratio* de plágio imoral de STURM.[1] KAEMMEL, com mais moderação mas com a mesma ausência de provas, afirma que "os jesuítas, em parte por intermédio de STURM, admitiram nos seus programas alguns pontos do ensino dos Irmãos da vida comum.[2] Entre os de língua por-

---

* Artigo publicado na *Revista Brasileira de Pedagogia,* órgão oficial da Confederação Católica Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ano III, vol. VI, ns. 26-27, julho e agôsto de 1936.

1. Na sua *Geschichte der Paedagogik* VON WIEDERAUFBLUEHEM KLASSICHER STUDIEN *bis auf unsere Zeit,* 4 vols., 1843-1854.

2. KAEMMER, *Geschichte des deutschen Schulwesens im Uebergang vom Mittelalter zur Neuzeit,* Leipzig, 1882, pág. 227. Note,

http://www.obrascatolicas.com

tuguêsa, TEÓFILO BRAGA insinuou também a dependência dos jesuítas em relação aos métodos protestantes. [3]

Ao âmago da questão. Tôda a pedagogia integral compreende uma organização externa — programas, horários, métodos de ensino, etc. — e um sôpro interior, uma alma, que lhe imprime, com o movimento e a vida, o caráter próprio que a especifica. Os métodos da escola ativa poderão ser empregados com igual competência técnica por um mestre-escola russo ou por uma religiosa holandesa e ninguém, por isso, ousará identificar a pedagogia de uma escola comunista com a de um colégio de freiras.

Encarada a esta luz, nem o próprio VON RAUMER se atreveu a nivelar jesuítas e calvinistas. "Se compararmos o método dos jesuítas e o de STURM, apresentam à primeira vista grande semelhança. A organização dos estabelecimentos, os livros, o curso, o ideal da formação são os mesmos. No entanto, considerando as coisas mais de perto, um colégio de jesuítas difere tanto de uma academia de STURM, no ponto de vista da tendência interna, como um jesuíta de um protestante". [4] Não é pequena a diferença.

Restam as semelhanças na *organização externa*. Semelhanças incontestáveis. O próprio STURM, sublinhando-as, escreveu nas suas *Epistolae Classicae*: "Vi os autores que os jesuítas explicam, os exercícios que praticam, os processos que empregam. Assemelham-se tanto aos nossos que dêles parecem derivados." [5]

porém, o leitor a diferença no arrôjo das afirmações. No historiador alemão, STURM é apenas o *veículo* da influência dos Irmãos, influência *circunscrita a alguns pontos do programa*. Na Revista Paulista já o *Ratio* não passa maciçamente de "uma repetição das idéias de STURM" que se deixam crer mais ou menos originais.

3. TEÓFILO BRAGA, *História da Universidade de Coimbra*, t. I, págs. 279-280.

4. *Geschichte der Paedagogik*, t. I, pág. 271.

5. *"Vidi enim quos scriptores explicent et quas habeant exercitationes et quam rationem in docendo teneant, quae nostris praeceptis institutisque usque adeo proxime abest, ut a nostris fontibus derivata esse videatur"*. STURM, *Classicarum Epistolarum*, Lib. III, Argentorate, 1565, f. A. VI. Como se vê, o próprio STURM, modestamente, não afirma o empréstimo mas a sua aparência.

Mas semelhança não argúi necessàriamente dependência; explica-se, muitas vêzes, pela derivação de uma fonte comum. Parecem-se dois irmãos porque reproduzem traços dos mesmos pais. Assemelham-se as constituições de dois povos porque se inspiraram na mesma lei fundamental de um terceiro. Ante um caso de semelhança, incumbe, pois, ao historiador o dever de averiguar, *à luz dos documentos*, qual das duas explicações — a do empréstimo ou a de comum dependência — corresponde à realidade dos fatos. Ora, é a de comum dependência que se aplica ao caso que estudamos. As semelhanças de mesmos autores preferidos, de mesma organização das aulas etc., esclarecem-se pela identidade das fontes em que beberam STURM e os jesuítas.

O célebre educador de Strasburgo, antes de fazer-se calvinista em Paris, estudara três anos (1521-1524) no afamado colégio de Liège, dirigido pelos Irmãos da Vida Comum que durante os séculos XIV e XV haviam semeado de magníficas escolas tôda a Europa Septentrional. A educação que êle aí recebera marcou-lhe tão vincadamente a alma que mais tarde por ela modelou em grande parte o seu Ginásio. Notam-no expressamente os seus biógrafos: "Tôda esta organização do colégio de Liège causou no jovem STURM uma impressão profunda; adotou-a êle até *em algumas das suas menores particularidades, como modêlo da organização que deu mais tarde ao Ginásio de Strasburgo"*. [6] Na curva gloriosa de sua história a escola dos laboriosos Irmãos da Vida Comum atingiu de fato nesta época o seu zênite. Prova-o KAEMMEL, que

6. SCHMIDT, *La vie et les œuvres de Jean Sturm, Strassburg*, 1855, págs. 5, 36. Cf. ainda: HYMA, *The Christian Renaissance*, pág. 292 e segs.; SOHM, *Die Schule Johann Sturms und die Kirche Strassburgs in ihren gegenseitigen Verhaeltnis*, 1530-1581, Oldenburg, 1912.

http://www.obrascatolicas.com

assim conclui: "Nos primeiros tempos da Reforma a Escola dos Irmãos em Liège era talvez a mais florescente da Europa. Não *há dúvida que nesta escola de Liège temos o modêlo da orientação seguida por* STURM". [7]

O grande pedagogo protestante de Strasburgo depende, portanto, em muito, dos seus predecessores, os católicos irmãos de Liège.

A dependência direta dos jesuítas, em relação à mesma fonte, ainda que muito provável, não se encontra tão explìcitamente afirmada nos documentos contemporâneos. Nos primeiros meses de sua estada em Paris, INÁCIO hospedou-se no Colégio de Montaigu, outrora pertencente aos Irmãos, e onde ainda haviam de conservar-se as suas tradições. Em 1580, a célebre escola de Liège, onde estudara STURM, passou para as mãos dos jesuítas. Os documentos contemporâneos não o dizem expressamente, mas é muito verossímil que os recém-vindos tenham respeitado em grande parte os usos e métodos de seus predecessores. Se assim foi, os Irmãos da vida comum exerceram uma influência nos jesuítas holandeses e, por meio dêles, na elaboração do *Ratio Studiorum* para tôda a Ordem.

Outra fonte comum, e esta mais importante, foi, de certo, a Universidade de Paris. Nela estudou e ensinou STURM durante oito anos (1529-1537), antes de ser convidado pelos seus correligionários calvinistas para dirigir o Ginásio e mais tarde a Universidade de Strasburgo, onde tanto se havia de celebrizar como educador.

Para os jesuítas, a Universidade de Paris foi realmente uma *Alma mater*. Aí estudou STO. INÁCIO, aí estudaram e se graduaram todos os seus companheiros da primeira hora; para lá enviou mais tarde o fundador os jovens candidatos à Ordem que, por talentos e virtudes, davam maiores esperanças. A organização geral dos estudos, os métodos de ensino então usados no maior centro intelectual do tempo foram mais tarde os preferidos pelos novos educadores. Por experiência pessoal, conhecera INÁCIO as universidades espanholas, e mais tarde havia de entrar em relações com as italianas; o *modus Parisiensis* conservou-lhe sempre as mais expressas predileções.

7. Na *Encyclopaedie des gesamtes Erziehungs-und Unterrichtswesens*, Goth, 1880, III, 528.

Em Messina, no ano de 1548, fundou-se o primeiro Colégio destinado a alunos externos. STO. INÁCIO quis dêle fazer o protótipo por onde se pudessem modelar os que se lhe seguissem. Dos professôres que para lá enviou, um estudara em Colônia, um em Lovaina e três, talvez mesmo cinco, em Paris. E foi a organização pedagógica parisiense a que se introduziu no novo Colégio. Em 1551, o P. NADAL, seu Reitor, escrevia a INÁCIO informando-o de que se seguia em tudo o *modus parisiensis*. [8]

No ano seguinte fundou INÁCIO o célebre Colégio Romano, centro onde se haviam de formar os melhores alunos da Ordem. Os resultados obtidos em Messina haviam sido tão favoráveis que os seus programas se adotaram no recém-fundado Colégio. E, não obstante o desagrado de uma ou outra autoridade romana, também aqui o *modus parisiensis* prevaleceu, por preferência explícita de INÁCIO. Compreende-se agora fàcilmente como pouco a pouco êsses métodos irradiassem por tôda a Ordem. Em Viena e em Pádua foi ainda direta a intervenção de LOIOLA em seu favor. Para resumirmos, citemos apenas a autoridade do P. NADAL, um dos mais fiéis intérpretes das constituições inacianas e dos

8. *Epist. Nadal*, I, pág. 121: "si serva il modo di Parigi". *Monumenta Paedagogica* S. J., pág. 616: "Si faranno tutte le supradette lettioni et essercitationi con ogni cura et diligentia *conformando il tutto al modo parisiense*". A razão da preferência dada aos métodos de Paris era, antes de tudo, a convicção de sua superioridade pedagógica: "al modo parisiense, il quale fra gli altri si reputa essere et exactissimo et utilissimo... essendo il meglio che tenere si possa per facilmente et perfectamente diventare dotto nella lingua latina. *Mon. paedag.*, 615, 616.

http://www.obrascatolicas.com

mais ativos organizadores dos primeiros Colégios da Ordem. Comentando as Constituições, declara expressamente que a Companhia fêz seus os métodos da Universidade parisiense e que importava conservá-los. [9]

Eis as fontes contemporâneas externas em que mais copiosamente beberam os jesuítas. Como bons e prudentes educadores, não se apresentaram em campo com o alvenel demolidor de todo o existente. Começaram por assimilar e aproveitar o que havia de melhor nos estabelecimentos de ensino da época. O que já tinha por si a comprovação da prática foi prudentemente incorporado nos seus processos de ensino. Com o tempo e a lição da própria experiência introduziram-se modificações vantajosas, cortaram-se tradições menos justificáveis e organizou-se, por fim, um código pedagógico com a sua unidade e o seu caráter próprio. [10]

O *Ratio Studiorum* dos jesuítas, de fato, só foi definitivamente promulgado após mais de meio século (1599) de experiências pedagógicas nos seus inumeráveis colégios. Durou-lhe a elaboração 15 anos. (1584-1599). Duas redações provisórias (1586 e 1591) foram enviadas às diferentes províncias para serem submetidas à prova de fogo da experiência. Os Padres mais abalizados na arte de ensinar formularam as suas críticas e sugestões, recolhidas e aproveitadas depois em Roma. Dêste imenso trabalho coletivo é que surgiu por fim, em sua forma definitiva, o famoso Código. As suas fontes podem, pois, em resumo, reduzir-se às seguintes: a antiguidade clássica representada sobretudo por QUINTILIANO,

9. NADAL, *Scholia in Constitutiones*, Prati, 1883, pág. 350.

10. Nas Atas da primeira Congregação reunida em 1884 para discutir a elaboração do *Ratio* lêem-se estas palavras orientadoras: "antiqua plurima retinebantur, recentioraque attexebantur, abrogabantur nonnulla". Com justeza, pois, observa LANTOINE: "C'est qu'ils surent (les jésuites) dans le cadre de l'enseignement faire entrer des méthodes nouvelles; n'étant point gêné pour la tradition, ils purent accepter ce que la tradition leur offrait de meilleur et laisser ce qu'elle avait de suranné." *Histoire de l'enseignement secondaire.*

que exerceu imenso influxo em todo o Renascimento; a escolástica medieval para os estudos superiores de Filosofia e Teologia; a orientação pedagógica da época através dos Irmãos da Vida Comum e da Universidade de Paris; o espírito próprio de STO. INÁCIO e a imensa experiência dos seus numerosos filhos, dedicados, em todo o mundo, à tarefa da educação da juventude. [11]

Da influência de STURM, já *a priori* de todo em todo improvável, não se encontra o menor vestígio nos documentos coetâneos. As semelhanças externas, de autores, programas, organizações de classes etc., explicam-se de modo geral pelas influências comuns, *Zeitgeist*, que uma determinada época exerce sôbre tôdas as suas instituições pedagógicas, e, mais em particular, pela dependência simultânea de organizações escolares anteriores. À vista da documentação irrefragável e da sua crítica imparcial, os historiadores protestantes mais abalizados são hoje os primeiros a contestar os empréstimos imaginados por VON RAUMER e inconscientemente repetidos por outros. "Razões históricas e internas", escreve MEYER, "demonstram-na (a tese da dependência) insustentável". [12]

Com sua singular autoridade, PAULSEN: "STURM afirmou uma vez que os jesuítas podiam ter bebido nas suas fontes. *É difícil pensá-lo;* as coincidências resultam essencialmente da semelhança das exigências da época... STURM e INÁCIO estudarem ambos em Paris... O fundador da Companhia conservou da Universidade as mais gratas recorda-

11. Ponderadamente adverte G. MULLER: "Para o estabelecimento da pedagogia da Ordem foi a prática viva mais importante do que a utilização dos teorizadores pedagógicos". Ao que, acrescenta com muito bom senso PAULSEN, que nos emprestou a cita: "A observação não vale só aqui; os historiadores da pedagogia inclinam-se a supervalorizar a influência dos teóricos". (*Geschichte des gelehrten Unterrichts*, t. I, 3.ª ed., Leipzig, 1919.)

12. MEYER, *Der Ursprung des jesuiteschen Schulwesens*, 1904, pág. 54.

http://www.obrascatolicas.com

ções; ao seu lado Lovaina, onde estudou também STURM, gozava de grande estima. *Não há dúvida que tôda a estrutura externa dos Colégios da Ordem foi plasmada por êstes moldes*". [13]

Afirmar, portanto, em nossos dias que o *Ratio Studiorum* dos jesuítas não passa de "uma repetição das idéias de STURM" é desconhecer os documentos da história, e simplificar desgarradamente a complexidade de questões delicadas. A crítica tem exigências mais severas.

NOTA BIBLIOGRÁFICA. Para facilitar o estudo da questão a quem quiser aprofundá-la, indicamos aqui alguns trabalhos.

FONTES PRIMÁRIAS:

STURM, *De litterarum ludis recte aperiendis*, Argentorati, 1538. *Monumenta Paedagogica Societatis Jesu*, Matriti, 1901.

Monumenta Germaniae Paedagogica, t. II, V, IX, XVI.

AUTORES RECENTES:

FRANCISCO RODRIGUES, *A formação intelectual do jesuíta*, Pôrto, 1917.

J. B. HERMAN, *La pédagogie des jésuites au XVI siècle*, Louvain, 1914.

DUHR, *Die Studienordnung der Gesellschaft Jesu*, Freiburg, i. B. 1896.

CORCORAN, *Renatae, Litterae saeculo a Chr. XVI in scholis Societatis Jesu stabilitae*, Dublin, 1927.

W. J. MCGUCKEN, *The jesuits and education*, New-York, 1932.

13. PAULSEN, obt. cit., l. cit.

V — A Civilização Brasileira

http://www.obrascatolicas.com

A ALMA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

* Sinto todo o prazer e tôda a responsabilidade dêsse momento feliz e solene. Na intimidade desta reunião das mais distintas personagens patrícias, neste ambiente colorido com os reflexos auri-verdes das nossas bandeiras e perfumado com a reminiscência das datas e feitos gloriosos da nossa história, como que respiramos, na magia de uma doce ilusão, os ares abençoados da terra natal. O coração abre-se, expansivo e jovial, como num conchêgo de família. A Pátria, na unidade dos seus ideais, na generosidade e pureza dos seus afetos, na intimidade de sua vida em cujo coração sentimos palpitar o nosso, é uma grandiosa e providencial dilatação da família. E hoje aqui sentimos, transplantado em solo estranho mas hospitaleiro, um pedacinho da Pátria. Parece-nos que, vibrando em uníssono com os nossos entusiasmos, de longe, de além-mar, evocada pelas nossas saudades, ela nos estende os braços num apertado amplexo de amor materno. O próprio perfume de doce melancolia que se exala de tôdas as manifestações patrióticas que não têm por dossel a abóbada azulada dos nossos céus, êstes laivos de nostalgia indizível, esta infinita suavidade triste que todos experimentamos e não sabemos exprimir, como que vêm dar à solenidade pre-

---

* Conferência pronunciada em Roma, no Colégio Pio Latino-Americano, a 4 de novembro de 1922, por ocasião das comemorações do centenário da Independência, diante do Cardeal Billot, do Embaixador do Brasil, Embaixadores e Ministros da América Latina, de vários Bispos, do Secretário da Sagrada Congregação dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários e do Rev. Pe. Geral da Companhia de Jesus.

http://www.obrascatolicas.com

sente mais uma feição eminentemente nossa — a nota brasileira da saudade.

E eu sinto convosco todos os prazeres, tôdas as consolações, tôda a poesia desta hora feliz. Mas sinto-lhe também todo o pêso das responsabilidades. O dia comemorativo do primeiro centenário da independência de um povo, se é uma data gloriosa e festiva, é também uma hora grave e solene, entre as mais graves e solenes de sua vida. Nestes momentos a tribuna reclama de quem a ocupa não só a erudição fria do historiador que, numa intuição segura do passado, lhe evoque, em visão de luz, as glórias antigas, mas ainda a clarividência do sociólogo, a segurança profunda do filósofo, a experiência do estadista que, com sua palavra autorizada, aponte, nos caminhos do futuro, o roteiro da paz, da grandeza, da felicidade nacional. Mas vós quisestes ouvir-me. Mandastes-me falar. Fechei os olhos às dificuldades da emprêsa para obedecer às intimações da amizade à qual não é lícito dizer: não. Obedeci e aqui me tendes, numa usurpação de que não tenho culpa, em lugar que não é meu.

Não virei ainda uma vez traçar-vos a história do feito memorável que introduziu o Brasil no convívio internacional dos povos livres. Já a conheceis. Prefiro, num olhar sintèticamente retrospectivo, dar um rápido balanço à nossa vida social, salientar a característica específica do nosso espírito coletivo para averiguar se, durante o volver dêste século de vida independente, nós o soubemos conservar ilibado na sua pureza, virgem de contaminações estranhas e nocivas. Dêste balanço do passado se desprenderão, claras e espontâneas, as lições para o porvir. Estai comigo.

A vida dos povos tem, como a vida dos indivíduos, as suas fases e, em cada fase, as suas vicissitudes características. Os primeiros anos de sua existência, como no homem a infância e a juventude, são a idade da formação e do desenvolvimento. Leis e instituições, aspirações e entusiasmos delineiam-se muitas vêzes sem a firmeza, a solidariedade, a unidade de ação da idade madura. A êsse período de agitação formadora sucede uma era de tranqüilidade, de paz, de atividade enérgica e benfazeja: é a virilidade dos povos que, fortes na harmonia dos seus ideais, exercem no mundo a influência ampla, profunda, eficaz de sua vida coletiva. Mas, *mortalia facta peribunt*. Como tôdas as instituições humanas, também as sociedades são sujeitas à lei universal da contingência e do finito. Como os homens, também elas envelhecem para eclipsar-se, não raro, nas sombras do passado, deixando apenas como vestígio de sua existência uma página muda e nem sempre gloriosa, nos fastos da história.

Na duração dêste ciclo evolutivo, enquanto os indivíduos vêem a sua existência coarctada à estreiteza de algumas dezenas de anos, a vida das nações dilata-se na amplidão de uma larga trajetória multissecular, cujos ramos ascendente e descendente obedecem, na sua extensão e nas sinuosidades do seu diagrama, a uma fórmula de que só a Providência possui o impenetrável segrêdo.

Um século de vida livre e independente assinala apenas o primeiro marco no longo desenvolvimento vital de um povo. Uma nação que não conta mais de 100 anos de autonomia soberana é uma nação jovem. E que outra coisa pedimos à juventude senão promessas e esperanças? Na primavera dos prados e dos pomares só buscamos a verdura fresca da folhagem, os matizes e os bálsamos das flores. A utilidade dos frutos, abundantes e sazonados, será o mimo que nos oferecerá o generoso outono, de que a primavera foi penhor e esperança.

Pelos anos de sua existência, como tôdas as suas coirmãs, as nações americanas recém-vindas ao convívio dos povos livres, o nosso Brasil está na pujança sadia e vigorosa da sua juventude. Será então que no balanço de nossa atividade nacional não tenhamos que registrar senão fôlhas e flores com promessas esperançosas sim, mas simples promessas de frutos no porvir? Não, senhores, o Brasil, afir-

http://www.obrascatolicas.com

mou-o num dos momentos mais solenes das festas centenares o Legado apostólico, o Brasil "é um povo que atingiu a virilidade sem passar pela infância". Longe de mim, pois, o desconhecer tão grosseiramente os resultados positivos, reais, grandiosos do nosso poderoso esfôrço social. São precisamente êstes resultados magníficos nas conquistas da civilização que, hoje, aqui, nas estreitezas do tempo que me é concedido, em rápido escorço, procurarei sintèticamente bosquejar. E nem assim ainda poderei abraçar o meu assunto em tôda a amplitude de sua compreensão.

A civilização de um povo, na fôrça compreensiva e cristã do têrmo, abrange, como bem sabeis, dois elementos: material um, outro espiritual.

A florescência da agricultura, do comércio e da indústria, a extensão, rapidez e comodidade dos meios de comunicação, o poderio militar concretizado no apercebimento de numerosos exércitos e na eficiência de grandes armadas representam apenas o primeiro e menos nobre elemento do progresso civilizador. Acima da exploração e elaboração da matéria bruta, acima da fôrça mobilizada para a defesa do direito, está o espírito de um povo que se revela na elevação dos seus ideais, na delicadeza e generosidade dos seus sentimentos, nos primores de sua fidalguia, na intensidade e extensão de seu apostolado em prol da verdade e do bem, no heroísmo de sua dedicação às grandes causas da humanidade.

Há, entre êstes dois elementos que se completam para realizar o ideal da civilização perfeita, uma relação análoga à que liga o espírito à matéria, a alma ao corpo, para constituir a perfeição da natureza humana. Um gladiador com a inteligência raquítica e enfezada, com os sentimentos morais e religiosos atrofiados é, nas suas formas agigantadas, na robustez dos seus músculos de aço, mais um animal de forma humana, do que homem. Sem elevação de espírito e gentileza de afeto, o desenvolvimento exclusivo que exalta

a fôrça bruta é uma excrescência teratológica. Ao invés, nas ruínas físicas de um organismo minado pela enfermidade pode arder a chama do gênio e fulgir a auréola da santidade com a paz inefável de suas profundas consolações.

Deixai-me, pois, continuando a anologia, chamar, aos dois elementos da prosperidade coletiva, corpo e alma da civilização. Não vos falarei da nossa civilização material. Quero falar-vos da alma da nossa civilização. Não vos direi do imenso progresso exterior que realizamos em apenas um século de existência livre. Nascidos à vida internacional, quando os velhos povos do antigo continente, após longo e laborioso esfôrço milenário, haviam atingido os fastígios de admirável expansão econômica, industrial e científica, em curto lapso de tempo, com a fôrça assimilativa dos organismos novos, apropriamo-nos não só de todos os progressos efetuados mas, a breve trecho, entramos também a colaborar na realização de novos e proveitosos inventos. Estareis lembrados, para citar um exemplo, que foi um brasileiro quem primeiro, há dois séculos, se elevou aos céus, na sua "Passarola", mostrando aos vindouros a possibilidade prática da navegação do mais leve que o ar, e outro brasileiro quem, no alvorecer do nosso século, contornando a tôrre Eiffel resolveu pràticamente o problema da dirigibilidade das aeronaves e quase ao mesmo tempo, pela primeira vez, em verdadeiro vôo, se elevava da terra num aparelho mais pesado que o ar.

Foi esta fôrça vital do crescimento e assimilação que elevou vertiginosamente o Brasil ao nível das suas irmãs mais velhas do Antigo Continente.

Neste século de vida emancipada, decuplamos o número de nossos habitantes, golpeamos o nosso imenso território de admiráveis vias de comunicação, povoamos os nossos mares de esquadras pacíficas, engastamos na esmeralda de nossas costas as gemas de cidades elegantes, populosas e ativas, saneamos, num milagre de higiene, a nossa capital,

http://www.obrascatolicas.com

onde as belezas naturais realçam as louçanias da arte. Desenvolvemos a agricultura e o comércio, a literatura e as artes, as ciências e as indústrias. Nos grandes centros urbanos, ao lado das fábricas e das usinas em que retinem as forjas do progresso orquestrando as sinfonias da atividade indústrial, erguem-se austeras e silenciosas as universidades, os grandes estabelecimentos de ensino superior, onde respira e se expande a vida mais nobre e mais humana das inteligências que trabalham na conquista da verdade. De norte a sul é um crescer de fôrça, uma exuberância de seiva, um ferver de tôdas as energias criadoras que nutrem as raças predestinanadas para as grandezas do porvir.

A outrem, porém, o escrever por miúdo estas páginas gloriosas da nossa civilização; a outrem, o exaltar as grandezas dêste maravilhoso progresso.

O auditório, que tão benèvolamente me anima, com o calor de sua simpatia, a roupeta que envergo e representa para mim um programa de vida, estão a exigir que concentre a minha e a vossa atenção no aspecto espiritual, na alma da civilização brasileira.

A alma da civilização de um povo, complexo quase indefinível de doutrinas, de sentimentos e de tendências, consubstancia-se quase sempre num pequeno núcleo de idéias, largas e compreensíveis, que lhe constituem o norte orientador da vida, o seu princípio de atividade coletiva, o que, numa palavra, costumamos chamar espírito nacional. Ao observador atento revela-o para logo o estudo da evolução histórica do País, a análise dos motivos inspirados dos seus grandes movimentos sociais.

Ora, senhores, qual é o espírito nacional do Brasil? Qual é o ideal de que nasceu e em que se alimentou a sociedade brasileira? Qual a síntese dos grandes princípios da nossa civilização?

Não hesito um só instante em respondê-lo, é o ideal cristão. "O Brasil", permiti, Ex.mo Sr. Embaixador, que cite

estas palavras que são vossas, e pronunciadas num dos momentos mais solenes da vossa carreira diplomática, quando ao Soberano Pontífice entregáveis as credenciais de 1.º Embaixador brasileiro junto à Santa Sé, "o Brasil reconhece na fé católica um dos sinais característicos de sua nacionalidade e um dos principais fatôres de sua grandeza". Sim, o Brasil nasceu cristão, o Brasil conservou-se sempre fiel às grandes tradições espirituais do cristianismo. É êste o brilhante mais fúlgido no diadema de nossas glórias. Dizemo-lo com ufania, vindicamo-lo com ardor.

Quando Colombo zarpou de Palos em demanda de novos continentes; quando Cabral deixou as águas mansas do Tejo, numa expedição que a Providência havia de guiar às terras brasileiras, foi a idéia religiosa que os alentou no grandioso cometimento. A confissão e comunhão dos dois afoitos navegadores bem revelam a profundidade dos seus sentimentos cristãos. Na alvura do velame de suas caravelas salientava-se em púrpura o sinal augusto da nossa Redenção. Em nome de Cristo, afrontavam a fúria dos mares; para Cristo seriam as conquistas de suas gloriosas emprêsas. E assim foi. A tomada de posse do torrão brasileiro em nome da antiga civilização foi o ato mais augustamente religioso do cristianismo. Com madeiras virgens lascadas das nossas florestas mandou o Capitão-mor erguer, como padrão, uma cruz monumental e diante dela Fr. Henrique Coimbra, tendo o firmamento por dossel, celebrou ante os aborígenes tomados de maravilha e os heróis lusos devotamente prostrados o sacrifício incruento dos nossos altares.

Terminado o rito divino, acenaram os portuguêses aos naturais para que dobrassem o joelho ante a árvore da nossa Redenção e a beijassem respeitosamente. Assim o fizeram. "Acabada a pregação", são palavras textuais de Pero Vaz de Caminha, o célebre escrivão da armada de Cabral e primeiro historiador do Brasil, "acabada a pregação, trazia Nicolau Coelho muitas cruzes de estanho com cruci-

http://www.obrascatolicas.com

fixos,... pela qual coisa se assentou o padre Frei Henrique ao pé da cruz e aí a um e um lançava a sua, atada em fio, ao pescoço, fazendo-lha primeiro beijar".

Comovedora cerimônia em que o cristianismo tomava posse dos habitantes e da terra recém-descoberta. Era agora mister dar-lhe um nome, e Terra de Santa Cruz foi o seu nome batismal. Antes que lho impusessem os homens, já o havia Deus escrito em letras de ouro no firmamento de nossa Pátria. Da conjunção e oposição dos astros cuidavam os antigos astrólogos poder conjeturar o futuro dos homens e das instituições. Mas a astrologia pagã, nos seus horoscópios, não conhecia ainda êsses brilhantes de primeira grandeza que no estôfo de safira ricamente recamado dos nossos céus engastara a Providência em forma de cruzeiro e destinara a ser indelèvelmente pelos séculos afora o nosso brasão nobiliárquico, o estema gentilício de nossa grandeza espiritual.

O Brasil cristãmente descoberto e batizado entrou para logo a desenvolver-se. Cumpria dar forma civil à sua formação e criar uma cabeça para dirigir os movimentos do grande corpo. Tomé de Sousa é nomeado governador geral da Colônia. Salvador chama-se a sua nau capitânea; Salvador será ainda o nome da primeira capital brasileira, pinturescamente reclinada nas encostas que molduram a baía de Todos os Santos.

Não continuarei mais a folhear as páginas da nossa proto-história. Lembrar-vos-ei apenas que foi ainda o cristianismo quem pôs nos lábios do príncipe dos oradores luso-brasileiros as palavras mais vibrantes que ainda soaram em prol da liberdade oprimida pela fôrça; que foi ainda o cristianismo que nas emergências mais críticas de nossa vida política salvou, com a integridade do território, a unidade dos nossos ideais religiosos e nacionais. Para conservar ilibada a pureza de nossa fé, bateram-se os heróis que do Brasil expulsaram a Nassau e a Villegagnon. Somos chegados a 1822. Neste ano, no dizer do poeta:

Um povo ergueu-se cantando
— mancebos e anciãos —
e filhos da mesma terra
alegres deram-se as mãos.
Foi belo ver êsse povo
Em suas glórias tão novo
Bradando cheio de fogo
Portugal! Somos irmãos!

(CASEMIRO DE ABREU, *Minha Terra, nas primaveras*, Pôrto, 1894, pág. 13.)

O brado de liberdade que nos fêz irmãos de povos livres introduziu-nos em uma nova fase de vida. Somos nação autônoma, independente. É a primeira comemoração secular desta data auspiciosa que hoje aqui solenizamos. Ora, senhores, que fizemos nestes 100 anos da tradição cristã que nos legaram três séculos de preformação nacional? Malbaratamos por desventura o inestimável patrimônio do nosso passado ou conservamo-lo sem dilapidações criminosas? A vitalidade dos organismos robustos manifesta-se pela fôrça de assimilar os elementos sadios do meio que o cêrca e repelir, ou eliminá-los a tempo, os princípios estranhos, as toxinas perigosas que lhe ameaçam a integridade dos tecidos vitais.

Foi, senhores, o que fizemos.

O século XIX recebeu a *damnosa hæreditas* que lhe legou a filosofia sectaria, superficial e presumida, do enciclopedismo. O riso escarninho de VOLTAIRE passou de moda mas o veneno da incredulidade por êle largamente inoculado numa geração leviana continuou a intoxicar as almas. A esta obra nefasta de descristianização dos povos iniciada no

http://www.obrascatolicas.com

século XVIII prestou o seu concurso eficaz a filosofia extraviada no século XIX. Quase tôdas as sínteses filosóficas desta época, oscilando entre o materialismo ateu e o racionalismo deísta, combinaram, na solidariedade de uma vasta conjuração antideísta, contra os princípios sobrenaturais promulgados no Evangelho e em cujo ambiente se haviam embalado as nações modernas, formado, crescido e progredido o mais grandioso movimento civilizador na história da humanidade.

Contra esta atmosfera saturada de elementos deletérios e que da Europa soprava violentamente as suas rajadas para além-oceano, o nosso Brasil reagiu com a fôrça, a energia, a independência dos organismos fortes. Da nova cultura assimilou os elementos vitais de progresso, rejeitou os germes de degenerescência e de morte.

"A inteligência brasileira", escrevia ainda há poucos meses uma das fúlgidas esperanças da moderna geração, "a inteligência brasileira é essencialmente infensa a qualquer sistematização materialista". (JACKSON DE FIGUEIREDO, *Pascal e a inquietação moderna,* prefácio, pág. 13.) As vulgarizações baratas do materialismo fácil não tentaram nunca as nossas inteligências de escol; foram esporàdicamente mister de escrivinhadores à cata da popularidade efêmera com que o escândalo e o paradoxo assalariam os libelistas de ocasião.

Folheai os anais das ciências jurídicas do nosso País, que não receia o confronto com os mais cultos do velho mundo. Da planície, donde não logram elevar-se as mediocridades, vereis emergir como cimos venerandos, banhados pelos raios da glória, os vultos de NABUCO DE ARAÚJO, TEIXEIRA DE FREITAS, LAFAYETTE RODRIGUES, LIMA DRUMMOND e RUI BARBOSA. Todos espiritualistas elevados.

Consultai a história do nosso pensamento filosófico, desde SORIANO DE SOUSA, que aliou as benemerências de estadista às glórias de pensador, até o Visconde de Sabóia, que, depois de ser "o primeiro cirurgião do seu tempo", no juízo

autorizado de ALUÍSIO DE CASTRO, foi um dos nossos mestres no pensamento especulativo; desde GONÇALVES MAGALHÃES, que sabia, a intervalos, depor a lira do poeta para empunhar a pena do filósofo, até FARIAS BRITO, uma das mais poderosas organizações filosóficas da América Latina. Em tôdas estas manifestações nacionais do pensamento nas suas formas superiores, ouvireis ressoar quase sempre o acento cristão, sempre a nota caracterìsticamente batida dos elementos ideais do espiritualismo.

Prevejo que me objetareis outros nomes de escritores que exerceram larga influência no desenvolvimento intelectual das últimas gerações e que entre nós se fizeram eco do positivismo ou de um evolucionismo de mau cunho. Assim é, senhores. São as sombras, são os claro-escuros inevitáveis em todos os quadros; feitura de mãos humanas. Mas observai. É tão poderosa, tão enraizada, quase direi tão inata, na nossa índole, a tendência sadia para as afirmações nobres e superiores do espírito, que acabou por triunfar ainda naqueles que uma formação menos acurada e um entusiasmo irrefletido por idéias novas desviaram, por momentos, da senda segura das tradições nacionais. Atavismo bendito! Hereditariedade benfazeja!

O mais ruidoso esfôrço tentado até hoje no Brasil para enxertar no solo pátrio o exotismo de doutrinas filosóficas estéreis e esterilizadoras das energias espirituais foi empreendido pela escola do Recife, na qual se filiaram os nomes de GUMERCINDO BESSA, TOBIAS BARRETO e SÍLVIO ROMERO.

GUMERCINDO BESSA acabou por confessar que "a característica de nossa inteligência *hors ligne*", são palavras suas, "é não achar na ciência respostas a tôdas as suas questões, ou não se contentar com as respostas que a ciência formula". (J. DE FIGUEIREDO, ob. cit., pág. 16.)

É a proclamação implícita da necessidade da fé sobrenatural para preencher as lacunas da razão.

http://www.obrascatolicas.com

Tobias Barreto foi uma alma vulcânica. Espírito arrebatado e impressionável, o contato imediato com a cultura racionalista alemã desviou-lhe a inteligência e abalou-lhe as crenças da infância. Dogmas católicos não estudados nem compreendidos, doutrinas profundas superficialmente confundidas com superstições quase inevitáveis que germinam na alma popular como parasitas no tronco anoso da fé, tudo lhe pareceu, nos estos de uma juventude seduzida, velharia imprestável que importava destruir, ervicalha daninha que cumpria desenraizar do solo pátrio. Daí o embate do fogoso sergipano com a torrente caudalosa das tradições nacionais que por fim triunfaram. Com a madureza dos anos, amadureceu-lhe também a reflexão. Nos seus últimos tempos, diz-nos Gumercindo Braga, "já começava a duvidar de suas dúvidas e a pôr-se um pouco mais sério diante do pensamento da morte que há de ser sempre o musageta dos filósofos." (Jackson de Figueiredo, ob. cit., pág. 14.) Mais tarde, na última hora, nesse momento em que se desanuviam as paixões do tempo e a verdade se banha de novos clarões nos arrebóis da eternidade, Tobias achou de novo sua alma brasileiramente cristã para entregá-la a Deus purificada pelo arrependimento e regenerada pela graça dos sacramentos. De todos os atos de sua vida, o mais belo foi incontestàvelmente o último e êste retratou e destruiu moralmente todo o seu passado intelectual anticristão.

Observação análoga poderia repetir-vos a respeito de Sílvio Romero. O autor da *História da Literatura Brasileira,* se não teve, como o seu colega e comprovinciano Tobias, a dita de receber de fato, na hora derradeira, o sacramento da reconciliação cristã, recebeu-o ao menos em desejo expressamente manifestado de ver um sacerdote católico à sua cabeceira para encaminhá-lo às regiões divinas da glória que a esperança cristã abre assim à inocência dos puros como ao arrependimento dos transviados. Assim que, senhores, ainda uma vez os nossos melhores talentos, cedo ou tarde, vêm atestar a profundidade do espírito cristão com que foi plasmada a civilização brasileira.

O movimento positivista, criado por êstes representantes efêmeros do pensamento heterodoxo, vai-se, pouco a pouco, extinguindo num movimento uniformemente retardado pelas fôrças de resistência do organismo nacional que acabarão por paralisá-lo de todo. Planta estranha, não encontrou seiva vital no húmus do solo pátrio; estiolou-se, enfezada e raquítica, sem florescer nem frutificar para o mal.

Farias de Brito, em cujo peito palpitava um coração profundamente brasileiro, guiado, quase direi, por um instinto étnico, reagiu enèrgicamente em nome da realidade indestrutível do espírito contra as inovações positivistas e kantistas. E a nova geração de pensadores, que em nossos dias assoma nos horizontes da filosofia pátria, gloria-se vitoriosamente da herança dos nossos antepassados, robustecendo o vínculo, que por momentos se tentou debalde partir, das gloriosas tradições cristãs. Jackson de Figueiredo, Perilo Gomes, Nestor Vítor, Andrade Murici, Tasso da Silveira, Ronald de Carvalho e Renato Almeida, uns francamente católicos, outros, pelo menos, desassombradamente espiritualistas, são para nós seguro penhor de que o Brasil de amanhã não desmentirá as glórias do Brasil passado, são a afirmação mais autêntica de que a alma de nossa vida intelectual e moral não é a matéria mas o espírito, não é o paganismo renascente mas o cristianismo eternamente novo na juventude perene de sua imortalidade.

A esta poderosa influência do espiritualismo nacional atribuo sem hesitar o caráter elevado de nossa diplomacia em tôdas as suas relações internacionais. O mercantilismo baixo, grande perigo das democracias novas, não ensombrou o nosso progresso nos esplendores de sua ascensão vertiginosa. Conservamos intatas as glórias da genialidade latina. Entre nós o direito prevaleceu sempre sôbre a fôrça, o cavalheirismo generoso sôbre o comercialismo interesseiro.

http://www.obrascatolicas.com

Nossa bandeira, nunca se curvou vencida ante a humilhação de uma derrota, mas também não cobriu nunca com as suas dobras gloriosas a injustiça de uma opressão ou as ambições de uma guerra de conquista. Pela arbitragem do Direito resolvemos tôdas as pendências na delimitação das fronteiras nacionais. As páginas de nossa diplomacia não conhecem a vergonha dêstes subterfúgios que não ousam comparecer de viseira erguida ante os tribunais da consciência e da moral. Mostrando-me um dia os arquivos diplomáticos do Itamarati, dizia-me um dos nossos Ministros das Relações Exteriores: "Tudo isto poderia vir à luz da publicidade sem que o Brasil sofresse a mínima quebra na sua honra, o mínimo desdouro no brilho de suas glórias."

Consciente ou inconscientemente, o sentimento cristão foi o anjo tutelar da nossa probidade diplomática.

Dêsse espírito profundamente nacional cumpria, neste ano do centenário, dar ao mundo civilizado um testemunho coletivo, público, solene, imorredouro. Já no ano passado, na antiga metrópole da colônia, se elevava uma estátua ao Redentor, inaugurada na presença das autoridades eclesiásticas, civis e militares. Dizia então o Governador do Estado, que com sua palavra autorizada dava ao acontecimento uma consagração quase oficial: "Não medirei esforços, como cristão fervoroso e como Governador dêste Estado, no sentido de ser dada a máxima solenidade à inauguração da estátua do Protetor da Humanidade, que ao nosso País tem, à roda de quatro séculos, cumulado em larga munificência com as suas infinitas graças e a sua perene proteção." A Bahia ainda uma vez afirmava que era e queria ser a cidade do Salvador.

O movimento assim iniciado na periferia do grande organismo pátrio devia, necessàriamente, refluir-lhe ao peito onde palpita o coração robusto. O brado cristão em tanta energia vibrado na velha capital devia ecoar poderosamente na moderna e elegante metrópole que, reclinada na alfombra de seus montes, senhorilmente se debruça no cristal terso

da gentil Guanabara. Êste ano, como sabeis, no mais alcantilado dos seus píncaros, sentinela vigilante da cidade, sôbre êsse gigante de pedra cantado por GONÇALVES DIAS, a piedade brasileira elevará um grandioso monumento a Cristo Salvador. Dos cimos do Corcovado, a imagem divina, aprumando-se em tôda a altura do seu majestoso perfil, num gesto de bênção, de proteção e de amor dirá às gerações porvindouras, numa lição eternamente memorável, que o Brasil, nascido cristão, descoberto e formado no seio do cristianismo, é e será sempre incondicionalmente fiel aos juramentos do seu batismo, aos amôres de sua infância, aos entusiasmos refletidos e generosos de sua juventude.

Senhores, é tempo de concluir. E que fecho melhor podemos dar a estas breves considerações senão tirar dos exemplos da história as lições para o porvir? A alma de um povo é tradição no passado e no futuro é vocação. O Brasil, como qualquer nação pujante e vigorosa, tem um papel que desempenhar, uma missão que cumprir, no consórcio dos povos civilizados. Esta missão, no-la traça luminosamente a nossa história. As circunstâncias dolorosas da hora presente acentuam-lhe a importância, deprimindo-lhe o caráter com uma nitidez de deveres admirável.

Após dois séculos de triste e deplorável experiência, as doutrinas venéficas, incautamente defendidas pelos mestres do pensamento anticristão, deram, no campo social e psicológico, na vida dos povos e dos indivíduos, todos os seus frutos de degradação, de dissolução e de morte. O direito vacila nas suas bases eternas, combatido não menos pelas teorias da fôrça bruta do que pelos interêsses mesquinhos do momento que passa. O horizonte das relações internacionais, banida a mútua confiança na fidelidade dos povos, a consciência dos seus deveres, toldava-se de nuvens eletrizadas, mensageiras de horríveis tempestades. As classes sociais, em cujas inteligências se obscureceu a noção de justiça, em cujos corações se paralisaram os impulsos generosos do amor

http://www.obrascatolicas.com

cristão, atiram-se, umas contra as outras, nos entrechoques sanguinosos de uma luta de extermínio fomentada por ódios fratricidas. As nações agitam-se convulsas nos extertores de uma crise que diríamos mortal se no seio da família humana Cristo não houvera fundado uma sociedade divinamente indefectível, farol inextinguível de luz para as inteligências, foco radiante de amor para os corações, fonte perene de regeneração para a vida.

No sacrário íntimo da vida individual não foram menos ruinosos os estragos nem menos profundas as devastações. No momento de entusiasmo cego pelos resultados incontestáveis da ciência experimental, o homem moderno deixou-se embalar pela esperança falaz de que a religião caducara e a ciência tomaria o cetro da rainha destronizada, no govêrno moral da humanidade.

Ilusão funesta com que TAINE, BERTHELOT e RENAN desvairaram duas gerações. A ciência positiva, que sabe medir, pesar e contar, que sabe analisar organismos e utilizar as fôrças naturais, que sabe observar fenômenos e deduzir fórmulas, não tem uma palavra que dizer ao homem sôbre a norma superior que deve regular a sua atividade moral. A ciência conhece fatos, não inquire deveres.

Divorciado assim de Deus, afastado da sua posição natural de equilíbrio estável, o homem sentiu o desassossêgo, a inquietação doentia, a instabilidade dos corpos deslocados do seu centro de gravidade. O cepticismo invadiu-lhe a inteligência, devorando-a com as torturas indizíveis da dúvida. O coração caiu abatido do esfôrço baldado e impotente de resolver com o infinito o problema da felicidade que só comporta a solução do infinito na verdade, na beleza e no bem.

Era uma situação violenta, contrária a tôdas as exigências, a todos os instintos, a tôdas as aspirações da nossa natureza. E o violento não é duradouro. Era infalível a reação e a reação veio. Morríamos asfixiados na atmosfera abafadiça da matéria e do tempo e eis que se nos rasga uma aberta

para o ideal eterno aceso por Cristo no horizonte das nossas esperanças. E nós hoje temos a ventura de presenciar êste movimento de retôrno aos grandes e salutares e regeneradores princípios do espiritualismo cristão. Em nossos dias já ninguém fala em substituir a Teologia pela Química, o oratório pelo laboratório.

Um sôpro sobrenatural do Espírito divino invisível, mas enérgico e suave a um tempo, com todos os movimentos do alto, impele a presente geração para o pôrto de salvamento. A volta ao cristianismo, a reconciliação com a Igreja Católica dos espíritos de escol é hoje um fato registrado indistintamente por todos os observadores que acompanham com atenção e interêsse o movimento moderno das idéias religiosas. Ainda não há muitos anos um sectário francês de velha estampa exclamava lùgubremente: *"nous n'avons plus avec nous ni la science ni la jeunesse"*. A ciência, senhores, é o escol do gênero humano em busca da verdade. A juventude encerra em seus tesouros de energia e de vida as esperanças e as realidades do futuro.

Já por vós mesmos tirastes a última conseqüência a que vou mirando e que será a chave do meu humilde discurso.

Para esta regeneração espiritual das sociedades e dos indivíduos, tão auspiciosamente iniciada, o Brasil deve trazer a contribuição preciosa do seu valioso patrimônio hereditário. Pela fôrça compacta e homogênea da nossa unidade religiosa, pelo número de nossa população, somos hoje a terceira nação católica do mundo, fadados pela nossa singular capacidade de crescimento a ser amanhã talvez a primeira. À primazia do número importa corresponder outrossim a primazia da ação e da influência radiante do apostolado. Gloriosos os destinos que se rasgam à perspectiva de nossas esperanças. E havemos de realizá-los. Nas nossas veias borbulha generoso o sangue da raça latina, aguerrido pelo calor dos trópicos. Nas riquezas psicológicas da nossa alma brasileira espalha-se a opulência exuberante das nossos florestas, a clareza

http://www.obrascatolicas.com

diáfana dos nossos céus, o calor fecundante do nosso sol, a generosidade comunicativa e dadivosa da nossa terra.

Com a riqueza dêste capital que nos deu a natureza e que o passado providencial da nossa história tão largamente fecundou, entremos nas lutas do pensamento e da vida em prol do rejuvenescimento cristão da humanidade que sofre porque esqueceu o Evangelho. A serviço dêste divino ideal ponhamos todo o ardor, tôda a generosidade, todo o viço exuberante, todos os entusiasmos da nossa juventude.

E, quando volvido um século, os netos dos filhos dos que hoje vivem novamente congregados para celebrarem o segundo centenário da independência do Brasil, grande e forte na plenitude da sua virilidade, volverem, como nós hoje, um olhar para o passado, oxalá possam ufanar-se de nós, como nós nos ufanamos dos nossos maiores. Oxalá a obra espiritual da nossa geração, na qual a cada um de nós cabe uma parcela de responsabilidade, avulte aos seus olhos maravilhados como uma herança de honra e de virtude, como um monumento de glória avita, como um estímulo de atividade para o bem.

Nesse dia longínquo às nossas cinzas que hão de estremecer sob a lousa do sepulcro num esfôrço de ressurreição, já não será dado compaginar-se em corpo vivo para saudar com um sorriso de legítima complacência as conquistas cristãs da nossa pátria. Mas os que depois da nós vierem e se gloriarem do nome de brasileiros hão de, ainda uma vez, afirmar que o Brasil se conservou fiel à tradição dos seus amôres juvenis e que o ideal cristão na nossa estremecida pátria foi sempre luz para as inteligências, fôrça para a vontade, estímulo para a ação, unidade, coesão e energia para a vida, fonte inexaurível de progresso, de grandeza e de glória.

ANCHIETA

* No berço das nacionalidades costuma a Providência suscitar a grandeza de um vulto que emerge na confusão imprecisa e tumultuária do ambiente, com a nitidez bem vincada de um relêvo singular. Nessas épocas difíceis de tudo o que começa, quando se lançam os primeiros fundamentos de uma grandiosa estrutura política e se caldeiam os elementos informes de que sairá a unidade homogênea da alma de um povo, esta personalidade privilegiada encarna em si as mais puras aspirações da pátria que nasce, e contribui, com a energia heróica do seu esfôrço, para transformá-las numa realidade duradoura. É um homem de inteligência e de coração; aberto às atrações infinitas do ideal e dócil às exigências imperiosas das coisas concretas; que vive todo para o presente sem nunca esquecer a grandeza das perspectivas que comportam as esperanças do futuro. É centro de coordenação em tôrno do qual cristalizam os elementos vivos e assimiláveis, dispersos na massa amorfa, e centro de irradiação do qual partem, em ondulações crescentes, vibrações contínuas de calor e de luz; é um fundador e um organizador: um princípio de ordem e uma fonte de entusiasmo; suscita e orienta energias; e, com o volver dos séculos, transfigura-se no símbolo de uma nacionalidade, na síntese de suas tradições, alvo da gratidão e do amor dos seus filhos: numa palavra, o pai imortal de um grande povo.

Remontai à origem cristã das grandes pátrias modernas e em quase tôdas elas encontrareis, não raro, aureolado com

* Conferência realizada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 19 de março de 1934. V., sôbre Anchieta, tomo II, "Vultos eminentes", pág. 191.

http://www.obrascatolicas.com

o nimbo da santidade, o herói providencial que lhes presidiu à gênese e lhes orientou o primeiro desenvolvimento. É São Bonifácio na Alemanha, Clóvis na França, São Patrício na Escandinávia, São Cirilo e São Metódio nos países eslavos. Evocar qualquer destas memórias abençoadas é sintetizar, na grandeza de um nome, as tradições mais queridas, as reminiscências mais indeléveis, os valores culturais imperecíveis de um povo, tôda esta poesia da infância, todo êste encanto da juventude que se não pode mais esquecer através das responsabilidades graves da idade madura.

Se na história do Brasil quiséramos procurar um nome, em que melhor se reunissem estas virtudes de anjo tutelar da nossa pátria, quer parecer-me que nenhum outro resumiria em si, como o de Anchieta, tanta riqueza de títulos e tamanha unanimidade de sufrágios autorizados. Revolvei as primeiras páginas da nossa história e, em tôdas as manifestações de uma civilização que desponta ou de uma nacionalidade que se organiza, se vos há de deparar, ativa e impulsora, a sua presença, que parece multiplicar-se prodigiosamente. Na fundação dos nossos dois maiores núcleos urbanos, Rio de Janeiro e São Paulo, na defesa da unidade territorial contra invasores estrangeiros, na celebração dos primeiros tratados de paz, esboços informes do nosso direito internacional, na fundação da primeira escola de Piratininga e na história das primeiras tentativas da nossa pedagogia, na organização das mais antigas instituições de beneficência e de caridade — Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro — encontrareis a intervenção eficaz de Anchieta, sempre como ator importante, não raro como protagonista inconfundível. A história da literatura brasileira abre-se com o seu nome e quase todos os gêneros literários podem saudar nêle o seu iniciador. Há 50 anos Sílvio Romero, seguido pouco depois por Melo Morais Filho, ainda precisa protestar contra a exclusão do seu nome "pela crítica mes-

quinha que tem presidido à organização de nossas crônicas literárias." [1]

Hoje, semelhante protesto fôra supérfluo: Anchieta conquistou pacìficamente, pela virtude de seus merecimentos incontestáveis, o lugar que lhe é devido. E êste lugar é o de um primado honroso. Na história, quer escrevendo a biografia dos seus companheiros de luta, quer informando-nos sôbre os homens e as coisas das terras recém-descobertas, em cartas de uma simplicidade encantadora, Anchieta não é inferior a nenhum dos nossos primeiros historiadores, Pero Vaz, Pero Lopes, Fernão Cardim; "até o seu tempo," diz Afrânio Peixoto, "nenhum excedeu, descrevendo o Brasil e os brasis, a Anchieta". [2] A poesia nacional inaugura-se aqui com as suas composições de uma inspiração ingênua para o povo, ali com o poema latino nos gostos clássicos do Renascimento. Os autos e mistérios são os primeiros trabalhos do nosso teatro. Os sermões, até não há muitos anos inéditos, agora começam a vir à luz da publicidade, representando os primeiros ensaios da eloqüência sagrada no Brasil, enquanto na literatura didática a sua gramática tupi e o seu catecismo se nos oferece também com o encanto de novidade das primícias.

Já em 1882, Melo Morais Filho saudava em Anchieta o criador da poesia e da literatura nacionais. [3] Volveu mais de meio século; progrediram admiràvelmente os estudos anchietanos; muitos inéditos vieram à luz e hoje Afrânio Peixoto, um dos anchietólogos contemporâneos mais beneméritos, confirma o antigo juízo com a autoridade do seu veredictum: "O Missionário, o Apóstolo, o Santo José de Anchieta tem outras coroas gloriosas no mundo, de Mestre,

1. Silvio Romero, *História da Literatura Brasileira*, Rio, 1902, 2.ª ed., t. I, pág. 118.

2. *Cartas do Pe. José de Anchieta*, pág. 23.

3. Melo Morais Filmo, *Parnaso Brasileiro*, Rio, 1885, I, notas, págs. 3-10.

http://www.obrascatolicas.com

de Lingüista, de Historiador, de Iniciador da Literatura Brasileira." [4]

Pelo que escreveu e mais pelo que fêz, merece ANCHIETA, na história e na vida do nosso povo, êste lugar de primazia singular que há pouco lhe atribuímos. Os fatos que o justificam e acima lembrados com a brevidade dos índices são de todos conhecidos e foram ainda de recente, tão por menor, evocados e estudados nesta série de Conferências oportunamente iniciada e brilhantemente realizada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Hoje quisera entrar convosco no interior, na alma de ANCHIETA, auscultar-lhe as vibrações íntimas, sondar as fontes misteriosas de tanta atividade, de tanta abnegação, de tanto heroísmo. Os fatos, invocá-los-ei, não tanto para acentuar-lhes o valor objetivo ou o alcance social, quanto como expressão de um estado d'alma, como frutos concretos de uma atitude espiritual em face da vida. E assim delimitando o meu assunto, não creio exorbitar das fronteiras traçadas pela natureza e pelo lugar desta tribuna. Cingir a história à enumeração árida de acontecimentos e à apuração de datas fôra reduzi-la à pobreza estéril de um esqueleto, eliminando nela o que há de especìficamente humano e lhe assegura o interêsse, a utilidade e a vida. Na história da humanidade, como na de cada homem, há uma seqüência externa de fatos que se sucedem e uma alma interior que os inspira, organiza, aviventa e explica.

E o que se vê não nos interessa profundamente senão como manifestação sensível do que se não pode ver, como na materialidade de um livro impresso as palavras não valem senão como veículo da expressão de uma alma, que assim entra com a nossa em comunhão viva de idéias e de sentimentos, de impressões e de emoções. É magnífico o quadro exterior da vida de ANCHIETA, o muito que instituiu, organizou, desenvolveu; é mais bela a riqueza de sua alma nobre

4. *Cartas de Joseph de Anchieta,* Introd., pág. 26.

e elevada, fonte inexaurível de energia e dedicações que explicam e valorizam os prodígios de sua atividade benfazeja.

O valor de uma alma humana resulta definitivamente do conjunto de seus dons naturais e do esfôrço em cultivá-los. Um patrimônio de qualidades ingênitas que nos é gratuitamente transmitido com a vida e um trabalho pessoal para conservá-las e desenvolvê-las, eis o que fixa em cada homem a medida de sua grandeza pessoal.

Em ANCHIETA as dádivas da natureza foram extraordinàriamente generosas e a solicitude em cultivá-las de uma constância e fidelidade admiráveis. O corpo foi franzino, a alma heróica. Num organismo enfermiço fulgiu uma inteligência privilegiada, dominou uma vontade de ferro e palpitou um coração aberto à fineza dos sentimentos mais delicados. Não é raro em grandes homens êste contraste doloroso entre a liberdade do espírito e as resistências da matéria.

Antes de tudo uma inteligência de escol. Em Coimbra, diz-nos SIMÃO DE VASCONCELOS, bem depressa alcançou ANCHIETA "lugar conhecido entre os mais sinalados engenhos." [5] A frase aqui não a inspira a tendência espontânea do panegirista que exalta sempre o seu herói: é a expressão de uma realidade confirmada pelos fatos. Aos 16 anos, em 1550, o jovem JOSÉ deixava Tenerife, sua pátria, em demanda do maior centro de estudos em Portugal. No ano seguinte entrava na Companhia de Jesus, que em Coimbra já havia fundado um colégio. Nestes primeiros tempos — estava então a filha de LOIOLA, no 10.º ano de sua existência — não havia ainda casas especiais exclusivamente destinadas à formação dos candidatos à Ordem. Data do generalado de SÃO FRANCISCO DE BORJA (1566-1572) a fundação do primeiro Noviciado em Roma. Antes desta época, os noviços, repartidos pelas diferentes casas ou colégios, eram con-

5. SIMÃO DE VASCONCELOS, *Vida do Venerável Padre Joseph de Anchieta,* Lisboa, 1672, pág. 2.

http://www.obrascatolicas.com

fiados à direção de um padre mais experimentado que os iniciava no espírito e nas virtudes próprias da nova Instituição religiosa. ANCHIETA, noviço, continuou, pois, em Coimbra, sem interromper os estudos, até meados de 1553, quando partiu para o Brasil em demanda de melhores climas para uma saúde já abalada. Três anos ao todo freqüentou o nosso jovem estudante as aulas da mais celébre universidade portuguêsa; consagrou-se ao aperfeiçoamento das humanidades e ao curso da filosofia. Em tão curto prazo, o progresso foi realmente extraordinário. Aos 19 anos, ao chegar a Piratininga, o jovem jesuíta era um humanista consumado, que assimilou a cultura clássica do Lácio e lhe manejava a língua com facilidade e elegância, escrevendo ou cantando, com a pena ou com o plectro. Confiam-lhe imediatamente as aulas de gramática, freqüentadas pelo próprio superior da casa, Pe. Manuel de Paiva. Já era alguma coisa; mais ainda, encarregam-no das Cartas quadrimestres, que se enviam periòdicamente a Roma, redigidas por ANCHIETA num latim corrente a uma e castigado. Ao mesmo tempo, aplica-se ao estudo da língua dos índios e em menos de um ano já a havia assimilado com tal perfeição que lhe podia redigir a gramática. "Quanto à lingua", escrevia êle para Coimbra em 1554, "eu estou adiantado ainda que é muito pouco para o que soubera se me não ocupara em ler gramática; todavia tenho coligido tôda a maneira dela por arte e para mim tenho entendido quase todo o seu modo". [6] Quem tem presentes as dificuldades das línguas indígenas sublinhadas mais tarde por VIEIRA em célebre sermão, quem reflete na agilidade intelectual necessária para apanhar a indole de um idioma sem documentos escritos, mal pronunciado por primitivos incultos, não poderá deixar de admirar o talento e a formação dêste jovem que aos 20 anos nos dá a primeira gramática tupi, por onde, já em 1560, no Colégio da Bahia, estudavam a língua da terra os missionários seus irmãos.

6. *Cartas de J. de Anchieta*, págs. 63-64.

Alguns anos mais tarde ANCHIETA e NÓBREGA vão negociar o tratado de Iperoig. Lá nos lazeres forçados de refém, ANCHIETA, sem outros recursos que o da sua memória prodigiosa em prontidão e tenacidade, escreveu em latim o seu poema da Virgem, mais de 4.000 versos, no metro ovidiano das *Metamorfoses*. Os seus hexâmetros e pentâmetros são fluentes e espontâneos como os do mestre da elegia clássica, mas, ao lado das de OVÍDIO, aparecem também, em imagens e hemistíquios, as reminiscências de TÍBULO e HORÁCIO, e sobretudo de VIRGÍLIO. Estamos ainda à espera da paciência de algum erudito que nos dê uma edição, senão crítica pelo menos limpa, de um poema que é o primeiro monumento do humanismo na América, e, mais que nenhum outro, nasceu espontâneo das profundezas de uma grande alma numa das provações mais angustiosas e heróicas de sua vida. O poema de ANCHIETA admira-se como obra de artista e venera-se como relíquia de santo.

As agitações da vida missionária e as condições de um meio pobre e sem tradições literárias não permitiram à inteligência de José continuar o seu cultivo no remanso de uma biblioteca ou na regularidade de uma cátedra universitária. Afora os estudos de Coimbra, nunca mais ANCHIETA se sentou nos bancos escolares; a preparação teológica para o sacerdócio, fê-la, não como discípulo que ouve um mestre, mas como autodidata que, na leitura e na reflexão pessoal, desenvolve os germes da própria cultura. Mas o amor dos livros, nunca o perdeu. [7] "Por si e sem mestre", observa SIMÃO DE VASCONCELOS, "teve uso e lição das obras de muitos autores". E não seria difícil, nas cartas e sobretudo nos sermões, rastrear os vestígios destas leituras posteriores. Mas a oratória de ANCHIETA vale mais como expressão de alma do que como documento de erudição. Mais tarde com VIEIRA subirá aos púlpitos do Brasil a eloqüência clássica dos grandes mestres. VIEIRA é de um estilo rico, variado, impe-

7. SIMÃO DE VASCONCELOS, ob. cit., pág. 136.

http://www.obrascatolicas.com

cável; a língua portuguêsa já enriquecida no seu vocabulário e cultivada nos segredos de sua sintaxe, êle a domina com incomparável maestria. A sua erudição profana e sagrada ainda hoje nos assombra; nenhum dos recursos da exegese, aperfeiçoada com os trabalhos de CORNÉLIO e LAPIDE, lhe é desconhecido; com êles se arroja à acrobacia das interpretações mais aventuradas, nas sutilezas de sua dialética chega por vêzes a raiar pelo preciosismo. VIEIRA é o gênio da eloqüência servido pela arte mais consumada. Nem a índole nem os auditórios de ANCHIETA comportavam estas peças oratórias de grande estilo. O seu gênero predileto é a homília patrística: a explicação chã do Evangelho com as aplicações práticas e morais que reclamavam as necessidades religiosas dos ouvintes.

Modêlo dêste pregar singelo é a sua prática sôbre a conversão de SÃO PAULO pregada em Piratininga em 1568. A luta interior entre Paulo que persegue a Jesus e Jesus que misericordiosamente vence a Paulo constitui a primeira parte; na segunda êste antagonismo profundo entre a voz da consciência, eco dos direitos de Deus, e a rebeldia das paixões transporta-se para a vida cotidiana de todos os cristãos e oferece ao pregador o ensejo de aplicações vivas e concretas. Ouçam-se êstes períodos, em que revê um transunto fiel dos males morais dêsses tempos primitivos: "Dou-te um desengano, irmão, sabe que tôdas as vêzes que pecas, persegues a Cristo e pisas o seu precioso sangue, que por ti derramou; tôdas as vêzes que injurias e queres mal a teu próximo, injurias e queres mal a Deus, que é seu irmão; tôdas as vêzes que o avexas e persegues com o poder de tua vara e teus cargos, a Cristo persegues; tôdas as vêzes que andas sutilizando maneiras, com que lhe leves o seu ou lhe tires o ganho que podia haver cristãmente, a Cristo persegues e roubas todo o tempo; tôdas as vêzes que tens a fazenda do pobre órfão e não lhe queres pagar, podendo, a Cristo persegues e lhe bebes o sangue, como lôbo faminto; tôdas as vêzes que olhas para a mulher de teu próximo e a queres desonrar, persegues a Cristo, seu verdadeiro espôso e marido, muito mais cioso de sua honra do que seu marido; tôdas as vêzes que moves a pobre negra a pecar ou por fôrça ou por vontade, ou consentes em seu pecado quando ela te busca, a Cristo persegues, que é o seu verdadeiro senhor e pai, que para a salvar e tirar do pecado quis tomar a forma de pecador neste mundo e ser condenado à morte de cruz; finalmente qualquer pecado que cometas contra a tua alma, perseguição é que levantas contra Cristo, mais verdadeiro senhor dela que tu mesmo." [8]

Singeleza, unção, espontaneidade; tal era a sua eloqüência, eloqüência genuína, porque expressão de uma alma sincera e ardente.

Com a sua pregação, tôda a atividade intelectual de ANCHIETA foi orientada para a prática: as circunstâncias providenciais em que se desenrolou a sua vida não lhe permitiram deixar na história um nome de pensador ou de erudito, mas revelaram-nos nêle um homem de ação incomparável. Tôdas as qualidades indispensáveis em quem se acha a braços com as resistências vivas da realidade para dominá-las e orientá-las, existiram nêle em grau eminente. Energia, decisão, constância, plasticidade, iniciativa, prudência foram dotes que se manifestaram em ANCHIETA ainda jovem e não o desacompanharam nunca em sua longa carreira. Difìcilmente podemos hoje imaginar a complexidade dos problemas sociais dêstes tempos heróicos dos primórdios da nossa história. Trata-se de organizar uma forma inédita de vida social com elementos novos e difíceis, reinóis de moralidade pouco segura; "consciencias mui rôtas e estragadas", diz o Pe. Caxa, indigenas mal conhecidos a serem incorporados nos quadros de uma civilização superior; território imenso e virgem, exposto à cobiça de todos os corsários. É fácil de ver a novidade dos problemas, econômicos, políticos e so-

8. *Cartas* etc., págs. 526-527.

http://www.obrascatolicas.com

ciais, morais e religiosos, que a cada passo punha, com urgência inadiável, a situação polimorfa e cambiante. A própria Companhia de Jesus ainda não tinha as lições da experiência da terra nem o auxílio das tradições formadas. Os processos empregados na Europa pelos primeiros companheiros de INÁCIO ou os métodos missionários inaugurados na Índia por FRANCISCO XAVIER eram de todo em todo inaplicáveis ao Brasil. Aqui era mister improvisar, criar tudo do nada. ANCHIETA nem um só instante foi inferior à grandeza desta missão original. Para cada dificuldade encontrava uma solução, para cada exigência nova, uma iniciativa fecunda. E as suas intervenções eram prontas, enérgicas, decisivas. Se a guerra punha em perigo a vida das povoações nascentes, lá ia êle a Iperoig a negociar tratados de paz; se piratas estrangeiros ameaçavam a integridade e a unidade da colônia, lá estava ao lado de Estácio de Sá, organizando eficientemente a defesa do Rio de Janeiro. E nos intervalos ia resolvendo os problemas da catequização e do aldeamento dos silvícolas, da instrução da infância e da moralização dos adultos: em tôdas as direções abria picadas e caminhos por onde haviam de enveredar os que depois dêle vieram. E os seus alvitres eram acertados e as soluções definitivas, nascidas sempre de uma visão social, aberta à grandeza de tôdas as perspectivas. E esta atividade poliédrica êle a multiplicava, apesar das imensas distâncias sem vias de comunicação, pelo interminável Brasil com uma presença que parecia participar da ubiqüidade. Presente à fundação de São Paulo em 1554, à fundação do colégio do Rio em 1567; reitor do Colégio de São Vicente, em 1569, do Colégio do Rio, em 1573, do Colégio da Bahia, em 1577; Provincial em 1578, Superior do Espírito Santo em 1587, ANCHIETA governou tôdas as grandes casas da Companhia e foi superior quase tôda a sua vida, isto é, responsável pela sua própria atividade e pela atividade dos irmãos de hábito que trabalhavam sob a sua orientação. Quando SIMÃO DE VASCONCELOS nos

diz que "de todos era conhecida nêle uma constância grande de ânimo, no que duma vez empreendia"; [9] quando CAPISTRANO DE ABREU sublinha que "sua atividade física e intelectual não conheciam fadiga", [10] não fazem senão pôr em relêvo um dos aspectos mais impressionadores de uma vida admiràvelmente fecunda.

Inteligência viva, penetrante, perspicaz, servida por uma memória singularmente feliz: atividade iluminada, enérgica e constante, vitoriosamente realizadora na imensa variedade de empreendimentos a que se aplicou durante quase meio século; teremos com êstes dois traços profundos caracterizado tôda a fisionomia de ANCHIETA? Ainda não. As qualidades da natureza, de um interêsse psicológico incontestável, não bastam para reproduzir-nos, fiel e autêntico, o retrato de um santo. E santo antes de tudo foi ANCHIETA. Ao jôgo dos fatôres naturais, orientando-os, elevando-os, ampliando-lhes a esfera de ação, vêm sobrepor-se aqui as influências misteriosas, mas nem por isso menos reais e decisivas, do mundo sobrenatural. Omiti-las ou menosprezá-las fôra mutilar a realidade viva. E o mundo sobrenatural, na vida cristã, não influi de modo vago e impreciso nas vaporosidades de um romantismo inconsistente, como por vêzes se comprazem em representá-lo os que só de longe o conhecem. Sua ação é precisa e orientadora, atingindo, na sua profundidade, a alma tôda, a vontade não menos que a inteligência.

Na inteligência, a fé rasga novos horizontes sôbre a realidade, sôbre o homem e os seus destinos, sôbre Deus e os seus desígnios acêrca das suas criaturas, sôbre as condições da vida presente e as suas relações com o Além. É o mundo consolador de realidades invisíveis inefáveis que vem prolongar as perspectivas dos nossos conhecimentos naturais. O que somos e o que devemos ser, não no-lo diz ùnicamente

9. *Vida*, pág. 221.
10. Cit. nas *Cartas*, pág. 12.

http://www.obrascatolicas.com

a experiência dos sentidos ou as conclusões da razão; a mensagem evangélica abre ao homem a possibilidade de visões mais amplas e de esperanças mais altas.

Na vontade, a ação sobrenatural faz-se sentir com um impulso mais decisivo a realizar as grandezas humanas entrevistas pela fé. É um novo ideal do homem que nos entra na vida; é um desejo sincero e um esfôrço tenaz de o transformar em realidade. Os rigores do ascetismo, que por vêzes tanto nos impressionam na biografia dos santos, não passam de meios adaptados a exigências individuais, para levar a têrmo esta transformação profunda. Sem a coragem da virtude e sem o heroísmo das grandes abnegações, não se dominam as paixões rebeldes, nem se afeiçoa o nosso psiquismo egoísta e anárquico nos moldes superiores do homem perfeito. E aí tendes — concreta e precisa — a definição do santo: o homem que, à fôrça de lutas e sacrifícios, conseguiu realizar na beleza de sua vida o ideal da humanidade que, em Cristo e no seu Evangelho, nos foi proposto à amplitude dilatada das nossas mais nobres aspirações.

E Anchieta foi um santo em todo o rigor desta palavra magnífica. Isolar da sua vida a influência decisiva e onímoda dêste grande ideal fôra torná-la incompreensível: êle foi o motor das suas grandes realizações e o segrêdo das suas esplêndidas vitórias. Moço ainda, ao aportar às terras brasileiras, mediu, com o olhar iluminado pela fé, a grandeza das novas responsabilidades e as suas exigências de heroísmo invulgar que reclamavam nos missionários de um mundo em formação. E aos antigos companheiros de Coimbra escrevia: [11] "convém ser santo para ser irmão da Companhia". E esta aspiração da juventude êle a foi realizando com uma tenacidade nunca desmentida: ao passo que volviam os anos, crescia e acrisolava-se a pureza das virtudes. A impressão produzida nos contemporâneos foi profunda e altamente significativa. No primeiro meio século da sua existência a

11. *Cartas*, pág. 69.

Companhia de Jesus viu florescer no seu seio a santidade exemplificada nos mais numerosos e variados modelos.

Em tôrno da figura singular de Santo Inácio de Loiola avultam as de São Francisco Xavier, apóstolo das Índias, de São Pedro Canísio, apóstolo da Alemanha, de São Francisco de Bórgia, que reabilita o nome da família, com a austeridade de suas virtudes, de São Roberto Belarmino, que à piedade humilde alia a glória de uma erudição única no seu século; de São Luís Gonzaga e de São Estanislau Kostka, que deixaram à juventude da Renascença o exemplo de uma vida ilibada. Mais perto de nós, na Província nascente do Brasil, giganteiam, nas virtudes, como na ação, homens da estatura de Nóbrega, Aspicuelta Navarro, Inácio de Azevedo, Luís da Grã, Leonardo Nunes, Cristóvão de Gouveia, Inácio de Tolosa, João de Almeida. E são êstes apenas alguns nomes a sobrenadarem ao olvido que envolveu tantos outros grandes que se assinalaram nestes tempos heróicos em que se fazia muito e se escrevia pouco. Um dos melhores conhecedores das coisas da primitiva Companhia do Brasil, o Pe. Simão, escreveu: "são tantos os Varões ilustres que nesta Província acabaram a vida com fama pública de santidade e exemplos raros" que se foram escritas, "sairão à luz grandes tomos e histórias tão peregrinas que puderam ilustrar a Companhia." [12] Foi nesta constelação, onde, numerosas, cintilavam luzes de tão puros esplendores, que prefulgiu Anchieta como estrêla de primeira grandeza. Como santo e taumaturgo já o veneraram os seus contemporâneos, num sentimento misto de adoração e respeito ante a heroicidade de tantas virtudes. "É êste padre um santo de grande exemplo e oração", escrevia Fernão Cardim, "cheio de tôda a perfeição, desprezador de si e do mundo, uma coluna grande desta província e que tem feito grande cristandade e conser-

12. Simão de Vasconcelos, ob. cit., Prólogo, iij.

http://www.obrascatolicas.com

vado um grande exemplo... Sua vida é vere apostólica". [13] Nas exéquias celebradas no Espírito Santo, poucos dias depois da sua morte, ANCHIETA já era proclamado o Apóstolo do Brasil. No ano seguinte, escreveu Pe. CAXA a sua primeira biografia, ainda hoje inédita; alguns anos mais tarde, PERO RODRIGUES estendia-lhe a vida, de que até ao presente não temos uma edição segura e crítica.

A santidade do humilde Pe. José, que costumava assinar-se *Pauper et inutilis, Minimus Societatis Jesu,* impunha-se assim pela evidência de sua sinceridade. E é êste o traço mais profundo de sua alma: alma bela e pura, privilegiada pelos dons da natureza, enriquecida pela graça e acrisolada pelo exercício heróico das mais peregrinas virtudes evangélicas. Escolhida e bem dotada, êle a recebeu das mãos de Deus; burilada e perfeita, soube êle torná-la com a generosidade de um esfôrço sem desfalecimentos. E como as almas valem pela repercussão que nela acordam as coisas, tudo — a natureza e o homem — despertava na alma de ANCHIETA harmonias delicadas e profundas.

A natureza, o homem pode vê-la com olhos de sábio, com olhos de poeta e com olhos de santo. O sábio observa, examina, analisa; investiga com curiosidade, mede com exatidão, sistematiza com ordem. O que lhe importa é o conhecimento preciso do fenômeno, a lei que o rege, a fórmula que a resume numa função matemática.

Ao poeta não se lhe dá da precisão dos instrumentos ou da aridez dos algarismos. O que o ínteressa é a vida da natureza, é a repercussão harmoniosa que nela encontram os seus sentimentos: a beleza de uma manhã que lhe sorri às alegrias interiores, a melancolia de um crepúsculo em que se projetam, com perspectivas sombrias, as tristezas de um coração despedaçado e desiludido. A paisagem vale

13. FERNÃO CARDIM, *Tratados da Terra e gente do Brasil,* Rio, ed. J. Leite, 1925, pág. 298.

pelas suas relações com os pensamentos, com as emoções que respira e que inspira. Em face da natureza, o santo é mais completo e mais profundo. Sem desprezar a exatidão da ciência ou as vibrações da poesia, seu olhar, mais penetrante, relaciona as coisas com o seu princípio. O universo transfigura-se como um enigma de que se encontrou a chave. Para a inteligência é um reflexo das perfeições de Deus, livro muito imperfeito mas que nos diz algo de sua excelência e beleza infinita. Para o coração, é um mimo de sua bondade; através das vicissitudes e dos contrastes, das asperezas, das privações e das lágrimas, há um desígnio providencial que se desenrola, um plano de amor que nos leva, *per crucem ad lucem.* Para o cristão, o mundo apresenta o que NEWMANN denominou justamente um caráter sacramental.

Visão científica, visão psicológica, tôdas estas teve ANCHIETA em face das exuberâncias da nossa natureza virgem.

Observou-a com curiosidade de quem investiga e deseja conhecer. Nas suas cartas, principalmente na 10.ª, aparecem notas interessantes sôbre a meteorologia e o clima da nova terra, sôbre animais e plantas, instintos de uns e virtudes medicinais de outras. A riqueza tropical da nossa flora e da nossa fauna espelhava-se-lhe nas pupilas serenas e deslumbradas com a viveza de impressões que desperta a revelação de um Novo Mundo.

Cantou-a também na candura inimitável dos seus versos. É o primeiro poeta, em que a opulência das nossas coisas inspira imagem e acorda emoções nos acentos de um lirismo simples e encantador na sua simplicidade.

Consagrou-a, por fim, com a sinceridade e elevação de suas meditações religiosas. Da grandeza impressionadora destas terras imensas, do mistério das nossas florestas elevava-se a alma de ANCHIETA na consciência profunda de um sacerdote que dá vozes à natureza para formular o seu grande hino de glória ao Criador.

http://www.obrascatolicas.com

Na Iconografia Anchietana há um quadro dos que mais popularizaram entre nós a figura do grande Apóstolo: encontra-se hoje na Biblioteca Nacional na coleção Barbosa Machado (n.º 17648). ANCHIETA, em corpo, ocupa o centro do painel. Um jaguar lambe-lhe dòcilmente as plantas, outro recebe-lhe das mãos uma carícia amiga. Ao redor, espécimes característicos da nossa fauna, do mono ao papagaio. Êste cenário, que emoldura a figura do santo, é, numa inspiração de artista, a mais significativa homenagem a quem descreveu com tanto carinho, sentiu e admirou com tanto entusiasmo e compreendeu com tanta profundidade o cenário magnífico da natureza que a Providência nos deu por morada.

Acima das coisas, os homens. A visão cristã que transfigura a natureza, revelando-lhe um significado e um simbolismo mais alto, eleva as relações entre os homens a uma esfera superior de dedicação, deferência e caridade. À luz do Evangelho, a fraternidade humana com tôdas as suas conseqüências torna-se uma realidade consoladora. O respeito incondicionado à dignidade da pessoa encontra na afirmação dos nossos destinos imortais o seu verdadeiro e insubstituível fundamento. O homem é sinceramente para o homem um irmão. Tal foi a atitude profunda de ANCHIETA e a fonte de tôda a sua ação civilizadora. Nos seus semelhantes êle via a imagem de Deus, alma que sobrevive, a excelência dos valores morais que lhe condicionam, aqui, a verdadeira grandeza, além, a felicidade definitiva. Nos ensinamentos do Evangelho, tirava êle as razões para, diz-nos êle textualmente, "condenar a negligência dos homens do Brasil que tão pouco caso fazem dos seus escravos... para que saibamos estimar as coisas segundo o seu valor, não olhando no escravo, que é boçal e bestial e que me custou meu dinheiro, senão vendo nêle representada a imagem de Cristo Nosso Senhor, que se fêz escravo para salvar êste escravo." [14] Di-

14. *Cartas*, pág. 507.

ficilmente, podemos hoje apreciar em sua justa medida a profundidade de influência desta consideração cristã das coisas humanas, nestes primórdios da nossa história que hoje nos encanta ainda com a beleza nostálgica das origens. Subjetivamente, ela alimentava no coração do apóstolo a chama viva do sacrifício e da dedicação inesgotável. Quando desapareciam todos os estímulos humanos à atividade benfazeja, quando a terra não podia dar ou prometer nem ainda a recompensa efêmera dos seus dons: olhos ao céu! e as energias retemperavam-se. "O trabalho é grande", escrevia ANCHIETA de Piratininga ao Geral da Companhia, Diogo Lainez, "o trabalho é grande, que se dobra com a pouca consolação que se recebe do pouco fruto que dão campos lavrados com tantos suores. Mas basta-nos salvar uma só alma, ou, para melhor dizer, ser cooperadores de Deus em sua salvação. E quando nem isso houvesse seja o Senhor servido em nossos fracos e pequenos trabalhos recebidos por seu amor". [15] Objetivamente, esta visão cristã assegurava, nos exórdios da nossa nacionalidade, a eficiência insubstituível das realidades espirituais e morais que condicionam todo o viver social. Sem esta ação continuada do cristianismo não sabemos quais seriam hoje os destinos desta civilização que amanhecia. Os elementos que então se caldeavam não traziam naturalmente as promessas tranqüilizadoras de um grande futuro. O índio, elemento ainda rude e avêsso, por longa vida silvícola, às disciplinas sociais de uma cultura superior; o reinol, desenraizado das suas tradições preservadoras, solicitado pelas tentações aventureiras de ambição e de vida desenfreada num ambiente novo e sem organização eficiente de defesa social: eis a matéria informe e refratária com que se devia plasmar a nova pátria americana. Entregue assim à tirania dos seus instintos inferiores, o homem não daria de si naturalmente senão o espetáculo doloroso

15. *Cartas*, págs. 177-178, cf., pág. 291.

http://www.obrascatolicas.com

do egoísmo, da crueldade, da opressão, do sensualismo infrene, da exploração do fraco pelo forte. E não é sôbre êstes fundamentos ruinosos que se pode elevar a solidez de um grande edifício social. O cristianismo, neste caos de paixões desencadeadas, aparece como a afirmação intransigente, do valor da dignidade da pessoa humana e da preeminência que lhe é colorário, dos valores morais. É a defesa da liberdade e da vida do índio contra a cobiça do colono; é o respeito da propriedade contra os assaltos da ambição sem escrúpulos; é a instituição da família monogâmica e indissolúvel contra as tendências às uniões irregulares e à promiscuidade irresponsável; é a afirmação do direito contra a fôrça, do espírito contra a matéria, da solidariedade contra o egoísmo, da cultura contra a barbaria. Na aurora da nossa vida nacional, o cristianismo aparece-nos como a grande fôrça que nos plasmou e defendeu a civilização nascente.

Foram numerosos os que lhe encarnaram o espírito e realizaram os ideais. Mas, se os quiséramos personificar num grande vulto que a todos representasse e resumisse, nenhum outro, melhor que ANCHIETA, poderia ser colocado neste pedestal de glória. Eis por que, no grande apóstolo do Brasil, podemos saudar, sem exageros, o pai da nossa nacionalidade. Pai da nossa pátria não só porque o encontramos, com a sua atividade multiforme e incansável a instituir e propulsar os órgãos da nossa vida social, fundando as grandes metrópoles, abrindo escolas, defendendo a integridade do território, inaugurando no teatro, na poesia, na história, na didática, na oratória, a nossa literatura, mas pai da nossa pátria principalmente porque na sua grande alma resumiu os princípios vitais na sua formação e as aspirações mais puras e mais nobres da alma brasileira. ANCHIETA não é só uma grande figura da nossa história, não o contemplamos só neste passado longínquo, aureolado de poesia e de heroísmo, a escrever a elegância de seus versos na alvura imaculada

das nossas praias ou a gravar nas fôlhas agrestes das nossas árvores as primeiras cartilhas por onde o Brasil aprendeu a soletrar as lições da sua infância.

Êle é ainda o símbolo da nossa nacionalidade: as idéias que semeou com gesto esplêndido nestas terras virgens, os sentimentos generosos e delicados de que êle nos deu os exemplos mais puros, o precioso patrimônio moral que nos legou a grandeza heróica do seu apostolado, é o de que ainda vive, é o de que viverá sempre o Brasil. A bela alma de ANCHIETA queremos seja sempre a alma da família brasileira.

http://www.obrascatolicas.com

ÍNDICE GERAL

Apresentação pelo Pe. Leme Lopes, S. J. 7

I — CRISTIANISMO E DEMOCRACIA

1. Relações entre a Igreja e o Estado 11
2. Catolicismo e Totalitarismo 55
3. Comunismo Totalitário e Antidemocrático 87
4. Rumos da Democracia 93
5. O Voto e a Consciência 106
6. A Liga Eleitoral Católica 115
7. Cinquentenário da "Rerum Novarum" 119

II — ALOCUÇÕES UNIVERSITÁRIAS

1. Universidade Católica 125
2. Alocução no Rádio na "Hora das Faculdades Católicas" 134
3. Alocução pronunciada na solenidade em que foi erigida canônicamente a Universidade Católica do Rio de Janeiro 137
4. Alocução proferida no Palácio do Catete, no ato de assinatura de autorização prévia de funcionamento da Escola Politécnica da Universidade Católica 140
5. Alocução proferida no Palácio Itamarati, quando da instalação do Instituto Católico de Direito Comparado 143
6. Alocução proferida, a 13 de setembro de 1946, na 1.ª Assembléia da Universidade Católica, em que se conferiu o título de "Doctor Scientiae et Honoris Causa" ao Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa 145
7. Alocução proferida na abertura dos cursos das Faculdades Católicas, a 15 de março de 1941, no salão de atos do Colégio Santo Inácio 149
8. Alocução proferida na instalação dos cursos das Faculdades Católicas no ano de 1942 156

http://www.obrascatolicas.com

9. Alocução proferida na instalação dos cursos das Faculdades Católicas no ano de 1943 163
10. Alocução proferida na instalação dos cursos das Faculdades Católicas no ano de 1944 173
11. Alocução proferida na instalação dos cursos das Faculdades Católicas no ano de 1945 183
12. Alocução proferida na instalação dos cursos da Universidade Católica no ano de 1946 192
13. Alocução proferida na instalação dos cursos da Universidade Católica no ano de 1947 202
14. Alocução proferida na instalação dos cursos da Universidade Católica no ano de 1948 214
15. Alocução proferida na solenidade em que foi promulgada a elevação a Pontifícia da Universidade Católica no Rio de Janeiro, a 16 de dezembro de 1947 222
16. Alocução aos bacharelandos de Direito de 1931 no Rio, proferida na Candelária, em 7 de setembro de 1931 .. 225
17. Palavras de saudação aos antigos alunos dos Padres Jesuítas 233
18. Palavras de despedida dirigidas às universitárias em 18 de dezembro de 1941 235
19. Alocução da sessão de renovação de compromisso da Ação Católica e de adesão ao Congresso Eucarístico de São Paulo 239
20. Alocução de agradecimento proferida nas festas promovidas pelas Faculdades Católicas em homenagem ao Reitor, a 11 de outubro de 1942 243
21. Alocução pronunciada na reunião de dezembro de 1942 às Filhas de Maria do Colégio S. C. de Marie, agradecendo o trabalho da campanha pró-Universidade Católica 247
22. Palavras dirigidas aos alunos do Seminário Francisco Suárez, da Faculdade Católica de Direito 252
23. Alocução aos estudantes pernambucanos recebidos nas Faculdades Católicas, a 2 de julho de 1943 258
24. Alocução à Ação Católica das Faculdades 261
25. Alocução proferida no Palácio do Catete, a 15 de setembro de 1943, em agradecimento ao Presidente Getúlio Vargas pela doação do terreno 265
26. Alocução de agradecimento na Festa do Reitor das Faculdades Católicas, a 11 de outubro de 1943..... 269

27. Oração de Paraninfo da primeira turma de bacharéis da Faculdade Católica de Filosofia, em 30 de dezembro de 1943 272
28. Alocução proferida no salão da A.B.I., por ocasião do Jubileu de magistério do Dr. Backheuser, em 23 de maio de 1944 279
29. Alocução de agradecimento às Faculdades Católicas na Festa do Reitor, a 11 de outubro de 1944 283
30. Alocução à J.U.C. Feminina das Faculdades Católicas, em maio de 1945 287
31. Alocução no lançamento da primeira pedra do Instituto Social, em 8 de setembro de 1945 290
32. Alocução de agradecimento na Festa do Reitor, em 18 de outubro de 1945 292
33. Alocução de encerramento da solenidade de colação de grau dos primeiros bacharéis da Faculdade Católica de Direito 296
34. Alocução de agradecimento, na Festa do Reitor, em 11 de outubro de 1946 299
35. Alocução de agradecimento, na Festa do Reitor, em outubro de 1947 303
36. Alocução proferida na posse do Diretor da Faculdade de Direito, Dr. Haroldo Teixeira Valadão 306
37. Palavras de saudação ao Exmo. Sr. Arcebispo, D. Jaime de Barros Câmara 309
38. Palavras de saudação ao Exmo. Sr. Arcebispo do Maranhão 311
39. Palavras de despedida a bacharelandos da Universidade Católica 314
40. Saudação ao Ministro da Educação, Dr. Gustavo Capanema 317
41. Saudação ao Ministro da Educação, Dr. Ernesto de Sousa Campos, por ocasião de sua visita à Universidade Católica 319
42. Alocução — Abertura da sessão comemorativa do centenário de Caxias, promovida pelo Diretório da Faculdade Católica de Direito 322

III — ALGUNS ASPECTOS DA IGREJA

1. Benefícios da Encarnação do Verbo 329
2. A Igreja — O fato de sua existência 342
3. A Igreja e a Civilização 348

http://www.obrascatolicas.com

4. A Igreja — Sua origem 351
5. Poderes da Igreja 355
6. A divindade da Igreja 360
7. A Igreja e a crise social 381
8. Ação Católica 391
9. Alguns aspectos da ação católica no domínio do pensamento 395
10. Lições do Ano Santo 405
11. Ato de Consagração dos Juristas Católicos 410
12. Maria e a alma católica 412
13. A trilogia eucarística da Igreja, Pátria e Família 414
14. Apelos Eucarísticos 426

IV — COMPANHIA DE JESUS

1. Santo Inácio, Homem de Ideal 449
2. A Companhia de Jesus 451
3. Personalidade e disciplina na Companhia de Jesus.... 461
4. 4.º Centenário da Fundação da Companhia de Jesus.. 488
5. Sturm e a pedagogia dos Jesuítas 471

V — CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

1. A alma da Civilização Brasileira 481
2. Anchieta 499

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA
EMP. GRÁF. OUVIDOR S. A.
À RUA DO LAVRADIO, 162/166
RIO DE JANEIRO — BRASIL

http://www.obrascatolicas.com